



Luís Edmundo, com agudo senso de observação, extravasa, em *O Rio de Janeiro do meu tempo*, o seu imenso amor por sua cidade, contando histórias e falando dos ambientes por ele vividos na virada do século...

.....

O RIO DE JANEIRO
DO MEU TEMPO



Mesa Diretora
Biênio 2003/2004

Senador José Sarney
Presidente

Senador Paulo Paim
1º Vice-Presidente

Senador Eduardo Siqueira Campos
2º Vice-Presidente

Senador Romeu Tuma
1º Secretário

Senador Alberto Silva
2º Secretário

Senador Heráclito Fortes
3º Secretário

Senador Sérgio Zambiasi
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador João Alberto Souza
Senador Geraldo Mesquita Júnior

Senadora Serys Slhessarenko
Senador Marcelo Crivella

Conselho Editorial

Senador José Sarney
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim
João Almino

Carlyle Coutinho Madruga
Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 1

O RIO DE JANEIRO DO MEU TEMPO

Luís Edmundo



Brasília – 2003

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Vol. 1

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2003

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – Brasília – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)

.....

Edmundo, Luiz, 1880-1961.

O Rio de Janeiro do meu tempo / Luiz Edmundo. -- Brasília :

Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

680 p. – (Edições do Senado Federal ; v. 1)

1. Rio de Janeiro (RJ), descrição. 2. Rio de Janeiro (RJ), história. 3. Vida social, Rio de Janeiro (RJ). I. Título.

II. Série.

CDD 918.1541

.....

.....

Sumário

PREFÁCIO

pág. 13

INTRODUÇÃO

pág. 17

CAPÍTULO 1

Aspecto geral da cidade e de sua gente

pág. 25

CAPÍTULO 2

A Rua do Ouvidor pela alvorada do século

pág. 39

CAPÍTULO 3

Cais Pharoux e Praça Quinze

pág. 55

CAPÍTULO 4

Largo da Carioca

pág. 73

CAPÍTULO 5

A Praça Tiradentes

pág. 89

CAPÍTULO 6

Rua da Misericórdia

pág. 107

CAPÍTULO 7
Morro do Castelo
pág. 121

CAPÍTULO 8
Morro de Santo Antônio
pág. 145

CAPÍTULO 9
Largo do Machado
pág. 173

CAPÍTULO 10
O palacete
pág. 197

CAPÍTULO 11
O cortiço
pág. 217

CAPÍTULO 12
Vida do cortiço
pág. 229

CAPÍTULO 13
A vida noturna
pág. 249

CAPÍTULO 14
Teatro do tempo
pág. 265

CAPÍTULO 15
Cafês-concerto
pág. 285

CAPÍTULO 16
Circo de cavalinhos
pág. 301

CAPÍTULO 17
O Café do Rio
pág. 309

CAPÍTULO 18
O Café do Globo
pág. 327

CAPÍTULO 19
O Café Paris
pág. 343

CAPÍTULO 20
Confeitarias, centros de reunião
pág. 367

CAPÍTULO 21
A Colombo
pág. 385

CAPÍTULO 22
As hostes novas da nossa literatura
pág. 415

CAPÍTULO 23
Livros e livrarias
pág. 431

CAPÍTULO 24
Outras livrarias da cidade
pág. 449

CAPÍTULO 25
Carnaval de outrora
pág. 475

CAPÍTULO 26
Carnaval de morro
pág. 505

CAPÍTULO 27

Os esportes

pág. 519

CAPÍTULO 28

Jogadores e jogatinas

pág. 539

CAPÍTULO 29

O jornal na alvorada do século

pág. 553

CAPÍTULO 30

O Jornal do Comércio

pág. 559

CAPÍTULO 31

A Gazeta de Notícias

pág. 567

CAPÍTULO 32

O País

pág. 575

CAPÍTULO 33

O Jornal do Brasil

pág. 583

CAPÍTULO 34

A Notícia

pág. 595

CAPÍTULO 35

A Tribuna

pág. 605

CAPÍTULO 36

A Cidade do Rio

pág. 613

CAPÍTULO 37
O Nacional e o Jacobino
pág. 621

CAPÍTULO 38
A Revista Contemporânea
pág. 631

CAPÍTULO 39
O Correio da Manhã
pág. 643

ÍNDICE ONOMÁSTICO
pág. 657

.....

Prefácio

L*UÍS EDMUNDO* foi certamente um dos melhores historiadores e memorialistas do Rio de Janeiro, onde nasceu e viveu 89 anos dedicados às letras, à boemia e ao prazer de fruir sua cidade. Ele, mais do que ninguém, a conhecia em sua história e geografia. Sua atividade de literato, que acumulava com a de jornalista do extinto Correio da Manhã, circunscreveu-se, basicamente, à história de sua cidade e, nos últimos anos de sua vida, às suas memórias.

Como historiador, vale o destaque a duas obras especialmente saborosas: *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis* e *A corte de D. João no Rio de Janeiro*, onde ele narra, com estilo leve e agradável, o cotidiano de uma vila tropical nascendo para sua condição de capital de um Império e futura República. Seus traços são realistas e humanos, sem nunca perder o humor.

O Rio de Janeiro do meu tempo foi sua obra mais conhecida. Nela, *Luís Edmundo* extravasou o seu imenso amor por sua cidade, contando as histórias e falando dos ambientes por ele vividos na virada do século, em sua dupla condição de participante e testemunha.

Nada escapou ao agudo senso de observação do escritor. Os tipos populares: o vendedor de carvão, o vendedor de perus, o leiteiro e sua vaca, a turca dos fósforos, o Barão de Drummond e seus palpites para o jogo do bicho. Os logradouros: o Morro do Castelo, o Morro de Santo Antônio, o Largo do Machado, a Rua do Ouvidor. Como se divertiam e se vestiam os cariocas nos primeiros anos deste século. As personalidades mais famosas: Pereira Passos, Ataulfo de Paiva, Paulo de Frontin, nomes que as novas gerações só conhecem pelas avenidas que os homenagearam, mas que tiveram influência marcante na vida do Rio.

O livro de Luís Edmundo compõe o mais rico painel que já se fez sobre o Rio de Janeiro.

Ao ágil e penetrante estilo do autor somam-se, nesta edição, primorosas ilustrações de autoria de J. Carlos, Calixto e Armando Pacheco, entre outros mestres, formando uma admirável coleção de estilos, variando do bico de pena detalhista da caricatura traçada a largos movimentos de pincel, mantendo o sabor típico da época.

É nesta obra que mais se faz justiça à marreta civilizadora daquele que, seguramente, foi o maior prefeito que esta cidade já teve: Pereira Passos. Da provinciana, pacata e suja vila-capital, com menos de 600 mil habitantes, descrita por Luís Edmundo, com suas vielas imundas iluminadas a gás, aquela que veio a ser conhecida como “cidade maravilhosa”, Luís Edmundo vai traçando o quadro das mudanças impostas por Passos, sem dúvida um homem à altura dos tempos novos que apontavam para o que viria a ser de fato o século XX.

“O Rio civiliza-se”, a famosa frase que marcou a administração modernizadora de Pereira Passos, poderia perfeitamente ser ressuscitada agora, quando os cariocas vão aos poucos adquirindo a consciência de sua cidadania e da necessidade de cuidar melhor de sua cidade para que esta possa voltar a ser maravilhosa, sem deixar de ser moderna.

Obras como as de Luís Edmundo têm a virtude de mexer com a consciência das pessoas, de fazê-las parar para pensar. Consultar o passado com espanto crítico, sem saudosismo, é fundamental para respeitá-lo, mesmo que seja para não repeti-lo.

Não se duvida que os cidadãos das metrópoles modernas como o Rio de Janeiro estão destinados inapelavelmente ao progresso. E é com esta idéia em mente que nos propusemos a editar este livro, síntese de modernidade e antiguidade.



Luís Edmundo (1900)

.....

Introdução

NASCIDO no Rio de Janeiro, no dia 26 de agosto de 1878, de família de origem modesta, fez seus primeiros estudos no Colégio Abílio, cujo diretor, o Barão de Macaúbas, encarregou-se de custear sua educação.

Por essa época, já se interessava por leituras e demonstrava grande amor pelo teatro. Por volta dos 10 anos escreve uma pequena peça teatral, encenada no quintal de sua casa em Botafogo, com a participação de crianças da vizinhança... “a peça em versos era um dramalhão... mas a tragédia acaba em gargalhadas...”

Aos 18 anos gradua-se bacharel em Ciências e Letras, mas outros caminhos o interessam. Sua carreira jornalística se inicia no jornal Cidade do Rio, que o contrata como repórter. José do Patrocínio, seu diretor, o incentiva a desenvolver sua capacidade como poeta e escritor.

Animado, Luís Edmundo dedica-se à poesia com tendências simbolistas e neoparnasianas. Publica, em 1899, no jornal O País, com honras de primeira página, um soneto que compusera para um concurso mas que não enviara.

Tendo como padrinhos literários Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque e Artur Azevedo, lança, seguidamente, seus livros de poesias: *Nimbus*, em 1899, que teve boa aceitação por parte da crítica, da imprensa e do público; *Turíbulos*, em 1900, *Turris Ebúrnea*, em

1902. *Mais tarde reúne toda sua produção poética do período de 1896 a 1907, num único volume chamado Poesias, editado em 1907.*

Luís Edmundo relaciona-se com os poetas, romancistas, artistas e intelectuais que nessa época reuniam-se nos bares e cafés da moda para discutir as novas correntes e as novas idéias em voga no período da belle époque.

Sempre pronto a adotar as novidades, os modernismos, como a dança cake-walk (dança dos negros norte-americanos), a moda masculina refinada e esmerada, era por todos considerado o protótipo do dandy, figura que fascinava as mulheres e provocava inveja nos homens. “Era moço. Era rapaz. Não havia, com certeza, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, desde Botafogo à Tijuca, desde Catumbi ao Saco do Alferes, mocidade mais estouvada, mais brincalhona, mais jubilosa, mais boêmia, mais irreverente e, ao mesmo tempo, mais simpática e mais amável. Era já alto, bigodinho atrevido e uma basta cabeleira castanha que os ventos da Guanabara levaram quase toda. E elegante. Elegantíssimo.”¹

Freqüentava os salões da moda e os bares mais famosos da cidade e não havia quem não soubesse de cor e declamasse nos salões o seu poema de maior sucesso, “Olhos Tristes”:

*Olhos tristes, vós sois dois sóis num poente,
Cansados de luzir, cansados de girar,
Olhos de quem andou na vida alegremente,
Para depois sofrer, para depois chorar.*

*Andam neles agora a vagar, lentamente,
Como as velas das naus sobre as águas do mar,
Todas as ilusões do vosso sonho ardente,
Olhos tristes, vós sois dois monges a rezar...*

*Ouço ao vos ver assim, tão cheios de humildade,
Marinheiros cantando a canção da saudade
Num coro de tristeza e de infinitos ais...*

*Olhos tristes, eu sei vossa história sombria
E sei quando chorais cheios de nostalgia,
O sonho que passou e que não torna mais.*

1 Resposta do Sr. Viriato Correia ao discurso de posse de Luís Edmundo na Academia Brasileira de Letras, 2 de agosto de 1944.

O *Café Papagaio*, por exemplo, “viveiro dos novos, cenáculo dos moços, lugar onde abancavam em ruidosas e férvidas tertúlias, estudantes, jovens pintores, escultores, poetas e jornalistas”;² o *Lamas*, onde era possível encontrar Olavo Bilac, Alphonsus de Guimaraens e Coelho Neto; o *Caré Paris*, a *Pascoal*, a *Conféitaria Colombo*, reduto de Humberto de Campos, Martins Fontes e Emílio de Meneses, entre outros.

Nesses lugares é que proliferaram as mais importantes tendências e os novos ritmos da cultura brasileira. O nível das discussões se media através das correntes seguidas pelos próprios escritores e poetas: parnasianos ou simbolistas? Realismo ou Naturalismo? Havia um confronto acirrado de idéias e opiniões onde se digladiavam os mais conceituados mestres de nossa literatura. Não era nos cafés, nos salões ou nos livros, editados e compostos em sua maioria na Europa, o palco mais importante dessas disputas, mas nos jornais, onde grande parte desses célebres escritores ganhavam seu sustento e notoriedade. Do mesmo período e com o mesmo propósito de divulgação das expressões literárias, surgem as revistas direcionadas a um público específico de intelectuais, literatos, sem esquecer a burguesia que emergia à procura de um mundo novo, com novas idéias.

A *Revista Contemporânea*, surgida em 1899, intitulava-se “revista literária: poesia e prosa” e tinha como diretor Luís Edmundo, além de vários colaboradores como Carlos Góis, Cardoso Jr., Silva Marques, com capa ilustrada por Raul Pederneiras. Sobre esse periódico depôs, mais tarde, Luís Edmundo: “São em geral caóticos, confusos, não raro contendo manifestos literários que são ridículos e fofas declarações de guerra a líricos, a parnasianos e a realistas, formando uma trincheira onde se encastelam soldados vindos de toda a parte, amigos e inimigos, mas que vivem somente a



O Prefeito Pereira Passos
(caricatura da época)

2 Discurso do Sr. Luís Edmundo – no ato de posse na Academia Brasileira de Letras –, 2 de agosto de 1944.

dar tiros para o ar... ”³ A Revista Kosmos, de Jorge Schmidt, de notória importância nessa mesma época, denominava-se “revista artística, científica e literária”. Seus colaboradores eram: Gonzaga Duque na crítica artística, Júlia Lopes de Almeida, Luís Edmundo, Artur Azevedo, José Veríssimo, João do Rio (João Paulo Barreto), entre outros. Suas ilustrações internas e a capa eram em estilo art nouveau, como reflexo da arte do momento. Outros movimentos estáticos, como o Realismo, o Impressionismo, o Simbolismo e o Pontilhismo – estilos do período chamado belle époque –, chegam até nós trazidos tardiamente, mas ainda com ares de novidade, pelos nossos pintores quando retornavam de seus estudos na Europa. São os estilos da burguesia, formalmente vazios, baratos e sentimentais. Mas, alguns se destacavam e formavam o grupo dos renomados mestres de nossa pintura. Eliseu Visconti, o grande responsável pela introdução do art nouveau no Brasil, implantou a arte decorativa e é o precursor, segundo alguns, do Impressionismo entre nós. Prepara, em Paris, as pinturas do plafond, do pros-cênio e do pano de boca do recém-construído Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Rodolfo Amoedo trabalha também nas pinturas para o mesmo teatro; Almeida Júnior, considerado o mais brasileiro de nossos pintores, Belmiro de Almeida, Henrique e Rodolfo Bernardelli, Batista da Costa, Antônio Parreiras, os irmãos Timóteo da Costa e muitos outros que, apesar de terem tido contato com as novas correntes da arte européia, ainda continuavam atuando nos moldes da Academia francesa.

Entre esses artistas Hélio Seelinger, que, tendo escolhido Munique para seu aperfeiçoamento, destaca-se por seu idealismo. Amigo querido e inseparável de Luís Edmundo, companheiro de todos os intelectuais, retrata-os no quadro *Boêmia*, com o qual recebe, em 1903, o prêmio de viagem ao estrangeiro no Salão Nacional de Belas-Artes. Nesse quadro encontramos as figuras de Gonzaga Duque, Fiúza Guimarães, Luís Edmundo, João do Rio e Rodolfo Chambelland.* Existe outra tela, do pintor Marques Júnior, que pertenceu a Luís Edmundo e que representa

3 Discurso do Sr. Afrânio Coutinho – no ato de posse na Academia Brasileira de Letras –, 1962.

* (Esse quadro pertence ao acervo do Museu Nacional de Belas-Artes e encontra-se exposto na Galeria Eliseu Visconti.)

uma sessão da Sociedade Brasileira de Homens de Letras, por volta de 1914, na qual o escritor aparece no meio da intelectualidade da época.

Nesse momento de criação intensa em todos os níveis culturais, os jornais modernizam-se, apresentando, além de colunas de textos, espaços para ilustradores e caricaturistas como Raul Pederneiras, Calixto, J. Carlos, Lucas e muitos outros, além de uma preocupação maior com a fotografia e com os anúncios, escritos, muitas vezes, por nomes famosos. É o caso do anúncio do xarope Bromil com texto de Olavo Bilac, ou a caricatura de Pinheiro Machado, feita por J. Carlos, para um anúncio de água mineral. A função do caricaturista adquire maior importância e é como um termômetro onde são medidas as ações do Governo e dos políticos, não só através do traço do artista, mas também por suas legendas geralmente irreverentes, sarcásticas e contundentes.

A opinião transmitida por esses jornais era de grande importância para os políticos, sendo que através deles podiam avaliar sua aceitação ou não perante o público. Nesse contexto, surge, em 1901, um jornal independente, o Correio da Manhã, sob a direção de Edmundo Bittencourt. Como colaborador primeiro e permanente, Luís Edmundo aparece totalmente entrosado no jornalismo de sua época e deixando de lado a poesia. Mas, mesmo assim lança, em 1919, um livro de poesias chamado Rosa-dos-ventos.

A partir de então, surgem suas crônicas citadinas e críticas literárias. A vida mundana do Rio é efervescente e o entusiasmo. As transformações da cidade o empolgam e a modernização desenvolvida por Pereira Passos é por ele aplaudida. Osvaldo Cruz é reverenciado por uns e criticado por outros, mas consegue erradicar a febre amarela no Rio, contribuindo, desse modo, para o embelezamento da cidade. Em todos os jornais e revistas desse período podemos encontrar notícias, artigos, críticas e fotografias, mas é através das páginas de Luís Edmundo que essas mudanças se tornam mais vivas, mais reais.

“Como jornalista, todos o sabem, preferiu o lado menos combativo, a crônica literária, a crônica histórica. Nunca foi um jornalista que participasse das lutas políticas do seu tempo. No entanto, possuía grandes qualidades de jornalista, pois podemos dizer que toda a obra de Luís Edmundo constitui uma grande reportagem, uma reportagem

histórica.”⁴ *Colabora também em outros órgãos de divulgação como os jornais O Estado de S. Paulo e a Gazeta de São Paulo.*

Luís Edmundo trabalhava também como corretor de companhias francesas de navegação e esse cargo o levou várias vezes à Europa. Seu escritório ficava num sobradinho nas proximidades da Praça Mauá, sendo ponto preferido de vários artistas.

*Essa atividade não o afasta de sua produção literária que, além das crônicas corriqueiras, também o direciona para o teatro. Escreve a peça Marquesa de Santos, premiada pela Academia Brasileira de Letras, D. João VI, Independência e, a pedido de Coelho Neto, escreve para o Teatro Municipal a peça L’Appel à Raison, encenada com grande sucesso pela companhia francesa Gestillat. “Tão grande é o amor pelo teatro, por essa época, que, do centro ao mais remoto arrabalde ou subúrbio da cidade, proliferam pequeninos palcos de amadores, teatrinhos familiares, grêmios, clubes, onde se cultiva a arte que foi de Vasques, Xisto Bahia e João Caetano.”*⁵

*Homem de várias facetas, elegante, alegre e bem-humorado, Luís Edmundo participa também das “conferências literárias no Salão do Instituto de Música, que eram a grande moda, gênero que nos vinha da França e que fascinava as platéias elegantes. Os mestres da hora, Medeiros e Albuquerque, Luís Edmundo, João do Rio, Carmem Dolores, Alcindo Guanabara, Oscar Lopes, Coelho Neto, falariam de coisas graves ou frívolas para o encanto de uma humanidade tranqüila e acomodada...”*⁶

Apaixonado pela História do Brasil, em especial pelo século XVIII, Luís Edmundo lança-se numa infundável pesquisa sobre O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis. Com escasso material e grande dificuldade de documentação, viaja a Portugal e Espanha onde remexe em arquivos, bibliotecas e conventos, recolhendo dados. Este livro aparece em 1932 com sucesso da crítica e do público. O segundo,

4 Discurso do Presidente Austregésilo de Ataíde na Sessão de Saudade – dedicada à memória do Acadêmico Luís Edmundo –, 14 de dezembro de 1961.

5 Depoimento de Luís Edmundo, reproduzido em *Nosso Século*, Abril Cultural, pág. 226 – 1980.

6 *O Malho* – Edição comemorativa dos 50 anos –, setembro de 1952.

A Corte de D. João no Rio de Janeiro, em 1942. “Da evocação social dos últimos anos da era colonial, passa para a pintura da vida pitoresca e íntima da corte portuguesa no Brasil, soberanos e nobres, ministros e fâmulos, crianças, adultos e velhos do tempo e da roda do rei fugitivo, retratados nos aspectos físicos e morais e nos costumes, por um miniaturista exímio, a que não faltavam, outrossim, a verve e a ironia.”⁷

Esses livros não são obras formais sobre nossa História, mas Luís Edmundo abusa da imaginação e interpretação da realidade encontrada nas cidades, nas pessoas, nas ruas. Entusiasmado com o sucesso desses primeiros livros, dedica-se a revolver suas recordações, o seu próprio passado, que muitas vezes se confunde com as memórias de sua cidade. O Rio de Janeiro do Meu Tempo (1938), com seguimento em Memórias, é o registro desprezioso, mas fiel, de episódios e costumes do Rio, numa visão panorâmica da cidade. São suas memórias que se fundem em fatos corriqueiros, onde não faltam os tipos característicos e conhecidos, as lendas e os acontecimentos históricos e mundanos que ele reconstrói num relato vivo e vibrante. A esses livros sobre o Rio, completam a coleção: Recordação do Rio Antigo (1950) e Olhando para Trás (1954). São também velhas histórias relatadas de maneira muito pessoal e distinta, algumas recolhidas em jornais e revistas de outros tempos.

Recebe, por sua obra, o maior reconhecimento concedido a um escritor. Eleito no dia 18 de maio de 1944 para a cadeira 33 da Academia Brasileira de Letras, é recebido por Viriato Correia no dia 2 de agosto do mesmo ano. Essa cadeira, cujo patrono é Raul Pompéia, tem como fundador Domício da Gama. Em seu discurso de posse cita o Mestre Afrânio Peixoto: “Até chegarmos aos 30 anos, nós somos, todos, inimigos mortais da Academia; dos 30 aos 40, candidatos e, depois, invariavelmente tranquilos acadêmicos. Assim é. Assim foi. E assim será.”⁸

7 Discurso do Sr. Afrânio Coutinho – *op. cit.*

8 Discurso do Sr. Luís Edmundo – *op. cit.*

Mas, mesmo depois de tantas honras, Luís Edmundo continua suas pesquisas sobre o Rio de Janeiro. De boêmio e poeta, torna-se um homem de gabinete, na biblioteca de sua casa na Tijuca, bairro onde viveu durante 25 anos. Torna-se bibliófilo e pesquisador do passado, e era possível encontrar nas paredes de sua casa quadros dos mais famosos pintores brasileiros que com ele conviveram. Não abandona as conferências sobre literatura e arte, também proferidas em Buenos Aires e Montevideú. Foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro.

“O adorador do Rio de Janeiro sabia a razão de seu bem-querer. Ninguém mais carioca do que ele, e nenhum conhecia melhor os segredos desta metrópole admirável, única no Brasil isenta de espírito provinciano, sempre pronta a reagir pelo humorismo e pela sátira contra os ridículos humanos e as trapaçarias de certos políticos... Não são as histórias literárias particulares que representam o Brasil, mas o amálgama de todas realizado nesse extraordinário laboratório humano que é o Rio de Janeiro.”⁹

Luís Edmundo falece na sua decantada cidade, no dia 8 de dezembro de 1961, tendo sido sepultado no Mausoléu da Academia Brasileira de Letras e homenageado por todos os acadêmicos numa sessão solene, dedicada à sua memória.

Ficam seus livros, sua obra, seu trabalho e a memória viva de uma cidade que talvez volte a ser como ele a amou: pitoresca e humana.

Piedade Epstein Grinberg, 2 de julho de 1984



Caleche
Desenho de Armando Pacheco

9 Discurso do Sr. Afrânio Coutinho – *op. cit.*

.....

Capítulo 1

Aspecto geral da cidade e de sua gente

ASPECTO GERAL DA CIDADE E DE SUA GENTE – SUA POPULAÇÃO – RIO DE JANEIRO DE RUAS ESTREITAS E IMUNDAS – A AUSÊNCIA DE ARBORIZAÇÃO NOS LOGRADOUROS PÚBLICOS – O CASAMENTO – O TRÂNSITO – VEÍCULOS DE PRAÇA – BONDES DE TRACÇÃO ANIMAL – VENDEDORES AMBULANTES – PREGÕES DA CIDADE – O HOMEM DA VACA-LEITEIRA

S

E O aspecto geral da cidade ainda guarda o cunho desolador dos velhos tempos do rei, dos vice-reis e dos governadores, a multidão, contudo, é já bem outra.

A massa de homens de cor, com os anos, desapareceu numa proporção notável, dando-se, conosco, em proporções embora diferentes, o mesmo que se deu em Portugal, no século XVIII, quando a população negra, que chegou a ser de mais de 10% da existente no país, começou a diluir-se, a ponto de desaparecer por completo. Entre nós essa população ascende a uns 20% ou 30%. Não obstante, é bem menor que a de uns vinte anos atrás e isso apesar do surto da Abolição e do conseqüente abandono das terras de cultura por inúmeros pretos, que tomaram o caminho das cidades. O Rio de Janeiro do começo do século, com

menos de 600 mil habitantes, já não lembra mais, em 1901, a “Cafraria lusitana” dos primeiros decênios da centúria anterior. Quando muito lembrará certas cidades do setentrião africano, as da orla do Mediterrâneo, Tânger, Alexandria ou Orã, com a sua população descalça e malvestida, as suas toscas lojas de comércio, de toldozinho esgarçado à frente e o homem de feição árabe, roliço e porco, ao fundo, vendendo a mercadoria; com os seus burricos pejados de hortaliça ou fruta, cruzando o logradouro público, e levados pela rédea do nativo, amarelão e triste, tudo isso numa evocação perfeita daqueles centros que a civilização esqueceu e que o civilizado só visita, de quando em quando, de Baedeker no bolso e um chapéu-de-sol branco aberto, ou debaixo do braço, para arrancar-lhe do grotesco a diversão que o espírito *blasé* das correrias do progresso, muitas vezes, reclama.

Nós, porém, vivemos satisfeitos, acreditando que habitamos a mais branca, a mais linda e a mais adiantada das metrópoles do mundo, conformados, até, com o espectro da febre amarela; sem indústria, mandando buscar calçados na Inglaterra, casimiras na França e até palitos em Portugal, com um comércio todo de estrangeiros, com uma agricultura que não cuida do plantio do que possa fazer concorrência a “nações amigas”, e uma literatura que, salvo algumas exceções, vive a copiar os versos do Sr. François Coppée ou ainda a prosa intestinal do Sr. Camilo Castelo Branco. Em meio a isso tudo, porém, para alegrar a alma indígena, uma procissãozinha ao Corpo de Deus ou, então um carnaval de arromba, obrigado a bisnaga, confete, cerveja e serpentina – na rua os três famosos clubes carnavalescos: Democráticos, Tenentes e Fenianos...

Rio de Janeiro de ruas estreitas, de vielas imundas, quase sem árvores para fazer a sombra das calçadas! Na parte central, suprimindo a frente consoladora do arvoredado, toldos de lona e uma floresta sem fim de tabuletas. Feito em paralelepípedos alinhados, o calçamento das ruas principais queima quando da curva azul do céu o sol dardeja forte. Por ele anda mal o homem de pés descalços. Os passeios são de lajes sólidas e altas, mas quase todos fendidos ou desbeijados pelo assalto contínuo da roda do veículo, descontrolada e bruta, forrada em aros de metal. Estreito, esse passeio é um pouco em rampa. Afora o luxo do paralelepípedo, no centro, o que há na rua de menor importância, sobretudo na do bairro, em matéria de pavimentação, é o que o linguajar pitoresco do

tempo chama calçamento pé-de-moleque: por sobre a terra dura umas pedras pequenas, arredondadas, postas em relevo, mostrando, em torno, como que a dizer a saúde e a abundância do solo, florações de capim, de tiririca ou grama.

Pé-de-moleque é guloseima da época, doce feito de amendoins dourados, postos em campo jalne de rapadura, evocação grotesca, não na cor, mas no exótico feitio, desse áspero relevo de calçadas.



Vendedor de carvão
Desenho de Armando Pacheco

Ruas, porém, há onde nem desses econômicos e singelos empedramentos se descobrem.

Por causa das chuvas e do trânsito contínuo de veículos, cujo peso não é controlado pela prefeitura, certos caminhos, verdadeiros labirintos de covas e buracos, são palcos de cenas como esta: uma carroça cheia, em demasia, tendo, de esguelha, uma roda afundada até quase ao eixo em uma profunda depressão da terra, um burro aflito e suarento, puxando-a, mas em vão, e um carroceiro desbocado, a desfiar um rosário de injúrias, a brandir um chicote ou um pau no lombo da cavalgadura que empacou. Não pode o esforço do animal arrancar da depressão a roda, como a inteligência do homem não pode compreender toda a inutilidade desse esforço, de tal sorte que se fica a pensar que a carroça é puxada por dois burros.

Morei numa rua, a dos Junquinhos, em Santa Teresa, que tinha, quase de metro a metro, cavidades apenas comparáveis, na profundidade,

à paciência de seus incautos moradores, que viviam a queixar-se do desmazelo municipal, isso há muitos anos. Para lá foi morar Artur Azevedo que, com a simples publicação de uns gaiatos versinhos, conseguiu do presidente do Conselho Municipal realizar o sonho de todos nós.

Vale a pena lembrar esses versinhos:

Ó tu
Que és presidente
Do Conselho Municipal,
Se é que tens mulher e filhos,
Manda tapar os buracos da rua dos Junquilhos.

Cidade de distâncias enormes e de raríssimas carruagens. O muito rico possui um cupê de passeio, lustroso como um cromo, ou então uma vitória, uma caleça ou um landau, com os seus cocheiros, todos magnificamente vestindo sobrecasacas fechadas, de cor bege ou marrom, botas e longuíssimos chicotes.

Os carros de praça são pobres, contados a dedo e custam verdadeiras fortunas por hora ou por corrida. Há o tílburí, espécie de cabriolé, de um só lugar, puxado por um magríssimo cavalo de medíocre estampa, arrepiado e sujote. Traz sempre uma capota imunda de poeira, completamente descida. Há umas caleças estofadas e incômodas, com assentos de couro sovado, a mostrar, em seus inúmeros rasgões, as crinas ou as palhas dos apodrecidos recheios. Cocheiros vestidos à vontade, quase sempre trazendo chapéus de palha ou feltro, postos de banda, os paletós abertos, a camisa rota ou mal lavada, não raro, a desertar das calças, sentados no alto de boléias oscilantes, fumando, gritando, estalando, furiosamente, os chicotes. Todos esses veículos mostram rigorosamente a capota descida, pois grande preconceito, pelo tempo, ainda, é viajar-se em carruagem aberta. Quase um crime que a família semicolonial não perdoa...



Artur Azevedo
Desenho de Julião Machado

– Debochado! Diz-se que até de carro aberto anda!

Para o dia do casamento há o luxo do cupê com dois cavalos platinos, enormes e patudos, carregados de correntes prateadas, mostrando laçarotes brancos caindo dos antolhos. Cocheiro de sobrecasaca azul-marinho, cartola de reflexos, enfeitada de flores de laranjeira em intenção à pureza da noiva. O Presidente da República, em dia de grande cerimônia, viaja em uma carruagem à Daumont, com o sota vestindo à *jockey*.

Pela ausência de uma boa inspeção geral de trânsito, por vezes, numa esquina de certo movimento, engasgam-se dois ou três veículos. E para que um se decida a arredar primeiro, a fim de deixar passar o outro, torna-se necessário apelar para a polícia, muitas vezes distante, enquanto os cocheiros se esmurram, esgotando todo um vocabulário de desaforos e de injúrias.

O bonde elétrico que é novo na terra, tem-se como estupenda conquista, um melhoramento capaz de colocar o Rio ao lado de Londres, de Paris ou de Nova Iorque e de Berlim. Os jornais publicam: *Porque os nossos excelentes bondes...* Ou: *Os nossos elétricos, que, sem o menor favor, são os melhores do mundo...* Tudo aqui, quando não é pior, é sempre o melhor do universo inteiro...



Carroça de um burro só
Desenho de Armando Pacheco



Navio-Sorvete
Desenho de Armando Pacheco

Os bondes, em geral puxados a burro, ainda enchem, ainda atravancam as ruas sujas e estreitas da cidade, velhos e ronceiros veículos chocalhando ferragens, incômodos e sujos. Os cocheiros do tempo não envergam uniformes. Sem o menor distintivo, andam como bem querem ou como bem lhes parece, à vontade. Por vezes guiam os carros trajando sovados fraques que compram aos adelos da Rua da Carioca, exibindo cartolas ou chapéus de palha pintados a verniz preto, catitamente postos ao centro de cabeleiras revoltas e enormíssimas. As plataformas vivem sempre apinhadas de soldados de polícia, de bombeiros, de navais ou de estafetas do Telégrafo ou Correio, falando alto, discutindo coisas íntimas, gargalhando, soltando baforadas de cigarro ou cachimbo, sem contar ditos da mais baixa natureza. Já existe o “pingente”. O pingente é tradicional. Nasceu com o primeiro estribo de bonde. Por vezes o cocheiro grita, voltando a cabeça para trás:

– Olhem o andaime à direita!

O aviso é feito ao pingente. Andaime, pelo tempo, chega a ser tudo que se ache a poucos centímetros do estribo do bonde. Andaime é o bailéu da casa em construção, com o seu madeiramento agressivo, como é, ainda, a carroça que descarrega mercadorias, e, até, o cavalo do soldado de polícia de ronda, que descansa próximo à linha, sonolento e distraído. De uma feita (a história é velha) estava conhecido escritor, do qual se dizia que tinha o apêndice nasal dos maiores do Brasil, bem junto à

linha da passagem do veículo, quando, por chalaça, o cocheiro solta este grito, numa alusão ferina:



*Carruagem presidencial
Desenho de Armando Pacheco*

– Olhem o andaime à esquerda!

Reclama-se para esse pobre cocheiro, no começo do século, não a voz de barítono ou tenor, porém forte voz, porque o homem vive a gritar a cada passo, em seu ofício. Ao berro de um passageiro, por exemplo, que fala da calçada, após um psiu:

– Passa pelo Mangue?

Berra ele, por sua vez:

– Passa, dobra Machado Coelho!

– Então pare...

Quando chega aos pontos de seção ou terminais manda o regulamento que ele grite:

– Ponto das passagens de cem réis!

Ou então:

– Ponto final!

No tempo desse bondinho puxado a burro, o infeliz, que não tem as cordas vocais para repouso, por qualquer ladeirinha que suba, grita ainda:

– O bonde não pára na subida!...



*Sorveteiro
Desenho de Raul*

Se são os veículos de praça um tanto raros, grande é a mania da equitação. Há muita gente, muita, a passear a cavalo: os homens de calças apertadas e de chapéu-de-coco, mostrando gravatas brancas à plastrão, as mulheres vestindo à amazona, com as suas saias muito panejadas, uma gaze longuíssima a voar dos chapéus.

Na rua de pouco trânsito, com as senhoras ainda saindo pouco e os homens, por causa delas saindo muito menos do que hoje, cruzam vendedores ambulantes, soltando os mais histéricos pregões!

É o português vendedor de perus:

– *Olha ôôô prú da roda vô ôôô a!*

– *Olha ôôô avacaxi ôôô!...*

O italiano do peixe:

– *Pixe camaró... Ulha a sardenha!*

A turca ou turco vendedores de fósforos:

– *Fófo barato, fófo, fófo!*

Berra o vendedor de vassouras:

– *Vai vasouôôôôôra, vai o espanadoire...*

E o comprador de metais:

– *Chuuuumbo, féerro, cama velha, metal velho para vender!...*

O homem das garrafas vazias, com o seu cesto à cabeça, grita assim:

– *Gueraalfas bazias pr'a bundaire!!*

E a negra da canjica:

– *Canjiquinha... Iaiá, bem quente!*

À porta dos teatros ficam os vendedores de empada, pastelaria feita com banha de porco e cujo recheio é um mingau detestável, em nada comparável às que se vendem pelas confeitarias. Gritam eles, os vendedores, agitando na mão uma pobre lanterna de papel, iluminada a vela de sebo:

– *As empedinhas spiciaes cum quêmerão e as azaitonas! Stam queimando! Não tendo o quêmerão nam pagam nada!*



*Oswaldo Cruz
Desenho de Ofran*

Não têm nem sombra de camarão, mas os fregueses pagam da mesma maneira.

De um deles sei que, ao reclamar a ausência de camarão na empada, ouviu do vendedor:

– É verdade, não tem.

E, explicando melhor:

– É que há uns que *gostom*, outros que não *gostom*...

E continuou apregoando:



Vendedor de perus
Desenho de Armando Pacheco

– *As empedinhas spiciaes cum quêmerão estam queimando. Não tendo quêmerão, nam pagam nada.*

Quando a Repartição de Higiene manda matar os ratos que aqui festivamente recebem a bubônica importada da Europa, pondo em cheque a obra do diretor da Repartição de Higiene Pública, Osvaldo Cruz, andam homens pelas ruas a comprar os roedores mortos, de tal sorte obrigando o filho da terra a caçá-los. Diz-se que só na zona dos bacalhoeiros da Rua do Mercado e na de certos trapiches da Saúde, se conseguiu um número de ratos maior que o de toda a população do Distrito! Gritam os mercadores desses malignos roedores:

– *Rato, Rato, Rato...*

Faz-se do grito uma canção popular que os próprios compradores cantam, depois, no seu comércio e que as revistas do ano repetem. Os ratos, porém, são exterminados por completo, e com eles as pulgas,

como já se havia feito com o piolho e o percevejo, de horrenda tradição colonial.

Aos poucos vai-se limpando a cidade.

O *Malho*, em 1903, publica um soneto que começa assim:

Bravo! Limpa-se o Rio de Janeiro!
Os homens limpos! A cidade limpa!
Vai ser S. Sebastião a mais supimpa
Capital – por que não? do mundo inteiro!

Sem a preocupação do mundo inteiro é que não se passa.

Particularmente interessante e pitoresco é o preto vendedor de sorvete, com a lata de sua mercadoria envolta em panos, sempre muito brancos e muito asseados, apregoando em verso:

Sorvetinho, sorvetão
Sorvetinho de tostão
Quem não tem um tostãozinho
Não toma sorvete, não!
Sorvete, Iaiá!

Há o funileiro, que bate num prato de cobre com um badalozinho de chumbo, mas não grita; o mascate vendedor de panos e armarrinho, sopesando caixas-de-folha enormes, que contêm verdadeiros armazéns de mercadorias, e a vibrar uma espécie de matraca, que nada mais é que a medida de um metro, dobrado em dois pedaços que se



O leiteiro e a sua vaca
Desenho de Armando Pacheco

ligam por duas dobradiças; os doceiros de caixa, chamarizes de crianças, esses, tocando uma gaita de boca; há o baleiro, há a baiana do cuscuz, da pamonha, do amendoim e da cocada, a baiana que se instala num vão de porta, com o seu lindo xale africano, a sua trunfa, os seus colares e as suas anáguas postas em goma, à espera da freguesia, fumando um cachimbo de nó de imbuia.

Não esquecer que, no verão, o sorvete também se vende em carroças que tem, incompreensivelmente, a forma de navios. Por vezes as praças coalham-se de *Gamas* e *Cabraís*, vendendo gelados em casquinha a tostão e a dois vinténs. O caldo-de-cana é, por sua vez, posto à venda em carretas-realejos, o homem da manivela moendo, ao mesmo tempo, a cana e a música. Por um copázio paga-se cem réis.

O mais vergonhoso de todos esses ambulantes do começo do século, porém, é o leiteiro, com a esquelética vaca, que hoje, felizmente, esconde a sua tuberculose no fundo dos estábulos que recuaram para bairros distantes.

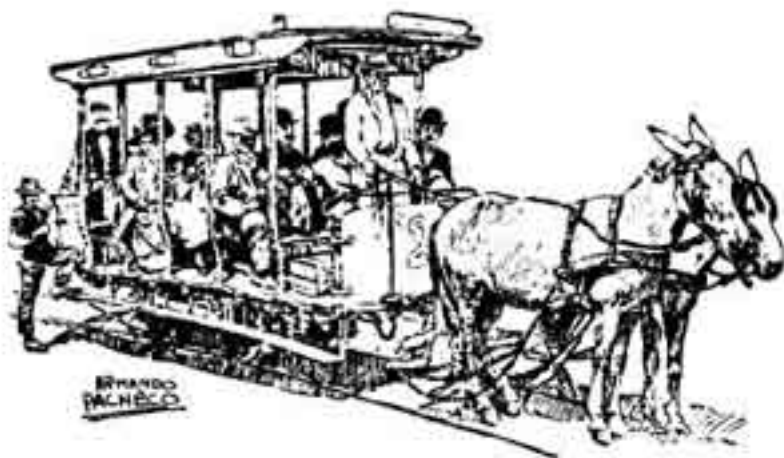


Caleche

Desenho de Armando Pacheco

O vendedor de leite, que usa barba passa-piolho e tamancas, é dos primeiros ambulantes a surgir na rua mal desperta, puxando por uma cordinha curta o ruminante de seu comércio, magro e pachorrento, duas ou três chocalhantes campainhas dependuradas ao pescoço bambo e pelancudo. E logo o homem da ajudância no serviço, atrás, ordenhador astuto da alimária, mágico avisado, capaz de transformar, à vista do

freguês, sem que esse perceba, a água que está dentro de múltiplas vasilhas, em leite, e do melhor! Vem, depois, o bezerro, de focinheira de couro, esfaimado e tristonho, preso à cauda com sua pacata genitora. Quem pensar que ele, no entanto, no quadro, serve apenas de elemento decorativo, engana-se, porque, quando a mão do ordenhador já não mais ordenha o leite recalitrante, empacado na glândula mamária da leiteira, vem o bezerrote para o trabalho com sucção, que é tanto mais violento quanto maior é a ânsia do triste em libar o alimento que tanto lhe recusam. Com três ou quatro arrancadas vaza a teta, mas logo a focinheira de couro lhe chegam de novo, para que possam, aí, entrar em função a mão calosa do vendedor, a vasilha com água e a vasilha do leite...



Bonde
Desenho de Armando Pacheco

Se a febre amarela, por uma enternecedora intuição patriótica, poupa o nativo, ceifando o leiteiro, que não é do país, de preferência, esse, por sua vez, desforra-se ceifando com o leite malsão que, criminosamente, vende, a vida das nossas pobres criancinhas. Nunca as afecções gastrintestinais, na verdade, graças à fraude do criminoso e traiçoeiro ambulante, mataram tanto! Para compensar a perda desses inocentes, que vão aumentar o adubo das roseiras, para os cemitérios, há, enfim, o lucro do homem da vaca que, quando não morre levado pela peste, traduz-se em cadernetas da Caixa Econômica, ou em louras esterlinas postas a ferrolho ao fundo de fortes arcas de ferro ou pau.

Os médicos da Higiene Pública sabem do que se passa; o governo, também. As providências não surgem, entretanto. É que ao lado do leiteiro, contra a vida das nossas pobres criancinhas, então duas forças temíveis: uma imprensa estrangeira que vive a defender o que ela chama “a liberdade do comércio num país que ainda precisa de imigração” e a corja da política que ainda vive dessa imprensa e que, para não desgostá-la, impede a ação dos defensores da saúde do povo, na ânsia de melhor defender os interesses dos que lhes garantem a pepineira e o voto.

Carroça de burros
Desenho de Armando Pacheco



Carroça de burros
Desenho de Armando Pacheco

.....

Capítulo 2

A Rua do Ouvidor pela alvorada do século

A RUA DO OUVIDOR PELA ALVORADA DO SÉCULO – ELEGÂNCIAS DA GRANDE ARTÉRIA – COMO SE TRANSFORMAVA A RUA À MEDIDA QUE CORRIA PARA OS LADOS DO MAR – TIPOS ELEGANTES – AS SENHORAS COMO VESTIAM, COMO ANDAVAM – O “BOLINA” – LUÍS MURAT E NAPOLEÃO BONAPARTE – HISTÓRIA DE CERTO LANDAU DO PAÇO – TIPOS POPULARES – O “VINTE-NOVE”

A

ARTÉRIA principal da cidade, a mais elegante, a mais limpa, a de aspecto menos colonial, ainda é a Rua do Ouvidor. Já não lembra, em 1901, aquele caminho de terra, estreito e curto, todo bordado de bananeiras e cercas de pau, da época em que se chamava Rua Homem da Costa, aí pelo ano de 1659, nem tampouco a ruela achamboada que foi o pouso e a toca do Juiz-Ouvidor Francisco Berquó da Silveira, a que lhe deu a nome, embora não lhe desse brilho, isso pela governança do Sr. Luís de Vasconcelos e Sousa, 4^o Vice-Rei do Brasil, no Rio de Janeiro.

Pelo *Indicador do Distrito*, de Noronha Santos, sabe-se que, ao começar o século em que vivemos, ela, a Rua, possui 313 prédios e que a numeração, terminando em 158, do lado par, acaba em o número 155, do lado ímpar. Sabe-se mais, sabe-se que, entre esses imóveis, um ainda se encontra, de andar térreo, o de número 112, envergonhado e triste da sua vetusta e pobre arquitetura, pesado de telhas de canal, como que posto de joelhos entre imóveis de dois, de três ou mais andares.

A Rua, que a municipalidade de então chama Moreira César e o povo, como sempre, Rua do Ouvidor, é apenas um pobre corredor entre tantos corredores da cidade, embora menos rústico que os outros, embora mais festivo, e, sobretudo, muito mais freqüentado.

A parte de maior animação e maior vida é a que se fixa entre os quarteirões que se estendem do Largo do S. Francisco, que então se chama Praça Coronel Tamarindo, até a Rua dos Ourives. Aí estão as lojas de mais requintado luxo e aparato, de melhor clientela e consideração. Todo um bazar de modas. São rasgões claros em montras de cristal, resplandecendo, faiscando ao sol, arcos de entrada em boa cantaria, de madeira de lei envernizada ou mármore, conjunto dizendo certa distinção, capricho, destoando na linha geral do casario irregular e de vulgar arquitetura. Nelas vêem-se caixeiros e patrões dentro de uniformes de linho brancos, muito limpos, muito bem barbeados, afetando maneiras, mostrando sorrisos e falando em francês...



O velho Fred, vendedor de borboletas
Desenho de Raul

Nesse trecho, com pouco mais de cem metros de extensão, é que palpita a vida elegante da cidade, trânsito obrigatório dos que chegam dos arrabaldes à parte central da cidade, a compras ou a passeio.

Sem a intenção de reconstruir rigorosamente todo esse trecho, que é o coração da cidade, contudo, tentemos destacar as casas de comércio que nele são de mais projeção e popularidade.

Vindo do Largo de S. Francisco (lado ímpar) há o Café Java, a Casa Sloper, a primitiva, muito modesta; a seguir, um pequeno

restaurante, loja de diversões do Pascoal Segreto, com uma célebre lanterna-mágica, a princípio, e, depois, um pequeno cinema. Porta do Hotel Ravot. Tabuleta do calista Brito. Casa Nascimento (músicas). Segue-se uma loja de perfumaria e a charutaria do muito conhecido Guimarães Pepe, fazendo canto com a Rua Uruguaiana.

Atravessemos-la, guardando sempre o mesmo lado, que é o direito de quem se encaminha para a Rua Primeiro de Março. Começa a outra face do quarteirão pela Sapataria Costa. Vem, depois, a Casa Nascimento (fazendas), a Chapelaria Americana, o Restaurante Petrópolis, a loja de bilhete de loterias de Domingos Conde, a Casa Merino, a do Staffa, com seus cartões-postais e o seu jogo do bicho, no edifício onde se instalou, no primeiro andar, a redação do jornal *O Tempo*, o Círculo de Imprensa, e a última loja do bloco, a Camisaria Americana, tendo no sobrado a Casa Vale, alfaiataria. Temos chegado à Rua Gonçalves Dias.

Prosseguindo em direção ao mar a primeira loja que vemos, sempre à nossa direita, é a de Madame Coulon (roupas brancas). A seguir, depois, a casa onde funcionou a Livraria de Madame Fauchon. A *Notícia*, no edifício onde ficava o célebre Café de Londres (depois Leiteria Palmira); a Casa Lopes (perfumaria), a Casa Dol (artigos para crianças), a Casa Édson, dos irmãos Figner, a casa da viúva Filipone (águas de Vichy e músicas), joalheiro Colucci, Bastidor de Bordar, de Madame Roche, e o chapeleiro Watson, famoso chapeleiro, a seguir.

Vejamos, agora, a rua do lado oposto, vindo de novo, das bandas de S. Francisco: Charutaria do Madruga, incrustada no edifício da Notre Dame de Paris, Casa Gomes (luvas), comprada, depois, por Cavanelas. A seguir, há uma loja de artigos para homens, mostrando vitrinas com gravatas, camisas, meias; depois, Madame Rosensvald (florista), o alfaiate Raunier e uma leiteria da Companhia Laticínios, bem no centro de Uruguaiana, que é uma ruazinha pobre, suja e muito estreita.

Agora, de Uruguaiana até Gonçalves Dias: Casa Barbosa (roupas brancas), redação da *A Tribuna*, *A Inana*, novidade espetaculosa, número de feira, uma mulher que, graças a um jogo de espelhos, dá a impressão, ao espectador, de que se equilibra no espaço sem encontrar nele o menor ponto de apoio, e as portas que foram da *Gazeta da Tarde*. Depois, vem a Casa Leonardos, a Confeitaria Cailteau, o Pascoal e o Café do Rio, este último já no canto da Gonçalves Dias. Guardando sempre a

esquerda, atravessando a rua, vamos encontrar a Casa do Everdosa (armazém de bebidas) a Casa Davi (papéis pintados), o Braço-de-Ouro, a Casa Carmo (luvas), no sobrado o Salão Naval, o Castelões, Casa Madame Guimarães, Casa Douvizi (chapeleira), Jacinto Lopes (chapéus para homens), Casa Fio-de-Ouro, Casa Simoneti, Casa Pára-queda (guarda-chuvas e sombrinhas), Casa de modas de Madame Dreyfus, Palais Royal e a Ourivesaria Luís de Resende. Esse, o trecho do qual se pode dizer que forma o coração da cidade. Quando se avança, entretanto, um pouco mais para diante e vai-se além da linha que defronta a joalheria do Farani, no ângulo da Rua com a dos Ourives, além da Casa Tour Eiffel, armazém de novidades do barbaceno Portela, figura popularíssima, sempre à porta do seu magazine, e dos imóveis onde se instalam a *Gazeta*, *O País*, e o *Jornal do Comércio*, já se começa a sentir grande diferença. A vitrine não mostra mais a graça, o apuro e o bom gosto das primeiras que deixamos atrás; os homens das lojas, por sua vez, não parecem os mesmos. A caixeirada já se agita em mangas de camisa. Menor é o movimento, a animação, o ruído. E, se descemos mais um pouco, atravessando a Rua 1^ª de Março, em caminho do mar, Santo Deus! Ao invés de vitrines ou de lojas, mesmo de aparência regular, o que se vê é o armazém mal arranjado e sujo, com as réstias de cebola dependuradas pelos tetos, mantas de carne-seca enodoando portais, o toucinho de fumeiro, à mostra o bacalhau da Noruega, o polvo seco em falripas, crucificado em ganchos, e, em meio a todo esse mostruário de comestíveis, a clássica, a eterna, a infalível ruma de tamancos!

Desagradável e imundo esse trecho onde abunda o homem de indumentária reles, sobranceiras carregadas, a berrar, no meio da rua, como num campo, em plena praia ou num deserto:

– Ó “estupoire”, mande-me daí o Antônio, que “el” tem que “levar” o raio do cesto das compras à Saúde!

E o Antônio responde, também, aos berros. O vendilhão retruca. Entra no diálogo o homem do burro-sem-rabo, espécie de Centauro da viação urbana, que chega banhado em suor a maldizer o sol, atrelado aos varais do seu carrinho. Isso quando em meio a esse linguajar áspero, onde a obscenidade de permeio resvala, não irrompe o brado do italiano do peixe, de cesto ao ombro, vendendo a tainha, o badejo, o peixe-galo e o bagre, ou o assobio do moleque que vende puxa-puxa e

bate com o pauzinho em uma caixa de folha, ou, ainda, o grito tonitruante do carroceiro apressado, mandando o transeunte trepar para a calçada, porque ele quer passar com a carroça:

– Olhe, aí, este caminho, ó sua besta!

Há de se concordar que a elegância da Rua do Ouvidor, nesse trecho, é um tanto precária. É cheira em demasia ao pouco amável tempo da Colônia. Os palavrões, à parte.

Imundo quarteirão!

Ao tradicionalista, porém, o trecho sujo e bulhento interessa, porque é o Rio de há cem anos atrás. Rio dos tempos do Senado da Câmara, dos irmãos da opa pedindo para a cera de Nossa Senhora dos Mercadores e do primeiro semafórico do Castelo, anunciando as naus chegadinhas de Lisboa.

Foram os franceses do tempo do Sr. Pedro I, saiba-se, com as suas lojas de novidades, as suas costureiras, os seus cabeleireiros e umas instalações completamente novas para nós, feitas à moda de Paris, que criaram a elegância de certas casas de comércio da Rua do Ouvidor.

Quando eles aqui chegaram, o varejo local, atrasado e mofino, num protesto passivo, criou-lhes embaraços de toda ordem, moveu-lhes uma guerra tremenda; guerra de inveja, de ciúme e de má-vontade.

O povo no entanto, comparando mercados de cá aos de lá, sempre a estes últimos ia dando a sua preferência. E não foi por outra coisa que no comércio da cidade a fortuna começou a sorrir para os vindos de França. Merecidíssima fortuna.

Nós vamos encontrar, assim, no começo deste século, inúmeras casas francesas ainda dominando, limpando, orientando e prestigiando o comércio da Rua do Ouvidor.

São francesas ou de nomes franceses, entre outras casas, no começo do século, as de Madame Dupeyrat (coletes), Madame Estouieigt (alta-costura), Madame Coulon (camisaria), Madame Douvizi (chapéus



Lopes Trovão
Desenho de Raul

de senhora), Madame Rosenvald (florista), Lacurte (alfaiate), Madame Dreyfus (modas), Cailteau (confeiteiro), Garnier (livreiro).

As casas chamam-se *Notre Dame de Paris*, *Tour Eiffel*, *Carnaval de Venise*, *Palais Royal*, *L'Opera*...

Por esse risonho corredor, que um autor francês, por amabilidade ou ironia, chegou a comparar à Rua Vivienne, de Paris, passam os elegantes do tempo. Passa o Sr. Ataulfo de Paiva, apenas maduro, apenas quarentão, hirtó, engomado e risonho, uma dedada de pó-de-arroz na ponta do nariz... Veste fraque cinzento, fitado de preto, obra e glória do alfaiate Almeida Rabelo, Fídias da tesoura, artista maravilhoso que bem pode assinar as roupas que corta, como um pintor assina um quadro ou um escultor uma estátua.

Há na cidade mais três grandes artistas no gênero: há o Vale, o Brandão e o Raunier. Este último é o cortador de velhos conselheiros de estado, de republicanos históricos que melhoraram de sorte com a mudança do regime e dos comendadores, todos de Cristo, mas dos da categoria dos que sabem ler e escrever, embora mal. Passa o Dr. Simões, de barbicha em ponta, um cravo vermelho esparramado à *boutonnière*, mostrando um colete *fraise écrasée* e polainas cor-de-pérola; desliza o Sr. Herédia de Sá, que em matéria de coletes derrota o Dr. Simões, com um famoso *gilet-chinois*, que mandou buscar em Paris, todo de seda da China com desenhos feitos a nanquim e uma abotoadura de xarão. Passa João do Rio, ainda não bafejado pela glória, mas já gorduchote, num *veston* cor-de-flor-de-alecrim, muito bem passado a ferro, mamando um vasto



Portela
Desenho de Calixto



Dr. Paulo de Frontin
Desenho de J. Carlos



Ataulfo de Paiva
Desenho de Aires

charuto de 22 centímetros, o indefectível rolo de revistas e de jornais debaixo do braço. Passa Humberto Gotuzo, jovem sábio, com a sua cabeceira loira de anjo Rafael e as mais lindas gravatas da estação, quando cruza sozinho, faz escândalo, e toda gente pergunta, logo, pelo Ataulfo, se morreu, se está doente, se está casando alguém no Meyer... Olhem, agora, um elegante de verdade, que vai passando, o Sr. Guerra Duval, secretário de Legação e poeta. É um Petrônio magnífico, de ombros algodoados, como os seus versos, muito grande, muito teso, muito convencido, um monóculo de fita larga no olho esquerdo, fitando os outros de revés com um olho espantado de ganso; o Filipe Barradas, um que *morra* em *Paris*, vem *passar* todos os *annes*, dois meses no Brasil, para não esquecer o idioma da terra, aquele que gritando, um dia, para o Raul Braga, um bêbado, mas de muito talento: – Não me pegues na *rroupa* – este lhe respondeu:

– Mas, que queres, Filipe, se tu não tens mais nada por onde se pegue?...

Todos esses leões-de-alfaiataria, que usam casimiras da Inglaterra, espessas, duras, quentíssimas, para um clima como o nosso, coletes de afogar, colarinhos altíssimos e, não raro, gravatas de manta, de gorgorão ou cetim (presas durante um tempo com vastos camafeus de quase duas polegadas de diâmetro), fazem ponto na “grande artéria” das quatro às seis, derrubando às senhoras que passam, cartolas, cocos ou palhas, pisando solas de borzequins batidas na sapataria do Cadete ou na do *Incredible*, mostrando camisas mandadas cortar na Casa Coulon ou compradas feitas na Casa Dol.

Falando alto, gesticulando, atirando olhares e sorrisos espalhafatosos para todos os lados, andam eles, os peraltas do século que nasce, solenemente, como mordomos de procissão, de cá para lá, de lá para cá, verdadeiros donos da rua, quando não atravancam as esquinas por onde as senhoras passam espremidas, quase filtradas, pedindo licença, vermelhas pelo calor da tarde, arrastando, a reboque, os filhos, que ranzinzam, os carões aflitos surgindo de amplos chapéus de celulóide branco, duas fitinhas para trás, um elástico negro de dois dedos de largura a prendê-los por debaixo do queixo.

As senhoras vindas do Largo da Carioca tomam a Rua Gonçalves Dias, entre alas de cavalheiros que recheiam as esquinas, em bandos, arrimados aos portais das casas de negócio, todos em tocaia, o bigode de ponta fina e erecta à força de pomada Hongroise ou em chuveiro vertical, à Kaiser, domado graças a uma célebre redinha que se chama prussiana. Trazem, em geral, esses cavalheiros, os cabelos um pouco fartos

no cangote, espécie de golas do casaco, respas que fogem de chapéus postos um pouco de banda e um tanto enterrados para a frente. Fumam cigarros de *bout doré* e usam perfumes no lenço e no cabelo, trazendo no bolso *papier poudre* para diminuir o suor do rosto, afogeados pelo calor.

As senhoras vestem saias compridas, amplas, cheias de subsaias, sungadas a mão; mostram cinturinhas de marimbondo, os traseiros em tufo, ressaltados por coletes de barbatana de ferro, que descem quase um palmo abaixo do umbigo. Todas de cabelos longos, enrodilhados no alto da cabeça e sobre os quais equilibra-se um chapéu que, para não fugir com o vento, fica preso a um grampo de metal em forma de gládio curto, com um cabozinho enfeitado de madrepérola ou pedras de fantasia. Usam, como fazendas, o *surah*, o *faille*, o chamalote, o tafetá e o merino; calçam botinas de cano alto, de abotoar ou presas a cordão, o infalível leque de seda ou gaze na mão, sempre muito bem enluvada.

Não há pintura de olhos, de lábios, nem de rosto. As mulheres cariocas são figuras de marfim ou cera, visões maceradas evadidas de um cemitério. Quando passam em bandos lembram uma procissão de cadáveres. Diz-se pelas igrejas que é pecado pintar o rosto, que Nossa Senhora não se pintava...

Usam, apenas, as nossas patricias, como vaidade, um tom rosado, mas muito leve, nas unhas. E jóias. Se uma aparece de lábio rubro ou de tez colorida, já se sabe, é estrangeira. Brasileira não pode ser. Isto é, pinta-se



Humberto Gotuzo
Desenho de Aires



Herédia de Sá
Desenho de Calixto



Pinheiro Machado
Desenho de J. Carlos



Teixeira Mendes
Desenho de Calixto

à atriz quando entra em cena e a freqüentadora de casas de *rendez-vous*, quando sai para o ganha-pão.

É a época. A sociedade condena a pintura do rosto, sem se lembrar que a cidade, cheia de ranço e de usanças coloniais não deveria repudiar a que foi consagrado e bem-visto pelos antigos tempos, quando as nossas avós traziam as faces mais pintadas do que muita porta de tinturaria, e que, apesar de Nossa Senhora não usar carmim ou bistre, até os padres se pintavam.



Dra. Mirtes de Campos
Desenho de Calixto

Com pintura ou sem ela, a mulher, quando em passeio, na cidade, por mais austera que seja, por mais sisuda e precavida, sofre o acuo do madraço plantado à esquina, *pouca-roupa* ou janota, sempre de fundo sensual, sob a forma impertinente de galanteios postos em *clichês* muito batidos, muito conhecidos, apenas de tempo em tempo mudados pela moda:

- Tanta moça bonita e minha mãe sem nora!
- Rainha, não mate a gente!
- Meu Deus, quando?
- Faço do meu coração pedras desta

calçada...

Tudo isso são frases consagradas pela época, as famosas gracinhas de rua e que já eram dos velhos tempos em que as mulheres saíam no bloco das mantilhas.

Algumas repontam furiosas, sobretudo quando são de bairros pouco condescendentes, como os da Gamboa ou do Saco do Alferes:

- Não enxerga, "seu pronto"?
- Engraçado!
- Quer dois tostões pela gracinha?
- Ora vá lamber sabão!



Alvarenga Fonseca
Desenho de Renato

Isso tudo também é clichê. E clichê do tempo. Clichê com clichê se paga...

Esses cavalheiros escaldadiços, quando abandonam as esquinas, para tomar o bonde, passam a se chamar *bolinas*. Bolinas por quê?

A expressão é náutica. Bolina é o cabo que ala para avante do barlavento de uma vela a fim de que o vento nela bata melhor. O navio que marcha à bolina... No bonde o bolina que escolhe, sempre, uma mulher bonita para sentar-se ao lado, também ala para avante do barlavento. E, à espera da aragem favorável, põe-se, logo, à feição da mesma. Adornado. Refinadíssimo velhaco! Esse cavalheiro, digno de figurar num compêndio de psiquiatria, tem sempre uma perna de anatomia especial, como que feita de borracha, desdobrável e contrátil como tentáculos de um polvo, ágil, em sua satânica manobra. A princípio esse pernil cauchútico no Joelho da galante vizinha bate, cutuca, esfrega... Depois enlaça, vincula e enrosca-se. E se a dona da perna não protesta, o bolina a mantém, assim, prisioneira, feliz ou amargurada, até o termo da viagem. O tempo não conhece, ainda, terapêutica eficaz para curar esse grande enfermo mental, as boas cargas de pau nem sempre agindo como medicina salvadora.

De tal sorte, na época, a bolinagem é generalizada, que um bolina (contam) posto fora do bonde, certa vez, por ser descoberto enroscado à perna de um padre (que ele cuidou ser a perna de uma mulher), gritou, do meio da rua, aos *colegas* indiferentes à sua sorte, bem como ao escândalo a que assistiram sem protestar:

– Infelizmente é isso mesmo! Nunca se viu nesta terra classe mais desunida!

De histórias de bolina vive a cidade cheia.

Pode-se contar, ainda, a propósito, um caso interessante, no qual se envolve a figura, por



*Vendedor
de balões de borracha
Desenho de Raul*



*O "Vinte-Nove"
Desenho de Raul*



*O "Mamãe"
Desenho de Raul*



Soldado de polícia
Desenho de Raul



Dr. Simões da Silva
Desenho de Marques Júnior



A velha Susana de Castera
Desenho de Raul

muitos lados conspícua e respeitável, do Sr. Teixeira Mendes, sumo pontífice da igreja positivista do Brasil, homem de uma candidez – diga-se sem receio de errar – tão grande como a do próprio Cristo, reputação ilibada, dos mais puros e mais completos sacerdotes do seu tempo.

Mendes vai tomar, para ir a Botafogo, um bonde. Homem sem falsos preconceitos sociais, trepa sobre o primeiro veículo que lhe passa pela frente e que é um carro de 2ª classe, dos chamados *caraduras*. Vai cheio, o veículo. Há, porém, um lugar vago ao lado de uma preta, quase nonagenária, e que pita seu cachimbo de barro, tranqüila e a cochilar. Junto à velhota o “Papa Verde” abanca. Sentado, toma de um volume qualquer e põe-se a ler. O bonde caminha aos trancos, oscilando sobre os trilhos. A perna puríssima do sacerdote toca, entretanto, sem querer, de quando em quando, a perna da velhinha, que franze o sobrolho, aborrecida. De novo um solavanco, de novo a perna do distraído ortodoxo sobre o pernil da negra. E a negra, como uma jibóia cutucada espevitadamente, a desenrosca-se, um olho de víbora, afogueado e mau no semblante do homem distraído, que continua a ler, o seu livro, muito abstrato e alheio ao que se passa...

Súbito, a um quarto ou a um quinto solavanco, ela, que não mais se contém, toma do guarda-chuva que a acompanha, e o atira como uma arma de defesa, separando, brutalmente, a sua perna da perna do sacerdote.

Este, surpreso, encara-a, sem compreender a razão do terrível manejo. É quando ela, tirando o cachimbo da boca, após uma violenta cusparada, grita, bem alto para que o bonde inteiro a ouça gritar:

– A gente vê nesta terra cada velho sem-vergonha!...

O Rio do começo do século, além do bolina, outro tipo possui digno do exame e da atenção de um psiquiatra. É o que o carioca conhece sob a denominação pitoresca de tira-camisas, desdobramento do platônico bolina.

O tira-camisas é quase sempre um cavalheiro taciturno, pálido, de pasta caída sobre a testa, de ar de *gentleman*, e com dois olhos que são como duas mãos atrevidas, quando agem.

Tímido, porém, manobra cauteloso, à distância.

Tira-camisas está à esquina da rua, de mão no bolso e olho de carneiro morto, quando chega, por exemplo, uma criatura moça, bonita e bem-feita, entre a multidão que formiga. Diante de uma *vitrine*, descuidosa, ela pára, súbito. Tira-camisas, que já a viu de longe, começa, então, a agir. Prestem atenção. Um tanto nervoso, sempre de mão no bolso, e olho de fim de tocha, esse louco moral, com o cérebro, põe-se a despir a pobrezinha, como se fosse com as próprias mãos. É assim que à honesta e despreocupada rapariga, mentalmente começa a lhe tirar o chapéu, as luvas, as botinas... É o exórdio. Tudo isso em plena rua. Depois de alguns instantes, após um bom suspiro do imo peito, mais atrevido, arrebatá-lhe a saia, as subsaias, o colete, a camisa. Está o homem como quer, tendo diante dos olhos a Calipígia, nua, nuazinha em pêlo! Daí a colocá-la em poses plásticas absurdas não vai muito. O homem é desaforado. E mais desaforado ainda é o olho que lhe vai ficando cada vez mais bruxuleante, cada vez mais trêmulo e esgazeado. Um olho a requerer cacetadas...

Bom será, contudo, não confundir esse tipo singular com o do encarador, que pode passar, apenas, por um homem curioso, olhando, talvez, um pouco demais, porém numa indagação visual que, sendo impertinente, nem sempre ofende ou escandaliza. O encarador não tem o olho desaforado do outro, mas, dele se vale sempre, onde exista mulher.

Uma senhora de certa linha sentindo-o, em geral, baixa os olhos e segue. Outras, no entanto, há que se mostram irritadas. E ao desaforo do olhar respondem com palavras:

– Eu não sou quem o senhor pensa, saiba!

De uma que perguntou a um desses biltres:

– Nunca viu? – teve que ouvir esta resposta:

– A senhora nunca me mostrou!

Por vezes o marido dessas senhoras vem atrás e protesta:

– O cavalheiro deseja alguma coisa desta senhora?

É do protocolo do encarador uma resposta como esta:

– Peço mil desculpas, mas sua esposa é a imagem viva de uma parenta minha...

Maridos há que não aceitam respostas e que vão logo caindo sobre o petulante, agressivos e violentos, a murros e sopapos.

Nessas contendias, entre homens, há, quase sempre, um que, enquanto não chega o instante da pancadaria, reponta sempre:

– O senhor sabe com quem está falando!

A frase é dita de tal maneira que não deixa de dar ao tipo que a pronuncia um ar, assim, de campeão de boxe ou de luta romana.

O Luís Murat, que era metido a brigador, rolista, numa troca de palavras com alguém, na rua, ouviu a frase fatal: – Sabe com quem está falando? Murat não vacilou, suspendeu a bengala e respondeu ao desconhecido: – Sei, é o Napoleão à paisana, mas vai apanhar da mesma maneira! – E desancou-o, à vontade.

Veze, porém, esses homens não se batem, medem-se, apenas, ameaçadores como leões de tapete, a dentadura à mostra e retiram-se com dignidade e altivez, aos arrecuos, os que são maridos, cheios de pigarros varonis, guardando as retaguardas conjugais, a mão crispada em bengalões de cana-da-índia montados em biqueira de ferro.

Pela estreitinha Rua do Ouvidor não transitam veículos, a não ser, pelos dias das folganças de Momo, os carros dos préstitos carnavalescos. E época houve em que nem eles transitavam.

De uma feita, o regulamento estabelecido parecia definitivo: nada de rodas na Rua do Ouvidor!

Era isso para um tempo em que a famosa Susana de Castera atingia o apogeu de seu prestígio entre nós, tida e havida como se fosse a favorita de príncipes; ela que era apenas a mais audaciosa das *cocottes*!

Acontece que, um dia, certo landau, vindo dos lados da Rua do Teatro quer entrar pela parte da Rua do Ouvidor que olha para as bandas de S. Francisco.

– Não pode passar – diz o guarda de serviço, pondo-se à frente da carruagem.

Dela salta, porém, importante cavalheiro, muito bem enluvado, e que, cheio de autoridade, vai logo, sumariamente, dizendo ao guarda:

– O carro passa, porque é do Paço.

O guarda meneia a cabeça. Recebeu ordens, não pode transigir. O veículo de qualquer forma, não passará. É convincente, ao homem cheio de importância e de luvas, como que a dizer a coisa mais sensata deste mundo:

– Nem que o carro fosse da Susana! Não passava.

E o carro não passou. São quatro horas da tarde. O movimento da Rua do Ouvidor não pode ser maior. É um zunzum que agrada, apenas interrompido pelo pregão dos vendedores de jornais vespertinos:

– *A Tribuna! A Notícia!*

São as folhas mais lidas à tarde.

Entre os matutinos, os de maior fama, até o aparecimento do *Correio da Manhã*, há o *Jornal do Comércio*, a *Gazeta de Notícias*, *O País* e o *Jornal do Brasil*.

Passa o homem vendedor de borboleta, brinquedo da época, em folha-de-flandres, popularíssimo entre a gurizada, barbamento e de óculos, com voz aflautada vendendo a sua mercadoria:

– Mamãe, compra “um pra eu”.

Passam outras figuras importantes, indefectíveis, na rua movimentada e alegre: o Dr. Frontin, e o seu guarda-chuva de cabo de volta, o General Pinheiro Machado, o Coelho Lisboa, o Comendador Chaves de Faria, o engenheiro Bezzi, o Alvarenga Fonseca, Lopes Trovão, a Dr^a Mirtes de Campos...

Em meio ao *bruaá* festivo da multidão, que formiga. Ouve-se, próximo à Casa Pascoal, um pândego que grita a um pobre homem que vai passando:

– Ó *Vinte-Nove!*

Vinte-Nove é um tipo popular da época, de língua suja e gestos estabados, que vive, quase sempre, cruzando a Rua do Ouvidor. Além dele existem: o Seixas, com a cara do Deodoro, sempre descalço, em mangas de camisa e de quem se diz que levou uma esteira, certo dia, à porta de Quintino Bocaiúva dizendo que ia receber uma conta; o *Capitão Marmelada*, o *Mamãe*, abobalhado, imundo, com um charuto enorme e sem lume, ao canto da boca, o *Tamandaré*, e o famoso *Inteligente*, sempre

integralmente bêbado – um que vive a dizer que foi comandante de bombeiros, em Penafiel. A este perguntaram um dia:

– Por que te chamam o *Inteligente*, afinal?

Ele, mostrando que o era, pedindo dois tostões, para a cachaça:

– Porque sou muito burro!

Repete-se, porém, o grito do farçola:

– Ó *Vinte-Nove!*

Desta vez, porém, *Vinte-Nove* colhe o apelo e volta-se, buscando descobrir o atrevidaço autor da chufa. Tem a face congesta, o olho feroz, o cabelo em desordem. Sente-se a boca do homem que vai rebentar em calão.

As senhoras, que conhecem, por tradição, a boca imunda do homem, debandam todas. Mas, quando se espera pelo despautério que scandalizará a frequência elegante da rua, sente-se que *Vinte-Nove*, mordendo a língua desaforada e suja, pára um momento, sofrendo a represália terrível, como que a engolir as palavras que ele costuma arrancar ao seu torpe vocabulário, verdadeiros calhaus que vai buscar ao fundo da alma sofredora, a fim de apedrejar aqueles que o provocam.

Por que motivo, entretanto, o homem assim se domina, confundido?

É que *Vinte-Nove*, conhecedor das duras conseqüências das suas desenfreadas reações, traduzidas, geralmente, em semanas a fio passadas a pão e água nos xadrezes das delegacias distritais, afora os berros do delegado e as farpas agudas das gazetas, acaba de lorigar, como um espeque, junto à esquina mais próxima, de mão tranqüila no chanfalho garantidor da ordem pública, o anspeçada de serviço na zona...

Vinte-Nove, que foi soldado, como ele, *Vinte-Nove*, que, antes de merecer os apupos, as chufas da patuléia, trazia sobre o corpo um uniforme, que, por sinal, se enchera de medalhas ganhas



Chaves de Faria
Desenho de Marques



O Seixas
Desenho de Raul

com brilho e honra nas campanhas cruéis do Paraguai, *Vinte-Nove*, que conhece o respeito devido à autoridade e à lei, diante do vulto sereno do homem que veste farda, embora um tanto humilhado, embora um tanto confuso, perfila-se, ergue a cabeça grisalha, onde repousa uma velha e desbotada barretina e bate, conciliador, a continência de estilo:

– Comandante, dá licença?...

O guarda, comovido, sorri do gesto e do imprevisto, enquanto que o pobre farrapo humano, de alma refeita ou conformada, mergulha na multidão onde se apaga, como uma sombra, como um pária, como um cão...

.....

Capítulo 3

Cais Pharoux e Praça Quinze

CAIS PHAROUX E PRAÇA QUINZE DE NOVENBRO – O SALÃO DE VISITAS DA CIDADE – CATRAIEIROS E CATRAIAS – AS BARCAS *FERRY* – A PRAIA DO PEIXE – VEÍCULOS DE PRAÇA – OS BURROS-SEM-RABO – O INSTITUTO HISTÓRICO – PRIMEIROS AUTOMÓVEIS – OS IMIGRANTES – COMO CHEGAVAM



QUANDO Mr. Pharoux chegou ao Rio de Janeiro, em 1816, era ainda bem moço. Vinha de França, trazendo do tropel das lutas napoleônicas, bem vivo, no coração amargurado, com recordações do grande curso, todo o desmoronar daquele sonho, que foi glória em Wagram, em Iena e em Lutzen, para, depois, esvair-se pelas campinas ásperas da Bélgica, em um bocado de sangue e um bocado de fumo.

Não se sabe, exatamente, porém, das razões que o trouxeram à terra joanina, rincão triste e sujo, cheirando a rapé, a almíscar e a bodum. Desgostos há, porém, que, muitas vezes, podem levar um homem até ao suicídio...

Muito a esse Mr. Pharoux devemos. Muito. Devemos-lhe, por exemplo, a idéia da criação do primeiro hotel, com certo aspecto de

grandeza e decoro, instalado entre nós, erguido no prédio que ainda hoje existe no ângulo da Rua Clapp com a Praça Quinze, e que, em 1901, mostrava, em letras colossais, sobre a fachada, este letreiro: *Casa de Saúde do Dr. Cata Preta*. Era um imóvel de proporções avantajadas, olhando para o mar.

Apareceu quando ainda sorria pelas nossas ruas, de olho desconsolado e de beicola pálida, o Sr. D. João, que os “toma-larguras” precediam, seguidos do famoso criado-do-vaso... Apareceu como uma maravilha, capaz de honrar qualquer pátria estrangeira, o hotelzinho do francês.

Note-se como devemos aos franceses que aqui nos chegavam, embora em número muito diminuto, benefícios que outros nunca pensaram em nos trazer. Benefícios e exemplos. Que eles não criaram, em matéria de melhoramentos da cidade, como talvez se acredite, apenas a formosura, a elegância e a distinção da Rua do Ouvidor, arrancada ao esterquilínio colonial. Há por toda a cidade traços da passagem desses estrangeiros inteligentes e amigos, recordações amáveis para nós.

O Hotel Pharoux era, realmente, na sua época, coisa muita de ver e apreciar. Que instalações! Que asseio! E os móveis de estilo, vindos de França, todos forrados de tapeçaria ou seda? E os espelhos florentinos, amplos, com as molduras largas e douradas? E o gosto das flores postas em grandes jarrões de porcelana, sobre toalhas alvíssimas? Era tão grande o prestígio desse palácio de fadas que até as negras que vendiam pamonha, pipoca e gergelim, quando passavam, caminho da Praia do Peixe, junto ao casarão luzido, comovidas, calavam os seus pregões...

Criou fama o francês.

Contam os cronistas do tempo que, um belo dia, o Sr. João VI quis conhecê-lo de perto. E o recebeu em palácio. Não dizem, entretanto, se para lhe pedir novas receitas culinárias, uma vez que, até cá, já viera o renome desse *poulet Marengo*, que um cozinheiro do corso heróico achou de criar, nas planícies do Piemonte, de tal sorte provando que a glória de França, pelo tempo, chegava até as caçarolas.



Barão Homem de Melo
Desenho de J. Carlos

Logrou Mr. Pharoux, entre nós, notável simpatia e larga popularidade. Rico e cansado, muito tempo depois, vendeu o seu hotel. E foi morrer em França, isso pelo ano de 1868. O Rio dele se lembra, entretanto, sempre, e com a maior saudade. Não fosse ele, como foi, criador de benefícios em terra de gente grata.

Quem, hoje, quiser falar do que outrora se chamou Largo do Paço terá, fatalmente, de evocar a imagem singular desse amável francês, que ali viveu durante tantos anos, o seu albergue e o seu cais. Não há fugir.

Estamos no velho logradouro, ainda de ar colonial, tal qual, como se vê em suave evocação, numa gravura de Debret, sítio que se chamou Várzea de Nossa Senhora do Ó, lugar do Terreiro da Polé, Praça do Carmo, Terreiro do Paço, Largo do Paço e, finalmente, Praça Quinze de Novembro.

Na moldura de um casario reles e achamboado, mostra o largo um enorme chão feio e mondongueiro, sórdido tapete de detritos, onde há sobras de melancia e de banana, casca de abacaxi e de laranja, papéis velhos, molambos, solo irregular, mal cuidado, pelo qual cruza e pára um andrajoso povilêu: negros e negras descalços, sujos e vadios, de envolta com soldados, catraieiros, carregadores, guardas-fiscais, marinheiros, mendigos e vagabundos de toda espécie.

E é o salão de visitas da cidade, lugar por onde trepa, vindo da Guanabara azul, o turista que, apenas transpõe a barra, queda-se boquiaberto ante o cenário sem outro igual em toda a natureza! Salão de visitas, ponto de referência, amostra e idéia perfeita de quatro séculos de civilização e de sujeira!

Não raro, essa gente que chega, mal põe o pé em terra, vai logo pondo, também, o lenço no nariz. Por cautela.



Vendedor de aves
Desenho de Armando Pacheco



Barcos
Desenho de Armando Pacheco

Lá está, na linha do cais, a balaustrada que olha o mar, velha e desmoronante, com os seus pilares partidos, quase em ruínas. Sobre ela os ociosos se debruçam, olhando, n'água, botes e canoas a dançar, embarcações que fazem o trânsito dos que chegam e dos que partem, porque os navios ainda não vêm ao cais, tal qual como no tempo do Sr. Marquês do Lavradio, que Deus haja... No entanto, todas essas proas irrequietas formam um conjunto festivo e curioso, um chão alegre e colorido a palpitar: cascos azuis, cascos verdes, cascos vermelhos, cascos cor-de-cinza. São brancos os toldos, muito bem espichados, a resguardar interiores catitas, cobertos de tapetes, de almofadas e panos de croché. De ler os nomes espantosos dessas embarcações: *Leão dos Mares!* *Vasco da Gama!* *Não se fia!* *Cá vou eu!* *Adamastor!* *Estrela do mar!* *Nossa Senhora dos Aflitos!* Ficam, em geral, os catraieiros, junto à linha da escada, em terra, buscando o frete e a gritar:

– Quer um bote, freguês?

– Vai ao das *Messageries?* Ou ao do *alamão* d'Hamburgo?

Na hora do ajuste, pedem o que querem e se lhes paga, porque, tabela, não existe. Ganham, por isso, verdadeiras fortunas! O Brasil ainda é, para essa gente, o paraíso onde floresce a árvore das patacas. Tabelas para catraieiros? Se a capitania do Porto ainda é deles! Deles o Conselho Municipal! Deles até os jornais!...

À esquerda de quem sobe do mar fica a estação das barcas. *Barcas Ferry*. O melhoramento foi introduzido em 1862, por Th. Rainey,

aproveitando a idéia de Clyton von Toyl. Sempre é bom registrar o nome amável dos que aqui vinham trazer um pouco de progresso. Eram eles tão poucos!

Fazem, as barcas, o serviço para Niterói e ilhas da Guanabara, serviço regular e útil. A última embarcação que deixa o Cais Pharoux, para Niterói, à noite, parte do cais às 12:30.

Para o que perde a última condução marítima, há, felizmente, próximo, em frente à igreja do Carmo, junto à Rua Direita, o Hotel de France, com quartos a três, quatro, cinco e seis mil-réis.

É pitoresco o hotel, com a sua varanda olhando o mar de esguelha, a sua louça de friso azul e caixeiros falando em francês. No *restaurant* os almoços, principalmente, são muito concorridos por gente do comércio e que lhe fica ao pé. Embaixo do hotel, lojetas, das que mercam tudo, minúsculas casas de vender, como as de Alexandria ou do Cairo, diante das quais e, em plena calçada, homens, discutindo preços, experimentam suspensórios, chapéus de palha; crianças bulhentas escolhem gaitinhas de soprar, e senhoras vão em busca de pentes, fitas, rendas e mil sortes de bugangas.

Pouco adiante está o Arco do Teles, herança gloriosa, goela escancarada e triste, a cuja sombra dormem, em decúbito dorsal, negros de boca aberta, cães; recesso onde o transeunte às vezes se alivia de íntimas aperturas...

Vem, logo depois, a Praia do Peixe, ruidosa, tagarela, denunciando-se, de longe, pela enorme algazarra que levanta e pelo mau odor que exala. É um mercado digno da cidade colonial. Na doca, pequena e rasa, em confusão caótica, velas em profusão, cordoalhas em novelos, flâmulas e bandeiras. E gritos de barqueiros: Pega! Larga! Atira! Amarra!

Sobre os bancos de pau, junto às lojetas pobres, tipos acalorados, curvos em arco de bodoque, mordem talhadas rubras de melancia. Há os que mercam suínos, outros que compram legumes, frutas, galináceos, ervas, peixes...



Felisbela Freire
Autor desconhecido

Após uma boa noitada, o chique é comer nesse antro, pelo romper da manhã, ostras acompanhadas de vinho branco. Ao lusco-fusco das quatro horas começam a chegar carruagens vindas das bandas de



Quiosque

Desenho de Armando Pacheco

Botafogo, Jardim Botânico e Catete, moradores e freqüentadores das famosas *pensions d'artistes*, onde se instala o alto meretrício. São raparigas moças e bem vestidas, cantando em falsete, cavalheiros de casaca, rindo às gargalhadas, a falar alto, ou a berrar, integralmente bêbados. O mercado desperta cedo. Antes das seis horas já é uma babel ruidosa, onde um mundo se agita e vozeia e se expande. São negras baianas, com as suas trunfas multicores e os seus saiões de chita amplos e rodados, vendendo figas-de-guiné, colares, angu, vatapá, moqueca, gralhando metálicos e retumbantes dialetos africanos, como se estivessem nas feiras de Quelimane ou de Dandum. Os carregadores, quase todos negros, erguendo, no ar, os balaios vazios, estão gritando:

– “Óie” o carregadô!

Grita-se da porta de uma barraca de frutas:

– Mamão e jenipapo! Uma especialidade!

E, mais adiante:

– Pimenta da Costa, urucum, azeite de den-

dê...

Lê-se, aqui, num cartaz:



Preta baiana

Desenho de Marques Júnior

Prus e capães du melhore...

Os homens da banca de peixe postejam a mercadoria, soltando o pregão:

– *O bom robalo! O bom badejo! A cavala, o vermelho e o parati!*

Por vezes, entre essas nojentas espeluncas, surgem restaurantes mais ou menos garridos, e com pretensões a casas de certa ordem. São as famosas casas de vender petisqueiras, servindo à maneira lusa: caldos-verdes nadando em grossa banha de porco, as caldeiradas de raia, cheirando a alho, o bacalhau assado na brasa e a tripa à moda do Porto.

De ver alguns fregueses, quando saem, aliviando-se à antiga portuguesa, fartos, de panças em arco, felizes, dois infalíveis palitos: um à boca e outro, sobressalente, metido, sempre, atrás da orelha.

Para o filho da terra há casa que vende o angu (“tá quente!”), o vatapá, a moqueca, o caruru. A negra baiana que serve é asseadíssima, na sua indumentária de chita e linho bordado e rendas, as trunfas muito bem postas, colares, a chinelinha de tapete, curta, na ponta do pé. Ainda há tascas, baiúcas onde, por quatro tostões, pode-se fartar um homem simples, e onde não raro se anunciam quitutes feitos à maneira do país, os mais exóticos quitutes. Uma havia que se tinha na conta de ser sem rival na sopa de tartarugas. Ainda me recordo da vez primeira que por ali passei e vi, à porta, um desses pobres animais, de barriga para o ar, tendo sobre ele, colado um cartaz que dizia assim:

AMANHÃ SOPA DE

A tartaruga, embaixo, a completar o anúncio...

Era eu menino. Tinha oito ou nove anos. E lembro-me que, dias depois (de tal forma me havia impressionado o cartaz), em casa de meu avô, vésperas de seu aniversário, sabendo que se ia matar um porco, munido de cola e de papel, colei às costas do suíno um escrito que dizia assim:

AMANHÃ SARRABULHO DE...

As ruelas do brutesco mercado são verdadeiros colchões de asquerosos detritos. Só mesmo um nariz matriculado num curso de altos fedores, cheio de muito boa-vontade e indulgência, suportará, por mais de dois minutos, as exalações pútridas desse imundo covil.

A Praça Quinze fulgura ao sol. Na parte do mar estão os carroceiros, com as suas carroças. Quando o sol rescalda o logradouro, onde as árvores rareiam, o homem desatreia as alimárias e deita os veículos, que são quase todos de duas rodas, pondo os varais no chão, armando, assim, amáveis e propícios biombos, defesa, escudo contra o rigor da canícula. Que as sombras são pouquíssimas, no Largo, e disputadas pela vadiagem trapenta que gosta de jogar a *vermelhinha*, menos jogo que tramóia, vergonhosa muamba com que o velhaco explora a ingenuidade do transeunte. Por vezes, a polícia prende os jogadores, pelo menos os que não têm tempo para fugir.

Há alarido, tumulto, pela praça. Os que fogem, debandam, na carreira que os salva a gritar:

– Cai n’água! Lá vem meganha!

Meganha sempre foi o guarda de polícia. Anos antes chamavam-no morcego, mata-cachorro.

Se há quem fuja gritando, há, também, sempre, quem, gritando, chegue pelo Largo e proteste contra a ação policial em berros fortes:

– Não pode!

Não pode! Esse brado incontido, sincero e muitíssimo do tempo, não falta nunca onde existem, de uma parte, a autoridade, a idéia do poder constituído e da outra parte, o povo, na hora em que rebenta algum conflito.

É justa, por acaso, a autoridade ou exorbita? Isso não vem ao caso. Berra-se sempre. Berra-se forte. Berra-se sem cessar:

– Não pode!

Até parece que, no subconsciente do que protesta, trabalham os gritos sopitados dos tempos da colônia, quando era crime, e dos piores, erguer, mesmo de manso, a voz contra a injustiça de El-Rei ou a autoridade real. Não pode! Alívio do imo peito, desafogar de corações!

Apenas (muito guarda, afinal, o subconsciente) se o homem que representa o arbítrio do poder, que nos corrige, a autoridade, enfim, que tem seguro, pelo gasganete, o homem que delinqüiu num assomo de mando ou prepotência, como a indagar, e, em resposta ao que grita “Não pode”, pergunta, por sua vez: “Que é que não pode?”

Logo a gentalha estaca, e os que a compõem calam-se, submissos, quando um não se sai com esta, acobardado, solícito, explicando:

– Não pode é largar o homem...

Não esquecer, entre as carroças, também de varais ao ar, como sinal de repouso, o que o público pitorescamente conhece sob a designação de *burro-sem-rabo*. É um pequeno veículo, lembrando os do Oriente, que aqui serve, no entanto, apenas para transporte de mercadorias. O homem faz-se de bucéfalo. Mete-se no varal e puxa. Apenas, não escouceia nem relincha. Serve, por vezes, ainda, para revelar vocações decididas.

Contam os negociantes do lugar a engraçadíssima história de certo Agostinho de Oliveira ou da Fonseca, criatura com quase dois metros de altura, que, de tanto levar a sério a profissão, acabou por dar em um guarda da Prefeitura tamanho coice que o aleijou de uma perna. Preso o homem, na delegacia, para onde o conduzem, encontra alguém, o delegado, que naturalmente lhe pergunta:

– Por que o fizeste, Agostinho?

E o Agostinho, zás, outro coice na mesa do delegado e de tal sorte, que a mesma voa pelos ares. Subjugam-no, então. E o amarram. Põe-se Agostinho, aí, a relinchar como um cavalo. Manda-se buscar um médico – o homem enlouquecera. E morre acreditando-se alimária, num delírio de saltos e patadas.

Os jornais nunca publicam em suas colunas editoriais essa expressão mais que popular – *burro-sem-rabo* –, ao que parece como justa homenagem aos que não devem ser confundidos com aqueles aos quais se pode chamar *burros-com-rabo*. Delicadezas enternecedoras de uma imprensa que não é lá muito pródiga em rasgos dessa natureza.

Certa vez saiu num jornal a indesejável expressão. Escapou. Lamentável equívoco que valeu a demissão dos responsáveis e explicações por parte do diretor, aos seus anunciantes. (Não confundir anunciantes com leitor.) Sobre o caso decorreram alguns meses. Um belo dia, às oficinas dessa mesma folha, onde, por acaso, aquele diretor se encontrava, na prateleira dos paquês prontos para entrar na máquina, via-se uma notícia com este título pomposamente esparramado em letras garrafais – BURRO SEM RABO! Pôs-se o homem da direção a arrancar, de indignado, os cabelos.

Esbravejou. Deu logo por demitido o repórter que traçou a notícia, o redator que a rubricou e até o revisor que a revisão lhe fizera. E mandou compor, imediatamente, novo título – “Carrinho-de-mão” –, que acabou, afinal, por substituir o outro.

Ora, quando a gazeta foi aos olhos do público, grande sucesso fez a tal notícia, rindo-se, dela, o leitor como da mais desopilante das pilhérias. Em sua essência contava ela o seguinte: saindo da Rua da Glória e entrando na da Lapa, certo vendedor ambulante, a conduzir um burro carregado de hortaliças, havia sido atropelado por um bonde elétrico. Do desastre salvou-se ileso o homem, ficando a cavalgadura, no entanto, com o rabo decepado sob as rodas do veículo.

O título primitivo estava certo. Tratava-se, com efeito, de um burro sem rabo e não de um carrinho-de-mão.

O açodado diretor muito sofreu com o ocorrido, uma vez que os chamados burros-sem-rabo quase tomam a notícia por malícia.

Na linha da Rua Primeiro de Março, até chegar à altura do casarão dos Vice-Reis, está o Instituto Histórico, em cuja calçada as turcas espalham caixetas de pau, vendendo espelinhos, tesouras, botões, canivetes e miudezas. Bom será lembrar que o Sr. Max Fleiuss, que já vem do século passado fazendo parte da sua diretoria, ainda não foi eleito secretário-perpétuo. É apenas segundo-secretário, mas já muito benquisto e muito prestigiado.

Quando as turcas, vendedoras de bugigangas, a princípio, vinham pousar à porta do Instituto, ele chamava um contínuo e mandava-lhe atirar baldes d'água, dizendo que ia lavar a porta. As mulheres, furiosas, protestavam. Por vezes o povo reunia-se, ensaiando o clássico “não pode”. Vinha o rondante de esquina e o Sr. Max muito amável, explicava:

– Longe de mim qualquer idéia de repressão ou violência. Desde que eu possa mandar lavar, de quando em quando, a nossa porta, como exige a dignidade da casa, as turcas podem ficar.

A água de Fleiuss, porém, que era diária, descolava as sombras dos espelhos que elas vendiam, pondo ferrugem nas tesouras e demais arrumados nas montras de seus improvisados balcõezinhos. Melhor era mudar. E foi o que acabaram fazendo. Agora, por essa augusta porta

onde S. M. o Imperador, o Sr. D. Pedro II, muitas vezes entrou a fim de presidir às sessões magnas do maior Instituto que no gênero existe, no país, cruzam o Sr. Vieira Fazenda, mestre dos mestres em assuntos cariocas, já velho, na sua sobrecasaca de sarja grossa, a barba nos debruns, a massagada dos jornais debaixo do braço; o Sr. Conde de Afonso Celso, de quem se diz que é um nacionalista vermelho; o Sr. Rodrigo Otávio, Barões Homem de Melo e Ramiz Galvão, o Conselheiro Olegário, presidente do Cenáculo, e os Srs. João Luís Alves, Manuel Arcanjo, Sousa Pitanga, Fernandes Barros, Raffard, Rocha Pombo, Escragnole Dória, Afonso Taunay, Felisbello Freire, Araripe Júnior e Noronha Santos.



Preta mina
Desenho de Marques Júnior

No ponto do Largo que fica paralelo à fachada principal da Casa dos Telégrafos, bem rente à parte arborizada que emoldura a elevação onde avulta o monumento a Osório, há povo junto. Há chufas. Risos e fiaus! E esse clamor aumenta, forte, sempre que se ouve, após uns *país, país, país*, certo ruído que lembra o da caçamba a chocalhar pedrinhas. Ruído singular. O caso faz bulha e faz escândalo. Dos lados da Rua Clapp, das bandas de Primeiro de Março, Mercado e Arco do Teles, há quem queira saber do que se trata. Aquele ruído, aquele vulto, aquela gente...



Max Fleiuss
Desenho de Marques Júnior



Afonso Taunay
Desenho de Marques Júnior

Coisa, afinal, de pouca monta: um veículo de rodas altas, finas, sem varais, de tração própria, sustentando uma caixa, que não se sabe

bem se é de ferro ou de pau, e sobre a qual assenta a imagem de um moinho com as asas longas e movediças, automóvel improvisado, reclame da Casa Moinho de Ouro, que aproveita a novidade, que já é do século passado, para poder anunciar os seus produtos.

A pobre máquina, automóvel, que agita a curiosidade da patuléia e que é, talvez, a mais viva e original das coisas novas do tempo, sofre, de quando em quando, o seu delíquio. Desmaios naturais de um débil, e, então, bem pouco conhecido maquinismo que mal começa, aqui, a aparecer.

Já o *chauffeur*, condutor do veículo, sem chapéu, sem casaco e, quiçá, sem paciência, importante e afobado, trata de reajustar a estática do engenho, a fim de o pôr em marcha. Quando ele, que corrige o veículo da engrenagem, crê que acertou, por fim, e, satisfeito, procura a direção para mover o carro, recomeça ao fragor infernal de estampidos e estouros, os *pafs, pafs, pafs*, e aquele chocalhar que lembra pedregulhos em lata, insistente e ridículo, que à patuléia faz sorrir e assobiar. Que é a vaia que arrebenta, o apupo, a surriada...

– Não pega!

– Põe no lixo!

– Só atrelando um burro!

Passam senhoras de idade que vão à igreja do Carmo, *pince-nez* de cordão, sapatos de duraque, furiosas com o andar do progresso, aborrecidas com tanto escarcéu, benzendo-se, falando no nome de Cristo, de Maria e desejando a todos esses *pedreiros-livres, e que não sabem mais que inventar*, as chamas do Purgatório e as mercês de Satã.

O primeiro automóvel que apareceu no Rio não foi, no entanto, esse, mas o que trouxe José do Patrocínio, da Europa, muito antes. Os carros que pertenceram a Guerra Duval e ao Capitão Córdia, vieram na mesma época, porém o de Patrocínio desembarcou primeiro. O informe é de mestre Noronha Santos, no seu livro *Os meios de transportes*.

Bilac quis aprender com Patrocínio, que era quem guiava a nova máquina, a arte de governar. Não concluiu o delicado curso. Dizia ele, porém, com muito espírito, que podia gabar-se de ser o precursor dos desastres de automóvel, no Brasil, uma vez que o primeiro desastre ocorrido, entre nós, fora por ele provocado, quando, na Tijuca, certo

dia, em meio a uma lição difícil, levou o engenho que guiava contra o tronco de uma árvore, partindo-o, deixando Patrocínio desolado.

Um dos primeiros *chauffeurs* desta cidade foi o Sr. J. Huber, sendo que a primeira *garage* parece ter sido a da Rua da Relação, pertencente a certo A. de Vasconcelos. Só em 1906, porém, teve início o registro de termos de exames de condutores de automóveis, tempo em que começam, então, a aparecer mais garagens (14, em 1908, 80, em 1912). A nota ainda é de Noronha Santos.

Entre as coisas que mais enfeiam, mancham e desagradam neste asqueroso logradouro público está o quiosque.

Em qualquer parte do mundo o quiosque é uma ligeira construção de estrutura graciosa e gentil. Ornamento. Toque de graça e cor no quadro da paisagem. Ergue-os a tradição em estilo oriental, com telhados da China ou do Japão. Evoca, com as suas pinturas de laca, pagodes do Pei-ho, campos de cereja e de bambus, o Fuji-Yama, quimonos, mussumés, gueixas e mandarins.

Entre nós, o quiosque é uma improvisação achamboada e vulgar de madeiras e zinco, espelunca fecal, empestando à distância e em cujo bojo vil um homem se engaiola, vendendo ao pé-rapado vinhos, broas, café, sardinha frita, côdeas de pão-dormido, fumo, lascas de porco, queijo e bacalhau.

Dos tempos coloniais, como se vê, ainda conservamos a idéia do comércio estreito e pobre, em que o dono é caixeiro, ao mesmo tempo, e a loja não tem mais que algumas polegadas de largura. Avareza. Miséria. Assim era a lojeta de outrora, lembrando as dimensões de um oratório, a tendinha à moura: uma porta, um tabique, duas ou três prateleiras... Velha e desagradável tradição, infame tradição de mesquinhez, de miséria e de desasseio, repulsiva lembrança que regeneradores da cidade, na ânsia de destruir, ainda hoje, a beleza da *urbs* reformada, enquanto esquecem o plano Agache, os exemplos de Passos, de Prado e de Frontin, na falta do estreitíssimo quiosque, reevocam-na consentindo que se mutile e se transforme a loja brasileira em loja-feira, onde em cada portinha exígua um negócio se afixe: o de meias, aqui, o de frutas, ali, o de cigarros, acolá...

Em todo o Rio de Janeiro do começo do século o quiosque afrontoso, enodoando a paisagem, o logradouro público, tem raízes no solo. Forças não há que o impeçam de existir.

No largo onde paramos, existem vários. Cada qual mais sórdido. Os que aparentemente se salvam vendem bilhetes de loteria, cartões pornográficos e jogo-do-bicho, ignóbeis todos. Falemos, porém, dos outros, dos piores.

Estão os fregueses do antro em derredor, recostados, à vontade, os braços na plantibanda de madeira, que sugere um balcão; os chapéus derrubados sobre os olhos, fumando e cuspinhando o solo. Cada quiosque mostra, em torno, um tapete de terra úmida, um círculo de lama.



Noronha Santos
Desenho de Marques Júnior



Barão de Ramiz Galvão
Desenho de Marques Júnior



Vieira Fazenda
Desenho de Marques Júnior



Afonso Celso
Desenho de J. Carlos

Tudo aquilo é saliva. Antes do trago, o pé-rapado cospe. Depois, vira nas goelas o copázio e suspira um ah! que diz satisfação, gozo e conforto. Nova cusparada. E da grossa, da boa...

Para um cálice de cachaça há, sempre, dois ou três de saliva. A obscenidade vem depois.

De ver essa gentalha maltrapilha, suja, cheirando mal, pedindo:

– Dois de canal!

E o quiosqueiro, azafamado:

– Dois não se faz, só três! *Si quisére.*

Há disputas entre o homem do negócio e a clientela:

- P'lo bacalhau são dois tostões, com o *provence!*
- Ponha na conta, então, o outro tostão, seu burro!

Contra o monstro do quiosque e a sua freguesia reclamam as famílias, reclamam os homens de negócio, reclamam até as gazetas, por vezes, embora timidamente... Dizem todos: É uma vergonha! A cidade ainda é um povoado selvagem. Precisamos acabar com essa miséria! Mas ninguém tem coragem de com eles acabar. Os homens de Estado encolhem-se. Os prefeitos desconversam. Os fiscais engordam...

- Vá um pobre de Cristo bulir em tal gente!
- Na verdade é um perigo.



A turca dos fósforos
Autor desconhecido

Os quiosqueiros são unidos e fortes, mandam um pouco na terra, e, na hora em que os apoquentam muito, abrem as gavetas ou as bolsas... É é como se fosse um tiro!

Com Pereira Passos, com o sopro civilizador que tombou sobre a cidade no começo do século XX, o quiosque era mais que uma provocação. Era um insulto.

Estava o grande prefeito a pensar no meio mais amável e capaz de liberar-nos do monstro quando, um belo dia, o povo, desesperado e viril, fez o que se esperava que fizesse: surgiu na praça pública, armado de latas de querosene e de caixas de fósforos. E sumariamente os queimou.

Há vezes em que me orgulho de ter nascido carioca.

Por vezes todo esse logradouro feio e imundo enche-se de homens que desembarcam, vindos das bandas do mar, sopesando canastras, baús, sacos, trouxas, pacotes, taramelando em voz alta, aos brados, em exclamações ruidosas largando por onde passam um cheiro ativo e amorrinhado que fica entre o suor humano e o do alho cozido. São imigrantes que chegam. Pobre e simpática gente que, pelas escadinhas do Pharoux, vomitam as lanchas, botes e saveiros. Trazem, todos, um ar medroso e parvo, os carões secos e tismados pelo sol, metidos na moldura ampla e circular de enormes chapelões de



Escragnole Dória
Desenho de Raul

Braga. Descem, como animais, de escantilhão, aos trotes, as pantalonas coladas às gâmbias muito finas, os pés em saporras de couro cru, imensas, amarelas, carregadas de ferros e que vão raspando, sonoramente, as anfratuosidades das calçadas. Por vezes, porém, os homens de ar asselvajado e triste entreolham-se e sorriem-se, cheios de enlevo, contentes e felizes. Batem com os pés no chão, para se convencerem. Olham o céu, com enternecimento, sentindo o azul, gozando a luz, beijando o ar! É o Brasil. Terra da promessa, Éden do bem-estar e da fartura.

– Ai, o rico Brasil! *Cá istá el! Cá istá el!*

Do bando enorme alguns sobram, ao fim do certo tempo. Caprichos da *amarela* que faz a ronda sinistra da cidade. Os outros... Contar, nos cemitérios, por cruzeiros, os que tombam para sempre.

No campo não há peste. Sabem todos disso. Se sabem! Mas, a cidade os fascina. Preferem ficar. E morrer, sonhando as riquezas dos que voltam com as algibeiras pejudadas de libras, obesos e comendadores. O balcão, promissor, os embriaga, os seduz. Que importa, por isso, a peste da cidade imunda que apodrece ao sol?

São cartas, para lá, e sempre escritas por mãos estranhas, porque eles, os pobrezinhos, não as sabem escrever. *Somos nós, aqui, que a maldita “amarela” de preferência escolhe, deixando os da terra. Por quê? Outra: O mano Manuel apanhou-a e de tal sorte que lá se foi, coitado. Morreu como um passarinho! E ainda mais outra: Do nosso conselho vieram 30, só restam dois – eu e o Augustinho. O resto foi-se...*

Aí o lusíada coitado,

Que vem de tão longe coberto de pó...



O imigrante
Desenho de Raul

Que importa, afinal, ao aventureiro ousado o espantallo da morte? Morreu? Pois, acabou-se. Enterra-se. Vive? É a prosperidade, a riqueza! O lucro imediato, certo. A terra é farta e dadivosa. Quem nela persevera, vence, enriquece.

Há senhores de fazendas, de sítios e de chácaras distantes que vão a bordo oferecer a essa gente trabalho, garantia de um viver tranquilo, ao abrigo da peste, dinheiro. É a lavoura próspera, entre árvores copadas e arroios cantantes. Ar sadio.

Campo? Dão-lhe as costas. Era o que faltava!

Do campo vêm eles e de campo estão fartos, o campo que só lhes dá suor, fome e aflição.

– Não queremos.

– E a peste?

– Que importa a peste! Não queremos!

Não querem. Não são mais lavradores. Não querem mais a função prosaica de cavoucar a terra. Não dá glória e fortuna o enxó ou o arado. Pois não foi sempre, assim? E os tempos da Índia? E o Gama? E a pimenta? E a canela? A lembrança risonha do mercantismo heróico dos descobridores de outrora os embriaga e fascina. Campo! As histórias de risonhas, de prósperas empresas onde ele nunca entrou, já as ouviram eles antes de pôr os pés no vapor.

Manuel Luís, por exemplo, que a *amarela* poupou com três anos de Brasil, quanto conseguiu juntar como lucro da sua vendoca em Catumbi? Pra mais de dez contos-fortes! E sabe-se o que isso é, na província distante, na pobreza do povoado, onde o Sr. Abade cobra dois vinténs por uma missa? O sossego, a fartura. Lautas bacalhoadas com entulhos supimpas, de alhos, couves e cebolas, o verdasco bebido em jarros, aos olhos da vizinhança, de boca aberta, cheia de cobiça e de pasmo! Pensar-se na consideração! Ser-se chamado assim: *o brasileiro do largo dos Trolhes!* E com uma reputação assim: *Dizem que até dá esmolos de dez tostões!* Campo? Era o que faltava! No campo a fortuna anda de gatinhas.

Os navios chegaram sempre. Lê-se na página de um jornal: Pelo *Congo* desceram ontem 935 imigrantes, sendo: do Porto, 600, de Lisboa, 200, da Madeira, 135. E, noutra página, a seguir, obituário implacável: Manuel José de Oliveira, 24 anos, português, José Manuel de Oliveira, 18 anos, português, José de Oliveira Guimarães...

Vêm todos para as mercearias, para as padarias, para as quitandas. Matam-se de privações, de economias, juntando, guardando, em-

pillando as libritas. Nem aos bancos para as guardar eles mandam, uns, porque não sabem da existência dos mesmos, outros, por falta de confiança em homens que dão, em troca do ouro que entregam, um pedacinho de papel cheio de números e rabiscos... Pois sim! O seguro é a canastra de corcunda com fechadura de ferro, com campainha de aviso e sobre a qual eles dormem, muitas vezes de borco, para maior comodidade e segurança.



Carrinho de mão
Desenho de Armando Pacheco

No Largo enorme, a massa de imigrantes espalha-se, palpita. Contam-se duzentos, trezentos, quatrocentos, quinhentos... Desses, quantos serão os poupados pela peste fatídica? Nem um quinto, talvez!

O espírito forte e aventureiro do luso, porém, não consulta obituários. O que ele faz é o jogo do desesperado. A Fortuna ou a Morte.

.....

Capítulo 4 *Largo da Carioca*

LARGO DA CARIOCA - DESCRIÇÃO DO LARGO - A RENDA DO ANTÔNIO PORTUGUÊS - O VELHO BANDEIRA, VENDEDOR DE JORNAIS - OS MONARQUISTAS DA CONFEITARIA MENÈRES - RECORDAÇÕES DO VELHO CHAFARIZ - OS BALEIROS - JOGADORES DE "TRÊS-MARIAS" - OUTROS TIPOS DO LARGO - HEDIONDOS QUIOSQUES - O CAFÉ PARIS, *RENDEZ-VOUS* DE ELEGANTES, DEPOIS DA MEIA-NOITE

E

M 1678, por uma época em que protestar, nesta terra, era um tanto perigoso, certo apelo partiu para a Metrópole, pedindo fosse sustado, aqui, o hábito vandálico de se derrubar, por sistema, o esplêndido arvoredo da cidade.

Pela Carta Régia datada de 6 de dezembro do mesmo ano, El-Rei Nosso Senhor manteve o vandalismo. E a derrubada prosseguiu.

No entretanto, a cidade reclamava sombra e reclamara adorno. Ruas e praças viviam desoladamente despidas de troncos e de folhagens. As pobres construções é que sofriam com isso o castigo inclemente do

sol, um sol violento, que estalava, gretando esquadrias e portadas, venezianas e postigos.

Para substituir a fronde consoladora e amiga, no começo do século, há o toldo de lona, pelas portas das lojas, um toldo de cair, simples e feio, vezes em frangalhos, em tiras e quase sempre cheio de poeira ou de nódoas.

O Largo da Carioca não mostra, ao nosso olhar, uma só árvore! É um triste chão calçado a paralelepípedos, escuro, irregular e mal varrido, sulcado pelos trilhos de ferro por onde cruzam os bondes da Jardim Botânico. Desgosta à vista. Enfada. Quando passam carroças ou carretas, estremeçam as casas em torno e o ruído das rodas de aros de metal, por sobre a dura pedra, ensurdece. Se o vento sopra, a poeira levanta.

As edificações são feias, irregulares, gebas, sem gosto arquitetônico. Um casario reles. Ora a cediça construção de baixo teto e telha de canal, ora o sobradinho, de sótão, mostrando janelões de sobrance-lhas e as infalíveis compoteiras de louça, na altura do telhado, “compondo o estilo”. Estilo *goiabada*... Umaz vezes a casa é térrea, prédio de um só pavimento, mostrando platibanda, com ou sem compoteira. Outras vezes, em construções do gênero, puxados, ao fundo, ou então, à frente, quase ao chegar à linha das fachadas, uns chalezinhos suíços, de campo ou praias, naturalizados brasileiros por mestres-de-obras do Porto, como os da Casa Menères. É um *panaché* notável, diante do qual, por vezes, estrangeiros param disfarçando sorrisos que nos humilham e que nos fazem mal.

Domina o Largo da Carioca, à direita de quem vem das bandas da Rua Uruguaiana, o Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco da Penitência, um casarão velho, acalçado e triste, mostrando janelas sempre abertas e por onde, não raro, espiam convalescentes em camisolas de dormir, o cabelo em desordem e faces brancacentas. A nota é melancólica, E impressionante. Vezes, apesar dos ruídos que provoca o movimento da praça, ouvem-se os berros ou lamentações dos que sofrem lá dentro, dos que se acabam e vão parar, depois, de pés juntos, no pequenino necrotério que fica quase junto ao chafariz, com a sua cúpula muito branca e diante do qual, sinistramente, param os coches fúnebres, entram e saem grinaldas, coroas, ramos de flores e gente que soluça ou que chora, toda vestida de luto.

Nesse lúgubre e fatídico recanto é que se encontra o famoso *Chope dos Mortos* ou *Bar do Necrotério*, *brasserie* mantida por um alemão nédio e rubicundo. Há nele um caixeiro, Adolfo Mendelson, garçom de sala, que é popularíssimo. Alto, glabro, a cabeça em forma digitada, roxo de tanto sangue, seqüência natural, no feito bizarro, de um pescoço grossíssimo e vermelho, o homem acaba em cilindro. A esse, o Emílio de Meneses chamou, um dia, com muita prosperidade e muito espírito, *cara de dedo com panarício*.

Quem penetra o interior do *bar* encontra um ambiente modesto, porém asseadíssimo. Ao fundo, sob o retrato de Bismark, numa peanha de madeira, obra de talha artística, um formidável canecão de louça antiga, um desses *grosse seidel* dos bávaros, de asa da mesma massa e tampo de metal. Ao centro, uma mesa redonda, de mármore, e, sobre ela, revistas e jornais, cartas de jogar, tabuleiros para os jogos de damas e xadrez. Foi no *Bar do Necrotério* que Glutner, um alemão do comércio, nosso amigo, desembrulhou, certo dia, para mostrar ao Bastos Tigre um jogo russo, de xadrez, não sei bem se usual na Lapônia ou no Cáucaso, complicado e enorme, sobretudo se considerarmos o número de suas peças – uns seis cavalos, uns oito bispos, peões e torres em duplicata...

– Mas, oh, Glutner, diz-lhe Tigre, com essas dimensões isso afinal é mais do que jogo de xadrez, é jogo de *casa-de-correção*...

O bar é freqüentadíssimo, à noite. Freqüentam-no Emílio de Meneses, que começa a engordar, perdendo a elegância dos velhos tempos do Encilhamento, o Pedro Rabelo, o Plácido, o Holanda e outros do grupo de Bilac, inclusive o próprio Bilac, e mais os membros da colônia alemã, que ainda não morreram de febre amarela.



O velho Bandeira
Desenho de Calixto

Bem junto ao bar fica o portão da Ordem, por onde escapa, sempre, um eterno cheiro de iodofórmio ou fenol e surgem enfermeiros de avental branco e barretinas da mesma cor, conduzindo macas para doentes que chegam de carruagem.

O Depósito da Companhia Jardim Botânico, a dos bondes, vem depois desse portão. Depósito, escritórios e agência, em cuja porta um

sujeito, de boné, dá saída aos carros, apitando. Continuando a linha térrea do edificio, à esquina do Largo com a Rua da Carioca, estreitíssima, sem uma única árvore, o Café Fortunato, no mesmo ponto onde hoje, inesteticamente, se esconde, atrás de tabiques alugados a engraxates, doceiros, charuteiros, etc., um café que não sabemos se ainda é o que se chamou *Café da Ordem*. Fortunato é espanhol. Seu botequim é modesto, com cadeiras Thonet, muito em voga pelo tempo, pintadas a verniz japonês, descascando nos pés e nos encostos.

Depois da Rua da Carioca, estreita, torta, feia, encardida e sem árvores, bem defronte ao café já descrito, fazendo ângulo com a Rua Uruguaiana, está a *capela* do Antônio Português – Venda Santo Antônio, erigida sob a invocação do taumaturgo de Lisboa, santo que se exhibe no interior do estabelecimento, atrás do balcão das bebidas, dentro de um oratório de jacarandá, sempre enfeitadíssimo de flores de papel e muito bem iluminado.



*Portão da Ordem Terceira da Penitência vendo-se ao fundo
o Convento de Santo Antônio
Desenho de Armando Pacheco*

Quando, após as cusparadas de estilo, espocam os palavrões irreverentes dos devotos de Baco, Antônio Português reclama atenção e respeito, mostrando o santo no oratório, em cuja base ele pregou um cartaz largo com esta legenda sagrada para ser lida pela freguesia:

HOJE NÃO SE FIA, AMANHÃ SIM

Em junho, pela época de festejar o dia do Milagroso, a capela antonina se empavesava de bandeiras, de galhardetes e folhagens. E, quando

anoitece, vêm homens para o centro do Largo soltar foguetes, largar balões. Como nos tempos coloniais.

Atravessando a Rua Uruguaiana que tomba, aí, sobre a praça, encontra-se um armarinho, desses que ainda hoje existem em certos subúrbios da cidade, ou pela Rua Larga, com enormes pilhas de fazendas à porta, mal dando passagem à freguesia e um dilúvio de ceroulas, cobertores, calças, camisas de meia e fitas em metros, rendas, ou bordados, numa confusão caótica, a desabar do teto, dos aparelhos de iluminação a gás das prateleiras... Mais adiante, largas portas com um corredor que lembra uma galeria e onde se amontoam vendedores de bilhetes de loteria, de jornais, cadeiras de engraxate, balcões de vender bicho, ponto movimentado e ruidoso, onde cada um apregoa o que lhe traz dinheiro.

- Graxa!
- Cavalo com 44, é o último!
- O *Tagarela* a 100 réis!
- São os *gasparinhos* da sorte!

Anda-se mais um pouco e cai-se na Rua Gonçalves Dias, das mais elegantes das ruas pelo tempo, mostrando em cada esquina (os que a viram que informem) uma venda, autêntico armazém de secos e molhados, aliás com mais molhados do que secos, a ostentar reles balcões de madeira e soalhos enegrecidos pela falta de asseio, cuspinhados pelos bêbados que aí fazem ponto. Os caixeiros cruzam em mangas de camisas, sem colarinho e sem gravata, os respectivos donos, na mesma indumentária, mostrando, apenas, peitilhos aporcelanados pela goma, e, nas abotoaduras, rosetas de ouro com pedras preciosas, o indefectível medalhão com brilhantes dependurados em cadeias de ouro, grossíssimas, dedos como os das mulheres, carregados de anéis. Quando se fazem comendadores é que vestem, então, paletó, em cuja lapela metem o sinal da comenda. Alguns, nesta altura, fazem mais, tomam professores que lhes ensinam a ler e escrever. A Rua Gonçalves Dias e a Rua da Assembléia aí se encontraram neste ponto. Se atravessarmos a embocadura desta última, a fim de contornar o Largo, encontraremos outra casa de fazendas, com os seus túneis de mercadorias, no gênero da primeira que já vimos, e, bem em frente à mesma, ocupando parte da calçada, uma das figuras mais populares, não só do Largo como da cidade, o velho Bandeira, preto, vendedor de jornais, alto, gordo, simpático, com a sua



Andrade Figueira
Desenho de A. Rocha

perna deformada por uma elefantíase. É quem dá vida e alegria a esse ângulo da praça. Fala alto, discute, ri, gargalha escandalosamente, mostrando sempre maravilhosa e clara dentadura.

Também vende, o preto, folhetos de cordel: *A História da Princesa Magalona*, o *João de Calais*, *A Vida de S. Francisco de Assis*, o *Testamento do Galo*, bem como as “últimas vontades” de todos os animais e ainda aquela literatura que a Quaresma então espalha, pelas portas de engraxates e que se vende a cavalo, num barbante, ao lado do *Livro de S. Cipriano* e do *Dicionário das Flores, das frutas ou linguagem dos namorados*.

Disse-me, um dia, Bandeira:

– *Seu dotô*, trabalho neste Largo o ano inteiro, *qué chova qué faça sor. Mais porém* um dia há que eu não trabalho *nem nada* – dia da Festa do Espírito Santo de Maracanã. *Seu nego*, aí, como trabalho, é este: *levantá de menhã, tomá seu banho, se vesti e tocá para ingreja*.

Pensou um instante e numa atitude de quem faz uma prece:

– *Santo bão! Santo de qualidade. Fazedô* de milagres *como quê!*

E orgulhoso da sua devoção:

– Olhe, ele ainda há de *sará* esta perna. *Vosmecê, seu dotô*, ainda há de me *vê* neste Largo tomando traseira de bonde, *que nem moleque...*

E ria, ria, ria, divertido.

O Espírito Santo de Maracanã parece que não gostava do preto. Sem razão. Espírito Santo de Maracanã deixou que a elefantíase o matasse...

O Edifício do Café onde se instalam o Restaurante e a Charutaria Paris é a mais aceitável das construções da praça. É um imóvel moderno e amplo com três pavimentos, dez janelas, e nada menos de seis enormes compoteiras no telhado. Sem as famosas compoteiras é que uma casa não passa, pelo tempo.

Junto ao Café, o edifício da Confeitaria Rocha & Menères. Mais seis compoteiras de louça no telhado e seis estatuetas que o Fortunato do Café, em frente, diz que representam as quatro estações do ano: a Primavera, o Verão, o Outono, o Inverno, a Indústria e a Estrada de Ferro...



O Menères
Desenho de Marques Júnior



Ferreira Viana
Desenho de Marques Júnior



Frei João
Desenho de Marques Júnior

A confeitaria mantém na loja um cenáculo monarquista. Nele pontificam, entre outras, o velho Conselheiro Ferreira Viana, simpático luminar da monarquia. Quando desce de sua chácara da Gávea, aí passa horas inteiras, bebericando, conversando, fazendo sátiras ao seu amigo, Frei do Amor Divino Costa... Este frade, de quem se afirma ser muito menos do Divino que do Amor, é um sujeito de espírito, amando particularmente o convívio profano das coisas deste mundo, *causeur* admirável e homem de tanta franqueza que, a quem quiser ouvir, diz sempre que prefere ao claustro de Santo Antônio o “claustro” do Menères, porque, além da marca do conhaque, as companhias são sempre melhores. Vem do convento próximo, dentro de seu hábito de monge, negro, de boa alpaca, um vasto feltro cor-de-cinza na cabeça, posto um pouco de banda, deixando ver, assim, à mostra, um segmento vermelho do solidéu. No forro das mangas largas e pesadas, livros, revistas, jornais, papéis, fumo e caixas de fósforos. Ferreira Viana não dispensa em sua intimidade. São os dois muito amigos, andam sempre juntos, o frade muito na chácara do Conselheiro, o Conselheiro muito na cela do frade, o que não impede de viverem a trocar mordacidades e motejos. No convento, certa vez, caminham ambos na parte posterior do casarão, junto a um caminho coberto de tiriricas e outras ervas, quando lhe salta, zombeteiro, Ferreira Viana, de repente:

– Vê-se, oh, Frei João, que por aqui há muito que não passam mulas ou frades...

Ouve como resposta:

– Nem medalhões do Império, Conselheiro...

Frei João, quando não replica logo, toma nota da laracha para vingar-se depois.

De quatro às seis, a Confeitaria do Largo regurgita. Chegam homens de grande peso no Partido, como o Sr. Visconde de Santa Cruz, o Conselheiro José Bento de Araújo, Acácio Aguiar, o Deputado Américo Marcondes, Constâncio Alves, Ernesto Sena e Antônio Leitão, do *Jornal do Comércio*, um que tanta caspa traz sempre às costas do paletó e sobre os ombros, que o Emílio acabou por chamá-lo, com muita graça, *leitão com farófia...*

Infalível, também, na roda, é o Generino dos Santos, sempre de lira engatilhada para sagrar os heróis da pátria, as datas comemorativas da República e os nomes do positivismo. Por vezes surgem o Tomás Drindl, pintor alemão, o Costa Ferraz, *embalsamador dos embalsamados*, como, por vingança, chama-o, um dia, o Conselheiro Viana, aludindo ao embalsamamento do consolidador da República, e Ângelo Agostini, o grande artista da *Revista Ilustrada* e do *D. Quixote*, temperamento jovial, figura das mais populares e queridas da cidade. Para agradecer aos monarquistas, vive recordando aquele “bom-tempo”, que é o estribilho infalível na boca de todo homem de certa idade, a cofiar a sua barbela de coronel de roça. Para ele, bom tempo é o da monarquia, tempo das botinas Miliet, que custavam 4\$200, e das meias-solas postas pelo Casimiro, ali, à Travessa do Teatro e que custavam 1\$600, com direito a uma biqueira de ferro. Eunápio Deiró é outro que nunca falta à hora do cavaco. Pouco assíduos, mas, de qualquer forma, aparecendo, uma vez ou outra, poderemos citar, ainda, Carlos de Laet, José Caetano, Rodrigues Horta e Capistrano de Abreu que, quando se instala na chácara de Ferreira Viana, no alto da Gávea, vem sempre acolitado pelo Paulo, filho do grande advogado Pires Brandão, esse Paulo que escreveu *Vultos do meu caminho*.



*Angelo Agostini
Desenho de Lobão*

De todas as figuras que por aí passam, diariamente, a mais pitoresca, porém, é a do Conselheiro Andrade Figueira, dos primeiros a chegar para a amável cavaqueira de velhotes, metido numa eterna sobrecasaca da época de Sua Majestade, o Imperador, só para que não se pense que ele consente em usar qualquer coisa da

República. Sobrecasaca, calças brancas, botinas pretas, de elástico, cartola e guarda-chuva debaixo do braço. Chega sempre nervoso, cheio de alarmantes notícias e catarro, assoando-se com estrondo num vasto lenço de Alcobaça, todo em desenhos de caramujos amarelos.



João do Rio
Desenho de Gil

De uma feita, Bilac, que passava pelo Largo, disse, com muito espírito, ouvindo o tonitruar do nariz figueirino:

– Lá está o Andrade Figueira a convocar, com o seu clarim de guerra, as hostes monárquicas da Confeitaria do Menères...

Essas hostes, um dia, foram convocadas para um movimento de grande ação revolucionária. Organizou-se uma lista de conspiradores. Quando, porém, pedem ao Conselheiro Ferreira Viana que ponha nela o seu nome, este, puxando pela manga do casaco o emissário da lista, murmura-lhe ao ouvido:

– Nem pense nisso, homem! Pois você está doido, eu meter-me nisso?

– Ora essa, então por que, Sr. Conselheiro?

E o Conselheiro, muito sério:

– E quem pedirá, depois, um *habeas corpus* para vocês, no dia imediato ao da revolução?

Boca de praga. A revolução não chega a rebentar. Preso Andrade Figueira, quem ao Supremo vai requerer o necessário *habeas corpus*? Ferreira Viana.

Até chegar-se a esse movimento, porém, lançado à revelia de um povo, por princípio, cético e displicente em questões de política, outras conspiraçõeszinhas nasceram na confeitaria Menères, embora se esvaissem entre bombas de chocolate, estouros de gasosa, capilé e as alegres gargalhadas do caricaturista Agostini, que se não fosse homem de respeitar os seus amigos, assunto teria de sobra para fixar com o seu lápis de mestre cenas de farsas extravagantes.

Rocha e Menères formam uma entidade comercial tão respeitável na praça como nas rodas da restauração.

Rocha é pequeno, seco, a bigodeira enorme, muito preta e mal-dependurada a um lábio tristonho e frio. Menéres, um gigante que usa um bigodinho curto e loiro. Rocha “Calado”, como lhe chamam muitos, é o filósofo da casa. Vê. Ouve. Mas não fala. Por vezes sorri velhacamente. Menéres, ao contrário, é palrador. Discute. Mete o bedelho em tudo. Como adepto da monarquia, é absolutista e quer para o Brasil um Rei como o Sr. D. Miguel de Bragança, ou então como o Sr. D. Pedro, o Cru. Quando o deixam falar, põe as mãos para as costas e declara, peremptoriamente, que o Brasil acabou em novembro de 89, com ele acabando as boas coisas que existiam entre nós.

– Todas não, ó Menéres, diz-lhe, certa vez, o Agostini. Tu exageras, filho, porque ainda temos a febre amarela.

Depois da Confeitaria do Menéres vem a casa de ferragens do Leitão. A seguir a Charutaria Portugal e o Café Vitória, fazendo ângulo com a Rua de São José.

Além da Rua de São José está a Estação do Corpo de Bombeiros e a Leitaria Itatiaia, como casas de uma certa importância. Começo da Rua Treze de Maio. Atravessando-a, encontra-se, então, para o lado aquém da Imprensa Nacional, o chafariz, massa singela e augusta, a lembrar o feitio de um templo, com 29 bicas de bronze, sempre muito polidas, e faiscantes ao sol. É para aí que um populacho, esmolambado e sujo, desce do morro de Santo Antônio, então povoadíssima favela e vem de outro morro, o do Castelo, pela famosa Chácara da Floresta.

São negras descalças dentro de saias vistosas e rodadas, com um vasilhame de lata à cabeça, cachimbo de barro ao canto da boca, o infalível raminho de arruda atrás da orelha; são negros de gaforinha enorme, a surgir de *três-pancadas*, feltros desabados, enormes, calças abombachadas, mamando restos de charuto e a cuspinhar, de instante a instante; são *manéis* de tez morena, em tamanca, torcendo vastíssimos bigodes, sentimentais e piegas, a namorar as pretas; são molecotes seminus, ramelentos, muito sujos, dos que pela praça andam a pedir *um vintém para comprar um pão ou uma esmolinha para meu pai que está paralítico numa cama e não pode mais trabalhar*.

Tal qual como no tempo da Colônia. Nem falta, ao quadro, a nota simpática do reinol, reprodutor e amigo, farejando, o pigmento carregado, atrás do amor da Vênus de ébano, clarificando a raça...

Só não há quadrilheiros. Nem o relho que estalava na hora da tamina. Gralha-se à vontade, discute-se, berra-se. Por vezes, há taponas, brigas, conflitos. É quando chega o meganha, de espada à cinta, boné no alto da cabeça a coroar-lhe a trunfa, gritando com autoridade e importância:

– *Antonces, como é? Vomo vê isso!*

O quadro ofende, de qualquer forma o cenário da praça. Não raro, aos sábados, senhoras elegantíssimas, homens de sobrecasaca e de cartola, fazem mescla, com essa gentalha alvoroçada e suja. Contar, ainda, aumentando o labéu do vasto logradouro, com os imundos quiosques (nove ao todo!) que vendem café-caneca, cachaça e broas de milho, reunindo ranchos espetaculosos de bêbados e vagabundos em torno. Estão colocados próximo ao *Bar do Necrotério*, quatro em face à Leiteria Itatiaia, e mais dois bem próximos à Rua de São José.

E dizer que é, essa, uma parte do coração do Rio de Janeiro na aurora do século XX!

Quando chegam os bondes que fazem a volta pelo Largo, cheios de passageiros, de cortinas de oleado verde, desenroladas para as bandas do sol, vê-se, como uma nuvem de gafanhotos, a revoada trêfega e assanhada dos moleques vendedores de biscoitos e de balas.

– Balas! Quer balas? Hortelã, chocolate, baunilha e coco!

– Biscoitos, Sinhá.

– São seis por um tostão!

– Baleeei...ro! Queimada e ovo!

Notável agilidade, a desses molecotes de 12 a 16 anos, ginas-tas consumados, equilibristas perfeitos, herdeiros da ligeireza acrobática do capoeira colonial, precursores, na destreza e no desembaraço, do jogador de futebol de agora, o homem ágil que espanta o tardo europeu nas pugnas do campeonato e o supera. Saltam como se fossem bolas de borracha, pulando de um para outro carro, até quando eles estão em acelerado movimento, sem deixar cair a bandeja dos rebuçados que vendem, equilibrada na palma da mão, erguida toda para o ar.

Quando servem o freguês, trepados pelos estribos, balas ou biscoitos, soltam as mãos do balaústre, e, assim, contam a mercadoria, fazem o troco, o veículo sacolejando, vezes torcendo por curvas fortes, sem cair, sem vacilar...

– Baaala, freguês... baleeeiro!



Carregador
Desenho de Raul



Café de quiosque
Desenho de Calixto



Vendedor de balas
Desenho de Raul

Bom será não esquecer, entre os freqüentadores dos estribos de bondes, o *pingente*, o eterno *pingente*, e os vendedores de jornais, simpáticos italianos, meninotes louros e corados, que apregoam:

– *A Gaazeta! O Paídze! O Djornáli do Gumércio... O Prazile! A Tchidate do Rio e a Notízia daa Tarde!*

Fazem liga, esses italianos turbulentos, alegres e gritões, com o molecório das balas e biscoitos, mas, na hora da encrenca, dividem-se em dois bandos, duas raças unidas e diferentes que se digladiam, e se invectivam, aos gritos de:

– *Ó gabrito!*

– *Ó macarrone!*



Carregadora de água

Depois, feitas as pazes, vão jogar para os lados do portão da *Ordem as Três-Marias*, um jogo de pedrinhas, ou *a murra*, que se joga em italiano:

– *Due...*

– *Cinqüe...*

– *Quatro!*

À espera da freguesia, plantam-se junto dos quiosques, onde taramelam ou bebericam copinhos da *branca*, ou, então, pelas esquinas, os carregadores de chapa, sem paletó, em mangas de camisa, descalços, atiradas sobre os ombros as faixas de pano de serviço. Fazem mudanças, sem ajuda de veículos. Pela manhã varrem escritórios e, por época em que as casas não são ainda habitualmente enceradas, lavam assoalhos e soleiras de portas, com estardalhaço, atirando baldes de água e vassouradas,

a cantar fados alfacinhas. São todos eles portugueses. Gente simples. Gente boa. Gente trabalhadora. E com esta qualidade altamente simpática – muita amiga de seu país. De vê-los quando chega a *Mala da Europa*, em torno ao ledor que lhes soletra as notícias da terra, todos muito atentos e curiosos.

A política não interessa a essa gente. Também não interessa a literatura. Boas novas são as que relatam os grandes crimes, as que descrevem grandes desgraças. Para ouvi-las duplicam-se os ouvidos.

Quando são longas o ledor resume-as, pondo o jornal debaixo do braço e enrolando, tranqüilamente, o seu cigarro:

– Diz que em Lisboa vão abrir, agora, uma rua tão grande como outra não haverá pela Europa. O Rei caiu doente duma perna, mas já sarou. O Príncipe D. Luís é que foi a banhos, para a Figueira da Foz. O Ministro do Reino declarou que os negócios do país nunca andaram tão bem como agora. Há saldos por todos os lados. Vai-se mandar fazer dois enormes encouraçados, na Inglaterra.

Os homens, em torno, ouvem atentos e comovidos, o pensamento na pátria distante, os olhos, não raro, marejados de lágrimas.

Não sei de quadro mais digno de respeito. Nem mais simpático.

No fim, o homem que leu e que falou recebe umas moedas e vai ganhar a vida a outra parte. Quando há carta para escrever e enviar à terra, também a escreve. Cobra cem réis por página, mas não dá papel, nem envelope. Lê, outrossim, a correspondência recebida, sabe o nome de todos os navios a chegar do Reino e os dos que daqui partem para lá. Informa sobre o preço das passagens de terceira classe e está sempre a par das oscilações do câmbio. Esse tipo popular ainda deve existir. Apenas não mais se mostra, hoje, como outrora.

Depois da meia-noite o Largo maltratado e feio dignifica-se. Nele há bulha, há alegria, movimento e até esplendor. A gentalha que desce dos morros para apanhar d'água no chafariz, há muito que desapareceu. O carregador de chapa, também. O baleiro, por sua vez, foi entregar à patroa a fêria magra do dia, santa fêria que formou, por aí, muito doutor...

A *jeunesse dorée* da terra dá *rendez-vous* no Restaurante Paris. A hora é de encontro e ceia. O restaurante é o mais chique da cidade. Mais chique e melhor freqüentado. Quando os teatros fecham, o movimento da Praça referve. São atrizes que chegam, em cupês particulares, e descem atravessando a sala do café que vai dar ao restaurante, num halo de importância e de perfume; são as grandes *cocottes* que moram pela Richard ou pela Valéry, acompanhadas de velhos abrihantados, de polainas brancas e monóculos; são gigolôs dos chamados de luxo, a coçar, nas algibeiras magras, o que lhes dá, apenas para pagar um copo de cerveja, um prato de comida, e, talvez, um charuto; são diretores de jornais, banqueiros, senadores e deputados, *brasseurs d'affaires*, que vão trincar um *poulet Marengo*, obrigado a Chambertain, olhando a Marie Granger comer *buîtres au Tokay* ou o Sr. João do Rio a fumar charutos da Bahia com capa de Havana e a dizer, num francês de Madagascar, a dois sujeitos de casaca:

– *Mais, comme la boite est pleine, mon cher!*

Isso tudo é chique, isso tudo é elegante, isso tudo é bom-tom. Consola, agrada e delicia.

A sala do restaurante é vasta, toda cercada de espelhos, as mesas cobertas por toalhas de linho tocando o chão, os guardanapos em tufo, como enormes sorvetes, metidos dentro de copos de boca posta para cima. No tempo, é grande moda...

– Garçom! – grita-se aqui.

E acolá:

– Sagasta, e essa carta de vinhos?

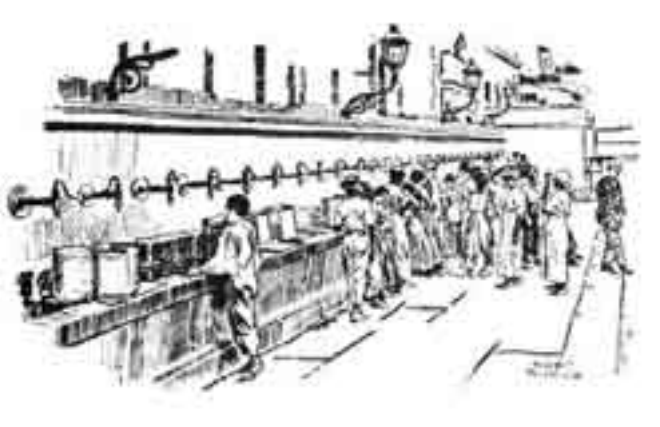
Sagasta é o prestígio do refeitório. Vale por *maitre d'hotel*. Todos querem ser servidos pelo Sagasta.

Falas. Saltar de rolhas – pam! pum! e a gargalhada sonora das *cocottes* transbordando como o *champagne* em taças de cristal.

Súbito, o Lulu de Almeida que surge, dentro de um *smoking* de bom corte, solene, um chapéu de papel armado em bico, à cabeça, erguendo na mão nervosa um formoso buquê de cravos brancos. Todos olham o Lulu. Todos querem saber para quem é o buquê. De Almeida, elegantíssimo, quiçá o passo um pouco vacilante, larga os olhos em torno àquela vasta e seleta assistência como que a procurar

alguém. Lulu procura mesa. Acha-a. Toma-a. Num gesto, senta-se. Em um jarro de cristal, bem junto ao prato, em face, planta o buquê enorme. Chama o garçom, e, entregando-lhe o chapéu de papel armado em bico, seriíssimo, diz-lhe, num tom solene, alto, fazendo rir a toda a gente:

– *Vestiaire, s'il vous plait!*...



Chafariz da Carioca
Desenho de Armando Pacheco

.....

Capítulo 5

A Praça Tiradentes

A PRAÇA TIRADENTES, À NOITE – FREQUENTADORES DO JARDIM E A ESTÁTUA DE D. PEDRO – O ACENDEDOR DE LAMPIÕES – COMÉRCIO DO TEMPO – A HORA DOS BÊBADOS – O GUARDA-NOTURNO DA ZONA – O HOMEM DA CARROÇA DE LIXO E O SEU BURRO SÁBIO

A

PRAÇA Tiradentes, em 1901, se não é mais aquele logradouro melancólico que a gente pode ver na estampa de Debret, ainda conserva certos aspectos dos velhos tempos coloniais. O quadro do casario, em torno, por exemplo, um casario desordenado e feio, com seus telhados rugosos e encardidos pela ação do tempo, alguns deles, até, armados em sotéia e onde, não raro, se chega a ver a corda com a roupa que branqueia ao sol, esse quadro molesto ainda não mudou. Ao centro, o jardim, um jardim à Luís de Vasconcelos e Sousa, bosque selvagem e hirsuto, sem grandes perspectivas, todo ele um espesso tapa-vistas de folhagem, com ruazinhas de macadame mal varridas, e por onde passeiam, depois de oito horas da noite, moços de ares feminis, que falam em falsete, mordem lencinhos de cambraia, e põem olhos acarneirados na figura varonil e guapa do Senhor D. Pedro I, em estátua. De Sua Majestade lhes dizer, do alto de seu cavalo, como a outros já disse, figuradamente, em uma certa revista do ano:

– Meninos, olhem que eu sou de bronze...

A estátua, como monumento, é o melhor, senão o único que a cidade possui, digno de ver-se e admirar-se.

Quando surgiu a República, um grupo exaltado de patriotas quis destruí-la, aos gritos de: – Abaixo o recolonizador!

Insânia. Irreflexão. Porque afinal, se o símbolo não é amável, a linha de arte é bela. Tão bela que acabou despertando, afinal, no cérebro de toda aquela alvoroçada gente, o bom-senso, a razão. E sobre o pedestal magnífico lá ficaram para sempre (e que fiquem!) belos e inofensivos, D. Pedro, o donairoso, e o seu lindo cavalo.

Na parte que vai do Teatro que hoje se chama João Caetano, ao *Moulin Rouge*, está uma fila de tílburis, com os seus cavalicoques de pequena estampa magros, arrepiados, sujos à espera da freguesia, que não vem.

O tílburis do começo deste século, com a sua capota imunda, e seu cocheiro de paletó aberto e bigodeira farta e retorcida, é decrépita condução de almofadas quase sem couro, quase sem painas, e sem o menor conforto, um veículo digno da cidade estercorosa, embora não o seja de seus pobres filhos, ávidos, como sempre foram, por um progresso que, durante cerca de 80 anos após a nossa Independência, aqui ainda vive solapado e oprimido pelo guante de vergonhosas tradições.

Diz o grande Noronha Santos que a introdução desse gênero de carriola, entre nós, vem da era joanina. Quem tais carros observa, porém, no começo deste século, fica pensando que os mesmos são os do tempo do Rei, tão gastos e tão velhos se apresentam. Verdadeiros molambos.

Conta um cocheiro antigo, e ainda vivo, talvez (pois o informe que me prestou não tem mais de dois anos), que, quando na Praça Tiradentes aparecia, casualmente, um tilburizinho novo em folha, de cavalo lavado e de couros brunidos, todo ele a fulgir como se fosse um cromo, logo os cocheiros das velhas e desconjuntadas traquitanas, invejosos, perversos, irritados, vaiavam-no à socapa, atiravam-lhe pedras, cacos de garrafas, velhas ferraduras, quando não lhe cortavam, a navalha, a armação da capota, ferindo até o pobre animal!

Observe-se como, de quando em quando, se registram acontecimentos iguais a este, provando a luta que aqui se travava para obter um pouco de progresso, guerra aberta da tradição colonial contra a ânsia e até contra o direito de um povo que desejava e não podia melhorar!

Os tálburis estão em fila. Nas boléias abandonadas, fincados, os chicotes, os cocheiros, em grupos, numa indumentária toda ela correspondendo, integralmente, à miserabilidade de seus veículos. Malpostos, sujos, farrapentos, calçando, quase todos, sapatorras de couro amarelo e cru, trazem os paletós, de alpaca ou de sarja grossa, verdadeiros mapas geográficos de cerzaduras e remendos, abertos, mostrando imundíssimas camisas e enodoadíssimas gravatas. Na cabeça um chapéu de massa, de abas pandas, enorme, se não é um coco eclesiástico, de abinha dura, muito usado e ruço ou um chapéu de palha que, para durar anos e anos, é pintado a verniz japonês, um verniz preto que se vende pelas lojas de ferragens a seis tostões o frasco. Apuro, a bem dizer, nessa gente, só há o dos bigodes, sempre muito crescidos, muito bem encaracolados, rebrilhantes de graxa ou vaselina. Que o resto...

Enquanto esperam pela escassa freguesia, estão eles em francas gargalhadas, aos empurrões, aos socos, berrando alto, soltando dichotes, às vezes em correrias pelo Largo, a derrubarem-se uns aos outros, pisando transeuntes e até os próprios animais, a ponto de chamar a atenção da polícia. Ninguém se espante com o caso, porque os homens se recreiam. Tudo aquilo é *piada*. Pra rir. Pois! Pra gozar... Então! Cada cocheiro tem um apelido. Um é o *Sarrapatilha*, outro é o *Manuel da Latada*, mais o outro é o *Agostinho-vai-te-com-ela*.

Berra o *Sarrapatilha*, de se ouvir na parte extrema do Largo, onde está a Secretaria da Justiça:

– Ó Misarela – o que vai com a negra de trunfa e manta – olha: toma uma pra ti, outra pra ela!

Gargalhadas altas, ensurdecedoras. E todos:

– Ó Misarela!

Por vezes, quando a alvoroço dos tilbureiros é grande, na linha do Largo que avança para as bandas da Rua da Constituição, em meio às lojas, todas abertas, iluminadas, cheias de fregueses até dez horas da noite, vem à porta do seu famoso estabelecimento o *Manuel da Cera*,

figura das mais populares do lugar. Vem ver, sentir o estardalhaço “dos rapazes”, como ele diz, em mangas de camisa, gordote, baixote, a medalha dos brilhantes a ofuscar a iluminação da praça... Sorri com bonomia, dá a sua volta ao bigode:

– Pagodeiras! Maroteiras! A rapaziada diverte-se!

Os animais dos tílburis, por vezes, também se divertem, dando fortes patadas no pedregulho das calçadas, sacudindo as caudas ramalhudas, aos relinchos, meneando de um para outro lado, o focinho embiocado no couro de vastíssimos antolhos... Divertimento geral...

De repente, um reboliço pelo ponto de estacionamento das carruagens, correria estouvada de cocheiros, cada qual a trepar para o seu carro, berrando todos de uma só maneira:

– Aqui! Aqui! Aqui!

E os veículos que partem numa arremetida louca, em fúria, sobre um vulto do que se pensa ser o de um freguês que vai precisar de tílburis!

O homem, porém, que sobrevive à ofensiva, num círculo de rodas, de varais e de capotas, um tanto comovido, consegue explicar, então. O que deseja não é carro, é informe. É de Minas, conta. Acaba de chegar. E quer saber para que lado fica um Largo que se chama do Rossio.

Há um desgosto geral, um rodar enfadado e lento de carruagens que recuam. Depois, um silêncio meio hostil. Mas sempre uma alma generosa surge, que, finalmente, o informa.

– Pois o Rossio é este mesmo largo, onde você está, *ó sua besta!*

O homem sorri do propósito. Surpreende-se com tanta amabilidade. Espanta-se. Mas fica sabendo onde é o Largo.

Pela época, com efeito, pouca gente vale-se de tílburis. Se são caros! São, na verdade, caríssimos. Valem-se de tais veículos, apenas, os que estão muito apressados, os médicos, os que têm negócios urgentíssimos a tratar, os milionários e, por vezes, os loucos.

Cai um pouco de treva. A agitação da praça diminui. O relógio da torre de S. Francisco, próximo, bate, pausadamente, sete horas.

Ouvem-se vozes, berros, gritos, assobios, que vêm, num coro escandaloso, dos lados da Travessa Silva Jardim e, logo, a figura macabra

de um homem de cabelo em pé, olho trágico, a correr como um doido, perseguido por um bando composto de atrevidos garotos. Traz ele, na mão, um varapau enorme, em cuja extremidade superior há uma porção metálica que faúlha.

Ouvem-se então, distintamente, os gritos:

– Ó Profeta! Olha, o Diabo! Mostra-lhe a Cruz!

É o acendedor de lampião que, sob a surriada de vadios, faz léguas, a correr. Diante de cada combustor, serenamente, pára, enfia o varapau numa fenda da lâmpada e acende o bico de gás. Quando parte, o coro de vozes insiste, de novo, a persegui-lo:

– Profeta! Olha o Diabo! Olha a Cruz!



O tilburi
Desenho de Armando Pacheco

O homem, porém, não leva a sério a gritaria. Lá uma vez ou outra é que se volta ou pára, avançando, a ameaçar os vultos que o acuam. Não porque lhe gritem, tão-somente porque lhe atiram bolas de terra, lascas de pau ou pedra.



Ator Dias Braga
Desenho de Renato

É tradição no Rio de Janeiro essa pilhéria de mau-gosto, feito ao pobre acendedor de lampiões, um homem que recebe da *Societé Anonime du Gaz* uma miséria, e que vive a arrebrantar-se, sem glória, sem estímulo, pelas ruas da cidade, a correr, a correr, léguas e léguas, isso por um tempo em que não se fala nem se glorifica entre nós o campeão da corrida a pé...

A praça toda está iluminada. A praça, as lojas, as lanternas dos tálburis e até as das caleças que fazem ponto junto à porta do Mangine.

Iluminam-se as gambiarras do *Moulin Rouge* e do São Pedro. Os guichês dos teatros começam a vender bilhetes. Os cambistas fazem a ronda dos guichês.

– Tenho aqui uma excelente cadeira bem junto à porta, ao centro... Compre-ma que é a última...

O espectador, que toma a oferta como recomendação, compra e paga o que lhe pedem, como câmbio; à hora do espetáculo, porém, quando se vai sentar e vê aquilo que comprou, desanda aos berros. Protesta. Vai ao que lhe vendeu, porque a cadeira não é a última da mão do cambista, mas a última na sua colocação dentro do teatro.

E o outro, tapando-lhe a boca, com a verdade:

– Vendi o que lhe oferecia: uma cadeira ao centro, bem junto à porta, a *última*, última como colocação na platéia...

E, por um mal-entendido, a coisa passa.

Foram grandes cambistas desse tempo, entre muitos, Celestino Silva (depois empresário), Juca Florista e o famoso Luís Braga, feito, antes de morrer, Visconde de S. Luís de Braga...

Conta-se que a este, quando lhe perguntavam, isso no fim de sua árdua e venturosa carreira:

– Por que não te fazes comendador?

Respondia sempre:

– Porque sei ler e escrever! Comigo é só de barão para cima.

E foi, realmente, Visconde. Morreu rico e importante, dono de um solar, e com biografia e necrológio no *Comércio do Porto*. Sabia ler e escrever! No necrológio famoso mencionava-lhe a prenda...

Das oito às oito e meia o Largo inteiro se agita. O povo começa a invadir os teatros. Na charutaria que está junto ao *Moulin Rouge*, a do João de Figueiredo, líderes das pateadas, amigo incondicional de todos os artistas, começam os bate-bocas, as discussões sobre a veia cômica do Brandão, as tiradas melodramáticas do Dias Braga ou as graças femininas da Pepa, da Manarezzi ou da Delorme.

Quando não vai representar para os teatros, em meio a essa gente que gralha mais do que compra cigarros ou charutos, está o Eugênio Magalhães, estão o Areias, o Peixoto, o Brandão...

Do outro lado, na esquina da Rua Sete, é que fica o charuteiro Madruga, em cuja loja se reúnem os atores que organizam os famosos *tiros*, espetáculos que se fazem para explorar o sentimento patriótico da colônia portuguesa, com peças como *Os dois proscritos* ou *A restauração de Portugal em 1640*, *Honra e Glória*, para não citar outras.

Mais adiante da charutaria do Madruga fica o restaurante Mangine, e, perto, no canto da Rua do Sacramento (ainda não se abriu a Avenida Passos), o Criterium, café então considerado o melhor do lugar, e a Maison Desiré, na esquina da Travessa Silva Jardim. Tudo isso iluminado, sem contar as lojas que estão abertas, até as dez horas da noite, dá ao logradouro uma animação só comparável à das grandes cidades.

Às 10½, de novo, agitação pela Praça, confusão de vozes, gritos, brados, cantigas, e os cafés, e as casas de diversões, apinhando-se de gente. Hora da caixeirada, que, com alarde, atira-se na rua e está buscando os centros da alegria e de palestra. Hora em que se começa a cear, a merendar, no restaurante, no café, no bar ou na casa de pasto.

Enquanto não acabam os teatros, demos uma saltada à Rua do Espírito Santo, perto, ainda muita estreita, cheirando a fígado frito e a gordura de porco, com a excrescência do Recreio Dramático, ao fundo, de gambiarras acesas, mostrando cartazes muito mal pintados, a anunciar:

A INANA

Revista de Moreira Sampaio

Às 8½ (estão suspensas as entradas por favor)

A vida dessa rua, em grande parte, deve-se, diga-se de passagem, aos restaurantes onde se vendem iscas, casas de comer de terceira ordem, e que afixam, pelas portas, cartazes, mais ou menos redigidos desta maneira:



O acendedor de lampiões
Desenho de Armando Pacheco

ISCAS COM ELAS OU SEM ELAS, BACALHAU À
PORTUGUESA, FAIÕES, TRIPAS À MODA DO PORTO, BIFES
DE FRIGIDEIRA, AO GOSTO DO FREGUÊS.
VINHO DO MELHORE

O povo sempre chamou a esse modesto restaurante, curiosíssimo no gênero, *casa de pasto* ou *fregue-mosca*, embora o ingênuo, muita vez, o conheça por *casa de petisqueiras*. Ainda é o manhoso negócio, em 1901, o mesmo que era nos tempos coloniais: um antro de espurcícia e maus odores, regalo, no entanto, do que não sabe a gente, se evolui do porco, para o homem, ou do homem para o porco.

De ver os interiores desses laboratórios de infecções intestinais, com as suas cozinhas enegrecidas pela fumaça, acionadas a lenha bruta ou a carvão de coque, verdadeiras fornalhas contendo fornos, sempre sob a pressão de um calor formidando, covas sinistras onde se agitam homens nus da cintura para cima, que lembram chafarizes a vaziar, de corpos imundos, suor e humores por sobre o mantimento que trabalham. No solo estercoroso estão amontoadas as carnes, os legumes, as especiarias, de envolta com as varreduras em decomposição, o pó de carvão-de-pedra, estilhaços de lenha, panelas, caldeirões, grelhas, caçarolas, vasilhame que nunca foi lavado, como nunca se lavou o alimento que é destinado a ir ao fogo, que o lema na casa é este: *lavou-estragou*, que sai do bestunto do cozinheiro, um homenzinho que se julga a criatura mais asseada do mundo, só porque vive a lavar-se em suor, o dia inteiro...

Há para o enxugo dos corpos suarentos uma toalha de pêlo, que, quando calha, é a que limpa, na beirada dos pratos que vão para a mesa, a mancha dos molhos que extravasam, e onde – oh! ignomínia – muitas vezes são mugidos os fluxos nasais dos que, no trabalho, se endefluxam.

Desse chiqueiro infecto, ainda não visitado pela Saúde Pública, é que sai a petisqueira supimpa, que é servida na sala do refeitório, sobre toalhas enodoadas de vinho, com manchas de gordura, a estalos de língua, a uma freguesia que exalta, com entusiasmo, o pitéu, atirando, às goelas alegradas, goles do bom verdasco:

– Isso é que é o que se pode chamar um *senhor caldo de untos!*



O guarda noturno
Desenho de Armando Pacheco

O grande prato da casa, porém, a essa hora da noite, é a isca, o fígado de boi grelhado ou frito em banha de porco.

Para atrair a freguesia, vem para a porta da rua um fogareiro de carvão, onde se frita ou onde se grelha a víscera do boi. Um ajudante da cozinha, armado de uma colher de cabo ou de um tridente de enormes dimensões, assa o alimento anunciando:

– Iscas com elas e sem elas, especiais, estão cheirando!...

Sem elas são as iscas que se servem sem batatas ou cebolas, simplesmente grelhadas, porque as outras, as que se fritam, levam batatas, levam cebolas ou até cebolas e batatas, juntamente.

O olor do fígado frito sai do fregue e desembesta pela rua afora, indo agarrar, pelo nariz, o freguês longe, até em meio à Praça Tiradentes, ou mais longe. Isso, conforme o vento...

Vem ele e abarraca. Tem sorte de não ver, em torno, o insano revoltear das moscas, que, por essa hora da noite, dormitam, em plácido repouso.

Descendo do alto teto, estão os velhos e toscos candelabros de metal onde se enroscam *habilidades* feitas em papel, habilidades essas que se revolvem e se bipartem em pendões que por sua vez se espalham como raios de um candelabro para outro, ou para os quatro ângulos da sala. Durante o dia o papel pode ser branco, azul, creme ou cor-de-rosa. À noite é rigorosamente preto, tal o enxame de moscas que por sobre ele vem pousar, fora os insultos fisiológicos que as mesmas vão deixando por essas horas de repouso.

Uma folhinha de ano e uns reclames de vinhos portugueses completam a decoração do achamboado fregue.

Chega o caixeiro para cantar a lista. A casa, em geral, não tem, jamais, *menu* escrito, porque não tem freguês letrado. Canta, por isso, o caixeiro, o que há como cardápio, arrancando à memória (porque também ele é analfabeto), o nome das iguarias que viu fazer ou sabe que se preparam na cozinha.

– Temos: caldo verde, caldo de untos, caldo de tutanos...

Por vezes, a memória do funcionário falece, e ele cita um prato da véspera, que na hora não existe, mas que o freguês, por acaso, logo escolhe:

– Dê-me esse frango à cabidela...

Grita o caixeiro para dentro, aos homens da cozinha:

– Salta cabidela para um!

O homem que o ouve, lá dentro, no âmago da fornalha, salva-o, porém, com elegância, abemolando a explícita resposta:

– Não... tem mais!...

Uma vez ou outra, quando o cliente é de certa qualidade, ou cheira a distinção, o caixeiro, por esperteza, dando importância à casa, mete na *cantiga* pratos finíssimos, que nunca o freguês seria capaz de preparar. Pede-o o ignorante freguês. Cinicamente grita o caixeiro, logo, para a cozinha:

– Salta um p'ru de caçarola, estufado com nozes!

E o homem de dentro, que compreende o alcance do pedido, dando a impressão de que o peru tinha tido uma extração enorme:

– Não... tem mais!

Da lista cantada fazem-se especialistas certos garçons. Ótimos cantadores são os que anunciam rapidamente, não sem pôr um *respiro*, que é assim como quem diz uma pausa, entre as iguarias anunciadas. Exemplo:

– Temos iscas, com elas ou sem elas – batatas ou cebolas fritas na banha e feitas à minuta (pausa). Temos um bacalhau assado na brasa, do gordo, do melhor, do especial (outra pausa). Temos paios de Lamego, coelho à Porcalhota...

Na hora da conta, que se chama a *madrasta*, o caixeiro justifica-a em voz alta:

– São dois de pão, um de azeitonas, quatro de bacalhau, quatro das iscas, seis de vinho e um de banana. Logo a soma (mas em voz baixa): Vinte tostões.

O freguês, que conhece a matemática dos freges e as manhas dos seus garçons, pensa um pouco, calcula e retifica:

– Alto lá, vinte, não, são dezoito...

– Ou isso, diz naturalmente o esperto funcionário do estabelecimento, useiro e vezeiro nesses erros de soma, com os quais engorda e alarga a bolsa das gorjetas...

O homem que canta a lista tem dois dedos de testa, um bigode armado em arvoredos de zebu, calça tamancos e fede a urina de gato. Enquanto canta tem os olhos no teto e está metendo o dedo no alforje do nariz, se não está esgaravando a impingem das virilhas.

O freguês escolhe, por acaso, um bacalhau com arroz?

Assim o reclama o funcionário da *sala*, ao funcionário da fumaça (cozinha).

– Sai uma *espinha*, acompanha um chinês!

É uma gíria de restaurante que ainda não se perdeu de todo. Chama-se, ainda hoje, ao bacalhau, *espinha* e *chinês*, ao arroz. Um bife com ovo em cima, é um bife com um ovo-a-cavalo (essa expressão de gíria passou aos restaurantes de certa categoria, e também ficou). *Costela-de-padre* é a costeleta de porco, *roupa-velha* – carne-seca, a que ficou de um dia para o outro, desfiada.

Certas expressões do calão culinário ainda existem até hoje: *Está andando*, que é como quem diz *está sendo preparado o que foi pedido*, expressão que, por vezes, é substituída por esta: *Está na mão do artista*. *Salta, tira*, o mesmo que – dê-me. Ou mande. *Carregar no entulho* é encher o prato com o molho ou qualquer outra coisa que a ele se mistura. *Carregar*, simplesmente, é acrescentar, aumentar.



A carroça de lixo
Autor desconhecido

A propósito, uma história desse tempo, em que entram dois pintores, Artur Timóteo da Costa e Hélios Seelinger, ambos, entre nós, bastante conhecidos, isso, por uma época de muita mocidade e pouquíssimo dinheiro.

Convidado para almoçar pelo pintor Hélios, foi Timóteo da Costa parar ao “Zé dos Bifes”, casa de petisqueiras, modesto restaurante de boêmios, que existiu na Rua da Carioca, logo ao nascer deste século.

Honrando a freguesia, vem “Zé” em pessoa, *cantar* a lista e servi-los.

Hélios, num gesto, diz, logo, ao homem, que não a cante. E pede um bife com cebolas e batatas. Um!

– Isso para o Senhor Hélios, fala-lhe o “Zé” amável; e para o seu amigo?

– Ele espera, caro “Zé”, retruca-lhe Hélios. E num tom melífluo: Olhe, já que ainda não foi encomendado o prato, recomende aos da cozinha para carregar na cebola do bife.

– Perfeitamente, Sr. Hélios, um bife com batata, carregadinho na cebola.

Ja sair, para pedir a prato desejado, quando Hélios ainda lhe diz, malicioso:

– “Zé” amigo, ouça cá, penso que talvez você possa mandar carregar, também, um pouco, na batata. Se nisso não vai abuso.

E “Zé”:

– Carregar, então, nas cebolas e nas batatas. E com um gesto de complacência:

– Faz-se!

Não tinha o dono do restaurante dado dois passos, quando o chama de novo o pintor, agora, embriagado num singular sorriso:



Artur Timóteo
Desenho de Marques Júnior

– Querido “Zé”, amigo “Zé” mas... esquecia-me... Olhe cá, já que você, tão amavelmente, mandou que se carregue na cebola e na batata, “Zé” do meu coração, do coração de todos nós, não pode você, também, mandar que se carregue na carne desse bife?

Amigo Zé soltou uma vasta e sonora gargalhada. E quando trouxe o prato, com a carne, trouxe logo o talher para o Timóteo, não sem dizer:



Palacete Guanabara antes de sua transformação
Desenho de Armando Pacheco

– Vá por quatro o que se paga oito em qualquer parte.

Na verdade o bife que custava quatro tostões foi o almoço dos dois boêmios nessa manhã feliz, mesmo porque, de outra forma, não poderia ser. Hélios não trazia mais de quatrocentos-réis no bolso.

“Zé dos Bifes” foi uma figura bastante conhecida das rodas boêmias do começo do século. Cerrou as portas, entanto, certo dia (em 1903?) devendo à praça. Tinha que ser assim.

Montou, depois, na Rua da Alfândega, outro restaurante, *Planeta do Destino*, já de categoria melhor e aonde iam, além dos boêmios que tinham vindo como freguesia da Rua da Carioca, estudantes, rapazes do comércio e funcionários públicos. Quebrou também.

Encontro-me, uma vez, com o amigo Zé, na Rua do Carmo, todo amarrado dentro de uma dessas sobrecasacas que foram, ao mesmo tempo, importância e tortura no começo do século, um rolo de papéis debaixo do braço, suando em bicas. Abraçou-me com carinho, recordou a Rua da Carioca, o *Planeta*, a sua mania de fiados e os calotes que levava.

E que calotes!

– E nunca mais, já agora, pensarás em restaurantes, ó Zé? – perguntei-lhe.

E ele me respondeu:

– Ao contrário. Inauguro um, no dia 2 do mês próximo, à Rua de S. Pedro, perto da Prefeitura. Até vou lhe dar um cartão.

Remexeu nos bolsos da sobrecasaca, suarento, importante, e afinal acabou arrancando ao fundo da algibeira o anúncio do novo estabelecimento, que por sinal começava assim: *Hotel Novos Horizontes...*

Soube, depois, que o título lhe havia sido sugerido por Camerino Rocha, que acrescentara, num parênteses, que o “Zé-dos-Bifes” achou de bom aviso suprimir no cartão: *nome que é o programa de um homem que já foi dono de dois e conhece hoje, melhor que ninguém, negócio e freguesia...*

Contra a prosperidade dos negócios de “Zé”, sempre trabalhavam dois elementos poderosíssimos: o seu coração bem português, de um lado, e do outro lado a sua dilatada admiração pelos homens de espírito.

Em 1928, “Zé-dos-Bifes” ainda vivia, pois vi-o nos subúrbios desta capital, muito velho, muito alquebrado, de óculos negros, levado,

pela mão de uma netinha. Falei-lhe. Sorriu com indiferença. Deu-me a impressão de que não se lembrava mais de mim, nem de muitos dos nossos. A visão perfeita de um homem devorado por uma esclerose cerebral. Comovi-me, profundamente, como me comovo sempre que rejejo ou que evoco dias felizes que foram e não voltarão mais.

Pobre “Zé-dos-Bifes”!

Fecham os teatros à meia-noite; no entanto, os restaurantes, os cafés e os bares continuam ainda abertos até uma hora da manhã. O grande movimento do Largo cessa muito depois dessa hora, que é a dos últimos bêbados que, das casas onde se embebedam, são atirados à calçada, embora sem se conformarem com a violência da medida, nem com a lei que regula o fechamento das portas do comércio da cidade, privando-os de beber. Fecham-se as portas; porém, eles, os bêbados – é da pragmática – ficam ainda, por muito tempo, recalcitrantes, teimosos, rondando, em torno às mesmas, como mariposas, ao redor da luz, não raro aos berros, aos gritos, protestando, a espreitar pelos buracos das fechaduras, descobrindo as luzes interiores que ainda não se apagaram de todo.

– Abra esta porta, miserável! Paguei, com o meu dinheiro, o que bebi! Quero beber mais! Miserável, você não pode pôr assim, no meio da rua, um freguês como eu! Abra essa poorta!

É nessa altura que aparece, sem a gente saber, afinal, de onde, um sorriso à flor dos lábios, a típica figura do guarda-noturno da zona, o *morego*, das mais cômicas e das mais características de toda essa cidade, pelo tempo.

Nas horas mortas
Apalpa as portas...
Nada mais tendo que apalpar.

Versos da revista *Forrobodó*, de Luís Peixoto e Carlos Bitencourt.

É uma criatura, o homem, em geral, velho, vezes até com setenta anos, cheio de acha-



Ator Peixoto
Desenho de Marques Júnior



Celestino Sila
Desenho de Marques Júnior

ques e com um emprego durante o dia, de contínuo no Tesouro ou de operário nas oficinas da Central ou do Arsenal de Marinha, onde labora, coitado, de sol a sol. Veste um uniforme de brim pardo, capaz de servir a dois, no comprimento ou na largura, franzido na cinta por um largo boldrié de couro, de onde pende um espadagão enorme e quase sempre enferrujado. O boné, quando não é calçado a papel, desce-lhe até as orelhas. Numa fita estreita, pendente como um escapulário do pescoço, o apito de socorro. Traz no estojo do revólver, posto bem em evidência, ao invés de arma, uma bolsa de fumo e uma caixa de fósforos.



Hélio Seelinger
Desenho de Gil

Na hora da encrenca, não se aperta. Se não pode sair dela, sem ser visto (o que às vezes acontece) mete o apito na boca e sopra. Não socorre, mas chama por socorro. E enquanto este não chega, fica apitando, apitando...

O esforço, como se vê, não é extraordinário, mas é preciso saber: o infeliz ganha somente 30\$ por mês: É velho e sofre de reumatismo...

Ele mesmo diz, arrastando os pés, o cigarro dependurado ao canto da boca, após explicar como se bateu, em 1865, nos Campos do Paraguai:

– Afinal de contas, eu estou aqui para rondar, não estou aqui para prender.

E tem carradas de razão. Um guarda-noturno tem sempre razão. Razão até quando dorme. Um deles, que eu fui encontrar roncando certa vez, em hora de rondar, na moldura de um vão de porta, disse-me, embora um tanto constrangido:

– Não durmo, não *seu* doutor. Cochilo. O ouvido é bom. E mesmo que dormisse? Velho tem sono leve...

Coitado, trabalhava de sol a sol. Saindo do emprego às 6 horas da tarde chegava a casa, nos subúrbios, às sete, para fazer o jantar dele, de dois filhos e de três sobrinhos, menores de dez anos, para recomçar o trabalho da ronda às 10 da noite. Um inferno!

E os que dormem encostados às portas e às paredes, tendo, antes, o cuidado de virar de costas o chanfallo a fim de que não o roubem?

Ser amável, inofensivo e simpático. Para espantar tico-ticos e pardais nas hortas, toma-se de um pau em cruz, alto, veste-se nele um paletó e põe-se na parte superior um velho chapéu furado. Salva-se com isso todo o milharal. O guarda-noturno da zona está para o malfeitor como esse espantalho para os pássaros.

Tem ele, entanto, por vezes, outra utilidade:

– Sr. guarda, por favor, dê um pulo à farmácia da esquina e peça-me uma coisa capaz de abrandar-me uma cólica que me mata! Estou só em casa. Vomito! Por favor, tome lá dez tostões... Corra...

E ele lá vai, importante, quase apressado, acordar o farmacêutico, dar conta do seu serviço. Quando traz o remédio recebe o troco de gorjeta. Esplêndido negócio! São quatro tostões, para o tempo, coisa magnífica. De abençoar as cólicas do outro e de lhe dizer, assim, em forma de agradecimento:

– Deus que lhe dê, sempre, dores de barriga iguais a essa.

Largo e jardim estão completamente desertos. De resto tudo se fechou há muito tempo. Apenas, nas janelas do *Congresso dos Políticos*, desenha-se uma leve, tênue claridade que as cortinas de renda ou de cambraia das janelas apenas dissimulam. O último tîlburi levando o último bêbado do Largo, já deve estar chegando a Botafogo.

Na torre de S. Francisco ouve-se a badalada das três horas: bam! bam! bam! A cidade repousa. Dorme. Pelos sobrados, através das vidraças corridas ou das venezianas de abrir, sente-se a luz fraca e amarelada das lamparinas de azeite e adivinha-se o quadro íntimo e burguês do interior tranqüilo: o marido metido num vasto camisolão de linho, com debruns de retrós vermelho na abertura da gola, roncando, em leito com cortinados de filó, por causa dos mosquitos, e ao lado a mulher de carnes bambas, gorda, de camisola longa, passando um palmo da linha dos pés, mostrando punhos de rendas e laços de fita cor-de-rosa. Está sonhando, de boca aberta, a cabeça cheia de papelotes.

Na doçura da noite silenciosa vêm-se a praça deserta e as estrelas na altura, que cintilam. Súbito, um ruído singular, que vem de longe, um ruído manso, um chiar leve de palhas novas sobre o chão.

São os varredores da limpeza pública, varrendo o pedregulho das calçadas. É a *toilete* matutina da cidade. *Toilete* ligeira. *Toilete* do tempo.

A vassourada “pouco mais ou menos”, sem esmeros... É preciso notar que isso tudo é pelo Rio dos primeiros anos do século, antes de Passos e de Osvaldo Cruz.

Depois, um soturno rolar de roda chapeada em ferro sobre a pedra dura, num ruído melancólico, que cessa, misteriosamente, de quando em quando, para recomeçar, depois, e que, à medida que continua, vai crescendo, crescendo, até que surge o desenho precário de um veículo, a carroça do lixo, puxada por um burro manso que caminha a passo tardo, tendo por acólito um sujeito que traz na mão esquerda uma vassoura curta e, na outra, uma pá enorme.

É quando se ouve a voz do capataz que comanda o grupo dos varredores:

– A turma sai da calçada e ataca o centro!

As vassouras ao ombro, os varredores tranqüilos caminham, obedecendo à orientação.

O da carroça, por sua vez, comanda o burro:

– Pára! Que é como quem diz a um colega – Faça o favor de parar um pouco, enquanto eu apanho, aqui, o lixo da calçada...

Quando cessa o ruído da carroça, o burro, pachorrentamente, fica de orelha em pé, atento e sábio, esperando pela ordem nova, que não tarda:

– Ôôô – Esse ôôô! é uma expressão que se traduz pouco mais ou menos assim: – Colega, pode puxar agora. Eia! A caminho, avante!

De resto, esse homem e esse burro, que se compreendem e se completam, em alguns conjuntos do gênero, formam como que um todo só, na personalidade. E é assim, que, mal o carroceiro põe, na carroça, o lixo, muitas vezes, parte logo, adivinhando a ordem, o burrinho que somente estaca quando vê a varredura em monte, posta adiante, à sua frente. E o manejo, assim, vai-se automaticamente repetindo. De qualquer maneira o solípede avisado desmente as tradições da raça, prova que é inteligente e um funcionário com várias superioridades sobre o outro, o carroceiro. Não falta nunca ao ponto, não se queixa das ordens de serviço e, o que é melhor, não pede aumento de ordenado... O que lhe dão, aceita, sem protesto.

Inteligente, pontual, solícito e discreto, é um burocrata completo, funcionário perfeito. Trabalha. Não sabe o que sejam reivindicações de classe, e, além disso, greve... O mais que faz, quando o fatigam muito, é sacudir a concha das orelhas, com rompante, mover, nervosamente, a cauda; mas, se o carroceiro comanda: – Ôôôô!, disciplinado e manso, continua o labor, pacatamente... Funcionário exemplar!



.....

Capítulo 6

Rua da Misericórdia

RUA DA MISERICÓRDIA E ADJACÊNCIAS – SEUS MORADORES – TIPOS CURIOSOS – O HOMEM DOS SETE INSTRUMENTOS – O VENDEDOR DE MODINHAS – CIGANAS – RECORDAÇÕES DA PRINCESA MATILDE – A MULATA ESTEFÂNIA – A “FUMERIE” DO CHIM AFONSO – A HORA DO AMOR E DA FACA

AS RUELAS que se multiplicam para os lados da Misericórdia: Cotovelo, Fidalga, Ferreiros, Música, Moura e Batalha, estreitas, com pouco mais de metro e meio de largura, são sulcos tenebrosos que cheiram mal. Cheiram a mofo, a pau-de-galinheiro, a sardinha frita e suor humano. O bairro é velho e miserável, remanescente de um casario que foi, entanto, o da melhor nobreza, pelos tempos dos Governadores Duarte Gouveia Vasques ou Salvador Pereira, aí pelo ano de mil seiscentos e tantos. Pifios sobradões expondo frontarias onde a cal branca dos rebocos mostra-se grisalha; paredes descascando roidas pela implacável lepra dos tempos, o pedregulho e o tijolame à mostra, telhados suando a lentura verde dos limos ou esbranquiçados, nos beirais, pelo brotar de cogumelos, telhas de canal partidas ou desbeijadas. Casas, enfim, onde a gente adivinha, em fundos apodrecidos, pela umidade e

pelos anos, gatarrões hercúleos e cães violentos, todos em fúria, a despedaçar ratazanas colossais, quase tão grandes como carneiros! Prédios que há quase um século não recebem uma só mão de tinta, um pequeno conserto na esquadria cumba e estalada pela idade, nos vidros partidos que se vêem remendados por imundos pedaços de papel, nas sacadas, mostrando ferros retorcidos e corrimãos covos pela ação destruidora do cupim. Tudo isso anda a pedir, aos berros, picareta, fogo ou terremoto.

Surgindo dos balcões gradeados ou dos parapeitos das janelas, trapos a secar que o vento enfuna e balança: saias, camisas, meias e outras peças de roupa, postas por sobre cordas ou arames esticados à força de bambus.

Atrás desses biombos que esvoaçam, alvissareiros, no ar, a vida humilde dos que nada têm, dos miseráveis e dos pobrezinhos... Moçoilas pálidas, com travessas de celulóide à cabeça, calçando tamancas de pau, trajando vestidinhos desbotados de chita, que cantam o:

“Perdão Emilia
Se roubei-te a vida...”

Rapazes de ar franzino, curvos, em mangas de camisa, de barba por fazer, à espera de empregos que não sobem andares de casas de cômodos, repinicando violas desafinadas ou ajeitando, em microscópicos espelhos, uma enorme pasta que então se usa derrubada sobre o olho triste. Vezes, entre essa nota de pobre *coquetterie* e de lirismo, o bate-boca infalível da gentilha, indo de sacada a sacada, num vocabulário torpe; ásperas tiradas que as crianças curiosas aprendem e que fazem sorrir os meganhas da polícia que, embaixo, cruzam, de barretinas derreadas no cangote, filosoficamente chupando charutos de dois vinténs.

– Desce para a rua, ó, ladra de uma figa, para ver só como eu te amarroto essa cara sem vergonha!

E, logo, a resposta:

– Era o que faltava eu me misturar com tipas de sua laia, grande burra! Não me faz medo, você, nem o rufião de seu marido. Não tenho medo. Tome!

Por vezes, num parapeito de janela, como a claridade de um sorriso, um vaso onde viçam flores, uma persiana de cassa branca compondo a vidraça de correr, e, atrás dela, um rosto virginal, indiferente ou

triste, olhando a ruela que enxameia e que barulha. Nas calçadas, tipos andrajosos, guris desbocados e sujos, aumentando o trânsito e o ruído da betesga, aos berros, correndo, saltando de envolta com os cães vadios que ladram, com os ambulantes que passam soltando os seus pregões, aos que melhor se vestem, de mão sempre aberta, a implorar o vintenzinho para comprar puxa-puxa. Na venda da esquina que olha para outra ruela torva, o *maduro* assobia. E para as bandas do mar, longe, espaçados apitos de lanchas, de barcas que vão para a Praia Grande e de paquetes a partir. O quadro da viela, porém, agrada. É divertido. É pitoresco. Estrangeiros descidos no Cais Pharoux, corajosos ingleses, dos poucos que aqui descem, de roupa de xadrez, boné de pala e binóculo a tiracolo, indiferentes aos perigos da febre amarela, perdidos nesse dédalo miserável e rumoroso, param satisfeitos e divertidos. Fazem indagações. Tiram do fundo de duras bolsas de couro máquinas fotográficas... É a Suburra carioca, bazar risonho e colorido da miséria. Por que não fotografá-lo e retê-lo?



O homem dos sete instrumentos
Desenho de Raul

Novidade de uns trinta anos atrás, que ainda provoca sucesso e espanto. O musicista é um italiano de bigode e pêra à Vítor Emanuel, dentro de uma roupa de belbute cor-de-abóbora, rubro e envernizado de suor.



Rua da Misericórdia
Autor desconhecido

Outras vezes é o homem do fonógrafo, que arma um banco-xis, pondo sobre o mesmo a caixa da recente invenção, que a criançada, curiosa, rodeia. Ainda é imperfeitíssimo, o instrumento. E fraco. O som ainda se arrasta aos chios, anasalado e incerto. Não obstante, a gurizada por ele delira, boquiaberta, gozando a modernice.

- Toca sozinho!
- “Que nada”!
- Toca!



“Camisa Preta”
Desenho de Armando Pacheco

A música sempre interessou à plebe, música alegre ou triste, certa ou desafinada. Por isso os ambulantes da solfa são infalíveis na Travessa. O homem do realejo e do macaco não perde o tempo, quando por aí passa. E passa diariamente. Outro que nunca falta é o cego Saldanha, figura conhecida da cidade, baixo, rotundo e gebo, grande tocador de guitarra.

Meu Senhor de Matosinhos
Que é dono deste arraiale,
O mais pobre e mais catita
Que há em todo Portugale!
Dai ao Saldanha, que é cego,
Vossa ajuda, sem iguale.

Diz isso com os olhos cheios de pus, pregados nas sacadas de corda, por onde espiam através da traparia que esvoaça, mulheres gordas de lenço à cabeça e grandes argolas de metal dependuradas nas orelhas. Abrem-se os corações. Abrem-se as bolsas. Começam a tinir, no lajedo da calçada, as moedas de cobre. Apanha-as um molecote quase preto, que serve de guia ao cego e que deve, no mínimo, roubar-lhe, diariamente, a metade da fêria.

O grande sucesso do quarteirão, no entanto, é o Pedrinho do Largo, vendedor de modinhas, mulato sarará, que veste roupa de brim-d’Angola, sapato de corda e chapéu três-pancadas, com aba tapando o olho esquerdo, um olho bambo, sensual, que ele, por vezes, atira às janelas onde há raparigas que se dependuram, perguntando:

- Tem a modinha do *Olá*, “*seu*” *Nicolau*, *você quer mingau?*

E, logo, o mestiço pernóstico, pegando a deixa, com a sua voz esganiçada de vendedor de sorvete, respondendo, de chofre:

“Mingau não quero,
Eu quero é amor!”...

Traz debaixo do braço, em pacotes, nos bolsos e nas mãos, as obras-primas do repertório de modinhas nacionais. Não as apreço, porém, pelos títulos, canta-as:

“Quisera amar-te mas não posso, Elvira,
Porque gelado trago o peito meu,
Não me crimines que não sou culpado,
Amor, no mundo, para mim, morreu.”

Ou então:

“Nasci, como nasce qualquer vagomestre,
Não sei quem foram ou quem sejam meus pais,
Vivo nas tabernas, ao som das violas,
Pesco de linha na beira do cais!”

Quando Pedrinho do Largo canta no beco, as sacadas de ferro transbordam de moradores, de interesse, de alegria e de emoção.

Olhem à entrada da rua, silencioso, ouvindo o mulato que canta, respeitando-lhe a voz e o comércio, o homem do passarinho, que chegou para vender a *boa sorte*, e encher-se de alguns cobres. Como atributo de seu negócio, mostra uma espécie de plataforma erguida sobre um pau, uma gaiola cheia de canários tristes e, em face à porta da mesma, uma caixeta onde se arregimentam vários papeizinhos dobrados e em cujas dobradas, colados a goma-arábica, estão grãos de cevada e de alpiste. Os pobres pássaros trabalham movidos pela fome. Quando o homem que os explora vai servir a um freguês, levanta a porta da gaiola e deixa escapar um canário.

O esfomeadozinho avança logo para a caixeta onde estão as sortes e onde se cola o alimento que lhe prometem. Atira-se a bicadas, tentando comê-lo. É nesse momento que ele arranca um dos papeluchos



Outro aspecto da Rua da Misericórdia
Desenho de Armando Pacheco

da caixeta, embora sem conseguir arrancar o alpiste ou a cevada que nele pôs a mão do explorador. A sorte é, quase sempre, em verso:

Tu terás que ser feliz
Espera pelo teu dia
Que ele não tarda a chegar.
Assim será. Deus o quis
Terás dinheiro, alegria
Na terra, como no mar.
Espera pelo teu dia.

Enquanto não chega o dia o homem do passarinho vai engordando a bolsa da fêria e emagrecendo, cada vez mais, o passaredo de seu comércio.

No local, esse desvendador do Destino, tem por concorrentes as ciganas coloridas, que andam sempre em bandos de três a quatro, como ainda hoje, lendo o passado e o futuro pelas linhas das mãos.

– *Dá para mim uma moeda de dois tostões. Põe sorte pra você. Dinheiro bendito. Santo do céu. Diz sorte de vida. Diz presente, passado, diz futuro. Boa sorte para você. Sua família. Bota primeiro sua dinheiro na minha mão.*

Meninas casadouras descem de andares altíssimos, fazendo bulha com as tamancas, o ferro de engomar na mão, estouvadas e alegres, para que a cigana lhes conte, mais uma vez, o fado que hão de ter. E o que ouvem é uma repetição do que as espertalhonas vivem dizendo sempre, por toda a parte, a todas as que se querem casar e têm noivo ou que noivo não têm.

– *Namorado bonito. Você gosta dele e ele gosta de você. Mas tem uma que não gosta de você. E ele gosta dela. Põe outros dois tostões na minha mão e eu faz ele casar com você e não gostar mais dela...*

Os que acreditam nesses sortilégios vão à casa da mulata Estefânia, ao Largo da Batalha, onde o Destino se lê de todas as formas.

A cidade, do centro ao mais distante arrabalde ou subúrbio, transborda dessas sacerdotisas do futuro, capazes,



*Beco da Fidalga
Desenho de Armando Pacheco*

como se inculcam, de modificar a própria fatalidade, contrariando, assim posto, a morte, afastando a desgraça, impedindo males aparentemente fatais, só porque foram traçados pela vontade de Deus... Dão-se à prática da cartomancia, da grafologia, da quiromancia, da magia branca ou preta e várias outras espécies de feitiçarias. Há, por exemplo, entre elas, uma que os intelectuais da terra, com João do Rio à frente, conhecem por *Princesa Matilde Mora* à Rua Santo Amaro, onde recebe às sextas-feiras. Seu marido é um excelente homem, que acha sempre muita graça nas excentricidades da mulher, muito cheio de vocação pelo seu comércio, pé-de-boi em sua loja, infeliz que quase morre de desgosto quando, em 1903 ou 4, o pintor Hélios Seelinger, que obtém, então, pela Escola Nacional de Belas-Artes, o seu prêmio de viagem à Europa, numa cabeçada deplorável, rapta-lhe a madama, com ela indo viver em Paris.

“Princesa” Matilde é uma mulher de todos os diabos, que desdenha as sacerdotisas do seu gênero, exibindo cartas que lhe escreve a famosa Madame de Thebes mostrando um retrato que foi dado com a dedicatória de Papus, dizendo-se íntima de Sar Peladan. Usa perfumes do Oriente, excêntricos berloques e traz no dedo um anel onde se desenhavam, por dentro, as fases da lua, e, por fora, todos os signos do Zodíaco. As suas sextas-feiras são concorridíssimas. Lá vão, entre outros, para discutir o Ocultismo da Índia, o Cabalismo hebraico, o Esoterismo egípcio, Swendenborg, Allan Kardec, Comte, em panaché erudito, cétricos como Gonzaga Duque, displicentes como o César de Mesquita, crédulos como Magnus Sondall, hierofante do

“E Sun pensou!
E assim falou Sin-ur!”

sempre perdido entre os monumentos da literatura da Índia, citando o *Ramaiana*, o *Maabarata*, o *Sacuntala* e os *Vedas*, um *pinça-nez* de tartaruga eternamente a resvalar pela ponta de um nariz retiforme; calculistas como o Padre Severino de Resende...

Madame Zizina é outra grande sacerdotisa do tempo. Corcunda, não possui a fascinação física, nem mesmo o brilho



Rua da Misericórdia
Desenho de Armando Pacheco

intelectual ou mundano da “Princesa” Matilde, goza, entanto, de mais sólida reputação e popularidade. Ainda há a Candoca (bruxa de São Leopoldo), uma que é alta, vesga e que, às vezes, surge na Rua do Ouvidor acompanhada de um grande cão terra-nova, de focinheira de couro e de coleira de prata; a muito conhecida Barbada, da Rua Barão de São Félix, a espanhola Ximenes (19, Rua da Prainha), a Liberata, da Rua da Alfândega, a mulata Estefânia, etc.

Por esnobismo, a mulata Estefânia interessa sobretudo aos que vivem na alta-roda. O exotismo macabro de seu antro de feiticeira, no Largo da Batalha, impressiona. A feitiçaria *smart* da “Princesa” Matilde, entre quadros Rochegrosse, móveis de estilo e tapetes do Oriente, parece suspeita. Casa de feiticeira é casa de feiticeira. Requer cenografia adequada, quadro especial, e, ao invés de luzes e frases de bom-tom, silêncio, concentração, um pouco de sombra e um pouco de mistério. O antro da mulata Estefânia, com todo o seu cabalístico conjunto, é um antro protocolar. Até chegar-se ao salãozinho onde ela nos recebe e que é forrado a cetim preto, sem o menor adorno, sem o mais leve ou fugitivo traço de decoração, onde, como peças de mobiliário, existem, apenas, duas velhas cadeiras e um *gueridon* de pinho, coberto com um pano de veludo carmesim, atravessa-se uma seqüência de corredores sinistros, de sombrias saletas, de lúgubres passagens, onde a claridade dos bicos de gás lança, pelas paredes e pelo soalho que range, as nossas sombras merencórias, que dançam, que crescem, que impressionam como se lançasse o macabro desenho de vultos apocalípticos. A mestiça é uma quarentona, pesada e feia, com o rosto largo coberto de sinais de bexigas, a grenha enorme, farta e encaracolada, a desabar-lhe pela testa, de tal forma que, quando ela põe as cartas sobre a mesa, os seus olhos se escondem além do bastidor capilar que a envolve toda, como se fosse mais uma nuvem negra na funérea negrura do aposento. É gorda e cheira a alfazema.

Quando no Largo da Batalha surge um cupê de espavento, um landau de cortinas arriadas, ou uma berlinda das que têm persiana de pau, a vizinhança rosna logo:

– Casa de feiticeira!



*Lampião a gás
Desenho de
Armando Pacheco*

E acerta. São damas da melhor sociedade, vindas de bairros elegantes como os de Botafogo e Águas Férreas, que descem das carruagens, como que às escondidas, o rosto coberto de véus espessos, ou, então, à sombra de leques amplos e emplumados. São esposas enganadas, que vão em busca do amor que lhes fugiu, mulheres que sofrem o desprezo ou a indiferença dos maridos, que há mandingas e filtros que a Estefânia conhece e propicia, capazes de prender os homens, de desmanchar paixões ilícitas, de reacender, nos corpos frios, chamas que parecem extintas; são mocinhas casadeiras que, tendo recebido promessas de casamento, vêm, ansiosas, saber se os cavalheiros “casam mesmo”; são “senhoras-donas” que sofrem de asma ou padecem do fígado, em busca do que a Medicina do tempo não lhes dá. A todos a mestiça consola, cobrando dez mil-réis pelo consolo. Nunca o Destino pareceu tão barato a essa gente que roçaga sedas, trescala a patchuli ou aglaia e dá ordens aos cocheiros de cartola e libré cor-de-cinza, falando baixo e em francês.

Os homens também freqüentam a sórdida espelunca, grossões da política, banqueiros, pessoas de responsabilidade na administração do país, membros, até, do Círculo Católico... Esses chegam mesmo a pé, corajosamente, embora venham, quase todos, das bandas que dão para Santa Luzia, em passinhos discretos e despistadores, até serem engolidos, de repente, pelo corredor da botadeira de cartas...

A hora mais comum para as consultas é à tarde, quando casario, céu e figuras que passam, se fundem, perdendo as linhas e o feitio, dentro da mesma sombra; quando ainda não se acenderam os primeiros bicos de gás da iluminação pública e só o bondezinho do *Carceller-Praça Onze*, com os seu faróis ainda apagados, cruza velozmente, a correr, a voar, atopetado de passageiros, as mulas da atrelagem sovadas pelo chicote impetuoso de cocheiros eternamente atrasados no horário.

No Beco dos Ferreiros há uma casa, a do chim Afonso, onde se toma ópio. É um sobradinho torvo, encardido, com bandeiras de vidro azul na esquadria desaprumada e feia e uma soleira de porta imunda, umedecida pelas crianças e pelos cães vadios, que nelas, muitas vezes, dormem e ressonam. Por essa porta, que é a boca de um negro corredor onde réstia de luz não entra, estreito, com assoalho podre, a vacilar sobre os barrotes, saem, por vezes, homens trôpegos, caras macilentas, tipos de ar melancólico ou imbecil. Nem parecem homens, senão

sombras, que mal se aprumam deslizando no lajedo acanhado da calçada. São fumadores de ópio, na maioria chins como o Afonso.

No começo do século as ruas da Misericórdia e Fresca, com todas as suas travessas e ruelas adjacentes, formam o quarteirão onde eles se instalam, criaturas eternamente sorridentes, maneiras e tranqüilas, que vendem peixe, camarão, sardinha, ventarolas ou cata-ventos de papel.

– *Piche, camalô! Ulha a sardinha!*

– *Tchina vinde laque, vindarola e cativenti de papel!*

Apregoam com voz mélica ou ceceosa, jogada em falsete, e andam como aves assustadas, aos saltos, aos pulinhos. Alguns, até se azucrinarem com as vaias infalíveis do moleque das ruas, ainda trazem, sobre as costas, o rabicho da tradição mongólica, quando não o escondem em rodilhas sob o fundo ensebado dos chapéus. Moram às dezenas em casas sem a menor sombra de higiene e conforto e são, quase todos, fumadores de ópio. Por isso há várias *fumeries*, que se espalham pela zona, onde os viciados podem encontrar o que se encontra pelas casas do gênero, as de ínfima ordem, claro, entre os bairros populares de Tien-Tsin, de Ning-Po ou de Xangai, na China. A casa de chim Afonso, no gênero infame, é uma instituição modelar. Não conhece a Inspetoria de Higiene Pública esse laboratório onde se aprende a morrer de mansinho, nem mesmo outros que se derramam pela vizinhança, mas a polícia avisada, bem que os conhece, porque servem eles, muitas vezes, de refúgio a vagabundos e toda a espécie de degenerados, que os psiquiatras da Praia Vermelha só então é que começam, seriamente, a estudar.

Chim Afonso nasceu na província do Pe-tcheli, tem setenta anos de idade e trinta de Brasil. É seco, é feio, é espectral, com a sua cara de luva de pelica velha, as suas orelhas despegadas de vitelo, o tronco seco e curvo. Na boca, sorriso alvar. Quando ele irrompe na viela rumorosa, os olhos muito piscos, aos pulinhos, fazendo cortesias, recebe, logo, a surriada dos guris que lhe correm atrás, quando não lhe atiram cascas de banana, bolos de terra e outros detritos das sarjetas, gritando:

– *China Salamaleco! Pelanca! Perigo amarelo!*

Muito do tempo essa expressão de aparência erudita, mais que glosada pela imprensa e que acaba na boca da ralé. *Perigo amarelo* também são os primeiros bondes elétricos, que, pelo fim do século, aqui

surtem como um marco de progresso, jalnes de cor, a matar pelas ruas o provinciano carioca...

Não é só Pelanca que leva cascas de banana ou de laranja, quando deixa o seu antro e cai na rua: os outros chins, quando saem da delícia do ópio, também apanham do molecório ensarilhado as sobras do desforço. Riem-se, porém. Defendem-se com a mão aberta, quando não correm, aos pulinhos, fazendo ainda mais rir à criançada.

Os que amam o pitoresco da cidade e gostam de observar o documento humano, quando querem sentir, de perto, um chim autêntico, de carão de cera, olhos tortos, rabicho e bigode mongol, procuram as bandas da Misericórdia e fartam-se de vê-los.

A *fumerie* do Afonso tem o número quinze, no Beco dos Ferreiros.

Penetra-se o corredor sombrio aos tropeços e caminha-se até chegar a uma cancela, que vive sempre trancada. Bate-se e, quando a mesma se escancara, vê-se a figura de um porteiro, outro chim, que aí pousa de cócoras, tendo ao lado uma espécie de banquetta e sobre ela uma rubra lanterna de papel.

O homem jamais pergunta ao visitante ao que vai, porque na casa nada mais existe senão cachimbos com ópio e catres para dormir. Condu-lo apenas, após exageradas cortesias, ao Pelanca, patrão, que é quem prepara e acende o cachimbo ao freguês, gabando sempre a excelsa qualidade do tóxico que vende e é, ao mesmo tempo, quem lhe escolhe o melhor leito.

A *fumerie* compõe-se de várias salas, sempre cheias de gente. Em cada catre há uma pequena almotolia de azeite onde uma chamazinha tênue e avermelhada, agoniza, a dançar. A quem penetre, pela primeira vez, o antro, o que mais impressiona, no primeiro momento, é um cheiro hediondo, onde



Rua da Misericórdia
Desenho de Armando Pacheco



O chins vendedor de peixes e camarão – Desenho de Raul

o do gás sulfídrico, não raro, entra de permeio. Positivamente desagradável. Nas boas *fumeries* do Oriente, para vencer o odor vil, queima-se o sândalo, o benjoim, a essência de cravo ou rosa. O ambiente não se modifica, completamente, porém melhora.

Há pituitárias, entanto, que reclamam o horrendo odor, nele se deliciando. Na bodega de chim Afonso esse odor mau é perfume.

Estão os toxicômanos, nus, da cintura para cima, sobre catres que são verdadeiros cacifos de madeira, forrados de esteirinhas cor de chocolate e manchados de suor. São rostos cor de oca, que se desenham em meio à luz que bruxuleia, máscaras da China antiga, as hediondas máscaras manchus dos tempos da dinastia Ming, fisionomias de desenterrados, mostrando a cova dos olhos negra, como que comida pela terra. As bocas, de onde pende o pipo dos cachimbos, são bocas aterradoras, como as dos que morrem num espasmo de sofrimento e de dor. Troncos esqueléticos, franzinos, reluzentes de suor. Quando a gente se abaixa e toca um desses corpos seminus, sente uma carne mole, que até parece que se desfaz à mais leve pressão dos nossos dedos. Alguns arfam, ofegam. Há, a um canto, um deles que delira. É um chim magríssimo e pequeno como uma criança, completamente nu, a se torcer como uma cobra. Diz coisas no seu idioma natal, coisas que o nosso ouvido não entende. Adiante, outro que parece cantar. Que evocará ele, nesse instante, no seu canto suavíssimo? A terra em que nasceu? Os montes do Kouen-Lun ou os do Iun-nan? As praias do Hang-Tchen ou as do Iing-Po? Casebres de laca e de bambu, com pontes curvas, como os que vemos debuxados nas caixas de xarão ou nos leques com varetas de sândalo ou marfim?

Sonham, suam, gozam.

O ambiente entontece. Pelanca acende um cachimbo aqui, atende acolá outro cliente que chega. Mais adiante faz um troco, remexendo numa bolsa de couro, que traz dependurada na cintura...

Chim Afonso se espanta quando lhe dizemos que apenas queremos visitar-lhe a casa e ver, enfim, como se toma ópio. Espanta-se. Agrada-se, porém, quando lhe pomos uma prata de dois mil-réis nos dedos secos.

– “Brigado!”

Sorri. Mete o dinheiro no fundo de seu alforje, que sacode. Sorri outra vez. E quando lhe perguntamos: – Ouve cá, por que te

chamam os garotos da travessa, quando sais à rua, Pelanca, hein? Pelanca, por quê? – responde-nos, sorrindo ainda mais, levantando os braços, como a apelar para o espírito de Confúcio, dando dois saltinhos para o lado, deixando sair da boca pergaminhenta e fria esta frase onde ele põe todo o fulgor da sua mentalidade, toda a riqueza de sua vã filosofia:

– Pelanca, mãe deles. Não importa!



O homem dos passarinhos
Desenho de Raul

Quando a noite vai alta e os bicos dos lampiões de gás, muitos deles nascendo da parede, piscam ao vento sutil que vem da barra, pelas esquinas dessas alfurjas ensombradas deslizam vultos enlaçados. São remadores do Arsenal de Marinha, pardavascos hercúleos, de tórax pujante, as cabeleiras em samambaias fugindo aos bonés de pano mole, postos à pachola; são marafonas, de galhos de alecrim espetados atrás da orelha, tirando de bocas sórdidas, escuras e desdentadas, charutos *mata-rato*, soltando baforadas absurdas, cuspidando grosso e desmanchando-se em estríduladas e espetaculosas gargalhadas.

Vezes, quando tudo parece repousar, o trânsito como que suspenso, as lanternas das hospedarias de última ordem lançando sobre as pedras das calçadas, em tons mortiços, laivos avermelhados, um grito – Ai! e um – Pega! Matou! Matou!

Apitos.

As janelas abrem-se fragorosamente para se apinharem de curiosos, as portas escancaram-se cuspidando para a rua homens em roupa de dormir, afobados, cheios de ânsias por ver e por cheirar o acontecimento rumoroso. Os meganhas, de apito na boca, vêm dos lados da Praça Quinze, do Arsenal ou da Praia de Santa Luzia, correndo de espadas desembainhadas.

No ângulo da rua escura, há uma mancha parda do poviléu reunido e o eco de mil vozes que se chocam.

A notícia do acontecimento não custa muito a se propagar:

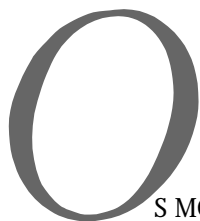
– Mais uma do Camisa-Preta! Passou a navalha na barriga do Juca Barulho e “abriu o arco”. Lá está o pobre, de borco, na calçada do Beco da Música...

.....

Capítulo 7

Morro do Castelo

MORRO DO CASTELO – UM POUCO DA SUA HISTÓRIA – A MONTANHA NO QUADRO DA CIDADE – VIDA DE SEUS MORADORES – COLÉGIO TICO-TICO – TATUADORES E TATUAGENS – O IRMÃO-DAS-ALMAS – MISSA DOS BARBADINHOS – A MACUMBA DE JOÃO GAMBÁ



OS MORROS de Santo Antônio e do Castelo, no coração da cidade, são dois arraiais de aflição e de miséria. No Rio de Janeiro, os que descem na escala da vida, vão morar para o alto, instalando-se na livre assomada das montanhas, pelos chãos elevados e distantes, de difícil acesso. Entre os dois Montes, é o Castelo, vizinho ao mar, o de maior relevo, o mais povoado e de aspecto melhor.

Villegaignon, antes dos portugueses, fundando aqui o povoado que se chamou Henriville, como Thevet informa, e que seria a capital da França Antártica, dele não quis saber. Morada de tamoios, a elevação era um tanto escarpada em roda, defesa natural que o lusitano, depois, aproveitou para sobre ela fixar o burgo que se mudava da praia onde nasceria, junto ao Cara de Cão.

Bem no cocuruto da montanha foi que se construíram as famosas casas de pedra que punham o colonizador ao abrigo das flechadas inimigas, prestigiosas massas, paredes portentosas, casarões severos onde se instalou a sede da administração e da justiça públicas. E como, pelo tempo, por onde fosse o homem havia de lhe ir, ao pé, sempre, o sacerdote de Deus, um templozinho ergue-se, branco e garrido, dando ao quadro feliz do povoado nascente amenidade e linha, alegria e frescor.

Em torno a paisagem era linda, o arvoredo copava e o caule flébil do coqueiral vistoso erguia para o alto, abrindo em leques ou em repuxos, palmas frescas e largas que se arrepiavam ao vento, espanejando ao sol.

Diante da igreja havia uma espécie de pracinha, irregular e feia, onde, tempos depois, toda uma multidão, vinda dos quatro cantos do morrete, em massa, se ajuntava: homens de prol, capitães da armada, capitães e soldados da guarnição da terra, índios aliados, fortes e nus e até damas que roçagavam sedas, as sedas lavradas e brosladas da época, que era a dos decotes amplos e quadrados, das marlotas e dos chapins de cetim. Que os homens de qualidade, esses, vestiam gibões de raso, meias de chamalote cobrindo perna e coxa, capas de baeta sobre os ombros, e, à cabeça, um chapeuzinho, de copa rígida, posto um pouco de banda, com a sua pluma, colorida, a fremir e a ondular. Ao selvagem da América a indumentária espantava. Era a civilização trazida pelo luso, dominando a bruteza da terra.

Assim viveu, por muito tempo, o povoado feliz, sofrendo, embora, de quando em quando, a investida do aborígene cruel, em permanente luta, na qual, terríveis se mediam, de um lado, o tacape e a



Morro do Castelo
Desenho de Armando Pacheco

flecha e de outro lado, o arcabuz, o pelouro, a partazana, a peça de artilharia e a pólvora.

Serenado, afinal, o ânimo gentio, primeiro, pelas encostas que iam ao mar, depois por ermos, irregulares e íngremes caminhos, foram as casas e os quintais descendo, escorregando, esparramando, morro abaixo, em direção à várzea ainda coberta de mangais e de lagoas verdes, onde, pela hora do crepúsculo, cruzavam garças e coaxavam rãs.

Foi o Castelo, até bem tarde, até mesmo ao albor do século XIX, morada nobre, pouso de abastados dominando a mais linda paisagem do mundo.

Grandes habitações aí se ergueram em meio a chácaras virentes, mesmo porque, no clima da cidade, guardava o morro a tradição de lugar dos mais sadios, dos mais frescos e dos mais tranqüilos.

Em 1770 já estava toda a planície próxima construída, arruada, pelo menos na parte medeando entre Castelo, Santo Antônio, São Bento e Conceição.

Alguns anos antes, o Vice-Rei, Conde da Cunha, que tinha sua residência junto à linha do mar, na parte baixa, sítio, por todos os títulos, malcheiroso e malsão, tentou abandoná-la, indo fixar-se num próprio erguido pelos jesuítas, na assomada do morro. Para ativar o andamento das obras, todas as manhãs, lá ia ele, subindo a ladeira da Misericórdia, num tosco paquebote, puxado por seis mulas, o sota e os criados de tábuas, a pé, nas mãos as cordas de travar, assegurando, de tal sorte, a integridade do veículo e do seu esplêndido recheio. E só não morou no sítio desejado o Vice-Rei, porque lhe deram substituto, o Conde de Azambuja, homem de pituitária condescendente, sem prevenções contra o mau odor da terra que então não possuía sombra de menor higiene, continuando a viver onde os seus antecessores viveram.

Tendo, em 1798, o Senado da Câmara, num inquérito aberto entre os médicos desta cidade, querido saber as causas reais das enfermidades epidêmicas que, havia muito, nos afligiam e preocupavam, teve o Monte esta condenação pelo Dr. Manuel Joaquim Moreira, notável médico na terra:

“Eis aqui, novamente os morros sendo causa das moléstias da cidade por concorrerem para o calor do clima; destes, porém, o mais nocivo é o do Castelo, por-

que é o que obstrui mais a viração do mar, vento o mais constante, mais forte e mais saudável", sendo que outro médico, também ouvido, Antônio Joaquim de Medeiros, alvitrou que se arrasasse, imediatamente, a montanha, com o surto garantindo, não só a extinção dos charcos que a cercavam, uma vez que com a terra do desmonte os entupia, como a diminuição sensível do calor, atendendo à mais franca aeração da cidade, sem o tapa-ar do morro, onde iam morrer todos os ventos bons vindos da barra.

A decadência do Castelo, porém, só veio com a abertura de inúmeras estradas, revelando cenários mais lindos pelos arrabaldes e subúrbios distantes, mais lindos e de mais cômodo acesso.

Até o Governo do Sr. D. Fernando Portugal, penúltimo Vice-Rei do Brasil no Rio de Janeiro, a montanha do Castelo ainda guardava residências de ricos e de altos funcionários da Colônia.

Um século depois, o morro, entretanto, é um descalabro. Do seu lustre passado já nada mais existe, a não ser algumas construções espessas e sombrias, e a história de tempos que se foram.

Sobe, a gente, a esse Monte do Castelo, por três caminhos diferentes: a Ladeira da Misericórdia, que nasce bem junto ao casarão da Santa Casa, a do Carmo, de que se servem os que vêm do centro da cidade, pela rua do mesmo nome, e, ainda, a do Seminário, trepando pelos lados do convento da Ajuda, e da qual os que o dominam podem divisar as chácaras da Floresta e do Vintém. O que muito impressiona a quem galga os caminhos dessas íngremes e ásperas encostas é a série de paredões, maciços, fortes muralhas de sustentação, baluartes antigos, alguns de dois ou três séculos e sobre os quais o casario assenta; solares que a indigência dos moradores do lugar transformou em reles casas de alugar cômodos, palácios retalhados em cubículos, muitos deles com compartimentos mostrando divisões de anagem ou tabiques forrados a papel, sem ar, sem luz, onde se reúnem, para dormir, promiscuamente, inúmeras famílias; gente que sai de casa pela madrugada, para exercer empregos em lugares distantes, a lata do almoço embrulhada em papel de jornal; homens de carão pálido e chupado, o cabelo por cortar, a barba por fazer denunciando moléstia ou penúria extrema; mulheres, das que são o "tombo da casa", as "burras de trabalho", de ar desalinhado e pobre, as saias de cima, em rodilha, na cintura, úmidas da água dos tanques onde trabalham o dia inteiro; crianças de ar enfermiço, amarelas e

secas, o corpo coberto de feridas, embora bulhentas e endiabradas, enxameando as casas, os quintais, subindo pelos muros, pelos combustores da iluminação pública, sujas, espalhafatosas, terríveis, discutindo em calão e a pedrada, provocando os transeuntes com torpíssimas desconponendas ou aos berros, aos murros, aos atracões...

As casas, em geral, construídas no “estilo feio e forte da Colônia”, não têm mais do que um ou dois andares.

Todo um conjunto de telhados pardos e tristonhos, erguidos numa feição desirmanada e chué: prédios desrebocados, encardidos, remanescentes, embora, de nobres residências, verdadeiros frangalhos arquitetônicos. Aqui, na curva do caminho, um antigo solar, hoje tugúrio de pobre, de varanda corrida, cheia de gaiolas de pássaros e roupas a secar, mais adiante, uma casa de rótula, modesta, com o seu bico entortado de chalé, a sua veneziana azul-marinho, e, no ângulo da cumeeira, lambrequins em madeira, desfalcados na linha dos desenhos. O casario é enorme, desarrumado e confuso. Lá vai ele, ora galgando a falda acidentada da montanha, avultando em andares e telhados, ora achatando-se em quintalejos e jardins; casebres ou casarões que trepam ou que vão rolando escarpa abaixo, saltando fendas e barrancos, dependurando-se em penhascos, em meio a tufos de trepadeiras e de crótons, cercados de *flamboyants* ou de coqueiros, dando vida e rumor à paisagem radiosa.

Por entre todas essas construções, por vezes, surgem barracos de madeira, inúmeros barracos, com coberturas de zinco enferrujado, o pé de chuchu ou de maracujá florindo à beira, resguardando-o da inclemência do sol.

De longe o quadro agrada à vista. Há, sobretudo, muita cor na folhagem variada e muito movimento na linha irregular do telhario esparramado e enorme.

As ladeiras que trepam para o morro são maltratadas e sujas. Têm, porém, uma vida intensíssima, servindo, como servem, à imensa colmeia humana, ativa e rumorosa que aí se instala e vive. Estão sempre cheias de povo, essas ladeiras. Gente que sobe, gente que desce.

Nas casas, cujo interior o olhar do transeunte devassa, não é menor o movimento. Nos quintalejos, com cercados de arame ou de madeira, que a nossa vista alcança, quando se sobe o morro, a vida igualmente palpita e estua.

Caóticos, esses quintais de gente pobre, além de movimentados. Porções de terra avermelhada onde, ao lado de roseiras que viçam ou manacás em flor, há cães que ladram, porcos que fossam, galinhas que cacarejam, em meio à bulha infalível das crianças a gritar: *Mamãe, olha o Januário aqui! – Me larga!* Tudo sob um báratro de cordas que servem às roupas a secar e um cipoal de bambus erguendo os panos lavados no ar, em alvoroço, desfraldados, batidos pelo vento e pelo sol.

Em geral vivem todas essas casas, mesmo as que se colocam na linha da Ladeira, de portas e janelas, inteiramente abertas. As primeiras,

para que por elas possam sair e entrar, a cada instante, as crianças, que vivem a correr; as segundas, para que os parapeitos se transformem em uma espécie de móvel, de aparador ou mesa onde tudo se põe: o moringue d'água, com o seu capucho de crochê ou de renda, a gaiola do pintassilgo, o poleiro do papagaio, a caixa de costura e mil outras utilidades domésticas.



*Morro de Santo Antônio
Desenho de Armando Pacheco*

Quem passa pela rua, vê casa e moradores nos detalhes mais íntimos, pois que devassa, completamente, os seus interiores. Interiores sem sombra de menor conforto. Paredes acaçadas, frias, lá uma vez ou outra forradas com papéis de vinte anos atrás, cheios de manchas de umidade, enodoados pelas mãos das crianças imundas; soalhos podres, tetos, muitos, de telha-vã e, como mobiliário, a tradição de miséria vinda dos tempos da Colônia. Aqui, uma cômoda de gaveta perra e maçaneta quebrada, ali, duas ou três cadeiras de palhinha, tortas e desconjuntadas, mais adiante, a mesa de pinho por envernizar, amassados baús de folha-de-flandres, e, sobre os móveis indistintos, os clássicos oratórios de madeira, pintados ou envernizados de amarelo, com recheios de flores

de papel, o indefectível Santo Antônio que, se está de costas, está trabalhando para as solteironas da casa, umas moçoilas pálidas, cheias de olheiras e sardas que trabalham cosendo para o Arsenal de Guerra e vivem se queixando de pontadas no lado do pulmão, tonteiras e falta de ar. Pobres raparigas de lábios brancos e sorrisos que fazem mal, com trinta anos e já cheias de melancolia, de rugas e cabelos brancos. Passam a café ou a açorda de pão, e, se mandam, pelos irmãos mais velhos, as trouxas da costura ao Arsenal, é só para economizar a sola do calçado, a roupa de sair, já muita fora da moda e umas célebres mitenes que elas não dispensam nunca, como atributo de elegância, de distinção e de chique. À missa do domingo, no morro, porém, nunca faltam e quando há procissão, acompanham-na sempre, em roupagens de virgem, mesmo quando não o são, pegando em tochas de seis palmos, cobertas de grosseiros filós e com coroas de flores de papel enfiadas na cabeça.

Voltemos, porém, às casas. Vezes, por esses miseráveis interiores, o mobiliário melhora um pouco. Residências há que até possuem pianos, velhos e estafados Pleyels que, antes de serem atirados ao fogo, ainda se deixam martelar pela arte abastardada de planeiros de ouvido. Quando

soam dão a impressão exata do barulho que possam fazer uns tachos velhos, batidos uns contra outros. O luxo do piano, porém, não impede que venha para o parapeito da janela o moringue de barro, o retrato do Mousinho de Albuquerque, herói da África, dependurado à parede da sala de visitas, onde há um sofá de palhinha, pintado a verniz japonês, mostrando, sobre o encosto, uma enorme toalha de crochê. Em geral, os donos dessas moradas pitorescas são homens do comércio, dos que vêm jantar a casa e que, após o caldo d'untos ou a bacalhoadada da pragmática, vão para a porta da



Morro de Santo Antônio
Desenho de Armando Pacheco

rua, em mangas de camisa, a braguilha da calça desabotoada, o palito espetado na dentuça podre e ar de grão-senhor.

São particularmente janeliros os moradores do Castelo. A maioria vive nas portas e janelas abertas, a exhibir-se aos olhos de quem passa pela rua, os homens areando os dentes, fazendo a barba ou aparando os calos, as mulheres cosendo, lavando a louça das refeições, dando de comer, nas gaiolas, ao coleiro-do-brejo, ao canário, à graúna... Não há casa ou casebre que não tenha, dependurado ao parapeito da janela, além de uma gaiola, um homem ou uma mulher a mostrar-se, espiando, indagando da vida de todo mundo, sabendo de tudo quanto se passa fora de portas, no lugar. Quando não sabem, indagam, inventam, falseiam, caluniam.

– D. Quinota, aquele velho caixa-d’óculos de cara cor-de-tijolo, que vai descendo, agora, tem coisa aqui no morro. Se tem! Ontem, à tardinha, subiu; parou, lá em cima, desceu, depois. Hoje, outra vez, bem cedinho lá vinha ele a subir, a subir... Ei-lo que desce, de novo. Olhe, repare bem. Isso é marosca...

D. Quinota põe a mão em pala sobre os olhos e trata de ver se reconhece o tipo. Declara, porém:

– Aquilo deve ser coisa da assanhada da Ermelinda.

– Que é isso, D. Quinota, um velho daquele jeito! – replica, com ar de afetado ou de falso protesto, a vizinha.

– Dela ou da mãe dela, desavergonhadas, ambas. Não pode ser outra coisa. Ah, não pode!

– De que tratam vocês? – diz agora, rompendo o quadro de uma janela, que se abre, uma terceira mulher de cara cheia de sardas e papelotes no cabelo.

– Do namoro da mãe da Ermelinda – informa, sem pestanejar, a fera da Quinota, que aponta com o beijo. – Aquele velho sem-vergonha que vai lá (e inventando) e que saiu, agora mesmo, da casa das “burras”. Um escândalo!

– Saiu, não digo – retifica a primeira, que puxou pela fieira da conversa e não é das que mais gostam de mentir.

– Não diz você, mas digo eu – replica a Quinota enredadeira –, e digo porque de lá “o vi sair”. – Afirma isso suando maledicência, dessorando intriga, gozando a infâmia que perpetra.

– E a coisa – afirma ainda – já dura há mais de um mês... O homem vive pra baixo, pra cima. Um verdadeiro insulto às mulheres virtuosas, como nós, D. Isaura! Ponho até a minha mão no fogo para jurar como aquele vestido azul, que a “burra-mãe” botou no domingo, foi pago pelo tipo. Tudo umas marafonas, umas *cocottes*, como diz o seu Pires da botica.

E as duas outras janeleiras, que não gostam da Ermelinda, e que, sobretudo, não lhe perdoam aquele vestido azul que ela pôs, com um chapéu de palha cor-de-abóbora, verdadeiro acinte à miséria do morro, fazendo esforços para acreditar, rindo às bandeiras despregadas:

– Quá! Quá! Quá!

Há lugares em que a descida do morro é deveras penosa. Quando chove, o aladeirado transborda, encachoeira. A água não deixa ninguém subir ou descer.

Cá temos na fachada de um prédio baixo, com duas janelas que abrem para a rua, este fonético letreiro: – *Ginásio João da Fonseca – Primeiras letras – 2\$000 por mês*. E embaixo, arranhado no reboco da parede, isto que um garoto qualquer escreveu:

Colégio Tico-Tico.

Chama-se, pelo tempo, colégio *Tico-Tico*, ao que só ensina a ler, escrever e contar. Colégio do muito pobre, do que só aprende o que é estritamente necessário para poder vencer na vida, ler e contar até as quatro operações. Nada mais.

O professor do “Ginásio” é um mulatão gordo, enorme, de sobrecasaca e calça de brim. Sentado sobre uma cadeira de pau, tem em frente uma mesa de pinho, forrada com um jornal. Usa óculos, um pelinho no mento e deixa crescer a carapinha no cangote. Quando ele fala, com a ênfase de quem pronuncia um discurso, está assobiando nos *ss* e errando na colocação de pronomes.

Na mesa, bem em evidência, vê-se, reluzindo, a boa “santa-luzia”, palmatória negra e sinistra, mais a “cabeça-de-burro”, feita de papel e ainda uma vara de flecha, vara com que a mestre-escola aponta, no quadro-negro da ardósia, dependurada à parede, a lição que escreveu a giz. Ele a perguntar, apontando com a vara, e a meninada a responder:

– *Um b com um a faz bá, um b com um é faz bé, um b com um i faz bi...*

As crianças, que estão sentadas em bancos de correr, sujas, descalças e pobrezinhas, aprendem pela cartilha de Felisberto de Carvalho. Quem não tem cartilha, depois da lição da ardósia, estuda na cartilha do colega ao lado.

Há crianças que trazem, envolvidos em pedaços de jornal, pães com manteiga, carne ou sardinha frita, à guisa de merenda, mas só podem comer durante o recreio, que é dado na ladeira, sob o olho policial e atento do *fessô*, posto no quadro da sua janela de rótula, importante, severo, enorme, o cigarro ao canto da boca, a queixada de gorila sábio, em riste, mostrando a barbela pedagógica, agrisalhada e rala.

Quando ele bate as palmas e, cheio de austeridade, grita para a gurizada: – Escola! –, é que o recreio acabou. E recomeça a aula.

– Antonico – diz o mestre autoritário, em meio ao silêncio que então se estabelece, chamando à sua mesa um pequenote de ar tímido, vestindo terno à marinheira –, traga o seu livro. Vamos à lição. – O menino obedece. E, livro aberto, começa a revelar o que estudou ou o que sabe:

– Letra B diz, começando, o guri, o dedo sujo sobre a letra, o olho um tanto apavorado no olho do *fessô*.

– Muitíssimo bem! Letra B! Adiante! – sopra o homem, num berro. O pequeno estremece. Quer prosseguir e não pode. Novo berro:

– Prossiga!

Antonico rola nas pálpebras esquivas os olhos cheios de medo e pisca-os, verdadeiramente apavorado. Emperrou. A voz deu-lhe como que um nó na garganta. Quer falar e não pode.

Na página do livro, como gravura, há um bote, muito bem desenhado e, sob o mesmo, a explicação do gênero da embarcação, em letras garrafais – BOTE.

O professor, sempre aos berros, quer agora que Antonico soletre o nome que ele aponta com a unha longa e suja.

– B-O...

E o menino nada.

– B-O, BO, T-E, TE... Vamos, agora a palavra toda. Bo...



Convento da Ajuda
Desenho de Armando Pacheco

Como o menino ainda não se mova, o mestre, atirando com um murro à mesa, berra de novo, de fazer até dançar no Observatório, perto, a agulha dos registros sísmicos:

– Leia!

E o seu dedo passa, então, numa ajuda afetada, não sobre as letras, mas sobre a figura do barquinho desenhado no livro e que explica a palavra escrita, o qual a inteligência amodorrada do aluno reconhece, logo, como sendo, em tudo, igual àquele em que seu pai, remador do Arsenal de Marinha, vive o dia inteiro a dirigir ou a remar. E quando, com novo berro, o professor insiste:

– B-O, BO, T-E, TE, diga!

Ganha ânimo o guri, que responde, então, desembaraçadamente:

– Escaler!

– Monitor, dois bolos no Antonico, dois bolos e as “orelhas-de-burro” na cabeça, a ver se ele amanhã estuda melhor esta lição.

Ao invés de explicar, ao pobre, o erro em que ele está, *fessô* o que lhe dá é castigo.

No colégio Tico-Tico ainda se ensina assim.

Bem em meio à Ladeira do Castelo mora Florêncio da Palma, conhecido tatuador da Marinha, discípulo do Madruga, figura mais que conhecida na cidade, mestre na arte de tatuar e que, nas horas de sueto, dedilha o violão, criando canções que o povo, depois, gostosamente, decora e canta.

Venha quanto antes D. Elisa
Enquanto o Passos não atija
Fogo na cidade...

Florêncio, autor e cantor em voga, mais parece uma personagem arrancada às revistas regionais de João Foca, com a sua grenha a escorrer óleo de oriza, o seu bigode falhado e a sua pêra-mosca, à Floriano. É tatuador de marinheiros, com especialidade em marcas onde entrem símbolos da arte de navegar. Pela época, é grande moda a tatuagem entre a nossa Maruja, entre soldados do Exército ou da Força Policial.

Foram os negros da África, aqui trazidos pelos portugueses, que introduziram essas fantasiosas marcas que se fazem na epiderme. Quando não vinham tatuados, esses negros aqui se tatuavam, obedecendo a velhas tradições regionais. Debret ensina-nos, por exemplo, que o monjolo tatuava-se, fazendo incisões verticais nas faces; o mina, fazendo uma continuidade de pontos salientes, provocados por tumefações que as agulhas de ferro produziam no rosto; o moçambique trazia, quase sempre, em sulco, uma espécie de crescente na testa, e assim por diante. Essas formas clássicas, entanto, degeneraram com o tempo, sendo, mais tarde, transformadas em símbolos, contando a vida amorosa dos tatuados, a profissão por eles exercida, etc.

Os nossos índios pintavam-se. Algumas vezes lanhavam o rosto, braços e pernas, mas não se tatuavam.

Pratica-se a tatuagem por incisão, por picadas ou por queimaduras subepidérmicas. Completa-se o trabalho com a ajuda de três agulhas que se embebem em anil, em tinta de escrever, em graxa, pólvora ou fuligem. Antes da aplicação das agulhas, traça-se o desenho que se deseja obter sobre a pele: um coração atravessado por uma seta, uma rosa, um navio, uma estrela, umas iniciais que se confundem ou entrelaçam, um nome, uma frase...

Como bom tatuador, Florêncio da Palma tem o corpo coberto de sinais, e, como o seu grande mestre Madruga, também mostra, no peito, a imagem do Redentor. Além disso, espalhados pelas costas, braços, ventre, coxas, mãos e pés, sinais de Salomão, âncoras, datas, nomes de mulheres e ainda marcas misteriosas e indecifráveis. São, por sua vez, de um pitoresco exótico ou disparatado todas essas tatuagens. Sabe-se de um marinheiro, por exemplo, cabo em Villegaignon, que possui, pelo

dorso, espalhada, em estético realce, toda uma esquadra, feita a bicos de agulha, nada menos que sete navios nacionais: o *Riachuelo*, o *Aquidabã*, inclusive todos os vasos de guerra em que ele serviu embarcado, desde que assentou praça na Marinha. Outros há que mandam tatuar o corpo com emblemas pátrios: escudos da Monarquia, armas da República, quando não se marcam com nomes de heróis da pátria. João do Rio diz-nos ter visto, entre tatuagens interessantes, a do braço de um soldado de polícia onde se escrevia esta legenda patriótica: – Viva o Marechal de Ferro!

Os valentes da Saúde, da Gamboa e do Saco do Alferes tatuam-se bem como as meretrizes de ínfima classe, estas mandando marcar, pelos braços, pelas coxas ou pelo peito, o nome dos seus amados. Convém revelar, ainda, que os negros, outrora, introdutores da tatuagem entre nós, já bem pouco se tatuam pela época.

Mais um esforçozinho e chegaremos ao cume do morrete.

Descendo pela ladeira que subimos, lentamente, sem chapéu, um lenço de Alcobaça dobrado em quatro, apenas, como defesa à luz forte do sol, atravessado na cabeça, vê-se um homem vestido de preto, envolto numa opa vermelha de Irmandade, na mão esquerda uma vara de prata, na outra uma pátena cheia de moedas de cobre, prata e níquel. É o *irmão-das-almas*, de herança colonial, ainda cruzando por certos bairros da cidade, talvez um pouco diminuído na auréola de sua antiga simpatia, quiçá um tanto desmoralizado em seu prestígio de criatura que pede para a Igreja, mas, ainda fazendo, do seu ofício, um negócio mais ou menos rendoso. Nos bairros povoados pela elite, o irmão-das-almas já não cruza, como não cruza mais o centro comercial descristianizado, pela época, mas explora os bairros da pobreza, onde ainda se vê a beata que pede para beijar o Santíssimo e não esquece de largar, após o beijo, o vintenzinho da devoção.

Desce o homem, saindo de uma curva da ladeira, quando se vê cercado, de repente, por um grupo de cães terríveis que lhe ladram às canelas.

A figura do beato de balandrau enfeza e irrita a cainçalha, que os dentes maus e afiados exhibe. A prudência ensina ao pedinte parar. E ele, por isso, estaca, tentando esconder a vara, sem o mesmo poder fazer com a rubra opa que alça e revoluteia, fraldejando no ar, razão de todo

o incitamento da canzoada que lhe late alvoroçadamente. Esses latidos convocam todos os cães da redondeza. E, de tal sorte que, para salvar-se, trepa, o “irmão”, para um alto pedregulho que serve de muro à ribanceira, com o risco de rolar pela montanha abaixo, e aí fica como que ilhado, cheio de atenção e de receio. Há quem, de janela adiante, assista à cena e, cioso por defender o andador do perigo, em lembrete, as mãos pondo em porta-voz, grite-lhe pressuroso:

– Irmão! Sem medo, empurre-lhes o Santíssimo!

Aquela voz que rola do alto e cai no ouvido do pedinte como se fosse a voz do próprio Céu, mostra-lhe o caminho da salvação. Num gesto rápido, o homem em perigo toma da vara do Santíssimo Sacramento, que ziguezagueia no ar e, como uma clava de combate, fá-la descer, malhando, dispersando, desarvorando e vencendo a matilha furiosa. Com o gesto saltam-lhe as pratas, os níqueis e os vinténs da pátena. O homem perde o dinheiro, porém salva a opa, os pernis e o prestígio da Igreja.

No alto do morro estão as mais pesadas construções erguidas, outrora, pelos jesuítas. Está o edifício do Observatório, com a sua cúpula magnífica e onde o Dr. Cruls, muito importante, vive a espiar manchas do sol, a calcular eclipses. Próximo, o mastro de sinais que anuncia a entrada dos navios no porto. Às doze horas da manhã há um balonete que sobe, regulando, com exatidão, a hora do meio-dia.

É por ele que se acertam os relógios da cidade. Por ele, pelo tiro das nove, quando não é pelo cronômetro da Relojoaria Gondolo, próxima à Rua do Ouvidor, loja, então, de grande fama e nome. Próximo à igreja de Santo Inácio, está o Hospital São Zacarias e, mais adiante, a igreja de São Sebastião do Castelo, antiga Sé da cidade e hoje em mãos de capuchos italianos. Pobrezinha! Está pedindo muleta para não cair, de tão velha. Se vem, coitada, do governo de Salvador de Sá e Benevides, que a concluiu em 1583! Ao invés de cabelos brancos, a macróbia tem cabelos de limo, nos telhados.

Lá dentro estão os ossos de Estácio de Sá, conquistador da terra, o que levou, no olho, uma flechada de índio. Teve seu esplendor o templo, e galas, durante muitos anos. Um dia, entretanto, um paredão apareceu fendido. Já do teto há muito que chovia, a água irreverente caindo na nave e encharcando a toalha dos altares. O cabido resolveu, então,

assembled em outra parte. Não fosse cair, da caduca cumeeira, uma trave qualquer pondo em risco o unto capilar de tão ilustres cônegos. A cidade já tinha escorregado para a várzea, onde templos inúmeros se construíam. Não foi difícil resolver-se a mudança da Sé para a igreja da Cruz, à Rua Direita. E a Sé mudou-se. E o velho templo lá ficou abandonado, caindo aos pedaços, com a sua averdugada cabeleira de limos e de hera, onde tico-ticos e coleiros chilreavam, satisfeitos, pelas horas de sol.

No ano de 1842 capuchos italianos, sacerdotes seráficos, barbados como gnomos, tomaram conta da igreja, tentando restaurá-la. Fizeram o que puderam. A antiga Sé engalanou-se de floridos altares, e, de novo, naquele ambiente, onde a tradição velava, turíbulos cheios de incenso balouçaram-se. Cantaram-se missas e te-deuns, laus-perenes e novenas...

Quando chegava o 20 de janeiro, a procissão vinha à rua, os frades barbadinhos, sob pálios coloridos, cantando loas ao Senhor...

Há uma casa de pretos na Travessa do Castelo onde se pratica a liturgia jeje-nagô, culto fetichista, cerimônia cheia de complicações e de mistérios, onde se evocam almas do outro mundo e são manipulados “despachos”, feitiços que, quando postos nas encruzilhadas dos caminhos, têm a propriedade de criar malefícios, modificar vontades, corrigir a linha sinuosa que dirige o destino dos homens. Chama o povo a esses núcleos de evocação e de magia onde o homem de cor, em geral, predomina, canjerês, candomblés ou macumbas. O espírita convicto diz sempre quando deles fala: espiritismo de terreiro ou, então, baixo-espiritismo.



Dançarina da macumba
Autor desconhecido

No fundo tudo isso nada mais é que um *panaché* religioso: estulta corrupção do fetichismo africano que os negros aqui introduziram no tempo da colônia, temperado com um pouco de fé católica e muito dos processos kardequianos de confabular com o astral, feição empírica do Espiritismo, como o que praticavam os índios, nossos avós, quando, em bailados mediúnicos, evocavam os fantasmas de seus maiores, com danças bárbaras obrigadas a cantigas e a cauim. Em casa de João Gambá de Luanda, na Travessa do Castelo, a macumba estadeia. Os ídolos que se

evocam chamam-se Ogum, Xangô, Oxalá, São Jorge, São Cosme, São Damião e Santo Onofre. Como nas igrejas católicas, a entrada é franca, mas logo à porta há uma caixa de esmolos que, se não reclama óbulos para a cera de santo, pede para o espermacete da iluminação do templo-zinho, que se resume em dois ou três aposentos dando para uma área suja, onde em balaios de vime, arrulam pombos, cacarejam galinhas, cruzam jabutis e um truculento bode, preso a uma cadeia de ferro, cornúpeto e violento, marra, berrando atroadoramente. É a fauna do sacrifício que se transforma, depois, em macabros orixás ou feitiços. As galinhas são pretas, como o bode, os pombos brancos. Para os jabutis é que não se reclama uma cor especial. Notar que o santo da macumba ou canjerê a quem se oferece a vida do animal morto, não se alimenta senão do “espírito” do que representa iguaria, a inanimada oferenda, as sobras de orixá resvalando para o apetite do diretor do rito, para os cambotos ou para outras dignidades de funçanata pagã, após a cerimônia.

Quando penetramos a sala principal onde a mesma se pratica, já a encontramos a transbordar de gente, moços e moças, velhos e velhas sentados, uns sobre cadeiras, sobre bancos de pau, outros, em pé ou pelo chão, de cócoras e até deitados. Lembrando o altar da liturgia católica, junto à parede acalçada e triste do terreno, uma tosca mesa de pinho, mostrando dois alguidares de barro vidrado com os animais do sacrifício postos num molho feito de farinha e azeite-de-dendê. Sobre os mesmos continentes, mas, sem tocar a vitualha, ligando-os, uma espada longa e nua, toda manchada de sangue. Pelos ângulos do aposento, pequeninas peanhas com imagens grotescas: aqui, a figura de Ogum, ali, o vulto exótico de Xangô, acolá São Jorge, na sua sagrada cavalgadura, mais São Cosme, São Damião e ainda Santo Onofre, na imagem de um varão barbaceno, de ar pulha, vestido com a própria barba, estranha indumentária que o aspecto lhe dá de um bárbaro fetiche. Todas essas peanhas mostram, além dos santos, copinhos cheios de água, velas de espermacete, acesas, festivamente surgindo de quadros emoldurados e de onde saem, numa intenção decorativa, galhos de alecrim e flores de papel.

Quando se chega para assistir às cerimônias do culto, “pai-de-santo”, que é o sacerdote sagrado do mistério, diante do improvisado altar, em atitudes de prece, ergue os braços ao céu. É o negro João Gambá, negro velho, septuagenário, já com a sua carapinha grisalha e a

sua barbela curta e dura, esfiapando na queixada triste. Alto, magro, mesmo muito magro, traz, à cabeça, em forma de funil, um barrete daqueles que traziam, outrora, os velhos nicromantes. Quando marcha sob o panejamento de um balandrau de linho branco, que enverga, vai fazendo dançar macabramente, como dentro de um saco, a ossada que até parece que está solta, revolteando aos boléus nas dobras complicadas da fazenda.

Pai Gambá é íntimo do célebre feiticeiro Apotijá, o da Rua do Hospício, e do qual nos fala sempre João do Rio, nas suas conversas e nos seus escritos. Na Travessa do Castelo ele é o diretor de função. Quando, cabalisticamente curvado, Gambá beija o fio da espada que liga os alguidares e está cheio de sangue, os cambotos, espécie de sacristas praticando a acolitagem da cerimônia, tomando o gesto como início do cerimonial, movimentam-se em saracoteios pacholas, dando a direita aos médiuns, os que hão de receber, depois, o espírito do astral, procurando posição, cada par diante de uma faca de cabo negro, que se finca no solo como que marcando a divisa do lugar onde o drama religioso terá de ser desenrolado. São sete as facas; sete os médiuns e os cambotos, sete.

É quando se ouve, fora, um canto suavíssimo, espécie de litanias soprada em *bocca-chiusa*, lembrando um coro dos céus, que vem descendo. Num ângulo da sala penumbrosa já os homens da solfa litúrgica se moveram, vários instrumentistas: negros, de beijola farta, pardavascos de gaforinha em riste, vestindo ternos de brim-d'Angola, golpeando sanhudos berimbaus, mugindo o ventre gemedor de lancinantes cuícas, estourando atabaques, brandindo ganzás, agogôs o xequerês.

Diz-se que o Gambá mantém no seu antro evocador a mais típica das orquestras macumbeiras da cidade. Com efeito, o conjunto regional é deveras singular. Apenas, a música que soa é um tanto exótica e confusa, solfa onde a bulha supera o pensamento musical e a harmonia desordenada martela em ritmo vivaz. Música monótona e plangente. O canto humano que continua, então, diminuído, dilui-se e perde-se por completo ante o fragor cavernoso da harmonia instrumental, que estrondeia a vibrar, em crescendo. Essa música exótica, espetaculosa e bárbara, que nos aturde e exaspera, muito impressiona, entanto, o fiel convicto que vive a reclamar incitamento e ebriedade nessa função de meias-sombras e mistério.

Eis, porém, que, pela sala, irrompe, vinda não se sabe de onde, a figura magnífica de uma jovem mestiça, de peitarras tesa e ancas abauladas. Tem os olhos lembrando um resplendor. Resvalam seus pés ligeiros pelo chão, em movimentos sutis e compassados. Passa a linha cabalística das facas, saltando-a, sempre a fazer dançar: os braços, primeiro, em gestos como os de quem rema, ora para a esquerda, ora para a direita, depois; em sacudidelas violentas, em contorções e tremeliques, num delírio epiléptico, a despenteada cabeça que, do corpo, até parece que está de todo desarticulada. A dança da mestiça é sobrenatural. E impressiona. Deveria dançar assim Salomé em Maqueros, reclamando, de Herodes, a famosa cabeça de Yokaanã.



O irmão-das-almas
Desenho de Armando Pacheco

Há um momento em que essa fúria recrudescer e a bailarina põe-se a bater, num gesto de quem pila, os pés no duro chão, cantando qualquer coisa que se perde e se desfaz no monótono ronco das cuícas, no cascadear dos xequerês. Súbito, um grito, um grito forte que reboa e, logo, a orquestra que suspende a toada cavernosa. A bailarina pagã, dobrada em arco para trás, está diante do altar, caída, em transe, torcendo os braços, os ombros, a cabeça. Vem João Gambá assisti-la, engrolando seu linguajar luanês. É quando, pela linha das facas onde se estendem os cambotos, os outros médiuns em sacudidelas violentas, em guinchos, aos urros como que em luta contra as forças sobrenaturais, desencadeadas e terríveis, vão caindo, também. Dentro de pouco tempo, o terreiro é um pouso de fantasmas. Cada corpo de médium guarda dentro de si uma alma diferente evocada do astral. Olhai, aqui, o cacique indomável que, num corpo de mulher, como a incitar hostes guerreiras em combate, berra, furiosamente:

– *Reçuru xingu ixê!*

Adiante, aquele que dá conselhos de mansinho, é um negro escravo desencarnado há mais de duzentos anos, cativo dos tempos da pletora do açúcar, em Pernambuco, pobre negro que acabou a trabalhar e a sofrer.

Por isso, de seus lábios, que tremem de quando em quando, ouve-se que ele nos conta histórias de feitores, falando-nos em chicote e em polé.

Na macumba, instruem-nos os que vão beber a verdade das coisas na Bíblia de Allan Kardec, só se manifestam espíritos grosseiros que ainda se prendem aos instintos terrenos da vida e ainda não se libertaram da crosta vil do atrasado Planeta; almas rastejadoras, indomáveis, violentas. Todo um mundo de sofredores, ralé curtida pela dor, à espera da grande luz de Deus, que tarda a vir, mas que um dia chegará. O espectador de baixo nível intelectual, entanto, com esses, comodamente, conversa, discute, fala, pede conselhos...

Sabe-se de macumbas, nas quais em meio à multidão, são atirados grandes bodes pretos que agem como homens no cio; de outras com bailados bestiais, onde todos dançam completamente nus e na vertigem de lúbricos anseios, desvairados de lascívia, rolam pelo chão, ferindo-se, rasgando-se, possuindo-se, como nas bacanais pagãs.

Quando essa ventania de luxúria sopra pelo terreiro, diz-se que é o espírito de Xangô que invade a cerimônia, sensualizando os corpos.

Na macumba da Travessa do Castelo, Xangô é manso, acata as ordenações do nosso Código, respeitando as exigências da Polícia, sem abusos, um Xangô camarada, decente, bom rapaz... E não se solta o bode no terreiro da macumba de João Gambá...

Às sextas-feiras pela madrugada, missa dos Barbadinhos, em São Sebastião do Castelo. A superstição carioca aí dá *rendez-vous* obrigado, uma vez por semana. Missa e bênção. Para ir a ela vêm fiéis contritos dos mais longínquos recantos da cidade, de cidades vizinhas, e de próximos Estados. A concorrência é enorme. É que a devota cerimônia possui virtudes especialíssimas, que a fama há muito trombetaia. Em nenhuma outra igreja, com efeito, diz-se, são os favores do Céu com tanta eficiência e prodigalidade distribuídos como aí. Na concorrência de milagres, por toda a vasta urbe, santos prestigiosos, com larga projeção e validamento junto ao trono de Deus, num chuveiro de graças, trabalham com prazer e afinco, no empenho natural de comprazer ou seduzir o fiel; nenhum, porém, pode gabar-se de distribuir favores como os que se distribuem nessa igreja virginal de morro. É, pelo menos, o que se espalha, o que se sabe e o que se vê...

Na igreja pequenina do Castelo há várias missas, várias, dadas, até, diariamente; porém, a de virtudes excepcionais, na convicção do fiel que conhece a hermenêutica que rege os desígnios do templo, é a que se diz todas as sextas-feiras, às cinco horas da manhã. E essas decantadas virtudes de exceção, que tanto seduzem a alma em geral, mais fanática do que cristã, quais são elas? Resposta: múltiplas, sobretudo as que refletem a graça que consegue extinguir ou diminuir azares, fados maus, cábulas e caiporismos “endireitando” a vida dos que a possuem “torta”, vencendo, de tal modo, todas as fatalidades escritas pela mão do Destino, desmanchando “coisas-feitas”, pragas, maus-olhados...

Queixa-se, alguém, de que a fortuna o abandona, que o ilumina a estrela má de alguma desventura ou que uma sina maléfica o persegue? – missa das cinco nos Barbadinhos, às sextas-feiras...

Por isso transborda, sempre, o velho templo capucho pela hora da cerimônia maravilhosa. E nem a chuva consegue, mesmo quando forte, diminuir a clientela piedosa, toda ela, diga-se de passagem, sempre muito bem servida.

Às quatro horas da manhã, nas vésperas de sábado, quando a cidade ainda dorme em silêncio, pontilhada de luzes, já andam sombras humanas subindo a encosta da montanha, massa piedosa que caminha em direção à que foi Sé, outrora. São desgraçados de toda sorte, gente batida pela adversidade, zurzida pela inclemência do Destino, sem a menor esperança de obter, por processos humanos, o que Deus não lhes deu; estomagados com a vida, pobres que desejariam ser ricos, ricos que se acreditam pobres, maridos infelizes, cheios de ansiedades de se fazerem venturosos, esposas enganadas, funcionários de Estado que pedem promoção em seus empregos ou melhoria de ordenado, jogadores que, se padece a ausência das graças reclamadas, a que se julga com direito, é porque está cheia de azar, de cábulas ou de enguiços, males dos quais, em breve, a cerimônia capucha terá que a libertar.

São cinco horas da manhã, vai começar a missa. A nave está repleta. Só os círios do altar-mor estão acesos. Luz fraca e amarelada, ora aclarando os retábulos de ouro, ora arrancando às alfaias de prata cintilações suavíssimas. Pelo resto da nave, sombra. Sombra e mistério. Chegou o sacerdote, cheio de unção e barbas. E o acólito. As caçoilas recendem. As rosas frescas nos jarrões de porcelana sorriem à Virgem,

preguiçosas. Diante da ara sagrada o capucho abre o missal de letras góticas. E reza. Fora, ainda há estrelas no céu velando o sono amigo da cidade que dorme. E sonha.

Está de joelhos o devoto. E de mãos postas. Ainda não pediu a graça que deseja. Com o seu ar de sofrimento, ar desventurado e triste, por enquanto, prepara o seu ambiente, rezando uns padre-nossos, umas ave-marias... De quando em quando, sobre a imagem do Cristo, atira um olho amolengado, bambo, como que a lhe dizer: – Então? Cá estou eu! Pobre de mim! Vede-me bem. Vede e pensai um pouco se não deve ser tomado em consideração o sacrifíciozinho que um desgraçado fiel, como eu, faço pelo seu Deus. Aqui onde me encontro, hoje, contrariando hábitos antigos, pus-me fora da cama por horas em que as galinhas ainda dormem. E por amor à vossa fé, subi toda a íngreme encosta desse morro, e, o que é pior, de estômago vazio, sem uma côdea de pão ou xícara de café, mesmo sem leite, a consolar o estômago. Fiz e não me arrependo do que fiz, porque sei muito bem que um Deus amigo e justo como vós, por certo, não irá deixar sem paga um sacrifício destes...



O carola
Desenho de Armando Pacheco

Depois dessa tirada que lhe serve de intróito é que o devoto começa, então, a contar, sempre com o seu olho tristíssimo, o caso pessoal que o trouxe aos pés do altar, pedindo, finalmente, aquilo que deseja, piedosamente, depois, baixando com doçura a cabeça e o olho melancólico, que, humilde, cai por sobre a lajea fria do templo, cheio de cusparadas.

Já bateu no peito três vezes, persignou-se outras tantas vezes, ofereceu à divindade uma velazinha de seis tostões e está certíssimo de que terá o que pediu. Homem feliz! E que pediu ele? Que o desencabulasse o Céu, que lhe tirasse o azar, o caiporismo, pondo-o capaz de receber as graças das quais se crê merecedor e com o maior direito.

O capuchinho, antes de abandonar o altar, fala à massa dos fiéis. Exorta-os. Diz coisas em latim. Suas palavras impressionam. Palavras amigas, que são como os rolos de incenso que as caçoilas sagradas

atiram pelo ar e se desfazem lentamente; como as cintilações sutis das alfaías de prata, leves, morrendo à claridade da manhã. Finda a missa, a beata assistência abandona a meia-sombra da nave, passa para um adro vizinho, seguindo o sacerdote e o sacristão, este já munido de um balde, um pequeno balde cheio de água benta onde mergulha um hissope.

Há uma gruta nesse lugar, artifício grotesco, sobre a qual crescem, trepando, frescas papilonáceas e onde se vê um pequenino altar com a sua toalha de renda e mais o necessário à prática litúrgica. Ergueu-se a gruta em louvor da Senhora de Lourdes.

É diante dessa área que vem postar-se o capuchinho, já de hissope na mão. Num gesto paternal, erguendo o aspergidor sagrado, com ele traça, no ar, a cruz do Salvador. É a bênção. Nesse momento, no entanto, há balbúrdia, rumor, ombradas, empurrões, que, em geral, esses fiéis não se contentam com a graça que o céu amigo lhes envia em fluidos espirituais, purificando, santificando o ambiente onde todos estão. Para eles, a bênção só pode ser objetiva, palpável. Por isso esmurram-se, na conquista da vanguarda onde os respingos da água-benta so-bejam como prova material do favor que dos Céus desce.

Há fanáticos, no primeiro plano, junto à caçamba piedosa, onde se mergulha o hissope, que chegam a meter a mão suja e atrevida, nela molhando os dedos, persignando-se, depois. Há-os, até, que, finda a cerimônia, na hora de se afastar o sacerdote, paga ao sacristão para beber da sobra líquida que ainda resta do balde, um gole, ciosos por sentir afundar-se-lhes nas entranhas a graça desencabuladora. Vem o pior, depois. Junto ao pequeno altar está um rosário enorme, em grandes contas de jacarandá, do qual se dependura vasta cruz de prata e sobre ela, a sorrir, um Cristo de marfim.



Xangô

Desenho de Armando Pacheco



Ganzá

Desenho de Armando Pacheco

Prendeu-se a piedosíssima enfiada a um gancho junto à Madona. E ao pé da mesma pôs-se um funcionário do templo, de olho policial e atento, guardando o marfim e a prata, porque, não raro, desapareciam os Cristos e rosários desse gênero, embora fossem, muito tempo depois, desencavados em casas de penhores da cidade. Findo o cerimonial da bênção, entregue à inconsciência do mau fiel o símbolo sagrado, começam, então, as práticas sacrílegas. Vem um que enrola a fiada do rosário na cabeça, e assim, nessa ridícula postura, reza um padre-nosso; outro vem que com ele bate sobre o peito ou o equilibra na cabeça enquanto reza; mais outro que beija o Cristo encharcando-o de saliva, quando não lhe morde os braços e os quadris. Sabe-se até de um que com ele esfregava: primeiro o cachaço, depois as costas e, finalmente, as virilhas..

A tudo isso assiste o guardião da igreja, indiferente a tanta ação sacrílega. Não protesta. Quem por nós no Calvário sofreu tanto, que sofra mais um pouco. Pensa, talvez. O que ele, sacristão, defende, aí, é tão somente a prata. Que prata é o que prata vale. E o marfim. O resto...

Por vezes, esses que se acreditam piedosíssimos cristãos, deixando a igreja dos Barbadinhos, cruzam a Travessa do Castelo, onde está a macumba do preto João Gambá. E põem-se a perguntar sobre o programa dessas sessões do culto jeje-nagô. E voltam à noite, na hora do sacrifício da galinha preta e do pombo branco, para pedir ao céu cabalístico da macumba o mesmo que pediram aos pés da Virgem ou ao raspar, no cangote, a imagem do Salvador.

Fanatismo de preto! Fanatismo de branco!



Atabaque
Desenho de Armando Pacheco



Xequerê
Desenho de Armando Pacheco

.....

Capítulo 8

Morro de Santo Antônio

MORRO DE SANTO ANTÔNIO – VIDA MISERÁVEL DOS SEUS MORADORES – CRIANÇAS E PAPAGAIOS – ASPECTOS PITO-RESCOS DO LOCAL – A NEGRA MARCOLINA – MENDIGOS – O BOTEQUIM DO CARRAZÃES – TOCADORES DE VIOLÃO – O CHORO, A MODINHA E O MAXIXE – SERESTEIROS DA ÉPOCA – CATULO CEARENSE – AS GRANDES CANÇÕES DA ÉPOCA

ATRÁS do Teatro Lírico, na parte que dá para a Rua Senador Dantas, bem junto ao começo do zigzag que nos conduz ao morro de Santo Antônio, está sempre uma “baiana” sentada, diante de um tabuleiro de vender puxa-puxa, cocada, pé-de-moleque, pamonha, amendoim, bolo de arroz e cuscuz.

As baianas são a mais bela e mais pitoresca das tradições desta cidade. Debret já as pintava no tempo de D. João e de D. Pedro I, tal como ainda hoje se apresentam. Vestiam as mesmas saias rodadas, amplas e cheias de ramagens, e camisinha picada de rendas, um pano da Costa, em listras coloridas, revelando a nudez do ombro, vistosa trunfa na cabeça, e, em vivas cintilações, por sobre o colo, os braços e o pescoço, jóias resplandecentes, colares, braceletes, berengendéns, tudo isso em

confusão decorativa, num delírio de chispas e de cores, luzindo, reverberando, tilintando.

Assim eram há cem anos e ainda se conservam, com a mesma graça, o mesmo alinhamento e singular limpeza. Limpeza, sobretudo. De se abespinharem todas com qualquer pessoa que tente, mesmo de leve, revolver ou apalpar o que elas expõem à venda, como mercância, em seus vistosos tabuleiros.

– *Mexa ahí não, iôô, deixe que io memo pego.*

E quando pega, pega cuidadosamente, sempre com a mão esquerda, porque a direita é só para receber e contar o dinheiro.

As guloseimas que vendem estão simetricamente dispostas, arregimentadas em porções regulares e policrômicas, o papel para os embrulhos a um canto em ruma certa, novinho em folha e muito bem dobrado.

Bolos de tapioca são por elas feitos à vista do freguês, sobre a grelha de um fogareiro pequeno, que está sempre, ao lado da banquetta onde se instalam com as suas vastas saias de chitão, em tufo, e que lembram os merinaques das damas setecentistas. E passam os dias inteiros, assim, sentadas, sorrindo, vendendo, cochilando...

À noite, para obedecer a posturas urbanas, acendem uma lanterna de papel. São quase todas moças, bonitas, e, diga-se de passagem, de notável virtude. Os *manés* e os *antuônios*, entusiastas da cor preta, é que vivem ao redor dessa lanterna, como mariposas ao redor de uma luz... E elas, as baianas, desconversando, sem lhes dar trela, a fingir que não os entendem. Só uma vez ou outra, quando o homem atiradiço deixa escapar, da boca, um atrevido galanteio, a frasezinha chistosa ou piegas do tempo, dictério ou chalaça, à guisa de anzol, a ver se pega o peixe, é que a baiana indulgente sorri, descoroçoando-o:

– *Ué, gentes, sou disso não, moço! Comigo iôô não tira farinha, não. De perdê seu tempo...*

Têm a boca sempre cheia de *iôôs* e de *iaiás*, de *Sinhô do Bonfim*, e Nossa *Siora* de Maracaná.

Deixemos, porém, a decorativa baiana com seu vistoso tabuleiro, o seu berrante pano da Costa, os seus colares e seus berenguendéns, para galgar o ziguezague da Montanha.

Em Santo Antônio, outeiro pobre, apesar da situação em que se encerrava na cidade, as moradas são, em grande maioria, feitas de improviso, de sobras e de farrapos, andrajosas e tristes como os seus moradores.

Por elas vivem mendigos, os autênticos, quando não se vão instalar pelas hospedarias da Rua da Misericórdia, capoeiras, malandros, vagabundos de toda sorte: mulheres sem arrimo de parentes, velhos dos que já não podem mais trabalhar, crianças, enjeitados em meio a gente válida, porém, o que é pior, sem ajuda de trabalho, verdadeiros desprezados da sorte, esquecidos de Deus...

O número desses últimos enxameia a encosta por onde se vai subindo, uns, caídos de borco sobre a relva, outros, recostados ao portal de sórdidas moradas, o coto do cigarro à flor do lábio, o olho melancólico perdido na glória sorridente da paisagem – homens que não têm o que fazer e que trabalho não encontram devido à concorrência atroz que lhe fazem certos elementos alienígenas, gente que, vinda da outra banda, analfabeta e rude, não quer saber do campo, protegida que é pelos seus patrícios, e que aqui se instala, a bem dizer, monopolizando os serviços mais subalternos da cidade.

Um ou outro de espírito aventureiro, sem ambição, é que caminha mais um pouco e vai adiante até os cafezais de São Paulo ou de Minas, até as plantações de cana, pelo Estado do Rio. Raros, entanto, muito raros. Raríssimos. A maioria fica a fossar os balcões de comércio a varejo, entupindo a cidade.

A terra prende, disse um dia, em certa reunião assistida por mim, um desses imigrantes aqui feito diretor de jornal, não sem acrescentar: *já bastam os que aqui se identificam ao país, criando interesses e família, esquecidos da terra onde nasceram*. O lucro na cidade, além disso, é mais rápido. Portanto, nada de campo.

Continua a lavoura sem braços e o Brasil a importar, sem descanso, lojistas. Surge em 1899 um folheto com este título: *Não podemos pensar em imigração no Brasil, sem a nacionalização dos serviços da cidade*. O opúsculo defende os



Tocador de viola
Desenho de Raul

interesses da agricultura brasileira, mas como não coincidem, esses interesses, com os dos políticos do tempo, tudo continua como dantes.

De outra forma não se justifica a miséria que, então, lavra entre os nossos, abandonados e esquecidos dentro da sua própria terra. No morro os sem-trabalho surgem a cada canto. Vezes, por esse tristonho acampamento de miséria, os infelizes se reúnem e põem-se a declarar as suas sinas:

– Pois se o Chico, depois que largou a fábrica não achou mais emprego! E depois, com aquela ferida nova que se lhe abriu no peito...

– E o meu Alfredo, coitado, que também já lá vai para quatro meses, não encontra o que seja para trabalhar! Na semana passada foi ver se assentava praça de soldado na polícia. Diz que lá também não há vaga. Uma terra tão rica e a gente a morrer de fome, sem trabalho! Governo mau, que manda buscar gente fora, quando aqui sobra gente. Governo que não cuida de nós. Sorte madrasta que nos persegue desde que aqui nascemos!

Ouvimos perto, entanto, alguém que fala:

– É, mas isso não pode, eternamente, continuar assim. Cansa-se, afinal, de sofrer e de penar. Isso não pode continuar assim!

A tirada não é uma tirada de humildade, filha da santa fé que ensina o homem a sofrer e a resignar-se ante a injustiça e ingratidão do mundo. Há em torno do que fala, de cabeça erguida, figuras sinistras e merencórias, tipos andrajosos, impressionantes, doentes apoiados em muletas, faces sofredoras, escaveiradas; velhos arrimados a bordões...

Faz-se um grande silêncio entre todos, um silêncio profundo. Não se ouve, entre as bocas que aí estão, uma só palavra de queixa, um suspiro ou um protesto, não obstante, mentalmente, estão todos repetindo aquela frase audaciosa e aflita que ficou no ar e que cada um sente como se tivesse nascido do próprio cérebro.

– Isso não pode ficar assim!

Não pode ficar, mas fica, com os donos da terra, sorrindo, a progredir e a engordar...

O morro de Santo Antônio é um verdadeiro arraial de infortúnio, chaga cruciante da miséria humana. Santo Antônio dos desgraçados! Só

a vegetação, aí, é poderosa e rica, por qualquer ponto rebentando com viço e com frescor, em caules, e folhagens que dão sombra, graça e amenidade ao desmantelo ali gerado pela mão do homem.

Fora da casa de Deus, que é a igreja da Penitência, um palácio de galas e de luxo, onde sacerdotes de igrejas de seda cantam te-deuns magníficos, o resto é residuo, escória, adversidade, tristeza. A igreja vale milhões. Se vale! Das mais ricas do país. Toda uma grande jóia, em talha dourada, a nave opima, com tetos pintados por José de Oliveira e Manuel Dias, conjunto que impressiona e escandaliza pelo fausto e de onde repontam o ouro, a prata, o cristal, o bronze, o pórfiro; madeiras das mais raras, mármore dos mais custosos, alfaias de alto preço, recamadas de pedras preciosas, com toques de cinzel, obra de consumados artistas... Casa de nababos! Os infelizes do lugar, diante dessa opulência que esmaga e ofusca, sentem-se, coitados, ainda mais pequeninos e humildes. Por isso preferem a missa na igreja do Convento, que fica ao lado, casarão modesto, com um interior dos mais simples, sem grandes mármore ou sem retábulos de preço, sem pinturas a óleo e o luxo das alfaias cintilantes. Sentem-se melhor, os pobrezinhas, mais próximos de Deus!

A massa vetusta do mosteiro é pesadona e feia. Obra colonial sem gosto e quase sem feitio. Esboroa. Lá dentro, entanto, sob as lajes do claustro triste, parco de decoração, ou em nichos juntos ao mesmo, ossos ilustres, lembranças gloriosas. Trapos da história! A Imperatriz Leopoldina, madrinha da Independência, Frei Sampaio, Monte Alverne, Conceição Veloso...

A ladeira que sobe pelas bandas de Senador Dantas e que nos leva ao alto do morrete, em linha caprichosa, é suave. Não fatiga. Suba-mo-la, mansamente, vendo, embaixo, os telhados pardaços da cidade, ruas sujas e rumorosas onde as rodas dos veículos estralejam nas pedras das calçadas; ouvindo os pregões dos ambulantes de envolta com os *eia!* aflitos, dos cocheiros, o vozerio e os ruídos de toda sorte, vindos de toda a parte, a se confundirem num só eco que ao nosso ouvido chega como um marulhar longínquo e intérmino de vagas tumultuosas rolando sobe a areia.

Alcançamos, enfim, uma parte do povoado mais ou menos plana e onde se desenrola a cidade miseranda. O chão é rugoso e áspero,

o arvoredado pobre de folhas, baixo, tapetes de tiririca ou de capim surgindo pelos caminhos mal traçados e tortos. Todo um conjunto desmantelado e torto de habitações sem linha e sem valor.

É uma árvore plantada, aqui, outra acolá, outra mais além, em meio a um casario cor-de-ferrugem, arreventado e decrépito. Construções, em geral, de madeira servida, tábuas imprestáveis das que se arrancam a caixotes que serviram ao transporte de banha ou bacalhau, mal fixadas, remendadas, de cores e qualidades diferentes, umas saltando aqui, outras entortando acolá, apodrecidas, estilhaçadas ou negras. Coberturas de zinco velho, raramente ondulado, lataria que se aproveita ao vasilhame servido, feitas em folha-de-flandres. Tudo entrelaçando, toscamente, sem ordem e sem capricho.

Quando chove, a água penetra dentro da morada pelos interstícios do tapume. O chão, por isso, deve ser arranjado em declive para que não se transforme em poças. Quando faz sol, o zinco aquece, incendeia; cada barraco é um forno onde ninguém fica, porque morre. Pior é quando venta forte, uma vez que todo esse material, em molambos, desfaz-se, tomba e se dispersa pela encosta da montanha.

Algumas casas são construídas de pedra e cal ou tijolo, e cobertas com telhas de Marselha, mostrando soalho e teto de madeira. Poucas são elas, entanto. O que domina o morro é o barracão de madeira e zinco, desaprumado e em frangalhos, uma coisa que nasce já com muitos anos de idade, que se apresenta como novo, porém, que nada mais é que uma triste e comovente ruína.

Já notaram como a miséria interessa a agrada sempre, ao confortado, pelo pitoresco que encerra, pelo que representa como assunto capaz de alegrar-lhe os olhos e o espírito? Nas capas das revistas elegantes, a figura andrajosa de um mendigo deleita, recreia, satisfaz. O turista de bom-tom, a primeira coisa que deseja visitar numa grande cidade é o bairro da pobreza.

– Já viu White Chapel, em Londres? Tão curioso!

– E Moabit, a feira dos andrajos, em Berlim?

Os pintores aristocráticos fixam, com grande afã, aspectos miseráveis da vida dos desprezados e dos que nada têm.



Tipo do morro

poltreado no *mapple* confortável. Existe mesmo quem não compreenda o mundo sem essas intensas contradições, necessário como as sombras na natureza, que servem para esquisar a graça dos contrastes, dando nitidez, relevo e corpo aos valores belos, porém, mais ou menos perdidos ou apagados, no imenso claro-escuro das paisagens.

Surgem crianças de todos os lados, sujas, maltrapilhas, rompendo de portas que se abrem com fragor, saltando cercas, correndo isoladas ou em grupos pelos caminhos do povoado, a gritar, a pular, aos empurrões, aos socos! Vivem, assim, desencabrestadas pelas ribanceiras,

irrequietas e turbulentas, como potros, só se aquietando quando divertidos na faina de empinar “papagaios”, pedaços de papel fino e colorido forrando travessinhas leves de madeira que o vento, como nas velas dos barcos sobre as ondas, bate e enfuna, erguendo no ar.

Nas suas tropelias, enchem o morro de berros:

- Larga!
- Puxa!
- Torce!



Mulata baiana

- Dá descaída!
- Garante a cabeçada!

Diversão de guri pobre, o papagaio, no começo do século, é delírio no Rio de Janeiro. Com uma pequena folha de papel de seda, uma flecha de dois vinténs e um novelo de barbante, que nas vendas se marca por dois ou três tostões, obtém-se a diversão. São esses artificios, em geral, quadrados; há-os, porém, sugerindo feitios diferentes, ovais, em formato de disco, em meia-lua, estrela e até imitando a forma de animais, papagaios de luxo, fortes, dos que em lugar de rabos de molambo mostram caudas de cadarço, muito longas, enfeitadas com laçarotes de papel, das que conduzem nas extremidades, um caco de garrafa, uma lâmina de faca velha ou um palmo de arco de barril, tudo isso para a hora das grandes lutas que se travam pelo ar.

Olha-se o céu e o céu está decorativamente cheio de suaves notas de cor, que são esses brinquedos de papel. Pelas clarabóias das casas, pelos enfeites em seta, nos telhados, pelos pára-raios das igrejas e até pelos fios telegráficos e telefônicos da cidade, vemo-los, ainda, pendidos e enroscados, em fragmentos, em frangalhos vistosos, à espera do vento que os há de esfacular de todo.

Continuemos, porém, a nossa peregrinação pela favela angustiosa. Penetremo-la a fundo.

Aqui está um barraco que a última enxurrada não desfez, mas entortou. Com um pé-de-vento ainda pode cair de todo. Dentro dele há uma mulher despreocupada que canta, passando roupa a ferro. Num caixotinho, ao lado, estão dormindo, a solto, dois anjos cor-de-rosa, um parecendo ter menos de dois anos e outro, uns meses, apenas.

– Boa tarde – dizemos.

– *Bá tarde*, moço.

Paramos um momento.

– Vocês não morrem de calor, quando há sol, debaixo desta fornalha de zinco que é a cobertura?

– *A gente já estemo habituado*, moço.

– Ah! E quando chove? A água deve cair sobre o catre onde as criancinhas dormem.

– *É mas a gente, antão, pega e muda o catre do logá.*



Tipos do morro
Desenho de J. Carlos

Ri-se, soprando o ferro de engomar com que labuta, o qual espalha, pela bocarra desbeçada e partida, fagulhas e fumaça.

– Seu marido quanto ganha, por mês?

– *Escunjuro! Marido pro mode quê? Para o diabo! Cumigo não há disso mais. Home num presta!*

Dá uma cusparada e continua:

– *O pai desses inocente era puliça. Ganhava da gente podê inté morá na cabeça de porco. Um dia pegô e me largô só por via de uma tipa mais piô do que eu. Me armei-me e fui tirá disforra. Fui, mas, nhô sabe, ele – puliça, puliça tem força no governo... Pegaro, e me metero no xadrez*

da décima. E eu que nem tinha riscado o home! Magine. Peguei, bandonei o caso. Agora, tô aqui, de meu. Não me arrenego...

“Pra que me havia de arrenegá? Lavo pra fora as minha roupinha, engomo e os inocente, graças a Deus, já não morre de fome, porque café e broa é que aqui não nos farta.”

E sorri, de novo, mostrando os dentes podres.

– E você é feliz assim mesmo?

– *Uê! Nhô já viu pobre sê feliz? A gente vai empurrando a sua vida com a graça de Deus.*

– Quer que lhe deixemos qualquer coisa?

E fazemos menção de remexer as algibeiras.

– *Quero não, moço. Me abasta um cigarro...*

Os mais venturosos do morro são assim.

Subamos, entretanto, mais um pouco, porque há ainda que ver e admirar...

Em Santo Antônio as mulheres trabalham muito. Lavam e engomam para fora, por preços vis. Para obter água vão buscá-la ao chafariz da Carioca, longe. Vão com os filhos raspar as varreduras do Mercado, pela manhã; catar os grãos de café que vazam da sacaria e das carroças pela hora em que ele embarca nos armazéns do grande comércio exportador: lá para as bandas de S. Bento, Primeiro de Março, Conselheiro Saraiva e Visconde de Inhaúma. À noite, essa pobre gente desce outra vez a fim de buscar as sobras de restaurantes. Ficam por vezes em fila, pobres

mulheres, enrodilhadas em xales cheios de remendos, ao colo, crianças esqueléticas e cobertas de ranho ou de feridas, à espera do pacote consolador onde se encontra tudo que existe como sobra de alimentos em uma casa de comidas: o bife que o freguês recusou, porque saiu duro, a salada de folhas velhas cheirando a percevejo-do-mato, o ovo que estava podre, de envolta com os restos que ficaram pelos fundos de ratos, muitas vezes até cuspidos pelo cliente enfermo. Tudo isso raspa-se para encher o embrulho feito na folha do jornal, não raro pisada ou arrancada ao maço da retreta. Distribuem-se os pacotes à porta. No dia imediato, a carroça do gari leva o resto. Dói o coração ver as mãos brancas e silenciosas dos que avidamente disputam todos esses sobejos corruptos e misturados...

– Tome lá, ó “aquela”, seu embrulho. Pegue!

– Nós somos seis por que não me dá, então, mais um embrulhinho, ó, Sr. Carvalho, como ontem?

Dizem isso com ar súplice e triste, pondo embora um sorriso de cortesia no lábio ressequido e melancólico.

– Vá lá, mais outro! Tome!

– Deus que lhe pague!

Continuemos, porém, a subir.

Crianças aos pinotes, a correr pela ladeira do morro abaixo, crianças impossíveis.

– Me larga, seu burro! Não quero brincadeira, que *tô de mal* com você...

– Tu logo me paga, punga de uma figa, tu *vai vê* se eu não te *estrupeço* com calhau essa cabeça de burro!

– Paga nada, repete só o que tu *disse pra tu vê*, repete! Olha...

A essa voz o outro passa-lhe a mão pelo pescoço.

– Me laargal!

Subamos mais um pouco...

Aqui está outro casebre, pobre e velho, de portas e janelas abertas em cujo interior não há vestígio de um só móvel. Do lado de fora, na man-



Outro tipo do morro
Desenho de J. Carlos

cha forte de uma sombra enorme, um casal: ela, tendo ao regaço um pequeno que dorme, muito magra, muito séria, muito triste, mirando as unhas curtas e encardidas, ele, sentado, sobre as tábuas de um caixote, ao lado, tossindo, cruzando as pernas angulosas, a torcer aflito, nos dedos esqueléticos que são apenas um montão de ossos e de nervos, o velho chapéu ensebado e sem feitio. Sente-se nele o homem que a desgraça exaspera. Amanhã, talvez se atire do Cais Pharoux ao mar. Tem os olhares vítreos, duros, maus.

Na ribanceira, em frente, as madressilvas e as tulipas campestres rebentam alegres e viçosas, aureoladas de sol...

Dobrando uma das curvas do caminho encontramos, adiante, outro casebre e muita gente reunida em torno dele. E suspiros. E vozes. Aproximamo-nos.

– Que há?

Ninguém nos informa. Ninguém fala. Todos levantam o ombro repuxando o beíço como que a revelar, num gesto simples, tristeza e enfado.

Rompemos o bolo humano e atingimos a porta do barraco. E vemos. No chão da casa, que é de terra batida, nua e fria, por sobre uns jornais velhos, um corpo estatelado, cor-de-cera, as mãos cruzadas sobre o peito.

– Morreu? – indagamos, baixinho, a uma velha sentada ao pé da porta, de olhos vermelhos de chorar.

– Se morreu! – responde-nos a pobre. – Era meu neto. Minha ajuda na vida. Vendia jornais no Largo da Carioca. Um dia, apareceu com uma febrezinha. Tosse. Uma pontada aqui. Muita fraqueza. Mesmo debaixo de chuva, coitado, lá ia ele, todos os dias, para o Largo, para o serviço. “Seu” Barreto bem que me dizia: “Olhe que essa criança, assim tossindo, assim, descalça, assim, morro abaixo, por essas manhãs de chuva, sempre, sempre, não agüenta. Um dia morre.” Pois não morreu? Morreu! E eu que fique pra aí, como uma coisa atirada no mundo. Quando o *rabecão* da Santa Casa vier, eu desço com ele. Desço. Os pobrezinhos, sabem todos para onde vai, que nem uma cova, só pra ele, pode ter, depois de morto; eu, porém, para onde irei?

E põe-se a enxugar as lágrimas com as costas da mão, porque não usa lenço.

Rabecão é o ataúde do pobre que a Santa Casa da Misericórdia, no começo do século, empresta para levar o corpo do que morreu à vala, um sulco tétrico que existe nos cemitérios e onde se metem, promiscuamente, cinco, seis, e até sete mortos de uma só vez.

Avancemos, porém, muito embora de alma abalada e triste, ouvindo embaixo o ruído estrepitoso da cidade.

Em meio aos casebres que se dependuram na parte da montanha que olha para os lados que dão para a Rua dos Arcos, após um moital baixo onde galinhas ciscam e lavadeiras, cantando, estendem roupas ao sol, está a tenda da negra Marcolina, muito entendida em feitiços e que, por isso, vive isolada do povilêu do morro, que a teme como uma espécie de amiga íntima do Diabo.

Revelação da Sr^a D^a Rosa, uma gorda, corada, feia, de buço de rapaz a sombrear-lhe o lábio cinqüentão:

– Recebe visitas do Tinhoso, às sextas-feiras. Todo o morro está farto de o ver. Na rua é como um homem qualquer, usa fraque e cartola; quando entra na casa, porém, se transforma todo. Ganha pés de pato, chavelhos de ouro, tresanda a enxofre, e deita fagulhas pelas goelas. Foi ele quem trouxe a peste bubônica ao morro, quem acabou com a criação de galinhas da *Maria Caolho*, quem matou com um ar de estupor o *Chico de Marocas*, forte rapagão que tinha o corpo fechado a malefícios e doenças, autor, enfim, de tudo que de mau acontece entre nós. Já quisemos queimar a casa da bruxa. Dizem, porém, que, com isso, pode a gente piorar, o Inimigo, então, vingando-se, a valer, de nós outros... Uma lástima! Não pense o senhor de se pôr de trelas com a sujeita, que perde a sua alma além de “entortar” a vida. Nós aqui, no morro, vivemos como se ela fosse uma pedra da estrada, posta pra aí... Quando fala, não lhe respondemos. Quando nos olha, fingimos que não a vemos. Nós, as mulheres, os nossos maridos e os nossos filhos. Santo nome de Jesus! E persignou-se, afastando-se.

Exteriormente, o antro da feiticeira é de aspecto muito pouco infernal. Umás choupanas tristes e humildes, forradas de zinco, como as outras, de porta desaprumada, e trepadeiras, em torno, viçando ao sol.

Lá está ela, a bruxa, à soleira da porta, sentada, cochilando, o galho de arruda atrás de orelha, a face encovada e sinistra, as mãos ósseas, os dedos compridos como garras, onde as unhas em ponta se retorcem.

Pita um cachimbo de barro, que se dependura a uma boca em pregas, larga, disforme e feia, cheia de negrume e de mistério. A figura é realmente macabra. Como imagem, lembra o vulto da Megera, a mais horrenda das três Fúrias. Olhando-a, fica a gente a pensar nas encruzilhadas de florestas fantásticas, onde surgem avejões, avantesmas, lobisomens, curupiras e saci-pererês, todos trepados em bodes verdes, suando labaredas; em Lucíferes de olho ciclópico, de chifres dentados como serrotes, reunindo os espíritos maus que habitam a Terra, só para na mesma criar novos malefícios, ou em *sabbats* alucinantes, dançando em cemitérios, à luz do luar, e ao som de apocalípticas toadas.

Aproximamo-nos. E como provocação, asperamente, vendo que ela desperta da modorra em que jaz e nos fita com ar de curiosa atenção:

– Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

– Para sempre seja louvado, diz ela, batendo o sarro do cachimbo na soleira da porta, com humildade e doçura.

A resposta confunde-nos.

Perguntamos:

– Vosmecê saber ler o destino na mão da gente?

– Eu deito carta, meu *sinhô*, mas lê na mão, não leio, não.

E já levantada:

– Deito carta, sei *esconjurá*, conheço as orações para aprumar a vida, as normas de S. Cipriano, pra *desmanchá coisas-feitas* e dou consulta barata. Vosmecê me dá *dês tão* e pode *preguntá* o que *quisé* que leva, como troco, resposta certa e remédio.

Penetramos a caverna sórdida da bruxa, um tanto cautelosos. Como mobiliário, há apenas no trapento interior uma pequena mesa de pau, a um canto, e dois caixotes para sentar. Sem ter uma pergunta pensada, indagamos-lhe, no entanto, de repente, pondo-lhe os dez tostões da pragmática na sua mão de esqueleto, longa e fria:

– Para obrigar uma pessoa que não gosta da gente, gostar...

– Para isso, feitiço de sapo, meu *sinhô*.

– De sapo?

O sapo, como então ficamos sabendo, é animal de grande força cabalística, porque é o alimento preferido pelo Diabo, razão, ainda, que comem os condenados às sempiternas chamas.

E ela continuando:

– A gente agarra um sapo, dos grandes, macho, se *fô trabaio* para *home*, fêmea se *fô trabaio* para *muié*. Pegando o bicho, sempre com a mão *dereita*. A gente o passa por baixo do ventre cinco *vez*, dizendo: sapo, sapinho, assim como eu te passo por debaixo de mim, assim não tenha sossego – quem sabeis – nem descanso *inté virá* o seu coração para o meu.

Depois, a gente pega de uma *aguia cum* retrós verde e cose os *oio* do sapo, as pelezinha dos *oio*, *pru mode fechá* bem e ele não *vê*. Mas aí é preciso não *furá* com a *aguia o oio*, *do sapo purquê intão* a pessoa do *trabaio* fica *cega, também*. Cosido os *oio* do sapo, a gente deve *rezá* assim:

“Sapo, sapinho, em nome de Lúcifer eu cozi os teus *oio*, o que eu devia *fazê cum* a pessoa que a mim me despreza para que ela ande cega sem a minha pessoa no mundo e não veja senão a mim no pensamento.” *Despois*, sapo vai para dentro de uma panela grande, *cum* pouco de água e a gente bota por cima uma peneira *purquê*, senão, o sapo morre e a pessoa do *trabaio* morre. *também*.



Casebres do Morro de Santo Antônio
Desenho de Armando Pacheco



Outro aspecto do morro de Santo Antônio
Desenho de Armando Pacheco

- E é coisa garantida?
- Só se Deus quisé...
- Mas você trabalha com o nome de Deus?
- *Uê, então*, Deus não é pai de nós todos?
- Você nunca viu o Diabo?

- Credo! Deus me livre! Aí no morro é que eu já ouvi essa história que o Diabo vem me *vê* neste barraco às *sexta-feira*. Abriu a boca horrenda numa risada explosiva, sincera:

- *Pois é, vançuncê qué sabê* quem vem aqui toda sexta-feira, por *siná* que me paga muito bem? Um moço muito conhecido na cidade, *vançuncê* deve de *conhecê* ele, com certeza.

- Quem é?
- Seu *dotô Murço Teixeira*...

A bruxa recebia Múcio Teixeira, conhecido poeta gaúcho, arrastado, no fim da vida, às práticas da magia.

A negra Marcolina aponta-nos, então na parede, um registro de São Jorge dizendo:

- Esse aí é meu pai!

Negra Marcolina explora, apenas, o sortilégio, para viver, mas, sem ajuda de espíritos malignos. Dizem, outrossim, os seus vizinhos, que a negra tem cento e trinta anos. Não tem. No máximo pode ter uns noventa. Marcha arrimando-se a um bordão, a carcaça em molambo. Pobre corpo esquecido de Deus, vilipendiado pelos anos, roído pelo sofrimento, pela miséria, e há muito reclamado pela terra.

Marcolina é tipo popular e conhecido em todo Santo Antônio.

Nessa parte do morro residem inúmeros mendigos. Os verdadeiros, os reais, os pobrezinhos de Deus, porque os outros, os que pedem por velhacaria ou mistificação, esses aboletam-se pelas casas de cômodos da Rua da Misericórdia ou becos adjacentes, quando não vão morar para os subúrbios distantes, por sítios onde não dizem aos vizinhos o que fazem, nem do que vivem.

Em Santo Antônio os mendigos também moram de esmola, óbulo, muita vez, do que não possui por teto senão uma folha de zinco, um bom coração e piedade cristã. Instalam-se eles, assim, nos cantinhos de sobra. Moram, entretanto. São todos uns reles trapos humanos, negras velhas com cara de rato seco, que dizem ter noventa, cem ou mais anos, falando da meninice do Imperador, de filhos que foram morrer nos campos do Paraguai, do ventre-livre e da Princesa Isabel, vagarosas e curvas, andando de pau na mão, *pa-joões* fistulentos, arrastando pernas cobertas de panos sujos de sangue e pus, pedindo “*bença meu sinhô*”, a carapinha branca, os olhos apagados e tristes; cegos de nascença, tocadores de sanfona ou vendedores de bilhetes de loteria; oftálmicos, leprosos, elefantíasicos, tísicos em último grau, dos que já não podem mais descer do morro nos dias de grandes hemoptises... Todo esse rebotalho lazarento e melancólico, remanescente de vidas que por vezes foram prósperas e felizes, cedo desperta e vai-se arrastando pelo morro abaixo. Vai ouvir missa na igreja do Parto, na da Ajuda, em Santa Rita, em São José. Os membros fracos andam mais, vão além, vão a templos mais distantes e mais compensadores, como o da Glória, no Largo do Machado, o da Matriz de São João Batista da Lagoa.

No lusco-fusco da madrugada parecem sombras marchando a pé. O pior é quando chove!

Pela hora em que os sacristãos abrem as portas das igrejas, eles já estão colocados ao ângulo dos portais. A primeira missa é a deles. Não a perdem nunca. Quanto mais miseráveis, mais devotos, mais agarrados ao Céu. Tomam várias cruces de água benta, atiram-se de joelhos sobre as lajes da nave. Rezam. Suplicam. Pedem. Depois é que vão para as portas onde ficam de cócoras, cheios de fome e de esperança, lamurientos e choramingas, exibindo as mazelas que carregam, as podridões

que os acabam, os olhos bovinos, cheios de aflição, ou de tristeza, as mãos pálidas, magras, sujas e côncavas, em riste.

– Uma esmolinha pelo amor de Deus!

O amor de Deus que os não consola, o Deus que só lhes dá em esperança ou em paciência o que recebe em súplicas e em lágrimas de sofrimento e de dor.

Caímos numa espécie de largo onde as edificações têm melhor aspecto e onde está o armazém-botequim do Carrazães, figura de grande prestígio no lugar: bom homem, bom coração, protetor desvelado de todos os seresteiros da zona, ele mesmo seresteiro de marca, grande tocador de violão e de guitarra. É um tipo pitoresco e simpático, caraça à antiga, pretexto para uma barba passa-piolho, como a dos tempos do Visconde de Inhaúma, em franja de reposteiro, o cabelo em cerda de porco, camisa de peitilho engomado, tamancas e o mais lindo sorriso alvar compondo uma bocarra de jumento, muito grossa e muito vermelha. Tem cinqüenta anos de idade, quarenta de Brasil e quase trinta de morro, sempre na mesma baiúca movimentadíssima, onde reúne malandros seresteiros, onde há cantigas ao violão, choros, serestas e, quando a cachaça estimula, conflitos e bordoadas, o relógio do tempo, como complemento às discussões que, quase sempre, se azedam ou se inflamam, encrenca que, começando entre os pipotes do bom verde e a caixotaria do bacalhau, resvala para fora, cai na pracinha, ou em bolo desce e vai pela encosta de morrete abaixo em meio aos gritos do “não pode!” “enche!” apitos e a algazarra infernal das mulheres e das crianças.

Com o pretexto de beber alguma coisa penetramos a sórdida vendoca onde o Carrazães paga o bicho, importante e severo e a caixeirada vende, sobre um balcão de pinho, gretado e imundo, copázios da “muito-boá” em martelos de três dedos.

– Vá, dois de *cana*, aí...

– Laranjinha *pingada*, uma!

– Maduro no copo grande...

Pela porta do negócio a freguesia cruza, descuidosa. Gente que entra. Gente que sai.

Chega um negrinho magro, de uns doze anos, erguendo nas mãos um triste embrulho de papel:

– Mamãe *mandô dizê* que a *calne* seca que o *sinhô mandô pra ela tá* podre e já tem bicho. Que se não *tivé otra, então, pro mode mandá* o dinheiro, *tra vez*.

E exhibe o conteúdo em questão, umas tiras negras de charque velho e comprido, cheirando mal.

Lavadeiras de cachimbo dependurado ao canto da boca, abrindo lenços encarnados em forma de bolsas, pedem bicho.

– Dois *estão* no urso, um no jacaré, e mais outro no cavalo.

E os caixeirotos de sobranceiras em tarja e mangas arregaçadas, ativos, multiplicando-se afanosos, servindo os bebedores de aguardente.

Ao fundo do estabelecimento, onde está o relógio e o armariozinho do fumo e das caixas de fósforo, próximo a uma mesa que assenta num chão de tábuas negras, muito reluzentes de saliva, está um tocador de violão, o pé sobre um caixote de banha e, em, torno, um grupo de atentos admiradores, formados em platéia numerosa e aquecida. O homem que dedilha o instrumento suavíssimo é um mulato de gaforinha densa e bipartida, um fraque de sarja, velho, fechado na altura do pescoço, preso por um alfinete de fralda, a ponta do charuto apagada e curta, metida, cuidadosamente, atrás da orelha, uma orelha suja e despegada do crânio. Faz ressoar os bordões sonoros e profundos do “pinho” gemedor, mexendo a abotoadura das cravelhas. Depois, pigarreira. Depois cospe. Funga. E, então, começa:

Não sabes que te amo e que te adoro

Que vivo a padecer?

Não sabes dessas lágrimas que choro,

Do meu triste viver?

A modinha da época guarda ainda a feição lamurienta que tinha há um ou dois séculos. Ainda é uma coisa monótona e plangente, que se arrasta aos soluços, aos lamentos e aos ais. A melodia é triste, triste é o ritmo, triste o cantador; tristes, até aqueles que, enlevados, a escutam. Estão todos eles atentos e comovidos, as mãos às costas, de cabeças pendidas, as faces hirtas e profundas, umas faces duras, sem olhos, como as das máscaras da tragédia grega. E, dentro do peito, o coração

a bater. A bater e a filtrar todo o fel amargo daquela dor que escorre e que é a um só tempo consolo à aflição; solfa merencória e tormentosa, lembrando a alma antiga e infeliz dos homens do Brasil, todo um canto amassado em lágrimas de melancolia e de saudade; melancolia que foi do índio, filho da terra que viu transformar-se em cinzas a taba em que viveu, por vingança, queimada pela mão do colonizador, saudade de negro chorando, nas senzalas, a paisagem risonha da pátria em que nasceu, mágoa contida e recalcada do branco nativo, também escravo de outro branco, que era o rei...

Olhemos essas figuras que o drama melódico reúne. Reparemos na importância patética desses vultos simpáticos onde ninguém fala, onde ninguém se move e quase não se respira. Estão as almas todas em comunhão, felizes, entrelaçadas, por uma só e íntima lembrança, almas irmãs, algumas patrícias, apertadas e unidas pelo instinto do sangue. No subconsciente, no fundo de cada peito, num cenário de imensa claridade, desdobra-se a paisagem radiosa, imagem amiga de uma terra moça, risonha e verde, onde há cascatas, frondes espessas, coqueirais, palmeiras, sol de ouro e céu azul! Brasil! Brasil!

Se todos rezassem nesse instante, não teriam os homens, soles e hirtos como estátuas, maior recolhimento, maior envelo, nem maior contrição. O próprio Carrazões, que é estrangeiro e de alma contrária à nossa, comove-se sentindo o arfar daqueles corações e até a caixeirada ativa que serve sobre o balcão a dose de capilé ou da cachaça faz mover, com cuidado, o vidro e a louça de serviço para ouvir melhor.

A canção desenrola-se. A toada é gemedora. A letra, urdida no idioma bárbaro, aflige. Vai amalgamando os corações, umedecendo os olhos. Desdobrada em queixumes, o violão segue-lhe as pegadas como que aos tropeços, aos tombos, os dedos do executor por sobre as primas e os bordões cambalhoteando em acordes, a desenhar, com ternura e com graça, a harmonia sincopada e sutil.

Às estrelas pergunta por teu nome
Que elas, certo, dirão,
E esse amor que aniquila e que consome
Meu pobre coração...

Sofrendo a melodia que apunhala, continuam petríficos e imóveis. São estátuas.

E a toada, blandiciosa, continua escorrendo:

Pergunta à brisa plácida e tremente,
Aos doces gaturamos,
À lua pálida e silente,
O que nós conversamos...
Sabem de cor a cor das tuas tranças
E do teu meigo olhar,
Sabem também das minhas esperanças
E quanto eu te hei de amar!

São estrofes românticas vazando todo o lirismo lânguido e meloso dos poetas de quarenta anos atrás:

Porém não sabem que a chorar somente
Eu vivo, casta flor!
Que me dás o desprezo, indiferente,
Em troca deste amor!



Múcio Teixeira
Desenho de
Julião Machado

Impressiona a dolência e a taciturnidade do pensamento musical, verdadeira diurese de pessimismos e tristezas, revelando a alma desanimosa e apaixonada de um povo. Mas, está finda a modinha que desmaia num trêmolo suavíssimo, umedecendo os olhos, desoprimindo os corações.

O homem que fez gemer o instrumento sorri sobre as cordas que ainda fere e que domina. Desata, então, os dedos célebres, ora em acordes irrequietos e folgazes, tentando apagar o pensamento lúgubre daquilo que cantou, ora em floreiros gráceis, ponteando a golpear com graça e com deleite o sonoro metal dos atroantes bordões. E de tal sorte, que o violão, nascido para cantar a desventura humana, os poemas da melancolia e da saudade, transforma-se, de súbito, num eco jogral e ativo de harmonias bailões. A reação transforma logo o ambiente. Os homens, em torno, abalroados pela alegria, movem-se, reentrando, falando.

– *Xá vê* um cigarro, aí.

– Ó Chico, dá um *fósfe*, aqui ao Fulgêncio.

Cusparadas, gargalhadas. Empurrões.

No começo do século o violão é um instrumento querido e cortejado pelo povo, mas sem cotação, sem a menor entrada nos salões do que se chama “boa sociedade”. Violão e modinha. Lá uma vez ou

outra, e isso mesmo muito à socapa, é que esta última, em tais lugares, se admite ou tolera, assim mesmo, quando acompanhada ao piano. Também não entra nesses ambientes de elegância e chique, o maxixe, que é o pai amigo do samba dos nossos dias, só porque o dançam nos teatros e é folgança de plebe. Dele também não quer saber a morada do nobre. Se acaso nela bate à porta, não passa da soleira da mesma, como um homem sem colarinho e sem gravata, embora fique com o direito de procurar, sem cerimônia, as cavalariças ou as cozinhas da residência elegantíssima. Preconceitos herdados, tolos preconceitos vindos do tempo em que o Brasil não era nosso.

Contudo, muitas vezes, na casa brasileira, às escondidas do papai conservador e tradicionalista, as nossas sinhazinhas e sinhás não só cantam o que a canalha pela rua canta, como dançam, também, umas com as outras, divertidas e alegres, os passos do *corta-jaca* ou do *balão-caído*, que aprendem pelos teatros que freqüentam. É o fruto proibido saboreado à socapa, num despertar gostoso dos instintos da raça. E que ninguém se espante, ainda, sabendo que esse papai conservador e tradicionalista que não quer em sua casa tocatas de violão e passos de maxixe, por sua vez, pondo a gravata de *plastron*, diante do espelho de cristal, também ensaia, venturoso, de quando em quando, por instinto e prazer, motivos do bailado nacional. Isso, quanto ao maxixe, porque, quando rebenta, na calçada da rua, por horas em que todos dormem, a voz da serenata, soluçando, gemendo, na doçura da noite cheia de luar e de mistério, ele é o primeiro a abandonar o leito onde repousa e ir, pé ante pé, colar o ouvido atento à frincha da janela, gozando, em êxtase, o canto que lá fora soluça amargurado.



Vendedor de jornal
Autor desconhecido

No Rio da assomada do século não se compreende lua no céu sem serenata, sem violão e sem cantigas.

Atenção, porém, que a serenata está na rua.

Quando a cidade adormece, por ermas ruas e revéis caminhos, andam grupos de seresteiros, a cantar. Em grupos numerosos, lá vão eles ferindo violões, cavaquinhos, bandurras e bandolins, os chapéus

desabados no sobrolho, nos bolsos dos paletós, frascos da “branca” ou de vinhaça. Andam léguas e léguas, assim a tocar, a cantar, até que venha a luz do dia.

De dois gêneros são as serenatas que se fazem entre nós: a serenata de cantigas e a que se denomina choro. Na primeira avulta a voz humana ferindo a melodia, subalternizando todo o conjunto harmônico da massa instrumental. No choro, o caso é diferente, a voz humana não se escuta. Soam, apenas, os instrumentos gemedores, soturnos, em adágios plangentes que, na época, o sofrimento é flor que se cultiva... No repertório dos chorões estão as valsas langorosas de Francisca Gonzaga, os sincopados tangos de Ernesto Nazaré, de J. Cristo e Assis Pacheco, *schotischs* de Nicolino, Aurélio Cavalcanti, Costa Júnior e Sinfonias Ornelas, músicas patéticas, adocicadas, que os instrumentos suspiram melosamente, a escorrer ternura, provocando suspiros, e saudades.

Entre os grandes chorões do tempo encontramos, não raro, instrumentistas de nomeada, alguns até prêmios do Conservatório de Música. Nomes? Anacleto de Medeiros, profundo conhecedor de música regional, orchestrador brilhante, notável compositor e que acaba mestre da banda do Corpo de Bombeiros, então considerada a melhor da cidade; Leandro Santana, denominado o *rei do clarinete*; Alfredo Viana, pai do Pixinguinha, grande oficlidista; o muito popular capitão Rogério, pistonista de fama. Fonseca Barros, Guerra da Paraíba, Alfredo Timbó, Belisário, porteiro do Senado; Patolá, Albertino Pimentel... Todos eles chorões agaloados, acompanhadores eméritos de violão ou fortes soadores de instrumentos de sopro, festejados e popularíssimos.

Possui a modinha, por sua vez, notáveis intérpretes: Quincas Laranjeira, o famoso Quincas, homem que molha de lágrimas a voz quando canta; Coelho Guét, Veloso, contramestre da banda de música da Escola Militar; José Rabelo, Francisco Borges, Tafi, cantor e acompanhador notável, o que, quando morre, mais tarde, deixa como último desejo que o enterrem com o seu querido violão; Joãojoca, Cipriano de Niterói, Paiva Gama, Breimer, possuindo voz de espantosa sonoridade; Horácio Telberg, Carlos de Meneses, Álvaro Nunes, Juca Fortes, Geraldo Magalhães, Eduardo das Neves, Benjamim de Oliveira, Neco, Ventura Careca, Sátiro Bilhar, boêmio desregradíssimo, mas, funcionário exemplar da Estrada de Ferro Central do Brasil, Eustáquio Alves, depois, um dos

fundadores da *A Noite*, senhor de notável execução, quiçá um pouco envergonhado da sua virtuosidade, com a mania de tocar clássicos, de tal sorte tentando internacionalizar o instrumento patricio; Artidoro da Costa, Mário Cavaquinho, Leal, o que foi professor de esgrima na Escola Militar; Frutuoso, Castro Afilhado...

E por que, no meio desses eméritos cantadores e tocadores de violão, não incluir, ainda, nomes ilustres, como Epitácio Pessoa, então ministro de Estado e depois presidente da República; Nilo Peçanha, Melo Moraes Filho, historiador e cronista da cidade; juizes como o Dr. Itabaiana de Oliveira; altos funcionários do Estado como Pinto da Fonseca, Manuel Jácome, todos eles conhecedores profundos do instrumento, executando-o com galhardia, enobrecendo-o como outrora Castro Alves, Tobias Barreto e Laurindo Rabelo?

As modinhas desse tempo não são lançadas, como mais tarde se lançam os nossos sambas cantados, anualmente, pelo carnaval. Nem às centenas. Longe disso. A qualidade da produção, na época, porém, supera a quantidade. Músicas originais e, sobretudo, muitíssimo brasileiras.



Casario no morro
Desenho de Armando Pacheco

O brio do compositor, na época, não admite a introdução do mais leve motivo estrangeiro na solfa indígena. Tudo original, e, sobretudo, bem nosso. Quem não tem talento para criar, vai quebrar pedras, mas não se mete a músico.

Pouco se imprimem, outrossim, essas originais cantigas, o que não impede que corram, logo, de boca em boca de cantador. O que

acontece com isso, é haver, por vezes, delas, variações descabidas e até cômicas. Há o verso de famosa modinha, por exemplo, escrito assim:

Tu tens o tipo da mulher que me fascina

que muito se canta, entanto, desta forma:

Tu tens o tipo da mulher que me faz cenas...

E o que se ouve mais, então, por esse tempo? Canta-se:



*Tocador de violão
Desenho de Armando
Pacheco*

Perdão, Emília, se roubei-te a vida

Cantiga lague, de um sentimentalismo encantador, infalível no repertório de todo bom tocador de violão, como a que começa, assim:

Quis um dia varrer-te da memória...

Urdida no mesmo gênero,

Mostraram-me um dia,
Na roça, dançando,
Mestiça formosa
De olhar azougado.

Não há cantador de violão que não tenha no seu lírico repertório a cantiga do

Quisera amar-te, mas não posso, Elvira,
Porque gelado trago o peito meu,
Não me crimines que eu não sou culpado,
Amor, no mundo, para mim, morreu...

sucesso desabrido que dura, ainda, por todo o primeiro decênio do século.

À sombra de enorme e frondosa mangueira

é outra que esfalfa os cantadores.

Meu Deus que noite sonora
O céu se vê todo estrelado

está em voga também.

A modinha do *Vagabundo*, vinda dos tempos de Floriano, ainda faz vibrar primas e bordões:

Nasci como nasce qualquer burgomestre
Não sei quem foram ou quem são meus pais
Vivo nas tabernas, ao som das violas,
Pesco de linha na beira do cais.

E a modinha do Coqueiro?

Tu não te lembras da casinha
pequeninha,
onde o nosso amor nasceu?
Tinha um coqueiro do lado
que coitado
de saudades já morreu.
Tu não te lembras das juras
e perjuras
que fizeste com fervor,
Daquele beijo demorado,
prolongado,
que selou o nosso amor?

Enaltecendo o gênero nacional, um belo poeta, Guimarães Passos, lança a *Casa-branca-da-serra* que, do violão, passa para o piano e do piano para os florilégios. Uma há, porém, em meio a todas essas populares modinhas, que consegue ser a mais decorada e a mais popular de todas – a que glosando a descoberta feita por Santos Dumont, da direção dos balões, canta-lhe a glória do feito:

A Europa curvou-se ante o Brasil...
E brilhou lá no céu mais uma estrela.
Apareceu Santos Dumont.

Outra ainda que se canta bastante, na alvorada do século:

De lira em punho
Vou pra rua
Quando a lua
Se mostra no céu mais bela...

Há, ainda, a do *Só assim serei feliz*, cantada com a música do *Profundo dissabor que me devora*, da lavra de Joãojoca:

Ah, se eu pudesse,
Serias minha até morrer!
Muito padece
Meu coração por te querer.

A campanha organizada por ocasião da epidemia da peste bubônica, inspira a canção do rato:



Benjamim de Oliveira
Desenho de Marques Júnior

Rato, rato, rato!
Por que motivo tu roeste o meu baú?
Rato, rato, rato...

Faz também enorme sucesso a canção do *seu Nicolau*:

– Olá seu Nicolau,
Você quer mingau?
Mingau não quero,
Eu quero amor...

De voga e grande, goza, também, a cançoneta do Arame, fugindo um pouco ao lamuriento repertório da canção nacional cantada nos chopes berrantes da Rua do Lavradio e no Passeio Público, pelo Geraldo de Magalhães:

Seja moça um primor
De beleza e de amor,
Cá o degas
Não vai lá por piegas...
O arroz, para um, chega bem,
Mas, para dois...
Menina sem “aramé”
Vá rodando, não me ame...



Catulo Cearense
Desenho de Marques
Júnior

A canção do *Bolim bolacho*, um pouco no mesmo gênero, vai até para os teatros de revista, popularizadíssima:

Bolim bolacho
Bola em cima e bola embaixo
Por causa do caruru.
Quem não come da castanha
Não percebe do caju
Não entende do fubá...

Versos servindo de estribilho chistoso a belas quadras, como estas:

Meu galinho de campina,
Rouxinol, de laranjeira,
Não há dinheiro que pague
Beijo de moça solteira.
Semei no meu quintal
A semente de repolho,
Nasceu-me um velho Careca.
Com uma pipoca no olho...

É por esse tempo que surge Catulo da Paixão Cearense, mais tarde consagrado como o maior poeta regional do Brasil, escrevendo poemas que encaixa com muito chiste em músicas já consagradas. Dele é o superfamoso:

Ai ladrãozinho
Esse lábio de corall..

que se canta com a música de um tango de Nazaré, *Brejeiro*, e, logo se populariza. Daí por diante começa o poeta a lançar *Talento e formosura, Juramento, Arrufos, Vem...*

Há quem afirme que devemos a Catulo, embora isso muito mais tarde, a queda do preconceito que vedava a entrada da modinha em uma casa de família de certa distinção. Que de 1906 em diante, vamos encontrar o poeta do *Luar do sertão* cantando nos salões de Botafogo e das Laranjeiras, de tal sorte reabilitando a canção patricia e popular, vilipendiada pelo preconceito desnacionalizador. A princípio, a alta-roda ouviu Catulo, por excentricidade, um Catulo incompreensivelmente *smokingado*, quase elegante, perguntando a Mme. Azevedo, em curva de bodoque, o violão debaixo do braço: – V. Ex^a conhece a minha última produção, *Palma de martírio*?

Quando um Deus cruento,
Vem sangrar meu sentimento
E em tormento
Põe-me as cordas a vibrar?

Um dia, ouvindo-o em casa de Coelho Neto, certo cronista nosso tem a idéia de comparar o cantador ao velho Caldas que, na Lisboa do século XVIII, lançava o lundu brasileiro pelos salões alfacinhas. Outro espicha sobre a gazeta em que escreve um *suelto* achando da maior elegância e do melhor bom-gosto a idéia da modinha em família, entre senhoras de bom-tom, decotes e cavalheiros de casaca, sobretudo quando o cantador não usa gaforinha, botina reiúna e chapéu três-pancadas.

Começam o violão e a modinha a forçar, aí, os reposteiros dos salões da *haute-gomme...* Mais um pouco, penetra no palácio do Catete. E o maxixe, aproveitando a oportunidade, velhacamente, logo atrás...

A modinha, porém, nos salões de etiqueta, como se canta, é coisa banal e falha, não pode ser igual à que se canta cá fora. Que diferença! Num ambiente de elegância e de chique, a pobrezinha então cantada por Catulo, um Catulo de *smoking* e de sapatos de verniz, sente-se mal. Modinha para ser, realmente, modinha, reclama ambiente próprio, só pode ter glória, em cenário seu, dentro do quadro da sua tradição: morro, luar, viela lóbrega, o cantador de cabeleira e olho bambo, na indumentária

plebéia, cuspinhando, o cigarro dependurado ao canto da boca melancólica; cantiga onde se possa sentir a alma chã do que sofre, a alma simples do povo, solfa, além disso, que cheire a sarro e a cachaça.

As do morro de Santo Antônio cheiram a fumo Aimoré e a parati. São, por isso mesmo, realmente, modinhas profundamente nacionais, imensamente nossas, com todos os seus matadores românticos, os seus arroubos de sentimento, os seus loucos jatos líricos despedidos, com ênfase, por cantadores de voz trêmula e esfandangada, sob as janelas de Julietas tez marrom, das que, pela época, não usam papelotes no cabelo...

Mata-me, ó meu amor,
Que a morte é linda
Dada por tua mão,
Mata-me, anda!

Quem mata o cantador, muitas vezes, é um soldado naval, por questões de ciúme.



Maxixe carioca
Desenho de Calixto

.....

Capítulo 9

Largo do Machado

O LARGO DO MACHADO – RECORDAÇÕES DO PADRE JOÃO
– O CAFÉ LAMAS – FREQUENTADORES DO MESMO – O
GAMBÁ E O BODOQUE – CÔMICA HISTÓRIA DA
INAUGURAÇÃO DA ESTÁTUA DE CAXIAS – UM SÓZIA DE
SANTOS DUMONT – FESTA DADA AO GRANDE AERONAUTA
NO PARQUE FLUMINENSE

N

O COMEÇO do século o Largo do Machado é um logradouro tranqüilo e pitoresco, por onde cruzam os bondes que vêm de Botafogo ou de Águas Férreas, ensombrado jardim onde palmeiras viçam, surgindo de altos e densos tufos de folhagens as eternas folhagens que, desde os tempos coloniais, insistem em cerrar, nos parques públicos, os planos de perspectiva no cenário grácil da natureza. Uns bancos de madeira, velhos e apodrecidos pelo tempo, espalham-se, aqui e acolá, pelas curvas do alambreado macadame que se destaca, roçando o verde esmeraldino dos gramados. Isso embaixo, na doçura da sombra fresca e cheia de tons azuis; em cima, barulhos de asas e o amigo chilrear de pássaros alegres, revolteando ao sol.

Chamou-se ao Largo do Machado, primitivamente, Campo das Pitangueiras – Campo das Laranjeiras depois. Em 1843, isto é, um ano após a inauguração da igreja que ainda hoje é matriz da freguesia, passou a se chamar Largo da Glória. Em 1869 tornou, porém, o nome que ainda conserva até agora – Praça Duque de Caxias.

O povo, entanto, desde a menoridade de Pedro II, só chama ao logradouro Largo do Machado. Do Machado? Por quê? Porque na parte que tinha próxima à estação dos bondes, dominando a praça e o jardim, existia, outrora, um açougue mostrando, na fachada, como anúncio, um enorme machado, diz-nos mestre Noronha Santos no seu precioso *Indicador do Distrito*.

Em 1901 não existe o refúgio que se chama, depois, ao ser construída, “Ilha dos Prontos”. O jardim avança, nessa altura, tornando um pouco estreito o caminho destinado ao trânsito de veículos. O gradil que o cerca, de aspecto colonial, torto e sem sombra da menor pintura, é horrível.

Junto a ele, um pouco sobre o lajedo da calçada partida e imunda, os infalíveis, os sórdidos quiosques, com o fatídico catranca em mangas de camisa e bigodeira hirsuta, a berrar e a feder, na sua jaula de madeira e zinco. Em volta, homens de pés descalços, esmolambados, sujos, dando impulso e fortuna ao baixíssimo negócio, bebendo parati, cuspinhando grosso e a discutir aos palavrões e aos gritos. Não esquecer os tilburis, as caleches e vitórias, muito velhos e muito desajeitados, que fazem ponto na linha da Rua das Laranjeiras, estafadíssimos veículos, com os seus eternos cocheiros de paletó desabotoado, chapéu mole e charuto de preço baixo, espetado numa queixada sempre lustrosa de suor e com a barba por fazer. Um pouco dispersos por essa parte do Largo, sobre o lajedo das calçadas partidas, a molecagem das balas, vozeiruda, alegre, jogando as “três-marias”, um olho no “galo”, outro nos bondes que hão de vir e para os quais sobem em bulhentas e gárrulas revoadas.

“Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico” é o que se lê gravado no alto do edifício que serve de estação aos bondes, erguidos numa arquitetura severa, em meio ao casario reles que compõe a fisionomia incaracterística das praças: velhas construções, ainda de aspecto

joanino, uma ou outra evoluindo para aquela novidade que o espírito zombeteiro do carioca por vezes chama de “estilo compoteira”.

Na parte térrea, larga porta de serviço, por onde entram e saem veículos. Ao lado, uma sala de espera, pobre e simples, para os passageiros, mostrando, ao fundo, um lavabo, que se decora de um espelho eternamente baço, bancos envernizados; e, digno de especialíssimo registro: em caixas de madeira, dos primeiros gramofones que chegam ao Rio, com o seu par de auscultadores de borracha e uma fendazinha para o níquel da auscultação, mostrando um letreiro gravado em metal, com estas palavras: “Ponha aqui”, na parte superior, e, na inferior, “cem réis”.

À direita desse salão, que aí serve de agência, e onde há um despachante que vive a atender condutores e atender o público, dando saída aos veículos, uma porta de açougue, bem no lugar onde existiu o famoso machado. Porta larga, com panos de brim branco a forrar as portadas, enodoados panos sobre os quais se exibem quartos de boi, de porco e de carneiro. Não esquecer o caixote de mocotós, e o cepo, ao centro da loja, gretado, sujo e fedendo a carne podre.

Esse açougue tem, sempre, deitado na soleira da porta, como tabuleta de seu negócio, um cão peludo e enorme, gordo como um cônego, sonolento como um guarda-noturno. Pelo tempo, não há loja, no gênero, por mais ordinária que seja, que não possua o seu cachorro. Se é um estabelecimento de primeira ordem, possui, logo, dois. Originalidades do varejo carioca. Também não há loja de chá, cera ou sementes, sem gato, comércio de marafona, sem papagaio e tenda de quitanda sem garnizé. Enfim, pode ser que em uma ou em outra destas últimas casas, tais bichos não existam; açougue, porém, sem cachorro é que ninguém encontra.

Mais além, as portas do já famoso Café do Lamas, depois, uma loja de ferragens e na parte fronteira, fazendo a volta da Rua do Catete, o Araponga, café modesto, com vida e peso na história do Largo, pela época.

À esquerda do edifício do Jardim Botânico, que preside, pelo seu vulto e posição, a linha urbana da praça, está a Casa de Laticínios, refúgio familiar onde se toma, além de leite e sorvetes de fruta, um célebre chocolate-pirão, mescla de cacau, farinha de trigo e açúcar, servido com torradas, que ainda se cortam de pão cacete, latitudinalmente, em duríssimas rodelas, muito queimadas e apenas visitadas de manteiga.

Sobre as lojas da leiteria, o sobrado onde se instala, depois, uma sociedade recreativa, carnavalesca e dançante, com domingueiras obrigadas a capilé, à quadrilha francesa e a rolo.

São onze janelas dando para uma sacada de grades prateadas, com decorações a “giorno”, galhardetes, flâmulas e outros enfeites de papel. Nas noites de festança a sacada enche-se de convidados e sócios, logo que cessa a bulha estrupidante das polcas e maxixes, das *schottischs* e das valsas. São mulatinhas sestrosas que mordiscam lenço de renda cheirando a água-florida ou a patchuli, em namoro com caixeirotos de pasta descida sobre o olho esquerdo, calças abombachadas e peitilhos de pregas que lembram enormíssimas lasanhas; *manés* de bigodeira retorcida em chifre de carneiro, sapaterras amarelas, aos coices, aos empurrões, com as pretas que vestem de branco e trazem laçarotes de fita cor-de-rosa no cabelo. De ouvir os diálogos e os muxoxos sestrosos das mulatas, de envolta com os “uês”, os “prumodes” e os “havera de sê” e mais o guincho histérico das negras pisadas ou esmurradas pelos *manés*, num desabafo bestial e lúbrico de sentimento e carne. É quando, entre “ais” gritados ou escandalosas gargalhadas, rebentam frases líricas, como esta: – Não enxerga, seu bruto! – E logo o vozeirão do *Manel* a dessorar ternura e galanteio: – Ah! Grandíssima burra!

No fundo, tudo isso é sociabilidade e amor.

As famílias passam pela calçada, gozando o quadro, identificando, entre os janeiros em galhofa, os fornecedores do varejo local, bem como as cozinheiras que, no dia de folgança do clube, salgam-lhe a sopa, deixando queimar o arroz, ansiosas por não perderem a festa.

Súbito, a figura do mestre-sala que aponta na sacada – anunciando, em voz suspirada e terna: “chostes”. Uns ruídos secos de varinha de junco numa estante de metal e logo os compassos de um *schottisch*, dança langorosa em que os pares resvalam, evocando, no amaneirado das figuras, o *donaire* gentil dos minuetos.

E enquanto deslizam os pares...

Na parte oposta fica a igreja da Glória, a matriz.

Monsenhor Molina é o pastor das ovelhas do arrabalde, um velhinho vermelho e triste, de óculos de ouro e nariz em lâmina de canivete Rodgers. Apesar de padre, é homem de alma cristã. Até os ateus

descobrem-se quando ele passa. Tão popular e querido, como ele, só o padre João, nascido na Alemanha, uma espécie de Golias tonsurado, alto, gordo, mole, enchendo com a sua vasta enxúndia toda a sacristia e falando assim:

– “Djezuz Grista não goste tas creandzinhes que faldam as litzões da gadtcismo. As creandzinhes que goste da Djezuz Grista, não defem faldar...”

Faltam as criancinhas às lições de catecismo, como faltam as mães, na hora do confessionário. No domingo, porém, hora de namoro e entrevista, ninguém falta. A igreja está repleta. A nave transborda de vestidos de rendas, de fitas, de plumas e de brocados. São senhoritas de cinturinha de marimbondo, gorjeira de barbatana e filó, amplos chapéus à “Gainsborough”; velhotas vestindo gorgorão, mitaines e broche obrigado a camafeu, no pescoço. Os gabirus, de cartola, a torcer os bigodes para as gabiruas, e as gabiruas, de olho pregado nos gabirus, frescas, sorridentes, agradecendo a Deus aquele minuto de emoção e derriço, nas mãos finas, carregadas de anéis, o livrinho dourado da missa, esquecido, coitado, e, no peito, a bater pelos gabirus, as insígnias votivas do Sagrado Coração de Jesus.

De padre João, popular e boníssimo, conta-se uma história verdadeiramente interessante. Recebendo, ele, certa vez, na sacristia da igreja, uma senhora de avançada idade, velha devota de cabelos brancos, que há muito ele não via comparecer às solenidades religiosas da igreja, num tom de cândida censura, quis, gracejando, chamá-la de “ovelha desgarrada”. Não lhe ajudando a língua, na sua áspera e teuta dicção, pronunciou: *o velha descarada*, de tal sorte provocando protesto por parte da senhora e grande espanto em toda a sacristia.

No começo do século o Café Lamas é um cenáculo de estúrdios e irrequietos boêmios: estudantes, artistas, bancários, rapazes do esporte, do funcionalismo público e do comércio. Funciona dia e noite. Suas portas não se fecham, nem se abrem. De tal sorte que, uma vez, quando se amotina a Escola Militar e a notícia corre que, sob o comando do general Travassos, descem os alunos pela Rua da Passagem, caminho do Catete, as portas do estabelecimento, de tanto viverem sem o menor movimento, não podem fechar, perras, imobilizadas nos seus gonzos. E, assim é que se manda chamar, para fazer movê-las, um esperto carpinteiro.

O noctívago que mora em Botafogo, na Gávea, em Jardim Botânico ou nas Laranjeiras, embora com ponto certo e regular em algum café do centro da cidade, ao recolher, aí pela meia-noite, uma, duas ou três da madrugada, dá sempre a sua “chegadinha” ao Lamas, para tomar o último chope, fumar o último charuto, ouvindo a última do Emílio, contada pelo grupo literário presidido pelos bigodes do Bastos Tigre.

Lamas, o proprietário do negócio, é figura que bem pouco aparece no café. Tão pouco, na verdade, que, um dia, dizem, certo caixeiro novo, ao vê-lo a remexer um cesto chegado da padaria, grita-lhe, em ar de censura:

– Olhe lá, amigo, que roscas não se apalpam nesta casa. Ordens do Sr. Constantino...

E arrebatá-lhe o samburá, açodado, num gesto de quem quer dizer: – Tire pra lá as suas unhas!

Achou graça, o patrão, ao zelo do empregado e, por isso, ordens deu para que se lhe aumentassem, pelo fim do mês, cinco tostões ao ordenado.

O garçom da roda, o mais conhecido, o mais prestigioso e popular do café, é o Gambá: baixo, moreno, com uma focinheira de marsupial sempre muito bem escanhoadá. Vive em íntima relação com a freguesia, não raro num comércio estranho ao do estabelecimento.

– Gambá, quanto me dá você, por esta piteira? Olhe que é de âmbar, com monograma de ouro...



Morro da Viúva
Desenho de Armando Pacheco

- Quanto precisa?
- Três mil-réis.
- Dou-lhe mil e quinhentos. Passe a piteira.

Gambá, o simpático Gambá, saiba-se, não faz transações de compra. O que ele faz é o penhor. Emprresta sobre um décimo do que dá, mas, por semana...

No fundo do estabelecimento, em duas malas gordas, mete o material empenhado. Um museu de coisinhas: piteiras, abotoaduras, relógios, alfinetes de gravata, cigarreiras...

Quando não reclamam os objetos empenhados, ao fim de um ou dois meses, aí, então, é que os vende, mas sempre por preços ínfimos:

- "Seu" doutor quer comprar-me um guarda-chuva de seda e cabo de prata, com monograma, peça de 100 por 25?

É sempre negócio, uma vez que o tino de comerciante não anda parelhas com o tino de agiota.

Um dia aparece um sujeito, à noite, querendo empenhar uns pássaros dentro de uma gaiola...

Vem ele, Gambá, dizer, depois de fechar o negócio, muito contente:

- Imaginem que acabo de dar, agora mesmo, 20\$ por um casal de purupupés... Valem 200!

- Purupupés?

- São uns pássaros do Norte, amarelos, cor-de-ouro, de pés negros. Dizem que, falando, são como os papagaios, mas têm raciocínio de homem. Conversam com a gente, discutem, dão palpites para o bicho...

Gambá fez negócio aceitando aves que nunca existiram. Purupupés não existem, pura invenção de quem lhe vendeu dois autênticos pintainhos, brochados a ouro-banana, os pés negros à custa de verniz japonês e que, depois, descoraram escandalosamente.

Gosta um pouco de beber, o Gambá. Só bebe, porém, quando ausente do serviço. Aí, mete-se no "Araponga", em frente, de calças brancas, botinas rangedeiras, amplo chapéu de palha e, encharca-se, lite-



Olegário Mariano
Desenho de Marques Júnior

ralmente, de cerveja. Depois, discute. Depois, briga, faz escândalo. Felizmente o pessoal da delegacia próxima frequenta o Lamas e tem por ele fundas simpatias.

Bodoque, o garçom que o substitui, só mais tarde é que aparece. Bodoque, por andar um pouco curvado. Ótima criatura. Espanhol de nascimento, com uma grande aversão ao luso. Não perdoa ao Lamas ter nascido português, nele se vingando, sempre que pode, o pensamento em Filipe III e no 1640...

Tem para com os fregueses liberalidades de pasmar, liberalidades que, no fundo, revelam a forma dramática de verdadeiras reivindicações patrióticas.

Veze, é um estudante que lhe diz:

– Bodoque, estou sem níquel (no tempo diz-se, em linguagem de gíria, “sem arame”). Você desculpe, são dois mil e seiscentos... Eu pagarei amanhã. Tome nota do que fico devendo.

E ele, o Bodoque, logo, sem pestanejar, desagravando a Espanha, a lesar o patrão, deixando de receber do freguês o que ele deve:

– Deve nada!

– Mas, são dois e seiscentos, Bodoque...

– Fica por isso mesmo!

Bodoque tem propósito e espírito.

Um dia entra pelo café certo freguês impertinente, gritador, que logo desanda aos berros:

– Garçom! E esse café? Onde estão esses garçons? E as xícaras? E o açucareiro? Raio de casa! E dizer que isto aqui é um estabelecimento de primeira ordem!

Barulheira de todos os diabos.

Vem correndo Bodoque saber o que o homem deseja.

E o homem:

– Um café pequeno.

– Pequeno? – volve-lhe Bodoque – mas o seu grito não é de café pequeno... É grito de média...

(Média, pelo tempo, já é a grande xícara de café acompanhada de um enorme pão.)

Quando morre Gambá, na Ordem Terceira da Penitência, e a notícia do seu passamento chega ao Lamas, a consternação é geral. Quintino Bocaiúva Filho, Joaquim Sales, Pedro Delduque, Carlos Silva, Leopoldo Magalhães Castro, Miguel Austregésilo, Antônio da Silva Carrão, Pelágio e outros nomes hoje ilustres, fazem-lhe, numa homenagem sincera e tocante, digníssimo enterro.

As grandes rodas do café formam-se para a parte da noite. Pelas 10, pelas 11 horas, começam os boêmios a chegar. O primeiro que surge, “abrindo o ponto”, é o Pelágio, inaugurando a roda, Pelágio Borges Carneiro, alto, seco, moreno, um leve bigodinho tapuia a sombrear-lhe o lábio franco e sensual. Entra no café, firmado num grosso bengalão de castão de prata, o chapéu no alto da cabeça, os olhos de raposa, muito negros e piscos, varrendo as mesas, descobrindo caras.



Gustavo Van Erven
Desenho de Marques Júnior



Bastos Tigre
Desenho de Marques Júnior

Senta-se. Saúda o Gambá. Pede um café com leite. Este homem, que conhece, como ninguém, a vida da cidade, sobretudo a sua parte malsã, espécie de calepino da fraqueza humana, mata-borrão de notícias escusas, autêntica e completa enciclopédia da vida do carioca, merece uma atenção especial.

– Pelágio, você sabe, por acaso, quem é Antônio Paiva, no Tesouro?

– Sim, senhor: Antônio Bento Lima de Albuquerque e Paiva, 2º escriturário do Tesouro, casado com a filha do coronel Feitosa – Augusto Bento dos Guimarães Feitosa e Silva, do Batalhão de Engenheiros, um que esteve ao lado do Floriano, em 93, o que comprou a

casa do comendador Fagundes, por 30 contos, Marcílio Anselmo dos Guimarães Fagundes, pai da Cassilda, a que teve o prêmio de beleza, no concurso em Petrópolis. Ela em 1º lugar, a Laura Porciúncula em 2º e D. Hortência Varela em 3º. Por sinal que o presidente do júri, o Gusmão, Antônio Marcos Fontenele Gusmão...

De se dizer:

– Mas, por favor, Pelágio, basta!

Pelágio, que está mudo, o coto do cigarro entre os lábios, recostado na sua Thonet de palha e junco, seguindo a conversa, de repente, espalma uma das mãos, bate com ela na mesa e grita, entrando com a memória:

– Está errado! Não foi assim! De resto o homem não é de Mato Grosso. É do Maranhão. Nasceu em Caxias. O pai, que era, por sinal, dentista, gago, com a mania de cães de caça, o muito conhecido Fonseca Matos, Alípio Inocêncio Melo da Fonseca Matos...

Pelágio, espremido, daria vários volumes do mais espesso dos dicionários de nomes próprios, e ainda sobraria Pelágio.

Por vezes ele sai para voltar mais tarde, e carregadinho de notícias como um ouriço-cacheiro de frutas apetitosas. Antônio Torres – isso, tempos depois, quando se junta aos lamistas não pode ver Pelágio entrar depois da meia-noite, no café, sem dizer, com muito espírito:

– Lá vem o último “clichê” da *Noite*...

Pelágio não é apenas dicionário biográfico, é gazeta, também, e gazeta informadíssima.

À medida que vai entrando, o chapéu no alto da cabeça, a arrastar a bengala de biqueira de ferro pelas mesas por onde passa, vai deixando as novidades:

– O Flores, até as 11 horas, ganhou no Clube dos Políticos sete contos.

Mas já perdeu tudo... O Passos mandou dizer ao Rodrigues Alves que só aceita a Prefeitura se lhe derem poderes discricionários, para poder lutar contra os ceboleiros da Praça do Mercado; que, se não for assim, ele que escolha, então, outro prefeito... O Dr. Barbosa Romeu examinou o Lontra, e acaba de dizer que o que ele tem na perna é uma úlcera...

E o Tigre, contristado:

– Pobre úlcera!

Pelo começo do século, freqüentam o café: Ferreira Viana Filho, Sousa Costa, Antônio de Oliveira Castro, Giordano e Iago Laporte, Carlos Freire, o 29, Nhonhô Murtinho, Joanico Calvet, Carlos Silva, Sanches de Barros Pimentel, Pedro Delduque, Martins Fontes, Alfredo Deambres, Oscar Lopes, Cásper e Nelson Libero, Luís Paulino, Gregório Fonseca, Alcides Maia, Emílio Amarante, João e Mário Bastos, Alfredo Santiago, Leopoldo Cabral, Emílio Kemp, Paulo Pires Brandão, Deodato Maia, Augusto Show, César Mesquita, Jarbas de Carvalho, Faulhaber, Marcolino Fagundes, Gastão de Carvalho, Quintino Bocaiúva Filho, Félix Bocaiúva, Cândido de Campos, Joaquim Sales, Leopoldo Magalhães Castro, José e Olegário Mariano, Antônio da Silva Carrão, Tomás e Gustavo Aguiar, Gustavo Van Erven, Tomás Lopes, Alfredo Barros... Há, ainda, o Sérgio Falcoeira, um de hálito horrível, ao qual chamam, com muita propriedade, “Arroto de urubu”, o grupo do Barros Coque, com “república” no Largo, em um sobrado por cima da venda de certo Ricardo, e da qual fazem parte, entre outros, o José Luís, Niepce da Silva, Genésio de Sá e Campos Júnior.

Essa república foi, durante muito tempo, uma espécie de albergue noturno de estudantes. A porta da casa não se fechava. Nunca. Na ausência de travesseiros, mobilizavam-se os *Sonnet* e os *Corpus Juris*, para conforto dos boêmios...

Dava o quintal da mesma para os fundos de uma casa onde residiam três mocinhas, naturalmente, pelos rapazes, muito cortejadas. Viviam elas, o dia inteiro, sobre uma *terrasse* que dominava esse quintal, cosendo, lendo, flertando. O pior é que a retrete de que a rapaziada se servia, colocada na parte posterior do prédio, ficava inteiramente devassada pelos olhos das jovens raparigas. Isso vexava enormemente os estudantes que, muitas vezes, para as suas urgentes aperturas, iam buscar, fora, abrigos mais distantes e menos indiscretos. Resolve-se, porém, o grave problema da retrete, um dia, após um carnaval. Alguém, visitando a república nela esquece uma enorme cabeça-de-burro, máscara de papelão,



Carlos Silva
Desenho de Aires

dessas que se enfiam pela cabeça e vão até o pescoço. Desde esse momento o estudante que desejasse ir à retrete, desafiando a curiosidade das moçoilas, já se sabia, enfiava a cabeça-de-burro, tapava o corpo com um lençol de cama e com a maior fleugma marchava para o quintal. As moçoilas riam, riam, mas não podiam identificar o mascarado, uma vez que combinação havia entre a rapaziada: sempre que a cabeça-de-burro funcionasse no quintal, automaticamente, todos os estudantes se recolheriam, a fim de que, pelos que sobrassem, não se descobrisse aquele que faltava.

Que não se esqueça, entre os *habitués* do Lamas, o famoso “Camarão”, que degenerou, depois, em tipo de rua.

Não faz parte da roda, porém não falta ao café depois de certa hora da noite, sempre de preto, chapéu-de-coco a cobrir-lhe o carão largo e vermelho, *pince-nez* de cordão e verbo agressivo e fácil.

E já que falamos no Camarão bom será não esquecer, ainda, outro tipo, digno igualmente de nota, o José Galinha, figura popular, grande bebedor de cachaça e freqüentador das soleiras do Café.

José Galinha, porque antes de ser, coitado, o pobre calhau das ruas, que todo mundo despreza, teve negócio de aves no Catete e galinhas vendeu. Para beber.

Veste sempre um sujo fraque sobre o busto nu, na cabeça velho chapéu de palha esfrangalhado e torto, bigode de brocha velha, o carão sujo, a barba por fazer. Conhece o nome de todos os boêmios da roda. Chama-os em voz alta, como se fosse, deles, um íntimo:

– Ó Bastos Tigre!

– Ó Bocaiúva Filho!

– Ó Antônio Austregésilo!

Grita, por vezes, de se lhe ouvir a voz na Praia de Botafogo:

– Cambada de burros! Lavam-se de vinhos caros e não me dão um níquel para beber. Bandidos! Não sei onde estou que não lhes atiro com um paralelepípedo nas cabeças! Seus burros! Viro, já, em frege, toda esta meleca. E é para já...

É quando o Constantino, o gerente, um de bigodinho louro e olhos azuis, corre espavorido, nervoso, com um níquel na unha, comprando a paz:

– Tome lá e musque-se! Vá gritar à porta do Araponga. Sr. José... Aqui não se quer berreiros. Vá embora!

– Vou se quiser – responde ele enfiando o níquel no bolso da calça. – Percebeu? Se quiser!

E batendo com as mãos sujíssimas no peito:

– Era o que faltava: um rouxinol-da-índia, como você, mandar na vontade de um homem como eu! E olhe que se eu entender que vai o paralelepípedo na loja é porque vai mesmo!

Constantino, para acalmar o desvairado, bate em retirada, sorrindo-lhe, fazendo-lhe sinais amigos com o dedo, como que a dizer baixinho: – José Galinha, então? Que é isso? Que disparate é esse que está você fazendo aí, gritando, assim, tão alto...

Tem razões para tanto o Constantino, José Galinha não regula como deve. E a coisa pode, muito bem, acabar em paralelepípedo...

Quando, pelas cinco ou seis da manhã, sente o boêmio cansaço e sono, dirige-se à delegacia do Distrito e atira, invariavelmente, sobre o “prontidão” de serviço, este discurso mais que decorado:

– Polícia de mequetrefes! Prendam-me, logo, porque, se não me prendem, vou onde mora o delegado e ponho-lhe as vidraças da casa em fanicos. Desacato à autoridade! Polícia de mequetrefes! Prendam-me ou eu vou aos vidros...

Como o homem fora, na verdade, por duas vezes, à residência do delegado distrital, partindo-lhe a vidraçaria das janelas, receosos, não se fazem rogar os da polícia, encafua-no, imediatamente, no xadrez. Isso é o que serve para ele. É quase um negócio. Com o pouso garantido e teto amigo, entra para a prisão levando uns jornais velhos, porque, segundo conta, gosta de certo conforto, quando dorme. Estende as folhas de papel sobre o lajeado frio, enrodilha-se e ronca até quando Deus quer.



Miguel Austregésilo
Desenho de Marques Júnior



Pelágio
Desenho de Marques Júnior

De uma a uma e meia da manhã ativa-se o movimento, enche e transborda o café do Lamas.

Chegam os irmãos Austregésilo, o Miguel à frente, cantando certa marchinha irrequieta e buliçosa, *pivot* das mais estapafúrdias *blagues*, origem de espirituosíssimas pilhérias:

Há de se chamar Gonçalo,
Olé!

Há de se chamar Gonçalo!
E que diz o paspalhão?
Com a cabeça diz que sim,
Com a cabeça diz que não.

Rana,
Cataplana,
Mata aquela
Ratazana...



Alvaro Tefé
Desenho de J. Carlos

A república lamística da Praça Duque de Caxias, que, se não possui selo, alfândega, exército, marinha e outros característicos de um Estado, tem bandeira – a gravata rubro-azul do Bastos Tigre – e constituição, por sinal que mais liberal que a da Suíça, acaba adotando a marchinha gostosa, como hino pátrio.

Nas grandes festas da “nação lamística”, cantam-no os patriotas, aprumados, de pé, as cabeças descobertas, um olho posto no Gambá, que põe, logo, orgulhoso, em continência, a sua cafeteira de serviço.

Parte integrante da vida do café, esse hino não sai da boca e da memória dos boêmios.

Com as palavras do verso ou com o simples enunciar da sua airosa melodia, lamistas com lamistas entendem-se à distância.

Na rua, por exemplo, durante muito tempo, quando um deles encontra outro e se saúdam, é sempre cantarolando ou assobiando os primeiros compassos da musicazinha.

Num bonde, na galeria do Teatro Lírico, por noite de grande ópera, em meio à multidão de um comício ou qualquer outra multidão, dois compassos da solfa, trauteados, servem como ficha identificadora. Nem é preciso evocar toda a comprida versalhada:

Há de se chamar Gonçalo!
Olé!

Quem tal ouve fica sabendo, logo, que há “lamista” na zona.

Os garçons do estabelecimento, quando servem a qualquer um da roda, em uma das mãos a cafeteira e noutra a leiteira, cabalisticamente, perguntam sempre:

– Há de se chamar?...

Se ao “lamista” apetece o café simples, acrescenta ele, aos primeiros compassos musicais enunciados, mais este:

– Gonçalo!

E se o deseja com leite, leva mais adiante o canto sibilino, na perpetração de um ignóbil trocadilho em francês, sugerido pela audácia do Bastos Tigre, em um complemento ao ritmo do verso:

– *Au lait!*

Que, eufonicamente, soa como “Olé” num *jeu de mots* detestável.

Pedro Delduque de Macedo, que aparece sempre em companhia de Nhonhô Murinho, Joanico Calvet e Carlos Silva, foi, durante um tempo, conhecido por Gonçalo, só porque, um dia, não se acertando com o seu nome: Daldaque, Deluque, Daluco, Deleque e Talduque, alguém, ao lembrar a comodidade da roda, gritou, pondo fim à deplorável confusão de nomes:

– Há de se chamar Gonçalo!

Outra vez entra no café a Guerrerito, formosa estrela do Moulin Rouge, em companhia de certo Fonseca.

– Quem é o sujeito que a acompanha? – indagam, curiosos, vários componentes da roda. O homem é conhecido de vista, porém ninguém lhe sabe o nome.

Levantam-se, imediatamente, sem a menor combinação, Bastos Tigre e Miguel Austregésilo; este posta-se diante do Fonseca e grita:

– Há de se chamar Gonçalo!

E o Tigre, fazendo gestos de quem toca castanholas, empinando o busto, como no final de uma jota aragonesa, termina o verso, num berro, assustando a espanhola:

– Olé!

Há, porém, melhor: um belo dia, vindo do fundo do café, passa pela mesa dos boêmios um tipo estranho a todos, meio-velhote,

cavanhaque piaçábico num queixo cor de rapadura, roupa de brim pardo e vasto chapéu-do-chile...

Pergunta natural:

– Quem será esse intruso?

E o coro uníssono, que estoura, imediatamente:

– Há de se chamar Gonçalo!

O homem pára. O homem sorri. O homem abre os braços, e, dirigindo-se ao Miguel Austregésilo, enternecido e melífluo, assim fala:

– Os senhores estão me reconhecendo, eu, porém, é que não me lembro dos senhores...

Chama-se o homem Gonçalo e é fazendeiro em Minas. Esse Gonçalo, em carne e osso, autêntico, legítimo, marca registrada, ingressa, naturalmente, sem demora, na roda. Nesse momento, porém, um dos “lamistas” levanta-se e atira-lhe, num ar solene, este discurso:

– Além da intimidade que os “lamistas” não desbaratam com qualquer Gonçalo, fica o amigo – e isso o fazemos como prova da maior estima e da mais alta consideração – autorizado a pagar não só as consumações por todos feitas, hoje, nesta mesa, como as que, futuramente, possam ser ainda feitas, aqui, ou noutra parte, em sua amável companhia.

Gonçalo, que sorri amarelo, acaba pagando a despesa, mas, para nunca mais aparecer.

O hino dos “lamistas” tinha tido, porém, projeção muito maior, consagração mais viva e mais jocosa, como se vai ver.

Em 1900, no mês de agosto, inaugura-se a estátua do Duque de Caxias, no Largo do Machado. Está no Rio, em visita a Campos Sales, o grande general Roca, presidente da República Argentina. Os jornais publicam que os presidentes brasileiro e argentino devem inaugurar o monumento. Na véspera do dia marcado para a solenidade, alguns boêmios do Lamas, como o Pelágio, o Miguel Austregésilo e o Tigre à frente, resolvem passar a noite no café, a fim de assistir, no dia imediato, à inauguração da grande estátua.

Chope para aqui, chope para acolá. Quatro horas da manhã. Cinco. Mais chope. Seis horas...

Eis senão quando, Pelágio, que cabeceia de sono, tem uma idéia gentil:

– E se nós inaugurássemos, imediatamente, essa estátua? Provaríamos, com tal açodamento, não só a nossa ânsia de prestar ao grande herói uma homenagem de patriotas, como evitaríamos ao Roca e ao Campos Sales a fadiga de um cerimonial que, além de ser cheio de indigestos discursos, é feito numa hora imprópria, porque é a hora do almoço. Isso sem atendermos à conveniência de irmos dormir um pouco mais cedo. – Acham todos louvável a proposta-Pelágio. Olham para a praça, fora, e vêem o sol pondo laivos de ouro no casario branco e nas calçadas.

Tigre é escalado para orador oficial. Miguel Austregésilo representará o Presidente da República, Sr. Campos Sales. Haroldo Reddy, empregado nos Telégrafos, um que mora no Hotel dos Estrangeiros, grande amigo dos boêmios e ainda maior bebedor de uísque, arvora-se em representante do general Roca. Há uma representação do Exército, outra da Armada, representantes, enfim, de todas as outras organizações militares. Todas. Não fica uma sem ter o seu representante. Para encurtar razões, Pelágio faz questão de representar a corporação dos guarda-noturnos da Freguesia da Glória. Põe uma barretina de jornal à cabeça e transforma a gravata, das de laço borboleta, que traz ao pescoço, em cinturão, nele atravessando a bengala, como se fosse uma espada.

E a “grande comissão”, em massa, unida, marcha para o centro do Largo, onde há um palanque guardado por dois autênticos soldados do Exército vestindo grande gala.

Lá chega. Diante da importância dos “representantes” que formam a “grande comissão inauguradora”, os soldados perfilam-se.

– O orador e a vanguarda da “comissão oficial” incumbida de inaugurar o monumento – diz o Miguel Austregésilo aos cérberos do palanque presidencial.

E vai entrando. E os outros, todos, atrás.

Claro que, nestas condições, até o Reddy, com o seu nariz iluminado a uísque, passa. Só é barrado o Pelágio por causa da gravata e a sua espada de junco. E não há forças humanas capazes de convencer aos soldados do palanque que o mesmo faz parte da “comissão oficial”,

na qualidade de representante da Guarda-No-turna da Freguesia da Glória.

Ingressando no pavilhão-de-honra, Tigre toma posição, e, avançando para a balaustrada do palanque, o bigode em riste e o olho um tanto acarneirado de cerveja, brada solenemente:

– Meus senhores...

Quando ele começa, porém, a dizer:

– Nós, os “lamistas”... Miguel Austregésilo interrompe-o.

– Pare, Tigre, pare. Pois você não vê que nós não temos público? Onde viu, você, inauguração de estátua sem povo?

Desce, tranqüilamente, a escadinha do palanque e vai até o Lamas, abordando os que atravessam a praça, convidando-os a assistir à grande inauguração. Enfim, sempre acaba arranjando umas dez ou doze pessoas que, unidas a outras que chegam, naturalmente curiosas, para saber a explicação de tanto berro, formam uma multidão talvez um pouco maior que a “comissão oficial”, metida no palanque.

Quando Bastos Tigre vai recomeçar a sua oração é que se lembra como ignora, e por completo, a vida do grande Duque de Caxias, a história da Guerra do Paraguai, bem com a de seus heróis, para realizar coisa condigna. Coça a cabeça. Lembra-se, porém, que sobre as guerras holandesas de Pernambuco tem conhecimentos aproveitáveis.



José Galinha
Desenho de Raul

Vai passando, nesse momento, pela praça o professor Ortiz Monteiro, lente da Escola Politécnica, que, reconhecendo, entre os boêmios, dois de seus alunos, Tigre e Miguel Austregésilo, pára para ver de que se trata. É quando Tigre lhe desfecha, à queima-roupa, a oratória *oficial*, que começa assim:

– Povo da minha terra, Dr. Ortiz Monteiro, meu professor na Escola Politécnica, esse poleiro de águias plúmeas e implúmeas. [*Pigarro.*] Maurício de Nassau, o grande herói batavo a quem o Brasil deve o relâmpago de uma civilização que, durante o século XVII, iluminou a América...



Santos Dumont
Caricatura do Malho

Está o homem no seu elemento. Tigre disserta com eloquência e serenidade, apenas mostrando o bigode em demasia arrepiado e um olho exageradamente triste, de carneiro morto:

– E que foi, afinal, meus senhores, esse grande Calabar? Um traidor para Portugal, um herói, portanto, para o Brasil, que ele desejava ver liberto da tirania lusa...

Passam-se, porém, 40 minutos e Tigre não sai de Pernambuco, a falar, a falar...

Não larga a redingota de Nassau, a ação patriótica de Calabar, citando os Guararapes e o Monte das Tabocas...

Cada vez que o orador tenta olhar, do fundo do século XVII, onde se encontra a figura luminosa do herói de Itororó, quase na fronteira da centúria XX – sente um vácuo. E estremece. Mas, continua:

– Maurício de Nassau, meus senhores...

É nessa altura que, arrancando de seu cinturão de gravata, o espadão de junco, Pelágio, representante oficial da Guarda-Noturna da Freguesia da Glória, grita, tentando estancar a verbosidade do Tigre:

– Basta, agora, de discurso! Inaugura! Inaugura! Inaugura logo essa estátua!

Ora, o povo, que já está cansado de tanta guerra holandesa, saciado de Maurício de Nassau, começa, por sua vez, a gritar:

– Inaugura! Inaugura!

Vox Populi, vox Dei...

De repente, a comissão, povo, orador, todos avançam para o monumento e, desatado o laço da armação de pano, à luz franca do sol que já envolve a praça, a figura do grande herói brasileiro surge para a eternidade da glória.

“Viva o Duque de Caxias!”, grita logo um, e todos respondem, em coro formidando!

– Vivôôôôô!

Não há música, mas o coro dos “lamistas” supre a ausência das charangas. E de cabeças descobertas, em torno à estátua do grande general, os “lamistas” fazem evoluções patrióticas, cantando com alegria e fervor:

Há de se chamar Gonçalo,
Olé!
Há de se chamar Gonçalo,
Rana
Cataplana,
Mata aquela
Ratazana...

O mais interessante é que um jornal, no dia seguinte, ao descrever a 2ª cerimônia de inauguração, a que foi assistida por Campos Sales e Roca, uma vez recomposto o pano das bandeiras, descido pelos boêmios, confundindo alhos com bugalhos, noticiou que o povo – pasme-se! – havia, no momento de se mostrar a estátua, *dançado e cantado canções patrióticas...*

O hino de Miguel Austregésilo, hino “lamista”, entrava, singularmente, na história...

Na parte do Largo que demarca a linha da Rua das Laranjeiras está o Parque Fluminense que, durante os primeiros anos do século, é o *rendez-vous* obrigatório da melhor sociedade do Rio de Janeiro, vasto parque de diversões no gênero Luna Park de Paris, esplendidamente iluminado, com rink de patinação, e um ótimo teatro onde se exibem companhias de teatro ligeiro, sobretudo italianas, muito apreciadas pelo nosso mundo elegante, das melhores que visitam a América do Sul.

Os citados frequentadores do Lamas são, quase todos, *habitués* do aristocrático Parque.

Quando Santos Dumont aqui chega, de França, após haver descoberto a direção dos balões, provoca, como é de esperar, um delírio de festas na cidade. Os alemães que dirigem o Parque Fluminense organizam, logo, um espetáculo, que é dos mais atraentes e mais chiques entre tantos outros organizados para saudar o grande brasileiro.

Na noite desse memorável espetáculo, certo Luís Costa, que algumas vezes surge em companhia de Santos Maia, dos irmãos Aguiar, Gustavo e Tomás, no Lamas, tipo metido a literato, muito alto, muito magro, feio e empregado na Alfândega, leva em sua companhia, para



Tomás Lopes
Desenho de Gil

apresentar aos companheiros da roda, a novidade que encontrara à porta de certa chapelaria do centro da cidade, um homem que nada mais é que o sósia mais perfeito que Dumont poderia encontrar em dias de sua vida. Esse poeta aduaneiro, que também usa cabeleira e *pince-nez* de cordão, dá-se, por vezes, o luxo de se revelar *blagueur*. E nessa noite, quando se apresenta no Lamas, leva na cabeça o plano de penetrar no Parque Fluminense, onde nunca vai por falta de dinheiro, sem pagar, valendo-se, para isso, da companhia do outro, que se presta, ingenuamente, a passar pela figura do valoroso aeronauta.

O novo Santos Dumont é, como réplica física, coisa tão perfeita que, vê-lo, chegamos a pensar que a *blague* do aduaneiro consistia em apresentar o autêntico por um falso. O homem, na verdade, em matéria de semelhança, é, positivamente, de assombrar.

Trabalha, o sósia do grande aeronauta, que se chama João Brasil, numa chapelaria da Rua Sete.

Apalpado, cuidadosamente, esse estranho e pasmoso chapeleiro, constatado que a aeronáutica, nele, é apenas contrabando, logo uma avalanche de boêmios surge disputando as honras da sua companhia e a hipótese amável de entrar no Parque sem pagar.

Seis ou oito rapazes, com o jovem Dumont da chapelaria à frente, partem do café, não sem soltar, na ocasião em que ele vai cruzando a praça, gritos que chamam, logo, a atenção de toda a gente:

– Viva Santos Dumont!

– Viva o maior dos brasileiros!



Luís Paulino
Desenho de
Marques Júnior

Quando o falso homenageado chega à porta do estabelecimento de diversões está cercado por mais de duzentas pessoas. Diga-se, de passagem, são oito e meia da noite e os jornais que tratam do espetáculo do Parque dizem, claramente, que o grande inventor fará sua entrada solene de nove às dez.

Nem é necessário dizer aos porteiros: – Este é o Dr. Santos Dumont. Todos, logo, o reconhecem, com o seu bigodinho curto, em escova de dente, o seu cabelo partido ao meio e uma gravatinha marcando o centro de um muito alto colarinho de ida e volta.

Os alemães do Parque, que formam a comissão de recepção, estão casacalmente vestidos, grandes parasitas *à boutonnière*, louros e sorridentes. Parecem bonecos articulados, saudando às cabeçadas, nos seus cumprimentos afetados, largos e cerimoniosos.

Brasil, o vendedor de chapéus, representa bem o seu papel. Mostra dignidade, *aplomb*, e até um certo *ar científico*, que não escapa a muitos metidos na *blague*, ainda duvidando se o homem é ou não é, afinal, o autêntico.

A bilheteria começa a fazer, aí, o seu grande negócio. O Parque a encher-se de povo. Luís Costa, improvisado em agente de ligação entre o *homenageado* e os incumbidos de recebê-lo e conduzi-lo até a porta onde funciona o teatro, ao lhe falarem em ir para o camarote de honra, protesta logo:

– S. Ex^ª o Dr. Santos Dumont – diz ele – jantou muito cedo e muito mal. Além disso, é homem do maior apetite. E o que há a fazer, antes de ingressarmos no camarote de honra, será oferecer-lhe uns *sólidos* e uma champanhazinha, gelada, se possível... – Desforra-se o poeta, em suas mais vivas predileções, afagando a miséria em que vive, gozando o que, de outra forma, não poderia gozar.

Os alemães dão, imediatamente, ordens no sentido de satisfazer o desejo do *gênio aeronáutico*, e de tal sorte, que, antes de terminar, pelo Parque, a primeira volta, a pé, a glória da chapelaria nacional e o seu numeroso séquito, são cercados por múltiplos garçons conduzindo pátelas cheias de sanduíches, pães-doces, croquetes de camarão e de galinha, frios de toda sorte, tanto em carne, como em pastelaria, e champanha, autêntica, *Veuve Cliquot*, grande marca da época e altíssimas tulipas de cerveja loura. Tudo para Sua Ex^ª e os amigos de S. Ex^ª o *rei do ar*...

O Costa, um sanduíche em cada mão, mantendo o homem das taças de champanha perto, acorrentado ao seu olhar magnetizador, farta-se. O que comem e o que bebem esses boêmios!

Nesse momento um dos alemães, erguendo a taça, de ar solene, saúda Santos Dumont, num brinde um tanto tímido, mas que faz rir, gostosamente, a todos, porque termina assim:

– Ao grande prezilerras, saúde e muites lembrances e muites recomendatzons, dezenhor doktor...

O diabo é que o chapeleiro não tem o dom da palavra para responder à gentileza do alemão. O Costa, porém, interrompendo a mastigação, com a sua meia-literatura, faz um agradecimento rápido, mesmo porque o homem dos sanduíches já está em atitude de se ir embora.

Em meio a muita alegria, dá-se, nesse momento, um caso profundamente lamentável. Certo oficial do Exército, alferes conhecido, em companhia da senhora e dos filhos, ignorando a *blague* ali tramada pelos rapazes, não só saúda num discurso violento e em palavras repassadas de patriotismo e entusiasmo o grande herói presente, como manda, ainda, que os filhos beijem as mãos ao chapeleiro...

A coisa complica-se. É quando o Costa lembra que poderão dar uma volta no *carroussel*, um *carroussel* enorme que existe no coração do Parque, carregando com aquele Santos Dumont o *pivot*, que se vê empurrado para uma das famosas gôndolas que formam o mecânico brinquedo, espécie de montanha-russa giratória, e que roda bulhentemente, aos vivos aplausos do povo, gozando a simplicidade do seu grande patricio. Do *carroussel* passa-se para o teatro. Novo discurso do poeta aduaneiro, citando o inspetor da Alfândega, saudando o grande vencedor da máquina de voar...

Estão as coisas nesse pé, o orador completamente esquecido da hora que corre e avança, sentindo em ondas o vapor do champanha, em carícia, no cérebro, quando o Santos Maia, que chega de surpresa, arranca-o, pelo braço da função demostênica, atira-o fora do camarote não sem berrar para o chapeleiro:

– Fuja você, porque o homem chegou mais cedo e já está lá fora a discutir com os alemães...

Era, com efeito, o verdadeiro Santos Dumont a discutir a sua identidade.

Difícil, nesse momento, recordar detalhes. É um salve-se-quem-puder. O povo, ciente da ocorrência, fica logo dividido: uma parte achando graça e desculpando a farsa, outra tendo à frente o alferes ludibriado, furioso, a reclamar, para os farsistas, um castigo exemplar.

No Lamas, depois, encontra-se o bando dos penetras e *blagueurs*: o Costa, sem *pince-nez*, o sinal de um murro no olho esquerdo, preço

da sua perigosa e condenável *blague*, o chapeleiro, sem chapéu, a calça rasgada de cima abaixo, fúria de um prego na ocasião em que o pobre, para salvar a pele, das iras do alferes e de outros, saltou o muro do jardim do teatro, caindo em uma chácara dando para a Rua do Catete...

Essa pilhéria é, depois, por ocasião da partida de Santos Dumont para São Paulo, repetida pelos estudantes, que transformaram um dos colegas em *rei do ar*, o qual vai recebendo, pelas estações da Central, por onde passa, as homenagens da multidão maravilhada.

Quando se tem vinte anos...



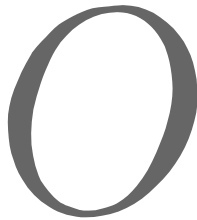
Cavalerianos da Polícia
Desenho de Armando Pacheco

.....

Capítulo 10

O palacete

O PALACETE, RESIDÊNCIA DO ABASTADO E SUA DESCRIÇÃO
- CRIADAGEM - GRANDES SALÕES DO TEMPO - COMO SE
DIVERTEM OS ELEGANTES DA CIDADE - MODAS - O
PRÊMIO DE BELEZA DE 1901 - ESPETÁCULOS DO LÍRICO -
CULTURA ARTÍSTICA DA ÉPOCA - ROMANCE DE UM CRISTO
DE MARFIM



PALACETE, a grande residência do começo do século, é, quase sempre, um casarão amplo, sombrio, erguido em meio a um enorme jardim, com ruelas de cascalho ou areia, entre canteiros túmidos, com menos flores que folhagens e por onde espiam Vênus em cerâmica do Porto, nuas e brancas, plásticas e lustrosas, Minervas de capacete, trêfegos Cupidinhos de asa, carcás e flecha, Júpiteres tonantes, Ceres, Bacos, Apolos e outros deuses notáveis do Olimpo. Um repuxo sonoro, por sua vez, canta em bacia de mármore ou granito onde peixinhos vermelhos nadam à sombra azul de amarantáceas alegres, que viçam, coloridas, ao sol.

Marca o limite do jardim uma grade esguia e prateada, que dois portões interrompem: um, largo, por onde as carruagens passam, outro, mais estreito, que serve ao movimento da casa e ao ingresso das visitas.

Junto a este último, geralmente, um cão-de-fila, em louça, em atitude cerbérica, não raro de olho duro e revel, e orelha atenta, tendo aos pés, a legenda fatal – *Fidelidade...*

Por vezes vêm os ladrões e roubam o cão-de-fila.

Não esquecer o clássico caramanchão de trepadeiras onde se conversa ou se namora como dentro de um bosque, perto.

Atrás da casa enorme, o parque imenso, onde mangueiras e ameixeiras frondosas e amigas ramalham: a chácara, com sua horta verde; a cavaliça e a morada do cocheiro, que é, quase sempre, um pardavasco pachola, usando uma sobrecasaca cor de café-com-leite, cartola, botas de cano com rebordo amarelo, grande tocador de violão, sedutor de criadas.

Está quase sempre fechado, o palacete. Como mostras de vida exterior, apenas, pelas ruelas do jardim, de quando em quando, jardineiros em mangas de camisa, sob vastos chapelões de carnaúba, regando, cavando, cantando, ou a figura escanifrada de um moleque, literalmente forrado de aventais brancos, pressuroso que corre para atender aos que chegam e faz mover o largo portão de ferro de onde se dependura uma campainha neurastenizadora, que não cansa de pular e de bater.

Em 1901 os mais belos palacetes ainda são os vindos dos tempos da monarquia. Há o “Nova Friburgo”, no Catete, por exemplo, adquirido pelo Governo da República e cujo interior maravilhoso é de um acabamento capaz de rivalizar com os mais ricos palácios do mundo; o do “Itamarati”, onde se instala o Ministério das Relações Exteriores, com um lindo e vistoso parque interior; o de “S. Cornélio”, próximo a Santo Amaro; o que pertenceu à Marquesa de Santos, em São Cristóvão; o “Fialho”, à Glória; o “Itambi”, em Botafogo; o “Diogo Velho”, em Senador Vergueiro; o “Mesquita”, em Conde de Bonfim; o “Carapebus” e o “Tocantins”, à Praia de Botafogo; o do Marquês de Abrantes, no mesmo sítio; o “Loreto”; e o “Paranaguá”, à Lapa; “Pinto Lima”, no Catete; “São Mamede”, à Rua das Laranjeiras; “Assis Martins”, no Largo do Machado; “Barão do Flamengo” e “Gabizo”, à Glória; “Mairink”, “Figueiredo”, “Cockrane”, “Barão de S. Francisco”... A lista completa alcançaria uns trezentos espalhados por toda esta cidade.

Em São Clemente, em Voluntários da Pátria, Catete, Marquês de Abrantes, Senador Vergueiro, Laranjeiras e Águas Férreas, os palacetes

se arregimentam, destacados e solenes, num contraste violento, em meio à reles e esboroante arquitetura da cidade.

Essas residências, por vezes, espantam pelo luxo interior: tetos de estuque, pintados por grandes nomes da pintura do país, e de onde se projetam candelabros riquíssimos, em prata, em bronze ou em cristal, esquadrias esculpturadas, lambris altos, custosas salas de banho, todas em mármore...

O mobiliário, quase todo, é importado. Vem muito da Inglaterra, da Itália, e, sobretudo, da França. É o Luís XV, em geral, que domina os salões, em regra, forrados a vermelho, com raros e custosos tapetes e cortinas, amplas *bergères* com panos de seda adamacada, cadeirinhas doiradas e flébeis, mostrando fundos e costas de tapeçaria, mesas com incrustações de bronze novo, vitrinas e outras peças de mobiliário carregadas de adornos no gênero, num abuso, talvez, do tom de ouro. Sobre as paredes, telas com molduras largas e douradas. As salas de jantar são discretas, austeras, com mesas elásticas enormes, que se forram com panos de belbute caindo em franjas e sobre as quais se colocam vasos com pés de avenca ou samambaias viçosas.

Como característico, bem nosso, nesses salões de comer, uma cadeira de balanço, na qual se dependuram algumas almofadas ou, então, um pano de *crochet*; moringues, de barro, pelos vãos de janelas abertas, um relógio-cuco e mais uma eterna oleografia representando a ceia do Senhor, cópia da pintura de Da Vinci, ricamente emoldurada, muito da devoção nacional, espécie de requerimento ao Divino para que ele não falte nunca de dar, à casa, o pão de cada dia. E a manteiga...



Palacete Carlos Rodrigues
Desenho de Armando Pacheco



*Palacete que pertenceu à Marquesa de Santos
Desenho de Armando Pacheco*

Os quartos de dormir, amplos, têm sempre um indefectível cortinado de filó, por causa do mosquito, um par de chinelas de tapete sob o leito e um oratório de pau, não raro, com um Santo Antônio que, se está de costas, está arranjando casamento, e um Santo Onofre, que é o que se ocupa do dote, santo magro, feio, que usa uma espécie de fraque feito com a própria barba. Ainda se conserva, um pouco, a multidão de criados dos tempos da escravidão. Pelas cozinhas, pelos tanques de lavar, pelas tábuas de engomar, na arrumação da casa, negros e negras, moleques para copeiragem, para a limpeza dos assoalhos e dos vidros, para o serviço de recados, jardineiros, homens da horta, das cavalariações, cocheiros...

Rui Barbosa, que mora em São Clemente, possui, por exemplo, vinte e dois criados. Há, porém, quem possua mais, como no tempo do ouro, em Minas, como na época do açúcar, em Pernambuco.

As famílias tomam governantas inglesas e alemãs para seus filhos. E não mandam, em geral, as filhas a internatos. Educam-nas em casa, para isso contratando os mais afamados professores. A mulher já tem outra instrução, que as viagens constantes melhoram e refinam; fala vários idiomas e nas reuniões de família já não é, apenas, o belo sexo que se expõe e agrada pelo palminho de cara ou pela graça da *toilette*, mas *companheira* inteligente, com a qual um homem já pode conversar e discutir. Ainda não sai sozinha à rua, lá isso é verdade, mas já sai bastante, seja ao lado da mamãe, do irmão ou de um parente mais velho. Casa cedo. E, em geral, arranja o casamento em Petrópolis, onde passa, elegantemente, o verão. É assinante do Lirico, *habitué* do Cassino Fluminense, do Colombo Clube, do Parque Fluminense... Não perde espetáculos

de companhias francesas, espanholas, italianas, inglesas ou alemãs. Não freqüenta, porém, teatros brasileiros ou portugueses. Abstenções sistemáticas, que se explica pela ausência, nas mesmas casas de diversões, de ambientes capazes de interessar a uma *elite*, teatros de plebe, platéias formadas, geralmente, por um público de nível intelectual pouco exigente e que funcionam em verdadeiras pocilgas, como o Apolo, o Lucinda, o Recreio Dramático e o Santana, infames casas de diversões, atiradas por umas ruelas que cheiram a urina de cavalo e fígado frito.

Em 1901 Pereira Passos ainda não traçou, sobre a lama e as pedras velhas da feia cidade de Mem de Sá, o plano das reformas que haviam, mais tarde, de transformá-la em cidade maravilhosa. Contudo, uma sociedade elegante sempre existe, embora trocando-a muito por Petrópolis, onde o quadro bucólico retempera, e ainda mais, por Paris, que jamais cansa de visitar. Os transatlânticos saem pejados de passageiros. Há ocasiões em que se torna necessário tomar passagens como muitos meses de antecedência. Viaja-se. Espairece-se. O diabo é a volta. Com que tristeza aqui se desembarca, no Pharoux, depois de uma amável vilegiatura por lugares como Londres, Paris, Roma, Madri ou Berlim! Como fere a vista e ofende os brios do patriota e o cenário desagradável da cidade abandonada e triste, manchando com o seu casario esboroante e a massa de um povilêu esfarrapado e sujo, o mais lindo recanto criado por Deus sobre a face da Terra!



Alfredo Varela
Desenho de Marques Júnior



Bebé de Lima e Castro
Desenho de
Marques Júnior

Entre os grandes salões do Rio, estão os de: Paulo Leuzinger, em São Clemente; Heitor Cordeiro, em Laranjeiras; Adelaide Muniz de Sousa, à praia de Botafogo; Francisco Pereira Passos, nas Laranjeiras; Oscar Varady, em Santa Teresa; Reginaldo Cunha, em São Clemente; Vieira Souto, praia de Botafogo; Conde de Figueiredo, Rua da Constituição; Barão de Quartim, na Rua do Riachuelo; Augusto Weguelin, Visconde de Schmidt, em Botafogo; Visconde Ferreira de Almeida e João do Rego Barros, em Voluntários da Pátria; Rocha Faria, Senador Vergueiro; Maurício Haritof, Germana

Barbosa, em Marquês de São Vicente; Guillobel, Humaitá; João Lopes, Rui Barbosa, em São Clemente. Não esquecer o da residência de Dionísio Cerqueira, “dignificador dos subúrbios”, que mora em Todos-os-Santos, numa vivenda admirável e onde, por vezes, costuma prender seus convidados semanas inteiras, com festas estupendas, almoços e jantares ao ar livre no quadro maravilhoso de uma natureza sem igual.

São estes os salões que podem ser citados como os de maior projeção no tempo, muito embora outros, muitos outros, muitos, ainda existam.

Quando recebem em sociedade, dizem versos, e cantam: Bebé de Lima e Castro, Vera Roxo, Nair de Tefé, Mary Sayão, Italina Bezzi, Astréia Paim, Elizabeth Wright, Cândida Kendall, Leonor Joppert Bastos Cordeiro, Mimi Machado, Elvira Gudin, Dinorah e Sara Rasteiro...

Entre os homens, cantam e recitam: Gustavo Van Erven, Domingos Braga, Fernando Durval, Henrique Marques de Holanda, o “Emanuel dos Salões”, *diseur* admirável, só recitando em italiano, e do mais puro, sabendo declamar, como poucos. Matos Fonseca, *gentleman* perfeito, pianista, cantor, *causeur* magnífico, e figura central e viva, nesses esplêndidos salões.

Em algumas residências elegantes organizam-se espetáculos teatrais. Pereira Passos, por exemplo, constrói, na sua casa, nas Laranjeiras, um teatro de amadores, onde representam, entre outros: Arrojado Lisboa, Juvenal Pacheco, Roberto Gomes e Raul Régis de Oliveira. O Conde Diniz Cordeiro possui, igualmente, um palco nesse gênero.

São leões da moda, pela época, Ataulfo de Paiva, cuja elegância já vem dos tempos da velha monarquia; Humberto Gottuzo, siamês do Ataulfo; Adalberto Guerra Durval, membrudo e forte, levando o sentimento da moda ao excesso; Fernando, seu irmão; Augusto de Carvalho, o belo Augusto, apolíneo, alegre, comunicativo; Kropf, fulvo e alto; Félix Cavalcanti, quebrando monóculos de cristal, como o duque d’Aumale; Léu de Afonseca, cinquentão mas ainda muitíssimo elegante; Gustavo Van Erven, louro como uma libra esterlina; Burle, Simões da Silva, Raul Veiga, que depois é presidente do Estado do Rio; Henrique de Holanda, Tobias Moscoso e Meira Pena, estes dois últimos sempre muito amigos, muito unidos; Pinto Lima, Luís Guimarães Filho, Ângelo Neto, Herédia de Sá, os Guinles, Paulo e Chico Passos, Adolfo de Azevedo.

Claro que ainda se esquece muita gente, muita e boa, mas, o grande bloco, aí está.

Usa-se, ainda, a sobrecasaca, a cartola, o fraque fitado, coletes de seda de várias cores, colarinhos muito altos, gravata de *plastron*. É por esse tempo que surgem os “pingas”, umas famosas meias-cartolas, feitas de castor, algumas afuniladas, como as usadas durante a revolução francesa e, depois, ressurgidas em 1830. A moda, porém, dura pouco. No verão o homem ainda usa roupas pesadíssimas. O colete de sarja ou de seda é que se substitui, às vezes, por um colete de fustão branco. Os mais ousados usam uma faixa de seda em lugar de colete...

O Raunier e o Lacurte são os grandes alfaiates de fama, não obstante, Almeida Rabelo e Vale vêm já se impondo. O *Incyroyable* é, por assim, dizer, o sapateiro oficial dessa roda. Chapéus, os da Chapelaria Watson.



Palacete Montigny
Desenho de Armando Pacheco

A elegância da mulher é notável. Elegância e formosura. Stela Wilson impressiona pela sua beleza, como pela sua alta distinção; belas são as irmãs Carneiro da Rocha, Lola, Josefina e Germana, Alice Monteiro. Há ainda a citar: Italina Bezzi, Bebê Fontes, Maria Antônia Carapebus, Zaira Muniz, a Cosme Brito, Cristina Moler, as Pitangas, todas,

formosuras fulgurantes. Muito bonita é também Bebê de Lima e Castro, musa inspiradora de um grande poeta, Orlando Teixeira, autor da famosa poesia “O Sapo e a Estrela”, onde o escritor figura como batráquio e, como astro, Bebê. Raquel Palhares, que é bela como é espirituosa, casa-se, depois, na família Belo, de São Paulo, de tal sorte acabando Raquel Belo. Outra de grande formosura é a filha de Capistrano de Abreu, depois, superiora do Convento de Santa Teresa. Quando ela se faz monja, o pai, que não a contrariou nos seus desejos de ser esposa de Jesus, diz apenas aos seus amigos, e com muito espírito:

– Quando pensei, eu, ter o Cristo na família!
E logo como genro!

Antonieta Paz, que se apaixonou por um dos Guinles, também se faz freira. É tipo, outrossim, de rara formosura. Belas são as irmãs Parkison, Eleonora e Brasília.

Essas, as senhoritas que, até 1905 e 6, lentamente vão-se casando, e aos poucos se transformando em austeras mães de família, quando não vão levar ao sepulcro dos claustros um pouco de graça, de mocidade e de vida.

Devemos citar, entre as já senhoras: Luísa Sodré, Heloísa Figueiredo, Heitor Cordeiro, Viscondessa de Schimidt (Tatá), Pinto Lima (Piúca), Oscar Godói, Salvador Santos, Guillobel, Nicola Tefé, Varady... Madame Varady não é, positivamente, bela, porém possui uma grande distinção pessoal. E é elegantíssima. Outras senhoras devem ainda ser lembradas pelos seus grandes dotes pessoais: a Baronesa de Santa Margarida, Madames Pereira Passos, Passos de Castro, Antonieta Godinho, Cavalcanti (mãe de Félix Cavalcanti), Antonieta Saldanha da Gama, Rui Barbosa, Antônio Azeredo e Guillobel.

A *Rua do Ovidor*, jornal que então se publica na cidade, abre, em 1901, famoso concurso de beleza, para saber qual a mais bela das cariocas.

O primeiro prêmio é atribuído a Marina Braga, que, depois, se casa com Alfredo Rui Barbosa. Em segundo lugar coloca-se Diva Augusta de Carvalho, em terceiro Odete de Carvalho, em quarto Alzira Guimarães, em quinto Maria Garcia. Outras belezas classificadas:



*Henrique de Holanda
Cavalcanti
Desenho de
Marques Júnior*



*Viúva Bezanila
Desenho de
Marques Júnior*



*Zilda Chiaboto
Desenho de
Marques Júnior*



*Maria Carapebus
Desenho de
Marques Júnior*



*Brasília Parkison
Desenho de
Marques Júnior*

Maria Emília Ayer, Amelberga Rocha, Armanda de Oliveira, Evangelina Ramos, Maria Pia Carqueja Fuentes (a linda Maria Pia!), Antonieta Gomes Pais, Lília Pullen, Alice Maia, Vera Van Erven, Violeta Costa Couto, Lili Sabrosa, Lelé Araújo, Dinorah Rasteiro e Hercília Carvalho.

Não há preferências sociais no concurso, que é feito apenas com intuito de saber qual a carioca mais bonita no primeiro ano do século.

Vejamos, agora, o que há em matéria de moda feminina.

Está em moda o espartilho, o pavoroso instrumento de suplício feito de lona, aço e barbatana de baleia, que, durante cerca de oitenta anos, viveu cingindo o busto da mulher, comprimindo-o, deformando-o, comprometendo, com isso, vísceras importantes, enfermando-as, e, até provocando a morte; o espartilho que faz a cinturinha de vespa e que sorri da voz avisada dos médicos, do conselho dos sensatos e até das zombarias, dos motejos e da sátira de uma literatura que nunca o defendeu.

– Ai, Maria, vem depressa,
Desaperte este colete,
Vem correndo, vem, que eu temo
Estourar como um foguete.
– Nhánházinha está tão bela!
Mas, enfim, dá tantos ais...
– Oh, espera! Estou bonita?
Pois então aperta mais!

Estouram, muitas vezes, mas como rojões de lágrimas, que fazem o encanto da vista dos outros. Tempos das saias de baixo: três, quatro, cinco, seis saias, todas muito compridas, escondendo, quando soltas, os pés, mas, que se arrepanham com mão direita. Tempo das *laizes*, dos *suraths*, dos *failles*, das nobrezas, dos adamascados, das casas, dos *pongés*, dos *molmols*, dos *nanzuks*. Começo da reação à botina, à bota-de-atacar, ao borzeguim de botão, como o aparecimento do abotinado e até do sapato para passeio, tempo das meias rendadas no peito do pé, dos leques, indispensáveis como complemento de uma *toilette*, das *mittaines*, dos chapéus enormes, cheios de plumas, fitas, flores, frutos e fivelas, que se equilibram sobre cabelos em coque e que se prendem por compridos estiletos de metal. Perfumistas do tempo: Gallet, Houbigant e Deletrez.



Heloisa Figueiredo
Desenho de Marques Júnior



Raquel Palhares
Desenho de Marques Júnior



Eleonora Parkison
Desenho de Marques Júnior

As boas costureiras chamam-se, aqui, Estoueight, Dumort-hout, Dreyfus, Madame Guimarães. Chapeleiras de fama: Douvizy e Barandier. Sapateiros: Ross, Incroyable, Cadete. Cabeleiros: Schimidt, Chesnau e Doré. Luveiros: Cavanelas e Formosinho.

É no Cassino Fluminense, à Rua do Passeio, que a nossa sociedade se reúne, intimamente, quando fora dos seus salões. Vem dos tempos da Família Imperial essa instituição famosa e por ela muito freqüentada. Foi no Cassino que, um dia, o Conde d'Eu, tendo observado que o grande Rebouças, mestiço de talento, “não encontrava” com quem dançar, porque todas as senhoras por ele tiradas para qualquer contradança “já tinham par”, a ele se dirigiu, dizendo:

– A Princesa Isabel terá um grande prazer em tê-lo como par, na primeira valsa, Dr. Rebouças!

Teria dito?

Em 1901 os bailes da velha sociedade, que tinham desmerecido, um tanto, durante o primeiro decênio da República, retomam o fulgor e o luxo de outrora.

As noites do Cassino são feéricas. As *toilettes* deslumbram em meio às luzes e aos adornos de um salão que ainda é dos maiores da cidade. Dança-se a valsa, a polca, a quadrilha, a mazurca, o *schottisch*. Um *carnet* regula os compromissos das danças. Às vezes, porém, desrespeita-se o *carnet*.

– V. Ex^ã dá-me o prazer desta valsa?

– Com todo o gosto...

Palavras sacramentais com que se iniciam os rodopios da velha *Danúbio Azul*, da *Patinadores* ou da *Sobre as Ondas*.

O cavalheiro, ao tirar a dama, oferece-lhe o braço. Dança. Quando a música cessa, passeio obrigatório dos pares, de braços dados, tesos, solenes, a dois de fundo. E banalidades oportunas:

- Gostou da Berlendi?
- Prefiro a Palermi. Tem melhor técnica de cantar...
- Quando subirá para Petrópolis este ano?
- Em fins de dezembro...

Os cavalheiros dizem essas coisas batendo com o lenço de linho num rosto porejante de suor, o cabelo completamente derrubado sobre a testa, o colarinho, já sem brilho, molhadíssimo, dobrando no cachaço, ouvindo as damas que fazem mover, nervosamente, os leques, bufando de calor, esperando o convite da pragmática:



Mme. Gustavo da Silveira
Desenho de Marques Júnior

– V. Ex^a aceita um cálice de licor? – para responderem, logo, aproveitando a valsa:

- Não, prefiro um sorvete de abacaxi...

Não possuímos passeios agradáveis onde se possa espairer umas horas, parques ou jardins propícios à elite, não existem. Às corridas vai-se, mas não muito. Os caminhos são péssimos, a poeirada é enorme. A Tijuca e o Silvestre são lindos passeios, mas, de difícil acesso para as carruagens que ainda são à tração animal. Há trechos à beira-mar, como a Praia de Botafogo, que podem ser, talvez, percorridos com delícia, mas, como fazer se as rodas dos cupês ou dos *landeaux* dançam na anfractuosidade dos pedregulhos desalinhados e o *zéfiro pútrido*, como dizia a Baronesa de Canindé, vindo da enseada, ainda *contunde a pituitária do transeunte?*

* * *

Nós vamos encontrar o Teatro Lírico, por essa época, já devolvido ao seu antigo esplendor, a elite dos tempos de S. Majestade, o Sr. D. Pedro II, diluída ou conjugada à elite republicana do Sr. Dr. Campos Sales. O teatro, apenas, está mais velho, mais feio, com sua ridícula entrada forrada de espelhos, com uma escada de honra mostrando marcas autênticas de cupim, mal lustrada e requerendo aposentadoria. Pelos

corredores mal-iluminados a bicos de gás, que conduzem à platéia, lembrando tortas e estreitas vielas mouriscas, cruzam, no entanto, espectadores elegantíssimos, os homens de casaca, senhores em grande *decolleté*, cobertas de jóias e escandalosamente perfumadas.



Palacete Bahia

Desenho de Armando Pacheco

No salão do espetáculo o mesmo luxo de *toilettes*, a mesma grandiosidade de aspecto e a poupança de outros tempos. Apenas, nota-se que o teatro já começa a ser pequeno para a população de uma cidade que continua a dobrar, regularmente, de vinte em vinte anos. Não há uma frisa, um camarote, uma varanda, uma cadeira ou ponta de galeria, sem o seu espectador, sempre muito elegantemente posto. A sala é feia e velha, mas além de uma acústica magnífica, agrada pela comodidade, verdadeiramente britânica. Assentos amplos, a platéia com cadeiras de braço confortabilíssimas, vastos camarotes, com lugares até para dez pessoas, ausência absoluta do que se chama “lugares cegos”. Até as galerias, onde se instala a estudantada, são amplas e agradáveis. Apenas, ainda são muito irrequietas e gritonas, essas mesmas galerias, conservando a tradição da assuada, do trote, da graçola, da chufa, que vem de tempos que lá vão...



Astréia Paim
Desenho de Aires

– Oh! Gordo, tira a mão da careca! Cabelo não cresce puxando!...

– Senta, Praia Grande!

– Vai-se rifar o magricela da fila C, que não acaba de limpar o monóculo. Quando dão pelo homem e pelo vidro?

– Olhem só a casaca do barbadão que está passando o lenço no nariz! O defunto era mais gordo!

Certo comendador Guimarães, metido a elegante, é, particularmente, vítima das ensarilhadas galerias, durante uma temporada.

– Comendador das cebolas! – gritam os rapazes das galerias, quando descobrem o homem, que acaba, afinal, por só entrar para a platéia depois de começar o espetáculo e saindo mal o pano desce.

Um dia, percebendo os rapazes o manejo do comendador, num intervalo, organizam uma farsa interessante. Um deles grita:

– O comendador das cebolas, hoje, ficou! Lá está ele! Lá está!

Mentira! Não está. O comendador não teria tido, jamais, a coragem de ficar. E, outro estudante, dando ao público a ilusão de que se diverte com o homem:

– Lá está ele e tonto porque o descobrimos! Ó Cebolas! Foge, porque lá vai vaia!

E mais outro:

– Está querendo furtar-se à nossa vista, encolhendo-se todo... Vai-se metendo por debaixo da cadeira! Lá vai ele! Ora essa é muito boa! Cebolas, não faça isso!

– Cebolas, não faça isso!

Gargalhadas, gritos, assobios! E os da platéia, em peso, a procurarem, debaixo das cadeiras, o homem que se esconde... Cebolas acaba por não aparecer mais no teatro. Nem assim, porém, a rapaziada esquece Cebolas. Nos intervalos o homem, de qualquer forma, é “reconhecido” e apupado pelas irrequietas e bulhentas galerias. Um dia “vêm-no” se esconder, fugindo às vaias, dentro de um saco de violoncelo, na orquestra; outro dia, Cebolas é um sujeito de cavanhaque na linha dos camarotes de 2ª classe, que pusera o disfarce capilar só “para fugir ao apupo”!

– É o Cebolas! Lá está ele, o de cavanhaque!



Marina Braga
prêmio de beleza em 1901
Desenho de Marques Júnior

Em 1901 o grande empresário é o Sansone, que nos traz a Stinco Palermini, a Livia Berlende, a Lina Cassandro, Inocente, Demitresco, Ardito, Frederici e Didur. Na regência da orquestra, Anselmi.

Nesse ano levam à cena três óperas brasileiras, duas em reprise: *Guarani* e *Schiavo*, de Carlos Gomes, e uma em *première* – *Saldunes* de Leopoldo Miguez.

Nos anúncios do dia 26 de setembro são estes os preços das localidades, no Lírico: frisas e camarotes de 1ª classe, 60\$; de segunda, 40\$; *fauteil* de orquestra e de varanda, 12\$; cadeiras de segunda classe, 5\$; galerias, 3\$000! Convém observar que os empresários, por essa época, pagam o aluguel do teatro que não é do governo numa média de conto de réis por espetáculo. E ganham, assim mesmo, rios de dinheiro!

Em 1902, entre outras celebridades, temos a Darclé, que canta a *Boêmia*, de Puccini, e Zanatello; em 1903, Caruso, que aqui estréia com *Rigolletto* e canta, depois, com a Carelli, a *Tosca*. Trá-los o empresário Milone. As grandes vozes do mundo, enfim, vêm sempre ao Rio de Janeiro, fazerem-se aplaudir.

Embora um tanto isolada da vida prosaica e reles da cidade comercial, todo esse mundo elegante vive uma vida elevada e digna, tanto de seu espírito como de sua cultura.



Família Tefé
Desenho de Aires



Muniz de Aragão
Desenho de Aires

Os salões não são, apenas, cenáculos de polidez e de bom-tom, onde se pratica o torneio da frase entre ademanos e sorrisos, entre casacas, sobrecasacas de bom corte e amáveis, finas e estudadas cortesias, mas, ambientes superiores, espirituais, artisticamente decorados, onde avultam, ao lado de telas de mestre, de bronzes de nome, o móvel de estilo, a porcelana de preço, o *bi-belot* raro e antigo, bem como outros objetos de arte e de valor.

A exposição realizada, em 1898, pelo Centro Artístico, assim como os catálogos de leilões que possuímos, todos dessa

época, fornecem as melhores provas do amor e do acatamento que, pela Arte, por aqui, havia nesse tempo. A existência do Centro Artístico, que se propunha, pelos meios que a oportunidade aconselhasse, favorecer e dignificar o gosto pelo Belo, no Brasil – e que não teve a vida das rosas de Malherbe, como talvez se pense –, por si só basta como índice dessa mesma cultura que se criou à revelia das influências subalternas de uma cidade de mercadores incultos, e de um Governo perfeitamente desnacionalizado e displicente.

E já que falamos no Centro Artístico, convém lembrar que à frente dele se achavam nomes como os de Olavo Bilac, Coelho Neto, Luís de Castro, João Lopes Chaves, que eram escritores e jornalistas; Rodolfo Amoedo, Teixeira da Rocha, Morales de los Rios, Bernardelli e Girardet, entre os artistas de artes plásticas; Leopoldo Miguez, Alberto Nepomuceno, Alfredo Beviláqua e Artur Napoleão, entre os músicos; Henrique Marques de Holanda, Chapot Prevost, Eugênio Gudín, Augusto Veguelin, em meio a cavalheiros de poderosa projeção social.

Em grandes salões transbordam as telas de mestres antigos, mármore da melhor procedência, obras de arte, umas transferidas, depois, para as galerias da nossa E.B.A., outras, para sempre desaparecidas, como o famoso Rembrandt, obra-prima do salão do arquiteto Bezzi, nas Laranjeiras.

Os pintores da moderna escola, sobretudo os franceses, os italianos e os espanhóis, são, porém, a coqueluche dos amadores desse começo de século.



Hortência Rio Branco
Desenho de
Marques Júnior

A galeria do Barão de Quartim passa por ser uma das melhores da cidade, com os seus Fellipo Carcano, Dal Oca Bianco, Pradilla, Renolló, Morales e Marcini; Honório Ribeiro possui um *Martírio do Bispo de Verona*, atribuído a Domenechino, que é uma maravilha; João do Rego Barros possui grande quantidade de quadros, sobretudo franceses; o retrato de D. Pedro I, por Debret, está na galeria de João Alves Mendes da Silva; o retrato de Bobadela, da autoria de Rina, em casa de Félix Durtain; Fábio Ramos possui quadros de Vinet, Ziem, Willic, Veyrassat; Ubaldino do Amaral possui ótimas telas; o Barão do Catete, uma bela galeria. Excelente pinacoteca é a de Luís de Resende (ofertada,

depois, à Escola de Belas-Artes). Outras? Ei-las: a do Visconde de Schmidt, a de Fábio Ramos, com os seus magníficos Henner, os seus Vinet, os seus Ziem; a de João Evangelista Viana; a de José Carlos Rodrigues, com um Greuse admirável, *La jeune fille à l'agneau*, comprado no leilão Portalis; a de Júlio Delaje; a de Augusto Weguelin; a de João Duarte; a do Visconde Figueiredo; a de Insley Pacheco; a de Luís Rafael Vieira Souto; a de José Carlos Figueiredo; a do Barão de Sampaio Viana; a de Jerônima de Aguiar; a de Henrique Baiana; a de José Avelino Gurgel do Amaral, com Sorolla, Cabanel, Millet, Mignar; a de Francisco Ramos Pais; a de Filinto de Almeida; a de Adalberto Faria; a de Calmon Viana; a do Barão Homem de Melo; a de Antônio Azeredo; a de Francisco Pereira Passos; a de André de Oliveira; a de Artur Napoleão; a de Maurício Haritoff; a do Visconde Taunay; a de Inácio Porto-Alegre... Artur Azevedo, além de uma bela coleção de quadros, possui ainda, uma notável coleção de gravuras e águas-fortes, talvez a melhor do Brasil. São ainda colecionadores do gênero: João Alves Mendes da Silva Ramos, Leon Morand e Filinto de Almeida.



Nícia Silva
Desenho de Marques Júnior

Numerosos colecionadores de móveis antigos e objetos raros. Carlos Rodrigues possui, ao lado de peças admiráveis, doze painéis esculpidos em estilo Luís XIII, arrancados à velha Sé de Coimbra (1535, pouco mais ou menos) e restaurados por Verissimo do Porto, que são doze maravilhas! Outro notável colecionador é Antônio de Figueiredo, possuidor de vários móveis que pertenceram ao palácio de São Cristóvão, entre eles, um famoso piano de armário com marchetaria de bronze e as armas de S. M. o Imperador D. Pedro I. São ainda colecionadores de móveis: João Viana, Augusto Weguelin, Sampaio Viana, Júlio Delaje, Honório Ribeiro, Cunha Vasco, João Alves Mendes da Silva, Francisco Pereira Passos, Luís da Cunha Feijó, Calmon Viana, Antônio Azeredo, Visconde Ferreira de Almeida e Viscondessa de Tocantins.

Entre os mais importantes colecionadores de cerâmica estão: Barão do Catete, Augusto Weguelin, José Carlos Rodrigues, Aurélio Figueiredo, João Viana, Visconde Ferreira de Almeida, Condessa de

Tocantins, Júlio Delaje, João Rego Barros, Fábio Ramos, Vieira Souto, Honório Ribeiro, Cunha Vasco, José Carlos de Carvalho, Francisco Pereira Passos, Alves de Brito, Leopoldo Miguez e Avelino Gurgel do Amaral.

A mais bela e a mais rica coleção de porcelanas é a de Oton Leonardos.

Colecionadores de bronzes e de metal, em geral: João Viana, Aurélio Figueiredo, Condessa Tocantins, Júlio Delaje, Barão de Sampaio Viana, Fábio Ramos, João do Rego Barros, Cunha Feijó, Ferreira Araújo, Barão do Catete, Vieira Souto e Francisco Pereira Passos.

Colecionadores de vidros e cristais: Barão do Catete, Leopoldo Miguez, Honório Ribeiro, Calmon Viana, Aurélio Figueiredo, Francisco Pereira Passos e João Viana.



A valsa
Desenho de Calixto



Sanches Pimentel
Desenho de Aires



Madame Otoni
Desenho de Marques Júnior

Jóias e leques e *bibelots* colecionam: a Condessa de Tocantins, Francisco Pereira Passos, Barão de Sampaio Viana, Aurélio de Figueiredo, João Viana, Leopoldo Miguez, Insley Pacheco, Barão do Catete, José Carlos de Carvalho, Vieira Souto e Júlio Delaje.

Colecionadores de tecidos e bordados e rendas: Condessa Tocantins, Barão do Catete, Francisco Pereira Passos, Cunha Vasco, José Carlos Rodrigues, João Viana, João Alves Mendes da Silva.

Colecionadores de outras curiosidades artísticas são, ainda, o Barão Sampaio Viana, Barão S. Joaquim, Barão Mendes Totta, Custódio Veloso Laje, Nuno de Andrade Prestes, Sebastião de Pinho, Madame Labat, Visconde Ferreira de Almeida e Salvador Sereno.

Na Exposição Retropectiva do Centro Artístico, a coleção de J. A. Mendes da Silva, em nove lindas vitrinas, já havia, no ano de 1898, deslumbrado o visitante, com as suas porcelanas e suas

jóias, às quais se misturavam estatuetas, camafeus, medalhas, *bibelots*, miniaturas e mil outros objetos de arte, todos de inestimável valor.

E os romances dessa sociedade? Ora, romances, afinal, sempre, entre nós, existiram dando interesse e fulgor à nossa vida social.

Registrá-los em série completa e justa, seria, porém, um tanto fastidioso, porque muitos foram eles. Tantos!

Um deputado moço e belo, grande talento tribunício – recebe, em sua residência, o casal L. N. Madame é linda. E de sua voz, quando canta, diz-se que tem o dulçor penetrante de seus olhos profundos, uns grandes olhos escuros e meigos, cheios de inteligência e de virtude. A *soirée* vai em meio.

A um canto do salão, engalanado e em festa, soluça um piano Pleyel, e, logo, cantando, a voz de Madame, que se ergue, blandiciosamente, como que modulada em seda, a acariciar as almas.

Nessa noite a *romanza* de Tosti que ela, em sociedade, repete com freqüência, tem uma plangência singular...

O político, estático, inebria-se e quando terminado o melissono chilro, beija-lhe os dedos, trêmulo, num transporte que a todos impressiona.... Sente Madame a brasa daquele lábio na sua mão aveludada e fria e quase desfalece de emoção. É o *coup de foudre*... A flecha certa de Cupido...

Ao fundo da sala enorme, depois disso, ele e ela conversam. Ele enlevado, terno e prazenteiro, ela atônita, trêmula e assustada. Junto ao lugar em que se acham, pendente da parede, de olhos acarneirados, langues, está um Cristo pequeno, de marfim.

Nele Madame pousa o olhar piedoso, buscando salvação. Madame é piedosíssima. Não há quem mais loas cante a Nossa Senhora no coro das igrejas, quem mais se confesse, comungue, observando, rigorosamente, o preceito cristão da Roma papalina.

É quando Mefisto, o orador da Câmara, toma a figurinha ebúrnea que junto a ambos se coloca e põe-se a discorrer sobre a arte do marfim... Vem dos tronos de Salomão e de Penélope, da escola de Dipone e de Sicione. Fala-lhe da criselefantina e de Bizâncio, das 365 portas da igreja de Santa Sofia, em Constantinopla, discute Jesus de marfim, os atribuídos e Benevenuto Cellini, a Dürer, a João de Bolonha...

Numa rajada eloqüente e brilhante vem até os artistas da matéria nos séculos XVII e XVIII. Acaba ofertando-lhe a ebúrnea imagem do Salvador. Que ela o guarde como lembrança daquela *romanza* que cantou, daquele minuto prodigioso que ele não esquecerá jamais, daquele primeiro encontro em seu salão.

– Ora, essa! Uma prenda tão rara e tão custosa, Sr. Doutor!

Acaba, porém, guardando a prenda, tonta, enlevada, feliz!

O marido, que assiste a tudo, tem confiança na alma cristianíssima da mulher. E no Cristo, que é pai. E protetor das almas puras. Cristo não abandonará a quem, como ela, por ele vive e se devota e sacrifica, raciocina. E pensa bem. E até ela, Madame, ao deixar a casa do deputado, carrega dentro do coração esta esperança risonha: Cristo estará comigo, saberá defender-me. Não me abandonará, nunca! Ele que é pai, é bom e é forte... Não me abandonará. Sei bem!

Cristo, porém abandona-a...

São todos, assim, os Cristos de marfim. Não sabem fazer milagres.

Passam dois dias e pelos quatro cantos da cidade voa esta história, que é contada de ouvido a ouvido:

– X. e N. acabam de desaparecer misteriosamente. Ele, depois de se haver despojado de todos os bens que possuía, objetos, papéis, dinheiro, em favor da esposa abandonada; ela – deixando sobre a secretária do esposo, que ficou, até as mais insignificantes jóias que possuía... Diz-se ainda que tomaram rumo da Europa... Que os levou um navio da *Messageries Maritimes*...

– E o Cristo? – perguntaram todos.

– O Cristo de marfim não apareceu na secretária do marido, entre as jóias que ela deixou. Acredita-se que vá, também, como único objeto de valor na *corbeille* da raptada...

O Cristo, na verdade, também embarcava. E por sinal que continuando a não fazer milagres....



Gabi Coelho Neto
Desenho de Aires

.....

Capítulo 11

O cortiço

O CORTIÇO – SEUS EXPLORADORES – O VENDEIRO, A SUA LOJA E A SUA VIDA – HISTÓRIA DE UM, HISTÓRIA DE TODOS – DE CAIXEIRO A SÓCIO E DE SÓCIO A PATRÃO – COMO SE TRANSFORMA UMA POMBA EM ABUTRE – MORADORES DO CORTIÇO – TIPOS CURIOSOS – O ITALIANO DO REALEJO E O SEU MACACO

N

A RUA que os poderes públicos desprezam e a Repartição de Higiene olvida e desampara, logradouro onde o capim e a tiririca viçam escandalosamente, depois de um muro acalçado, velho, a descascar pelos rebocos e sobre o qual o garoto vadio traça, ao lado de frases ignóbeis, desenhos de anatomia impudicas, está o portão do cortiço, rude e desmantelado pelo tempo, com a sua lanterna de ferro e vidro, suspensa ao alto, e a sua tabuleta torta onde, em caracteres apagados, ainda se pode ler, numa intenção de anúncio: *Vila Nossa Senhora do Bom Jesus de Braga*. E abaixo desses dizeres, como num arabescado de hieroglifos, mais este informe: *Tratar com o Sr. Antônio Guimarães, à benda da esquina*.

Antônio Guimarães – sucessor de Ferreira, Guimarães & Cia. – Armazém *Três Hemisférios*. “Três”... “Dois” é o da outra esquina. Bizarra interpretação das porções de uma esfera justificando velha rivalidade comercial.

O Guimarães é o que acolá está, ao fundo do balcão, em mangas de camisa e de tamancas, como num pedestal, dessorando autoridade e importância, a barba por fazer, a cara por lavar, debaixo de uma sobranceira que é um caramanchão, atento, policiando a caixeirada ativa, uns três simpáticos, ágeis rapazolas de 12 a 16 anos e que ele explora como três veios de ouro.

Está podre de rico. Cabedais grossos. Rico de experiência, também. Não sabe ler nem escrever, mas tem centelha, e, o que é melhor – consciência de uma mentalidade sem par. Por isso é impermeável a sugestões e a conselhos. Homem de idéias próprias. E seguras, porque são, todas elas, aparafusadas no cérebro, para sempre. O que ele acha que é, é o que é mesmo. O resto são histórias...

Os seus caixeiros... Vejamos o Manuel da Pavoia, o primeiro, o que serve uma genebra ao freguês, o lápis atrás da orelha, leve buço e ar melifluo... É bem um tipo de marçano da época, com o seu cabelo rente, quase à escovinha, negro, a descer em bico sobre a testa, a sua bochecha corada e as suas tamancas de couro cru. Merece simpatia o menino e inspira compaixão.

A sua história é igual à de quase todo aquele que, ainda criança, aqui chega, vindo de Portugal. História triste.

Porque sofra, na terra mirrada e pobre onde nasceu, frio, descrença e fome, e o pai lhe diga, um dia, que neste recanto da América o sol é mais intenso, a vida mais farta e o futuro melhor, trepa para um navio, saco às costas, e, confiante e tranqüilo, deixa que ele o conduza e o encaminhe até nós.

O saco é pobre, pequeno e vazio. O coração, porém, é cheio de alegrias e doçuras.

O sofrimento fê-lo humilde. Bom já era, como o pai, canonizado em vida, na gleba ingrata, pela resignação e pela dor.

Pobre pai! E pobre criança!

Havia na terra deles um poeta que cantava assim:

Ai o lusíada, coitado!
Que vem de tão longe,
Coberto de pó.

Na hora de embarcar ouviu
isto:

– Para com teu patrão, meu
rico filho, muita submissão e respeito,
que outro não será o que há de te dar, na
falta de teu pai, a mesa, o ensino e futuro...

Há uma idade em que no cora-
ção os conceitos caem e ficam, como as
pedras que se atiram a um poço.

O pequeno arregala os olhinhos
meigos, bons, lavados de lágrimas e murmura:

– O pai que o diz é porque o sabe.

Chega à proa de um vapor, consignado a uma firma comercial
qualquer, como um barril de sebo, um engradado com um porco, uma
tina de bacalhau. E, como ele, chegam milhares.

De uma lista de bordo: Antônio Manuel da Silva, Manuel
Antônio da Silva, Antônio da Silva Manuel – uma chave, e, adiante,
Manuel Ferreira & Cia. Rua do Mercado, 204.

Só falta a rubrica comercial – Cif. Rio.

Quando o pobre imigrante ingressa na sórdida vendoca onde
há de perder, cedo ou tarde, com as cores do rosto, a inocência e o cará-
ter, manchando para sempre aquele meigo e terno coração que jamais
sonhou com a maldade dos homens, o prato que ele encontra, se não é
ótimo, é, pelo menos, cheio e farto, obra da Rita Inácia, uma negra de
beizola gorda e mama vasta, com um lenço de caramujos amarrado, à
guisa de trunfa, na cabeça. Na casa em que vai morar o pobre escravo
branco já mora, há muito, a negra escrava, moça, de anca de égua, roliça
e cheirando a bodum. Faz o serviço da casa inteira, a desgraçada, mesmo o
de ser mãe de todos os filhos do Sr. Antônio, uns mulatinhos imundos,
farrapentos, que vivem como ofidios sobre o chão, de envolta com a
fauna doméstica que anda solta pelo quintal e pela moradia: cães, gatos,
galinhas, capados e perus.



Lavadeira
Desenho de Raul

Dorme o escravo branco, recém-chegado à terra, sobre uma tábua nua, pousada sobre dois caixotes. Sem travesseiros, sem cobertor. Não tem escova de dentes, nem sabe o que é um naco de sabão, uma toalha ou um pente. Não lhe ensinam hábitos de asseio. Mostra crostas de sujeira no peito, nos braços, no pescoço.

Quando vai levar as compras no caixotinho, transformado em cabaz, à casa do “sr. Doutor”, que fica em frente, dizem-lhe sempre:

– Cheiras mal, ó garoto. Quantos banhos tomas por semana?

E ele, coitado, sorri, mostrando os dentes amarelos, carregado de limo, e que lhe mancham a boca fresca, moça e gentil...

Cresce, engorda, assim mesmo. O pé já não entra na tamanca. Com a idade vai aprendendo a conhecer o mundo pela filosofia do patrão. Aprende a roubar, com ele, que, quando trapaceia no peso, o dedo na balança e um olho no freguês, diz, repetindo sempre, e de cenho carregado, o que não lhe sai nunca da boca:

– Eu cá sou “plu” direito!

Com esse patrão instrui-se, aprende a burlar e a mentir. Vende o podre por bom. Carne-seca ardida por fresca. Café com mistura de milho. Duzentos gramas de vinho em oitocentos de água dão, sempre, um litro do melhor Alto-Douro. Engana-se no troco do freguês, por malícia. Erra nas somas, calculadamente, sempre e a favor da “casa”. No caderno das compras põe 4 ao invés de 2, mais tarde, ainda, estica a perna desse 4 e faz 7, na adição final, não raro dando-lhe valor de 9. A pobre alminha vai-se corrompendo e achando, isso tudo, muito natural.

– Ó “Sor” Antônio – berra, por vezes, o patrão –, nós é que não podemos perder essa banha que rançou. São 20\$! Veja-me aí uns trinta cadernos de fregueses “mansos”, e meta mil-réis de banha na conta de cada um.

Dos trinta, lesados, oito apenas reclamam contra a malandrice do



Caixeiro de venda
Desenho de Armando Pacheco

vendeiro. Da venda dizem que foi engano... Mas sobram, assim mesmo, dois mil-réis. Desaparece o prejuízo dos vinte. Se o número dos protestos aumenta, não dando, o ardil, a soma desejada, nova operação, até cobrir-se, de todo, o prejuízo do taberneiro.

A isso sempre se chamou *diluir* (e ainda se chama...). “Manso” é o freguês que não protesta, sendo que “brabo” é o gritão, impontual ou caloteiro, freguês de alta consideração, quase sempre um doutor que anda de tálburi ou caleça e tem assinatura do Teatro Lírico...

Se o caixeiro pilha, por acaso, o patrão roubando ao sócio (quando este existe na casa) e ouve o homem pilhado, dessorando empáfia, que está dizendo, mais uma vez, “Eu cá sou ‘plu’ direito”, instrui-se, também, nesse particular, e fica sabendo que é um são princípio de honradez lesar-se o sócio. E, de tal sorte, que quando chega o interessado, a primeira coisa que faz é lesar o seu velho patrão.

Aprende a subornar o fiscal da Prefeitura, que lhe aplica multa, aprende a sonegar o imposto. Exímio em todas as burlas, revela, sempre, perícia, desde a maneira de aproveitar uma estampilha, das já servidas, ao modo de fazer uma declaração que seja falsa, das que ele entrega sempre ao homem do fisco, dizendo como o patrão:

– Eu cá sou “plu” direito!

Interessado aos 30 anos, aos 35 já fazendo parte da firma, dorme ainda numa tábua nua, porém, possui vasta cadeia de relógio, em ouro do Porto, com medalha cravejada de brilhantes. Começa, aí, a ter barriga, a destrocá-lo o B pelo V, abrasileirando a fala, num vocabulário de gíria, pondo de lado o bacalhau e fazendo concessões à farinha de mandioca... Possui um espelhinho de meio palmo, onde mira o bigode lustroso à banha, que enrosca e é um anzolzinho catita, onde se vêm dependurar as negras e mestiças da vizinhança. De quando em quando vai à delegacia, intimado. Porque há mães que, apesar de pretas, ainda têm preconceitos de honra e confiança na polícia. Antes, passa pelo baú, toma de umas libritas... Tudo ensi-



Preta lavadeira
Desenho de J. Carlos

nado pelo patrão. Na polícia as coisas arranjam-se, depois disso, muito bem.

Apenas, meio rico, mas cheio ainda de ambição e de coragem, propõe ao sócio uma separação de sociedade. Recebe uns dinheiros e sai. Juntando o que recebe às libras do baú, monta outra venda, só dele. Estabelece-se.

E como aprendeu com o outro a viver e a ser “plu direito”, por sua vez, pensando no que foi, manda buscar à terra novos escravos brancos, alminhas puras como a dele o foi, para explorar e corromper. E pensa no cortiço.

Porque cortiço e venda andam, geralmente, conjugados. O homem que mora, come. Nada mais natural, portanto, que ver ao pé do leito de dormir, o prato de comer.

E é assim que um dia surge a *Vila Nossa Senhora da Lapa dos Navegantes*, que é a estalagem, ao lado do armazém de secos e molhados de sua propriedade – *O Leão da Furna*. O leão é ele mesmo, leão do comércio, leão de unhas afiadas, muito embora sem juba, monopólio da leoa, a negra, que está ao fundo da venda, a que lhe ferve as “coives” e que lhe paga em filhos cor-de-castanha o que lhe dá em loucuras de amor.

É por esse tempo que ele recebe do Reino, por serviços prestados à pátria, a comenda de Cristo...

* * *

Penetramos o cortiço que se esparrama diante de nós, sujo, feio e miserável, com a sua tosca linha de casinholos sem luz, sem ar, sem conforto, lembrando minúsculos oratórios, com o seu agressivo cheiro de sabão e sua morrinha estonteante de suor. Aí, centenas de infelizes apodrecem às pilhas, aos montões, numa promiscuidade criminosa.

Não prestar atenção aos brados da garotada irreverente e bulha, que já nos viu e, assanhada, se reúne em grupo espesso, para nos confundir e nos troçar.

– Ó Cartola! – (cartola é todo sujeito que usa colarinho ou gravata).

– Ó bigode de arame! – (alusão aos que, para mantê-lo ereto, usam uma famosa pomada que se chama Hongroise).

– Dá um tostão pra gente!

Que ninguém, sobretudo, caia na asneira de pôr a mão no bolso, em gesto de satisfazer tal desejo. Perigo de morte. Pode ficar em cacos.

Além das crianças há os cães, que reconhecem, logo, os estranhos ao lugar, principalmente os de certa categoria, cães que rosnam severos, de soslaio, levantando as orelhas, pondo o rabo entre as pernas e que nos vêm cheirar as calças, muito desconfiados, com ares de que identifica, com arrogância e presunção.

– Isca! Pega! Morde ele, Boca Negra!

Não ter medo. Cachorro de cortiço é como cachorro de louça em jardim de casa rica – não morde.

Além de inúmeros cães, a praga numerosa dos gatos, que ficam pelos beirais do pardieiro, pelo peitoril das janelas das casas, a salvo da gurizada que os maltrata, indolentemente a dormir ou a lambar as patas, descuidados.

Para construir a pocilga infecta, o ladino empreiteiro lançou mão de material cansado ou antigo: caibros velhos, decrépitos portais, portas em desaprumo, gradis tortos, telhas enegrecidas pela umidade e pelo tempo. Um montão de remendos. A construção é nova e já cai aos pedaços. Dá-se, porém, por cima disso tudo, uma valente brocha-dela de tinta, uma gorjeta ao homem da Prefeitura, e, pronto, aí está ele, o cortiço, novinho em folha, foco pestilencial, supimpa, onde as epidemias podem dar *rendez-vous* e a Morte, macabramente, dançar o seu grande *sabbat*.

Em geral o cortiço é de um único pavimento: uma portinha e uma janela, uma portinha, uma janela... Há-os, porém, de dois e mais andares, com uma galeria avarandada, servindo a cada um dos pisos, e uma infalível grade de madeira pintada de amarelo. Este onde penetramos acaçapado e enorme é todo em edificação de um só andar.

Avancemos, porém, mais para o âmago do monstro.

O arruamento é em forma de betesga: casinhas tanto à direita como à esquerda e, ao fundo, fechando-o, uma linha baixa de tabiques onde se instalam as imundíssimas retretas, sempre repletas e disputadíssimas. Esse arruamento, todo ele, como largura pode ter, no máximo,

obra de nove metros: três destinados ao trânsito dos moradores, ao centro, mas transformado sempre em coradouro de roupa, e mais três de cada lado, atribuídos às residências e onde se aglomeram, num caos terrível, pranchas, cavaletes de madeira, tinas cheias d'água, bacias de enxaguar alguidares para o preparo do anil, tábuas, mesas, bancos, cadeiras, todo um mundo de cacarecos, em meio a vasos com tinhorões, tinas com samambaias, gaiolas com passarinhos...

É aí, nesse lugar exíguo e movimentado, que as lavadeiras batem roupa e cantam, servindo-se da água trazida à cabeça e que se vai buscar ao fundo da estalagem, dentro de grandes e sovadas latas, das de querosene. “Roupa batida, roupa cantada”, porque é destino das lavadeiras lavar cantando. A roupa branqueja em pilhas e trouxas, sobre as pranchas pousadas em cavaletes ou espalhadas pelo chão. Lavada e, depois, torcida, é posta em cordas ou em esticados arames, que vão de casa a casa, cada um com a marca do seu proprietário e que bambus altíssimos levantam.

Se é feia, a betesga, e imunda, na sua confusão de sórdidos objetos, não deixa de ser pitoresca quando as roupas pelas cordas, suspensas à viração, ficam borboleteando no ar. Lembra uma galera enorme, armada em grande gala, impando ao vento e a sacudir no espaço, intercadentemente, galhardetes e flâmulas. Nem a cordoalha falta, completando a alvissareira nau. Cada bambu é um mastaréu...

Sob o tremular dos panos que gotejam de cima, o movimento de vaivém dos moradores, embaixo, numa agitação contínua e rumorosa. Gente de várias raças de todas as cores: pretas, crioulas de saias rodadas e cachimbos de barro, pendendo de enormes bocas, portuguesas sobran-celhudas e vermelhas, de braços grossos e peitarra forte, mulatinhas flébeis, de ar andrógino e ademanes sentimentais, italianos, espanhóis, alemães, sírios, chins...

Para os moradores, os portugueses são os “abacaxis” ou os “galegos”; chamam-se “carcamanos” ou “malacachetas” aos italianos. Os alemães são “chucrutas”, os sírios, “turcos”, os franceses, quando os há – raríssimos – são “franciús”, e as mulheres, em geral, desde que não sejam brasileiras ou portuguesas, são sempre “madamas”.

É uma babel enorme!

E essa gente toda sabe falar, a sorrir, a se mexer. Aqui berra um, ali discute outro, um terceiro, adiante, assobia. Mais longe outro rezinga, berra, discute e briga.

Crianças soltas, como demônios, passam correndo, desabridamente, por entre bambus e tinas, não raro sobre a própria roupa posta, no chão, ao sol, a corar.

– Menino desgraçado! Deixa-te estar, que vou contar a tua mãe... Pisando o meu trabalho! Moleque sem-vergonha!

Assim fala uma pobre lavadeira, obrigada a pôr, de novo, n'água, uma peça de roupa que o pé imundo do garoto sujou.

À bulha das crianças, junta-se o ruído dos pregões. Lá vem a preta que vende o amendoim torrado.

– Ó... lha ú... amendoim... torrardim... torrardim!

Depois é o mascate batendo a sua vara. Passam o vendedor de mocotó, o doceiro-de-caixa, em geral é tocando uma espécie de pífano, quando não bate uma espécie de matraca; o vendedor de angu, o “turco” que vende cigarros, charutos, fósforos e miudezas, o homem da canjiquinha quente, o do puxa-puxa e das cocadas, o amolador de facas, de tesouras e de canivetes. Os garotos, alegres, ante a chegada dos penúltimos, exultam, assanhados, como as moscas que sentem o açúcar, formando exames em torno.

Até o vendedor do “gasparinho da sorte” busca a freguesia do cortiço.



O homem do realejo e seu macaco
Desenho de Raul

– Anda amanhã a roda! É o 3545! O último!

Mentira. Traz uns 15 ou 20 bilhetes iguais, no bolso. Vende a “sorte-grande” e vende o bicho; vende “grupos”, “unidades”, “dezenas” e “centenas”, que vai “descarregar” à venda do Antônio que, por sua vez, descarrega, depois, na Casa Labanca ou na Casa do Seabra, à Rua do Ouvidor.

Esse homem, por vezes, traz no bolso uns bilhetes de rifa, *Ação Entre Amigos*, correndo pelo final do número relativo ao primeiro prêmio da loteria e que são vendidos a 100 e 200 réis, tômbola de pequeninas utilidades, geralmente em segunda mão.

| | | |
|---|-------------------|--------|
| Rs. 200 | AÇÃO ENTRE AMIGOS | nº 551 |
| <i>anexa à loteria da Capital Federal a correr no dia 30 de Maio de 1903.</i> | | |
| INTRANSFERÍVEL | | |
| PRÊMIO: Um relógio de níquel <i>Remontoir</i> com um pequeno defeito. | | |

– Pode-se saber qual é o pequeno defeito do relógio, moço?

– Pequeníssimo. A gente dá, nele, corda e ele não anda...

Dessas figuras que entram no cortiço, nenhuma, porém, é tão querida e desejada como a do tocador de realejo. O tocador com seu macaco... O instrumentista é sempre italiano, da Calábria. Usa roupa de veludo e, sobre a cabeça, um chapéu de castor sujo, velho e em forma de funil. O instrumento está dependurado sobre o ventre, preso a uma correia enorme, que lhe morre nas costas. E o símio fulvo, de cauda em S, magro, irrequieto, nervoso, ora sobre o seu ombro, aos saltos, ora por sobre a caixa do instrumento, guinchando, piscando os olhos e fazendo caretas.

Já as crianças que deixaram os doceiros estão em torno do animal, atormentando-o com esgares, com assobios, com berros, com objetos minúsculos que lhe atiram, traquinas, e fogosas, apenas domadas pelo olho do italiano, severo e atento, que está movendo a manivela de metal.

Como repertório traz, apenas, três peças o instrumento tristíssimo: a *Lucia de Lammermoor*, *Mamma mia*, canção napolitana, e, para arrancar as entranhas à mulatinha sentimental que acha o italiano *o homem mais lindo do mundo*, a *Serenata* de Schubert, que ele toca em andamento de marcha-fúnebre, o olho preto, debruçado de olheira, posto no pires da gorjeta, que o macaquinho vive apresentando a todos, e que, depois, se enche, fartamente, de níqueis ou vinténs.



O taberneiro
Desenho de Raul

O mulherio que trabalha na roupa, batendo-a, esfregando-a, a falar, a sorrir e a cantar, enlevado, então, concentra-se para ouvir a toada lírica e dolente, que soluça, e passa de leve, abemolada e choramingas, avivando tristezas, acariciando saudades.

Cerram-se lábios de emoção, transidos. As artérias latejam devagar. Não raro, as cafuzas românticas deixam cair da pálpebra tremente uma lágrima fria, olhos postos no céu, mas sem vê-lo, porque o que elas vêem, afastadas do mundo, muito longe e distante é sempre o quadro de uma lembrança carinhosa que a alma lhes enche de saudade, recordação que ao mesmo tempo é sofredora e amável, como aquele

doce pungir de acerbo espinho

de que fala o Garrett.

.....

Capítulo 12

Vida do cortiço

VIDA DO CORTIÇO - O TIPO DO MALANDRO - GÍRIA
CARIOCA - CANTADORES DE VIOLÃO EM FAMÍLIA -
QUARTO A DEFUNTO - CASAMENTO DE POBRE -
ANIVERSÁRIOS NATALÍCIOS - BAILARICOS DE ESTALAGEM -
FOGUETES E BALÕES - MÁ-LÍNGUA - BRIGAS - A HORA DO
GUARDA-NOTURNO...

A PÓS o jato lírico do homem do realejo que abandona o cortiço, as cantigas, de novo, que ressurgem da alma aflita, cheia de melancolia e de saudade:

São portugueses expectorando fados: Ó minha mái, minha mái. / Quesada cum mó pai... São mestiças estropiando melodias em voga: A sombra / De enorme e frondósia / manguêra, / Na bêra da estrada / Da tarde ao caí... Não duram, entanto, muito, as toadas lúgubres que o realejo açulara, que, no pobre, a alegria congênita reage.

Por isso, as canções vão se alegrando, aos poucos. Cascalham aos risos. Gargalhadas aqui e ali repontam, francas e escandalosas. Referve a bulha das crianças, das roupas batidas pelas tábuas. Assobios. Falas. Gritos: - D^a Maria! - Cá vou eu... Berros: - Bastião! - Não sou

surdo, já ouvi! E o formigueiro humano que se apinha, de novo, movimentado e ativo, agitado e feliz, em barafunda plena de vida e de estridor.

Ninguém ouve, no fundo das baiúcas, em que jazem, os pobres tuberculosos cheios de tosses e de pressentimentos, brancos, magros, tristíssimos, mirando as unhas roxas ou de olhos postos sobre a roupa nas cordas altaneiras, como acenos fatídicos do mundo, em adeuses febris, desenrolada no ar. Lá estão eles por sobre os leitos simples, sacudindo o tórax franzino, cheios de tosse e medo, receando a morte.

– Pedroca, dê um pulo, depressa, na farmácia de Seu Quincas, e peça a ele para mandar um tostão de água-de-flor, para tosse. Vá correndo!

Água-de-flor para tosse!

Por causa de misérias como esta é que Manduca da Praia repenica o violão e canta com chiste a solfa gaiata do

Ai ladrãozinho
Esse teu lábio de coral
(Tem dó!)
Dá-me um beijinho
Não te pode fazer mal
(Um só!)

Manduca da Praia “trepna na goiabeira”, o que vale dizer que é um tanto *cabra*. Mostra a cabeleira encaracolada, caída sobre a testa marrom, paletó de um só botão, fechando embaixo, calças de linho, brancas, duras à força de goma e de trincal, faixa e o luxo de umas botinas inteiriças, das de elástico, das chamadas “reiúnas” de “sartoarto” e sempre furiosamente engraxadas. No pescoço, lenço de *faille* azul... Relógio com *chattelaine* de cabelo no bolso da calça e um chapeuzinho três-pancadas, batido em toldo de barraca, sobre a linha dos olhos.

Manduca da Praia anda como um marreco, rebolando o traseiro, agitando o abombachado das calças, o violão sempre na unha. Tresanda a água-florida e a Clorilopse do Japão, e, se por acaso ri, mostra uma boca larga, feia, cheia de dentes podres e onde se espeta um palito novo ao lado do cigarro, sempre apagado e mole de saliva... Vive à custa da pobre mãe, que lava e engoma para fora, que lhe dá casa e comida, só não lhe pagando o vício do fumo, da bebidinha e da boa fatiota que ele vai buscar na Rua S. Jorge, à casa de rótula de uma francesa velha e gorda,

que cheira a alfazema e que, por causa dele, já se quis suicidar três vezes, ingerindo ácido fênico. Os jornais deram...



Cantor de modinhas
Desenho de J. Carlos

Na estalagem há também quem por ele seja capaz de tanto, a Candoca, por exemplo, uma solteirona, que tem um nariz enorme, de pelicano, já com o seu pé na casa dos quarenta e que não sai do antro da Laura, a feiticeira espanhola, que põe cartas e que, como ninguém, sabe acender paixões em peitos frios, “amarrar namorados” e pôr homens em “bom caminho”.

Não arranja nada. Pudera!

A italiana do 22 é que diz bem, desculpando a feiticeira e o seu feitiço:

– *Com quel naso de carnavale non se puó far niente...*

Não se pode, na verdade.

Chega às sete da manhã no cortiço. Manduca da Praia, vindo da “teorga”, para dormir. Ronca até muito depois do meio-dia. Come, veste-se e vai embora. Quando ele parte, maneiroso e gentil, cantarelhando, alegre, o “pinho” entre os dedos, saudando os conhecidos do cortiço (*Ba tarde!...*), muito orgulhoso das suas calças brancas, da sua bipartida gaforinha, há um movimento de admiração que o envolve e acaricia. Gabam-lhe a voz, o violão, o bom corte do terno feito na Tesoura de Prata à Rua da Saúde: – Que elegância! – diz-se.

Na verdade, só o prestígio daquelas botinas brunidas e fulgurantes como dois sóis...

Por vezes, dando-se à importância, pára conversando no pátio da estalagem, ora com um, ora com outro. Fala em gíria carioca, num estilo vivaz, cheio sempre de imagens imprevistas:

– *Saía eu, honte, de tardinha, do chatô para ir ao choro do Madruga, no Agrião, quando risca na minha frente um cujo, meio sarará e que eu me recordei de haver estragado num dia de festa no arraial da Penha por motivo de Ermelinda que então viajava comigo. O cabra vinha zarro para tirar sua desforra e fazer sua deferença. Não dei tempo ao bruto de comparecer com os argumentos. Sacudi longe o*

pinho, e, sem tomar aragem, dancei de velho e fui, logo, cascando o quengo na caixa do catarro do bruto, que ele teve que sair barra-a-fora, vestido de fato inteiro, indo acomodar os ossos na limpeza da calçada. Virou cobra, e cresceu para mim, de novo. Fiz uma figuração. Mergulhei. Foi quando lhe senti, nos dedos o brilho da sardinha. Ele que queria era me cortá! Enguli barriga. Cocei-me achando logo a ferramenta, levantei o rabo-do-corte e pus-me de guarda à espera do avanço... Veio de caveira. Marombei, calcei o bicho. Não caiu. Aí, sem abusar do ferro, mandei-lhe um baiano, só de lambuja, na altura da bomba do respiro. Pois não é que quase matei o home! Caiu de borco. E quando eu lhe perguntei: – então, seu Jagodes? Você sconfiou? Encolheu de caramujo e sortou a cusparada. Olvidei a ofensa e disse para ele: – Não dou em home deitado. Se você não agüenta o tranco diga, que eu vou me embora. Cuspiu de novo. Vi sangue. Vôte! É quando pega de ajuntar gente. E uns jeitos de “não pode”. Depois, meganha. Fui saindo de barriga, e, quando o grilo estrilou, abri o arco e caí no mundo. Na minha meia-hora vou longe, que eu sou do povo da lira e tenho o corpo fechado.

Manduca é o tipo perfeito e acabado do capadócio de alcoice, rufião seresteiro, com nome, fama e glória nos conflitos da zona do femeaço, entre fuzileiros-navais e guardas da polícia. Sampaio Ferraz deportou capoeira, mas não extinguiu a capoeiragem. Em 1901, no Largo do Moura, como em certos capinzais de Catumbi, no Rio Comprido e São Cristóvão, o esporte condenado ainda se pratica e floresce. Os seresteiros que freqüentam os lupanares de São Jorge, Regente e Núncio, ali dão *rendez-vous*, aprendendo, em cursos ao ar livre, a maneira de aplicar um



*Brincando de roda
Desenho de Raul*

bom “rabo-de-arraia”, passar uma “rasteira”, uma “trave” ou outras figuras clássicas do jogo de agilidade nacional. Sempre a ciência desse esporte deu, aos homens, valor dobrado. Por isso vive Manduca abusando do jogo e criando casos com a polícia. Felizmente a política salva-o.

Manduca da Praia, por cálculo, é cabo eleitoral do partido do governo e sua escora nos colégios eleitorais, onde comparece sempre erizado de facas, de navalhas e de cédulas, um quebra-queixo a fumar na boca, na mão vasto cajado de Petrópolis, nodoso e forte, marreta do ofício, que, às vezes, *varre até onde acaba a casa*, garantindo com a vontade do partido o que ele chama a *soberania nacional*. Cada eleição rende-lhe algum dinheiro, *uns poses*, como ele diz. Na semana em que há voto, a francesa do Manduca passa a ser caixa do partido. A Tesoura de Prata recebe, logo, encomenda de mais um terno...

Manduca da Praia, ao deixar o cortiço, deixa, sempre, a pobre mãe, que se encharca na água da tina, toda babada de satisfação e de vaidade. Por vezes, sorrindo vaidosamente, conta ela:

– O pai (Deus que lhe fale n’alma) já era, como ele, assim. Quem sai aos seus “não diz asneira”. Que o falecido podia andar sem um tostão no bolso, mas, relaxar a sua camisa de peito duro, a sua calça de listrão, e o seu pé de verniz?... Pois sim! Eu que o diga, D. Emília, eu que arrancava ao fundo da tina o dinheiro para aquilo tudo. Com o *suô* de meu rosto! Mas, que *qué?* Afinal *di conta* eles são moços, querem *se adiverti*...

A capadoçagem do cortiço, porém, apresenta outros tipos interessantes. Na Casa III, por exemplo, mora Virgulino, o “Cospe-longe”, campeão do cuspo à distância, amigo do Eduardo das Neves, negro palhaço, glória da modinha brasileira, autor da famosa ode a Santos Dumont:

“A Europa curvou-se ante o Brasil.”

“Cospe-longe” é “família”. Não usa francesas. Não conhece fumaças de lutador. É tranquilo, tem até calos. Não sabe dar um rabo-de-arraia e, como arma, conhece, apenas, um canivetezinho de madreperla, que guarda no bolso da calça e que lhe serve para cortar e afiar uma enormíssima unha, fazendo *pendant* com um sinal de cabelo que ele traz ao lado esquerdo do rosto. É loquaz. Loquacíssimo. Fala em voz alta, cataduposamente, berrando, exibindo-se, mas, quando as coisas tocam

as raias da violência, recua, contemporiza, metendo-se sem demora, no caminho da paz...

Contínuo do Tesouro, realiza um grande ideal na vida – aliás o de todo bom brasileiro –, tal o de ser empregado público e não ir à repartição.

Sua extrema palrice guindou-o ao provecto cargo de orador oficial do grêmio recreativo, dramático, carnavalesco, beneficente e familiar *Terror das Criolas do Morro do Pinto*. “Cospe-longe”, certa vez, saudando alguns repórteres que foram visitar a alegre agremiação, em um dia de carnaval, dizem que, desta maneira, terminou um dos seus bestialógicos:

– ... assim, na colidade de orodô oficiá desta sociedade congênera, eu também ergo a minha dérbil taça pra sodá os arrepresentante da imprensa – mostra na mão, aí, um canecão de folha, pleno de cachaça – desejando que a caulda – quer dizer cauda – do *Deus Momo* – pensar que o grêmio também é carnavalesco – se aderrame sobre vossas cabeças como... um... chuverio... de... pétalas... de... rosas!

No gênero desse maravilhoso discurso só o que um companheiro nosso, posteriormente, ouviu de um pobre pai, homem da privança e da intimidade desses núcleos recreativos, no dia do casamento da filha, pela hora da sobremesa do banquete nupcial, a taça levantada para a inocente moça, quase desaparecida sob a vastidão de um véu branco, todo recamado de flores de laranjeiras:

– E, agora, filha das minhas entranhas, suspiro cândido de minha alma, que nunca sejas tu, jamais, em tempo algum, obrigada a arrastar esse véu puro, branco e imaculado de donzela na... lama... pútrida... da... prostituição!



Vendedor de caixas

E já que se recordam alguns surtos de pitoresco dessa sociedade modesta e amável, quase sempre com raiz no cortiço, que se relate, ainda, o que se passou num grêmio da Rua do Catete, associação idêntica, no gênero, à do clube morropintense, do qual é orador oficial Virgulino, o “Cospe-longe.”

Os sócios tinham organizado um piquenique na Baía de Guanabara e acha-

vam-se reunidos para dar as últimas providências sobre a folgança em projeto. Em dado momento, quando se vai dissolver a reunião, um associado que se levanta e indaga:

– Já que estomo cumbinado que o piquenique será na Ilha do Fundão, e que o pessoá terá que embarcá todo, no Pharoux, nas lanchas Orga e Mariquinha, percisa de sabê, Sr. Presidente, quar é o itinerário...

O presidente levantou logo a sessão, informando solenemente ao associado:

– O itinerário já foi discutido na assembléia passada. O itinerário é: –, carça branca, dorma branco e chapéu de paia com fita azul...

Achegas para o anedotário do malandro carioca...

Volvamos, porém, à figura simpática do Virgulino, pardavasco, cinqüentão e falador, na intimidade do cortiço, por um daqueles dias de sueto e violão, sentado à porta do cubículo onde se ensardinha, na hora de dormir, em companhia da mulher, da velha mãe, ambas lavadeiras, e nove filhos, dos quais o mais velho é um guri de nove anos.

Está em mangas de camisa, despenteado, apenas com a sua unha de palmo e meio, muito bem tratada, e o seu sinal de cabelo, bem marcado, rebrilhando num vasto banho de vaselina. Traz calças de algodãozinho que lembram um mapa geográfico, tal o número exagerado de remendos que reúne. Nos pés, chinelos *cara-de-gato*. Fuma, cospe e toca violão.

Bom será, porém, ouvi-lo cantar, porque o homem é originalíssimo quando canta ao mesmo tempo conversando, discutindo e brigando com a família.

Junto ao banco em que ele está sentado vê-se uma mesa, e, sobre ela, uma garrafa de parati, mas desacompanhada de cálice ou de copo.

“Cospe-longe” ataca a modinha de sua predileção:

Helena, ingrata,
Morena fria...

Olha, de repente, a garrafa do álcool, solitária e convidativa, e solta um berro interrompendo a toada lírica:



Morador de cortiço
Desenho de J. Carlos

– *Muié, pois você bota parati e não bota caneco. Cadê ele?*

A mulher que lava, distante, não ouve a reclamação do marido, que retoma, insensivelmente, o fio do seu cantar:

Teu riso mata,
Teu lábio acaricia.

De novo se interrompe. Agora é para falar com o filho pequeno de 7 anos:

– *Ó Antonico desgraçado! Desce dessa tina, diabo! Tu qué virá de catrâmbias pra ficá logo lejado de uma perna? Menino ruindade! Já te assentando-te aqui! Ao lado de teu pai, senão tu leva uns tabefes pela cara, que te espinafra todo! Raça de cachorro!*

E, prosseguindo a cantar

... Meu peito ardia
De fogo e de paixão..

Mas, exaltando-se, suspende ainda o pensamento melódico que entoa, olhando as orelhas e o pescoço do filho, muito espantado:

– *Antonico, sem-vergonha! Ó criança mais desgraçada! Óie só! Pois não é que esse menino lava a cara mas não lava a orelha? Onde se viu isso? Vá já se lavá direito na tina, seu purcaria, enquanto não lhe assento com o violão pelas fuças!*

E, continuando, a cantar:

A lua de prata
No céu se acendia!

Pára. Cospe. E como não veja o caneco do parati que reclamou, esbraveja, de novo, agora com a mulher:

– *Floripes, burra de muié, onde está esse caneco que ainda não chegô? Tu não ouve?*

O caneco chega, afinal, entre os resmungos da mulher, que vem do tanque. É quando ele retoma, justamente, o primeiro verso da modinha, começando-a:

Helena ingrata,
Morena fria.

Essa curiosa cena continua, o homem tocando, cantando, a brigar ao mesmo tempo com os filhos, a reclamar coisas da mulher, dizendo amabilidades, aos que passam, encomendando ao padeiro que chega:



Lavadeira de cortiço
Desenho de Raul

– Olhe, seu Bernardino, logo de noite, me traga três de biscoito quebrado, um tostão de rosca e um meio-napoleão de Petrôpis...

Sem esquecer a toada, sem modificar a seqüencial natural do verso, lá vai ele, com trêmolos na voz, berrando o canto amargurado, só parando, de vez, quando o garoto, seu filho, que insiste em trepar pela tina, resvala e cai com a cara dentro do alguidar do anil.

Aí, numa atitude de desespero, atirando o violão para um canto, a garrafa do parati para outro, é que berra, como remate àquela audição familiar:

– Raio de vida! Um home nem pode ficá um dia em casa pra mode tocá seu violão, descansado!

A cólera que revela, porém, desfaz-se súbito, olhando a cara do guri, toda azul e sentindo, em torno, a alegria da garotada, que se agita e bate palmas, divertida com o espetáculo. Diante das gargalhadas que espocam, vêm as lavadeiras saber do que se trata. E riem todos, gostosamente, saboreando o caso...

É nesse momento que a Adelaide, portuguesa, vem informar, cheia de emoção e de pasmo, que o Chico, da casa IX, que estava nas últimas, já está de olho vidrado e com a vela na mão...

A sinistra notícia corre de boca em boca. As lavadeiras não cantam mais. Cessa a roupa de bater. Emudecem as crianças. Os próprios cães, impressionados com aquela vaga de silêncio, põem as orelhas em pé. Faz-se uma romaria à casa do moribundo. E todos querem ver o Chico, que estrebucha, despedindo-se da vida, o olho vago num Cristo de madeira, a sua vela de cera na mão. Porta e janela da casinhola triste onde ele morre estão abertas de par a par. A massa dos moradores do cortiço aproveita e invade-a. Enche-a literalmente. Há gente cercando o leito, trepada em bancos, em cadeiras, até pelos parapeitos das janelas. E o Chico vai, não vai, o olho fosco, a boca aberta e o pernil já de todo esticado...

E cada vez mais gente para cheirar a cena, para assistir ao espetáculo: dez, vinte, oitenta pessoas! É o cortiço inteiro! Empurrão daqui, empurrão dacolá. De repente, uma voz esganiçada de mulher que berra, como a pugnar por um direito:

– Que diabo! Não empurre! Que eu também quero ver!

Essa gente morre, é verdade; porém se diverte. Diverte-se até fazendo quarto ao defunto.

Para velar um morto que está na sua alcova, de mãos postas sobre o peito, um lenço a lhe amarrar os queixos, vai ela, em súcia, para o terreiro da estalagem, palrar, beber, discutir...

Vezes, diante da barulheira que provoca os risos e até as escandalosas gargalhadas, um parente do que morreu vem à porta do cubículo saber de que se trata.

– Nada, é *uma* que o Bento acaba de contar, mas das boas. A história do rei que ganhou um cesto de abacaxis...

E todos, recordando os detalhes picarescos da anedota:

– Quá! quá! quá! quá! quá! quá! quá! quá! Muito boa!

Talvez haja menos bulha, menos alegria pelas festas em que os habitantes do cortiço comemoram datas de aniversários natalícios, batizados e casamentos. Talvez.

Na porta do XI, D. Eufrásia casa a Miloca com certo Luís, vulgo “Lua Cheia”, empregado da Companhia do Gás. Engalanou-se, por isso, a minúscula morada da noiva. Lá estão os noivos no aposento principal, sentados num sofá de palhinha, à espera dos cumprimentos, das felicitações e dos convidados. Desde que chegaram da pretoria e da igreja que se conservam na atitude espectral em que se acham: ele, de preto, gravata branca e umas luvas brancas, sujas, velhas, evidentemente, emprestadas, na mão esquerda, que repousa sobre a coxa, pondo a direita, napoleonicamente, enfiada na abertura do colete; ela, com uma coroa de flores-de-laranja, no seu vestido de cassa branca, coberta por uma espécie de cortinado de filó branco, caído, e que se fecha até os pés, deixando passar, apenas, em riste, um braço duro, mostrando a mão que aperta, firme, um *bouquet*, também de flores-de-laranja, na atitude em que o rei de copas segura o cetro... Imóveis, hirtos e solenes, esses vultos silencio-

sos e tranqüilos assim ficam a noite inteira. São dois noivos de pau. Ou de pedra. Não falam. Não sorriem. É o protocolo...

Só quando chega um convidado para saudá-los é que essas estátuas vivas movem-se um pouco. A noiva, aí, avança a mão que lhe sobra no serviço de segurar o *bouquet*, o noivo os dedos que lhe restam no trabalho de segurar as luvas. Não se levantam, porém. Ainda é o protocolo.

– Meus parabéns! – diz o convidado.

E os dois juntos, certinhos, numa idêntica inflexão de voz que parece sair do próprio sofá em que sentam:



Noivos à espera de cumprimentos
Desenho de Raul

– Muito... agradecido...

Quando as crianças se batizam há sempre jantares obrigados a canja de galinha e porco com *farófia*. Arma-se no terreiro a mesa das refeições. Come-se sem paletó, num só prato, todas as iguarias, até a sobremesa, o infalível doce de coco... É nesse momento que a dona da casa abre uma garrafa de vinho fino, do Porto, que é o champanhe dos pobres, não sem chamar a atenção de todos para a mesma:

– Olhem esta! Adriano Ramos Pinto, do legítimo!... Mil e oitocentos a garrafa! E é por sermos, nós, fregueses do Sr. Antônio; que, por aí, pedem mil e novecentos e até dois mil-réis!

Essas festas acabam sempre em bebedeira, a bebedeira em rolo, e o rolo em polícia.

As comemorações de aniversário valem, outrossim, por festas interessantes.

Dona Finoca faz anos? Já o *Jornal do Brasil*, pela manhã, na seção *a pedidos*, anunciou, como se usa na época:

“Os passarinhos alegres ao romper da aurora do dia de hoje cantarão no poleiro da Amizade, saudando D^a Felismina da Conceição (Finoca) que hoje colhe mais uma cheirosa flor no jardim de sua preciosa existência.

Salve 5 de maio de 1901!!!

D^a Finoca, que tem recortado o pedacinho do jornal para botar num quadro e que já disse, entre sorridente e babosa, um “Vejam só! Essa gente não tem mais o que fazer...”, é a criatura mais feliz do mundo. Ganha presente. Dão-lhe uma travesseira de cetineta cor-de-abóbora com uma fronha de *crochet*, tendo estes dizeres bordados a retrós preto – *Durma bem*. Não dorme, porque o *crochet* espeta. Recebe uma xícara de beira dourada com a palavra *Amizade* e que custou 800 réis – sem a caixa – no Bazar do seu Florêncio. A xícara que ela recebe é de uma senhora que, ao lhe dar um grande abraço, murmura-lhe ao ouvido: – Não repare na insignificância do presente... É lembrança de pobre...



Balões
Desenho de Raul

Todas essas dádivas ela as põe em cima da cama, que se mostra forrada com uma colcha de filô, cheia de babados postos em *tuyauté*.

Quando por essas festas há danças, as danças fazem-se no terreiro. E o que se dança? Uma polca pulada, que se chama militar, *chostes* (*schottisch*), valsa, mazurca, e, por vezes, a quadrilha, marcada em francês (!) com marcações assim: *Ana vai tu* (*en avant tous*), *Promenades pra direita* (*promenade à droite*), *Ché de dames* (*chaine des dames*), *Faz que vai mas não vai não*, *Caminho da roça*, *Vorta que lá vem a sogra*, etc.

O marcador da quadrilha é sempre um sujeitinho pernóstico, de quem se diz que é *muito preparado* ou *bem falante*, ar pachola, calça bombacha, gaforinha ao vento e botinas rangedeiras. Em geral usa fraque de aba curva e tesa como a de um rabo de galo. Poeta, recita, depois

da quadrilha, versos de Casimiro de Abreu, de Luís Guimarães ou Luís Pistarini.

Grandes festas do cortiço são ainda as dos dias de carnaval, as da semana santa e as da quinzena que vai de Santo Antônio a S. Pedro, estas últimas interessando particularmente às crianças, que armam as famosas barraquinhas para a venda de fogos artificiais. Constituem, elas, as barraquinhas, pela época, um divertimento infantil dos mais característicos e espalhados por toda esta cidade. Lembram, na sua minúscula aparência, uns oratoriozinhos de madeira, em bico de chalé, transbordantes do que então se fabrica como fogos de recreio: bichas, pistolas, busca-pés, estrelinhas, rodinhas, bombas, traques, foguetes, chuveiros, salta-moleques, cobrinhas, balões, etc...

A barraca, que possui uma lanterna japonesa iluminada a vela de espermacete, é pousada sobre um caixote. O dono do comércio é um pequenote radiante da sua improvisada e importante função...

Grande alegria para os moradores do cortiço ainda é a subida dos balões, que se faz no terreiro, em meio à bulha delirante dos guris.

– Subiu! Vivôôôô! Viva Santo Antônio! Viva São João!

E depois:

– Cai cai balão.

Cai cai balão.

Aqui na minha mão!

E quando ele tomba para ser despedaçado pelas mãos de muitos:

– Tasca!

Se há foguetes para soltar, na hora da subida dos mesmos, vão as crianças todas, a correr, buscando as flechas como troféus!

A época é, por isso, de incêndios e de outros desastres. Perdem-se braços, pernas, cegam-se pessoas. Ardem imóveis. São os balões. São os foguetes.

É o delírio da festa bárbara, tradição colonial, que se compreende no campo, mas que não se pode admitir nos grandes centros populosos.

Nós devemos ao prefeito Pereira Passos uma das primeiras posturas municipais proibindo a insensatez desses fogos na cidade, estabelecendo, até para os infratores, pesadas multas.

Certa vez, quando se inaugura um túnel para Copacabana, fazem-lhe uma grande manifestação. Apesar de ser homem pouco afeito a bajulações, lá vai ele. Ouve, pacientemente, discursos, recebe abraços, cumprimentos de toda sorte. Em dado momento, uma girândola de foguetes...

– Onde estão soltando esses foguetes? – indaga o grande prefeito, curioso.

– Somos nós que os soltamos – fala um dos dirigentes da manifestação de apreço, muito risonho – nós, excelência, nós da comissão dos festejos...

– Pois estão os senhores multados – diz-lhe Passos, fechando-lhes a cara –; e de outra feita, fiquem sabendo, quando quiserem me provar simpatia, tratem, antes, de acatar as leis que faço, porque são feitas para o bem do povo.

Mesmo sem as festas da tradição, o cortiço pobre, o cortiço imundo, o cortiço, foco de moléstias, é sempre um ajuntamento de gente feliz e alegre. Nas noites de estio, então, quando o casinholo abafa, vêm todos fugindo à fomalha para o lado de fora, para o terreiro aberto ou céu rutilante de estrelas, alto e amigo. Dentro do casario só ficam os doentes, os velhos e um ou outro que, sob a luz mortiça de lampiões de querosene ou de velas de sebo, relêem antigas e sovadas revistas, rabiscam cartas, ou vêem um livro de estampas... Pouca gente, de resto. A maioria esparrama-se fora, pela terra fresca do terreno comum, à vontade, uns deitados, outros de cócoras ou sentados, em grupos, até o largo portão de entrada.

As crianças brincam de roda:

Carneirinho, carneirão
neirão, neirão,
Olhai pro céu, olhai pro chão
pro chão, pro chão...



Barraquinha de fogos
Desenho de Raul

É por essa hora de descanso e de sossego, enquanto a pequenada divertida canta, que a gazeta do cortiço, trabalhada pela língua impenitente das mulheres, circula com as novidades de cada um, os *disse-me-disse* do dia e da véspera. É o mexerico que refereve.

– E depois disso, D. Emilia, tenha paciência, não é por falar mal, mas aquele filho que ela traz no bucho não é do marido, é do Anastácio.

– Ora! A quem o conta!

Trabalha, agora, a língua viperina de Maria das Dores, da casa XVIII, numa pergunta insidiosa:

– E o que me diz a senhora do velho Meneses, aquele velho gosmento, de cabeça toda branca, hálito de rato morto, que pediu em casamento a Chinoca, uma menina de 15 anos?

– Digo que o que ele precisa é de uma boa carga de pau no lombo, para deixar de ser assanhado.

E tome cusparada para a direita, em sinal de desprezo pelo velho, ou de nojo pelo mau cheiro de rato morto...

A Hermengarda, uma pequena de oito anos, indaga, aí, curiosa:

– Mamãe, por que motivo dona Lora diz que a Chinoca, casando, não pode mais levar flores-de-laranjeira? Por quê?

A isso ninguém responde.

A portuguesa do homem que vende galinhas e que parece não tomar parte naqueles mexericos de comadres, comenta:



Peixeiro

Desenho de Armando Pacheco

– Uma desabirgonhada que stá a se m' ter pla cara do intaliano do paixe. Já a senhora me biu esta?

Mete o bedelho na conversa, nessa altura, a preta Marfisa, que está de cócoras, pitando, e que tira, logo, o cachimbo da boca:

– *Uê! pur isso é que ele entra lá sempre pela minhã levando, na mão, um bagre deste tamanho...*

Eis, porém, que chega da rua, nervosa, afobada, a meninita Francisca, 16 anos, pasta sobre o olho, trança caída nas costas, furiosíssima com o desavergonhado do Maurício e os seus *deboches*, afirmando que lhe há de mandar quebrar a cara pelo irmão. Olá se há del!...

– Por que, menina?

– Eu estava conversando, agora mesmo, com o Otávio, na esquina, quando aquele escaramelado de uma figa sai-se-me com esta: – *Otávio, deixa a graúna, vamos ao circo que isso por aí não tem mais futuro, e tu pode é acabá na pretoria...*

E, rebentando em soluços:

– Deixa-te estar, cachorro, que se Paulinho não te quebrar a cara quem a quebra sou eu!

A preta velha, aí, tira o cachimbo da boca e solta uma gostosíssima gargalhada. Depois cospe. Depois rosna:

– *Quebra nada!...*

Ajeita o xale sobre os ombros, encosta a cabeça no muro e dorme.

* * *



Amolador
Desenho de Armando Pacheco

Descrever o cortiço e não falar nos distúrbios que estão sempre a agitá-lo é silenciar sobre a parte mais importante de sua vida. Não se pode, na verdade, compreender um cortiço sem rolo. Rolo e complicações naturais com a polícia.

São fatores principais de desordens nessa Babel grotesca: o caráter rixento do filho da terra e a sua suscetibilidade impressionante; o álcool, que então se absorve imoderadamente; os atritos fatais que a convivência das crianças e mulheres

provoca; a doçura da ação policial e, finalmente, a frouxidão da Justiça na aplicação natural das leis.

O português, o espanhol, o italiano e o chinês são moradores, em geral, pacíficos, gente de ordem e de trabalho, pouco afeita, portanto, aos desconcertos e às bravatas quixotescas da corja indígena.

Ora, os primeiros, mais ou menos disciplinados e tranquilos, evitam, sempre, como podem, o incendimento nacional. Não são, porém, de cera. Nem de gelo. Em dado momento os provocados, humanamente, reagem. É quando se arma o rolo, não raro degenerado em conseqüências lamentáveis. Um verdadeiro inferno.

Estão a portuguesa e a mestiça a lavar em suas tinas, muito amigas, uma diante da outra. Súbito, o marido da primeira, que chega à porta do casinholo e chama-a: – Ó Maria!

Lá vai ela ver o que seu homem deseja. Voltando, dá por falta do sabão que, ao sair, mal colocara sobre a tábua de lavar e que, por isso mesmo, escorregou, desaparecendo, caído entre o caos das coisas que ali se barafundam e enredam. Como não seja mulher de guardar o que sente, rude, embora, berra logo, cheia do mais vivo mau-humor.

– *Não pode uma pissoa deixare o raio do savão ao canto de sua tina que logo o não abafem! Cambada de ladras!*

E, brutalmente, pegando na peça de roupa que ficou por torcer, com ela bate na tábua de esfregar, como se batesse na cara da surripiadora do sabão.

Já a mulata em frente fuzilou um olho violento, pôs as mãos nas cadeiras e retrucou:

– *Se isso de ladra é comigo, vôte! (dá uma cusparada). Que eu não ia roubá a miséria de um sabão... Você, porém, não se faça muito de besta comigo, porque assento-lhe já esta tábua de roupa pelas fuças.*

– *E quem é você pra me amiaçaire assim, dessa maneira, sua grande negra?* retruca a outra, ofendida.

– *Negra, sim, mas não da sua cozinha, cotruca do diabo!*

E zás, despede a tábua, que, violentamente, vai bater na cabeça da outra. Está armada a encrenca.

Daí a engalfinharem-se é um momento.

– Vem d’ái, ó Manuel! – berra a portuguesa.

– Ó Sr. Manuel!

Lá vem ele a correr, para separar as mulheres que se atacam e lutam desesperadamente.

A maneira com que ele tenta separá-las é, talvez, um tanto brutal, nas não pode ser de outra forma. E está o homem a fazer o que deve quando surge diante dele o marido da mestiça, afetando calma, mas denunciando violentíssimos propósitos. E dirigindo-se ao “portuga”:

– *Então vosmecê tem a corage de pô os mocotó na minha Chica seu galego? Vamo vê isso. Arresponda dereito porque de carqué forma eu tenho mesmo de lhe quebrá a sem-vergonha da cara.*



*O turco vendedor de miudezas e fósforos
Desenho de Armando Pacheco*

Briga-se, porém, às vezes, por motivos ainda mais fúteis.

Após o escândalo da desordem, o comentário que surge e que geralmente acaba por criar novas situações:

– Você toma o partido da Maria porque é tão boa como ela! Grande bruxa.

– Meta-se com a sua vida, ouviu, *sua burra!*

– *Lá de insultare naon – retruca o outro –, que cando me pus aqui tanto me pus plu baim duma cuma d’oitra. Essa é que é a burdade! Mas cá indiscunsiderações não nas admito, fique o cabra sabendo, isso, naim que benha de mó pai!*

E, antes de receber o que já espera, desfere, logo, o murro.

Engalfinham-se os dois.

A luta trava-se, então, entre o prestígio do músculo e a inteligência do gesto. Banzé. Do grosso. Do que tem que acabar na polícia, quando não acaba numa poça de sangue.



*Largo da Lapa
Desenho de Armando Pacheco*

– Burra é você, *tipa ordinária, tipa!*

Passada uma meia-hora, porém, já de outra coisa se fala na estalagem. E a vida, naturalmente, continua.

* * *

Dorme cedo o cortiço. Às 10 horas da noite tudo repousa. Tudo. Até os tocadores de violão não ousam aí fazer as suas líricas serestas, indo fazê-las fora.

Sobre os muros, em corcovas de amor, andam os gatos, namorados da lua, esperando-a, a miar, ou em tombos pela anfractuosidade dos telhados, estalando cumeeiras, arrebrandando calhas, pondo em sobresalto os cães que dormem sob os beirais partidos do casario tranqüilo e melancólico.

Como sinais de vida humana, uma ou outra vidraça que se ilumina por uma luz que vem de dentro e onde sombras aflitas, de quando em quando, se desenham misteriosamente... Sombras... Ruídos... Ruídos cavernosos, que acabam fazendo a ronda da estalagem e que lembram, ora, um rouquenho e triste marulhar de vaga, ora, um sinistro coaxar de rãs.

São os tuberculosos que tosseem, despedindo-se da vida, de olhos cercados por olheiras roxas, as faces encovadas, sobre esteiras podres ou sobre catres de palha pejados de molambos. São os pobres que esperam a morte, o *rabecão* da Santa Casa, de boca fria, trêmula, toda manchada de catarro e sangue...

Não raro, uma dessas janelas abre-se de repente, para que uma voz entrecortada de soluços atire um brado angustioso, mas que se perde pela noite escura:

– Morreu! Deus meu! Como eu sou desgraçada!

– Mais um! Comenta em plácido sussurro, filosoficamente, na rua solitária que cruza em frente, o guarda-noturno de ronda, olhando, da estalagem, a lanterna solitária que balouça e bruxuleia iluminando com a sua luz mortiça, amarelada e baça, a tabuleta sinistra, que anuncia: *Vila de Nossa Senhora do Bom Jesus de Braga. Tratar com o Sr. Guimarães, à benda da esquina...*

.....

Capítulo 13

A vida noturna

A VIDA NOTURNA DA CIDADE – HÁBITOS DE BEBER – O QUE SE BEBIA – UM POUCO DA HISTÓRIA DA CERVEJA E DOS NOSSOS BARES PELO COMEÇO DO SÉCULO – O “BRAÇO DE FERRO”: SEUS PROPRIETÁRIOS, SEUS FREQUÊNTADORES – O BOÊMIO RAUL BRAGA – OUTROS BOÊMIOS



QUEM acreditará que o Rio de Janeiro do começo do século teve uma vida noturna, relativamente muito mais ativa, muito mais ruidosa, e, sobretudo, muito mais alegre que a de nossos dias? Frívola, embora, era ela intensíssima, alimentada, sobretudo, pelos rapazes que ainda não faziam esporte, pelos caixeiros de um comércio que os prendia até tarde, nas lojas que só se fechavam às dez horas da noite, rapazes esses que, quando se soltavam, eram como cabras ou potros num terreiro; e, finalmente, pelos que buscavam, na rua, os prazeres que não podiam encontrar na morada triste e vazia de qualquer aprazimento, como foi a nossa no começo do século. Só os ricos podiam criar, para viver, ambientes agradáveis em matéria de conforto, a grande massa da população vivia mal, sobretudo durante o estio, quando a casa de residência se transformava numa verdadeira estufa, sem os naturais recursos

de defesa que em outras partes do mundo já então se empregavam para suavizar os rigores da estação. O pobre filho da terra vivia a beber a “água da quartinha”, bufando a abanar-se com uma eterna ventarola de palha, camisa sobre a pele, a gola aberta e as mangas arregaçadas. Ainda se dormia, por esse tempo, como na idade colonial, em alcovas estreitas, sem luz, sem ar, com um vasto cortinado de filó, por vezes muito espesso, a tornar ainda maior a ardência da cama, mas que era a única defesa que existia contra o implacável mosquito, a triste lamparina de óleo de colza queimando a noite inteira diante da oleografia do Senhor dos Passos ou de Nossa Senhora da Conceição.

De tal sorte esses interiores abafavam que era comum, quando anoitecia, ver as famílias, sobretudo nos arrabaldes ou subúrbios, buscarem o respiradouro das janelas ou o da calçada da rua, onde ficavam refrescando até o momento do suplício de recolher para o leito, onde se dormia de pernas abertas, sobre lençóis que escaldavam, o rosto todo coberto de suor.

Por isso, na casa inconfortável, em geral, só ficavam as mulheres e as crianças. Os homens saíam, indo em busca, fora, do consolo de largos ambientes arejados. Iam para os jardins dos teatros, iam pelos bares, pelos cafés e até pelos logradouros mais centrais da urbe, de chapéu na mão, a passos lentos, em passeios intermináveis, ou ficavam, então, em grupos, parados pelas esquinas, a falar, a rir, a discutir. Refrescavam-se. Desenfadavam-se. Espaireciam. E às vezes, por esses lugares assim, permaneciam, loquazes e taramelheiros, até uma, duas, três e quatro da madrugada.

Daí a vida noturna que tínhamos, tão falada, tão discutida e bem maior, relativamente, que a de hoje, com a casa brasileira igual a qualquer casa de qualquer país muito adiantado e progressista, nela prendendo, comodamente o homem, prendendo a família inteira.

Não nos faltavam, pelo tempo, excelentes espetáculos em teatros, em *music halls*, em restaurantes e outros lugares públicos de reunião e convívio, com música, com alegria, com mulheres. Somente, por essas noites de esparecimento e alívio, em qualquer desses lugares, diga-se de passagem, bebia-se muito, bebia-se demais, bebia-se como talvez não haja idéia de se haver bebido no Brasil. Bebia-se pelas compoteiras! No

calor, para refrescar, no frio, para aquecer... E as nossas predileções eram todas pelas bebidas portuguesas, que o colonizador para cá trouxe-ram mal surgimos para o mundo, fortes e capitosos vinhos procedentes do Porto e da Madeira, que tínhamos como os melhores do universo, a aguardente de cana e outros produtos da indústria portuguesa de bebidas. Num país tropical, como o nosso, exigindo o uso de bebidas frescas e saudáveis, com dosagem mínima de álcool, o que se procurava beber, quase sempre, era o corrosivo de 14 graus, ou mais, que malbaratava o fígado, causticava o estômago, pondo em perigo de miséria todo o sistema vascular, os rins e o coração. Mais que a febre amarela, endêmica, matava o abuso do álcool. A displicência dos poderes públicos, em questões de saúde, corria, então, parilha com a ignorância do povo.

A indústria da cerveja, que criava a novidade de um tipo de bebida adaptada ao nosso clima, não pôde reagir, logo, contra os exageros consagrados. E um dos motivos foi a campanha sistemática que lhe faziam os negociantes de vinhos estrangeiros, contra ela fazendo o que hoje fazem contra o vinho nacional, do Rio Grande, do Paraná e de S. Paulo. Boicotavam o produto não o recebendo na loja para o vender, de um lado, e, por outro lado, fazendo-lhe uma estúpida campanha de difamação. Quando eram obrigados a ter a cerveja que as firmas alemãs haviam tornado tão boa como qualquer similar estrangeira, e vendê-la, atribuíam-lhe, tais negociantes, os piores defeitos, de tal sorte obrigando os interessados na tentativa nacional a criar bares e *brasseries*, só para negociá-la, casas que então surgiam muito asseadas, muito bem postas, em nada parecidas com as famosas tendinhas, sórdidas baiúcas onde o labrego continuava a vender a vinhaça malsã, em mangas de camisa, sujo, a barba crescida, o pé felpudo, enorme, a sobrar na tamanca do ofício.

Por um anúncio do *Jornal do Comércio* datado de 1836 depreende-se que o uso da cerveja, entre nós, ainda era pouco conhecido pela época. Era, entanto, a bebida, coisa velha no mundo. Compreende-se que Portugal, produtor de vinho, não consentisse que até 1822 entrasse no país outra bebida a não ser o seu vinho; o que não se compreende, porém, é a campanha que aqui sempre se fez após a nossa emancipação política, só para afastar o novo concorrente do mercado.

Antes das tentativas feitas para tornar a cerveja uma bebida nacional por excelência, os nossos avós, pelo fim do século, bebiam-na

importada. Da Alemanha vinham: a *Pá* e a *Dois-Machados*; da Inglaterra, a *Guinness* e a *Porter*; da Dinamarca, a *Carlsberg* e a *Aliança Pal Ale*; da Holanda, a *Hainekens*, e a *Norwegian*, de Cristiânia, na Noruega. Eram importadores: Frederico José e João Batista Frederizzi, F. Mentges Cia., H. Stampa e Ch. Heckescher & Cia., entre outros, isso, pelo fim do século que passou.

As primeiras tentativas industriais no gênero, entre nós, com o intuito de sustar a importação desse produto que já podia ser feito no país, são muito antigas. Antes da República, já se bebia, no Rio de Janeiro, cerveja brasileira.

E, apesar da campanha contra ela, as fábricas iam-se multiplicando pouco a pouco. A Fábrica Gabel teve notável clientela. Havia, ainda, a da Guarda Velha e Logos. Marcas menos importantes foram a da Cervejaria Sacramento, de Nicolau Passos, a de Pinho & Leite, as das



Interior do "Braço de Ferro"
Desenho de Armando Pacheco

Fábricas Veloso, Stampa, Olinda, Leal Rosa, Stoffel, Comércio, Santa Maria, Floresta e Tombal.

Quando surgiu o século, Maschle, à Rua Visconde de Sapucaí, já tinha lançado quatro grandes marcas que foram como quatro dardos ferindo de morte os propagandistas dos álcoois fortes: a *Brahma*, a *Franciscana*, a *Bock-Ale* e a *Guarani*, vendidas em chope, em copos que afetavam a forma de canecas de vidro com asa, altos e grossos. Além dessas canecas havia, ainda, as chamadas *pedras*, canecões bojudos, feitos em barro cozido, branco, com largas tampas de metal. As marcas *Teutônia*, *Bramina*,

Cristal, *Cavaleiro*, *Malzbier* e *Fidalga*, também bebidas em chope, vieram depois.

O *Stadt München* e a *Maison Desiré* foram, entre nós, os estabelecimentos de maior projeção na propaganda da cerveja, pelos fins do século que passou e começo deste, *brasseries*, onde, contudo, não se repudiava o vinho, bares e restaurantes de comidas quentes e frias, mantendo fina e numerosa clientela. Os pequeninos bares, porém, espalhavam-se pela cidade.

Entre os mais notáveis lembremos o *Zum nachte spotzer*, que ficava na Rua da Assembléia, em frente ao lugar onde hoje existe a Casa Heim; o de Robert Knoff, o de Vicente Pirassi, na mesma rua, 117, o bar *Necrotério*, assim chamado pelos freqüentadores por se achar colocado junto ao necrotério da Ordem Terceira da Penitência. O bar *Lapisk* era outro, também, muito conhecido. *Lapisk*, era um alemão de gordura fenomenal, *recordman* dos torneios da cerveja que então aqui se fabricava e que morreu um dia, tragicamente, comprimido entre dois bondes.

Havia ainda o bar de Henrique Heitman, com magnífica salsicharia. Heitman, figura de grande projeção no Clube Germânico, tinha uma excelente voz de tenor, reunindo, por isso, em seu estabelecimento, grande número de cantores brasileiros, entre eles Carlos Wehrs, da conhecida casa de música que ainda guarda o seu nome, este com voz da qual se pode bem dizer que foi das melhores existindo, pelo tempo, entre nós. Não esquecer, ainda, o bar de Albert Prechel, que depois abriu o famoso restaurante da Bolsa, dos raros dignos desse nome, que já tivemos na cidade, *rendez-vous* de *gourmets*, onde os grandes banqueiros e os grossões das finanças e da política almoçavam, resolvendo as questões de câmbio e de partido.

De todos os bares, entretanto, o mais conhecido e o mais freqüentado, sobretudo pelos boêmios desse tempo, foi o do velho Jacob Wendling.

Esse estabelecimento, conhecido primitivamente entre os alemães, que nele se reuniram, por *Zum Schlauch*, isso porque lembrava, no corredor em que nascera, à Rua da Assembléia, 102, uma tripa extensíssima, aí pelo ano de 1901 transferia a sua sede, indo para a loja nº 103, no lado oposto da mesma rua, ponto onde hoje existe um pequeno

restaurante, nesse lugar ficando até 1927, época em que, com grande melhoria de instalação, passou a funcionar na Rua da Carioca.

Lembrava o velho Jacob uma figura evadida das páginas do *Simplicissimus* ou do *Fliegende Blätter*, grande, vermelho, com o seu bigode de guialonga, o seu ar bonachão e um clássico cachimbo de cana longa, sempre dependurado do lábio tranqüilo e frio. Esse o *alter* Jacob, na época da mudança para o 103; deveria ter sessenta e poucos anos. A denominação primitiva, *Zum Schlauch*, porém, pouco depois dessa primeira transferência desaparecia e o caso é que pelo ano de 1905 ou 1906 passou a ser conhecida, a casa, por *Braço de Ferro*. E por que Braço de Ferro? Saiba-se a história verdadeira da origem desse nome, que é história muito diferente da que até já saiu, por aí, não há muito tempo, publicada.

Quando ainda negociava na sua primitiva *Schlauch*, Jacob Wendling tomou a seu serviço um rapaz brasileiro, embora filho de alemão, que se chamava Adolf Rujaneck, o qual graças à sua atividade, e, sobretudo, a uma aguda e clara inteligência, de caixeiro passou logo a gerente, e, pouco depois, a sócio, sendo que, mais tarde, em 1907, fazia-se proprietário definitivo do bar.

Era um tipo pequeno, magro, de olhos de raposa, sempre muito piscos, cabelo à *brosse carré*, com um infalível traço de ironia debruando-lhe a flor do lábio franco e sorridente. Não era positivamente um atleta, Adolf, mas era rijo, desenvolvido; e de tal sorte se dedicava ao esporte da queda-de-braço, como muitos dos rapazes de outros tempos, que se notabilizou como um terrível campeão no jogo, vencendo pugnas memoráveis e até abatendo, em golpes extraordinários, os que se consideravam dos mais possantes bíceps da cidade.

O braço de Adolf era, positivamente, um braço formidável, férreo. Os desafios eram constantes no bar.

Pelas mesas colocadas ao fundo do estabelecimento juntavam-se os homens para *matches* sensacionais, e era de vê-los, as cabeças unidas, as faces cheias de sangue, os cotovelos fincados no mármore da mesa, gemendo, urrando, presa de esforços inauditos, os músculos retesados, as carnes hirtas, os ossos firmes, ciosos de derrubar um o braço do outro. Por vezes, o velho Jacob, mamando a cana longa do seu enorme cachimbo de Nuremberg, chegava, tranqüilo e pachorrento, para assistir a essas refregas relevantes. E Adolf, mantendo o prestígio de seu braço

terrível, ganhando apostas sobre apostas, mantendo no campeonato do jogo a *ceinture d'or* que não mudava de dono, dando-lhe reputação, fama e aureolando-o de glória.

Foi o braço-de-ferro de Adolf que deu nome ao bar. Desde essa época, com efeito, que tal denominação surgiu e pegou. O informe nos é dado por Ludwig Voit, seu antigo sócio e, pelos dias que correm, proprietário do bar tradicional que, com o nome Adolf, ainda hoje existe na Rua da Carioca.

No 103 da Rua da Assembléia a loja era melhor que a dos tempos do *Zum Schlauch*. Não era, contudo, coisa extraordinária. Duas portas, ao invés de uma. Ambiente mais vasto e mais cuidado. Mesas em maior quantidade e um serviço de *delicatessen*, especialmente importado da Alemanha.

Viviam, depois de certa hora, completamente tomadas as mesas da cervejaria, que eram de madeira clara, apenas lixadas, lembrando as dos Pichor-Brau, da Baviera. Entre essas mesas uma havia que pertencera ao Imperador e que o velho Wendling comprou, por bom preço, no leilão do Paço, feito logo após a proclamação da República. Esse móvel histórico, relíquia feita em jacarandá mas com tampo de mármore, era disputadíssimo pelos freqüentadores. Como clientela, a fina flor da colônia germânica domiciliada entre nós, louros e obesos teutões, heróicos bebedores de cerveja, outros estrangeiros, cónsules, consignatários e capitães de navios, *ships chandlers* e os boêmios da terra, que eram a nota infalível da casa, divertindo, não raro, toda essa estrangeirada tranqüila, quando a não sobressaltava com aquelas explosões de ânimo que degeneravam em pavorosos conflitos, tão do começo do século, obrigados a louça quebrada, tiro de revólver, arnica e xadrez da polícia.

No bar do velho Jacob, Adolf Rujaneck era figura central. Apesar de parecer, talvez, um tipo de precária expansão, tinha ele um fundo alegre, franco e era engraçadíssimo.

Muitas partidas e boas pregou aos seus amigos boêmios, freqüentadores da *brasserie*. Recorde-se, entre outras, a que ele pregou ao Raul Braga, numa noite em que este, muito bêbado, estava inconveniêntíssimo. Pois Adolf não meteu Raul dentro de um vasto tonel de reclame, monstro alto de dois metros e tanto, que durante muito tempo serviu de anúncio à cerveja *Bock-Ale*, tonel que ficava dividindo a sala do bar da

sala onde existia um tabuleiro de bagatela, ao fundo? Para alcançar a boca desse tonel diogênico, seco de qualquer cerveja, diga-se de passagem, subia-se por uma pequena escada de três ou quatro degraus. Era no seio dessa disforme almanjarra que se guardavam vassouras velhas, bengalas e guarda-chuvas esquecidos pela freguesia (a época era a dos guarda-chuvas e da bengala) e mais inutilidades do estabelecimento. Raul, o inconvenientíssimo, aí foi uma noite encerrado, cioso como estava o Adolf de pôr um paradeiro à mais escandalosa de todas as suas bebedeiras. Quatro garçons agarram-no como se agarra um porco e com ajuda do escadote atiraram-no para dentro do barril. Era o único meio capaz de dar à freguesia, já seriamente aborrecida e alarmada com as truanices do boêmio, um pouco de sossego, mesmo porque todas as forças anteriormente feitas para afastá-lo do bar tinham tido resultados improficuos. Tudo havia-se tentado. Até então, de quando em quando, saía um garçom a arrastar pelo braço o impossível Raul e ia deixá-lo longe, no Cais da Lapa, no Campo de Santana, para além do Largo do Machado... E Raul, indefectivelmente, voltava. E voltava irritado, insultando o pessoal da casa, os seus proprietários e até a freguesia, o cabelo em desordem, o olho congesto, a mão nervosa, em riste... A idéia do tonel fora, quiçá, um tanto violenta e imprevista, mas, não havia outra. O boêmio não se deixou, porém, como talvez se pense, conduzir mansamente. Ah, não! Ofereceu resistência heróica. Atirava com os pés, mordida os que o seguravam, sacudia-se todo. Custou, mas foi. Pequenino, nervoso, quis ele, logo que se viu dentro da almanjarra, tentar escalada e fuga. Adivinhava-se o homem como um gato que quisesse subir numa parede lisa. Sentindo-se incapaz, tentou, aos empurrões, derrubar o tonel, virá-lo. Não podendo, teve uma idéia genial. Começou, de dentro para fora, a atirar sobre a cabeça da clientela pasma, todas as vassouras, todas as bengalas, todos os guarda-chuvas que ia, aos poucos, achando no ventre do pipaço. De uma feita veio até um velho banco, invalidado pela ausência de um pé, cair sobre uma prateleira, acabando por quebrar, em fantástico estrondo, um enorme recipiente de vidro onde o Adolf curtia couves-flores, cebolas, pepinos, aperitivos em conserva para servir na hora das salsichas e das almôndegas.

Desse recipiente, que tinha um bocal enorme e de onde os legumes em vinagre eram retirados por uma colher de pau, conto uma história amena.

Esse mesmo Raul e Fernando Caloé (boêmio gaúcho meio doido, que, em meio às suas delirantes chocarices, desandava, por vezes, a dar tiros de revólver para o ar, como nas fitas americanas onde entram assuntos do *Far-West*) bebiam numa tenda da Praça do Mercado, quando diz ao primeiro o segundo:

– Tenho fome. E tu?

Raul confessa que seria capaz de comer alguma coisa.

– Pois vamos comer ao Braço-de-Ferro, reponta-lhe o gaúcho, pagando o que bebiam. E partiram. Como passassem no caminho por uma casa de artigos de caça e pesca, nela entrou o sulista, pedindo dois caniços, não sem acrescentar ao mercador:

– Com linha crua forte e um anzol. Dois conjuntos prontos para qualquer pesca.

Volta-se para Raul e trata de explicar:

– Comeremos no Braço uma boas salsichas de Francfort, mas, com pepinos pescados por nós mesmos!

Referia-se aos pepinos que o Adolf curtia em manso e escuro lago de vinagre, entre cebolas e couves-flores.

Raul observou-lhe, aí, que pepinos não se pescam com anzol. E acabou por declarar-se pronto a garantir a despesa das salsichas, caso ele, Fernando, conseguisse pescar algum. Aceitando Fernando o desafio, partiram ambos a passos largos, resolutos, descendo a Rua do Ouvidor, até a dos Ourives, onde dobraram, os caniços como armas sobre os ombros, a grande espanto de toda a gente.



O velho Wendling
Desenho de Marques Júnior



Adolf Rujaneck
Desenho de Marques Júnior

Achou pilhéria, ao caso, Adolf, que consentiu no ensaio. O gaúcho lançou o anzol. E como hábil pescador fez logo manobrar a flexível cana, instrumento perfeito, embora um tanto complicado, com articulações de metal, coisa assim capaz de pescar até pirarucus no Tapajós ou no Amazonas.

A originalidade da pesca criou logo, em torno do bacio de vidro, um círculo de curiosos. Durante quase uma hora, a fio, o anzol raspou o dorso de todos os pepinos mergulhados, mas, sem ferir um só! As cebolas, por sua vez, também livraram-se dos ataques terríveis do aço em ponta. Só as couves-flores, esfareladas, sofriam o embate. Em dado momento, porém, Fernando fere qualquer coisa que não se esfarela, qualquer coisa de sólido, e a levanta fora do lago de vinagre, exclamando:

– Vitória!

– Perdão – diz-lhe Raul, apoiado pelos demais que assistem àquela inconcebível pesca – isso não é pepino, é talo de couve-flor!

– É pepino – berra, fora de si, o sulista. – É pepino!

– É couve-flor!

– É pepino!

– É couve-flor!

E das afirmações vão as vias de fato. É quando Adolf, receoso que lhe quebrassem o frágil recipiente de vidro, num gesto rápido, com o seu braço de ferro tenta imobilizar o gaúcho. Enraivecido, o Raul, aproveitando a trégua, tendo à mão a vasilha, enquanto Adolf e Fernando lutam, vai sobre ambos atirando, com fúria, e boa pontaria, todos os pepinos e todas as cebolas que vai achando mergulhados no vinagre...

No Braço-de-Ferro, por vezes, passavam-se cenas edificantes...

Bebe-se muito por todo esse Rio de Janeiro. Muito. Emílio de Meneses, que consolida a fama de intrépido bebedor, vai deixando pelas mesas por onde passa este axioma, que ainda não se perdeu de todo: “beber, às vezes, é uma necessidade; saber beber, uma ciência; embriagar-se, uma infâmia”.

Todos, porém, bebem sem necessidade, abusando do álcool, sem ciência, infamemente se embriagando.

Plácido Júnior, mais epicurista do álcool que um viciado vulgar, assim nos fala, um dia:

– Ah, quem me dera uma garganta sensível como a que posuo, mas em forma de rosca de parafuso!

Naturalmente pergunta-se-lhe: – Por quê? – E ele, sem se perturbar, respondendo:

– Para que nela, o que bebo, possa ir passando bem devagarinho...

Frase deliciosa de outro grande bebedor desse tempo:

– Afinal não bebo água por uma questão de puro sentimentalismo.

– De sentimentalismo?

– Sim, para não arrancar o pão das pobres lavadeiras!

Que diz Guimarães Passos, sempre que leva alguém a beber?
– Vamos levantar o moral!

Emílio, que conserva, no começo do século, as preocupações de elegância que dele faziam, pela época do Encilhamento, um Petrônio magnífico, vivendo como vive, a beber, de manhã até horas tardias da noite, que se saiba, não foi homem do qual jamais alguém pudesse dizer que fora visto a ziguezaguear pelas ruas. Comentários, a propósito, do poeta Bilac: – Emílio não bebe, liba...

A época, para os que bebem, é das maiores indulgências. Dificilmente se diz, então, de alguém que ultrapasse, na hora de beber, o limite normal das conveniências – É um bêbado! – Pois sim! No máximo o que dele se pode dizer, e, assim mesmo, com um risinho de doçura e simpatia, é que é um boêmio...

– Sabes que a Sinhazinha vai casar com o Neves?

– Espere lá, homem, o Neves? Um alto, magro, moreno, de barba andó, que trabalha no Tesouro, um que é meio boêmio?

Meio boêmio! Meio, afinal, porque não volta para casa carregado a braços, todas



Raul Braga
Desenho de Calixto

as noites, porque não dá escândalos no bar ou no café, porque não aparece em plena Rua do Ouvidor, na hora de maior trânsito, de meias, com camisa de fora das calças e um canudo de papel em forma de mitra, na cabeça, como apareceu, certo dia, o Raul Braga, que era considerado boêmio inteiro!

Olha-se para esse que, desprezivelmente, depois, virá a se chamar *pau-d'água*, como se olhássemos para a estátua de um gênio, com deferência e com respeito.

Os desmandos de um grande bebedor contam-se, em geral, como se contam façanhas gloriosas, entre sorrisos da maior benevolência e “ahs!” da mais viva e mais sincera admiração.

– Fulano, ontem, tendo comigo bebido três “virgens”, ao jantar, bebeu, depois, sozinho, no Ervedosa, uma garrafa de Madeira. Depois pediu dois absintos. Vieram, a seguir, mais três ou quatro genebras. E ainda mais uns três uísques... Ia ficando ruim. Para consertar foi necessário tomar meio litro de conhaque...

De outro que bebia muito falava-se, enternecedoramente, assim:

– Quebrou toda a louça da mesa, todos os espelhos do restaurante. Feriu dois garçons. Passou uma rasteira no guarda-noturno. Não quis ouvir o delegado. Fugiu para os fundos da casa, agarrando-se ao vaso da retrete. Puxaram-no. Lá veio ele com vaso e tudo... Um homem extraordinário!

Ao ato de beber chama-se *erguer a hóstia*. À *brasserie*, tenda ou botequim, chama-se, sempre, *capela*.

Pede-se num balcão “Sangue-de-Cristo”, quando se quer pedir uma dose de vinho do Porto, com sifão...

Curioso como o sentimento católico vive sempre de mistura com todo esse desenfreado culto a Baco. Pois as marcas de cerveja Brahma, que então aparecem anunciadas por cartazes lindos e vistosos, pregados em todas as esquinas, não mostram figuras de frades gordos, cavalgando tonéis e integralmente bêbados?

E que espécie de bebidas bebem os homens do Rio de Janeiro, pela época? Afora a cerveja, que apenas começa a se impor, todas as bebidas existentes sobre a face da Terra, e, de preferência, as mais fortes, as que maior dosagem de álcool apresentam. O vinho quase todo ele é por-

tuguês. Naturalmente, os vinhos de França, de Espanha, da Alemanha, da Itália e da Áustria aqui nos chegam, mas em escala muito reduzida. O comércio, em geral, faz contra esses vinhos uma perseguição feroz.

A velha frase *de fazer azia em caixa de bicarbonato* é desse tempo e aplicada sistematicamente aos vinhos de França, Espanha, Itália ou Alemanha. No entanto a maior parte do vinho que aqui se vende como ótimo, vinho de Portugal, com raras exceções, é todo ele falsificado ou “batizado”.

A famosa Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal transborda o mercado do Rio com seus produtos, onde a uva portuguesa, há quem garanta, só algumas vezes entra. Vêm-se pipas expostas ostensivamente nas lojas, à guisa de reclame, mostrando as iniciais R. C. V. N. P. O carioca, porém, brejeiramente explica o significado das iniciais, desta

maneira curiosa: R – roubalheira; C – completa; V – vinho; N – nem; P – pinga; isto é: *Roubalheira completa, vinho, nem pinga!*



Emílio de Meneses
Desenho de Calixto

Os poderes públicos não se mostram muito interessados na repressão dessas anomalias.

E o que se importa, finalmente, de vinho português, pela época, do puro ou de zurrapa? Uma enormidade! Para se ter uma idéia do que isso é pelo começo do século, basta lembrar, citando estatísticas oficiais, que se chega a importar de Portugal, isso só no que se refere a vinho comum, num ano – 43.400.000 litros! (Estatísticas do Ministério da Agricultura.) Possuía o Brasil, por esse tempo, uns 22 milhões de habitantes. Quer isso dizer que, para uma população como a de hoje, teríamos que importar, se bebêssemos como outrora, nada menos de 90 milhões! Noventa milhões! O que se dá, porém, e o que se vê pelas estatísticas, também oficiais, de 1932, é que, em lugar desses 90 milhões, o que se importou, nesse mesmo ano, foi pouco mais de 3 milhões.

Queda fantástica!

Para explicar tão vultoso consumo de vinho vindo do Reino, naquele tempo, para esta parte da América, basta lembrarmos isto: o

exportador português Adriano Ramos Pinto manda de Portugal aos seus fregueses do Rio de Janeiro, como lembrança, comemorando a descoberta portuguesa do Brasil ao invés de umas folhinhas de desfolhar, uma fonte pública, autêntica, enorme, toda de mármore, esplêndido chafariz que ainda existe no nosso jardim da Glória e pode ser visto por quem quiser. Uma fonte pública! Quer dizer que, se não se modifica, tão depressa, a tendência dipsomânica do carioca ou não se modifica a sua preferência em matéria de vinhos, hoje, na Avenida, ou nos jardins da Beira-Mar, como prova de gratidão de outros exportadores, feitos na mesma pedra ou de pedra ainda mais rica, talvez tivéssemos arcos triunfais ou estátuas várias a Baco ou a outros deuses do Olimpo.

Além do vinho português, bebe-se muito, pelo tempo, a aguardente de cana (também do Reino) e o nosso parati, este, dignificado por fantasiosas misturas. Por exemplo, com goma, uma espécie de xarope que dá ao líquido um adocicado sabor; com pingos de Fernet ou Bitter. São as famosas *abrideiras*, vermute do pobre, aperitivo nacional particularmente querido e apreciado.

Pede-se num balcão: – *Uma patricia com botões dourados* – o que equivale a pedir uma aguardente da terra com pingos de Bitter ou Fernet. A alcoolatria indígena tem, por vezes, expressões de um refinado carinho para indicar todas as bebidas. E assim se chama ao parati *água de Nossa Senhora, branquinha, aguinha*; cerveja é *virgem loura*; absinto, *prêmio do céu*. Pede-se um *cavalinho* quando se quer tomar um uísque. E ainda há a *ginjinha*, a *genebrinha*, a *laranjinha*... E todos esses álcoois tremendos a cidade vive a absorver em quantidade fantástica.

Bebe-se por gosto, por vício, por ser chique, por obrigação, para *não fazer feio*, para não desmanchar prazeres...

– Ora, *seu Gonçalves*, você com essa mania de não beber cerveja, até enfeza os outros. Ó garçom, traga um chope duplo, aqui, para o *seu Gonçalves*!

Amigo *Gonçalves* sorri amarelo, mostrando uma certa contrariedade... Vem o duplo.

– Beba, homem! Seja dos nossos! Aqui é assim...

Bebe empurrando. Empurrado, mas vai. No fim, amigo Gonçalves mostra-se um tanto alegre, de olho mais brilhante e a frase muitíssimo mais lépida...

– Traga outro duplo, para o amigo Gonçalves, ó garçom!

Amigo Gonçalves, aí, já lambe os beiços e não mais protesta. Antes, tem um sorriso lorpa de aquiescência amável. Vem o duplo. Bebe a goles largos, voluptuosamente, encharcando-se. O olho aí, então, passa de brilhante a baço, a frase de lépida, a perra, ele próprio, de alegre e comprazido, vai ficando aos poucos sorumbático... Arrepia-se-lhe o laço borboleta da gravata, o cabelo, o bigode... E quando chega o terceiro duplo o amigo Gonçalves vira convencido, como uma séria obrigação, todo, de um só gole. É a conta...

No fundo, tudo isso representa a grande diversão de uma roda de estróinas, o batismo! Põem o Gonçalves em pé. Não fica. As suas pernas são como se fossem de pano...

– Ó Gonçalves, canta a *Marselhesa!*

Gonçalves tenta cantar, mas começa a engolir a música.

– Ó Gonçalves, faz um corta-jaca!

Vai firmar-se no molambo das pernas e cai...

Todos riem, acham muita graça...

Gonçalves, suando como um lagar, amarelo como um pedaço de cera, dá então o sinal do primeiro vômito. É quando se pensa em levá-lo, a fim de vomitar em casa. No fundo, um pensamento delicado. Lá vai Gonçalves, como uma trouxa, como um fardo, levado em charola, até a soleira da porta de sua residência.

Chama-se a isso, com a maior naturalidade e desprante – uma pândega de rapazes!

Outra:

– Não imaginas, ontem, como nos divertimos! Éramos sete. Bebemos, ao todo, obra de uns 80 chopos. O homem da *brasserie* queria fechar a casa. Saímos, porém antes cuspimos as mesas todas, as canecas de louça, os copos, o balcão... Se visses! Na rua cuspimos a calçada do estabelecimento. Todinha! Tomamos o último bonde que ia para as Laranjeiras. Cuspimos o bonde todo. Se cuspimos! Cuspimos até a chapa do condutor. Por fim começamos a cuspir em nós mesmos. Foi uma dessas

pândegas! Ríamos, ríamos!! Se vocês soubessem, como ontem nós nos divertimos...!



*Trecho da Rua do Hospício
Desenho de Armando Pacheco*

.....

Capítulo 14

Teatro do tempo

TEATRO DO TEMPO – O “LÍRICO” E OUTROS TEATROS –
ATORES E ARTISTAS DE MAIOR NOME – PITORESCOS
INTERVALOS – FREQUENTADORES DE GALERIAS – A CLAQUE
– REPERTÓRIOS – PALCOS DE AMADORES

O

CARIOCA do começo do século ama particularmente o teatro. E o frequenta com a maior assiduidade. Só não possui boas casas de espetáculos. As que existem são reles barracões, envergonhados lugares onde sobra o mau gosto e falta a sombra do menor conforto. Em compensação – e isso é pelo menos um consolo – sobejam os atores, peças, empresários e até público.

O melhor teatro da cidade é o Lírico, uma ruína dourada, mostrando uma reles entradinha de ladrilhos, cercada de espelhos, uns espelhos muito velhos, muito sujos, muito enodoados e uns porteiros de apresentação grotesca e mal-ajambrada, sorrindo debaixo de densas gaforinhas postas em caramanchão e usando, nas noites de grandes *premières*, luvas brancas com punhos de celulóide.

Não esquecer o pulgueiro que é notável.

A grande atriz Réjane, quando aqui chegou e lhe mostraram a almanjarra vazia dos ouropéis com que se ataviava nas grandes noites de espetáculo, não se conteve e disse:

– *Mais, c'est un cirque!*

Era o Imperial Teatro de D. Pedro II, que a Monarquia enobreceu e a República democratizou, guardando, ainda, da Imperial Família, a mais fresca e a mais amável das recordações.

O caricaturista português Rafael Bordalo Pinheiro, quando daqui saiu, foi contar para Portugal uma história curiosa, por ele vivida nesse teatro antes do alvorecer do século XX e que Raul Brandão, o grande artista dos *Pescadores* e de *El-Rei Junot*, nos descreve em suas *Memórias* (vol. I, págs. 29 e 30):

“O imperador do Brasil, logo que chegava ao teatro, metia-se no camarote, descalçava as botas e calçava, com regalo, uns chinelos. Uma noite o Rafael, que estava no Rio, foi pé ante pé, meteu a mão pela cortina e roubou-lhe as botas. O pobre homem não se desconcertou: saiu em chinelos, atravessou em chinelos a multidão, saudando para direita, para esquerda, desceu até ao pátio e meteu-se, em chinelos, na carruagem.”

Não sei se o caso é verdadeiro. Pedro II, que herdou distintas qualidades de sua mãe, uma princesa austríaca, tinha a pesar-lhe nas veias o sangue do pai e do avô, príncipes, como se sabe, de bem pouca compostura. Penso, contudo, que, a ser real, a história, nós a saberíamos, muito antes de ser a mesma conhecida em Lisboa. O que se conta, como verdade, isso sim, é que, durante o primeiro intervalo, nos espetáculos de ópera, o nosso segundo Pedro forrava-se de um bom caldo de galinha ou de uma boa canja, refeição que era conduzida em um recipiente de porcelana, metido em uma caixa de pau e envolta em grossos panos de lã.



Manarezzi
Autor desconhecido

Em 1901, o Lírico, sem imperador e sem canja, é um casarão de precária grandeza.

Como teatro, mil vezes o S. Pedro de Alcântara, onde o grotesco, sem destaques chocantes, morre na sombra de uma serena e amável simplicidade, aconchegante casa de

espetáculos, com camarotes que mostram corrimãos de belbute, acústica razoável e cadeiras, na platéia, de abrir e de fechar. Nas horas de intervalo toma-se um refresco feito com polpa de tamarindo, no *buffet* do 1º andar, que é um salão enorme e vazio de garçons, de mesas e de freguesia. Que o público, todo ele, goza de preferência, na hora do intervalo, uma espécie de galeria descoberta, sempre muito bem iluminada, olhando na praça, fora, o contínuo movimento de pedestres e veículos. Os outros teatros não valem nada. Recreio Dramático, com pretensões a *jardin-d'été*, lembra uma estalagem, dentro de um jardim empedrado, sem flores e quase sem plantas, onde há chalés que se alugam a tanto por mês e crianças descalças que jogam o “tempo-será”.

No entretanto, o Recreio é o teatro preferido pelo que então se chama “alto-madamismo”.

De ver, nesse jardim, por ocasião do intervalo dos primeiros atos, ou antes de começarem os mesmos, as artistas de aquém-cena, as *madamas*, todas elas em *toillettes* escandalosas, sorrindo aos homens, que as examinam como se examinassem qualidades de seda pelos balcões das casas de fazenda, e que, cheirando raminhos de violetas e malva, piscam um olho terno e escurecido à força de rolha queimada ou bistre. Por vezes têm nomes edificantes. Chamam-se: *Alice Cavalo-de-Pau*, *Anita Quiiandetra*, *Marieta Meleca*, *Chica Polca*, *Mariquinhas Quinhentos-Réis*, *Maria Joanete*, *Augusta Mulata*, *Adelaide Chove-não-Molha*, *Berta Chuchadeira*, *Xandu*, *Japonesinha*, *Rosa-dos-Ventos* e *Laura Portuguesa*.

Não esquecer um grupo de cinco raparigas, todas elas fazendo enorme sucesso, muito bonitas e alegres, vindas de Minas, moradoras de uma pensão à Rua Maranguape, que se chamou, com muito espírito e por muito tempo, a *Bancada Mineira*...

São sacerdotisas de Citera, as mesmas que os autores de revista metem nos quadros que fazem representar e que assim se retratam:

Neste mundo fementido
Adoramos a folia,
Somos filhas de Vênus,
Não passamos sem Cupido...

No fundo, elas não passam, também, sem Mercúrio.

No jardim alegrado, onde chega, de quando em quando, o afinar monótono e insistente dos instrumentos da orquestra, há uma bica

velha, aflita e mal fechada, sem um copo, sem uma caneca de folha, para o espectador que não quer beber a cerveja do botequim que aí há. Vingança de homem que tem o negócio, ao pé, paga aluguel de casa, empregados e impostos.

Nessa bica, que mereceu até uma crônica do João do Rio, é que vai refrescar a goela ressequida o homem de paletó de brim, de grenha hirsuta, desdentado, com uma voz horrível e que, desde que cai o pano, uma ruma de impressos debaixo do braço, vive a gritar, de um lado para o outro:

– O resumo da peça a duzentos réis!

Há ainda, como teatro: o Santana, o Lucinda, o Apolo, o Politeama, o Variedades (que se chama, depois, Moulin Rouge), o Fênix Dramática, o Guarda Velha, o Alcázar Parque (no Beco do Império) e o teatro do Parque Fluminense, na Praça Duque de Caxias. Todos esses centros de diversões, mais ou menos ativos, funcionam sempre a transbordar de povo. Há várias companhias nacionais, porém, o número das estrangeiras, que aqui chegam, é verdadeiramente notável. De quando em quando os navios das Messageries, da Royal Mail, ou Navigazione Italiana desembarcam *troupes* francesas de comédias, ou de revista, com as mais robustas notabilidades do teatro de Paris; elencos italianos de ópera, de opereta, de drama ou de tragédia, a flor dos teatros da Itália; companhias espanholas com os melhores conjuntos de Madri, e buliçosos repertórios de zarzuelas, fazendo um sucesso louco; e, finalmente, as companhias portuguesas, sem o menor favor, muito melhores que as nossas, nesse tempo: em artistas, em repertório, e até em montagem. Gente escolhida a dedo para agradar no Brasil.

Não olvidar os famosos corpos de coros dessas últimas empresas, que nos trazem as mais lindas mulheres de Portugal, lindas e guapas raparigas, impelidas pela miséria da terra, e que, no Brasil, vêm em busca da fortuna. Muitas se transformam, depois, em anafadas e honestas mães de família, identificadas a este abençoado torrão, onde envelhecem, cheias de rugas e de filhos.

Por vezes a febre amarela, que não respeita nem os empresários, ceifa-as às dezenas. É uma lástima.

Isso, porém, não impede que as companhias que funcionam no Reino modifiquem os seus projetos de receita, deixando de incluir novas e

freqüentíssimas viagens ao Brasil. Ouro é o que ouro vale. Os empresários, que têm, aqui, excelentes amigos no armazém da bagagem da alfândega e oferecem aos jornalistas, quando chegam, charutos de Havana, gravatas de Paris e outras propinas em seda ou em tecido mais ordinário, podem comer em pratos de ouro. Alguns deles não se mostram, depois, ingratos para conosco. E bom será lembrar um deles, o Celestino Silva, que morreu podre de rico, deixando o teatro, onde fez o melhor de sua fortuna, para que fosse transformado em uma escola pública, em condições de ensinar aos outros o que não haviam ensinado a ele.

Nas rodas teatrais, no entretanto, conta-se de outro modo a origem dessa casa de instrução. Um ator, se me não engano, o Grijó, fez, certo dia, uma proposta a Celestino, tal a de dar, no Apolo, uma série de espetáculos. Celestino não aceitou a pretensão de Grijó. Grijó, então ter-lhe-ia dito, um tanto encanzinado:

– Você não me cede o teatro, mas você, que está velho e doente, há de morrer tarde ou cedo, e, aqui, então, darei eu os espetáculos que bem quiser!

– Não dará você, nem nenhum outro, porque eu arranjaré as coisas para isso – foi a resposta do empresário.

Pouco tempo depois morre Celestino. Abrem-lhe o testamento e nele está a doação do teatro para fazer-se dele uma escola, que é a que ainda existe, hoje, na Rua do Lavradio.

A dificuldade, no tempo, é ter palco, lugar onde representar, porque, público, afinal, não falta.

Companhias portuguesas assinam contratos com um e dois anos de antecedência. E, quando não podem vir, passam a outros os contratos assinados, ainda ganhando dinheiro com isso.

A chegada dessas companhias de Portugal representa verdadeiro acontecimento. Os jornais abrem colunas. Nos dias dos espetáculos as lojas fecham mais cedo, e os cambistas pedem por cadeira, que custa 3\$, 5, 8, 10, 15, e até 20\$000! E quase não se pode andar no teatro, porque foram vendidos inúmeros lugares desmarcados, além da lotação!

Não esquecer que isso é por um tempo em que a colônia portuguesa domiciliada no Rio de Janeiro ainda é uma verdadeira potência, respeitável força, dona de todo o alto comércio desta praça, de todo o

varejo, com portugueses senadores e deputados na representação nacional, senhora, acrescente-se ainda, dos melhores jornais e de outros instrumentos de prestígio em qualquer esfera da atividade nacional.

No Recreio Dramático, Dias Braga é rei. Representando o *Conde de Monte Cristo*, diante de uma platéia respeitosa e atenta, num tom de voz cavo, profundo, quase subterrâneo, declama:

– “De todos os nomes que possuo, bastará um só para te fulminar...”

E arrancando do corpo uma capa negra, enorme, para pô-la em largos panejamentos sobre o braço, um braço de manequim, duro e trágico, continua:

– “Sabes, por acaso, quem eu sou?”

Resposta de Medeiros e Albuquerque, amador de *blagues* e que está sentado na platéia:

– Sabemos, sim, senhor, é o Senhor Dias Braga, que, por sinal, está representando muito bem...

De outra feita, tendo ele, Braga, *Dia Fragma*, como havia quem o chamasse, combinado com um jovem escritor a tradução de certa peça por 300\$, só lhe pagou 150\$, alegando, já não me lembro mais, que esta-pafúrdio motivo. Representa-se o dramalhão de Sundermann, a *Honra*, e, Dias Braga, conforme se vê pela rubrica da peça, vem à linha das gambiarras dizer, com ênfase e escola, o que é do comovente papel:

– Fui ladrão! Bem sei! Roubei! Roubei... mas paguei.



Lucília Pérez
Desenho de Marques
Júnior



Delorme
Desenho de Marques
Júnior



Amélia Lopicollo
Desenho de Marques
Júnior



Apolónia Pinto
Desenho de Marques
Júnior

Não contava, ele, com o jovem tradutor assistindo ao espetáculo, o qual grita, do fundo de um camarote, furioso, fazendo a platéia rebentar em riso:

– Pagou, mas só metade. Ainda está me devendo 150\$000!

Das *Duas Órfãs*, enchendo a face de rugas, o cabelo em pé, dedos crispados, olhos congestionados, berra Dias Braga, abrindo enorme boca:

– “Eu sou de uma família que mata!”

Luís Murat, que está na platéia, mete um apito de socorro à boca e sopra...

Em 1901, Dias Braga representa uma peça intitulada *D. Sebastião, rei de Portugal*, espetáculo comparável aos que então se chamam *tiros* e com os quais se arranca à colônia portuguesa o que se quer, em dinheiro. No anúncio desse espetáculo (*Gazeta de Notícias*, de março de 1901) existe uma nota assim: *O último quadro da peça representa uma praça, ao centro da qual há uma fogueira onde é queimada viva a judia Ester.*

Pode-se calcular a enchente nesse dia, a par dos naturais cuidados do comandante do Corpo de Bombeiros, enviando ao local do espetáculo mais um esguicho suplementar.

São nomes de cartaz, por essa época: Eugênio de Magalhães, belo homem, bom artista, dizendo com particular sucesso a famosa frase da *Morgadinha de Val Flor*, de Pinheiro Chagas:

– “Criança louca, sabes tu que é o amor?”

E a platéia, comovida, repetindo o resto, que sabe de cor, num murmúrio de oração, como se recitasse o padre-nosso:

– “Lago que a brisa mal encrespa e já se julga oceano...”

Há o ator Brandão, quase analfabeto, mas de uma inteligência sempre muito pronta e viva...

Certa vez assistia ele aos ensaios de uma peça de Raul Pederneiras, quando um dos artistas, em cena, solta um solecismo qualquer.

– Grande besta – diz baixo o Raul. – Eu não escrevi essa asneira! Brandão, corrija você o erro atroz.

E o Brandão, ao ator:

– Seu Fulano, está errado! Isso não pode estar aí escrito! Repita a frase, faça-me o favor!



Guilhermina Rocha
Desenho de Marques
Júnior



Leopoldo Fróis
Desenho de Marques
Júnior



Nicolino Milano
Desenho de Marques
Júnior



Alfredo Silva
Desenho de Marques
Júnior

Repete-a o artista, incidindo, porém, no mesmo erro.

E Raul, furioso, de novo, a Brandão:

– Continua a burrice do homem. Ainda não está certo!

– Ainda não está certo! – berra mais forte o Brandão. – Queira repetir.

Ainda uma vez o homem repete a cincada. Raul, desanimado, morde os punhos. Furioso, Brandão desaba sobre o ator.

– Uma grande cavalgadura, é o que você é, errando numa coisa tão simples!

– Mas, Sr. Brandão – diz-lhe o artista, de cena –, eu não sei onde está o erro. Mostre-mo o senhor para que eu me corrija... Onde está?

Brandão podia ter desconcertado, porque, afinal, ele sabia, tanto quanto o ator, onde estava o erro, mas saiu-se, logo, com esta:

– Ó Raul, por favor, dize a esta grande besta onde está o erro, que eu... que eu até tenho vergonha de lhe dizer!

Matos é outro ator muito querido da platéia, artista discreto, com grande linha, apenas com uma voz horrível, a voz de um homem que esteja a falar de dentro de um baú. De Matos diz-se que tem uma pronunciada devoção por Vênus. Na verdade, as companhias por ele montadas, tão-somente devido a casos mais ou menos graves e onde entram mulheres, logo se dissolvem...

Há o Eduardo Leite, um gigante, com voz de trovão, mas de cujo talento pode-se dizer que não é medido pela sua altura, nem pelo

volume de sua voz. Há o França, o Bragança, o Colás, o Machado Careca, que é um ator muito feio mas muito engraçado, por quem a Maria Lina, uma criança de 16 anos, no começo de sua vida de artista, se apaixona loucamente. Há o Leonardo, entre atores brasileiros, dos mais populares e queridos. Grande dançador de maxixe, populariza, notabiliza o *Fandanguaçur*.

Esse passo de massidras
Que tem esquisita alcunha,
Não é do siri-sem-unha
Nem também do jocotó...

Peixoto é grande nome do teatro nacional por esse começo de século. Ninguém, como ele, sabe fazer rir. Vezes o espírito das comédias em que vive cria-lhe situações de um cômico irresistível. Esta, por exemplo: Peixoto vai ao sul do país, em *tournee*. Chega a certa cidade, onde faz benefício, apetecida gorjeta com que os empresários de outrora engabelavam os seus artistas. No lugar, que é pequeno e de escassa população, o hábito é ir o beneficiado, de casa em casa, de porta em porta ou de janela em janela, oferecendo, aos que nelas se mostram, os bilhetes da sua festa de Arte. Lá vai Peixoto com os bolsos recheados de talões, à cata do amável espectador. O benefício, porém, seja dito de passagem, é o quarto dado na semana em que o grande ator pensa realizar o seu. Por esse motivo, muito naturalmente, os que estão pelas janelas, ou pelas portas, vendo-o de longe, recuam, fecham as venezianas, batem os postigos, as portadas; os que quedam pelas portadas ou janelas encolhem-se, desaparecem... Defesa natural de um povo já explorado por múltiplas e inesgotáveis sangrias.

Dobrando uma esquina, porém, Peixoto percebe o vulto de um homem que, na janela onde está, não recua, antes, lhe sorri com simpatia – o primeiro, o único daquela manhã de diligência e pesquisa, criatura que até lhe parece dizer, num sorriso acolhedor e amigo: – Pois aqui estou eu, Sr. Peixoto, aqui, onde me vê... eu mesmo...

Avança o beneficiado, brandindo na mão nervosa e satisfeita o talão das entradas, e está para perguntar ao homem: – Um ou dois bilhetes, meu amigo? – Quando, de súbito, estarrece, desapontado e triste. O homem da janela é o próprio bilheteiro do teatro!...



Cinira Polônio
Desenho de Calixto

Há, porém, vários artistas dessa época que não podem ser esquecidos: Campos, João Barbosa, Rangel Júnior, que recebeu da Réjane, que o viu fazendo o Cascard da Zaza, encômios extraordinários, Ferreira de Sousa, Eduardo Vieira, Louro, o que deu um tiro no Nicolino Milano, quando este regia a orquestra do teatro onde se representava, Alfredo Silva, que estreou imitando, com a boca, o ruído da multidão romana, no *Quo Vadis*, Olímpio Nogueira, criador do Cristo, o *Mártir do Calvário*, mas que um dia

apareceu fumando no alto da cruz onde deveria estar pregado, devido a um descuido do maquinista, que levantou o pano antes do tempo...

Entre as atrizes citem-se Delorme, Bellegrandi, Manarezzi, Lopiccolo, Blanche Grau, Rose Villiot, Helena Cavalier, Cinira Polônio, Olímpia Amoedo, Adelaide Coutinho, Apolônia Pinto, Estefânia Louro, Ismênia dos Santos e Hermínia Adelaide.

Esses os principais artistas do chamado teatro nacional. Quanto aos do teatro estrangeiro, a relação a dar seria a das maiores notabilidades do mundo, uma vez que elas todas aqui vêm ter. Cite-se, porém, um nome que foi, realmente, grande, o de Pepa Ruiz, a arquigraciosa Pepa, espanhola de origem, representando em nosso idioma e que vamos ver inscrever-se, depois, nos elencos indígenas.

As galerias nos teatros de época representam uma nota muito curiosa, com a sua freqüência de estudantes, de empregados no comércio e pequenos funcionários.

Em geral, a *torrinha*, como se chama então a parte mais elevada da sala de espetáculos, é aberta em balaustradas ou se limita por uma simples grade de ferro curta, sobre a qual os espectadores se debruçam e por cujas fendas, embaixo, podem passar, dos mesmos os pés, os joelhos e até as pernas. Podem, mas não passam, porque uma



Heller, ensaiador
Desenho de Raul

das diversões do freqüentador desses lugares a baixo preço é vigiar essas aberturas e gritar, mal surge a ponta incauta de um pé além da linha marcada pela tradição, para comodidade do espectador:

– Tira a “lança”!

E, quando, por distração, surge aqui, ali, ou acolá a forma curva de um joelho:

– Tira a “bola”!

Por esse alcandorado sítio há sempre conversas, ditos, chufas, pilhérias, discussões em voz alta, antes do espetáculo; cavalheiros, por exemplo, que tiram o paletó e outros que protestam: – Não pode! Veste! Enquanto os freqüentadores da platéia, com sorrisos indulgentes, erguem para o ar as cabeças curiosas, os músicos da orquestra afinam os instrumentos, os vendedores de refrescos, de balas, ou do resumo da peça levantam, forte, os seus pregões e vão se acendendo as gambiarras da ribalta, que são, pelo tempo, uma linha de inúmeros bicos de gás, sem globo, como sinal de que já vai começar o espetáculo.

Para a subida do pano, toques de campainhas, e depois, apito.

Se a campainha, posta na caixa do teatro, não anuncia, como deve, na hora, a subida do pano, a torrinha protesta, logo, sem tardar:

– Está na hoooorra!

É na bancada dessas galerias que fica o corpo da “claque”, encarregada de aplaudir a peça, seja ela boa ou má, incumbida de vitoriar os atores, atrizes e autores, chamando-os à cena. Toda essa gente é uma espécie de dependência burocrática da empresa, com função regulamentada e certa. Apenas, não recebe um vintém pelo serviço. Vê o espetáculo de graça e tem direito, na hora da saída, de dizer a um grande ator ou a uma grande atriz que, antes, aplaudiu, assim com certo ar de intimidade:

– Boa noite! Então, gostou do meu trabalho?

Por vezes, o homem da claque é honrado com o pedido de uma atriz, que com ele trava um diálogo discreto e amável como este:

– Ó *seu* Manduca...

– Pedro, minha senhora...

– Isso, *seu* Pedro. Olhe, você não bata tanto, como costuma bater, para a Manarezzi; bata mais para mim...

Diz-lhe isso, quando não lhe passa, sorrateiramente, uma nota de cinco mil-réis, explicando:

– Guarde lá dez tostões para você. O resto é para me atirar flores, amanhã, no fim do segundo ato...

Nos dias de benefício ou de *première*, muitas vezes, os *bouquets* pagos pelas atrizes, atirados das galerias ao palco, saem pelas portas do fundo do teatro e vêm outra vez, figurar como novos *bouquets* a cair no palco vindos das mesmas galerias...

A maior glória de um homem que faz claque é mostrar ao empresário, ou secretário da empresa, no fim do espetáculo, um par de mãos rubras, inchadas de bater, dizendo:

– Olhem-me só para isto!

No Lírico, a torrinha é mais fina. Gente educada. Estudantes das escolas superiores, militares de galão, povo que não quer fazer grande *toilette*, pessoas que querem ir, todas as noites, ao teatro sem despende muito dinheiro...



Ator Machado
Autor desconhecido

Nos grandes espetáculos de ópera, a estudantada organiza, enquanto o pano não sobe, verdadeiros espetáculos de comédia:

– Olhem o Dr. Ataulfo, que pôs uma casaca nova! Uma rodada de palmas pela casaca nova do Dr. Ataulfo!

E desaba uma barulheira infernal.

Berra-se por vezes:

– O Dr. Euclides Barroso cortou o cavanhaque. Ficou melhor!

E o teatro, em peso, glosando o cavanhaque cortado do Dr. Barroso:

– Ficou melhor! Ficou melhor! Ficou melhor!

A polícia intervém. O delegado, em pessoa, sobe. Fala. Pede. Não arranja nada. Na primeira oportunidade a platéia sofre o apupo e a pilhéria da torrinha.

Diz-se, então, com indulgência e certa simpatia:

– Rapaziadas!

Certa vez, começa o espetáculo, grande espetáculo em *première*, ópera nova, várias celebridades anunciadas para cantar. Teatro cheio, à cunha.

A sala, talvez por esquecimento, está com todas as luzes abertas. No palco, o desenrolar sinistro de uma tragédia pungente, vultos que passeiam carregando um morto e um sussurrar trêmulo de violinos na orquestra. Da torrinha, súbito, grita Renato Alvim, hoje chefe de uma seção da Caixa Econômica, incorrigível boêmio, no momento, absorvido, ao que parece, mais pelas cabeças que vê, embaixo, na platéia, que pelo próprio espetáculo:

– Livra! Nunca vi terra para ter mais carecas do que esta!

Os intervalos dos espetáculos são sempre muito interessantes, embora variando de acordo com o ambiente de cada teatro. No Lírico, por exemplo, o que interessa é a moda, nesses entreatos. As grandes *cocottes* são figurinos obrigados nas récitas de assinatura, onde se exibem, mostrando *toilettes* maravilhosas que surpreendem pela novidade, encantam pelo bom-gosto e impressionam pelo luxo.

As famílias que lhes copiam o feitio das blusas, a forma dos chapéus e o talhe dos *manteaux*, sabem-lhes de cor os nomes, conhecem-lhes os amantes e, por vezes, até as suas menores intimidades!

– Então, Dr. Soares, pois o senhor não sabia que a Colômbiana possui uma camisa de renda de York que custou, em Paris, 12.000 francos?

Entre o pano que desce e o pano que sobe, por certos camarotes, detonam garrafas de *champagne*. Transbordam taças. As senhoras honestas entreolham-se. O *pater familias* pigarreia. Por vezes, as gargalhadas são menos elegantes. Quando Chico Passos construiu o Municipal, criando, nas frisas, aquela antecâmara com porta de fechar e cortina de correr, sabia o que fazia...

Pensava na hora do *champagne* das *cocottes*.

Apenas, a intenção do arquiteto não foi bem aproveitada, pois essa época coincidia com a criação dos cabarés-clubes que, matando os cafés-concerto, diminuía ou matava, também, o hábito inveterado das



Dias Braga
Desenho de Armando Pacheco



Olímpio Nogueira
Desenho de Marques Júnior

clássicas champanhadas elegantes com *demi-mondaines* nos camarotes do teatro.

Muito de ver, ainda, são os cavalheiros que, na platéia, ficam em pé, de binóculo em punho, ou retorcendo a ponta de agudíssimos bigodes, a namorar para as frisas ou para os camarotes, enquanto os ambulantes cruzam gritando o resumo da peça, os biscoitos *Sinhá*, balas, refrescos, leques e ventarolas. Em alguns teatros, há tiros ao alvo no jardim. Mil-réis por doze cartuchos.

De um desses improvisados *stands*, certa noite, dois incorrigíveis boêmios, Jaime Guimarães e Luís Costa, saíram, penetrando a sala de espetáculo, em marcha batida e de arma ao ombro. O pano estava já em cima e a peça em cena. Representava-se um quadro da Inquisição onde um padre qualquer discutia com um certo judeu, de cruz alçada, tentando impor-lhe a fé cristã. Os boêmios, que tinham combinado a escandalosa farsa, apontam as armas para o israelita que está no tablado, e gritam:

– Ou crê ou morre!

O delegado que presidia o espetáculo prende os boêmios, e a cena se interrompe, porque o ator visado, tomando a sério a brincadeira, abandona o palco, espavorido, indo esconder-se em seu beliche...

Quanto a repertório...

No drama ainda estamos na peça de grande lance, onde a situação angustiosa não falta e a tirada declamatória é nota de maior relevo e do melhor sucesso; teatro, ainda, dos solilóquios trágicos, com expressões que cruzam no *ar como punhais afiados, ameaçadores e sanhudos: Ah!*

Miserável! Quando não são frases redondas, que harpejam, choramingam, soluçam e se desfazem em lágrimas: – *Ai, adeus, meu amor!*

Para sublinhar a tragédia aflitiva, as tinturarias próximas fornecem o sangue, que espadana, encharca as vestes do protagonista e faz desmaiar, na platéia, as senhoras românticas, pondo, ao mesmo tempo, em fuga, os cardíacos, de alma amassada como o pão, de cabelos em pé, gente que abala, cheia de pavor e faltas de ar...

Os autores da terra, porém, não correspondem aos anseios do público por esse gênero de espetáculo. Assim posto, põe-se D'Ennery em português. E o grande Dias Braga, que vive com os olhos em Mounet Sully, no tempo, imorredoura glória de França, pisando o palco do Recreio, berra de fazer estremecer as vidraças do S. Pedro de Alcântara, longe, quase meio quilômetro distante do seu freqüentadíssimo teatro, numa voz metálica e possante:

– “De todos os nomes que possuo bastará um só para te fulminar!”

Na comédia estamos ainda, com pequenas variantes, nas peças de Mr. Labiche, nas de Manuel de Macedo, do Sr. Martins Pena, França Júnior e Artur Azevedo, sendo que as deste último já evoluem para um teatro mais moderno.

Quanto a peças musicadas, porém, mantemos bem alta a tradição brasileira da boa música, que continua moça, dolente e característica. A revista do ano é ótima, com Artur Azevedo e Moreira Sampaio, no poema, Nicolino Milano, Assis Pacheco e Francisca Gonzaga na partitura.

Na ópera, Leopoldo Miguez, Alberto Nepomuceno, Francisco Braga e Araújo Viana mostram-se, impõem-se, agradam. *Saldunes*, *Ártemis*, *Jupira* e *Carmela* fazem delirar platéias.



Rangel Júnior
Desenho de Marques Júnior



João Barbosa
Desenho de Marques Júnior

Tão grande é o amor pelo teatro, por essa época, que, do centro ao mais remoto arrabalde ou subúrbio da cidade, proliferam pequeninos palcos de amadores, teatrinhos familiares, grêmios, clubes, sociedades e tertúlias, onde se cultiva a arte que foi do Vasques, Xisto Bahia e João Caetano; núcleos onde o bafejo oficial não entra ou a subvenção dos cofres públicos só pode ser tomada por pilhéria, e cujo favor, o único que se mendiga (e esse mesmo do céu) é de uma noite sem chuva, embora sem luar ou sem estrelas, capaz de garantir a realização de um espetáculo que se faz, quase sempre, ao ar livre...



Brandão
Desenho de Calixto

Dessas organizações, que bem definem o louvável sentimento de um povo que se civiliza, desses grupos espontaneamente organizados, entusiasticamente mantidos por expensas próprias, de tal sorte provando que a arte de teatro está ainda longe de decair, saem grandes artistas como Leopoldo Fróis, como Lucília Pérez e a Guilhermina Rocha.

Não há recanto da cidade, por mais remoto, por mais despovoado que seja, que não se orgulhe de possuir um palcozinho, um grupo de amadores, e, o que é melhor, uma numerosa e entusiástica platéia.

Possuímos, no centro, o Hodierno Clube, instalado no casarão do Teatro Fênix, que espera a picareta de Passos, tendo por ensaiador o melhor técnico, que no gênero possuímos, o velho Heller. Além do Hodierno, há o teatro do Ginástico Português, o do Clube da Gávea, o do Grêmio de Botafogo, o do Elite, do Andaraí, o do Tijuca e o do S. Cristóvão. Há-os em Catumbi, no Itapiru, nas Laranjeiras, na Saúde (Clube Talma), no Campinho, em Cascadura e até em Jacarepaguá.

Pelas livrarias da cidade é comum a procura de peças. Rapazolas, que sonham glórias de galã, andam a perguntar:

– Tem as *Doutoras*, de França Júnior?

– Que há, aí, como comédias em um ato para um grupo de cinco rapazes e duas moças?

– Quanto custa *Fantasma Branco*, de Macedo?

Vêm-se animadores notáveis, devotados com entusiasmo ao teatro, capazes de levar amor por tal coisa ao máximo dos sacrifícios. Um deles é Ernesto de Sousa, pai do Gastão Penalva, talento multiforme, autor de peças, de canções, de músicas e monólogos, em franca popularidade.

Conheci um dos primeiros palcos, por ele erguido no Andaraí, no chacarão de sua residência, à sombra tutelar de altas e frondosíssimas mangueiras, num recanto pitoresco da que não sei se ainda hoje se chama Rua Leopoldo, uma deliciosa vereda arrabaldina, metida num quadro todo de vegetação e de montanhas, por onde deslizava, quase de hora em hora, um bondezinho da C. V. I., puxado a burro, tardo e melancólico.

No dia de espetáculo, cedo lá estavam carpinteiros, maquinistas, e com eles a solicitude de um grupo de amigos e vizinhos, ajudância voluntária e bulhenta, pregando tábuas, cortando sarrafos, pintando fundos, fixando flâmulas, estandartes, bandeiras...

Começavam os espetáculos, em geral, tarde, muito depois da hora marcada, porque o sentimento de previsão nunca foi atributo certo de técnica incipiente do amador. À última hora faltava, sempre, qualquer coisa – uma cabeleira esquecida pela Casa Storino, um sapato, um leque, um adereço, um vestido...

– Alguém tirou daqui o pote de carmim para as pinturas? Um pote deste tamanho?

Ninguém havia tirado. O pote, porém, lá não estava. E o pano, sem poder subir, só por causa do pote!

Arranjava-se, no entanto, um pedaço de papel vermelho, um tijolinho de aquarela, e já o amador podia entrar em cena, corado, mostrando um ar de frescura e de saúde.

Ernesto de Sousa, com outros, fundou, depois, na Rua Barão de Mesquita, o famoso Grêmio Dramático do Andaraí, que, se não me engano, ainda existe.

Vários animadores viveram muito por esse gênero de divertimento e instrução: o Dr. Chagas Leite, professor da Escola de Medicina, com o seu teatrinho à Rua Muratóri, o Dr. Bandeira de Gouveia, médico

da polícia, Coelho Magalhães, pai do pintor Gaspar Magalhães e habilíssimo cenógrafo, Estêvão Pires Ferrão da Gávea, Ricardo de Albuquerque, escritor e cônsul, Frederico Costa, Teixeira Júnior... E os que representavam? Castro Viana, uma espécie de João Caetano da amatória teatral, “representando o Kean como ninguém”, Júlio de Freitas Júnior, Silveira Serpa, hoje promotor público, Cunha Júnior e Lupércio Garcia, advogados, Humberto Taborda, capitalista, Augusto Bracet, pai, Augusto Bracet, filho (pintor), Ademar Barbosa Romeu, Costa Velho, Joaquim Teixeira, hoje corretor de fundos, Paiva Júnior, oficial de marinha, Arinos Pimentel, Francisco Valente, do *Jornal do Brasil*, o que morreu no desastre do *Aquidabã*, Frederico Costa, José Bastos Viana...

Particularmente brilhante o elemento feminino: Lucília Pérez, Guilhermina Rocha, Constança Teixeira Bastos, Margarida Taborda, Florência Pimentel, Laura Cunha, Valentina Bandeira de Gouveia, Alice Pinto, Anazias, Davina Fraga...

Além dos grêmios, perfeitamente organizados, com estatutos, diretoria, bandeira e sede, há os palcos que se improvisam por toda parte, como nota infalível nas grandes festas.

Quando aqui chegou, vindo da Europa, Francisco Braga, sagrado pela crítica européia, houve no Instituto Profissional um festival supimpa, obrigado a música e palco, em homenagem ao belo artista. Representou-se o *Tasso no Cárcere*, dramalhão de polpa, por um grupo de amadores.

Que noite de espetáculo!

No último ato da peça Tasso morre, caindo de bruços sobre o tablado. Chovem palmas. Tasso cai como um grande artista! É a morte do homem. É o fim do dramalhão. O pano, porém, que emperra, não quer descer.



Ferreira de Sousa
Desenho de Marques Júnior

Os espectadores, cheios da mais viva emoção, esperam, e estão a ver em que param as modas quando a voz do próprio intérprete de Tasso, que atribui a demora a um descuido do maquinista, ouve-se, embora baixinho:

– Ó Chico, desce o pano!

Rebenta na platéia estrondosa gargalhada. O pano continua suspenso, preso numa dobra de corda, imóvel, encrencado...

Chico, aí, põe a cabeça de fora e grita para o amador, que continua de ventre sobre o palco, a simular o cadáver de Tasso:

– Você trate de levantar, porque eu já fiz o que podia e esta coisa não desce...

E não descia, mesmo, obrigando o amador a levantar-se e a correr para os bastidores.

Há, porém, no gênero, coisa melhor. É sabido que um grêmio dramático de pretos existiu no bairro de Catumbi, representando peças musicadas com grande sucesso. Certa vez o grêmio catumbiense anuncia um drama de espanto, desses que reclamam lenços em duplicata para a hora do sofrimento e da lágrima – *Branca de Castela*. Vejamos o final do drama.

Certo príncipe, noivo de Branca de Castela (vive-o um jovem crioulo elegante, mas de um negro retintíssimo), está beijando, em cena, um retrato, a óleo, de mulher, também preta, quando surge no aposento Branca de Castela, uma negra-crioula, ainda mais negra, mais retinta que o príncipe, a qual, diante do gesto do noivo, tem uma espécie de vertigem, pondo a mão num móvel, para não cair.

É da peça o que o preto, surpreso, diz à preta, cheio de embaraço e comoção:

– Branca! Branca! Que tens tu que estás tão pálida?!

E o espetáculo, que é o de um drama pungente, de improviso acaba numa desopilante e engraçadíssima comédia.



Castro Viana
Desenho de Marques Júnior

.....

Capítulo 15

Cafés-concerto

CAFÉS-CONCERTO – DESENVOLVIMENTO DOS MESMOS ENTRE NÓS – ARTISTAS DE PROJEÇÃO PELA ÉPOCA – CANTORES NACIONAIS – RECORDAÇÕES DE GIZANETTE DELABORDE – CHOPES BARRANTES DA RUA DO LAVRADIO E RUAS ADJACENTES – TÍPICAS FIGURAS DESSAS CASAS DE DIVERSÕES DE TERCEIRA ORDEM – MARTIROLÓGIO DE UM PIANO

P

ROSSUI o Rio de Janeiro, no começo do século XX, nada menos de seis grandes *music halls*. E não se incluem nesse número as bulhentas casas-de-chope, com palco e música, existentes pela Rua do Lavradio, apresentando programas supimpas, que se organizam com o que de melhor se encontra, no momento, entre nós.

Poucas cidades da Europa, pelo tempo, possuem, como nós possuímos, número tão elevado de centros de diversões desse gênero. E o Rio, que os cultiva com particular amor e carinho, pode orgulhar-se, ainda, de gozar conjuntos que são, aqui, formados com o que de melhor existe, no assunto, pela face da Terra. Porque, assim como nos chegam, para o teatro sério, as notabilidades de centros culturais como os de Roma, Paris, de Londres, de Berlim, e de Madri, também aqui vem ter a nata dos elencos que são exibidos pelos *music halls* de maior fama, na

Europa e na América do Norte. De se ver, por exemplo, no Alhambra, de Londres, no Moulin Rouge de Paris ou no Winter Garden de Berlim, uma dançarina de fama causando enorme sucesso, ganhando rios de dinheiro, e, seis meses depois, encontrá-la no Rio, surgindo no palco do Guarda-Velha ou da Maison Moderne, fazendo o mesmo sucesso e ganhando aqui, como lá, também, verdadeiras fortunas. Dançarinas, malabaristas, cantores de canções ou canções, *diseurs* e *diseuses*, palhaços, transformistas, mágicos, domadores de animais, pantomimeiros, musicistas exóticos, histriões, excêntricos, fenômenos de toda a sorte, estão sempre chegando, pelos paquetes, da Europa e da América. Por isso, a indústria da *pension d'artiste*, que se revela na apresentação do albergue mais ou menos elegante e que corrige a deficiência em matéria de conforto dos nossos afrontosos hotéis, dia a dia prolifera. A famosa Susana de Castera possui no gênero uma pensão modelo, à Rua do Passeio, que é a capitania dessas habitações provisórias e onde se escorcha a pobre *estrela*, que ali deixa integralmente o que ganha no teatro. Apenas, como ela não viva apenas disso...

Outras pensões, porém, existem, tão notáveis quanto essa pensão que os grossões da política e da administração freqüentam: a Valery, a Richard, a Block (casa de tijolinhos), e, mais tarde, a Tina Tatti.

A cançoneta *montmartroise*, sobretudo a que se acomoda à tendência patricia pelo *double-sens*, suja, maliciosa ou pornográfica, é a que mais agrada ao público do *music hall* carioca, composto exclusivamente de homens e de *cocottes* que nele dão *rendez-vous*. As cançonetistas francesas,

por isso, pululam, cada uma se inculcando como detalhista de um gênero à parte. E, assim, são elas: *copurchics*, *gommeuses*, *cascadeuses*, *grivoises*, *exotiques*, *sentimentales*, *internationales*, *excentriques*...



Aurélio Cavalcanti
Desenho de Calixto

Cantoras do gênero lírico, vindas embora da Inglaterra, da Alemanha, da Espanha e sobretudo da Itália, no Rio de Janeiro, não conseguem fazer grande sucesso. O canto lírico não se fez para o café-concerto do Brasil. O que nele se ama com fervor é a cançoneta brejeira e leve. Nada mais.

Possuímos como casas desses espetáculos: o Moulin Rouge, na Praça Tiradentes, com o seu moinho simbólico, pintado a vermelho e em tudo igual ao famoso *Caf-Conc* de Montmartre, erguido junto à *place Pigalle*; o Guarda-Velha, metido no sopé da montanha de Santo Antônio, dentro de um delicioso quadro de amendoeiras aprateleiradas, de caramanchões e de palmeiras, com umas mesinhas de ferro pintadas a tinta verde; o Alcázar Parque, para os lados da Lapa, no Beco do Império; o Cassino, o Parque Fluminense, no Largo do Machado, e, finalmente, a Maison Moderne, no lugar onde hoje existe o edifício Pascoal Segreto. O Pavilhão Internacional, esse, só depois de criada a Avenida é que aparece, um hediondo barracão feito de madeira, erguido justamente no lugar onde se ergueu o lindo edifício do Liceu de Artes e Ofícios.



Cateysson, empresário
Desenho de Marques Júnior



A Guerterito
Desenho de Marques Júnior

Ó tu leitor, que já passaste dos cinquenta, tens boa memória e os rins um tanto comprometidos pelo excesso de todas aquelas canecas de Bock-Ale que bebeste como hoje não se bebe água, vem comigo recordar, um pouco, o nome e a graça das boas artistas que nesse tempo tanto te impressionaram. Lembras-te da Abdel-Kader, a “turca”, aquele pêsego dourado ao sol que eletrizava platéias fazendo dançar o mais formoso e o mais infecundo dos ventres nascidos em terras do Islã? Lembras-te? E a Maria Regina, italiana, que cantava o “cheribiribi”?

Chiribiribin
Che bel bambin...

Havia a Jeanne Cayot, uma que trouxe para o Guarda-Velha o “*deshabiller d’une parisienne*” e que, a cantar, começava a tirar as roupas feitas

no Paquin, sorrindo, diante da platéia alucinada e aquecida, ficando nuazinha em pêlo. A censura policial da época era amabilíssima. O delegado, no camarote oficial, quando a loura Jeanne perdia as calças, em cena, fechava com muita dignidade a sobrecasaca, sempre de bom corte e punha-se a aplaudi-la também. E torcia depois o bigode, lambendo os beiços, dando-lhe olhadelas sentimentais, soltando suspiros lânguidos, a endireitar na lapela, bem à mostra, o distintivo de sua grande autoridade. Bons tempos, hein? E a Boriska, aquela húngara alta, forte, plástica e vivaz que, vestida à *hussard*, de botas e chicotinho na mão, dominava platéias? Tinha umas espáduas admiráveis... Todo o Rio de Janeiro vivia apaixonado pelas espáduas da mulher. De tal sorte que, mal vinha ela para cena, o povo começava, logo, a gritar:

– Vira, Boriska! Vira!

E ela virava.

Tu sorris? Tu sorris porque tu gritavas, também, alucinado, batendo palmas, os olhos postos nas espáduas formosas da mulher. Vira! Mas, aqui entre nós, francamente, que “espáduas”, hein? Até hoje parece que não surgiu, por aqui, coisa igual...

Da Guerrerito dizia-se que era a mais linda espanhola que já tinha desembarcado no Brasil. Lembrava a *maja* de Goya. Como era bonita, a Guerrerito!

Dançava uma jota aragonesa que nos levava para o céu, ao som das mais cascadeantes castanholas. Com a sua figurinha de Saxe ou de *biscuit*, fina, leve, flexível, lembrando um junco, passava por ter inspirado ao *Radical*, que nós todos tínhamos como um grande “técnico” em assuntos femininos, esta frase sutil:

– Isto é que é mulher para o nosso clima!

Guerrerito enlouqueceu uma legião de moços, arruinou uma porção de velhotes. Mulher de verão! Acabou casando. Dizem que bem, mas, na Itália...



Hélio Seelinger

Outra espanhola notável foi a Carmencita, uma de linha sinuosa e ofídica, que até parecia descender, diretamente, da famosa serpente do Paraíso.

A Lina de Lorenzo era uma italiana descarada que cantava *il treno e il lazzo...*

Il lazzo, il lazzo, il lazzo
Senza lazzo non posso andare...

Sabemos lá!...

Entre as inglesas, grande sucesso fez a Jenny Cook que hoje envelhece, risonhamente, entre as mangueiras de Jacarepaguá, na Casa dos Artistas. A Tit Comb era uma americana meio maluca, que mandou engastar um brilhante enorme em um dos seus dentes incisivos e andava pelas ruas da cidade vestida de amazona, botas e rebenque na mão.

Bom será não esquecer a Duvernail, que fazia umas poses plásticas que escandalizavam a platéia e outras, como a Blutte, a Diana de Liz, as irmãs Rinaldi, a Marinetti, a Lina d'Arteuil, a Frossart, a Lucette Deval, as irmãs Moreno, a Cecile Dubois, a Inês Álvares, a Diemer, a Bellard...

E já que se fala em gente desse tempo, fale-se em Gizanette Delaborde, que foi uma espécie de Mimi da nossa *vie de bohème* no começo deste século. Uma Mimi, entanto, excêntricamente casta e por isso mesmo sem Rodolfo e sem amigas Musettas, o que poderá causar surpresa a muita gente que a não conheceu de perto. Que sobre ela, a propósito, informem: Raul Pederneiras, Calixto Cordeiro, Gabriel Pinheiro, Renato Alvim, para não citar outros. Fora da intimidade de Rollinat, conhecera Verlaine e todo o bando simbolista do *Mercur de France*, nos últimos dias do século, em Paris. Era moça, era linda. Tinha o perfil das madonas de Botticelli. Cantava, dançava, sorria, conversava, mas, não passava daí.

Depois de correr o palco de vários cafés-concerto da cidade, deles se retirou fazendo aqui vida tranqüila de estudante. Quis formar-se em medicina. E acabou formando-se. Gabriel Pinheiro e Xavier d'Almeida ensina-



Pascoal Segreto
Autor desconhecido

ram-lhe o nosso idioma e como ela trouxesse uma ótima recordação das suas humanidades em França, em menos de um ano aqui fez todos os exames de preparatórios exigidos pela Faculdade de Medicina, nela se



Luís Moreira
Desenho de Renato

matriculando. Morava, então, numa modestíssima casa de cômodos da Rua do Riachuelo, onde recebia todos os seus companheiros de boêmia. Residia no último andar da mesma, num quarto olhando para a Rua do Resende e onde existiam apenas uma cama de ferro, um cabide de pau, uma pequena mesa, tosco lavatório e uma estante de livros, a peça mais importante do aposento. Quando os boêmios eram muitos, afastava-se a cama da parede e nela oito comodamente se metiam. Os outros iam ficando sobre os móveis que sobravam. Quando sobravam. Na mesa, que era pequena, sentava-se a Gizanette à maneira hindu, um eterno turbante cor-de-marfim com listras azul-marinho na cabeça. E estava armada a tertúlia.

Os que eram poetas diziam versos, os que pintavam ou desenhavam faziam *croquis* e *charges*. Fumavam-se cigarrilhas de Havana e do Egito, de *bout doré*, pagos pelo Camerino Rocha, que era o nababo da roda e quem pagava, ainda, a cerveja na modesta proporção de uma garrafa por pessoa, cerveja que das garrafas se esvaziava em um jarro de louça do lavatório, por onde todos bebiam. Versos de Baudelaire, Leconte de Lisle, Dierx, Rollinat, Richepin, Verhaeren, e outros poetas eram recitados com fervor. Destruíam-se com retumbantes frases reputações literárias, erguiam-se loas aos artistas da predileção do grupo. Quando Camerino dobrava a rodada da bebida, o cavaco ia até pela manhã do dia seguinte. Era o guarda-noturno da zona quem ia descobrir a cerveja “marca-barbante”, que era o que se bebia citando Hoffmann e o anel dos Niebelugen. Uma vez o dono da pensão, cansado de receber reclamações de vários hóspedes, aborrecido com a bulha infernal que se fazia, aparece à porta do aposento, causando um barulho de todos os diabos. Um dos boêmios presentes, diante do imprevisto desabafo, quiçá um tanto desaforado, pega de um revólver e detona-o três vezes, para o alto. Dá-se, aí, um fato extraordinário. O homem dos desaforos cai em decúbito

dorsal, presa de um delíquio. Os boêmios carregam-no para a cama de Gizanette e o Xavier, médico, reanima-o no fim de certo tempo. No dia imediato – ordem de mudança. Faltam à rapariga, porém, 25\$ para pagar os dias de aluguel do quarto. O nosso Camerino, que já devia ao guarda-noturno três remessas de cerveja, estava sem um vintém. Foi quando o boêmio dos tiros teve uma idéia para acalmar o senhorio:

– O Xavier apresenta a conta dos seus cuidados clínico ao homem. Nada menos de 30\$000. A mulher com esse dinheiro, paga o quarto e com os 5\$ restantes faz a mudança. – E foi o que se fez.

Não me recordo se Gizanette acabou formando-se no Rio ou fez o resto do curso em Paris, para onde seguiu antes de 1905. Sei que tornou ao Brasil aí por 1906 ou 7, dele nunca mais se retirando. Vive hoje, num Estado do Sul, de sua clínica, muito bem casada e, quem sabe, até, lendo estas linhas e sorrindo por ver o seu nome muito pouco disfarçado... Os que estudaram Medicina no começo do século, aqui, devem-se recordar, perfeitamente, dela, das suas maneiras excêntricas, do seu fraque de homem, um fraque que ela punha sobre uma saia rodada a bater-lhe pelos tornozelos, um masculino chapéu de palha derreado sobre a testa, monóculo, bengala, um indefectível livro debaixo do braço.

Gizanette não foi uma cançonetista de nome senão para os que conheciam de perto os seus dotes de espírito. Além disso, passou muito rapidamente pelo *music hall*. Tinha, no entanto, excelente voz e uma figura escultural.

Bom será, recordando essas artistas, lembrar que os homens que cantavam foram sempre mal recebidos pelas nossas platéias de café-concerto, sobretudo os estrangeiros. E dos artistas nacionais só dois fizeram realmente sucesso: Leonardo, que já vinha do teatro de revista e que era engraçadíssimo, e Geraldo Magalhães, emérito divulgador das cançonetas de Artur Azevedo, e Ernesto Sousa. Quem, sendo desse tempo, não se recordará, ainda hoje, do famoso *Angu do Barão*, que Geraldo cantava fazendo delirar a platéia?

E à medida que o angu descia
Meu peito ardia,
Mas esse ardor,
Não era da pimenta
Era só de amor...

Ou então:

A mulata da Bahia
Não tem osso
É carne só...

Geraldo, que começou a vida cantando nos *chopes-berrantes* do Passeio Público e Rua do Lavradio, é dos mais queridos dos cantores nacionais do seu tempo: um pardavasco alto, forte, simpático, e com uma linda voz abaritonada, de claro timbre e do melhor volume.

Contratado para cantar em Lisboa, lá fez sucesso, por lá casou e, ao que se diz, obteve até o suficiente para viver sem mais pensar no futuro dos filhos.

Plácida dos Santos, que alia a uma estouvada mocidade, beleza, graça, voz simpática, é outra grande figura que domina platéias. Maria Lino, criança ainda, é a dançarina de maxixe que Duque, anos depois, faz triunfar em Paris, dançando no Luna Park. Essa Maria Lino... Nêu da Fonseca teve pela graciosíssima atriz uma paixão desabrida. Ora, certa vez, noite de festa artística da estrela, Nêu não pôde ir ao teatro. Não pôde, mas enviou, para postar-se à porta do camarim da amada, um truculento Cérbero, com ordens terminantes de não deixar entrar, ali, nem rato! Remanescentes de sangue mouro, que faziam do nosso Nêu um acabadíssimo Otelo. Ciumeiras. Zelos de cinqüentão.

Vai o homem de confiança, que é espadaúdo e forte, plantar-se à porta da outra. E está ele mantendo em custódia a encantadora Lino, quando chega Martins Fontes, com uma turma de admiradores da mesma, carregando *bouquets* e *corbeilles* com rosas e parasitas.

– Tenham paciência, não podem entrar – atroa o tipo, de guarda, numa voz que a todos faz tremer. – São ordens recebidas do Sr. Dr. Nêu. Aqui, por esta noite, não entra nem rato!

– E a ordem é para todos? – indaga Fontes.

– Claro que é – retruca o outro.



Gizanette
Desenho de Armando Pacheco

– Mesmo para mim, que sou filho dele?

O homem ficou espantado. Afinal um filho... e com mais brandura:

– Vossência é filho do Dr. Nêu da Fonseca?

E Martins Fontes exaltando-se:

– Claro que sou, um deles, e, é impossível que *papai* tornasse extensiva esta ordem a mim (e apontando para os companheiros) e para os meus *irmãos*...

E foi empurrando os companheiros, carregados de *corbeilles* e *bouquets*, enquanto Cêrbero ia indagar do contra-regra se, na verdade, o Sr. Dr. Nêu da Fonseca tinha nove filhos e todos homens...

Nêu soube do caso, mas, não se deu por achado. Passa-se uma semana e entra o Carnaval.

Os nove rapazes do grupo Martins Fontes, na Colombo, segunda-feira gorda, saem num bloco improvisado, carregando um estandarte com esses dizeres:

Cordão Carnavalesco Filhos do Nêu.

No Largo da Carioca, por acaso, esbarram com o nosso homem, de cara amarrada, muito sério, como que a contar o número dos componentes do grupo e, ao mesmo tempo, tentando descobrir o Fontes.

– Venha cá, meu caro poeta – diz-lhe Nêu, segurando-o pelo braço – diga-me uma coisa: foi toda essa baderna de loucos que você levou, há uma semana, ao camarim da Maria Lino?

Fontes, de uma arrancada, desvencilha-se da mão que o segura e tem uma idéia genial: sai gritando, como doido, em busca do bloco, que já vai entrar na Rua da Carioca:

– Olhem papai Nêu, ali! Olhem papai Nêu, em pessoa! Papai que quer nos bater! Papai que quer nos bater!

E num ruído infernal os outros *filhos* debandam, também, escandalosamente.

Nêu, que era um homem de espírito, acabou por sorrir. E tudo ficou assim mesmo.

Mais artistas nossas que tiveram nome nos palcos de café-concerto: Aurora Rosane, um corpo que era o de uma estátua grega, Bugrinha, dançarina de maxixe, sem rival no gênero... Os empresários, quando

lhe punham o nome no cartaz, não esqueciam de acrescentar: *rainha do maxixe*. O rei era o Leonardo.

Que não se esqueça, porém, entre os artistas do repertório indígena, o famoso negro Eduardo das Neves, autor da conhecida modinha que sobre Santos Dumont o país inteiro cantou e onde havia este gozadíssimo verso:

A Europa curvou-se ante o Brasil



Farusca
Desenho de Marques Júnior



Maria Lino
Desenho de Marques Júnior



Bugrinha
Desenho de Marques Júnior

Lembre-se, ainda, Benjamim de Oliveira, preto, também, como o Neves.

O chope-berrante das ruas do Lavradio, Visconde de Rio Branco, Lapa e adjacências, supre para o homem de pequena bolsa, entre nós, o *music-hall* de espanto, o que pode dar-se ao luxo de exibir cançonetistas francesas, malabaristas japoneses ou números de pantomima americana ou alemã. É um centro de diversões modesto, onde o *ticket* de entrada é substituído pela obrigatoriedade de uma consumação qualquer. Geralmente uma sala estreita e funda, um pára-vento de madeira pintado em negro, à porta, de tal sorte velando, ao que passa pela rua, o quadro noturno das exibições, umas tantas mesas, umas tantas cadeiras e um palco minúsculo, na parte posterior da casa, onde o salão termina, quando não é um simples estrado de madeira, sem a menor decoração, sem maior aparato, lugar para onde os artistas sobem para cantar, para dizer. Os mais impor-



Leonardo
Desenho de Marques Júnior

tantes estabelecimentos possuem orquestras de cinco ou seis figuras, ou o clássico terceto de flauta, violão e cavaquinho. Há, porém, os que mostram apenas um modesto e estafadíssimo Pleyel de aluguel, sobre o qual um pianista, quase sempre mestiço, de fraque, cabeleira em palanque e gravata-de-laço-borboleta, exercita a sua musculatura, atirando sobre o indefeso e frágil instrumento punhadas violentas. Esse homem, tocando às vezes de ouvido, tem do ritmo uma compreensão original, pois ama, em tudo que executa, a cadência sincopada do batuque africano. E é assim que, enquanto com a sua mão esquerda compõe, aos trambolhões e aos pulos, a harmonia brutal que ora se arrasta e ora cambaleia, com a outra arranca, em fúria, ao teclado submisso, o desenho melódico que, de tão forte, nos contunde, ultrajando o tímpano do ouvido. É um bárbaro. Mas agrada à patuléia que traz no subconsciente as solfas nostálgicas do Congo ou de Moçambique e os batecuns ábsonos do indígena tupi, patuléia feliz que não suporta outro gênero de tocador quando vai dançar ao Grêmio das Flores, à Rua da Saúde, ou ao grupo carnavalesco Terror dos Inocentes, do morro do Pinto.

Quase ao chegar à Rua da Relação, há um desses modestíssimos berrantes. Entremos. São nove horas da noite e quase não há um lugar vago na sala onde se fuma, onde se bebe e onde se gargalha, em meio a um vozear que aturde, bulha apenas interrompida pelo grito do gerente avisando ao garçom desatento:

– São duas “tampas”, última, ao fundo!

– Cajuada, 6ª, à direita, porta!

Nas paredes cartazes – *Bebam água Caxambu. Salutaris, a melhor de mesa. Dubonet – aperitivo. Vinhos de Adriano Ramos Pinto. Vilar d’Além.* E num vasto papel borrado a nanquim, o programa da noite.

O pianista, que terminou uma valsa de Aurélio Cavalcanti, compositor de fama, autor das melhores músicas de salão que se dançaram pelo tempo, rival do grande Ernesto Nazaré, ataca os compassos de uma cançoneta que uma truculenta francesa, quadragenária e feia, de peitarra vasta e de voz enorme, começa a berrar sobre o estradote, com o intuito manifesto de impressionar a massa:

Quem aventou a mulate
Foi dirreitinhe prr’o ceô,
Fes um producte cotube
De se tirror o chapeô.

Batem, todos, palmas à francesa...

Se consultarmos o programa da noite, ficaremos sabendo que a *artista*, que dá início ao espetáculo, chama-se Fanny Latarin, e que se inculca *chanteuse internationale*. Pelo menos é o que está no programa que se espeta na parede suja e escalavrada do estabelecimento.



Sinfonias Ornelas,
compositor de músicas regionais
Desenho de Marques Júnior



Floriano de Lemos
Desenho de Marques Júnior

A cerveja serve-se em copos de vidro ou barro, estes últimos com tampa de metal. Vêm esses recipientes trazidos pelos garçons, em braçadas, salpicando vestes, encharcando mesas, molhando assoalhos, antes de refrescar a goela do amável espectador.

– Aqui são seis duplos!

– E aqui dois. E un *Pernaud fils...*

Não esquecer o homem que vende, à multidão bulhenta, leques e ventarolas, por um tempo em que o ventilador é quase um mito.

– Ventarolas e leques a quinhentos réis!

Já os das mesas perto do piano começam a pedir, findo o último *couplé* da francesa:

– *Brejeiro*, de Nazaré, pianista! *Corta-jaca!*

O pianista sorri complacente. O pianista não quer outra coisa senão esmurrar o piano. O seu fraque movimenta-se, a sua cabeleira balouça e a gravata-de-laço-barboleta, desfraldada, flutua. O homem já está batucando forte o instrumento mal afinado e bulhão e a platéia, seguindo o ritmo molemolente do samba crioulo, acompanhando-o de

assobio, batendo o compasso com o punho fechado no tampo da mesa, ou rufando com a ponta dos dedos a caixa de fósforos.

– Aí, cotuba!

O número dois do programa é preenchido por *Bibinho*, nome do repertório nacional, que despeja sobre o auditório uma versalhada em calão muito em voga e que começa assim:

Ai que calô, ai que massacre!
De nada me serve o lecre
Receio que me embonecre
Este sor que pinga a lacre.
Vou já tomar um fiacre
Antes que o mundo me enchicre,
Mas no borço – nem um nicre!
Tenho vontade de bocre,
Vontade de comê ocre
Misturado com assucre...
Quem diz que o mundo se acaba
É salafrário ou pereba,
Diz também que eu não sou teba,
Que casaca não tem aba
E ainda diz, a mais, por riba,
Que estação de Curitiba,
perto de Coroboba,
Só mesmo muita suruba,
Pra esse cabra que afoba
Com pouca surumanduba...

Depois, o pianista, estremecendo, de novo, o piano, em arrancos violentos. Outra valsinha de Aurélio Cavalcanti, um *schottisch* do jovem Floriano de Lemos, um maxixe de Ernesto Nazaré, ou uma polquinha de Francisca Gonzaga...

Sobe ao estrado a mulata Farusca. O número é regional. Veste ela a indumentária das pretas da Costa da Mina, um pano listrado de negro, à *negligé*, sobre a ombro, o peito nu, mostrando a mama gelatinosa e sensual, de bico negro, que espia através do crivo da camisinha bordada a miçanga. Na cabeça, uma trunfa de seda azul. Brincos, colares, pulseiras e berenguedéns, quando ela marcha deslocando as ancas, a torcer o busto, girando no ar, à luz das lâmpadas acesas, todas essas coisas dançam, cintilam e tilintam. A chinelinha encarnada, na ponta do pé... O tipo fala à

alma indígena. Recorda o drama da nacionalidade. E ela, num ambiente de simpatia espiritual, canta, rebola, e, em volteios, remexe, as mãos nas ancas, firmes. É a Lascívia que dança. É a evocação impudica e brejeira do lundu da colônia, a dança dos terreiros, pela época em que as Vênus africanas despertavam, pelo acicate da Volúpia, o sangue reinol, que era um pouco do mouro e era um pouco do bode.

A platéia delira pelo número e, entusiasmada, berra:

– *Corta-jaca!*

O corta-jaca é passo de maxixe, em voga.

O pianista, aí, fustiga o Pleyel, furibundo. Ouve-se, então, o compasso feito pelas bengalas, pelas palmas e os evoés! Toda a assistência segue o ritmo langue e sincopado do maxixe.

É quando gritam do fundo da sala:

– *Parafuso!*

Parafuso é um detalhe coreográfico do bailado brasileiro, aquele em que o corpo da mulher imita um instrumento que torce, redemoiinho, espiraleia e enrola. E à medida que a mulata simula o parafuso e baixa aos remelexos, lentamente, lembrando o meneio da pua fincada na madeira, o aplauso cresce, a exclamação estruge e o barulho exaspera.

Mulata Farusca termina entre berros atordoantes o número sensacional. O pianista, entusiasmado, em delírio, aí, executa os últimos acordes do maxixe agitado, sem piedade, sovando, sacudindo, vilipendiando o Pleyel, indefeso, todo banhado em suor, aureolado de glória!

O repertório patricio sempre garantiu, no chope-berrante, sucesso e receita. Por isso vai-se recrutar ao morro de Santo Antônio, às vielas da Gamboa e da Saúde, com a dançarina regional, a seresteira e a cantora de samba.

Às 11 horas da noite, quando os tonéis do chope se enfileiram, vazios e em altas rumas, numa área triste do estabelecimento, começam as manifestações do devaneio alcoólico.

O barulho escandaloso dos risos começa nessa altura a ter uma sonoridade singular. As vozes enrouquecem. A nervosidade na massa que se movimenta é manifesta. Berra-se alto. Reclama-se, a propósito de tudo. O gerente não faz outra coisa senão apaziguar os ânimos:



Geraldo Magalhães
Desenho de Marques Júnior



Ernesto Nazaré
Desenho de Marques Júnior

– Está bem. Perfeitamente. Os senhores podem se sentar... Há de se fazer como os senhores querem...

Por vezes, entanto, não há cordura, não há espírito de conciliação, de paz ou de indulgência, que resista ao homem de mau álcool, o que bebe e quer brigar.

Nesse momento de nada valem a voz amiga do dono da casa, a presença dos guardas da brigada de polícia, ou a importância do suplente importantíssimo.

– Vai começar a inana... – A frase é do tempo.

E aquele que quer brigar, briga mesmo. Toma de uma cadeira e sacode-a no ar. Em troca, recebe uma chuvarada de garrafas e copos pela cabeça. Todos se levantam. Todos berram. Todos gritam: – Não pode! Não pode! – E a barulheira referve.

Os guardas puxam pelo chanfallo, que erguem no ar, agitados, reclamando ordem. O suplente importantíssimo corre, voa, desaparece. Diz que vai buscar reforço à repartição central, que é perto...

Tudo, porém, passa breve, como essas trovoadas de janeiro. Carregam o homem que levou as garrafadas para o fundo do estabelecimento, deitam-no sobre um catre, dão-lhe uma dose forte de café, a beber, põem-lhe um lenço com amônia sobre o nariz, espremem-lhe um limão verde nas orelhas... Isso tudo acalma. Isso tudo faz bem. O gerente manda apanhar os cacos. E, com vida, a alegria de toda aquela gente continua inconseqüente e bulhã.

É quando se vê, que o último indiferente ao distúrbio, o que ficou no seu posto, alheio à bulha, insensível à grita, fleumático ante o vigor do escândalo e o reboiço do motim, é o pianista, o pianista implacável, com o seu fraque, a sua cabeleira e a sua gravata avoejante.

Lá está o homem, por isso, importante e suarento, esbordoando o Pleyel de aluguel, um móvel infeliz que já perdeu todos os marfins do teclado, toda a flanela do abafador e isso sem contar as cordas em falripas, arrebetadas, dentro, na caixa do instrumento e que se entrelaçam como uma espessa maçaroca de arames ou de cabelos...

.....

Capítulo 16

Circo de cavalinhos

CIRCO DE CAVALINHOS – PALHAÇO E OS SEUS ESCANDALOSOS ANÚNCIOS PELAS RUAS DA CIDADE – ARTISTAS DO TEMPO – O PINTOR HÉLIOS SEELINGER E A SUA ESTRÉIA COMO TONY NUM CIRCO DE BOTAFOGO – AVENTURAS DE ANTÔNIO PARREIRAS

V

ALE hoje a pena recordar os circos de cavalinhos, quase de todo desaparecidos, com os seus pitorescos abarracamentos de lona e corda, as suas esfandangadas charangas, os seus palhaços espantosos dançando a chula, o miudinho, cantando ao violão e números de acrobacia, de cavalos, de feras rugidoras, além de uma pantomima que era com que se encerravam, sempre, esses ingênuos e alegres espetáculos.

Em 1901, mais ou menos, derramados pelos arrabaldes, os circos constituem a diversão diletta do povilêu que não pode ir ao teatro e muito menos freqüentar *music halls* com programas no gênero, ou grandes circos estrangeiros, dos que se fixam na parte central da cidade.

As casas de família, logo pela manhã, no dia de função, recebem, em larga folha de papel impressa, o programa da noite do espetáculo, onde, em clichês xilografados, exibem-se os retratos dos notáveis da *troupe* e que os mais exagerados adjetivos apresentam a exaltar escanda-

losamente: *Estréia hoje o arqui-célebre palhaço Eduardo das Neves. A superformosa ecuyère Manola Dias, discípula da fenomenal Rosita de la Plata. O estupendo Mangandu, engolidor de espadas e outros instrumentos cortantes e perfurantes. João Krupp, famoso homem-canhão, o mais homem-canhão do mundo inteiro...*

À tarde, do abarracamento de lona embandeirado e festivo, onde, em letras colossais, há sempre este letreiro, borrado num pedaço de pano branco: *Hoje – Grande Espetáculo*, sai a cavalo um palhaço, na sua clássica indumentária de saltimbanco, com uma malta de crianças e desocupados atrás, em bolo, formando um séquito bulhento e alegre.

Grita o homem de cara pintada, fazendo, na sua sela, poses extravagantes e ouvindo o coro gritado da gentalha bulhã que o acompanha:

– Hoje *tem* espetáculo?

– *Tem sim* senhor!

– Hoje *tem* goiabada?

– *Tem sim* senhor!

– Palhaço o que é?

– É ladrão de *mulhé!*

Enquanto vai passando o palhaço irrequieto e gritão, com os seus brados, as suas berrantes vestimentas e a sua juncundidade, no coice da comitiva, um distribuidor de programas vai fornecendo ao público alarmado e curioso os papeluchos da reclame e informes especiais sobre o espetáculo da noite ou de espetáculos a vir.

– Além do que se anuncia – informa o homem que distribui o impresso, solícito, explicando – números estupefacientes! Exemplo, a nova dança do Toni, uma famosa *chula* de três pernas! Teremos na próxima semana o homem que engole pianos, mesmo os de cauda, e um cavalo matemático...

Na hora da função, enchem-se as bancadas de pau, seguindo a curva regular do vasto anfiteatro, lugares custando 5 e 10 tostões e uma fila sombria de cadeiras beirando a pista, para o espectador de elite. Em frente à porta principal de entrada armou-se um palanque e dentro dele, ensardinados, músicos, instrumentos de sopro e baterias de ruído, tangendo, troando, desafinadamente. Aquém de uma cortina larga, separando a pista da *caixa* onde os artistas, em repouso, ficam, estão os *pata-*

queiros, guapos mocetões que envergam librés vistosas, cobertas de galões e de alamares, famulagem do circo, os braços cruzados sobre o peito, recebendo do povo, ensarilhado e bulhento, sempre, não se sabe por que – dichotes, apupos, chufas e outras manifestações de desagrado. Do alto, dos fundos lisos do panejamento que o grande mastro do barraco estica, mostrando um céu de lona, altíssimo e em forma de funil, os trapézios, as redes desarmadas e um báratro de cordas. Não esquecer que a iluminação, nesse vasto recinto de espetáculos, jorra do meio, da parte onde o mastro central se ergue, de um círculo vistoso de metal, onde se aprumam e se enfileiram bojudos lampiões de querosene.

Os artistas do elenco, nesses alegres e pitorescos circos, formam uma babel enorme; gente de todas as raças e todas as nações: *ecuyères* francesas ou alemãs, contorcionistas turcos, malabaristas japoneses, trapezistas suecos, comedores de fogo e prestidigitadores de diversos países. Possuímos, pelo tempo, uma família inteira de célebres ginastas, a família Peri. Rompe fronteiras, corre mundo, a fama singular dessa família. À frente dela está o Anquises Peri, belo e forte rapaz. Palhaços brasileiros, na maioria. Bons palhaços. Há o Eduardo das Neves, o Benjamim de Oliveira, o Bob, o Bacalhau...

Quem acreditará que Hélios Seelinger, consagrado pintor patricio, por um capricho de boêmio, estreou, certa vez, como palhaço, num circo, provocando um sucesso formidável? O caso deve ser registrado porque é deveras divertido.

Era Hélios, pelos últimos dias do século que se foi, antes da sua partida para a Alemanha, onde aperfeiçoou estudos de pintura, amigo e companheiro de um Feitosa, como ele, aluno da Escola Nacional de Belas-Artes.

Muito ganhavam, juntos, os dois amigos, fazendo cenografia para teatros, por uma época em que os cenógrafos eram poucos.

Tinha Feitosa um tio, dono de certo circo em Botafogo, e que, quando lhe faltava um palhaço ou outro número qualquer de certo vulto, recorria aos talentos do sobrinho, com grandes inclinações para coisas de palco e que era, sobretudo, tocador de violão.

Certa vez, convidado para substituir, no circo, um número qualquer, tem uma idéia, absurda, o Feitosa, tal a de convidar Hélios Seelinger, seu companheiro e amigo, para fazerem, ambos, uma cena

mimada de grande efeito e onde deviam figurar: um *clown* e um *tony*. E, quando lhe fala, não se esquece de lembrar que, caracterizados, ficarão os dois irreconhecíveis, diante do público.

Hélios, que sempre aceitou coisas ainda mais loucas, aquiesce, logo, ao convite, e, guiado pelo outro, põe-se a ensaiar o extraordinário número.

Feitosa explica: – Entro eu, com o meu violão e procuro, na pista, um ponto qualquer onde sentar. Na farsa farei eu o *clown*. Sento-me, o instrumento entre os dedos, dedilhando-lhe, arrancando-lhe acordes. E pigarreio. E depois disso tomo pose, a pose de quem vai cantar. Estou eu a mexer nas primas e bordões, quando tu entras em cena, trazendo uma bexiga de ar na mão, em passos cautelosos. Eu não te vejo porque, do ponto onde me fui sentar, estou de costas. É ires chegando e logo desferindo, sobre a minha cabeça, uma primeira bexigada. De leve... Claro. Volto-me e tu foges fingindo-te medroso. Continuo a tacar o violão e tu repetes o manejo...

Enfim, o ensaio dessa balorda, absurda, inocente tramóia, faz-se ali mesmo, apenas, o Feitosa insistindo a explicar ao Hélios que, ao bater com a bexiga, convém não bater com força, porque dessa forma poderá machucá-lo. Farsa reles de circo, a que eles devem representar, mas, de grande efeito para os frequentadores habituados a esses assuntos de entremez.

Chega, afinal, a noite do espetáculo. O circo cheio. É a hora. Estão os dois amigos prontos, na *caixa*, para entrar. Soa a campainha do sinal. É o número.

Entra o *clown* Feitosa, como se estabelecera na rubrica, em primeiro lugar, e logo atrás, uns minutos depois, em vestimenta de *tony*, Hélios, magnífico, dentro de uns formidandos colarinhos, com a sua gravata de três metros e os seus sapatos de légua-e-meia, a equilibrar na cabeça um chapeuzinho eclesiástico, desses de copa rígida, muito pequeno, surgindo de uma peruca ruiva e escandalosamente arrepiada. Entra com garbo, pisando forte e é assim que, apenas entrando, faz um sucesso enorme. Envaidecido, diante do êxito que começa a obter, obedecendo ao que foi ensaiado, pé ante pé, vai, e, ao primeiro pigarro do *clown*, aplica-lhe (porém, com força) a sua bexiga de ar. Sentindo a bexigada forte demais, um tanto aborrecido, volta-se Feitosa e em voz baixa lhe diz:

– Hélios, como ensinei. Dessa forma estás me machucando!

O povilêu gargalha, estrepitosamente, gozando a provocação daquela bexigada. Inebria-se o Hélios. O triunfo alucina-o. E sem mais esperar por novo pigarro, bate na cabeça do amigo, de novo, com a sua bexiga de ar, mas, de tal forma, que o outro perde o controle de si próprio, estonteado, deixando cair, no solo, o violão.



O palhaço
Desenho de Armando Pacheco

Hélios, mal o outro apanha o instrumento, com força hercúlea, atira-lhe na cara tão forte e tão certa bexigada que o pobre cambaleia. Daí por diante *tony*, que a multidão aplaude e açula, vai desferindo golpes sobre golpes, como um louco, a torto e a direito, sobre o infeliz que mal se conserva em pé. A princípio o Feitosa tenta defender-se com o frágil violão que ergue entre os dedos, porém, como esse em pouco se esfalece na luta desigual, procura um “corpo-a-corpo”, o que consegue finalmente.

Mais forte, Feitosa sobrepuxa o pintor, fá-lo tombar por terra, arranca-lhe, da mão, a bexiga de ar, por sua vez, batendo-lhe, brioso, com exagerada força, desesperadamente. E de tal forma e



Velho portão do Passeio Público
Desenho de Armando Pacheco

com vontade o surra que o deixa todo encolhido sobre a pista, como um caramujo, roto e desarvorado.

Naquela semana não se registrou, ao que se sabe, cena mais divertida e mais gozada no circo de Botafogo, principalmente quando se recorda que Hélios, pelo instante de tréguas que o outro lhe dá, levanta-se, vai à caixa do circo, para voltar, logo depois, à arena, armado de um vastíssimo cacete, uma sobranceira postiça dependurada ao canto de um olho, sem cabeleira, as calças abombachadas, rotas, mostrando-lhe as ceroulas, também rasgadas, a berrar, numa voz de mata-mouros, cheio de fúria, de vingança e de ódio:

– Deixa acabar de todo este espetáculo, infame, que então te mostrarei como se racha a cabeça de um homem!

Contava eu esse caso a Parreiras, mestre Antônio Parreiras, glória da pintura indígena, quando, por sua vez, ele achou de me contar o papel que lhe coube, certa noite, em um circo, isso, pouco mais ou menos, pela mesma época em que Hélios Seelinger, de maneira tão cômica, estreou como *tony* na pantomima nacional. Fala Parreiras:

– Creio que o caso se passou com a Companhia Frank Brown, que lançava, pelo mundo e pela primeira vez, uma famosa pantomima aquática, coisa muito de ver e admirar, novidade não sei bem se dos fins ou do começo do século em que vivemos. Sei, isso sim, que eu era, por esse tempo, ainda muito moço e cheio de entusiasmo pelos que se chamavam grandes circos.

O anúncio da nova pantomima onde se afirmava que a arena das representações se transformaria em um lago, à vista dos espectadores, para sobre ele jogar-se, então, uma estupenda e extravagante farsa, havia me impressionado. E lá fui eu ao circo cheio de curiosidade. Nesse gênero de espetáculo, como se sabe, há uma pista enorme, não sei se toda ela de lona betumada ou de borracha e que se mete na pista natural e toda se enche de água. Estava eu sentado na segunda fila de bancada do grande anfiteatro e assistia ao preâmbulo da farsa que já se representava. Ao meu lado direito havia um cavalheiro idoso, muito aborrecido, porque na primeira fila, bem em frente ao lugar onde se colocara, uma senhora estava, gorda, bojuda, com um pavoroso chapéu, desses que foram moda e escândalo de uma época, vasto chapéu de plumas de avestruz, de fitas, de flores, frutas e até legumes. Um verdadeiro tapa-vistas.

Observou-me o homem, nervoso e aborrecido, que quase nada via do ponto em que se achava. Que melhor fora não ter vindo ver a pantomima. Tossia, cheio de mau-humor, torcendo o bigode, irrequieto, ranzinza. De repente, sem se conter, bate no ombro da mulher do chapéu e pedincha:

– Minha senhora, seria um grande favor se V. Ex^a tirasse, por alguns instantes, o chapéu, esse chapéu que é enorme... Ele é tão grande que me impede de ver o que se passa pela pista. Eu lhe agradeceria, profundamente, tão valioso serviço...

– Não o tiro, não, senhor – volve-lhe ela, arisca – porque eu estou num circo e não estou num teatro de ópera.

Nervosidade ainda maior do homem não conformado com a resposta e que me diz, desabafando, qualquer coisa que irrita a criatura do chapéu, pois vejo-a que se volta para ele a rosnar uma frase qualquer onde eu percebo esta expressão – malcriado.

– Malcriada é a senhora, torna-lhe o tipo, sem demora; a senhora que não quer observar a cortesia que deveria observar para com os espectadores, como eu, colocados atrás desse tabuleiro hediondo de plumas e hortaliças, que é o seu chapéu.

Diz isso num tom de voz muito alto e escandalosamente, bufando, porejando raiva, a concertar o mais insolente e ameaçador dos pigarros.

Retruca-lhe a mulher nervosa, que se levantou, de costas para a arena cheia d'água, na auréola singular de seu chapéu disforme:

– Se eu tivesse a meu lado um cavalheiro, a sua insolência seria, imediatamente, castigada, grande biltre!

Vejo, eu, aí, o homem de pé, olhando a mulher de face, os olhos congestionados, tentando sair com fúria, das suas órbitas arroxeadas, a perguntar-lhe, de lábio trêmulo:

– Quem é biltre, repita, minha senhora?

– Biltre, é o senhor! – diz cheia de indignação e de coragem a mulher irritada. E vai continuar quando o cavalheiro do protesto, num gesto rápido e violento, mete-lhe a mão no peito e com tal força que a atira fora da bancada, dentro da pista cheia d'água onde se representa a pantomima. Um mergulho imortal. Ainda vejo a pobre criatura com o

seu vasto chapéu afundar-se, em alvoroço. Mais que depressa faço o que se faz quando se tem vinte anos e já se leu Cervantes: atiro-me ao sujeito e ali mesmo, à taponá, castigo-o. Do lugar, entretanto, pouco propício a lutas, quase resvalo, como a mulher, caindo dentro d'água. Ouço eu, aí, que o circo inteiro aplaude a atitude que tomo. Um vozerio enorme escuta-se, mas noto, entanto, que o meu imprudente e atrevido contendor, o que ofendera a mulher, num gesto precipitando-a no improvisado lago, é quem, em largas curvaturas, agradece, saudando o público, à medida que o mesmo aumenta o seu delírio, a gritar, a gritar, batendo palmas:

– Muito bem! Muito bem!

Só então tenho eu da enorme realidade em que me colocara uma noção exata. E sinto-me ridículo. Num gesto, rápido, sento-me no lugar de onde me levantara. Escondo nas mãos as faces encendidas, ouvindo, em torno, a gargalhada. Sem querer, eu me fizera ator do circo Frank Brown, entrando na pantomima aquática! A mulher do chapéu e o homem do protesto eram dois atores do circo...

A cena, apenas, fizera-se melhor com a intromissão não prevista da minha ingenuidade.

Parreiras e Hélios Seelinger ainda vivem e poderão confirmar, das histórias que aqui, em síntese, relato, a verdade e os detalhes.

.....

Capítulo 17

O Café do Rio

O CAFÉ DO RIO NA RUA DO OUVIDOR. NO PONTO *CHIC*, O CAFÉ *CHIC*. A FIGURA POPULAR DE INÁCIO DE BRITO, SEU PROPRIETÁRIO - UM POUCO DE SUA VIDA E DE SUA HISTÓRIA - CAFÉ DE POLÍTICOS - A RUA DO OUVIDOR DEPOIS DA MEIA-NOITE - UMA HISTÓRIA ONDE ENTRA A ATRIZ RÉJANE

O

CORAÇÃO da cidade fica no sítio em que se encontram e cruzam as Ruas do Ouvidor e de Gonçalves Dias. Nesse lugar de maior movimento, de alta elegância e melhor distinção é que se instala o famoso Café do Rio, com prestígio e renome, desde os últimos dias do passado regime, glória e viço dos estabelecimentos congêneres, em toda esta cidade.

No ponto chique, café chique... Pobre chique!

As nossas elegâncias, pela época, são, na verdade, mais dignas de lástima que de exaltação. Possuímos, em todo caso, as polainas do Sr. Guerra Durval, as gravatas cor-de-abóbora do Sr. Ataulfo de Paiva, pretor no Méier, e as calças brancas do Conselheiro Andrade Figueira, obrigadas a sobrecasaca preta, botinas de elástico, cartola e chapéu-de-chuva com um cabo de volta.

Está o afamado estabelecimento num ponto magnífico de grande trânsito, *rendez-vous* obrigatório dos que descem dos bondes vindos de Botafogo, das Laranjeiras ou da Gávea, dos que chegam e saltam no Largo de S. Francisco, dos carros de S. Cristóvão, Vila Isabel ou Engenho Novo; finalmente, dos que, desembarcando de Niterói, Mauá e Ilhas, no Cais Pharoux, sobem Ouvidor, buscando a parte central da cidade.

Aí vive e floresce o grande *Cafedório*, como todo o mundo o conhece.

Abrindo para a Rua Gonçalves Dias, tem oito portas, e duas para a Rua do Ouvidor. Na casa chique, do ponto chique, o bom-gosto, porém, não aparece, nem para tomar café! Salão vulgar, pequeno. Armações pesadíssimas, todas em estilo *art-nouveau*, aquele hediondo estilo de macarrões e pernas de gafanhoto, que foi a tortura de uma época. Grande riqueza – isso sim – nos panos de cristal dos mostruários, na qualidade da madeira dos balcões e na robustez da louçaria, mandada vir, toda, da Inglaterra. Mesas de pé-de-galo, com tampas de mármore que ainda se importam de Lisboa. Cadeiras de fábrica Thonet, ainda vindas da Áustria, com fundos de palhinha, quiçá, um tanto cambaias e sovadas pelo uso. Não esquecer a coleção de espelhos, os clássicos, os infalíveis, os implacáveis espelhos, diante dos quais os elegantes da época alinham os *plastrons* das gravatas (que levam um camafeu oval, bem ao centro, como cabeça de alfinete), corrigem a posição das lustrosas cartolas, retificando a curva dos bigodes engomados à *la Hongroise* ou postos a ferro pelos barbeiros de nome.



Lâmpada em estilo “*art-nouveau*”
Autor desconhecido

A freguesia é grande. Muito grande. E eclética. No entanto, o café não é de grandes rodas. Não pode ser. É tal o vaivém de gente, o movimento de entradas e saídas, o murmúrio de vozes, o ambiente de inquietação, de desordem e de alarme, que o homem que quer fazer da mesa ponto de reunião e de palestra, vai fazê-la a outra parte, em sítio onde possa, pelo menos, falar e fazer-se ouvir, ser tratado com mais atenção e menos pressa, sem que lhe cobicem, ainda por cima, a cadeira onde está, como um pedaço de ouro.

O café do começo do século, entre nós, mesmo o de clientela mais fina e mais distinta, sobretudo a certa hora, impressiona e espanta pela nota bulhã, não só da multidão que o invade, como pelo ruído que provoca o pessoal de serviço, ora dirigindo-o, ora executando-o, aos gritos, aos berros, em meio ao cascatear ensurdecedor das louças em manejo, que até parece que se lascam e se quebram, em tombos, em raspões, sobre as mesas de mármore. Ruído perene e forte de objetos em choque, num esbarrondar hiperacústico que excita, agasta e ofende os nervos. Marulhar de feira, azáfama de comício popular, confuso *brouhaha* que a gente ouve de longe.

No fundo, todo esse dinamismo, todo esse tumulto desenfreado e intenso, atende ao interesse do dono do negócio, que acha sempre que uma sala de café não pode ser transformada em saleta de espera, em centro de palestra ou *hall* de clube. O comércio é o comércio. Quanto pode render, na verdade, uma cadeira, em dez minutos? Seis cafés. Seiscentos réis, portanto. Assim posto, uma mesa, com quatro lugares, nesse espaço de tempo rende dois mil e quatrocentos...

Por isso, o freguês que consuma, pague os níqueis da despesa e vá-se embora, e, se não vai, que se arrisque a endoidecer em meio a toda essa agitação.

No café brasileiro, sobretudo nos dessa época, há muito de característico a fixar.

Cada garçom, por exemplo, lembra um malabarista oriental, quando trabalha com as suas xícaras, os seus pires e as suas colheres, como se fossem plumas ou leves bolas de papel. Vem dos guichês da copa, erguendo, por sobre a mão aberta, uma ruma de seis, de oito ou dez bandejas, todas elas sobrepostas, com a sua louça acamada. E a torre não oscila. Isso, porém, é pouco. Notável é o despencar que ele faz dessas mesmas pátenas, atiradas de roldão, em fúria, sobre as mesas, num ruído de bombardas que arrebentam, sem que delas, ao menos, escapula uma simples colher. E mais notável, ainda, é o bilboquetear nevrótico, apressado, que ele faz, a seguir, com as xícaras, em cambalhotas por entre os seus dedos ágeis e adestrados, na hora de as pôr à feição do homem da cafeteira, enquanto os pires lépidos, como doidos, rodopiam, sonoros, sobre as mesas. O choque da louça contra a louça ou contra o mármore faz-se de tal maneira que nenhuma das peças se biparte, ou

racha, num lance de prodigiosa habilidade. É incrível! Um estrangeiro, ante esse inesperado e rápido manejo, seguido, geralmente, de alguns berros: – Serviço! Feito! Olha o café, aqui! – espanta-se, pensa que o homem que o serve enlouqueceu e espera por loucura maior, o olho atento, em vigia, o pé leve, no ar, pronto para fugir ou desaparecer...

– Serve! Louça! Quarta à direita! Açúcar! Última ao centro! Tira! Vira! Carioca, aqui mães-bentas! Bota! Pediu mais quente! Média e torradas, duas: uma “sem” outro “com”!

Nessa balbúrdia histérica berra até o freguês, não raro, por contágio, quase sem sentir:

– Serve!

Se lhe indaga, o homem da cafeteira, plantado à sua frente:

– Simples ou com leite?

Responde-lhe com um grito, ardoroso, também:

– À inglesa! Pingado! Lugar para o açúcar!

De longe, do alto, vezes de cima, da altura da cabeça do freguês, o homem que serve jorra na xícara, sem que extravase uma só gota, o líquido fervente que lhe escapa, saindo do bico, em funil, da cafeteira ou da leiteira. Um verdadeiro assombro!

O que já consumiu e vai embora, livrando-se da bulha que o alucina, berra também, pelo garçom, batendo com o níquel no mármore da mesa:

– Recebe!

Se o cobrador não ouve o grito, o garçom mais próximo solta um berro ainda maior:

– Pag’ ’qui!

Curioso também é esse homem que cobra e anda pelo café aos saltos, aos vãos, célere. É um artista perfeito. Faz trocos atirando níqueis para o ar, chocalhando-os na mão, desesperadamente. Arranca o papel-moeda de entre os dedos, dos bolsos, da boca e até dos vãos atrás da orelha. Toma o dinheiro. Troca. Paga. Lembra um prestidigitador representando num tablado, desses que sabem transformar ovos em pombos e que do corpo arrancam fitas, relógios, lenços, dinheiro e galinhas.

E o gerente da casa, ou dono, de olho vivo, diante de todos esses ginastas em serviço, dirigindo, vigiando, enriquecendo...

O dono do Café do Rio é o velho Brito, João Inácio de Brito, português das ilhas, tipo da maior honra e da maior bondade. É alto, gordão, simpático, um curto cavanhaque a branquejar-lhe o queixo voluntarioso. Não lembra tipo lusitano. Mais parece um francês. Ri pouco, fala menos. Nota sensacional – é varejista e não é comendador!

Fundou o estabelecimento em agosto de 89, deixando o próspero Cascata, que foi seu, em mãos de outro, no Beco das Cancelas.

Brito é o que lá está, de pé, bem junto ao guichê da copa, a cheirar o serviço, o olho policial e vivo varrendo os recantos da sala; sob o braço, o indefectível guardanapo.



Francisco Sales
Desenho de J. Carlos



Bueno Brandão
Desenho de J. Carlos



José Mariano
Desenho de J. Carlos



O velho Brito
Desenho de Calixto

Na faina do café ajudam-no os seus filhos, todos nascidos no Brasil: Manuel, José e Inácio. O mais antigo dos garçons é o *Manuel das Cafeteiras*, o “Mangonga” – comprido e forte, a cara longa e parva, sempre envernizada de suor. É antigo na companhia de Inácio Brito. Vem dos dias da fundação, do tempo em que os republicanos históricos, platônicos conspiradores, ali se juntavam metralhando, com frases retumbantes, os corifeus da monarquia, o Minis-

tério imperial e a cara-de-castanha-de-caju do “afrontoso Bragança”. Gente, no fundo, inofensiva, gente pacata e boa, grande bebedora de água gelada; a mesma que na manhã do 15 de Novembro, quando saiu à rua e soube que a República já estava feita, desatou a chorar com pena do “pobre do velho”; aborrecida, contra os patriotas que o queriam meter a bordo de um navio e mandá-lo barra afora.

Sobre o café está instalado um restaurante, com sanefas de *reps* nas janelas, jarras que transbordam de flores, sobre as mesas, e garçons de jaqueta, que cruzam, forçando a nota da elegância e do chique. Mais espelhos. Mais panos de cristal nas armações pesadas. Mais *art-nouveau*.

Aquele que almoça a sós, junto à escrivaninha do gerente, rodeado de livros e de jornais franceses, é o João do Rio. Exibe importância, dessora respeito, no olho sombrio e bambo o monóculo de cristal, um monóculo atrevido e irritante, que anda a pedir represálias... Outro *habitué* do frango-de-caçarola é o Garcia Machado, muito rico, dizem, porém, muitíssimo sovina. Deste houve quem lhe glosasse o “pãodurismo”, nesta quadrinha feliz, para lhe servir de epitáfio:

Quando esse tipo lampeiro
À cova fria desceu,
Deu uma gorjeta ao coveiro
Que, de surpresa, morreu.



João do Rio
Desenho de Calixto

Nesse mesmo andar existiu o velho Provençaux, *meublé, tapissé, rideauné à la mode de Paris*. Era um *rendez-vous* de jantinas e francesas, pequenina Sodoma, onde se bebia, em taças do melhor Baccarat, o bom *champagne* Veuve Cliquot.

Para que se possa ter, porém, uma idéia do chique, e da elegância refinada desse recanto idílico e civilizado, basta que recordemos o seguinte: os bondes da Botanical Garden, a tração animal, descendo Gonçalves Dias, vinham todos, durante certo tempo, até a Rua do Ouvidor, bem em face a esse mesmo Provençaux, onde faziam ponto. Aí é que, após vivas maniveladas, o calhambeque parava súbito, num choque violento de ferros velhos, e o

condutor, um homenzinho que usava boné de pano azul-marinho e mostrava, dependurado ao pescoço, um tímpano registrador das passagens, gritava, levantando o braço:

– Ponto final! O carro volta para a Gávea!



Antônio Carlos
Desenho de Marques Júnior

O cocheiro, negro, em geral e com um chapéu de palha descido no sobrolho, posto à feição do sol, aí, acendia o seu coto de cigarro, muito tranqüilo, vendo descer os passageiros. Esperava, ainda, que o condutor mudasse os costais dos bancos. Um minuto. Talvez dois. E, então, descia para tomar o engate da parelha, que dirigia de uma plataforma para a outra.

A alimária, porém, nesses curtos instantes, menos por desrespeito à grandeza e à distinção do nobre sítio, que por necessidade fisiológica, mal se sentia repousar, transformava o solo em vergonhoso tapete de imundícies. (O Rio era isso, meus senhores, temos que descrevê-lo.) É verdade que havia um sujeito munido de vassoura, pá e baldes d'água, que limpava o lajedo, porém, mal. De tal sorte que o *carrefour* elegantíssimo, ao invés de cheirar a rosas, cheirava a estrebaria. *Carrefour* e adjacências. Os maus odores bailavam pela rua, entravam pelas casas de negócio, e, mais atrevidos ainda, subiam a outros andares dos imóveis, desafortadamente.

Nem o Provençaux, *meublé, tapissé, rideauné à la mode de Paris*, os maus odores respeitavam...

Certa vez, um elegante vai almoçar ou jantar ao belo restaurante do hotel, *à boîte chic*, com os seus garçons de casaca e *menu* em francês. A coisa custa um pouco caro, porém, lembra Montmartre...

O homem, polido e ajanotado, senta-se e pede:

– *Canard aux champignons.*

Serve-lhe, o criado, a iguaria. O freguês, entretanto, torce o nariz, e, num gesto gentil, recusa o prato, alegando:

– Não cheira bem.

Sorriso do garçom que pede licença para cheirar o prato. Frase profunda do garçom, depois de o ter cheirado:

– O animal foi morto há duas ou três horas... Está em perfeito estado. Não tenha V. Ex^a, sobre esse fato, dúvidas.

– Mas, este cheiro, então?

– O cheiro, Sr. Doutor? Mas, esse, é dos burros lá de fora...

Era!

Ah! Rio de Janeiro do meu tempo!

Por essas e por outras foi que o Sr. Guerra Durval, líder das elegâncias nacionais, não se sentindo num ambiente propício, entrou para a diplomacia e foi logo despachado para servir na legação do Paraguai...

* * *

O Café do Rio foi sempre um viveiro de jacobinos, remanescentes daquela fauna patriótica que o Aníbal Mascarenhas e o Diocleciano Mártir chefiavam e que, pelos acontecimentos da *Mindelo* e da *Afonso d'Albuquerque*, em 94, de tal sorte incendiou o ânimo nacional, que até a muleta do mesmo Diocleciano pôde ser transformada em clava de combate.

O velho Brito, coitado, é que, em meio a toda essa efervescência facciosa, não raro, assistindo a reações de uma brutalidade verdadeiramente lamentável, dirigida contra patrícios seus, erguia os ombros, desolado.

– Brito, você nada tem que ver com o que se passa – diziam-lhe, por vezes. – Você é um estrangeiro digno e esses, sempre, foram todos por nós queridos e respeitados. Que aqueles que ora combatemos são, apenas, os atrevidos que dentro da nossa casa, petulantemente, teimam em nos humilhar e dirigir. O caso é menos de nacionalidades que de pessoas. Sempre assim foi, de resto, desde a célebre “noite-das-garrafadas”.

“Fazemos o que faria você, Brito, em sua própria terra, o que faz todo bom patriota em seu próprio país e terá que fazer qualquer homem de bem, debaixo de seu teto. No dia em que não fizermos o que ora fazemos, com brio, com justiça e com razão, do povo que hoje somos passaremos a ser, apenas, um bando desprezível de fantoches. Você, que aqui vive e que bem nos conhece, sabe disso melhor que nós.

Pois não sabe? E agora mande servir, pelo Mangonga, mais uma rodada de Bock-Ale...”

Brito estava a par de toda a triste e dolorosa verdade, sabia de tudo, perfeitamente. Se sabia! No fundo, porém, que diabo! a reação era brutal, excessivamente brutal e não raro sangrenta. E ele tinha no peito um coração português. Sorria amarelo. Parecia concordar. Mandava servir a rodada do Bock-Ale...

* * *

Felizmente nós vamos encontrar o café, no começo do século em que vivemos, ainda quartel-general de jacobinos, porém, já de armas enferrujadas. Felizmente.

É verdade que, pouco tempo depois, desse mesmo ponto, saem exaltados que parte tão saliente tomam na queima dos famosos quiosques, quando o retrato do reformador do Rio, em um deles aparece, no Largo de São Francisco, com uma legenda infame. Bom será explicar, entretanto, que o movimento não teve, quando desencadeado, o menor caráter antiluso, sendo, como foi, uma ação determinada e dirigida apenas contra os quiosqueiros.



Tavares de Lira
Desenho de A. Rocha

Por uma época em que os poderes públicos combatiam, denodadamente, a velha morrinha colonial, reconstruindo, em meio à paisagem conspurcada pela mão do homem, a cidade maravilhosa que passa, hoje, por ser a mais linda de todo o mundo, o quiosque era, na verdade, uma infâmia, requerendo, até, coisa pior que fogo. Calhou que atrás de tão hediondas pocilgas, houvesse uns tantos portugueses e de alguns deles partissem provocações que cegavam a prudência do povo. Podiam ser turcos, chins, italianos ou suecos, que a mobilização patriótica de latas de querosene e de caixas de fósforos teria de realizar-se, tarde ou cedo, do mesmo modo. Naturalmente, houve logo quem envinagrasse o caso, a ele emprestando intenções obscuras ou subalternas. Essas, porém, jamais existiram.

O quiosque, excrescência do passado, deveria desaparecer, de qualquer forma, bem como todos os processos vexatórios de que lançavam mão alguns interessados na exploração dos mesmos. A paciência do povo esgotou-se. Foi só o que aconteceu. Aos jacobinos, porém, atribuiu-se o movimento.

Também se disse que Osvaldo Cruz e Pereira Passos eram “jacobinos vermelhos”, quiçá dos chamados de “bico amarelo”, dos que passavam a inventar hostilidades só para aplicá-las aos filhos de Portugal. Nada mais falso. Nada mais injusto.

As medidas por ambos concertadas tinham caráter geral. A máquina renovadora era de ação enérgica, não há dúvida, mas sempre justa e cega na distribuição da justiça.

Os portugueses que, entre nós, formavam, por essa época, uma colônia numerosíssima possuíam uma grande parte da fortuna imobiliária no centro da cidade, imensa fortuna representada pela massa de um casario tosco, composto de pardieiros, sem a menor sombra de higiene, linha, e tão velha que, ante a campanha contra a peste bubônica, nela se colheram milhões e milhões de ratazanas, uma delas pesando até, segundo o informe de um jornal da época, três quilos e 700 gramas, por si só capaz, como se vê, de caçar todos os gatos da vizinhança.

Por sua vez o comércio luso mais importante, o melhor, em grande parte, se instalava em meio a tais imóveis, cada um deles representando um valor, um interesse. No dia em que esses interesses e esses valores se chocaram com as conveniências e os interesses imediatos do país, deu-se o delíquio da razão e, de parte a parte, as violências foram sendo praticadas. A luta fez-se tremenda. E que não se diga, outrossim, que, contra os reformadores, se ergueram, somente, esses estrangeiros, porque muitos dos nossos houve que também os secundaram, embora sem pensar que o que combatiam era o progresso e o futuro da própria terra.

Foi pelo desenrolar dessa campanha que acharam de inventar o jacobinismo de tão galhardos benfeitores, que com tão pouco não se impressionaram criando, serenamente como criaram, a grandeza da cidade, por ela fazendo o que até então ninguém havia feito.

Voltemos ao Café do Rio.

À tarde o café é um verdadeiro pandemônio. Há gente trepada nas soleiras das portas, sobrando pelas calçadas, encostada aos portais do edifício, pelo meio da rua, em grupos que vão à entrada da Casa Everdosa, em frente, chegando ao canto onde se fixa a loja de Madame Coulon, do outro lado e, até por vezes, batendo às portas da Pascoal, na parte da Ouvidor que se encaminha para São Francisco. São grupos cerrados e vozeirudos, de quatro, seis, oito e mais pessoas, impedindo o trânsito regular do logradouro, congestionando-o, sempre, em palestras ruidosas, em risadas loucas, não raro com ditérios dirigidos às senhoras que passam:

- Rainha, não mate a gente!
- Aí, correta!
- Meu Deus, eu morro!
- Como ela é bem-feitinha!

Assim somos, com efeito, por esse Rio semicolonial do começo do século.

O curioso é que, essas senhoras, constantemente tiroteadas pela insolência dos que, felizmente, não formam a parte maior desses ruidosos grupos, façam sempre muita questão de cruzar por aí, empurrando os filhos que se armam de grandes chapelões de celulóide, elas mesmas sob aqueles vastos chapéus transbordantes de fitas, de flores e de plumas, que são a grande moda do começo do século:

- Para frente é que se anda, menino!
- Não me empurre, mamãe...
- Oh, que criança mais impossível!



Pedro Moacir
Desenho de Seth



Barbosa Lima
Desenho de Raul



Lauro Müller
Desenho de A. Rocha

É verdade que essas senhoras não respondem aos ditérios, embora uma ou outra vez soltem muxoxos secos ou desprezíveis, olhando com o “rabinho-do-olho”, “amarrando a cara” e dando, com as sobrançelas, pelo tempo muito grossas e muito espessas, uma verdadeira laçada. Não respondem, mas, no fundo, sente a gente que essas frases vazadas em velhos e estafadíssimos clichês, coçam-lhes a vaidade, acariciando-lhes, com dedos de veludo, o amor-próprio.

Pelo carnaval, esses grupos, que se armam junto às portas do café, aumentam e criam, com os que compõem o trânsito normal da rua, uma preamar agitada. A onda humana que desce das bandas de Primeiro de Março, em choque com os que vêm da Carioca ou São Francisco, aí revoluteia, palpitante e agitada, chocando-se, fracionando-se, borbuhlhando. São pisadelas, empurrões, gritos, chufas, berros, protestos.

– Não enxerga, “seu bruto”?

– Bruto é você!

– Vá lamber sabão!

Vezes resvalam, as coisas, para o terreno do desforço físico e se resolvem a socos, a pontapés ou bengaladas. É hábito, pelo tempo, achar-se naturalíssimo esse gênero de desforço, animando-se até os que neles se empenham:

– Brocha!

Ou então:

– Enche, logo!

Ou mais ainda:

– Comigo é logo a mão na lata...

Expressões típicas de um tempo que foi de muita bordoeira e ainda maior ausência de compostura.

Duas horas antes da passagem dos préstitos carnavalescos, nem untado a vaselina, dos pés à cabeça, pode uma criatura passar por entre todo esse *maelstrom* humano.

Nesse mesmo lugar, uma vez, alunos da Escola Militar saem para atacar, destruir e incendiar um carro dos Fenianos onde surge certa alusão ferina a Pires Ferreira, general do Exército, enquanto os aspirantes da Marinha destroem, nesse mesmo dia, outra crítica feita ao couraçado *Aquidabã*, da Armada brasileira.

Inácio de Brito, o dono do café, conhecedor dos hábitos do tempo, é que sabe sentir, como um barômetro, essas tempestades de ânimos, quando elas andam no ar.

Precavido, vai logo fechando as suas portas. Faz ele muito bem. Defende o seu negócio. Defende a sua louça. Defende o seu *art-nouveau*...

Na hora do “quebra-cabeças”, no minuto trágico do “arranca-rabo”, do “fecha-fecha!”, resguardado e tranqüilo, Brito coça o cava-nhaque, sorridente. O mundo que se acabe, lá fora!

* * *

Na frequência do café, de 3 até 6 horas, pesa a estudantada das escolas superiores, sobretudo a das Escolas Militar e Politécnica. Entre as figuras habituais da primeira podem ser citados: Marcolino Fagundes, espírito de escol, Hugo Araripe, o terrível autor de rolos memoráveis, Bías Gomes Pimentel, Manuel Rabelo, o positivista, José Bento Tomás Gonçalves, José Vicente de Araújo Silva, Djalma Ulrich de Oliveira, Oscar Lisboa de Sousa, Júlio Índio Parintins Pereira, Oscar de Almeida, Luís de Sá Fonseca, Mário Clementino de Carvalho, em meio a jovens oficiais como Tasso Fragoso, Luís Furtado e Augusto Sá, famoso autor de um livro de versos humorísticos, *Cacos de Garrafa*, figura, pelo tempo, de grande projeção no seu meio.

Entre os da Escola Politécnica, estão: o poeta Bastos Tigre, que escreve o *Saguão da Posteridade*, Nicolau Ciâncio, que ainda não abandonou a Engenharia para cuidar da Medicina, Miguel Calmon du Pin e Almeida, depois ministro, Guilherme e Eduardo Guinle, Afonso Taunay, hoje grande nome da literatura do país, Alfredo Niemeyer, José Luís de Araújo, subdelegado da Central do Brasil, Niepce da Silva, Miguel Austregésilo, incorrigível boêmio, Augusto Mendes, Justino Paixão, Armando Sérgio Ferreira, Raul Veiga, Horácio Antônio de Castro (hoje diretor da Mogiana), Tobias Moscoso, Hermann Fleiuss e Ernesto Cruz Sobrinho.

Muitos políticos, muitos: o João Neiva, da Bahia, gordo e afável, Lopes Trovão, muito magro, de cartola e monóculo, Herédia de Sá, com os seus coletes escandalosos, Alberto Maranhão, Augusto Severo, o aeronauta, Pedro Velho, Tavares de Lira, Lauro Müller, “a raposa de espada à cinta”, José Mariano, Antônio Carlos, James Darcy, Pedro

Moacir, Barbosa Lima, Rosa e Silva, Irineu Machado, Tomás Delfino, Sá Freire, Leite Borges, Serzedelo Correia, Júlio César de Oliveira, Francisco Glicério, Pinheiro Machado, Flores da Cunha, lindo rapaz, tipo de d'Artagnan de “meia-cabeleira”, bigode e pêra, Augusto de Vasconcelos, com o seu sorriso de leitão assado, Coelho Lisboa, “o leão da defluxeira”, Alcindo Guanabara, feio e austero, J. J. Seabra, Lauro Sodré, Manuel Vitorino, Glicério e o preto Monteiro Lopes, líder da raça negra, suando reivindicações, a falar, sempre, muito alto, a gesticular como se estivesse discursando...

Estudantes de medicina e jovens médicos, alguns: Almerindo Feitosa Gans, Abreu Fialho, Henrique Venceslau, o indefectível Cláudio de Sousa, que então assina Cláudio Júnior, e Antônio Austregésilo; bolsistas como Luís Gomes, Haroldo Hime e Barão Peres da Silva, ao lado de figuras que ficaram pelo relevo de suas bem marcadas individualidades, como o Matos Fonseca, admirável *causeur*, Alvarenga Fonseca, Leão Veloso, Gastão Bousquet; pintores como Rodolfo Amoedo, Belmiro de Almeida, Antônio Parreira, Teixeira da Rocha e Henrique Bernardelli; músicos como Júlio Reis, senhor de exóticas teorias sobre a música descritiva, pálido, magro, o rosto coberto de sinais de bexigas, Alberto Nepomuceno, Nicolino Milano, e Assis Pacheco, chefe de orquestras, tipo alegre, loquaz, ex-delegado de polícia, figura obrigatória do café.

Quando se fez a República e ele fazia dançar os quadris das Delormes, Belligrandes e Lopiccolos, ao compasso brejeiro das suas buliçosas partituras, Sampaio Ferraz, chefe de polícia e que era um grande freqüentador dos jardins do Recreio, nomeou-o subdelegado de polícia em Santa Cruz. Lá foi o Assis reviver a glória de Scárpia nos subúrbios. Do teatro, onde trabalhava e de onde era diretor da orquestra, o moço-artista levou, como espécie de secretário, um modesto músico, que muito lhe valeu durante os tempos em que teve de exercer tão espinhoso cargo.

Chamava-se esse homem Marcolino Fabiano.

Ora, certa vez, vêm dizer a Assis Pacheco que, numa festa organizada no arraial, se prepara um formidável rolo. Daí chamar ele, logo, o seu ilustre secretário e ambos partem para o local, seguidos de quatro praças. Chegam sem achar sombras do menor conflito. Assis,

que tem a encomenda de uma peça para o Apolo, deixa a sua gente no arraial e volta para a delegacia, a fim de terminar a já começada partitura.

Mal ele parte, o conflito que estoura. É quando Fabiano, improvisado em prestigiosa autoridade, avança, com os seus guardas de serviço. Água na fervura. Debandam os desordeiros (que o tempo é de se pegar capoeiras e enviá-los para a ilha de Fernando Noronha). Entre os homens da desordem, porém, um há que não foge, erguendo, na mão potente, vastíssimo madeiro, o qual, segundo



James Darcy
Desenho de Raul

informações seguras, trabalhara forte na cabeça piedosa do pobre sacristão da igreja local.

A polícia vai agir. Fabiano, abotoada a sobrecasaca, bem em evidência as insignias de sua autoridade, franze o sobrolho, faz pigarro e erguendo o braço para o desordeiro, brada-lhe, com a maior solenidade:

– O cidadão está preso às ordens... do maestro Assis Pacheco...



Irineu Machado
Desenho de Storn

* * *

Quando o Café do Rio fecha e fecham, pela cidade, outras casas do gênero, quando o guarda-noturno da zona aparece na sua roupa de brim, no seu boné de larga pala e põe-se a apalpar as portas que já se fecham, num passo lento, o eterno coto de cigarro dependurado ao canto da boca melancólica, à porta do *Correio da Manhã*, que fica próximo, surge um arremedo de negócio onde se vende café, mate, leite e capilé, sanduíches de carne, queijo e fritada, postas de peixe frito e lascas de bacalhau ou de presunto.

Copa e cozinha desse varejo improvisado enfileiram-se em linha, na calçada: um fogareiro de carvão, duas ou três painéis, três bules de lata e meia-dúzia de canecas de louça ou folha-de-flandres. Não esque-

cer um balde d'água, na fila dos parcos utensílios, e, na parede, dependurada a um prego, a toalha de serviço. As comezainas, pousadas numa tábua posta sobre dois caixões, arrumadas em pratos de papelão, de louça ágata ou alguidares de barro.

Não paga, esse comércio, ao município, imposto, nem paga ao dono do jornal aluguel pelo lugar que ali ocupa. O homem do negócio é um sujeito forçado, de bigodeira vasta e sobrançelha espessa. Está em mangas de camisa, usa tamancos e vive a esgravatar o alforje do nariz. Não fia. Assim diz ele, mas, rogado, acaba fiando. Leva calotes. Se os leva! Vinga-se nos que pagam. É do comércio. Dizem que possui para os lados da Piedade, uma chacarazinha. Não sabe ler ou escrever. É bom católico. Aos domingos vai à missa de paletó branco, barba feita e tamancos envernizados.

Deram-lhe a estranha alcunha de *Cheira-a-bode*. Na pia batismal recebeu, porém, o nome de Manuel, Manuel da Latada.

À porta de cada jornal diário e matutino há sempre um negócio desses e com um homem assim. Para quê? Para que possam os homens da oficina, que trabalham à noite, achar para o estômago, quando vazio, qualquer coisa barata que comer. Os jornais ainda não possuem, no tempo, restaurante ou café próprio. *Cheira-a-bode* ali está, portanto, “preenchendo uma lacuna”. Sabe muito bem disso. Sabe que é necessário. E tanto sabe que, quando clareia o dia e ele parte levando nos caixotes fogareiro, panelas e canecas, o balde e o mantimento que sobrou, não varre nunca a “loja”. Deixa-a assim mesmo, como está, imunda, toda uma alcatifa de restos de comida, cascas de queijo, espinhas de peixe, rolhas, de envolta com manchas de café, de escarros e gordura.

Chama-se a essa tenda improvisada e ignóbil – “cá-do-pai”. Por quê? Ninguém sabe dizer. Nem o leitor queira também saber, aprofundando-se no caso. É melhor...

Quem viu um “cá-do-pai” pode afirmar que viu os outros. O mesmo fogareiro, o mesmo balde, o mesmo “manuel”...

Vezes, a freguesia é enorme. Porque não só da gente das gazetas vivem os “cá-do-pai”. Deles servem-se, muitas vezes, os que se recolhem de noitadas boêmias, os que saem dos bailes depois de 2 ou 3 da madrugada, gente, não raro, elegantíssima – por curiosidade, por novidade, por

pitoresco. É quando o “manuel”, que não pode valer-se do quilo de 800 gramas, vinga-se, cobrando, então, o que bem entende.

Quando por aqui passou a Réjane, certa vez, após o espetáculo, pediu ela, creio que ao Mário de Lima Barbosa, então repórter da *Tribuna*, que a levasse a um lugar bem característico do Rio e depois da meia-noite. Como não possuíssemos um *Rat mort*, um *Caveau des Innocents*, um *Coq d'or* ou uma *Grande Taverne*, ficou resolvido que a grande atriz fizesse a *tourneé* dos “cá-do-pai”...

– “*Qu'est que ça veut dire?*” – perguntou ela. Ninguém, porém, lhe respondeu. Fosse, uma pessoa, desgraçar-se explicando uma coisa dessas... E lá foi a mulher, em companhia de todos os grandes companheiros da *troupe*, trajando altas *toilettes*, a fim de cheirar o pitoresco prometido. Pois regalou-se! Riu muito, fez perguntas aos “manuéis”, que não compreendiam o francês, provou, num, *le thé mate du Brésil*, noutro, um requeijão de Minas, sendo que, num dos últimos que visitou, entusiasmada pelo aspecto ou pelo cheiro da sórdida culinária, devorou, inteiro, um sanduíche de sardinhas fritas, dando gritinhos histéricos, os dedos todos cheios de gordura...

– *Mais, c'est une merveille* – teria ela dito, por amabilidade, ou depravação do paladar, achando tudo aquilo *très rigolo*, muito intrigada, somente, com o diabo do nome – “cá-do-pai”!

– *Mais, Madame* – alguém achou de lhe dizer, pondo um remate à questão. – “Cá-do-pai”, *c'est le nom d'une entreprise comme celles des restaurants Duval et Chartier, à Paris...*

E a coisa ficou por isso mesmo...

De tal sorte desviava-se a atenção da mulher da designação afrontosa.



Rodolfo Bernardelli
Desenho de Calixto

.....

Capítulo 18

O Café do Globo

O CAFÉ DO GLOBO, NO CARCELLER – GLÓRIAS PASSADAS
– CAFÉ AMORIM E CAFÉ CASCATA – O CAFÉ PAPAGAIO, À
RUA GONÇALVES DIAS – O MENU ÀS AVESSAS DE
BITENCOURT DA SILVA FILHO – O IMORALÍSSIMO BOCAGE
– FREQUENTADORES DE CAFÉ

ALÉM do Café do Rio e do Café Paris, considerados como os estabelecimentos de maior concorrência e maior distinção em toda esta cidade, outros existem, entanto, embora sem grande relevo ou fama, que bem se pode, ainda, mencionar. O do Globo, por exemplo, que fica entre a Rua do Ouvidor e o Beco dos Barbeiros, naquela parte da Rua Primeiro de Março, larga e triste, que a Câmara Municipal, um dia, comicamente, mandou que se chamasse “Boulevard Carceller” e que mais lembrava, em meio à estrumeira e aos molambos da cidade semi-africana de então, uma rua larga de Dacar ou de Luanda, à qual nem faltavam negros sujos e pelitrapos, todos muito espantados, vendo os políticos da monarquia, em tertúlias animadas e ao ar livre, numa *terrasse* de poucas mesas sob o arvoredado choco e empoeirado da calçada, a chupar, através de canudinhos de palha, refrescos de pitanga ou de limão.

O Globo, café e restaurante...

Sala de loja vasta, funda, mostrando um tapete de oleado, com ramagens, cobrindo-lhe todo o assoalho, por certo muito gretado e velho, mesas com tampo de mármore negro e guarnições murais do mesmo mármore, compondo a linha da decoração severa, sóbria, e ainda não abastardada pelo delírio frívolo do famoso *art-nouveau*.

Em 1901 o café decaiu; já não tem mais *terrasse*, nem tapete de oleado, nem fama. É um botequim vulgar, onde os elegantes tomam, de costas para a rua, uma famosa “média” de café, leite e pão quente, um pão-de-família, enorme, valendo por um sólido almoço e custando, apenas, três tostões.

No sobrado, o restaurante com sala para banquetes e um mundo de recordações!

– Era aqui que o Sr. D. Pedro II, moço, pela semana santa, após correr as igrejas, no dia da visitação, tomava, sempre, o seu sorvete de caju... Acolá, as armas do Bragança... Naquela mesa, um dia, Gaspar da Silveira Martins e o poeta Rosendo Muniz Barreto... Os muito jovens pintores Visconti e Batista da Costa, por vezes, sentam-se acolá...

Glórias passadas! Glórias vividas! E esquecidas!

No Beco das Cancelas, pouco adiante, está o Café Cascata, que foi do velho Brito, sempre cheio, sempre animado, com a sua harpista, eternamente a soluçar um velho minueto de Bocherini...

Descendo o beco, na Rua do Rosário, o Café do Amorim,



Calixto
Desenho de Raul

reputadíssimo, o que melhor sabe preparar a rubiácea, na velha afirmação dos entendidos. É uma sala modesta, porém muito freqüentada. Gente boa e de toda casta. São tabeliães dos cartórios próximos, de barba cerrada e óculos de tartaruga, uns homens hirtos e sinistros que não riem nunca e que espiam através de austeríssimos quevedos, cheios de dignidade e de *aplomb*; são funcionários dos Correios ou da Alfândega, discutindo o bicho do dia, concertando a centena que vão comprar à loja do

Quem dá a sorte é Deus
E nas loterias é o Camões

são negociantes, quase todos portugueses, gente simpática e alegre, em mangas de camisa e colete, mostrando, além de vastíssimas correntes de ouro ou platina, medalhões com esplêndidos brilhantes. Entram falando em voz alta, aos empurrões, em bando, a berrar pelo nome dos caixeiros, do gerente ou dos fregueses. São, em geral, comendadores ou beneméritos de Irmandades, com retrato a óleo na secretaria das mesmas, pintados por um certo Augusto Petit. Quando sabem ler, são assinantes da *Mala da Europa* e leitores da página dos telegramas do *Jornal do Comércio*.

O Café Londres, de famosa memória, que ficava na Rua do Ouvidor, quase no canto de Gonçalves Dias, já não existe pela aurora do século. Há o Java, porém, mais adiante, com várias portas, deitando para S. Francisco. Se caminhar-mos um pouco, mais adiante, no Largo do Rossio, entre vários cafés de pouca fama, um encontraremos digno de registro, pela sua importância no local, o Criterium, onde param atores e mocinhos de voz aflautada, que usam pó-de-arroz e carmim. Para os lados da Rua da Ajuda há o Café do Miñau onde, por vezes, param boêmios.

Não esquecer, porém, entre os cafés citados, outro café que vale atenção especial, o Café Papagaio, na Rua Gonçalves Dias, entre as Ruas do Ouvidor e Sete de Setembro.



Pintor Amoedo
Desenho de Raul

Aí viveu o velho Papagaio, que era uma sala aconchegada e simples, mas, sempre, com ótima frequência, o balcãozinho do Fagundes, charuteiro, à direita posto, com a sua mercadoria à mostra. Ao fundo, as mesas de um restaurante, onde se comia um famoso porco assado, digno do tricínio de qualquer imperador romano.

Nele Bittencourt da Silva Filho, pouco tempo depois elevado à categoria de diretor do Liceu de Artes e Ofícios, tipo comunicativo, inteligente, alegre, com uma eterna preocupação de pilhérias inéditas, ofereceu a

um grupo de artistas, certo jantar “às avessas”, cujo *menu*, impresso, era o que aqui se reproduz:

“Licores
Café
Morangos com creme
Peru com farófia
Couve-flor
Peixe à brasileira
Sopa de estrelinhas
Vermute e outros aperitivos”

Tudo, como se vê, loucamente, rompendo a norma de velhas convenções.

* * *

Entre o restaurante e o café, sobre um estradinho que um oleado vermelho enfeita e cobre, a bulha alegre de um quarteto, vibrando sempre trechos musicais da mais correta procedência. Harpa, flauta e dois violinos.

Terminada a página musical, corre, sempre, o pires da receita, cada um dando o que quer dar.

O tempo é de música nos cafés. O mais modesto possui a sua solfa, seja ela representada, apenas, por uma rebeca, por um piano ou por um preto cego tocando um violão ou uma gaita de foles.

A orquestrazinha do Papagaio é simpática. E muito brasileira. Notar que a época é de grande exaltação da música, com ótimos autores: Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazaré, Paulo do Sacramento, Costinha, J. Cristo, Aurélio Cavalcanti...



Eliseu Visconti
Desenho de Marques Júnior



Batista da Costa
Desenho de Marques Júnior



Caricaturista Falstaff
Autor desconhecido

Tempo da modinha blandiciosa, que, embora um tanto choramingas, no seu ritmo que lembra o embalo da rede cabocla ou o agitar de um leque de palmeira, ainda é a grande música que sacoleja e afaga o coração do povo. Tempo do tango, que é o nome que então se dá ao samba; tango ou maxixe, reação timorata à melodia angustiosa herdada dos velhos tempos coloniais e que só entra em agonia, depois, com os surtos da remodelação por que passa a cidade, desfazendo-se com os bolores e as sombras do passado melancólico.

O quarteto do Papagaio é muito antigo. Vem da fundação do café Paula Nei, quando aí chegava para tomar um parati pingado, engolir um conhaque, mastigar umas mães-bentas, não se esquecia nunca, do niquelzinho da música.

E dava-o, sempre, com a maior boa vontade, com o melhor dos seus sorrisos, dizendo, invariavelmente:

– Para que toquem uma valsa bem sugestiva e um tango bem debochativo!

Solfa de Botafogo... Ruídos do Saco do Alferes...

E enquanto gemiam os instrumentos de corda, contemplativo ou abstrato, ficava ele, num gesto muito seu, marcando com as sobrançelas, o compasso da música ou com os dedos a rufar no mármore da mesa.

* * *

À porta do estabelecimento, no seu poleiro de folha-de-flandres, não esquecer quem do negócio faz reclame e anúncio – um papagaio vivo, autêntico, em carne, osso e penas mas que não fala. Passa os dias no seu poleiro de metal, mudo, de olho redondo e de cabeça torta, olhando os fregueses que entram, os fregueses que saem, ao lado de uma eterna espiga de milho verde, mas que lhe deve ser monótona e sensaborona como a vida.

Essa tabuleta viva dura, no entanto, pouco tempo. Um dia encontram, quando vão abrir a casa, o papagaio estiricado e frio, o bico aberto, a língua negra e cheia de formigas...

Dão-lhe, como substituto, um contraste, o *Bocage*, o mais falador e mais inconveniente entre os papagaios do Brasil. É um gramofone. Por que lhe ensinem coisas afrontosas, vive a repeti-las. Depois do

Rio Nu e do Pimpão, que recebemos de Lisboa, jornalecos pornográficos que se vendem pelas ruas com o assentimento da polícia, nada há mais imoral em toda esta cidade. É um calepino de indecências, é um porta-voz de desacatos à moral do próximo. Um escândalo! O que solta este louro, do alto de seu poleiro, no ouvido das incautas senhoras que passam pela porta do café, arrastando pela mão os seus pimpolhos espantados!

As “polacas” da Rua Sete ou do Largo do Rossio não têm, nas suas rótulas, escândalo tão vivo. Chega a vir gente de longe só para gozar as inconveniências do hilariante *Bocage*. E de tal forma abusa ele do direito de ser pornográfico, que a polícia intervém.

Vende-se por isso o monstro que é substituído por outro exemplar de linguagem mais sã e de melhor virtude.

Marques é o proprietário do café. Tipo amável, bigodudo, gordalhudo, *pince-nez* de cordão e ar de empregado público.

Artur de Sousa e Poggi Figueiredo, estudantes, logo que começaram a frequentar o café, certo dia, para pagar uma despesa qualquer, vêem-se, súbito, sem dinheiro. E perguntam ao garçom:

– Quem é o dono da casa?

– O de bigodes, acolá, ao fundo do estabelecimento.

Poggi a ele se dirige. E fala:

– Sr. Papagaio, desculpe...

Marques olha-o curioso e um tanto sério...

– Como o Sr. Papagaio talvez saiba, somos estudantes...

Conta o que consumiram, da surpresa de se encontrarem sem um níquel...

– Nós somos pobres, Sr. Papagaio, porém, somos honestos. Amanhã o Sr. Papagaio, terá seu dinheiro... E o Sr. Papagaio para cá, e o Sr. Papagaio para lá...

Marques que, desde o começo da explicação, amarrara a cara, já se exacerbava com tanto Papagaio; uma vez que ele não sabia se era aquilo dito por ignorância ou intenção de chufa. Não se contendo, acaba, afinal, por arrebentar, dando um vasto murro no balcão:

– Irra, que eu não me chamo Papagaio! Deixem-me de pagar o raio da despesa, mas, por favor, não me troquem o nome! Tudo,

menos isso! Chamo-me Marques, como meu pai. Não tenho nome de bichos na família...

Ora, esta cena, um tanto espetaculosa, presenciada por muitos, tem comentários e eco.

Um belo dia, Marques, que é bastante desleixado, em matéria de *toilette*, manda frisar a bigodeira. Raul, endiabrado, mofino, chama um garoto, na rua, e dá-lhe uns níqueis para gritar à porta do café, pelo menos de 5 em 5 minutos: – O Papagaio frisou o bigode!

Estava o estabelecimento cheio, a orquestra, em descanso, quando o garoto gritou, pela primeira vez:

– O Papagaio frisou o bigode!

Marques não gostou da tirada. Afinal, aquele grito era uma desconsideração perante a freguesia. Fingiu não ter ouvido. Cinco minutos depois outra dose de “Papagaio” e de “bigode”.



Mário Pederneiras
Desenho de
Marques Júnior



Navarro da Costa
Desenho de
Marques Júnior



Luís Peixoto
Desenho de
Marques Júnior



Fernando de Magalhães
Desenho de
Marques Júnior

Quando o garoto grita pela terceira vez, variando a frase, colaborando na pilhéria:

– Olhem só o bigode do Papagaio espichadinho a ferro...

Marques atira-se para a porta, de roldão, atrás do biltre, e ao seu encaicho corre até quase ao Largo da Carioca. Por que havia de fazer o Marques tal loucura? Nesta mesma tarde, todos os garotos do Largo, em bando, vêm para a porta do café azucrinar o pobre homem.

É preciso a intervenção da polícia. Assim mesmo, a molecagem, de longe, da Rua Sete ou dos lados da Rua do Ouvidor, grita, escondendo-se pelas portas das casas de comércio:

– O Papagaio frisou o bigode!

Raul, por esse tempo, é o líder dos trotes e das galhofas do café, esse mesmo Raul Pederneiras que, hoje, é lente da Faculdade de Direito, professor da Escola Nacional de Belas-Artes, compenetrado e austero.

* * *

Raul, Calixto Cordeiro, Falstaff, Crispim do Amaral, Dumienne, Amaro Amaral, Hevêncio Nunes, Artur Lucas, Gastão de Melo Alves, Adamissick e Peres Júnior formam uma roda unida e certa. É dessa roda que nascem: o *Mercúrio*, o *Tagarela*, o *Avança* e o *Malho*, este último ainda hoje cheio de vida e de saúde. Vezes emendam-se duas ou três mesas, à tarde, ou à noite, para horas de cavaco.

No Papagaio é que se forjicam, entre dois dedos de palestra, um café e um maço de caporal lavado (como se fuma nesse tempo!), as legendas que no dia seguinte não de completar os bonecos que surgem nos jornais e nas revistas de melhor nome.

O que se atira e o que se perde, como espírito e como verve, sobre o mármore dessas toscas mesas de café! A época é dos *jeux-de-mots*, de calembures e trocadilhos, corrompida expressão do humorismo e que nos chega da França, através do *Rire*, da *Assiette au beurre*, do *Journal de Paris*... Arrancamos, ao pobre idioma, o rude e perro linguajar português, que não se presta a certas agilidades, coitado, excêntricas combinações de palavras ou frases que, se não fazem rir pelos contrastes naturais, provocam gargalhadas, pelo estapafúrdio que encerram ou inculcam.



Leonardo de Bulhões
Desenho de J. Carlos

Raul é um mestre no *jeux-de-mots* que faz moda. Terça o trocadilho como um florete. Fá-lo, porém, quase sempre, deformando-o, por *boutade*. Para rir.

– Era uma vez dois anões que numa estrada se divertiam jogando dados. Veio a polícia e levou os anões. Moralidade – vão-se os anões, fiquem-se os dados...

Calixto segue-o de perto na peripetração do alucinante jogo-de-palavras.

Certa vez traz ele, ao café, uma fruta do Norte, espécie de pinha, muito complicada, lembrando um pequeno abacaxi, com uma castanha, idêntica à do caju, numa das extremidades. Diz que conhece, que já comeu a fruta, garantindo que é ótima. Mostra-a aos outros, muito divertido, quando o Crispim do Amaral pergunta, curioso:

– E você como a come?

– Como como? – fez, logo, Calixto – Como como? Como, como como!

Leva-se num teatro qualquer uma célebre peça de um não menos célebre autor, com este título: *A Passagem do Mar Vermelho*. É um desastre. À meia-noite chega João Foca, que também é da roda e conta, com detalhes, a queda formidável dos cinco atos que viu. Pobre *Passagem do Mar Vermelho*, com os seus risonhos cenários do Egito...

Alguém diz:

– Que dessa moxinifada fará como crítica, amanhã, a nossa imprensa?

– O que fará? – diz o Raul. – *Fará oh!*

Quando o Simas é açoitado pelos perdigotos do Prudêncio, no Café Paris, vem fazer trocadilhos no Papagaio. E traz sempre um engatilhado para contundir o Raul. Raul responde. Simas retruca. O Calixto mete-se de permeio. E não acabam mais! Dizem que esses maníacos, quando se encontram na rua, a certa distância, e se vêem na impossibilidade de atirar, um sobre o outro, um trocadilho qualquer, põem-se a trocar as pernas... É o cúmulo!

O que, talvez, pouca gente saiba é que foi um trocadilho do Simas que provocou aquele incêndio formidável que consumiu há 30 anos atrás o vasto edifício do Liceu de Artes e Ofícios.

Versão de Bastos Tigre que pode, entanto, deixar de ser verdadeira...

Numa sala do Liceu estavam reunidos: Simas, Santos Maia, Camerino Rocha, Joaquim Viana e outros, quando chega o Raul, que faz



J. Carlos
Desenho de Storn

um trocadilho qualquer, aproveitando o nome do Gaudêncio Neves, que volta ao Brasil, depois de dez anos de ausência, na Europa. Os jornais haviam publicado um telegrama de Paris, anunciando a partida de Gaudêncio. Depois, outro de Bordéus, informando o embarque de Gaudêncio. Mais tarde, dois telegramas: um, anunciando a sua passagem por Leixões, outro, por Lisboa e Dacar.

O Simas encara-o, faz um muxoxo e retruca, querendo achar o Raul:

– Vocês agora vivem a falar do Gaudêncio por “dacar” aquela palha...

Joaquim Viana, indignado, ergue a bengala. Camerino, que tem sob o braço uma garrafa de álcool, assusta-se, deixa-a cair no chão. Parte-se a garrafa, o Simas encharca os pés no líquido. É quando o Maia, a secundar o Joaquim, brada, furioso: – Mata! – E grita, de fósforo aceso, atirando-o sobre o líquido que se inflama. Simas, como um Satanás de mágica, foge, levando fogo na sola dos sapatos...

Arde, porém o edifício todo... um prejuízo de cerca de 600 contos de réis!

* * *

O garçom que mais serve à roda alegre do Papagaio é o Turíbio. Um bamba. Os bambas do tempo!

– Turíbio, que é isto? Que quer dizer este ponto falso, em cruz, posto assim, na testa?

– Estrupícios, seu doutor. Que querem! Na hora da encrenca não respondo por mim. Se o cabra ginga e quer me fazer alguma diferença, não consulto dicionário, vou logo de aríete em cima do bruto, que o engasgo. Vezes, tomo para o meu tabaco. Mas é da vida. Pancada não foi feita só para cachorro. É o que é. Ontem, levei, mas dei...

Esse o linguajar pitoresco do Turíbio, que ele aprende nas alfurjas da Saúde ou do Saco do Alferes com o “povo da lira”.

– Pois é, “seu” Doutor. Na minha meia-hora vou longe. Levei lenha na tampa-do-juízo, mas dei uma quengada no cabra que o cabra souo por quanto cabelo tinha...

– Onde foi isso?

– Na zona do agrião. Apito. Meganha. Estado-maior de grades...
Simples ou com leite, “seu” Doutor?

– Simples, Turíbio. Mas não encha a xícara.

Anda no café gingando, a cafeteira e a leiteira do serviço, na mão, sempre muito alegre, sabendo o nome de todos, contando bravatas.

Seu maior sonho é ser alferes da Guarda Nacional.

– Para que, Turíbio?

– “Seu” Doutor ainda pergunta? Para não gramar o lajedo frio da gaiola, subir de posto na hora do flagrante, mostrando a minha lagartixa de alferes no *habeas corpus* da Brigada! Ai, Ai! Então não vale mais bóia de sargento que caldo de cachorro?

Quando Raul era delegado de polícia, certo dia, o prontidão traz-lhe, na hora da revista dos presos, o inefável Turíbio. Turíbio baixa a cabeça, envergonhado.

– Você não toma mais juízo, Turíbio? Então, conte lá, o que foi isso? Quero saber como você veio parar até aqui...

E o Turíbio, muito sério:

– Cortei um português, “seu” Doutor. Já lavraram o flagrante...

– Ah – fez Raul, franzindo as sobrancelhas – mas como você ainda não é da Guarda Nacional, vai já para o “lajedo da gaiola”. Você desculpe, Turíbio... É da vida...

Turíbio comoveu-se. E mostrando um grande arrependimento:

– “Seu” Doutor me desculpe. Eu sei que fiz mal. Não devia fazer. Se eu soubesse que “seu” Doutor era delegado deste distrito, palavra de honra que não fazia o que fiz. Ia cortar o homem noutra zona...

* * *

Em 1902 ou 3 é que começa a aparecer o Olegário Mariano, que então colabora no *Kosmos*, sempre acompanhado de Luís Peixoto, que entra no café para mostrar os seus bonecos ao Calixto e ao Raul.

Outro que também aparece e do qual se diz que tem um talento enorme, rapazola de uns 17 ou 18 anos, é o J. Carlos.

Foi no Papagaio que conhecemos o Chico Loup, engraçadíssimo boêmio, depois repórter do *Correio da Manhã*. Endiabrado Chico Loup! Um dia levam-no a assistir a uma sessão cívica, onde Osvaldo

Paixão, orador popular, vai falar sobre Tiradentes. Sala repleta. Muitíssimas senhoras. Chico Loup, de ar fatigado, de olhos baixos, displicente, espera o orador. Surge Paixão. Aplausos. E o orador começa:

– Tiradentes, senhores, não morreu.

Chico Loup remexe-se na cadeira.

E Paixão, continuando:

– Não morreu, meus senhores!

Chico Loup remexe-se, de novo, faz um pigarro denunciador de profundo desgosto.

É quando o orador, pela terceira vez, querendo afirmar que a memória do grande mártir “vivia na lembrança de todos”, repetiu:

– Tiradentes, senhores, repito, ainda, não morreu!

Loup, num bocejo, disse alto, mas tão alto que toda a sala acabou ouvindo:

– Não morreu? Enforcadinho da Silva!

Era um homem assim.

São freqüentadores do café, entre outros, o Estêvão de Resende, tipo belo, forte, chicoteador de mariolas, Antônio de Freitas, o poeta Peres Júnior, Silva Marques, Navarro da Costa, Lima Barreto, Nicolau Cíancio, Amorim Júnior, Joaquim Viana, Santos Maia, Orlando Teixeira, Rafael Pinheiro, Rodolfo Amoedo, Fernando Magalhães, Abreu Fialho, Narciso Araújo, Plácido Isasi, Leôncio Correia, Frota Pessoa, Bittencourt da Silva Filho, Deodato Maia, Belford Ramos, Figueiredo Lima e Bastos Tigre.



*Schmidt, cabeleireiro
Desenho de Falstaff*

Por vezes, em seus *raids* alcoólicos, surge o Raul Braga, com grandes gestos, falando em voz alta, discutindo, berrando.

Pedro Rabelo, no café, um dia, vendo-o que entra com o rosto todo manchado de graxa, rolha queimada ou coisa semelhante, diz-lhe, naturalmente:

– Como trazes o rosto todo manchado!

E o boêmio, logo, tomando uma atitude shakespeariana:

– Cheio de manchas, como o sol!

Outra vez, vindo da rua e sentando-se a uma mesa, explica, como geralmente o faz, em voz alta, no diapasão de um homem que fala num comício:

– Fui a uma sessão espírita e estou tristíssimo. Disseram-me uma coisa profundamente impressionante. Trago dentro do corpo um “encosto”.

– Um “encosto”? – indagam.

E ele explicando:

– Um parasita espiritual. Um mau espírito que perturba e domina o espírito que o Criador me deu. A ânsia que me leva, por vezes, a preferir licores, caros, *whisky*, champanhe e vinhos de Tokay, ânsia que de maneira tão violenta põe em choque o meu pobre orçamento, é obra desse intruso. Vejam a minha sorte! Ah, mas eu vou reagir com independência e rigor, provando que não me deixo dominar assim, que, afinal, sou dono do meu ser... De hoje em diante...

E batendo com a mão espalmada na mesa:

– Garçon, traga-me um parati, o mais infame que encontrar na casa.

E aos amigos:

– Que eu não sustentarei mais “encostos” vagabundos a *whisky* ou a Tokay. Era a que faltava! Deixem o fantasma comigo. Quem manda no meu corpo sou eu!

Gonzaga Duque, Lima Campos e Mário Pederneiras formam, em geral, uma rodinha à parte. O menos assíduo é o Mário, grande poeta da *Ronda noturna* e das *Palavras ao léu*, sempre de ar tímido, *pince-nez* de vidros pretos, um maço de jornais e revistas debaixo do braço.

Gonzaga Duque, que escreve, então, a *Mocidade Morta*, é a figura central dessa trempe simpática que só a morte pôde um dia desfazer. Uma figura heráldica. É alto, fino, elegante, usa uma barba à Cristo, negra e bem tratada, emoldurando o rosto pálido, onde dois olhos meigos e profundos brilham através de duas lentes de cristal. Lima Campos, dos três, é o mais expansivo e o mais alegre; trabalha no Conselho do Município e escreve nos jornais. A roda papagaiesca adora-o.

Por vezes surge no café um dos homens mais populares da cidade – o cabeleireiro Schmidt, *coiffeur* do Paço, no tempo de Sua Majestade o Imperador, o Sr. D. Pedro II. Em 1901 é um velhote ainda conservado, porém, já mostrando aquela calva sessentona, que provocou do Raul o mais ignóbil dos *jeux-de-mots*:

– Os cabelos do Schmidt, nas têmporas, embranquecem, e, no alto da cabeça, “azulam”...

Entra com um lencinho na mão, rebolando os quadris, a revirar os olhos. As senhoras, quando precisam de um bom penteador, mandam-no chamar. No seu estabelecimento de *postiches*, espécie de Academia de Beleza e que fica próximo ao Papagaio, vive da concorrência das senhoras. Sempre viveu. A burguesinha do tempo, que vai ao Lírico no *bonde-de-ceroulas*, em poltrona de varanda, quando pode, manda chamar o grande Schmidt para lhe pôr a trunfa à *la mode de Paris*.

Outros tipos curiosos da cidade, por vezes, também ali entram, ouvem dois compassos de música, tomam uma xícara de café e vão embora. Entre eles está o gramático Hemetério dos Santos, preto, sempre dentro da sua sobrecasaca, muito miope...

Uma vez, tendo quebrado *o pince-nez*, não podia ler a tabuleta do bonde. Descobrendo a seu lado uma negra velha, a ela pediu:

– Faça o favor, minha senhora, leia, por mim, se esse bonde vai para o Matoso...

Resposta da preta ao mestre do idioma:

– Eu também não sei lê, não sinhô...

O homem é um filólogo profundo, coração de ouro, apenas um tanto discutidor. Essa mania cria-lhe algumas antipatias. Emílio de Meneses, por exemplo, não gosta dele. E quando ele não gosta de uma pessoa, geralmente a imortaliza. Hemetério terá, assim, que passar à História, dentro deste soneto:



Alfredo Rocha
Desenho de Storn



Gonzaga Duque
Desenho de Calixto

Neto de Obá, o Príncipe africano,
Não faz congadas, corta no maxixe,
Herbert Spencer de ébano e de guano
É um Froebel de nanquim ou de azeviche

No Pedagogium o grande e soberano
Quer que com ele a crítica se lixe,
É o mais completo pedagogo urbano!
Pestalozzi genial, pintado a piche!

Major, fez da cor preta a cor reiúna,
Na vasta escola da ornitologia
Se águia não é, também não é graúna...

Um amador de pássaros diria:
– Este pretinho é um pássaro turuna,
É o vira-bosta da pedagogia...

* * *



Lima Campos
Desenho de Calixto

Durante o carnaval o café, todo engalanado, é um refúgio de Momo. À porta, sacos de *confetti* e de serpentinas; máscaras, buzinas de papel; no interior, a bulha de cornetas e porta-vozes; as bisnagas, os berros, as chufas loucas, as loucas gargalhadas...

Raul organiza préstitos. Calixto compõe estandartes. Tigre alinha canções. João Foca, um pandeiro entre os dedos, ensaia o rancho. Frota Pessoa, furiosamente, raspa um reco-reco, Fernando Magalhães barulha um chocalho, Abreu Fialho sopra um canudo de papel. É quando surge o Cordeiro Jamanta, num *travesti*, de baiana, duas abóboras-d'água compondendo a linha do seio farto... E o cordão cai na rua!

J. J. era Ministro (J. J. Seabra) quando o *Correio da Manhã* abriu contra ele uma severa, uma tremenda campanha, que agitou todo o Rio de Janeiro. A sessão humorística “Pingos e Respingos” publicava, diariamente, no intuito de apressar a demissão do político, uma famosa quadrilha, muito lida e, por todos, decorada, que sempre terminava assim:

“Só tu, Seabra, não saís!”

Durou meses essa arremetida espirituosa e na qual colaboravam, embora anonimamente, os maiores poetas do tempo, de tal sorte esgotando as rimas em “ais”.

Chega o Carnaval, justamente quando mais acesa está a engraçadíssima campanha. Carnaval com estado de sítio e situação política complicada. O governo, que não deseja ver desprestigiado o seu ministro pelos foliões da rua, proíbe alusões a Seabra. Expressas determinações de meter na cadeia quem recitar versos onde haja:

“Só tu, Seabra, não saís!”

Além da polícia militar, verdadeira avalanche de secretas, todos de orelha em pé, seguindo os carnavalescos que cantam pelas ruas em busca das rimas em “ais”...

Sai do Café Papagaio o cordão do Raul e do Calixto, com estandarte ao alto. Sai a caminho do Ouvidor, barulhando caixas, batendo pandeiro, todos a dançar. Quando os carnavalescos chegam ao canto do Café do Rio, lugar onde se vê o delegado de serviço, comissário e todo um enxame de secretas e homens da polícia, Raul brada, corajosamente, aos do grupo:

– Canto! Música!

É quando irrompe, de todas as bocas, o que o Lima Campos escrevera e todos já decoraram:

Saem cordões tocando zé-pereira,
Todos os anos pelos carnavais...

Grande atenção dos homens da polícia ouvindo a rima em *ais*, infalível nas *blagues* feitas ao ministro. A quadra, porém, termina de modo cômico e imprevisto, porque assim se completa:

Sáimos nós em grande pagodeira...
Bum, bum, bum, bum, bum, bum, bum...

Mentalmente o povo recitara a frase mais que decorada:

“Só tu, Seabra, não saís!”

Um delírio no famoso canto do Café do Rio. Todos riem, todos aplaudem, todos acham, no caso, uma gostosíssima pilhéria. O próprio delegado de polícia não pode resistir e ri, também.

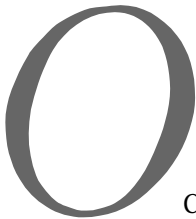
E lá se vai o bloco a cantar, espirituosamente, burlando a determinação expressa do governo, rindo do estado de sítio, Fernando Magalhães a brandir o chocalho, Foca, o pandeiro, Tigre, Calixto e Raul dançando “de velho” e o Jamanta com as duas abóboras-d’água no seio, na sua estilizadíssima baiana, carregando o estandarte de papel...

.....

Capítulo 19

O Café Paris

O CAFÉ PARIS, NO LARGO DA CARIOCA – O GARÇOM SALVADOR – HISTÓRIA ALEGRE DE DUAS GARRAFAS DE VILAR D'ALÉM – FREQUENTADORES DO CAFÉ – CARDOSO JÚNIOR – LUÍS PISTARINI – JOÃO DO RIO – O BOÊMIO RAUL BRAGA



CAFÉ Paris tem uma instalação chué. A própria sala é pequena. Duas portas de entrada. Soalho de madeira. Mesinhas de pé-de-galo, com tampo de mármore e cadeiras Thonet, mostrando assentos de palha sujos e afundados. Pelas paredes, espelhos, os espelhos da tradição, refletindo a falta de gosto do ambiente, a cara gordalhuda do Garcia, gerente, e o ar melancólico do Peixoto, caixa, muito sério, o lápis atrás da orelha, tamborilando, com os dedos, o tampo da sua escrivaninha de madeira, uma escrivaninha alta, montada em púlpito e posta na linha que separa o café do restaurante. Não esquecer umas decorações a óleo, horríveis decorações, postas nos intervalos dos espelhos, uma delas representando um pinto colossal, no momento de nascer, quebrando o ovo.

Não se sabe como, um dia, essa odienta pintura aparece com a assinatura do pintor João Timóteo, e, o que é pior, em lugar não fácil de apagar. Ao mesmo tempo um jornal publica: “O jovem artista Sr. João Timóteo expõe, hoje, numa das paredes do Café Paris, o seu melhor trabalho.” Surpresa até para o gerente do café. Timóteo, zangado com a pilhéria, deixa de aparecer-nos durante muito tempo.

O café tem, à direita de quem entra, uma porta de comunicação com uma charutaria, ao lado, que também se chama Paris, e onde o Antônio (que fundou, depois, a Tabacaria Londres, na Avenida) é uma espécie de associado, ou caixeiro de galão.

Ao fundo está a sala do restaurante, alta, vasta, toda forrada de espelhos, com os seus cabides metálicos e as mesas, muito juntas, entoadlhadas até os pés, os guardanapos em riste saindo dos copos virados, todos, de boca para cima.

O garçom principal do café é o Salvador, esse Salvador Gonçalves, que foi, depois, dono do Vitória, e que, hoje, capitalista, olha, aposentado e feliz, de uma confortável residência que trepa pelo morro de Santa Teresa, a cidade maravilhosa que ele viu nascer, há trinta anos, de um bocado de lama e de um bocado de lixo.

Salvador tem, pela época, uns 22 anos. É alto, é forte, é corado e espadaúdo. Ainda fala à moda de Vigo, onde nasceu, trocando o B pelo V e chiando nos “ss”. Tem um sorriso para tudo e para todos. É a grande simpatia do Paris. É solícito, bom, afável e risonho. Na hora do “rolo”, entanto, quando a cadeira zune no ar, o *bull-dog* pipoca ou a “marreta varre até onde acaba a casa”, é ele quem desarma o contendor, aplaca a ira ao sanhudo, pondo calma, ou fim à refrega. Leva, por vezes, as sobras do barulho; olá, se leva! Molha-se de sangue, mas isso, como ele sabe – são cavacos do ofício. Serenado o conflito, lava-se de arnica, bebe um copo d’água, põe uns esparadrapos na cabeça, e, quando um freguês, que vem de fora, lhe pergunta:

– Salvador, que foi isso?

Responde invariavelmente:

– “Chuchedeu... Já pachou”...

Um torrão de açúcar esse Salvador Gonçalves, galego dos verdadeiros, dos melhores.

Custa, em 1901, a xícara pequena do café simples, com leite ou “carioca” – cem réis. A média de café com pão torrado – 500 réis. Chama-se a esse pequeno *lunch*, capaz de forrar, com solidez, o mais exigente dos estômagos, “bucha” ou “almoço”. Refeição de estudante ou de boêmio. Há quem devore a “bucha” às 11 horas da manhã, de costas para a rua, a fim de não revelar, aos que passam na calçada, a modéstia da refeição.

Os de estômago débil, pela mesma quantia, forram-se de um famoso mingau de maisena, dado num “bol” enorme, de louça branca, e que se come “sujo” de canela e com uma grande colher. Custa também 500 réis e dá direito a guardanapo.

Há, naturalmente, em meio a toda essa freguesia barata de mingau e de médias, de poucas xícaras de café e muitos copos d’água, felizardos que usufruem ótimas mesadas, como Camerino Rocha, mesadas, porém, que duram obra, apenas, de dois ou três dias, dissipadas, como são, em estúrdias folganças, fora do café; há os que usufruem no jornalismo situações interessantes, como o Cardoso Júnior, pintores novos que vendem quadros por bom preço, isso, porém, é uma gota da d’água no oceano imenso da risonha e abençoada miséria, que representa a maioria dos boêmios freqüentadores do café, a famosa falange de *prontos* que ao chique estabelecimento menos vai para consumir que palestrar.



Gelabert de Simas
Desenho de Gil

“Pronto” é uma expressão da época, que ficou e que se diz criada por certo Clímaco Barreto, boêmio de uma geração anterior, o qual nos seus *raids* alcoólicos pelos botequins da cidade, bebia sem ter dinheiro, e, na hora de pagar, levantava os braços, dizendo aos caixeiros que o cobravam, tranqüilamente:

– Pronto! Revistem-me, agora, e vejam se descobrem por aí, em qualquer bolso, um níquel...

Os prontos do Café Paris, que aparecem mais tarde, em galeria, caricaturados, no *Avenida*, jornal de Cardoso Júnior, pelo lápis do grande Gil, já são de outra espécie, pois, pagam tudo o que consomem. Apenas, devido à ausên-

cia, mais ou menos freqüente, do níquel remunerador, restringem as suas consumações.

Em torno de uma mesa, reúnem-se doze rapazes: grandes cabeleiras, grandes chapéus desabados, grandes *pince-nez* de tartaruga, grandes e sonoras frases... Falam, alegremente, agitam-se, discutem. Sobre o mármore da mesa olha-se o que se vê? Dois cafés pequenos e dez copos d'água!...

Afinal, toda essa freguesia, virada de cabeça para baixo, não despeja, no soalho da sala, nem oito níqueis de tostão.

Certa vez, quinze desses jovens e sóbrios consumidores (a sobriedade de tal gente é tanto mais notável quando se recorda que a época é de bebedeiras e de bêbados) resolvem homenagear um companheiro da roda, Rodolfo Chambelland, pintor (o que hoje é lente na Escola de Belas-Artes e uma das glórias da moderna pintura no Brasil).

O autor destas linhas está incluído no bando.

De véspera, organizara-se uma “vaca” (expressão que hoje ainda se emprega como significando uma subscrição feita de improviso, entre poucas pessoas). Soma-se o resultado da mesma e encontram-se 6\$800! Por um natural pudor, tão grossa e importante quantia não é depositada nos cofres do café; Santos Maia, que seria o orador da folgança, ficando incumbido de guardá-la.



João Timóteo
Desenho de Marques Júnior

No dia imediato, às nove horas da noite, recebe-se Rodolfo com uma salva de palmas. Abanca o homem. Santos Maia chama, com grande pose, o Salvador e pede, não sem pôr nas palavras que pronuncia, destacadamente, um certo ar de importância e volúpia:

– Duas garrafas de Vilar d'Além!

Vilar d'Além é grande marca dos vinhos do Porto, nesse tempo.

– Então, hoje nenhum café? – indaga Salvador, o garçom.

– Nenhum – respondem os boêmios em coro.

O garçom afasta-se, e pouco depois, volta com a bandeja cheia de copos d'água – oito. Coloca-os tranqüilamente no mármore da mesa e de novo parte.

– E esse vinho, Salvador? – indaga-se.

– Vem já.

A esperá-lo, conversa-se. Salvador atende outros fregueses. Não dá impressão de que haja encomendado as garrafas. Nota-se isso, porém, e espera-se, ainda, um pouco. Passado certo tempo:

– Salvador! E esse Vilar d’Além, vem ou não vem?

Salvador afirma que não tarda:

– Está andando...

Vai, entanto, para a porta da rua, ver, de um batalhão do Exército, que passa, a charanga bulhenta.

São decorridos uns vinte minutos. E nada de Vilar d’Além! Maia dirige-se ao Peixoto, caixa, a fim de queixar-se do garçom.

– Pedimos duas garrafas de vinho do Porto. Reclamamos as mesmas, que até agora não chegaram à nossa mesa...

O Peixoto, caixa, grande colecionador de selos, e, que, no momento do protesto, tem os olhos na coleção da Nicarágua, sorri dizendo:

– São duas garrafas; não é assim? Pois eu vou providenciar, imediatamente.

Espera-se mais uns cinco minutos. Olha-se para os lados onde Peixoto está, e vê-se que ele vira, calmamente, as páginas do seu grande álbum de selos, alheio ao café e ao mundo.

Gritamos em coro:

– Pei-xo-to! E es-se Vi-lar d’Além, vem ou não vem?

Peixoto olha-nos, de novo, sorridente, arrancando o olho filatélico às páginas coloridas do seu álbum, e, com a mão espalmada, faz-nos um sinal, que é como o de quem diz:

– La irá ter. Está andando...

Mais quinze minutos. Promessa vã! Nada de vinho do Porto! Nada de Vilar d’Além! Há quem se irrite, há quem se disponha a fazer um escândalo de todos os diabos. É quando chega, vindo da rua, o



Salvador Gonçalves
Desenho de Marques Júnior

Garcia, gerente da casa, muito cortês, muito risonho, tirando o chapéu a todos:

– Meus senhores...

Gil, o caricaturista, num gesto rápido, ergue-se, então, embarcando-lhe o passo. E, num improviso eloqüente, fulmina Salvador e Peixoto. Explica o que sucede, desenha o desaforo, e acaba pedindo, a quem manda no café, providências. O Paris vibra diante do escândalo da oração. Há quem aplauda. Na calçada da rua pára gente a espiar. Salvador torce-se de riso.



Domingos Ribeiro Filho
Desenho de Gil



Leonardo Freire
Desenho de Raul

Garcia promete nos atender. Pergunta, então, meio esquecido do número de garrafas.

– Quantas, afinal, quatro? Seis? Oito?

– Duas.

– Perfeitamente. Duas.

Vai ao Peixoto, mostra-lhe uns papéis, e enfia-se pelo salão do restaurante, visivelmente dando-nos a impressão de que, também, não nos leva a sério.

Ainda se espera um pouco. Mais dez, mais quinze, mais vinte minutos!

Ninguém, naquela casa, positivamente, acredita que casualmente, embora, possa a nossa roda ser possuidora do necessário para pagar duas garrafas de vinho do Porto!

Levantamo-nos, por isso, indo tomar o vinho a outra parte.

O café, pelos dias que correm, é apenas um vulgaríssimo lugar onde, em geral, entramos para consumir e de onde, rapidamente, logo depois, saímos, sem a menor preocupação de pouso ou de demora. Não era entanto, assim, o café, no começo do século, o amável botequim que precedeu ao surto de remodelação da cidade, meio casa de família, meio grêmio, meio escritório, sempre cheio, ponto agradável de reunião e de palestra, onde recebíamos recados, cartas, cartões, telegramas, embrulhos, os amigos, os conhecidos e até credores!

Daí a intimidade verdadeiramente doméstica que se estabelecia entre freqüentadores e empregados, que acabam sabendo da nossa vida, como nós mesmos.

De se perguntar a um garçom:

– O Lourival Marcado vem hoje aqui, a que horas?

E ter-se, logo, como resposta:

– A hora do Dr. Lourival é de 8 às 10, porém hoje ele não virá. Casa uma sobrinha, no Méier...

– Qual delas?

– A Beloca, a que é filha do comissário da Marinha...

Os proprietários de imóveis, comumente, por um tempo em que agências de informações não existem, procuram, nos cafés, referências sobre futuros inquilinos. E não são enganados:

– Pode, o amigo, sem susto, alugar a casa ao homem, que o homem é “direi-



Belmiro de Almeida
Desenho de Raul

to”. E, depois, não é dos que vivem mudando. Há quanto tempo mora ele na Rua Bambina? Vai para nove anos. Então! E, se sai é por causa do raio da caixa-d’água. Trabalha na Alfândega, escreve nos jornais. Faz o seu “quinhentão”. Alugue!

Coisas, por vezes, da mais rigorosa intimidade, sabem esses funcionários de sala de café. A eles os homens casados dão, para guardar, os retratos e cartas das amantes ou das namoradas, perigosas, num bolso, sobretudo do que tem mulher ciumenta. Dos nomes deles, servem-se,

ainda, muitas vezes, para o recebimento de missivas, e até para assinatura da correspondência com certo risco... Prestam-se de boa vontade. É uma espécie de obrigação à qual nenhum garçom se furta. Prebenda de ofício. O freguês da casa, no tempo, é coisa sagrada e séria.

Fala um garçom ao *habitué* do café, que vai saindo.

– Que devo dizer, então, *seu* doutor, à francesa, se ela aparecer de novo, logo, por aqui?

– Diga-lhe que fui a serviço para os lados de Petrópolis. Hoje sou todo da Chilica!

As questões econômicas, essas, são derivadas para os caixas ou para os gerentes. Vai-se a qualquer deles com a maior naturalidade:

– Oh, Peixoto, passa-me aí uma “pelega” de dez, até logo. Quer que deixe vale?

– Não, eu tomo nota, na costaneira...

À tarde, os dez voltam, reforçando o crédito do freguês. Outros vão a somas maiores, às cartas de fiança, aos endossos de letras. O velho Brito, do Café do Rio, por exemplo, foi levado à falência por ter assinado um desses papeluchos. E por isso acabou morrendo de desgosto.

São oito horas da noite. As luzes do café estão todas acesas. Os boêmios começam a chegar. Já duas mesas se enchem deles.

Lá está o Trajano Chacon, o que fundou a *Ateneida*, de ar majestoso, sério, arrasando o Balzac, exaltando Gogol, de tal forma a provar que a escola naturalista veio da Rússia e não da França. Ao seu lado, o que tem cara de toureiro andaluz chama-se Gelabert de Simas, trocadilhista sorrateiro e vivaz. Pensa-se, ao vê-lo, atento, que ele ouve, interessado no assunto, a palavra erudita de Chacon. Burla! Atento está ele, mas, não ao assunto, porque o que ele espera é o oportuno momento para disparar um trocadilho sobre a cabeça do outro. Simas é um caso clínico que resvala para a rubrica da psiquiatria e que o Júlio Mário, interno do Hospício Nacional de Alienados, diz que estuda pacientemente... Simas é inconcebível, na sua obsessão. Para o fazer calar, muita vez, temos



O caricaturista Gil

que nos valer dos perdigotos do Prudêncio Machado, poeta da Bahia, um velhote falho dos incisivos e que vem rejuvenescer, de quando em quando, em nossa roda. Prudêncio Machado! Certa ocasião fez-se uma estatística dos perdigotos de que ele era capaz de lançar durante o tempo que recitava um soneto, e, parece que o cálculo alcançou a média de um perdigoto por quarteto decassílabo, e um e um quarto pelo mesmo, quando em versos alexandrinos. É perdigoto demais, para um companheiro de todas as noites, porém, é preciso notar que outra arma não tínhamos para vencer a impertinência de Simas. Prudêncio Machado! Prudêncio morava em Botafogo. Certa vez convida-nos a uma folgança em sua residência de celibatário, garantindo *buffet* e fonógrafo. Lá vamos. Somos uns vinte e oito, ou trinta. O que Prudêncio quer, porém, é injetar-nos um horrível poema de sua lavra, dividido em duas partes, vinte e oito cantos e um intróito em cinco sonetos alexandrinos! Quando sentimos a traição, sob a forma de laudas de papel na mão de Prudêncio, quase desmaiamos. Hélios Seelinger quer fazer um escândalo. A luta que temos para o acalmar!

– Participo aos meus bons amigos (quem fala é Prudêncio) que vou fechar os bicos de gás, a fim de recitar o intróito do poema, intróito esse que sei de cor, cinco sonetos alexandrinos, obedecendo, todos, a este título – “Pórtico – Nas trevas!”

E continuando:

– Que na escuridão completa seja, portanto, ouvida a *ouverture* do meu trabalho. Pigarreou, satisfeito, e, feita a sombra, começou:

*Oh! Deus, que estás no céu (ou fora dele) atende
Que é Prudêncio, Senhor, quem te fala do escuro!*

Diz o vate a primeira horrenda quadra; diz a segunda.

Até aí, muito bem. O resto, entanto, que ele vai recitando é acompanhado de uns surdos ruídos: pá e pá, pá e pá, pá e pá, pá e pá, que impressionam o auditório. Será o vate que está a marcar, batendo com a mão na coxa, o ritmo do verso? Pensa-se.



Rafael Pinheiro
Desenho de Gil

Continua o poeta e os ruídos também, misteriosamente. Pá e pá... Pá e pá... Pá e pá... É verdade que se ouve, num momento, a voz de Hélios, que sopra em surdina:

– Passa a outra que a minha já acabou...

Ouve-se, mas não se liga importância àquela frase breve e solta no ar.



Joaquim Viana
Desenho de Marques Júnior



Prisciliano Silva
Desenho de Marques Júnior



Trajano Chacon
Desenho de Marques Júnior

E o ruído das pancadas – pá e pá, pá e pá, pá e pá, pá e pá, continuando, continuando...

Súbito, Prudêncio, que interrompe, em meio, o seu jorro poético, dizendo:

– Não recito mais, porque estão me atirando bananas...

Era o Hélios, que esgotara duas fruteiras do homem do *buffet...* e malhava-o no cálculo de uma banana por perdigoto. Graças a tão cômica mas sábia providência, livramo-nos de ouvir, até o fim, o enormíssimo poema do Prudêncio Machado, e o seu formidando intróito.

Volvamos, porém, ao café.

À mesa onde pontifica o Antônio Austregésilo, poeta que se assina Antônio Zilo, macabro autor de contos hoffmânicos, está o grupo dos simbolistas. Está o Lourival Santos, sempre de preto, de luto pela gramática, e o Carlos Góis, filólogo, ao lado, a recolher-lhe os solecismos; Gustavo Santiago, tão agredido pela crítica ao publicar *O cavaleiro do luar*, pequenino e dependurado a um *pince-nez* de tartaruga, enorme; Oliveira Gomes, alma feita de arminhos e de sedas, Deodato Maia, Maurício Jobim e o satânico Colatino Barros, ruivo, magro, vermelho,

falando muito pouco e a piscar, furiosamente, as pálpebras, num tique nervoso e antigo.

Olhem: aquele que acolá está, magro, muito pálido e muito bem penteado, o que endireita o botão da polaina marrom, em frente ao Mário Lima Barbosa, é o Vítor Viana. O da direita, risonho e magro, coroadado de uma basta e lisa cabeleira, é o Camerino Rocha. Pisca, nervoso, os olhos. Torce o pescoço. Pigarreia. Sorri. Tremem-lhe a mão, o braço, a perna, o pé, o tronco. Mexe-se na cadeira. Levanta-se. Cai-lhe o chapéu. Senta-se. Tomba-lhe o maço de jornais. Ergue-os, por sua vez. Fala. Discute. Ri. O homem é um dínamo. O Emílio é que o define bem – “rã de laboratório”. De corpo e de alma. Temperamento singular! E as suas atitudes? Fala esgrimindo a frase. Tem o culto do idioma. Adora o clássico. Aos seus ouvidos as palavras em calão batem como pedradas. Vive sempre a protestar:

– Bruna o seu vocabulário!

Tapa os ouvidos para não ouvir prosaísmos. Uma vez, tendo as mãos sujas, indaga a um garçom:

– Onde é a pia das abluções?

O homem inquirido, tomando um lugar por outro, põe-no em caminho errado:

– Ao fundo, na segunda porta, à esquerda.

Camerino vai e depois volta, furioso:

– Ínscio e bajoujo funcionário, alborcador de sítios! Indica-me uma espúria e moncosa cloaca, em vez da pia de abluções...

Certo dia, no seu tugúrio à Rua do Riachuelo, discute entre amigos questões transcendentais. Vem descendo da velha Índia do Mahabarata até cair sobre Nietzsche (coqueluche erudita da época). Está esculpindo períodos, burilando frases, doirando vocábulos quando uma porta que dá para o corredor abre-se, de repente, e dela surge a figura reles de um homem de espesso ventre, de bigodeira em gancho e barba por fazer. É o Sr. Manuel Ferreira da Silva, dono da casa de cômodos



Vítor Viana
Desenho de Marques Júnior

que o Camerino chama *Solar de Apolo*. O Silva anda a reformar o pardieiro, a pintá-lo, empapelá-lo e quer saber:

– A cor que o Sr. Doutor deseja para o papel do seu quarto...

O homem que é prosaicamente interrompido na alocação brilhante que já convence, recua irado, e, num ímpeto, vai responder à afronta, numa réplica física. Vai, mas não responde. A razão ilumina-o. Camerino deve três meses de aluguel de quarto. Pensa. Reflete. Acalma. E, comedido, murmura, afinal, declarando-lhe a cor:

– *Fraise écrasé*, com cisnes wagnerianos, Sr. da Silva!

Silva pasma e sorri, acreditando que o seu hóspede lhe tenha feito alguma saudação de despedida em idioma estrangeiro... O “Sor” Camerino é bom hóspede. Dos que só devem três meses... Merece consideração. Sente-se inoportuno. Não insiste. Curva-se, e balouçando as guias do bigode, pede perdão e satisfeito parte.

Há um grupo onde está o Bastos Tigre, já com a sua graça moça levando o humorismo do Emílio à parede, o Frota Pessoa, o Jaime Guimarães, o Leão Veloso Neto, folhetinista, o Antônio Sales, da Padaria Espiritual do Ceará e em bando enorme: Vitorino de Oliveira, Silva Marques, Júlio Tapajós, Pedro Vaz, Nicolau Ciâncio, Castro Moura, Gabriel Pinheiro, Azevedo Cruz, Rafael Pinheiro, Domingos Ribeiro Filho, Vital Fontenele, Álvaro Benjamim de Viveiros, Lucílio Albuquerque, Hermeto Lima, Joaquim Eulálio, Carlos Nelson, José Mariano, Sebastião Sampaio, Neto Machado, Aguiar Pantoja e, ainda, outros.



Benjamim de Viveiros
Desenho de Marques Júnior

No grupo de pintores e escultores está Hélios Seelinger, chegado da Alemanha, onde passou seis anos. Discute, fala. É uma caricatura do *Simplicissimus*, dentro de um fraque, escândalo no tempo.

(Abra-se um parêntese para o fraque do Hélios.)

Essa peça de sua exótica indumentária, feita em Munique, alarma os alfaiates indígenas, quando lançada entre nós. O fraque bávaro, largo e rabudo, cruza, atrás, as suas abas, como as tesouras. Para retificar

o erro do algibebe, é necessário colocar-se, em cada uma delas, algumas moedas de níquel. Parece que com menos de seis tostões a coisa não dá certo. Somente, aí pelos dias 25 ou 26, quase a chegar ao fim do mês, Hélios lança mão do lastro metálico em depósito... e as abas do fraque começam, de novo, a cruzar. (Feche-se o parêntese.)

Heitor Malagutti, na mesa dos pintores e escultores, quebra a monotonia do copo d'água, tomando um giroflê. Giroflê é a cachaça da terra, cachaça de Parati ou de Angra dos Reis, apenas pingada, como se usa na época. Malagutti fala. Ouvem-no: os irmãos Chambelland, os irmãos Timóteo, o Lucílio Albuquerque, o Cunha Melo, o Fiúza Guimarães, o Batista Bordon, o Prisciliano Silva, muito surdo, tão surdo que uma vez, no quarto de Santos Maia, sendo chamado para ver um porco que matavam a facadas, sem ouvir o animal, que berrava, alucinadamente, comentou:

– Eta, bicho valente! Abre a boca e nem grita!

No grupo dos músicos estão: Araújo Viana, Júlio Reis, Patápio Silva, Jerônimo Silva. Os caricaturistas chamam-se Gil (o grande Gil), Vasco Lima, Lobão, Arnaldo Gonçalves, Cândido, Albert Thoreau, J. Artur e Storn. Não esquecer Belmiro de Almeida com a sua trêfega e encantadora maledicência.

Há ainda, o numeroso grupo dos rapazes da Marinha, à frente do qual está Ubaldo Xavier da Silveira, simples segundo-tenente, porém merecendo bordados de almirante, pelo extraordinário espírito que revela, o mais galhofeiro e o mais original entre os seus pares. Ainda hoje os homens que viveram no tempo recordam com saudade as blagues, todas elas de um sabor inédito, desse que foi uma espécie de Emílio de Menezes do mar. A vida anedótica de Ubaldo daria um livro. E um livro interessantíssimo. Conta-se, por essa época, do simpático boêmio, esta história curiosa:

Ubaldo deixa de comparecer, durante muitos dias, ao Batalhão Naval, aquartelado na ilha das Cobras. Fato grave. Gravíssimo.

Daí mandar, o comandante, um ofício à residência do mesmo, ordenando que ele se recolha, imediatamente, à corporação, considerando-se preso. Chega o ofício às quatro horas da tarde. Ubaldo ainda dorme! Uma pessoa da família sacode-o no seu leito:

– Ubaldo! Ubaldo! Ubaldo! Acorda que estás preso!

Despertado pelos gritos, Ubaldo senta-se na cama, olha a pessoa que lhe mostra, então, a lauda do ofício, onde se inscreve a ordem terrível. Só aí sabe do que se trata. Abre, porém, a boca, sonolento, sorri filosoficamente, e, aconchegando, com a maior calma, a cabeça ao seu morno e macio travesseiro, responde semi-adormecido:

– Ora, bolas! Pois então deixem-me dormir enquanto estou solto!



Lucílio Albuquerque
Desenho de Marques Júnior

Ao grupo de Ubaldo pertencem: Pedro Felício Brandão, seu amigo, o que morre tragicamente, pouco depois, de uma síncope cardíaca, num dia de carnaval, encostado à porta do seu quarto de hotel, vestido de *pierrot*; Edgard Linch, Etchebarne, Short, Cartago Barcelos, Lavoisier Escobar, Augusto Show, Antônio Nuguet, Feliciano Bittencourt, Olavo Machado, Ciro Cardoso de Meneses e João de Sousa e Silva.

* * *

São dez horas da noite. Entra o Santos Maia, nervoso, feio, pequenino, aderando de um ombro, a equilibrar, sobre um nariz acuminado, o *pince-nez* sem aro e sem cordão. Gesticula, ruidoso, e vem acompanhado de mais alguns boêmios.

Santos Maia acaba de dar a sua aula de grego a três “velhotes” que se prepararam para certo concurso em um ginásio qualquer.

Chega um pouco mais tarde do que costuma. Daí recriminações, indagações, perguntas. Há uma bulha infernal com a chegada do homem. Todas as mesas o disputam. Todas as mesas o reclamam.

E ele a se diluir em explicações, em frases, chistoso, risonho, *blagueur*, amável. Não é literato, Maia, nem músico, muito menos pintor



Vasco Lima
Desenho de Marques Júnior

ou jornalista. É apenas um homem de sólida e vastíssima cultura, uma inteligência brilhante, que faúlha. Explica um sistema filosófico, aqui, ali discute, cientificamente, a cura da tuberculose, acolá critica Goethe, Rembrandt, Mozart; é egiptólogo, conhece todas as línguas vivas, algumas mortas e não tem ainda trinta anos! Lê muito, lê sempre: na repartição dos Correios, de onde – dizem – é funcionário, nos bondes onde viaja, no café, em casa, de dia, de noite. No seu quarto de boêmio andam os livros sobrando nas estantes, sobre as mesas, aumentando a altura dos travesseiros, equilibrando falhas do colchão, servindo de calço às portas, entulhando malas, sacas, armários e baús. O quarto do Santos Maia!

Mora ele à Rua Santo Antônio, no sobrado da mulata Francina, sórdida casa de cômodos, com quartos divididos por tabiques de madeira e lona, num aposento que olha para uma área suja, e que, medido, pode dar, no máximo, uns seis metros quadrados: três metros para ele, Maia, e três para o Plínio Caldeira, que morre antes de ele se mudar para a casa da francesa Bordon, à Rua S. José.

Durante as noites de inverno, na falta de cobertor, o Caldeira enverga um velho uniforme de capitão de lanceiros, relíquia histórica dos velhos tempos do Paraguai, farda que pertenceu, ao que parece, ao pai de Santos Maia.

Sabe-se que, nesse quarto, por uma noite de inclemente frio, o pintor Hélios Seelinger dormiu dentro de um saco de violão, única coisa capaz de aquecer, que lhe pôde arranjar a mulata Francina.

Francina, a pitoresca Francina, analfabeta e gorda, muito devota de Santa Rita de Cássia, quando fala, expressa-se assim:

– *Sinhô tá cu dô di denti? Óie, seu Zuão teve assim. Botou creosotes, não passou; botou iodes, não passou; botou acide fênis, também não passou. Pegou, rancou, passou.*

Um dia levamos Carlos Góis, que era filólogo, a ouvir o linguajar cacológico da mulata. Carlos Góis zangou-se.

Por isso não deixou, Francina, de ser o número mais aplaudido do repertório que o Maia organizava para oferecer, em casa, aos seus amigos.

– Francina! – gritava o boêmio.

Lá vinha ela, obesa, enorme, no seu passo de gansa velha, fazendo gemer, com os seus cento e tantos quilos, o carcomido e sórdido assoalho da casa de cômodos.

– *Qué alguma cosa, sô Maia?*

E o Maia, muito sério:

– Diga, Francina, aqui, a estes senhores, de tal forma provando que você não é apenas uma excelente dona de casa, mas, ainda, uma criatura néscia, vanícola e mentecapta (a mulher derrubava a cabeça, confusa, agradecida, a revelar modéstia, coçando, sob o queixo escuro, e curto, uma verruga enorme); diga, Francina, diga, afinal, quem é este, aqui, que nesta moldura de jacarandá (e apontava para um quadro) sem ser lampião de querosene, todas as noites me ilumina o sono... Vamos...

E ela naturalmente:

– *Antão não sei, seu Maia ? Esse é seu dotô Vitor Hugo!*

Até chegar a grande neurastenia que o isola de todos e que acaba matando-o, Santos Maia assombra pela jovialidade e pelo bom humor.

Está cheio o café. O burburinho é enorme.

Chega João do Rio, que ainda não é o cavalheiro *smart* dos tempos áureos das edições do Garnier, mas um simples repórter da *Gazeta de Notícias*, com o seu *veston* modesto, as suas botas cambaias e aquele chapéu-coco que está na caricatura do Gil.

Já traz, no entanto, espetado ao canto do olho míope, o monóculo de cristal, mostra polainas, e, no lábio grosso e bambo, o indefectível charuto.

É expansivo, é alegre, é cortês, é sociável. Entra no café sorrindo, saudando a todos. E todos lhe respondem, com sorrisos... Cortesias hipócritas! No fundo, João do Rio não tem amigos. Todos o atacam. Todos o detestam. Todos. Negam-lhe tudo, a começar pelo talento que, sem favor algum, é o mais robusto e o mais fecundo entre os da sua geração.

Ele passa e ouve-se que sussurram:

– É uma besta!

– Não tem gramática.

– Lê e não digere.

– Vive a pastichar os escritores franceses.

Só? Não. Vão-lhe à vida privada. Atacam-lhe a honra. Afundam-no na lama!

– Pois não sabias? Ora essa! Uma coisa que todo mundo sabe!

E ele sorri, no entanto, superior e displicente, a todas essas misérias e torpezas, com um sorriso que nos faz mal, porque é sorriso falso e procurado, um sorriso de máscara, como que feito de papelão ou de pano...

Sente-se nele o homem que, se sorri, é apenas para que se veja e se diga que ele está sorrindo...



Cardoso Júnior
Desenho de Calixto



Jaime Guimarães
Desenho de Calixto



Raul Braga
Desenho de Calixto

E sofre com isso? Dizem que sim, que sofre. E as razões de tanta maldade? João do Rio vive, com a sua pena, a semear ventos. Colhe, naturalmente, tempestades...

No fim da vida muda um pouco, sentindo, em torno, a muralha alta e fria de prevenções, das suspeitas e dos rancores. Procura alguns afetos... Quando morre, porém, e dá-se um balanço nas suas amizades, o que se encontra? O coração do Cândido de Campos, a sangrar, o *pince-nez* do Diniz Júnior, molhado de lágrimas, e a pobre D. Florência, coitada, recebendo os pêsames de homens que nunca o leram e nem sequer o



Lobão
Desenho de Calixto

conheciam! Ainda hoje a memória de João do Rio sofre as conseqüências daquele ambiente de aversões e de ódios. Pouco nele se fala. E quem o lê? No entanto, a literatura do começo do século não teve cronista mais garrido, inteligência mais ágil, nem mais brilhante.

Já à porta surge a figura entroncada de Cardoso Júnior, *le bon géant* com os seus eternos jornais, os seus infalíveis folhetos de propaganda e a sua pasta-de-rolô, marrom e enorme, debaixo do braço. É um tipo esplêndido e viril, a porejar saúde. E bom humor. Usa uma barbicha rala, em ponta, a lhe fugir do queixo, um queixo de anglo-saxão, amplo, duro, e bem marcado.

Chega falando alto, do meio da rua, para que todos ouçam.

– O tempo de ver vocês e voar !

E tomando a primeira cadeira que encontra, caindo entre os da roda como uma bomba:

– Amanhã haverá um escândalo de todos os diabos! Vocês lerão verdades que nunca foram escritas!

Cardoso Júnior é do *Correio da Manhã*, que acaba de aparecer, ruidosamente, e vive embriagado com o sucesso estupendo de seu jornal.

– Meninos, uma tiragem louca! Nem queiram saber! As máquinas trabalham até às 11 da manhã!

Fala como que a recitar um discurso, estrondosamente, e, quando lhe dizem:

– Cardoso, fale mais baixo.

Berra ainda mais forte:

– É o meu metal de voz! Nasci assim! Fale baixo, você!

Quando ele chega e olha a miséria da mesa, cheia de copos d'água, bate palmas, reclama café.

– Ou uma vinhaçazinha, se vocês preferem. O que for!

Onde o Cardoso chega, só ele fala. É quem dirige a palestra. E todos ouvem com atenção e ternura. Não cultiva pessimismos ou tristezas. Campanha da boa vontade. Tudo é bom para ele: o mundo, a vida, os amigos, os quadros do Augusto Petit, os versos de Prudêncio Machado! O café que rejeitamos por sentir requentado ou frio, ele acha ótimo. Pede outro. Só tem amigos. E, assim como o Batista Bordon, não acre-

dita na existência das notas de 200 mil-réis, Cardoso Júnior não acredita também na maldade dos homens. É, por isso, feliz.

– Vocês vivem a dizer coisas do João do Rio... É um ótimo sujeito.

E olhando o relógio, pondo uma curta reticência em todo aquele dinamismo:

– Tenho que andar, garçom, quanto se paga nesta mesa? Mil e quatro ou mil e seis?

– Oito tostões, apenas, Sr. Cardoso!

– Pois pegue lá doze. E enforque-se com a sobra.

Atira para a mesa os níqueis:

– *Ciao!*

E lá se vai, o chapéu no alto da cabeça, o passo firme, resolutivo, cantarolando feliz, a ajeitar debaixo do braço a papelama dos jornais, das revistas, dos folhetos e a eterna pasta-de-rolô de cor marrom.



Frota Pessoa
Desenho de Calixto



Carlos Góis
Desenho de Calixto

Às 11 horas chega Luís Pistarini, que de tão lindo nome já goza entre os poetas de sua geração: tímido, de ar romântico – vasta cabeleira encaracolada, olhos profundos, num halo de olheiras roxas, a gravata de laço à Lavallière... É pálido, muito pálido e expectora.

– Esta minha bronquite ! ...

Quando o tempo esfria um pouco, levanta a gola do casaco, enrolando-se num *cache-nez*.

Chega tarde porque anda a namorar pelos bairros do Itapiru e do Catumbi. O amor é o seu esporte. Tem louros no campeonato... Afinal, o coração é músculo, também, precisa de exercício. Pistarini abusa, entanto, do músculo. O exercício fatiga-o. Sente-se isso no homem que chega ao café, derreado. Saúda, num gesto largo, a roda imensa. Senta-se. Nem café, nem copo d'água. Arranca do bolso um caderno, vários bilhetes, cartas, cartões, envelopes, um lápis, e, em meio ao tumulto que o cerca, alheio a tudo e integrado num sonho, cuida da sua correspondência. Correspondência de Cupido. Que é no café e de improviso que ele responde, em verso, às cartas de amor que recebeu.

Por vezes, suspende o que traça e pergunta:

– Vejam vocês se gostam disto.

E lendo:

Acabo de ler agora o teu cartão.
Tudo quanto me dizes é mentira.
Olha, quando eu cheguei ao teu portão,
Dona Gracinda disse-me – a Jandira?
Foi ao mês de Maria...

Terminada a correspondência, põe-se a dizer outros versos. Gosta de recitar. Recita pondo trêmulos na voz. Por vezes a tosse interrompe-lhe a estrofe abemolada e lírica...

– Esta minha bronquite!...

Uma vez vimo-lo, mais que em outros dias, pálido, olhando o lenço branco que se manchara de um ponto rubro...

– É a raiz de um dente que sangra – disse, tentando mostrar-se tranqüilo.

Aconchegou ao pescoço o *cache-nez* de lã, muito triste, levantou-se e partiu...

Não é um companheiro de todas as noites, Pistarini. Por vezes, passam-se tempos e tempos que ele não vem ao café, mas não esquece a roda, mesmo quando dela está muito longe.

“De Resende te escrevo. Que saudades!
Falo sinceramente. Não me crês?
A vida aqui é uma banalidade.
A saudade que eu tenho de vocês!”

Súbito, a figura esquelética de um homem que mostra o cabelo em desordem, a bigodeira hirsuta e o olho congosto:

– Que dizem, por aí, os papalvos do meu grande talento ?

A frase é um clichê. Baixo, sem chapéu, o laço da gravata desfeito, ele entra sem que um garçom lhe estorve o passo, sem que a gerência pense em lhe mostrar, mesmo com doçura, o caminho da porta por onde bulhento e em reboliço assoma. Todos o conhecem. Todos o recebem com indulgência e simpatia... É o poeta Raul Braga, o mais desatinado, o mais louco de todos os boêmios. Pára diante das mesas, citando, um por um, o nome dos que junto a elas se sentam, pois que a todos conhece. Depois, numa atitude melodramática, recita, erguendo o braço, no gesto de quem levanta uma taça de vinho:



Santos Maia
Desenho de Gil

Ao menos no rubi que neste copo brilha,
Eu te encontro, ó ventura! E esqueço a vida. E rio.
Sol que transforma em luz o meu viver sombrio,
Lindo rubi do céu, dourada mancenilha...

Vai buscar, longe, uma cadeira e coloca-a entre as dos nossos. Senta-se. Conserta os punhos. Conserta o bigode. Conserta o pigarro. Olha de soslaio para a mesa da esquerda, onde se fala alto e onde ele ouve que se discute Baudelaire, Verlaine e Rollinat.



Luis Pistarini
Autor desconhecido

– Três bestas – diz, aos da mesa, mostrando três dedos sujos. – Decorem: três bestas! Prefiro o Doutor Vitor Hugo, do Santos Maia. Vocês andam com a cabeça cheia de *Mercur de France. Le symbolisme*. Pfuff! – E tomando ares catedráticos: – Albert Samain. Jean Richepin. Émile Verhaeren. Rimbaud. Tristan Corbière. Paul Fort. Madame Rachilde. Sar Peladan e M. Comte de Montesquiou de Fezensac... Ah! Ah! Ah! Ah!

E mudando de tom:

– Salvador, traga-me uma “geribita pingada”, ou um giroflê, como diz mestre Malagutti, e ponha o líquido na conta do bestalhão do Silva Rocha.

Volta-se e, num gesto de afetada cortesia, tirando o chapéu:

– Você desculpe, Rocha, mas não sabia que você estava aí...

Já Salvador disparou para o fundo do café. Salvador é garçom avisado. Salvador tem o senso da gota que extravasa... Depois, do Silva Rocha *não sai coelho*...

– Salvador!! - berra o boêmio, pondo no berro toda a bravura dos seus pulmões.

Vem o Garcia, gerente, a correr, esfregando as mãos, pedir ao boêmio para não gritar assim. Se possível. Fala baixo, gentilmente, muito risonho, muito cortês... E de novo Raul Braga, erguendo a taça imaginária, a recitar para o Garcia:

Ao menos, no rubi que neste copo brilha...

Ora, por essa época, Calixto Cordeiro conta-nos esta história singular:

“– Levei um dia Raul para a minha casa. Nela passou ele mais de seis meses. Nem um copo de cerveja bebia. Completa regeneração. Passava os dias escrevendo, ou procurando, na rua, emprego. Como hóspede não sei de outro mais gentil. Sou testemunha do empenho que ele fazia para obter colocação. Ia a um amigo, ia a outro. Levou seis meses, assim, procurando, insistindo, entrando em minha casa constrangido, vexado, sentando-se à minha mesa, na hora de comer, como um homem que teme pesar a outro. Um dia, afinal, não pôde mais, e, a sós comigo, rebentou:

“– É uma fatalidade dos céus. O destino manda que eu seja um bêbado. Devo seguir o meu destino. Imagina tu que eu corri todos os meus amigos, todas as minhas relações, pedindo, implorando, esmolando um emprego, um lugar modesto, modestíssimo, embora, onde pudesse trabalhar e ganhar alguma coisa... Sorriram de mim. Ninguém acredita na minha regeneração! Prometem pensar no meu caso. Vezes tentam, generosamente, pôr entre os meus dedos que se fecham, moedas, notas de dez tostões!

“Chorou comovido e prosseguiu:

“– O destino quer que eu seja um bêbado!

“No dia seguinte”, continua Calixto, “Raul não voltou mais à casa. Fui encontrá-lo bêbado, no Largo de S. Francisco, gritando à estátua de Bonifácio.”



*Storn, caricaturista
Desenho de Léonidas*

.....

Capítulo 20

Confeitarias, centros de reunião

CONFETARIAS, CENTROS DE REUNIÃO E DE PALESTRA – TEMPOS DA PASCOAL – A TRANSFERÊNCIA DA RODA DE BILAC PARA A COLOMBO – SEUS FREQUENTADORES – A HORA DAS FAMÍLIAS E A HORA DOS “CACOETES” – O ROCHA ALAZÃO – OUTRAS FIGURAS POPULARES



QUEM quiser fazer a história da roda literária da Colombo terá, fatalmente, de falar da roda de Pascoal. No começo do século já existiam as duas confeitarias, como casas de primeira ordem. Havia, ainda, a Cailteau e a Castelões, estas, porém, ficavam já num segundo plano. Das quatro a mais antiga era a Pascoal.

Quando se fez a claridade da República, não havia melhor centro de reunião e de palestra. Lá é que davam *rendez-vous* os paredros da terra, os grandalhões da literatura, da política, do alto-comércio e das finanças. Lá foi que nasceu a chamada geração de Bilac, lá se criou, alimentada a empadinhas de camarão, mães-bentas, vinhos do Porto e Xerez.

Foi na Pascoal que o grande Paula Nei ganhou foros de sacerdote de Baco, oficiando as grandes missas da intemperança nacional, acabando por se fazer exemplo, guia e escola dos jovens literatos de

então, aos quais o romantismo, pela época, inspirava toda a sorte de desregramentos e desmandos.

Cenáculo de semideuses – quase todos mortos no verdor dos anos, no apogeu do talento, rico talento, dissipado a sorrir, dissipado a bater, faulhando, embora nas taças de cristal onde escorriam vinhos suaves e caros –, toda essa ilustre grei, onde está ela? Perdeu-se, lá se foi, e sem deixar, o que é pior, a obra que prometia e que esperávamos.

Na atroada das frases, na confusão dos *mots d'esprit*, das chufas e “partidas”, certa vez, alguém houve que apareceu trazendo, debaixo do braço, uma brochura espessa e mal impressa, obra que andou de mão em mão, olhada com espanto e com carinho. Chamava-se ela *Sertões*. Assinava-a Euclides da Cunha. Houve quem perguntasse então:

– Quem é esse sujeito?

Ninguém sabia quem fosse! Ninguém podia recordar-se de tê-lo visto, jamais, bebendo na confeitaria.

Surpresa singular...

Conta-se que Bilac teve, um dia, uma questiúncula qualquer com o proprietário desse lugar de gênios que foi a Confeitaria do Pascoal, à Rua do Ouvidor. Para a Colombo, então, transferiu-se Bilac. Num rasgado movimento de solidariedade, a maioria do cenáculo, unida, acompanhou-o.



Nei

Desenho de Marques Júnior

Verdade que, por isso, não ficou o velho centro às moscas, que só de literatos não vivia. Perdeu, no entanto, muito da sua auréola e as reclamações enormes de que gozava, uma vez que as mesmas começaram, daí por diante, a cuidar, apenas, da Colombo. E que reclamações!

Manuel José Lebrão e Joaquim Borges Meireles fundam a nova confeitaria no ano de 1894. Separam-se, porém, pouco tempo depois. Lebrão, entanto, foi o homem que, desde o começo do negócio, teve o grande contato com os fregueses. “Pai da roda”, como lhe chamam. “Papai Lebrão”... Seus filhos escrevem, todos, nos jornais...

Lebrão fia. Lebrão esquece dívidas. Lebrão serve doses duplas por doses simples aos diletos filhos das suas entranhas espirituais... Lebrão é inteligente, e até parece que, lendo a Bíblia, não se esqueceu da história amável de certo prato de lentilhas...

Integram-no à família literária. Guimarães Passos quando bebe demais, beija-o na testa e chama-o de “meu pai”. E como pai é por todos querido, festejado e defendido.

Certa vez, um funcionário da polícia, Pereira Teixeira, repelindo a insolência de um garçom, na loja, é por este agredido. A época é de não se levar desaforos para casa, época em que prosperam, graças a tão avisado princípio, a indústria dos vidros, a dos espelhos e a dos móveis frágeis... Teixeira castiga o biltre, ali mesmo, atirando-lhe algumas bengaladas. Vem Lebrão a correr do fundo da confeitaria. Teixeira, de novo brandindo o seu cajado, vingativo, racha-lhe a cabeça.

Os leões da família literária rugem. Mostram as unhas. Vão, depois disso, para as gazetas, e, esquecendo os primórdios da agressão, a justiça devida ao desacatado primeiro, desancam o funcionário da polícia. Mostram-se gratos. E o Lebrão, no dia seguinte, com a cabeça cheia de pontos-falsos, pingando lágrimas, abraça os da roda, muito agradecido.

– Vocês, filhos, são mesmo uns torrões de açúcar...

Eram.

* * *

No começo do século nós vamos encontrar a Colombo funcionando num prédio de mau estilo, loja e sobrado, com o número 34, na Rua Gonçalves Dias. Salão pequeno. Pequenas mesas. Espelhos curtos sobre as paredes com reles pinturas a óleo. De grande, na casa, só a tabuleta, fora, toda em lona esticada, num painel enorme posto sobre um *chassis* de madeira da terra, pesando no gradil da sacada de ferro, por onde espiam cinco janelas baixas, feias, de bandeira de vidro e sobrance-lhas de gesso.

Quatro são as portas que dão entrada para a confeitaria. Junto a uma delas, bem à vista de quem entra, há um empadário de ferro e de cristal e, mais para o centro da sala, outro, ambos aquecidos, ambos a fumegar entre nuvens ligeiras de fumaça, porque empadas, empadões, maravilhas, croquetes e pastéis, bem como toda a gama de petiscos da

regional pastelaria só se compreendem, no tempo, quando devorados a ferver, a queimar...

Cada empadário mostra, à porta, o seu Cérbero, montando guarda, o olho aritmético em vigia, para que o freguês não abuse dos erros de soma, lesando a caixa. Cérbero, no entanto, não intervém na escolha do manjar, olha somente, conta, fiscaliza. Se lhe indagam, porém:

– Quanto, a maravilha de siri?

Responde:

– Dois tostões...

E na hora de pagar, quando ouve o freguês:

– Creio que comi oito pastéis...

Quase sempre corrige:

– Comeu nove...

Na escolha da iguaria entram, pelo empadário, mãos limpas e mãos sujas, anti-higienicamente, a derrubar pilhas de empadas e pastéis, à cata das maiores peças, das mais quentes ou das de melhor aspecto. Presa a um gancho que avança da armação de ferro, há uma toalha enorme, cor-de-chocolate, onde se limpa o dedo emporcalhado de manteiga. Há quem leve essa toalha aos lábios. Fazem-se coisas piores, pelo tempo. A Diretoria de Saúde Pública ainda é uma repartição de cavalheiros que usam sobrecasacas e cartolas, que pesam no orçamento da despesa, mas que acharão ótimas, não só a toalha como a prática de revolver, com a mão imunda, o alimento que vai servir a todos...

Não confundir, já que falamos nessa famosa toalha de empadário, com outra que existe, ao fundo da loja, junto à pia de lavar as mãos, toalha que, a qualquer momento, espremida, deve dar, no mínimo, um balde d'água. No mínimo.

Emílio de Meneses, certa vez, nela querendo enxugar as mãos, ainda mais as molhou. Gritou, por isso, a um funcionário da casa, que passava:

– Eh! Garçom, traga-me um pano qualquer para enxugar esta toalha...

Antes de fechar o estabelecimento, as sobras do empadário vão alimentar o estômago da pobreza envergonhada. Às nove e meia da noite já ronda gente à porta. Homens de ar melancólico, os chapéus

descidos sobre os olhos, mulheres de mantilha, criança pálidas que choramingam, todos eles à espera dos embrulhos de pastelaria ou doce que vão ser distribuídos como se fossem níqueis. É por essa hora, pouco mais ou menos, que chegam os guardas-noturnos da zona, de roupa de brim e enormes gaforinhas, falando alto, gingando, fumando cotos de cigarros. Têm, eles, as primícias das sobras, ainda mornas, ainda dentro do empadário. Comem. Fartam-se. Regalam-se. Vezes, alargam cinturões de couro, pedem um palito, esgravatam a dentuça podre, e saem, depois, o passo tardo, bamboleando, sestrosos, não sem dar ao Cérbero, que está montando guarda à estufa, o “boa-noite” da pragmática, o “muito obrigado” da boa “indução”. Nada pagam. Gozam uma praxe velha e muito observada em estabelecimentos congêneres.

Quando aqui chegou, vindo de Viena, onde estudava desde menino, o poeta José de Abreu Albano (filho do Barão de Aratanha), trazendo a mais vasta cabeleira já descida em terras brasileiras e uma barba em novelo que lhe dava o bíblico ar de um Yokonan que usasse *croisé* de sarja, polainas e monóculo, um grupo de boêmios do Café Paris levou-o, pela hora das sobras e dos guardas-noturnos, à porta da Colombo.

E o Santos Maia lhe disse:

– Você chega ao Brasil sem conhecer os hábitos da terra. Ouça o que lhe vou contar. Vê, você, esse torreão minúsculo, de ferro e de cristal, que aí está plantado à porta do estabelecimento? É um empadário. Empada chama-se, aqui, a uma pastelaria indígena, feita de farinha de trigo, manteiga, azeitona, palmito e camarão. Manjar de deuses. Aproxime-se. Sorva esse cheiro bom que erra, dançando no ar.

E Albano, ingênuo e simples, ergueu a massa inocente do beque, dilatou as narinas, sorvendo, com prazer, o suave olor fugido do empadário.

– Na verdade, é magnífico!

Será bom explicar-se que o boêmio em luta com a família e separado dela, sem mesada, nesse dia, não jantara, nem mesmo tinha feito a refeição do almoço. Para iludir o estômago, bebera, apenas, no Paris, uma série de tristes copos d’água.

É quando alguém lhe diz, ainda, olhando um guarda-noturno que, em frente à porta da estufa de ferro e de cristal, termina a sua última empadinha:

– Aqui, depois de nove horas da noite come-se, sem pagar, toda e qualquer sorte de pastelaria. É tradição da casa, que o alimento não guarda de um dia para o outro. Você que chega à terra depois de tantos anos de ausência, precisa conhecer o que de novo há por ela... O Brasil não é um país, apenas, de hospitalidade, mas ainda um país de generosidade.

Poeta Albano arregala, furiosamente, o olho míope, iluminado num sorriso, arrepiando a barba:

– Pode lá ser?

E o Maia:

– Antes, para que possa você ter, do que se diz, uma clara certeza, olhe o guarda-noturno que está a limpar as mãos na toalha marrom, depois de ter comido o que bem quis. Repare.

Albano olha e vê o guarda, após o gesto da toalha, gentilmente tirar o seu boné e dizer ao garçom de sentinela ao empadário:

– Boa noite e obrigado!

– Então? – insiste Santos Maia – convenceu-se?

E o poeta Albano, mais que convencido:

– Vocês, então, não querem comer, comigo, algumas empadinhas?

Os que o acompanham declaram-se fartos.

– Coma você, homem, que nós, aqui mesmo, à beira da calçada, o esperaremos...

Poeta Albano avançou, pondo logo em exercício a queixada nervosa, que um apetite de lobo atiçava e movia.

E os outros em bolo, muito atentos, fora, a contar, lentamente, as empadas que ele vai devorando:

– Duas, três, quatro, cinco... dez... quatorze... dezesseis...

Em dado momento Albano suspende a refeição, arfa e desabotoa dois terços do colete.

Santos Maia, aproveitando a trégua, diz-lhe a fim de despistar o garçom, num idioma de Goethe:



Euclides da Cunha
Desenho de Marques Júnior

– *Vergesse nicht dem Kelner besten –
Dank zu sagen!*

O que ainda significa na língua do país:

– Não esquecer, quando acabar, de dar boa-noite ao caixeiro. Boa noite e muito obrigado.

– *Ich sah den Nachtwachter* – responde Albano continuando a comer. Tradução: “Sei o que devo fazer. Observei o guarda.”

Ataca, o poeta a vigésima empada!

Depois, vai ao balcão mais próximo, reclama um copo d’água, bebe-o voluptuosamente, molhando a barba, e dirigindo-se ao garçom do empadário, diz então, cortesmente, a derrubar o seu chapéu enorme:

– Boa noite e muito obrigado!

– Peço desculpas – retruca o funcionário – barrando-lhe a passagem, são dois mil-réis!

Em seu socorro parte Santos Maia, que diz, logo, ao Cérbero das empadas:

– Eu reclamo a presença do Lebrão!

Vem Lebrão, desconfiado, saber do que se trata. Maia pigarreia. Toma a palavra. Ora. Começa mostrando como a filosofia evoluiu até a Grécia de Péricles, para chegar a Diógenes, não sem citar o seu desprezo pelas convenções e a riqueza criada pelo homem.

No intuito de impedir que Lebrão escape, fugindo aos surtos da retórica maiesca, dois boêmios seguram-lhe os dois pulsos. Ouve Lebrão a exposição fluente que, no fundo, pleiteia, para Albano, as regalias do guarda que o precedera no devorar dos pastéis e de empadas, não sem provar, em linguagem castiça, que, se um vive a zelar pela guarda das portas, zela o outro, também, pelo prestígio do idioma. Grande salva de palmas.



Abreu Albano
Desenho de Marques Júnior

– Muito bem! Muito bem! – Lebrão sorri e declara que, apenas, o discurso é grande e belo demais para despesa tão pequena...

* * *

No começo do século a mulher ainda pouco passeia. Quase não sai à rua. Não obstante, quando, em voltas pela parte central da cidade, sente algum apetite, não entra nunca em um café, muito menos em um bar ou restaurante; em uma confeitaria, porém, entra. Aí, morde uns sanduíches, prova uns pastéis, bebe um gole de Málaga, completando a merenda com alguns doces, bombons ou alguns confeitos.

A Colombo, por isso, é um tanto freqüentada por famílias. Às duas da tarde começam elas a chegar. Vêm as Candocas, as Bembéns, as Mundicas, as Titas e as Lolós, a mão direita arrepanhando as saias, mui-tíssimas saias, a mão esquerda movendo vistoso leque de papel ou seda, olhando por baixo de chapelões enormes e de onde se dependuram flores, frutas e até legumes. É a moda.

Nas mesas, após os beijos e abraços, as frases da pragmática:

- Como vai a saúdinha...
- Muito bem.
- Que enorme prazer em vê-la!
- D. Marocas, viva!

Falam das noitadas do Lírico, dos bailes do Cassino, da estação em Petrópolis, lançando olhares para a esquerda, para direita, para onde se instalam os gabirus de polaina e monóculo, dentro de hirtas e solenes sobrecasacas, líricos e tranqüilos, limpando, a cotoveladas, o pêlo das cartolas *huit-reflets*. Atendendo-os estão entre outros empregados: o França, “diplomata” de grandes ademanes, de gentilezas e sorrisos e o que os da roda chamam “Maria Antonieta”, por lembrar as linhas de seu rosto muito oval e delicado, sobretudo quando de perfil, certos retratos da mulher de Luís XVI.

Até cinco da tarde as famílias imperam. Quadro íntimo e burguês, simpático e amável quadro. Não raro, sai daí, quando menos se espera, um casamento, um desquite amigável, quando não sai um drama passionai ou uma tragédia dessas que a gente lê, às vezes, nas gazetas.

De repente, olhando o relógio do fundo, começa o êxodo, em massa. E todos, quase que ao mesmo tempo, o que muito impressiona os que desconhecem detalhes curiosos da vida desta casa. Partem as mamãs, as titias, as sinhazinhas, as sinhadonas, e a récua dos guabirus, atrás, arrastando as bengalas de biqueiras de ferro, eternamente limpando o pêlo das cartolas, ou a endireitar, nas lapelas vistosas, o *bouquet* de violetas e a folhinha de malva. Saiba-se, porém, a razão de tão brusca saída.

* * *

Mutação de cenário na confeitaria.

O quadro representa, agora, um interior em Citera. Vão chegando as “madamas”, os “coronéis”, os “caititus”.

Olha-se o relógio – cinco e meia.

A fase familiar do estabelecimento acabou.

Já o murmúrio é outro. As cadeiras arrastam-se. Os garçons são chamados pelos nomes. Um sarilho de ninfas e de sátiros, derramando sorrisos, trescalando *Coeur de Jeannete*, *Pompadour* e *Aglaiia*...

Nas mesinhas de mármore os cândidos sorvetes são substituídos por absintos, Xerez de la Frontera, Tokays, Curaçaos, Pippermants... E gargalhadas, e ditos em altas vozes que vão de uma para outra mesa. Os garçons, mais contentes, giram a roda do negócio, satisfeitos, de uma para outra banda... É toda *a nata do demi-monde*. O que existe de mais chique pelas *pensions* da Lapa, do Flamengo e da Rua Senador Dantas. Não ficou ninguém na Valery, na Richard, na Susana, na Anita Block, na Bréia. Os grandes capitalistas do tempo, mais ou menos majores da Guarda Nacional, mais ou menos coronéis de jogo, de qualquer forma autênticos gastadores, os cabelos pintados a negrita, depois de sofrerem duas horas de massagens no Salão Naval ou no Doré (barbeiro chique da Rua do Ouvidor), entram solenemente a derrubar chapéus-do-chile, a torcer as guias dos bigodes duros de pomada *Hongroise* para mostrar os brilhantes dos seus dedos cuidados, carregadíssimos de anéis. Chamam-se as divas que eles procuram ou que freqüentam: Margot, Granger, Marthe, Charlotte, Ab-del-Káder, Marinete, Tina, Táti, Buy...

Não esquecermos que entre elas está a que se conhece por *Viúva de Pedro Álvares Cabral*, Susana de Castera, cujas pernas cancanistas ilustraram a mocidade risonha de nossos avós.

Essa mulher goza, no tempo, de um prestígio enorme.

Quando lhe morre a mãe, e, na igreja da Candelária, por sua alma, diz-se missa, quem escreve estas linhas encontra o mais respeitável e importante que existe, então, na política, na magistratura e em outras altas profissões do país, abraçando-a na sacristia da igreja. O Senado quase todo lá está, à frente dos seus representantes o próprio presidente, vice-presidente da República, o Senador Rosa e Silva!

Essa mulher, outrora, saiba-se: na campanha da Abolição teve relevo magnífico, batendo-se, galhardamente, em prol da liberdade dos escravos. Sócia de quase todos os centros de propaganda abolicionista da época, tinha a sua casa, que era uma espécie de Bastilha onde a autoridade não podia penetrar, sempre atulhada de pretos fugidos, por ela, muitos deles, depois, alforriados.

Em 1901 ainda é uma velhota esperta, gorda, a cabeça toda branca, por cima de uma peitarrá enorme, graças à qual ela não pode ver os pés.

Não falta, nunca, à Colombo. É a primeira que chega – depois da hora das famílias – e a última que sai.

Em meio à elegância e à vozeria dos que falam, fumam, bebem e dão risadas, discutem-se os grandes assuntos do *demi-monde*, noitadas em clubes como o dos Políticos, já mudado do Largo do Rossio para a Rua do Passeio, tricas de *baccarat* e de campista, na Pension Richard, na Pension Valery, intriguinhas de alcova, na Casa dos Tijolinhos ou em casa de Susana. Nomes: Rabellote, Suzi, Benevides, Fonseca, Marinete, Margot, Táti, Lyson, Granger...

* * *

À porta do estabelecimento está o Rocha Alazão, uma das figuras mais populares de seu tempo, mal-ajambrado, enorme, de sobrecasaca e de cartola. Prognata, tem um ar de moço de cavaliça, a queixada sem pêlo, a tez avermelhada, a cabelanção ruiva. Seus olhos piscos, pardos, lembram os da raposa, mas o faro é de cão. Rocha é inteligente, expansi-

vo, simpático, mas tem o horrível vício de pedir. Pede, aos amigos, tudo, a começar pelo dinheiro. Está à porta, de tocaia. Para pedir, para “morder”, como se diz na época.

Como sabe “morder” Rocha Alazão! E como se glosa a sua tradicional proficiência!

Leva-se, certa vez, uma peça de Coelho Neto – *Ao Luar* – onde há latidos de cão, enquanto vibra, alguém, uma sonata de Beethoven. Quer se saber quem com tanto talento imita o animal, nos bastidores.

– Quem será? – indaga-se.

– O Rocha – afirma-se. Há, entanto, quem conteste, desta maneira:

– Rocha “morde”, mas não ladra...

Nessa mesma noite surge, no intervalo do espetáculo, Rocha, que, por coincidência, pede a Emílio de Meneses 400 réis a fim de garantir a passagem do bonde.

– Quê! – diz-lhe o Emílio. – Pois tu ladras lá dentro e vens morder, cá fora?

Rocha, na Rua Gonçalves Dias, está no seu posto de honra, tocaiando o próximo:

– Oh, filho, vê se me arranja, para hoje, ao menos, uns cinco mil-reizinhos...

– Hoje não pode ser. Trago apenas mil e tanto...

– Então, passa-me o tanto...

O verbo “passar” é, na época, verbo de “mordedor”. Daí dizer-se que o Rocha vive do “passado” e chama-se a Rua Gonçalves Dias, onde ele opera, Rua da “Passagem”.

Infames trocadilhos.

Rocha pede com certa dignidade, risonho, exaltando sempre, para se fazer amável, a cor da gravata do “mordido”, a elegância dos seus ternos, o seu aspecto de saúde, escovado-lhe, com a mão, a gola empoeirada do casaco...



Granger
Desenho de Marques Júnior

Talvez fosse para ele que o Emílio, uma vez, ao sentir alguém que lhe pedia dez mil-réis e que, para agradá-lo, à guisa do serviço, da manga do paletó tirava-lhe, gentilmente, um fiapinho de lã, furioso, gritou:

– Deixe o fiapo aí!...

Não se sabe.

Vezes, a retórica é substituída por acenos.

Exemplo. Rocha descobre um amigo que está em uma roda, distante. Rocha levanta a mão e mostra-lhe, no ar, três dedos. Traduza-se o sinal por esta frase:

– És capaz de me emprestar três mil-réis?

Se o amigo responde negativamente, bamboleando a cabeça, Rocha, então, mostra-lhe só dois dedos.

Tradução:

– E dois mil-réis?

Caso a cabeça de novo balanceie, mostra-lhe o homem, aí, um dedo só, insistindo:

– Um mil-réis?

Se nada, ainda, não se desilude, trabalha com duas mãos: mostrando, com uma, o dedo em vertical, no espaço, e da outra, a ponta do indicador na intersecção da falangeta com a falanginha, a marcar meio dedo...

– Cinco tostões!

Não se descreva, por decência, depois disso, o gesto complementar com que ele, habitualmente, responde, sentindo a negativa à última consulta. Que o homem, por vezes, perde a compostura...

A roda literária que o admite em seu seio, muitas vezes, protesta contra esses excessos de pedir:

– Acabe com isso, Rocha! Há coisas que podem até refletir sobre nós. É vexatório! Você não é um homem, você é uma subscrição pública!

– Eles é que me dão – declara Rocha, desculpando-se.

– Pois não receba.

– Era o que faltava! Deixar de receber, por parte de meus amigos, provas tão delicadas de consideração e de amizade!

E vai, assim, algibeirando os “cobres”.

Houve um tempo em que o Lebrão pagou ao Rocha para não freqüentar a confeitaria. Espantava os fregueses. Ficava ele, porém, do lado de fora da casa, na calçada da rua, de tocaia... Dava no mesmo. Os fregueses viam-no, de longe, e, zás, voltavam todos. Lebrão aumentou-lhe a mesada, com a condição de Rocha não estacionar mais à porta, mesmo pelas proximidades da casa. Ficava ele, então, à esquina da Rua Sete, daí fazendo o seu ponto estratégico de assalto. Como notasse que muitos lhe escapavam, vindo do lado da Rua do Ouvidor, arranjou um comparsa que, semaforicamente, lhe dava com o braço o sinal de

– “Mordível” à vista!

Rocha atirava-se, então, numa rajada, subindo a rua, indo esbarrar o tipo, muito antes de ele entrar na Colombo. E, aí, “mordia-o”.

Lebrão ficava louco, sempre que a clientela lhe dizia:

– Rocha está agindo, aí fora, o homem continua...

Durante certo tempo, até pensou em arrendar, para o Rocha, um tabelionato em Óbidos, a fim de ficar, dele, livre para sempre.

Rocha disse, logo, que não aceitava a idéia. Sairia perdendo na transação. Os tabelionatos davam menos. Não quis. Declarou, peremptoriamente, ao Lebrão, que não era negócio.

Um verdadeiro inferno para o pobre dono da confeitaria.

Certo comendador rico e vítima dos assaltos constantes do boêmio – conta-se – ter-lhe-ia dito, certa vez:

– Sr. Rocha, vamos fazer uma combinação: no dia 1^o de cada mês o Sr. irá ao meu escritório comercial receber cinquenta mil-réis. Fica o meu amigo, no entanto, proibido de me pedir dinheiro pela rua. Dou-lhe mesada, mas reclamo *habeas corpus* para a via pública. Rocha aceitou a esplêndida proposta. Era abril, dia 28. No dia 1^o de maio recebeu o dinheiro. No dia 3, porém, encontrando o generoso amigo, na Colombo, num ar de ataque, dele, risonho e amável, se aproxima.

– Então, Sr. Rocha, diz o outro. Dinheiro? E o meu *habeas corpus*? Creio que já firmamos um contrato...

– Certo, comendador, certo. Apenas, eu lhe vinha pedir, firmado nesse mesmo contrato, um pequeno favor...

– Vejamos...

E ele, muito sério:

– O comendador não poderia fazer a fineza de adiantar-me 20\$000 pelo que me deverá pagar no dia 1^a do mês próximo?

Esse homem não é um iletrado, como se diz ou se supõe. E viveu, outrora, momentos de espírito que ainda hoje podem ser gostosamente citados. Que de outra forma não se pode compreender a simpatia de certos intelectuais por ele.

Henrique Marques de Holanda, cônsul aposentado e ainda vivo, um dos espíritos mais finos e mais aristocráticos, diga-se de passagem, da roda literária da Colombo, conta a quem quer ouvir o que se segue:

– Rocha cursou Medicina. Foi aluno do famoso professor da Faculdade, Barão de Maceió. Era por um tempo em que a teoria microbiana recebia golpes tremendos do comtismo, que a refutava ou dela escarnecia. Maceió traz, certa vez, para a aula, um microscópio, disposto a provar aos alunos a inconsistência das agressões da escola positiva. E dispõe-se a mostrar aos seus discípulos uns tantos micróbios já classificados.

Chama o aluno, fá-lo espiar pela lente do aparelho e dizer o que vê.

– Sr. Fulano, olhe por este óculo e diga-me o que está vendo.

– Vejo, Sr. Barão, uns traços em forma de vírgulas, diz-lhe um.

– Muito bem, pois o amigo está vendo o micróbio do *cholera morbus*.

– Adiante. Venha o Sr. Sicrano.

E o Sr. Sicrano diz, também, o que vê. Afinal todos vêem, claramente, os micróbios mudados nas palhetas. Em dado momento o professor chama o aluno Rocha.

Chega Rocha Alazão.

– Olhe o Sr. também, Sr. Rocha, e nos diga o que vê.

Põe Alazão o olho no óculo, espia, e diz tranqüilamente, no fim de certo tempo;

– Não vejo nada, professor.

Os colegas sorriem.

– Como? Não vê? Passe para cá o aparelho.

Examina-o e entrega-o de novo ao aluno.

– Veja agora...

– Nada! – continua o Rocha.

A turma inteira ri, gostosamente.

– Impossível! Veja, repare bem...

Continua o aluno a dizer que nada vê e a aula inteira a gargalhar, a gargalhar.

Maceió enfurece-se. E com energia:

– Olhe, atentamente! Repare, então se não vê, ao menos, lá no fundo, bem no fundo, refletindo o que se passa cá por fora, duas orelhas de jumento...

Rocha pôs, novamente, o olho no vidro de grau, e, depois de um instante, respondeu:

– Agora! Professor, quando V. Ex^a baixa a cabeça, eu vejo. Exatamente!... Duas orelhas de jumento!

Uma vez, correndo atrás de um “mordível”, Rocha, sabe-se, tropeça no lajedo de calçada, e catrapus... cai dentro do buraco do Lebrão.

O buraco do Lebrão?

Coisas do Rio antes do Passos, coisas que, registradas no tempo, talvez possam parecer, às gerações futuras, fruto da mais deslavada fantasia, da mais ousada e petulante farsa. Esse buraco é uma delas.

Os prefeitos da cidade, parecem, no começo do século, em sua maioria, estrangeiros que não se podem interessar pela terra onde mandam, já porque nela não nasceram, já porque só buscam, na mesma, apenas, meios de estabelecer, garantir fortuna, ou prestígio na política. A cidade é uma vergonha para a civilização americana. É a mesma cidade colonial de 1801. Sem tirar nem pôr – suja, atrasada e fedorenta.

Vamos, porém, ao famoso buraco do Lebrão.

Ora, em frente à Colombo, certa vez, para fazer-se uma obra urgente, cavouqueiros da Prefeitura, açodados e ativos, abrem profunda cova. Mas, terminada a obra, não a fecham.

Como a cidade é um crivo de buracos, pouco se nota o aumento de mais um. O transeunte que vem apressado, descendo a Rua Gonçalves Dias, olha a boca hiante do abismo – aliás sondável – faz, naturalmente, uma volta, mãos solícitas, tendo posto sobre o monte de terra que lhe fica à beira este amável letreiro:

Cuidado com o buraco...

Quando chove, a cova torna-se em pequenino lago, com o sol, mais ou menos depois, uma fossa lamacenta e cheia dos mais sórdidos detritos.

Lebrão pede aos foliculários, que freqüentam a sua confeitaria, que façam reclamações pelas gazetas. Gemem prelos. Há comentários chistosos sobre o caso. Um teatro chega a anunciar uma revista que, então representada, faz sucesso. Chama-se *O BURACO*.

Canta-se, nela, esta quadrinha:

“Sepultura de Prefeitos,
No buraco que aí está
Já caíram dois sujeitos
Um terceiro cairá.”

É o cúmulo. Acha-se, nisso tudo, muita graça! Mas a cova persiste...

É quando Bastos Tigre tem uma idéia genial – consegue, na chácara de um amigo, um coqueiro de dimensões razoáveis, e à noite, planta-o na grota funda. A imprensa glosa o caso. O “Lagosta”, caixeiro, a mando do Lebrão, rega-o todas as manhãs. E o coqueiro cresce, e dentro de dois meses avulta de tal modo que acaba dando sombra em torno.

O povo, alegre, festeja-o. E o coqueiro a crescer, a crescer... Só não dá cocos porque um membro do Conselho do Município, vendo-o, toma por um acinte feito à corporação, à qual pertence, a pilhéria do Tigre.

E graças a esse “caso de honra” que o humorista cria, sem querer, manda o Conselho tapar, então, o famoso buraco.



*Rocha Alazão
Desenho de Gil*



*Coelho Lisboa
Desenho de J. Carlos*

* * *

A roda ainda é de eméritos bebedores. Nei e Pardal Mallet já não existem em 1901; há, no entanto, entre outros quem os substitua com vantagens. Por exemplo, José do Patrocínio, jornalista e orador popular...

É de estatura meã, deselegante, gordo. Mulato escuro, quase preto, circunstância que não o impede de, certa vez, gritar, num improviso, muito sério e cheio da maior convicção:

– Nós, os latinos..

Orando, quando desfere o conceito, é sempre pronto. No argumento, incisivo. Cultiva a imagem romântica, que trabalha com relevos de artista. Isso vencendo a voz de timbre mau, uma voz que, quando se eleva um pouco, clangora e esfandanga em retumbos de tacho. Emílio descreve-o a fazer um discurso, num soneto imortal, que assim começa:

Esse Cícero cor-de-chocolate
Pela cana rachada de um discurso...

De sua sinceridade dizem horrores. Os homens que hoje engrandece, ataca-os amanhã. E vice-versa. Usa as opiniões como as gravatas.

A *Cidade do Rio*, na Rua do Ouvidor, é o seu jornal. Tem como redação uma sala modesta, mas o balcão da gerência é vastíssimo...

Patrocínio em prazeres se afoga. Ama o luxo, o conforto, as viagens...

Houve um tempo, em que ele amou as idéias e por elas se bateu, chegando mesmo a criar, na massa popular, um grande nome, essa massa que, quando ele cruza na Rua do Ouvidor, se acotovela e diz, depois, com desprezo ou ironia:

– Preto cínico...

.....

Capítulo 21

A Colombo

O MOVIMENTO DA COLOMBO À TARDE – BILAC, GUIMARÃES
PASSOS, PEDRO RABELO E PLÁCIDO JÚNIOR – HISTÓRIAS DE
EMÍLIO DE MENESES – O PADRE SEVERIANO DE RESENDE –
RECORDAÇÕES DO NAVIO DA LAPA – *MENELIK*, O CÃO DA
CONFEITARIA E A SUA GLÓRIA

S

ÃO quatro horas da tarde. Giram, ativos, os garçons. Burburi-
nho maior. Um arrastar bulhento de cadeiras, um espocar alegre de risadas.
Vozes. Psts. Palmas. Brados:

– Aqui, garçom...

E o gerente, solícito, dirigindo o serviço:

– Atende segunda à esquerda!

Pelo guichê da copa, por onde espiam cabeças e de onde vem
um confuso tinir de talheres, de louças, de vidros e cristais, gritos que
anunciam:

– Saem dois sorvetes!

– Um *anissette* e um cacau!

– Suspenda a tamarinada!

Há gente que se aglomera em torno do caixa afobado, cava-
lheiros que reclamam, senhoras que fazem perguntas tolas, crianças que

choramingam, enquanto garçons, destrinchando despesas, entregam notas ou moedas, à espera dos trocos.

A todos atende o homem assediado, sem perturbar-se na contagem do dinheiro, falando em voz alta e explicando as miúças da importância que entrega:

– Tiro de cinco, dezoito. São três e dois de sobra! Cartucho de níquel. Prata suja, porém, boa. Segue!

O estranho linguajar é um código usual de taberna ou café, mas que o ambiente elevado, como se vê, também aceita e assimila, em suas expressões que os homens do serviço logo entendem.

É por esse momento que começa a grande azáfama da Colombo, instante em que a freguesia enche, além das mesas, os lugares onde pousam os empadários, os tabuleiros, os balcões e as vitrinas de doces e confeitos, momento em que começam a chegar os figurões das letras, todos eles respeitosa e calorosamente saudados pelos garçons, pelo caixa e até pelo Lebrão, que cumprimenta abrindo os braços, curvo, como um bodoque, a medalha de ouro e de brilhantes a balançar na pança comendadora!

À porta de entrada eis que surge, de repente, um príncipe das letras – Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac. Alto, elegante, magro, mostra duas pupilas dilatadas por extrema miopia. É vesgo. Na linha da boca, franca e sensual, um pequeno bigode.



Olavo Bilac
Desenho de J. Carlos



Emílio de Meneses
Desenho de Gil

Em 1893 Guimarães Passos escreve-lhe a biografia. Sabe-se, por ela, que o artista é filho da cidade, mede um metro e oitenta e não gosta de música. Outras observações postas à margem da sua curiosa ficha antropométrica: memória prodigiosa. Predileção por Shakespeare, Dante, Musset e Hugo. Sensualidade. Generosidade levada ao excesso. Muita estroinice. Pouco orgulho. Nada de paixões duradouras. Superstição. Falso cepticismo. Sangue-frio. Diga-se, ainda, que o poeta não acredita em Deus e queixa-se do fígado, tendo tido, por questões de literatura, um duelo, e, por motivo de política, purgado quase seis meses de cadeia.

Grande nome. Grande popularidade. Todos o conhecem. Todos o recitam. Todos o discutem. Vive entre os algodões em rama da admiração nacional, mimado, querido, admirado. Os novos perdem o dom da palavra quando lhe apertam a mão pela primeira vez e os velhos falam-lhe como a um grande mestre.

Seus defeitos são os da roda. Defeitos da época.

Ama as *boutades*, as *blagues*, e os *mots d'esprit*. Dá mesmo a impressão de que não pensa em outra coisa. Espírito traquinas. Quase infantil. Só uma vez muda, um pouco, isso, quando se abala, impressionado pelo mal que, anos depois, acaba matando-o.

É por essa época que, ao sair de um restaurante, encontra certo amigo, homem de muita banha e pouco espírito, que assim lhe fala:

– Como estás magro, Bilac! Como estás desfeito! Que será isto? Impressão minha, ou doença ?

Bilac sorri, impressionado, amarelo, e, sacudindo, com dois dedos nervosos e fortes, a banha suína da papada do outro, indaga por sua vez:

– E isto, Manuelzinho, que tens aqui, entre os meus dedos, responde, anda, é estupidez ou gordura?

Esse espírito de ironia e de galhofa acompanha-o, depois, até a morte, dele nos dando a impressão de uma criatura integralmente feliz.

– A vida é bela, de qualquer maneira – vive a dizer.

A adversidade respeita-o.

A adversidade não gosta muito de homens que gracejam.

Os constantes gracejos de Bilac!

Na secretaria do governo do Estado do Rio, certa vez, escreve um ofício assim:

“Niterói, 10 de janeiro,
Saúde e fraternidade.
Demita-se o tesoureiro
Por falta de assiduidade.
E lavre-se a portaria,
O decreto ou o alvará,
Que entrega a Tesouraria
Ao poeta Luís Murat.”

A propósito de certa senhora que guarda, em sua casa, que é de alugar cômodos, um número impressionante de hóspedes, burila este epigrama:

“Mulher de recursos fartos,
Pecadora impenitente,
Como é que só com dois quartos,
Dás pousada a tanta gente!?”

A Guimarães Passos, que é “bolina” declarado, dedica esta quadrinha.

“Quando entrar na vida eterna,
Todo vestido de preto,
Encostará, logo, a perna
À perna de outro esqueleto.”

Bilhete que manda de Paris a alguém que lhe indaga da saúde:

“Respondo, quando hoje em dia
Alguém pergunta por mim:
Eu e a minha hipertrofia
Vamos indo, assim assim...”

Além de poeta, é orador brilhante, imaginoso, erudito, fluente, ao qual não faltam os recursos de uma voz sonora, redonda, clara e musical, isso dentro de prosódia rigorosamente brasileira. Nesse particular ele não faz a menor concessão. Leva um dia à parede Jaime Vítor, que aqui aparece sonhando com a nomeação de professores, vindos de Portugal, a fim de reformar o falar brasileiro, regulando, assim, nossa prosódia pela prosódia portuguesa. Bilac é grande e velho amigo de Vítor. Dá-lhe piparotes na barriga. Sacode-o pelo braço. Acha-lhe “imensa piada”. Um dia, em meio à discussão, Vítor solta esta frase enorme:

– “Spremos qu’un dia inda isso se f’rá”.

E Bilac logo:

– “Seu” Vítor, conjugue o presente do indicativo do verbo que eu tenho por esperar e você por “sprar”.

Vítor conjuga:

– Eu espero, tu esperas, ele espera...

– Está errado, “seu” Vítor, está errado, retruca Bilac, *blagueur*. Se você diz, “seu” Vítor, “sprança” em vez de esperança e “sprar” em vez de esperar, terá fatalmente, que conjugar o verbo, assim, preste atenção, “seu” Vítor, preste atenção: eu spro, tu spras, ele spraa...

“Seu” Vítor não pôde deixar de rir diante de tão velhaca pillhéria, dependurado ao poeta e a coisa acabou numa bacalhoadada violenta, comida no G. Lobo, que a fazia como poucos, um bacalhau do Porto, autêntico, supimpa, importado diretamente da Noruega.

Entrando, o príncipe das letras traz a reboque, sempre, como guarda de honra, três poetas: Guimarães Passos, Pedro Rabelo e Plácido Júnior. O primeiro espadaúdo e forte, com um par de costeletas a manchar-lhe o rosto amorenado e longo, lembra o “Fogo-foguinho” da Marquesa de Santos. Linda dentadura e um bigode em sarilho, enfeitando-lhe o lábio grosso, fresco como uma flor.

Uma vez, em Alagoas, onde nasceu, vai a bordo de um navio que parte para a Guanabara e deixa-se ficar. Sabe o que faz. Descubrem-no, mais tarde. Ao comandante do navio o jovem clandestino, que é um homem de espírito, em frases cintilantes, explica-lhe as razões de sua iniciativa. Comove-o. E de tal sorte que o outro acaba trazendo-o até o Rio. Chega, mas sem dinheiro. Não conhece ninguém. Isto é, de nome não só conhece, como adora: Bilac, Coelho Neto, Luís Murat e Alberto de Oliveira... A eles se dirige. É recebido acaloradamente, com marcas de simpatia, pois as credenciais que pôde apresentar são ótimas. Aqui se instala, tem logo bons empregos, situação na roda e nos jornais, glória, fama. Ama. Casa, mas continua boêmio.

Em 1901, na Colombo, é um janota, benquistado e relacionado. O próprio Emílio de Meneses afaga-o. Guimarães Passos bebe, bastante. Bebe muito. Bebe demais. Um dia encontram-no a marchar seguro às

grades do Passeio Público, muito lentamente, a mão, ora numa das varas de ferro, ora noutra, em passo onde se sente certa prudência e ritmo.

– Que fazes aí, ó Guima ? – perguntam-lhe.

E ele, continuando a dedilhar as varas do gradil:

– Estou tocando harpa!

E abusa tanto do instrumento que morre cedo. Morre, porém, onde quer morrer – em Paris, quando por lá passa indo buscar, na Suíça, um pouco de vida aos seus pulmões exaustos.

Antes tenta o clima da Madeira, onde piora. Há um postal (dirigido ao Henrique de Holanda?), no qual o poeta, cheio de esperança e bom-humor, escreve: “Acabo de chegar à Madeira. Que ela me pague em saúde aquilo que seu vinho me levou.”

Não se fez, entanto, o desejado encontro de contas que o poeta muito desejava. Teve de ir à Suíça. Seguiu viagem. E em Paris, certo dia...

Às tardes da Colombo não falta, nunca, uma grande rosa fresca à *boutonnière*, os olhinhos velhacos, meigos, bambos, o indefectível cigarro dependurado ao canto do lábio grosso e sensual.

Ao segundo, Plácido Júnior, chamam o “Pipinha”, o “Pipa”. Por que, se ele é tão magro e tão franzino? A coisa vem dos tempos em que o vate freqüentava a taberna do Babo, proprietário da famosa Pipinha Invencível, à Rua Uruguaiana, e onde se vende, ainda em 1901, o melhor álcool de cana vindo de Parati e Angra dos Reis.



Pedro Rabelo
Desenho de Calixto

Pipinha escreve na *Notícia*, faz versos, e anda sempre sem dinheiro. Para obtê-lo, no entanto, não cursa a escola do Rocha Alazão. Tem sua linha. Não “morde”. Isto é, uma vez...

Morava ele para os lados da Saúde, em um quarto trepado no segundo andar de uma casa de cômodos. Certa ocasião chega Plácido a casa, depois de meia-noite, sem níquel e, o que é pior, com alguma fome. Não consegue dormir. A noite é de

grandes calores. Abre a janela, e, atirado sobre o leito, em decúbito dorsal, espera a visita de Morfeu. Recebe a de um autêntico ladrão, que, do telhado da casa próxima, salta, caindo-lhe no quarto. É um espanhol pequeno, magro, talvez algum *pivete*, sentinela avançada de um bando de malfeitores. Num pulo rápido, Plácido toma-o pela garganta. O desgraçado treme, vacila ao cair de joelhos, subjugado, a murmurar:

– Perdão!

Pergunta-lhe o boêmio, feroz:

– Que vens buscar, aqui, na miséria em que vivo, ó infame?

O outro está transido de pavor, pedindo que o não mate, que o não entregue à polícia...

Deixa-o, Plácido, um momento. Cruza os braços, olhando-o, comovido. No fundo a recrear-se, romanticamente, com a idéia de ter diante dos olhos um verdadeiro malfeitor.

E o homem a choramingar:

– Solte-me, pelo amor de Deus!

No coração do boêmio jorra um fio de mel. E ele fala:

– Vou soltar-te. Afinal eu tenho entranhas, porém...

– Porém?... “seu” doutor? – faz o gatuno, espantado.

– Tens que deixar aqui, pelo menos, uma nota de cinco mil-réis. Não faço por menos.

O homem começou a meter a mão nos bolsos do paletó e das calças, pescando aqui, ali, acolá, um papelucho de mil-réis, uma prata de cinco tostões ou um níquel de duzentos réis. Tudo, junto, somou num bolo – quatro mil e seiscentos réis...

– Só tenho isso, “seu” doutor.

Nada mais tinha, com efeito.

– Passa, assim mesmo, e vai-te embora!...

E o outro, rápido, passou... E, livremente, partiu.

O último dos três é Pedro Rabelo, o vate da *Alma Alheia*. Escreve na *Gazeta de Notícias* e tem um cargo qualquer no Conselho do



Guimarães Passos
Desenho de Calixto

Município. É magro, pálido, um eterno *pince-nez* de cordão, sempre muito mal-equilibrado na ponta de um nariz longo, quase uma cartilagem de tão fino. Sua boêmia, porém, é uma boêmia de horário. Sua vida, de uma desorganização organizada... Que o homem, na sua excêntrica desordem, tem método. Desvarios, se os faz, é só até as seis da tarde, ou sete, quando muito. Ninguém o viu, jamais, à noite, num teatro, no Moulin Rouge, ou em qualquer casa de chope, por aí... Pai de família... Carregado de embrulhos, tem sempre o olho no relógio. E o pensamento em casa. No máximo, quando batem sete horas, bebe o último calisto de conhaque, cumprimenta os da roda e parte. Mora em S. Cristóvão. Lá chega, janta e arquiva-se.

Atenção, meus senhores, atenção, que vai passando, agora, a barriga do Emílio de Meneses, o homem de maior prestígio nas rodas boêmias, de seu tempo.

É um conversador admirável: vivo, leve, gracioso. Sua prosa incisiva e mordaz é toda uma seqüência amável de *jeux-de-mots*, trabalhada em planos humorísticos, brilhante, imprevista, nova, repontando aqui, ali, acolá, em *boutades*, em deformações gaiatas de tipos, de costumes, e de coisas. Um dizer cheio de vida e de simplicidade, quase sem gestos, sem teatro. Rio d'água a correr, naturalmente... De ver a atitude côncava dos que o ouvem, silenciosos e atentos.



Oscar Lopes
Desenho de Marques Júnior



Goulart de Andrade
Desenho de Calixto

O Emílio de 1901 já não é mais aquele bilontra ajanotado dos tempos do Encilhamento, figura obrigada das primeiras sensacionais no Teatro Lírico, das madrugadas elegantes no Restaurante Campestre do Jardim Botânico. Engordou. E, com a *silhouete*, ainda perdeu o que lhe

dera a jogatina da Bolsa. Em vez dos ternos do Raunier, usa ternos comprados feitos, umas gravatas bulhentas e um chapéu-do-chile, desses que se vão a lavar por 3 mil-réis, todos os anos, na casa do Filomeno, à Rua da Alfândega. De próprio punho confessa a sua crise financeira, num epitáfio traçado para ser posto em sua campa:

Morreu em tal quebradeira
Que nem pôde entrar no Céu
Pois só levou cabeleira,
Bigode, banha e chapéu...

É gordo, o carão largo e vermelho, emergido de sólida papada. Mostra dois olhos pequeninos, dois sorrisos travessos e mordazes, um bigode gaulês, em amplas curvas e de guias finas, quase a tocar a gola do casaco.



B. Lopes
Desenho de Raul

Quando conclui a sua chufa e em torno espocam fortes gargalhadas, os “É boa!”, “Colossal!”, “Extraordinário!”, dá-se um fato deveras curioso: quem mais goza do suco da pilhéria é ele próprio, que ri, então, como, talvez, outros não riam...

No verso cultivava a sátira. Sua lira é um carcaz de agudíssimas setas. Fere os outros, sorrindo. Por vezes fere fundo. Fala-nos dele o Bastos Tigre:

O florete sutil de um pérfido epigrama
Não há quem, como o Emilio, ousadamente esgrima,
Ai de quem do seu verso a estultícia deprima,
Vibrando-o, a gargalhar, como um lâtego em chama.

Às vezes ele sobe e vai, Parnaso acima,
E de *Poemas da Morte* alva caudal derrama.
O impecável da Forma, a opulência da Rima
Lhe dão de egrégio poeta a quebradeira e a fama.

Juvenal (sem Pacheco) e de bigodes grossos,
Ao vê-lo a turba alvar de tartufos soezes,
Jogando a banha farta, ou sacudindo os ossos,

Exclama, a suspirar, benzendo-se três vezes:
– Livrai-nos, santo Deus, dos inimigos nossos
E da língua fatal do Emilio de Meneses.

Até os seus íntimos amigos sofrem, por vezes, o acicate violento das suas sátiras. Um deles, infeliz com o casamento, ter-lhe-ia inspirado este engraçadíssimo epitáfio:

Quando esse amador de éguas
Viu da terra e cova espessa,
Disse a cova: – Abram dez léguas
Para o lado da cabeça...

De outro, tarado amável, com certo prestígio na roda, fez o retrato, aliás, rigorosamente verdadeiro, nestes versos:

Este foi dos mais completos
Sem nunca sair dos trilhos,
Pois foi pai dos próprios netos,
Foi avô dos próprios filhos...

Para o Bandeira Júnior, senhor das maiores orelhas já vistas por olhar humano, nesta terra em que elas concorrem com as dos mais alentados jumentos, traça esta quadrinha:

Morreu depois de uma sova
E como não tinha campa,
De uma orelha fez a cova
E da outra fez a tampa.

Para João Laje teria mandado, à guisa de epitáfio, esta estrofe supimpa:

Quando ele se achou sozinho,
Da cova, na escuridão,
Surrupiou, de mansinho,
Os dourados do caixão...

Nem os bigodes do Pinto da Rocha escapam!

O Pinto chega à janela
Para ver surgir a aurora,
Sai bigode, sai bigode,
Bigode, e o Pinto não pode
Botar a cara de fora.

Se, por acaso, o epigrama que escreve passa a medida das conveniências, não o rasga, jamais. A frase que diz, outrossim, não a refreia, se é violenta ou brutal. O necessário é que ela tenha espírito. E forma. O resto...



*Maria de Bragança Melo
Desenho de Marques Júnior*

Chega-se ao grupo, onde ele está, um dia, alguém de ar triste e preocupado. Fala:

– Venho das Laranjeiras. Venho de ver Fulano. (O nome pouco importa.) Que desgraça! Agonia!

E explicando melhor:

– Ontem chegou à casa, tarde. Dor de cabeça. Vômitos. Febre. Posto o termômetro, trinta e nove graus. Médico. À meia-noite, quarenta graus. Conferência. Três esculápios à cabeceira. Pela manhã, febre ainda, mais alta – quarenta e um. Venho de lá vendo o termômetro marcar quarenta e dois. É a cova. Como se morre assim!

Diga-se, embora, que o que sucumbe é um jornalista de ética, na realidade, um tanto vesga, gozando pouca simpatia entre os que estão presentes, mas amigo do Emílio.

Diante da nova triste, queda o grupo em silêncio. Eis, porém, que, entre os que o formam, um interpela o homem da notícia:

– Mas, afinal, que espécie de febre é essa?

E o Emílio, avançando, inciso e feroz:

– Pois não vês logo? Febre de mau caráter...

O melhor de seu tempo passa o poeta na Colombo, a fumar, a bebericar, como um perdulário, atirando, a esmo, o mais lindo de seu espírito, muito feliz, apenas, por sentir a auréola de acolhimento, de curiosidade e de admiração, formada em torno da sua pessoa.

Que lindo livro daria o anedotário desse homem, rigorosamente aproveitado! Apenas o livro teria que ser mais grosso do que ele próprio e assim mesmo excluindo as facécias de outros e a ele atribuídas. Que Emílio assume a paternidade de todas as anedotas, de todas as perversidades de sua geração, como Bocage assumiu todas as pornografias perpetradas no seu tempo. Quantas vezes nos contam legendas do *Punch*, do *Rire*, da *Assiette au beurre* ou de *Simplicissimus*, como últimas do Emílio!

Não raro, entanto, as flechas que ele desfere, eivadas de bom-humor ou de perversidade, ricocheteiam, no ar, voltam, e batem-lhe no peito...

O boêmio Raul Braga, que leva o bodoque do Emílio a sério, não o deixa sem resposta.

Uma vez, contam-lhe do poeta certa perfídia que o envolve. Vem voando de onde está, longe, para o “seu troco de corpo presente”, na Colombo.

Ora, justamente, nesse dia, o grande artista dos *Poemas da Morte* volta à roda, após seis ou oito meses passados sobre um leito de dor, onde sofreu operação gravíssima. Chega magro e barbado, barba cerrada, espessa, dessas que buscam, para nascer, quase a linha dos olhos, barba que lhe desce, ainda, sobre a linha do ventre. O homem lembra o *Moisés* do Buonarroti. E está ele a conversar diante do seu vermute quando, furioso, chega o Raul Braga. Chega, mas não o reconhece. Por ele indaga.

– Pronto! – diz-lhe o Emílio, sorrindo em meio à capilosidade que o mascara.

Raul fita-o, constata-o, reflete um pouco, e, com o dedo em riste, apontando para o rosto do poeta, de improviso, pergunta aos circunstantes:

– Sabem vocês por que razão deixou crescer, este sujeito, a barba?

Ninguém responde, e ninguém sabe.

E Raul, mantendo o dedo ameaçador, no ar, como uma ameaça de uma trágica vingança:

– Deixou crescer... para esconder a cara!

Como o caso tivesse algum espírito, por alvitre do próprio Emílio, pagou-se-lhe um vermute e um charuto, que pôde servir, então, de cachimbo da paz.

* * *

A nota da elegância que a dá, na Colombo, é o Guerra Durval, secretário da *Rua do Ouvidor*, jornal do Serpa Júnior, um que, às vezes, aparece puxando de uma perna, num tocante sentimento de solidariedade com os seus colaboradores, todos eles poetas que escrevem versos de pés quebrados. Guerra é a melhor



Luís Murat
Desenho de Marques Júnior

coisa dessa gazeta literária. Suas estrofes têm um sabor novo. E não claudicam, como o Serpa. Destoam, apenas, da cantilena parnasiana, em voga. E é por isso que o poeta não se faz benquisto da colombiana roda. É um sujeito entroncado, torrefelesco, que vive a olhar os outros com um olho de ganso, duro e insolente, por cima de uns ombros quadrados, feitos de algodão em rama.

Um dia esse arranha-céu humano deita um olho fatal sobre a bigodeira plebéia e arrepiada do Bastos Tigre. Tigre recolhe a “injúria” e vingá-se, escrevendo um soneto que ficou:

Este Petrônio de confeitaria,
Cujas grandes conquistas são sem conto,
Não receia ser posto num confronto
Com qualquer mestre da diplomacia.

É o exemplar mais acabado e pronto
Da *jeunesse dorée* de fancaria.
Dá lições de elegância todo dia
Às portas da Colombo, onde faz ponto.

Vol-au-vent literário, alguém relata
Que ele faz versos para só grafá-los
Com letras de ouro, em lâminas de prata:

Tem carros, automóveis e cavalos,
Possui duzentos contos e anda à cata...
De um editor que queira publicá-los.

Injustiça de Tigre. Adalberto, no tempo, é realmente um elegante, sendo que não é, apenas o Brummel da Colombo, mas do país inteiro! Quanto à *jeunesse dorée* de fancaria, mera questão de rima, *vol-au-vent* literário, uma *blague* escarrada. *Blague* de parnasiano... Dias após, são ambos vistos na sala do Cailteau, em colóquio amistoso, Tigre diante de um altíssimo caneco de cerveja, e Guerra a sorver, com pose, a pose que ainda guarda até hoje, através de um canudo de palha, um inocente refresco de limão.

* * *

B. Lopes é o que consome de pé, junto ao balcão. É uma esplêndida figura de homem. Alto, moreno, forte, não mostra na máscara rija e semibárbara de sua bem marcada face, a alma de um vate ou de um

sonhador. Seus olhos, vivos demais, verrúmicos, coriscam. Falta ao físico do poeta certa expressão de candura lírica, justificando a autoria dos *Cromos*, livro ingênuo e bom, que vive decorado pelos amadores de boas rimas. A barba é rala, negra, nascida em fúria numa queixada máscula e atrevida.

Vistam-no com um albornoz, calcem-lhe umas babuchas, que a figura será a de um mouro, desses tismados pelo sol, descidos do Altas ou do Draa, descomedidos e orgulhosos, cheirando a almíscar e benjoim.

O Emílio não gosta dele:

Empertigado malandrim pachola
De polainas, monóculo e bombachas,
Mandou pôr nas botinas meia-sola
E abandonou de vez Porto das Caixas.

Ele, por sua vez, também não gosta do Emílio:

Esse que a forma lembra de uma pipa,
Das que vazam cachaça em vez de vinho,
Esse monstro de palha e de toucinho,
De pouco cérebro e de muita tripa...

Essas contendadas, por vezes, demasiado pessoais e ridículas, definindo uma deplorável mentalidade muito fundo-de-botica, muito jornaleco-de-roça, ainda conseguem fazer sucesso pelo tempo. Que há de fazer, na verdade, toda esta gente cheia de talento e de verve, na vida ociosa dos cafés e de confeitarias, num constante friccionar de suscetibilidade e vaidades pueris?

Há um tempo em que B. Lopes se afasta da Colombo e anda pelas “capelas” do Everdosa e do Babo, em companhia de Sinhá Flor:

A mais cheirosa flor de Pernambuco...

* * *

Não falta a essa roda de bebedores o prestígio da Igreja. Severiano de Resende, o padre, é assíduo freqüentador das tardes da Colombo.



Martins Fontes
Desenho de J. Carlos



Alfredo de Ambris
Desenho de Marques Júnior



Rotellini
Desenho de Marques Júnior

Lindo homem. Linda inteligência, vestindo a primor, mandando cortar batinas na Casa Raunier, calçando no Incroyable...

Quando prega, os seus sermões provocam uma assistência enorme. São verdadeiros recitais literários, *rendez-vous* de elegância e de chique; nave transbordantes de gente, de gente boa, educada e fina, senhoras de Botafogo, das Laranjeiras, da Tijuca, roçagando sedas, trescalando perfumes, que vêm mais para ouvir o homem, diga-se sem mentir, que o sacerdote de Deus. Um sucesso mundano que impressiona a padralhada que não se barbeia e ainda toma rapé. E a fila dos *coupés*, dos *phaetons*, dos *landaux*, em parada, à porta da igreja, como por uma grande noite de ópera, no Teatro Lírico!

Quando ele começa a falar, o menino Jesus é ele, porque o outro, coitado, fica completamente esquecido nos braços pios da Virgem. Sua voz é clara, redonda, máscula; aquece, encanta, perturba. Seu gesto é musical. Na fantasia do retábulo barroco, sua figura moça avulta, irradia, como uma nota pagã. É por isso que o perfume evolado dos turíbulos perturba tanto, e excita. Profano incenso! As mulheres, vencidas, têm sobre ele os olhos fascinados. Salomé em Maqueros, antes da dança e do festim... Arfam, tímidos, os seios, pecaminosamente. Latejam carnes. É um frêmito de volúpia que passa e faz, depois, cerrar os olhos com dulçor...

As beatas velhas persignam-se e fogem abandonando a igreja, o credo na boca, a ramalhar rosários, o pensamento no Senhor. Para elas é o Anjo Revel, que está falando, o Anti-Cristo, quem sabe...

A Colombo, algumas vezes, por causa do padre, lembra um recanto pagão de sacristia... Há moçoilas que lhe vêm beijar os dedos, com risinhos histéricos e ademanos beatos, enchendo-o de perguntas sobre os dias das novas prédicas, sobre certos pontos obscuros do catecismo.

Com muita compostura Severiano as recebe, tirando o charuto da boca, empurrando, num gesto de sacrificio e de piedade, o cálice vazio de vermute:

– Minhas filhas!

E as mães, de longe, em discretas e amáveis olhadelas, gozando a graça cristã do quadro, a mordiscar, comovidamente, asinhas de frango, camarões recheados, *croquetes* de siri.

– Bênção, padre Severiano!...

– Deus as abençoe... E muito cuidadinho com os gabirus, minhas filhas, muito cuidadinho... Lembre-se de que é pecado namorar... Grande pecado...

Há gente de toda espécie que o disputa na hora do confessorário; há senhoras da mais alta sociedade que o procuram até em casa, formosas e virtuosíssimas senhoras...

Afirma-se que ele não manda aos seus sacristães essas provas de ternura feminina. Acredita-se. Afirma-se que a célebre “Princesa” Matilde, sacerdotisa do futuro, íntima de Madame de Tebas, a que João do Rio cita nas suas *Religiões do Rio*, teve grande paixão pelo padre, como se afirma, também, que na sua bucólica residência da Rua Tavares Bastos, ele a recebe todos os dias, menos às sextas-feiras, dia de jejum. Má língua! Não se sabe...

O que se sabe, como certo, é que, no intuito de robustecer a fé cristã, padre Severiano de Resende converteu certa Valentine, costureira da Rua do Ouvidor, francesa e linda, contramestra no Palais Royal... Sabe-se mais, sabe-se que a costureira amável deu a ele, depois, todas as provas do reconhecimento que uma devota pode dar a um sacerdote e uma mulher a um homem.

Na Colombo, Severiano não consegue, porém, converter os grandes ateus da roda, que pululam.

A Vigararia-Geral vive alarmada com os sucessos do padre. Alarmada ou ciumenta. Naturalmente, tanto êxito ofende a modéstia dos outros. O caso é que o Arcebispo não tem mais ouvidos para queixas, vindas de toda parte. Vem um e diz-lhe que o padre usa ceroulas de seda (que horror!); outro que manda comprar, em Paris, revistinhas *grivoises* e que é assinante do *Le Cochon*; mais outro, que fala dos folhetins de crítica de teatros, que ele escreve nos jornais, só para fazer corte às atrizes... Enfim, afirmações surgem pretendendo provar, até, que o padre freqüenta a casa da Susana e o antro do *Chico-Bumba!* É o cúmulo!

Arcoverde manda-o chamar. E fala-lhe docemente. As suas crônicas profanas, escritas com freqüência nos jornais, desgostam os doutores da igreja. Numa delas o padre chega a falar em “esbórnias de jejuns”, frase que o Sr. João do Rio explora até em livro! Jornais facetos da terra andam a publicar-lhe o retrato em *charges* desrespeitosas, que refletem na Igreja, rodapés de gazetas sérias vivem a glosar-lhe os hábitos, aliás bem pouco de acordo com a dignidade mantida pelo clero. Há um pasquim, mostra-lho, o *Rio Nu*, ignóbil papel, que vai além, muito além... E as suas tardes na Colombo, passadas entre libações de todo gênero e boêmios sem religião, que vivem a cantar a Grécia, Afrodite e outras deusas nuas do Olimpo? Um verdadeiro escândalo.

E o Arcebispo, que não cita nem a metade do que sabe ou do que lhe contam, acaba por lhe acenar com uma paróquia em Minas, sem Colombo, sem hora de vermute, sem roda de Bilac, entre mulheres de mantilhas (que não gostam de padres bonitos) e bons católicos ainda melhores jogadores de manilha...

É nesse momento que Severiano sente pesar-lhe a batina como uma vestimenta de ferro. Curva-se ante o grande varão, respeitoso, beija-lhe o anel de ametista e sai, atirando às urtigas a carreira eclesiástica.

Vamos vê-lo, após, entrando na Colombo, porém despido de ordens. Não é mais o mesmo, sem o prestígio estético das suas lindas vestes sacerdotais, obra do Vale ou do Raunier. O homem acaba de perder a auréola. Foi-se-lhe a distinção, o *aplomb*, e dentro de um paletó de sarja cor de cinza e de um chapéu-do-chile, é apenas um João-ninguém, uma figura chata, gorda e vulgar. Depois, a afrontosa mania de meter, sob o braço, um hediondo pára-águas! Que horror!

Saudando o Emílio, dele ouve:

– Severiano, se tu pensas que assim te mostras menos padre, enganas-te. Olha que guarda-chuva... é bengala de batina!

* * *

O benjamim da roda é Martins Fontes.

– O maior de vocês todos – afirma Bilac, quando dele fala aos *novos*. E diz uma grande verdade.

É um rapazola com cara de bebê-chorão, mas, que impressiona profundamente aos que o conhecem quando conversa, quando ora, quando escreve, quando faz *blagues*... Fontes, o magnífico!

Mora no *Navio da Lapa*, uma casa quase abandonada, que existe para as bandas do largo do mesmo nome, próxima ao edifício onde funciona a Biblioteca Nacional, decrépito sobrado que o Município condenou e onde uma meia-dúzia de boêmios se instala, há mais de ano.

Navio porque o assoalho da casa balança, como o dos barcos sobre as águas do mar, as vigas que suportam as tábuas onde se pisa, comidas aqui e ali, pelo cupim, dão aos que sobre elas caminham a impressão do *roulis* ou do *tangage*. Não possui vidros nos caixilhos das janelas, a alegre ruína, faltam-lhe várias telhas, tem o W. C. entupido e, em lugar de chuveiro para banho, o que existe é um cano de chumbo, antigo, todo remendado, com um tampão de madeira e pano que, por vezes, salta sozinho e esgota a caixa-d'água. Fontes é o oficial-maior do Navio. Usa um pijama com alamares, feitos de ligas velhas. Oscar Lopes é o imediato. Serve, às vezes, de piloto, o Goulart de Andrade. Quando chega uma visita para “bordo”, e empurra a porta da rua que não tem chave, o oficial-de-dia, que é, sempre, o que fica em casa, grita:

– Quem vem lá?

É a senha. O *santo* deve ser dado em francês, e em verso: Hugo, Banville, Leconte, Heredia... De qualquer forma um poeta parnasiano, que, no caso contrário, o oficial de serviço grita, de cima, logo:

– Passe de largo!

Não desce escada de corda; fecha o portaló, que é uma cancela torta, baixa, sem trinco e que se amarra com uma gravata velha, que pertenceu ao Luís Paulino.

Fontes, por vezes, arvora-se em cozinheiro do navio, numa cozinha onde, na falta de lenha, vão sendo sacrificadas as portas interiores e até o tabuado do assoalho ou do teto de certos aposentos. Conhecem todos os tripulantes uma famosa *mayonaise* do boêmio, composta de alexandrinos de lagosta, septissílabos de camarão, sonetos com consoantes de apoio nas azeitonas ou no palmito, em hipóteses, baladas em folha de alface, tudo isso parnasianamente rimado em azeite francês, em vinagre inglês e mostarda alemã. No prato, segundo explica, sempre, o Oscar Lopes (que, não raro, se mete a ajudá-lo nesse manjar de deuses), a cozinheira tem fulgurações celestes: o sol é o globo maciço de uma gema de ovo, dourado ao fogo; a lua, a clara em plenilúnio de banda de porco; os camarões, a lagosta e outros componentes do mistifório culinário formando constelações, todo um mapa do céu, com o *Cruzeiro do Sul*, o *Escorpião*, a *Grande-Ursa*, a *Balança*, o *Sagitário*...

Curioso, nesse barco loidiano, é a bandeira, que César Lopes imaginou para ser desfraldada no mastro da popa, um cano de chaminé, de folha-de-flandres que arqueia um pouco, colocado nos fundos do pardieiro, mas que ainda serve ao fogão dos moradores da loja. A bandeira, em forma de estandarte carnavalesco, é uma camisa velha, sem mangas, de fralda recortada em bicos, branca e com esta legenda em latim:

Redde Cesari quae sunt Cesari,

alusão aos aplausos que ele, César Lopes, reclama de quem admira a imagem do horrível casarão, que ele pintou no mesmo pano, como a barca de Noé por sobre as águas, sulcando ondas tempestuosas, conseguidas à custa de muito anil e graxa de sapato, simbólica figura que deve representar o flibusteiro da Lapa. Esse estandarte, num carnaval, saiu à rua e dele os jornais se ocuparam, registrando o distúrbio que Martins Fontes provocou no Largo da Carioca, quando a equipagem do lapense deu com o *Navio Esperança*, que era um modesto cordão que vinha pacatamente de Madureira deixar seu estandarte no *Jornal do Brasil*. Foi um rolo sério, onde o Fontes berrava como louco, à frente do estandarte, açulando César Lopes ante a aparição da nova embarcação:

– Eia! Avante! Abordagem!

Martins Fontes é um ser extraordinário.

Um dia, vai ele, a Petrópolis, em companhia de Goulart de Andrade. Despede-se de Oscar Lopes, alma de sua alma, espírito de seu espírito, como se fosse embarcar para a China ou para o Japão. Parte pela manhã.

Ora, justamente nesse dia, pelas duas ou três horas da tarde, a família Lopes recebe, de Fortaleza, no Ceará, um telegrama triste. Entra em agonia a velha mãe de João Lopes, avó de Oscar. A família reunida, em S. Clemente, espera, apenas, a confirmação da nova que, pelos cálculos, deve ser dada de um instante para outro. Seis horas da tarde, oito da noite, dez, onze, meia-noite... Nada!



*Padre Severiano de Resende
Desenho de Belmiro*



*Álvares de Azevedo Sobrinho
Desenho de Renato*

De repente, a campainha do portão que sacoleja forte: dlin, dlin, dlin... E, em seguida, a voz clara do estafeta, que berra:

– Telegrama!

A família precipita-se. Mobilizam-se lenços. Um encoraja o outro. Oscar, numa rajada, corre, atravessa o jardim em busca da mensagem tenebrosa. Volta nervoso, quase em lágrimas. Sob um bico de gás congrega-se a família. Aberto o telegrama, é João Lopes quem o lê. Lê alto, compenetrado e sério, esta notícia enorme: “Oscar, em Petrópolis faz um luar magnífico. (assinado) – Martins Fontes”...

* * *

A roda possui um grande caricaturista e ainda melhor ilustrador, Julião Machado. É português de nascimento. Como tal, no entanto, adapta-se de tal forma ao ambiente em que vive, que só quando diz “opreta”, “ningain”, “mulhere” e “preguntare”, é que percebemos que ele não é dos nossos. Com pena, porque tem muito talento, um coração de ouro, um caráter sem jaça. Vive entre brasileiros, na mais estreita comunhão, irmão de verdade, grande irmão, em meio, até, aos

mais rubros e extremados nacionalistas, por eles querido e admirado. Faz crítica de acontecimentos, de costumes (nossos costumes) de pessoas (nossas pessoas) com chiste, com graça, com talento, mas, sem ofender ninguém.

Conto, a propósito de Julião, um fato extraordinário, referido por José Malhoa, pouco antes de morrer, ao autor destas linhas, quando desejava pôr em relevo a interessante fibra moral do caricaturista. Julião trabalhava no *O País*, numa época em que João Laje, patifão de marca, era sovado e confundido por Edmundo Bittencourt, que lhe vigiava de perto as maroteiras e o topete. Laje, para vingar-se de Edmundo, maquina uma caricatura ignóbil para fazer acompanhar de uma legenda infame, em artigo que escreve. Chama Julião, seu empregado, ilustrador da folha, e dá-lhe a encomenda, orientando o desenho, não sem acrescentar: – Por causa das dúvidas, não assinarás o trabalho, podendo até, para melhor despistamento, mudar-se o traço do mesmo. Pede para as sete horas da noite a *charge* viperina. São duas da tarde ou três. Julião curva-se ante a ordem de seu patrão e sai. Vai para casa fazer o que se lhe pede.

Às sete da noite entra pelo *O País* adentro, muito pálido, a mão direita envolvida num grande pano.

E assim fala a João Laje:

– Ao apontar um lápis, estupidamente, com a mão esquerda, escapole-me o canivete, e, zás, quase decepo um dedo. Não fiz o desenho. Nem poderei desenhar tão cedo. Veja! Tira os panos que envolvem a mão e mostra-lhe, no indicador da mão direita, um lanho enorme.

Julião, para se colocar neutro num sério caso que já atirava brasileiros contra portugueses e, ao mesmo tempo, não desejando desobedecer às ordens de quem lhe dava aquilo com que pagava a casa e com que comprava o pão, havia propositadamente se ferido.

E durante o tempo em que se manteve a polêmica entre os dois jornalistas, Julião permaneceu impossibilitado de trabalhar para João Laje.

Bilac chamava-o, com muito espírito, *amansa-jacobinos*, porque os exaltados nacionalistas que dele se aproximavam refreavam os seus entusiasmos patrióticos, só para não magoá-lo.

Outro estrangeiro benquisto e admirado é De Ambris, italiano, jornalista, funcionário da Agência Havas e que não falta, jamais, às tertúlias literárias da Colombo. É alto, forte, louro. Como homem, De Ambris é uma flor e, como flor, um lírio. Bom, simples, meigo, ingênuo. Chega a nos enternecer tanta doçura, tanta inocência num homem de sua idade, de seu espírito, e, sobretudo, de sua magnífica cultura...

Uma vez vai jantar em companhia de Bilac, e outros boêmios, em um restaurante italiano à Rua da Assembléia. Nove e meia da noite. Quando eles se sentam, o garçom entrega o *menu* em mãos de Bilac. Vários pratos já não existem, riscados a lápis, como advertência ao freguês. Entre eles o poeta descobre uma fritada de *gambero*. Sabe muito bem o que é. Fingindo, porém, ignorância, indaga do ingênuo De Ambris:

– Que quer dizer *gambero* na tua língua, ó louro filho da Toscana?

– *Gambero* é camarão –, responde, naturalmente, De Ambris.

Sonora e irônica gargalhada de Bilac, que acrescenta:

– Como se pode esquecer, assim, língua tão bela e rica! Ou tu não viste jamais, em dias de tua vida, um camarão...

De Ambris sorri, displicente, por sua vez, e o grande poeta levanta-se buscando o *lavabo* distante. Percebe-se que onde ele chega, discretamente, fala ao gerente do estabelecimento, depois, ao garçom encarregado de servir à mesa, sorrindo...

Afetando, sempre, a maior das naturalidades, já de volta, insiste ainda:

– O amigo De Ambris quer nos afirmar que camarão, em italiano, é *gambero*! É boa! É mesmo muito boa!

– E é! – faz o outro.

– Pois eu contesto – diz Bilac muito sério – e vou provar, sem demora, que me sobra a razão: – Garçom! – chama.

Chega o homem que serve. Fala Bilac:

– Tu que também nasceste na risonha Itália, ensina-nos, aqui, *gambero* é camarão?

– *Gambero* não é camarão, Sr. Bilac, responde tranqüilamente o outro.

De Ambris olha o homem, aturdido:

– Como não é?

Baixando os olhos o garçom sorri e vai embora.

Bilac chama o gerente. Repete a pergunta. O gerente, que já foi por ele preparado, e entra no brinquedo, muito sério afirma, por sua vez, que em italiano, *gambero* não quer dizer camarão.

De Ambris tem o ar de um homem assombrado. Falam ambos no idioma comum. O gerente perturba-se, um pouco, e escapole por sua vez, fazendo esforços para não sorrir.

De Ambris aborrece-se. Muda de assunto. O jantar é profuso e alegre.

Na hora de sair, porém, Martins Fontes, que faz parte do grupo, sai primeiro... e, já na rua, embarafusta por uma loja italiana de engraxates. Vão encontrar o boêmio, depois, numa cadeira, refestelado, a lustrar os borzeguins. E a dizer:

– Todos desta casa, todos italianos, já me afirmaram, peremptoriamente, que *gambero* não é camarão. De Ambris deve amanhã ir ao meu consultório, porque essas síncopes de memória, geralmente, são indícios de moléstias graves.

– Síncopes de memória, não, responde De Ambris. Sei o que digo. Vocês é que só ouvem esses pobres-diabos que, talvez, nunca tivessem comido camarão em toda a vida, é o que é; mas, um dicionário qualquer decide esta fútil contenda. Vamos até a casa, que é perto, que eu vos mostrarei as minhas síncopes de memória...

Fontes despede-se, pretextando, logo, inadiável visita a um amigo, longe, e, apressado, retira-se não sem ter, com Bilac, um olhar inteligente. Há como que um acordo telepático. Os amigos retêm De Ambris um pouco... Depois vão com ele, mas, muito lentamente, caminho do dicionário...

A casa de De Ambris é no Flamengo. Assim que o grupo chega, a dona da mesma recebe-o com um sorriso suspeito. De Ambris, porém, não compreende a intenção do sorriso.

– Um momento – diz ele, ainda de chapéu à cabeça – enquanto, de uma saltada, eu vou até o quarto buscar o meu *tira-teimas*.

Volta espantadíssimo, com um volume do dicionário, enorme, aberto, explicando:

– Pois não é que me arrancaram a página do livro onde, justamente, deveria estar o vocábulo *gambero*!

É quando Bilac, erguendo o braço no ar, brada, terrível:

– Tu, farsante, arrancaste, de propósito, a página comprometedora, a fim de não revelar a infalível derrota. Arrancaram? Mentira! Tu a arrancaste, malfeitor! Confessa!

Fontes, o magnífico, fizera um trabalho impecável. Quando a dona da pensão sorria, vendo chegar De Ambris e os seus amigos, pensava na visita de Fontes, muito antes, a correr... De Ambris, entanto, não podia compreender o desaparecimento misterioso daquela página...

A *blague*, contudo, prossegue. Bilac propõe, aí, que se telegrafe a Rotellini, diretor do *Fanfulla*, em São Paulo, grande amigo da roda, para que sirva de árbitro, na questão! Parte o telegrama na mesma noite. Despedem-se todos. Volta Bilac ao telégrafo... No dia seguinte a resposta do diretor do *Fanfulla* bate na Agência Havas, onde De Ambris trabalha. Ei-la – *Gambero*, nunca foi camarão! (assinado) – Rotellini.

É por vezes, assim, que esses homens de espírito se divertem...

* * *

Há uma jovem e bela mulher que, não raro, surge em meio a essa roda de literatura da Colombo, toda de preto, uma boina da mesma cor derrubada sobre os olhos negros, vivos e expressivos. Chama-se ela Maria de Bragança e Melo e diz-se prima do rei de Portugal. Deve ser. Maria cultiva as ciências ocultas, lê, conhece a grafologia e detesta o Magnus Sondall, um que é hierofante e prega o nudismo numa praia da ilha do Governador, por horas em que os guardas-noturnos estão dormindo. Maria fuma, Maria bebe e discute, de preferência, com Severiano de Resende. Afirma, porém, que vai à Colombo só para comer *croquetes* de siri.

– São muito bons – diz-lhe, um dia, o Guima – e feitos à moda da Suíça.

– Da Suíça? E onde viu você siri na Suíça?

E o Guima, explicando:

– Por isso mesmo. Essas *croquettes* de siri, na Colombo, também são feitas sem siri...

Grande apaixonado da Maria Melo é um certo Olímpio da Guarda, vagamente pernambucano, tipo melancólico e bem vestido que, às vezes, se planta à porta da confeitaria, a torcer um bigode maior que o do Bastos Tigre. Viveu anos em Paris. Diz-se fisiólatra e amigo do famoso Sar Peladan. Dá-se ares de gênio e é um emérito roedor de unhas:

Roía as unhas primeiro,
Os dedos e as mãos roeu.
Foi roendo o corpo inteiro.
Roeu-se todo. E morreu.

Henrique Marques de Holanda, que é uma espécie de consultor-técnico de que lanço mão sempre que dúvidas me surgem na evocação das figuras de outros tempos, garante-me que os versos foram escritos para o Guarda, mas nada sabe dizer se eram, os mesmos, da autoria do Emílio. Outra quadrilha, certamente, do mesmo autor e com o endereço ao gênio do grande roedor de unhas, é essa:

Olímpio da Guarda é um gênio,
Gênio, mas, com um grande G.
Lembra, tal qual, o oxigênio
Que existe, mas ninguém vê.

O Guarda, dizem, morreu no Amazonas, pelo tempo do apogeu da borracha, não se sabe bem se pensando ainda na formosa Maria.

Essa Maria de Melo, aqui chegada nos primeiros anos do século, quando, mais tarde, Pereira Passos manda construir o Pavilhão de Regatas, em Botafogo, certa vez, está no bar que havia numa dependência do mesmo, quando assiste a uma cena edificante – o proprietário ou arrendatário do elegante negócio impede que nele entre o conhecido político Monteiro Lopes, que é de cor preta, acompanhado de sua senhora. Trepá, imediatamente, Maria, para um tã-buri e voa para as bandas da Saúde, onde os navios fazem o serviço de



Julião Machado
Desenho de Gil

carga de mercadorias. Dentro de minutos volta, mas, trazendo, dentro de vários veículos, robustos estivadores, todos homens de cor preta, cerca de trinta, que invadem, logo, o bar, sem que o seu arrendatário possa ter tempo de articular uma só palavra de protesto.

Maria de Bragança e Melo é muito popular. E querida. Aqui funda a *Voz do Povo* e um semanário ilustrado, *A Garra*, onde Calixto, Casanova e Raul desenham. É ela, finalmente, que vamos encontrar, depois à frente de um Albergue Noturno e de umas célebres Cozinhas Econômicas, das primeiras aqui instaladas.

Não esquecer os que chegam mais tarde, mas sempre chegam: Félix Bocaiúva, por exemplo. Ele e as suas eternas distrações...

Uma vez funda-se o Clube dos Celibatários, idéia, creio, do Artur Guaraná. Félix faz questão de ser incluído na lista dos fundadores.

– Mas, ouve, Félix, tu não és casado? – lembra-lhe alguém.

Era. Não se lembrava.

Álvares de Azevedo Sobrinho é o que monta, com o auxílio intelectual da roda, a famosa *Capital*, gazeta que tem uma vida efêmera, em Niterói. Um dia improvisa-se, na Colombo, uma curiosa e divertida quadra, a propósito do periódico. A Álvares de Azevedo, que chega, pergunta-lhe Bilac:

E a *Capital*? E a *Capital*? E a *Capital*?

Álvares: – Vai muito bem, vai muito bem, vai muito bem.

Guima: – Acaba mal... Acaba mal... Acaba mal...

Holanda: – Também... Também... Também... Também...

Henrique Marques de Holanda, em meio a esse cenáculo de literatos e de boêmios, é uma figura singularmente expressiva e particularmente estimada. Forte, moreno, a barba curta e em bico, à maneira de andó, possui uma voz quente e afinada de barítono. Quando estudante, trouxe, sempre, as galerias do Lírico em constante sobressalto, chefiando grupos de aplauditistas ou de vaístas. Por ocasião dos sucessos da ópera *Dª Branca*, do maestro português Otávio Keil, Holanda fez tudo para impedir aquela famosa vaia, que foi a maior já assistida nas platéias cariocas e que acabou no meio da rua, em uma luta sangrenta com a polícia. Os esforços do boêmio, nesse dia, porém, foram sem o menor resultado.

Mais tarde, esse grande amigo de Portugal, cônsul em exercício do Brasil em Lisboa, ao desembarcar, chegando do Rio à cidade onde há muito exercia o seu posto num grande ambiente de admiração e simpatia, é violentamente metido na cadeia, por absurdas suspeitas. O caso provoca enérgica reclamação diplomática da nossa parte. As satisfações categóricas e imediatas pedidas ao governo português, felizmente, liquidam a questão. Holanda, entretanto, pede transferência de posto, sendo enviado para a França onde fica durante muito tempo.

Seu prestígio nas tertúlias da Colombo é enorme. Espécie de reajustador dos desequilíbrios constantes, ocorridos entre os dessa composição heterogênea de caracteres de impulsões, Holanda está sempre agindo para que a corrente se conserve unida e forte. Emílio, que não poupa muitos, respeita-o, afaga-o, agrada-o.

Alberto Ramos, poeta, belo cultor do verso parnasiano, é outra figura das de relevo nessas reuniões literárias, bem como Leôncio Correia, já com um lindo nome nas letras. Não esquecer, ainda, o Zeca, filho do Patrocínio, cintilante espírito que começa a ser dilapidado pela mais desenfreada das boêmias. É positivamente encantador, Zeca, sobretudo quando se mostra como uma edição correta e aumentada do Barão de Munchausen, aliás, edição de luxo, *dorée sur tranche* e com gravuras a cor... Zeca do Patrocínio! As viagens que ele fez, os príncipes que ele conheceu, na intimidade do “tu pra cá, tu pra lá”, as mulheres mais lindas do mundo, que ele amou, e todas apaixonadas pelo *bel hindou* que era ele, Zeca!

– Meu bisavô, que nasceu em Mianvali, no Pendjab, próximo à fronteira do Afeganistão...

Mentira, o avô de Zeca não tinha nada de hindu, nasceu em Maxambomba. Patranha inocente de Zeca!

Dizia isso fumando cigarrilhas turcas.

Uma vez Zeca enumerava as viagens feitas na Europa, na África, na Ásia, na Oceania; anos passados em França, na Alemanha, na Itália, em Marrocos, na Arábia, na China, no Japão, na Nova Zelândia... E estava a discorrer quando o Amorim Júnior o interrompe:

– Pare aí, “seu” Zeca... Estive tomando as minhas notas. Com todas essas estadas em cada país você já está com 108 anos!

Amorim Júnior é outro com fama de espirituoso conversador. Empregado dos Correios, vai um dia, a serviço, a bordo de um navio. Entra no bar que no mesmo existe e acaba desembarcando na Bahia, porque na hora do vapor largar ele está dormindo, a sono solto, enrodiado sobre um grupo de malas postais.

E o Manuel do Aveiro, de quem se diz que escreve um livro sobre Nietzsche, é repórter, mas que não logra a simpatia dos da roda? O homem fede a sardinha assada e muda roupa branca só de quinze em quinze dias. Foi para ele, na Pascoal, que o Nei, vendo que escrevia notas a lápis no punho da camisa, já cor de chocolate, disse:

– Não prossiga, oh, Manuel, porque você, depois, nada entenderá.

E dirigindo-se ao garçom:

– Faça o favor de arranjar um pedaço de giz para que este cavalheiro possa tomar algumas notas, nos seus punhos.

Há, ainda, o Gastão Bousquet, jornalista e autor dramático, Dermeval da Fonseca, Oscar Rosas, da *Tribuna*, um de bigodes manchus e voz cavernosa, César de Mesquita, Domingos Cardoso, o querido *Caxambu*, Henrique Chaves, Chaves de Faria... Há quem afirme que esses Chaves, muito amigos, sempre juntos, vivem a cortejar a mesma deusa que, do Olimpo, desce, todas as tardes, para tomar um “Mônica”, na Colombo... A deusa é Vênus, a Vênus do Melo, alusão a certo Melo da polícia que passou por possuí-la em idos tempos. Certa vez aparece esta quadrinha recitada, à socapa, na confeitaria:

Oh, que cambada de Chaves!
Que grossa patifaria!
De dia é o Henrique Chaves.
De noite é o Chaves Faria!

A roda, entretanto, não é, como talvez se pense, composta só de homens de livro e homens de jornal. Há, por exemplo, o Costa Nogueira, de quem Leôncio Correia tanto nos fala, e que, se escreve, ninguém sabe; o Costa Nogueira que pronuncia acktividade, acktor, ack-

triz. Certa vez pergunta ele, num teatro, querendo saber a hora em que o espetáculo começa:

– A que horas começa o ackto?

Respondem-lhe, muito a propósito:

– Às oikto horas e trinckta minucktos, meu caro, em ponckto!

Não esquecer o Olímpio Niemeier, coração de ouro, e os seus indefectíveis embrulhos, generosamente pagando as despesas de todos, de gente que ele até nem conhece!

* * *

Quando em março, em 1896, os telegramas da Havas anunciavam, com clangor, o desastre de Aduá e o nome de Menelik era erguido ao pináculo da glória; quando, do Guyans ao Danakils, guerreiros da antiga Líbia entoavam cânticos festivos em louvor ao rei etíope; quando na sisuda Roma o pavilhão tricolor velava-se de crepe e as multidões, nas ruas, repetiam, baixinho, o nome dos heróis tombados no rumor da esplêndida batalha, na parte traseira da Confeitaria Colombo, junto a uma área suja, Boca-Negra, uma cadela enorme, tinha dores de parto.

Daí vir o Lagosta informar, ao Lebrão, o nascimento de três cachorros.

Dois morreram, dias após, ainda de olhos fechados. Pobres! Um houve, porém, que se salvou – macho, amarelo e manchado de branco...



Menelik
Desenho de Calixto

Esse foi que recebeu o nome de *Menelik*, herói de uma época, dado pelo Lebrão, que amava os grandes nomes e particularmente detestava a Itália. A pobre mãe, que era de raça terra-nova, finou-se, pouco tempo depois. *Menelik* cresceu. Engordou, ganhou cachaço e ventre. Em 1901 é um cão espesso, mole, ocioso, peludo e sonolento, que vive portas adentro da confeitaria. Quando as cadelas moças passam na Rua Gonçalves Dias, ele as olha de revés. Raramente as persegue. Dá-se ao respeito. Dizia, pintando-o, muito bem, o Emílio de Meneses:



Leôncio Correia
Desenho de Falstaff

Não é um simples cachorro o *Menelik*.
É um ser que raciocina, um ser que pensa,
Que detesta o que é mau, que ama o que é chique.
E que é dotado de uma sorte imensa!

Somente abana a cauda por debique
E trata com suprema indiferença
Certos amigos como o Rocha – o Henrique,
Com quem vive em constante desavença.

Conhece toda a atual vida mundana
E o segredo de todos os amores
Desde a Tijuca até Copacabana.

Ele é um cão que não morde, meus senhores,
Mas quando mordem o Lebrão, a gana
Então lhe chega, e morde... os mordedores!

Não há, talvez, pelo tempo, idéia de cão mais popular em toda esta cidade. Parte integrante do negócio. Procurado. Querido. Come até as cinco da tarde, pela mão das sinhazinhas e nhandãs, e, depois dessa hora, rola para os pés dos literatos ou então para os das *cocottes* e, consolado, aí ressona, gordo, farto e feliz.

.....

Capítulo 22

As hostes novas da nossa literatura

AS HOSTES NOVAS DA NOSSA LITERATURA - MOVIMENTO SIMBOLISTA - FIGURAS CURIOSAS DESSE MOVIMENTO - A COROAÇÃO DO POETA LUÍS DELFINO - ANARQUISMO E SOCIALISMO - RELAÇÕES EXTRAORDINÁRIAS - DOURADA E RISONHA MISÉRIA



QUANDO o século começa, as hostes novas da nossa literatura vivem assanhadas pelo simbolismo. É a moderna escola. É a dourada esperança de um grande renascimento literário. Vão ruir por terra – diz-se – as tendências ronceiras que dominam as elites intelectuais. O que não pode continuar – acrescenta-se – é essa arte de representação direta, prosaica e vil, que se chama realismo na prosa e parnasianismo na poesia. Novas maneiras para criar a emoção! Processos novos para apresentação de uma forma simples, natural e de todo contrária à habilidade dos malabaristas das letras. Guerra aos ignaros copiadorees das *Odes funambulesques* e dos *Trophées*, de um lado, e, de outro lado, violenta oposição à prosa dos que vivem de ancinho de ouro e remexer o lixo vil das sensações terrenas... Entre dez moços que fazem literatura, oito pensam assim.

E de onde vem todo esse programa de reformas? Da amada França, em caixotes embarcados no Havre e aqui recebidos pelos livreiros Garnier e Brigueit, pagando, apenas, uma miséria, como pauta de Alfândega.

No Brasil, porém, as idéias importadas passam tais as formigas que se vêem através de grossos vidros de aumento. Tudo exageração ou hipérbole. E, assim como possuímos os colarinhos de dez centímetros de altura, exageradamente levantando o queixo do Sr. Ataulfo de Paiva, temos o simbolismo gongórico do Sr. Gustavo Santiago, que é coisa ainda mais incômoda e muito mais alta. Singularidades da terra americana. Efeitos do calor e da umidade. Pelo rio Amazonas há vitórias-régias onde cabem, por vezes, dez e doze siriemas em concílio...

À porta do Garnier, Gustavo Santiago, que escreve o *Cavaleiro do Luar* (poema simbólico onde existe um famoso “oceano de erisipelas”), vate que já resvalou da crista de um soneto para o funil de um tremendíssimo abismo, “tão fundo onde já não havia mais Deus”, retificando as dobras de uma enorme gravata posta em laço Lavallière, prega o novo credo, desancando os “velhos” da literatura:

– O que eles querem, afinal, é o *status quo*, a convenção de fórmulas que o tempo e um uso imoderado tornam antipáticas e cediças. Pode-se mais admitir, pelos dias que correm, o respeito pelo adjetivo com a acepção rigorosa do dicionário, o número de sílabas de um verso concordando, ignobilmente, com a métrica do Castilho, o pronomezinho levado a sério só para não dar dores de cabeça ao Dr. Hemetério dos Santos, um homem que até parece ficou todo preto de tanto estudar gramática. Detestemos, por princípio, a mecânica das coisas. Nada de literatura de peso e de medida, observando regulamentos e estabelecendo horários, como os das estradas de ferro. Fora a poesia da consoante de apoio, do hemistíquio, do ritmozinho certo, da estrofe recortadinha, facetadazinha e torcida como uma rosca de tostão, feita para a delícia do paladar do burguês que pensa devagar e não muda, nunca, por burrice ou por hábito!



Figueiredo Pimentel
Desenho de Armando Pacheco

Assim fala o revolucionário Santiago, pondo as mãos na cava do colete, cravando-nos dois olhos que faúlham através das lentes fortes de um grosso *pince-nez* de tartaruga, não raro recitando com voz untuosa e trêmula:

Eu sou como o formoso Cavaleiro
Que adormeceu à branca luz do luar.
E nunca mais, formoso Cavaleiro,
E nunca mais que pôde despertar!...

Certa vez declara ao João do Rio:

– Penso como Louis Dumur, que cada poeta com talento é um príncipe, em uma ilha. Penso, e sou, por isso, feliz!

A sua ilha é um terraço para os lados da Rua de São Januário, em São Cristóvão, onde o poeta recebe a corte de seus inúmeros admiradores, em símbolo, pessoas amigas da vizinhança e da família, o pai inclusive, um bom velho, português de nascimento e cheio de remorso por ter tido a idéia de mandar o filho, um dia, estudar, a Coimbra.

– Gustavo – perguntam-lhe certa vez –, tu malhas “os crostas” e os “medalhões” da literatura indígena, porém, houve quem te visse saudar, ontem, à porta do Laemmert, a “múmia” do Machado de Assis...

– Ouça – responde o poeta: – eu, por vezes, tiro-lhe o meu chapéu, não, entanto, como uma homenagem ao literato sem talento e sem obra que vive, por aí, assinando futilidades que se conhecem pelos nomes de *Quincas Borba*, *Memórias de Brás Cubas* e *D. Casmurro*, mas, ao funcionário exemplar da Secretaria da Viação, que ele o é.

Os anos, depois, acabam transformando esse bom e querido poeta que, quando morre, leva para a cova a lágrima sentida de todos nós. Assim, porém, é ele, tal qual, sem tirar nem pôr, na assomada do século, o excêntrico e simpaticíssimo Santiago que ainda compra, no “homem do chuchu”, pencas e pencas de violetas para transformá-las em salada, que come em casa, diante da família escandalizadíssima, com molho de azeite, vinagre, sal e pimenta-do-reino.

E, um pouco, assim, também, fomos todos nós, por essa época risonha em que os vinte anos nos floriam.

Quando Fagundes dos Santos, que acaba um famoso poema medieval intitulado *Dona Urraca*, em versos livres e loucos, entra com o



Gustavo Santiago
Desenho de Marques Junior

seu perfil de cegonha velha na Livraria Garnier, a primeira coisa que pergunta é se um sujeito vesgo e tolo que acode pelo nome de Olavo Bilac ainda tem a mania de escrever versos nos jornais. E quando dizem: – Ainda – toma um ar triste de cônego em jejum, ergue, piedosamente, as mãos aos céus, pedindo ao Divino transforme o vate de *Ouvir estrelas* em um útil pé de couve ou em frade de pedra.

Essa irreverência, esse desrespeito pelos consagrados é a coqueluche do tempo. Orlando Teixeira benze-se sempre que encontra José Veríssimo e vive a declarar que, do crítico, emanam, às sextas-feiras, maus fluidos, jetatura, fatalidades, azar. Carlos Fernandes reduz a glória de Coelho Neto a cacós, num famoso artigo, decorado por todos nós e que se intitula: *Deuses de pé-de-barro*. Félix Pacheco, na revista *Rosa Cruz*, referindo-se ao cantor dos *Timbiras*, assim escreve: “Esse mulato pretensioso e besta que se chamou Gonçalves Dias”...

De uma carta de Saturnino Meireles a Maurício Jobim: “*Se eles tiverem a audácia de inaugurar o busto da azêmola do Casimiro, no Passeio Público, juro-te que me suicidarei de vergonha e de asco.*”

Depois da “besta” do Gonçalves Dias, a “azêmola” do Casimiro de Abreu... Toda uma literatura de solípedes! Que é Castro Alves para esses novos? Um “jumento”. Tobias Barreto? Uma “zebra”. Álvares Azevedo – uma vulgaríssima “égua”. “Mula” é o Sr. José de Alencar. Outras ilustres “cavalgadas”: Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Gregório de Matos, Santa Rita Durão... A coisa vai ao ponto de se ter uma vaga desconfiança de que, na intimidade da casa, com efeito, todas essas glórias da literatura do país relinchavam, davam coices na família, sacudindo crinas e cauda, e que, na hora da refeição, preferiam, sempre, um feixe de capim ou umas falripas de alfafa em lugar de um bom ensopadinho de camarão com palmito ou um peru de forno obrigado a recheio de farófia. Não se vilipendia, porém, somente, à prata de casa, o literato do país. O sarcasmo da geração moça atravessa fronteiras, transpondo oceanos, indo contundir as glórias de ultramar. Leconte de Lisle, Leon Dierx, Théodore de Banville, Coppée e outros

ídolos parnasianos são, para toda essa mocidade estouvada e irrequieta, lastimáveis mediocridades que o destino lançou sobre a face da Terra só para ofender o bom gosto e a inteligência do próximo. Zola, o imperador do realismo, não passa de um cavaleiro abusando do direito de dizer sandices, Daudet e Anatole são dois bocós. De Vítor Hugo, finalmente, diz-se que é um pobre-diabo que morreu de desgostos, aos oitenta anos, quando descobriu que não tinha talento algum.

Todos os deuses por terra! Todos! O Olimpo literário, porém, não fica vazio. Os que provocam a admiração dos escribas novos chamam-se: Baudelaire, Verlaine, Mallarmé, Viele Griffin, Émile Verhaeren, Paul Fort, Madame Rachilde...

Dessa legião de novos e de loucos que enche as portas da Livraria Garnier, há muito de interessante e pitoresco a dizer e a contar. Vamos por partes.

* * *

Os paladinos da idéia nova são, entre nós, estes: Félix Pacheco, Colatino Barroso, Antônio Austregésilo, Oliveira Gomes, Carlos Fernandes, Nestor Vítor, Guerra Durval, Neto Machado, Santos Maia, Castro Meneses, Azevedo Cruz, Orlando Teixeira, Figueiredo Pimentel...



Guerra Durval
Desenho de Gil



Heitor Mallagutti
Desenho de Gil

Bom será lembrar que Cruz e Sousa já está morto quando começa o século.

Um dos mais atingidos, entre esses jovens autores, pela nova brotoeja literária, é o poeta Adalberto da Guerra Durval, que em 1901



Oliveira Gomes
Desenho de Calixto

se faz autor de *Palavras que o vento leva*, livro detentor de um enormíssimo sucesso e onde há versos assim:

Ontem à noite,
Na noite negra do inverno branco!
Branco-negro de água-forte,
Ontem, à noite,
Ardia o meu círio branco
E, à meia-noite,
Veio e soprou-o a negra morte.



Orlando Teixeira
Desenho de Artur Lucas

À meia-noite...
Bateram à porta de mansinho.
Certo, um mendigo, desgraçadinho
Que pede esmola!

Era o padre de hissopo e de estola.
Aspergiu-a...
Cobria-a de dor e de goivos!

Bateram doze badaladas.
Doze corujas piando.
As carnes arrepiando...
Um cão veio uivar à porta
Da minha noiva morta.
Depois na noite negra de nuvens arroxeadas
Vieram sete assassinos
E no meu peito cravaram sete espadas!

Lidos que foram esses versos, sete parnasianos, munidos de sete abóboras-d'água, vão à Colombo assassinar, pela segunda vez, Adalberto Guerra Durval. Guerra, o simbolista, avisado, escapole, foge, voa, trancando-se a sete chaves, na redação da *Rua do Ouvidor*. Os sete poetas, em sete pernadas, vão ao esconderijo do nefelibata. Batem à porta, cabalisticamente, sete vezes chamam-no: Adalberto! Adalberto!... Depois, como a porta não se abre, atiram as sete abóboras no corredor de entrada do edifício, e desaparecem.

Figueiredo Pimentel, outro seduzido pelos exotismos da corrente nova, correspondente do *Mercure de France*, é autor de *Livro Mau*, onde existem versos loucos, como este:

Maldito seja o ventre
De minha mãe!
Que me... etc.

Figueiredo ainda não é o *smart* do movimento das elegâncias do *Binóculo*, na *Gazeta de Notícias*, mas, já usa umas escandalosíssimas polainas, uma gravata de seda, de *plastron*, enorme, tufada em peito de pomba gorda e um monóculo quadrado, sem aro e de onde pende uma fita de chamalote, longa, larga e preta. Mora em Niterói e escreve no *Fluminense*, com o pseudônimo de *Chico Botija*.

Certa vez os jornais anunciam o suicídio do escritor. Atira-se da barca, em meio à Guanabara, deixando sobre um banco da embarcação a capa, o chapéu e uma carta dirigida ao chefe de polícia...

Alberto de Oliveira, que vai dar os pêsames à viúva, saber se o corpo apareceu, encontra-a de olhos secos. E está comovido a fazer o elogio do morto, a conter lágrimas e a distribuir consolos quando esse Alberto Figueiredo Pimentel, que trabalhou depois nessa *Gazeta de Notícias* em que trabalhou seu pai, fedelho, então, de poucos anos, de cara suja, e dedinho na boca, surge, vindo dos fundos da casa, para dizer:

– É mentira, papai não morreu, não; está na sala de jantar, comendo doce de jaca.

Figueiredo, depois da indiscrição do filho, vê-se obrigado a explicar as razões da misteriosa tragédia: tinha impresso para ser atirado ao público um romance, *O suicida*, e ia lançá-lo (como o lançou, depois), estando, para isso, a preparar uma grande, uma sensacional reclame...

Por vezes a crítica revela, falando desses jovens escritores, coisas de um pitoresco encantador. Um há, por exemplo, que em seus poemas nos fala de:

dentes ebúrneos, cor de pombas “mansas”...

Outro, descrevendo o enterro de sua mãe, descreve-o deste modo:

E, no caixão, na noite escura,
Eu vi cair
Da tua boca, ó mãe, a tua dentadura
Como se fossem pérolas de Ofir...

Até a grafia do idioma que se fala no país sofre com o surto da nova escola. U e V são trocados como na época quinhentista. Escre-

ve-se: vsval por usual, auiuar por avivar, e assim por diante. Os pronomes pessoais são sempre grafados com maiúsculas, bem como certos vocábulos da predileção do autor:

Não Me digas, Amor, ah, não Me digas
Que isso é Ódio ou Vingança,
Eu Te direi... etc.

A ânsia de alarmar o burguês chega ao ponto de intervir até na feição material do livro. O que está em moda, reagindo contra a brochura vulgar, é *plquette* de 60, de 30 e, até às vezes, de 8 e 4 páginas! Mário Pederneiras publica *Agonia e Rondas Noturnas*, num formato que ofende a vista do leitor, porque é o dos velhos Memoriais da Casa Laemmert. Júlio Afrânio (Afrânio Peixoto) dá-nos o seu livro de estréia, *Rosa Mística*, impresso nas sete cores do prisma. É quando Cardoso Júnior pensa em publicar o *Primeiro Soneto*, quatorze versos distribuídos por catorze largas páginas – uma linha de verso por página impressa em papelão de respeitável grossura, o bloco encadernado, depois, em capa de folha-de-flandres. Por essa época publica Carvalho Aranha o seu segundo livro, *Eu*, que traz uma capa representando um *carvalho* e uma enorme *aranha* caranguejeira! O livro *Manchas*, de Antônio Austregésilo, justificando o título, aparece de capa branca, manchada pelos dedos dos tipógrafos, depois de metidos em tinta negra de imprimir. Melhor, porém, dá-se com Estácio Florim, que não acha quem lhe queira publicar o *Lua-Cheia*, livro que ele imaginou em forma circular, a impressão feita, também, em círculo, e com um sistema de encadernação constando de um cordão que, rompendo o centro das páginas, acabe em dois grossíssimos nós.

Medeiros e Albuquerque que, por essa época, é um sujeito triste, amarelo, usando uma barbicha melancólica sob o queixo, com pseudônimo de J. dos Santos, pela rósea *Notícia*, de quando em quando, segura um desses poetas pela gola do casaco e aplica-lhe surras tremendíssimas.

Há as oficinas tipográficas da *Aldina*, situadas na Rua da Assembléia, possuidoras de uma bela variedade de tipos elzevirianos, que são muito procuradas por



Luís Delfino
Desenho de Marques Júnior

todos esses novos. Depois delas, só a tipografia do Leuzinger, no Largo do Rossio. As oficinas da *Kosmos*, fundadas pelo Schmidt, e que conseguem fazer, depois, uma verdadeira revolução nas artes gráficas do país, só em 1904 aparecem.

Em 1896, Colatino Barroso reúne adeptos da nova escola e jovens de outras tendências literárias numa associação que se chama “Os Novos”, com sede no velho edifício onde funciona o Liceu de Artes e Ofícios, então, com porta principal voltada para a Rua Treze de Maio.

Pelo famoso Decálogo que a associação então publica, sabe-se que a mesma se propõe “editar as óperas de Arte, de seus Associados e as de profanos, desde que se lhes encontre Alma”. Empresa editora sem sombra de capital... A idéia da fundação de uma revista *Pallas*, consta, também, das linhas desse papel curioso. Revista e Associação, entanto, não passam de idéias fugazes. A *Tebaida*, publicação do mesmo grupo literário, surge depois, mas dura pouco, também. Após vem a revista *Vera Cruz*, de Neto Machado, Oliveira Gomes e Antônio Austregésilo.

A *Rosa Cruz*, de Félix Pacheco, aparece já no começo do século. Revistas de arte e jornais de literatura de menor vulto e pertencentes a novos, a registrar, existem ainda a *Máscara* e a *Delenda Cartago*, que dão apenas poucos números.

A *Meridional*, de Elísio de Carvalho, quiçá a melhor aparelhada de entre as publicações, no gênero, para se impor e vencer, não logra uma existência longa. Tem, no entanto, um corpo de colaboradores de elite e é magnificamente impressa. Bom será não esquecer, ainda, a *Ateneida*, dirigida por Trajano Chacon e onde Hélios Seelinger se revela um grande artista ilustrador. Das publicações desse tempo, porém, a que consegue ter vida mais longa é a *Revista Contemporânea*. Em 1901, já está no seu 3º ano... Dirige-a o autor destas linhas.

Esses periódicos são, em geral, caóticos, confusos, não raro apresentando manifestos literários, que são ridículas e fofas declarações de guerra a líricos, a parnasianos e a realistas, formando uma trincheira onde se encastelam soldados vindos de toda parte, amigos e inimigos, mas que vivem, somente, a dar tiros para o ar...

Anelo de todo novo, anseio natural de demolir, contrário à ânsia de conservar, de todo velho. Rinha de frango com galo feito, brigando por um galinheiro onde as galinhas são poucas. Luta, porém, até certo ponto, simpática, denunciadora de mocidade e de vida.

A história, curiosa e pitoresca, do movimento simbolista no Brasil, anda a pedir quem seriamente a registre, porque não será nas rápidas linhas de curtos depoimentos, como este, que dela se possa ter uma idéia rigorosa e precisa.

Irradiado de França, o novo surto promissor chega-nos aqui ao mesmo tempo que chega a Portugal, aninhando-se.



Colatino Barroso
Desenho de Marques Júnior

O movimento português, porém, nesse particular, diga-se, sinceramente, e de passagem, supera o brasileiro. Só os livros de Eugênio de Castro, Antônio Nobre, Cesário Verde e os *Simples*, de Guerra Junqueiro, valem por toda a literatura aparecida no gênero, e pelo tempo, no Brasil. Cruz e Sousa, o negro magnífico, criador do *Missal* e dos *Broquéis*, ao lado de um Nobre, de um Eugênio de Castro e até de um Cesário Verde não será como a

luz de uma vela de sebo comparada ao esplendor do sol no pino do meio-dia, mas é um poeta inferior. Bem inferior.

Para o nosso movimento, entretanto, é figura central. Admirável. Quando morre, anda-se atrás de outro para substituí-lo e não se encontra.

Pequeno, triste, ilhado na sua timidez, por um tempo em que o preconceito pelos homens de cor é bem maior do que se pensa, vive pobremente longe de rodas literárias, numa existência de misérias e de sonho.

Certa vez, da porta da *Cidade do Rio*, o próspero José do Patrocínio, vendo-o passar, pobrezinho, dentro de um triste e sovado fraque, barbando nos debruns e que de preto, francamente, descamba para o verde, solta esta frase infeliz, numa alusão desapiedada à cor verdoenga do mesmo fraque:

– E ainda dizem que este rapaz não é uma esperança da pátria!

Morre antes de findar o século Cruz e Sousa. Glorificam-no, então. Frase que se ouve, a propósito, caída da boca de um boêmio no Café Paris:

– Pudera! Defunto não faz sombra!

Contar, ainda, em meio a toda essa confusa agitação literária com muito esnobismo, muita insinceridade. Provas? A coroação de Luís Delfino, príncipe dos poetas brasileiros. Luís Delfino, diga-se de passagem, é um grande, um magnífico, um extraordinário poeta, porém, sem o menor elo literário ligando-o a essa estúrdia e nervosa mocidade. É um velho lírico que tange uma velha e fatigada lira, vindo dos tempos de Casimiro de Abreu e de Gonçalves Dias, vazando em estrofes que são urdidadas, muito à feição parnasiana, uma triste e açucarada alma de sonhador. Apenas, não vive, em tertúlias literárias, com os boêmios da Pascoal ou da Colombo, com “os Guima, com os Rabelos e os Bilacs”. Chega mesmo a correr que ele hostiliza os vitoriosos do Parnaso e os “reis” da Prosa, dos quais sofre, ignominiosamente, uma campanha soez de indiferença ou desprezo. Não há outro melhor, assim posto, para atirar à cara da *bilacada* (como então se diz) jactanciosa e vil. Levam-no, por isso, uma noite, de charola, ao Teatro Apolo, que fica na Rua do Lavradio, engalanado para o receber. Várias bandas de música. Entrada franca. Foguetes...

Vai ser sagrado o homem, príncipe dos poetas brasileiros.

No camarote de proscênio lá está o grande e querido poeta, de óculos e rabona, com quase oitenta anos, mostrando a barba e o cabelo (de um negro singularmente retinto), indefectivelmente enluvado.

– Anda de luvas para não pintar os cabelinhos da mão – informa a língua ferina de Emílio de Meneses, feroz hostilizador da facção simbolista e irritado com a coroação intempestiva do príncipe...

À figura do poeta o teatro delira. Grande salva de palmas. Fala o orador oficial, o Sr. Rocha Pombo. Discurso de homem que escreve a História do Brasil em dez volumes... Depois, a coroa de glórias, pousada numa almofada de seda verde e amarela... Para enterrá-la na cabeça do poeta, por sinal que, violentamente, Neto Machado, num vôo acrobático, passa da platéia ao camarote, berrando: – Vitória! Vitória! Loucos e delirantes aplausos. Berros. Guinchos. Lenços no ar. E o grande, o resignado e amável Luís Delfino, que não quer magoar os ímpetos de

toda aquela ardente mocidade, os olhos marejados de lágrimas, lágrimas que lhe pingam, melancolicamente, pela barba, pela gravata de *plastron* e pela rabona, a todos procurando agradecer, ora agitando a sua mão hirta e enluvada, ora movendo a cabeça coroada de lírios, de lírios brancos postos em curvas de repuxo, longos, finos e escandalosos.

Essa plêiade de jovens literatos não prega somente a revolução em assuntos de letras, prega-a, também, em matéria de idéias sociais. Acha-se pouca a liberdade do homem, a igualdade, uma ficção, a fraternidade, uma pesada intrujice, o mundo inteiro, enfim, povoado só de preconceitos antinaturais e estúpidos. Aplauda-se, por isso, o emprego da dinamite e do punhal, na recomposição de uma sociedade moderna.

E é assim que somos, quase todos, socialistas. A idéia é velha, judia. Vem do ano II, antes de Cristo, passa, depois, pela Grécia de Ágis, o protomártir... pela Roma de Spartacus... Idéia com cabelos brancos, mas que a mocidade da época trata de rejuvenescer, pintando-lhe os cabelos, ajeitando-a a seu modo, compondo-a, embelezando-a... De resto, coisa mais moderna, pelo tempo, não existe. Lê-se Bakunin, Kropótkin, Karl Marx, Dejean, Brousse, Plecards... Ravachol é um ídolo que trazemos no coração, como

exemplo. Vaillant, o assassino de Carnot, e ainda outros idealistas são, para nós todos, anjos ou semideuses. Há quem tenha um programa de violências, já traçado e para desencadear na primeira oportunidade. No quarto de Santos Maia, Alberto Thoreau, caricaturista francês, que abandonou a pátria só para não fazer o serviço militar, esconde, dentro de caixotes vazios, de sabão, duas bombas de dinamite.

Maia, quando se lhe pergunta sobre a existência dessas bombas, toma ares sinistros de conspirador, levanta a gola do casaco, desaba o chapéu no sobrolho, pede para falar mais baixo. E, em olhadelas cuidadosas para os lados, acaba informando:

– Duas bombas, sim, duas! Não diga a ninguém. Uma para o chefe de polícia...

– E a outra?



Nestor Vitor
Desenho do Calixto

– Ah, a outra é segredo. Não se pode absolutamente dizer, por enquanto...

A outra bomba havia sido destinada, saiba-se agora, a certo Alberto Pereira da Silva, um que era alfaiate com loja num sobradinho na Rua da Constituição, e a quem Maia, Thoreau e mais uns dois ou três boêmios, também revolucionários, deviam os cabelos da cabeça. A bomba era para o Pereira, alfaiate, mas fazia-se disso um imenso segredo.

Vai, por exemplo, um desses jovens escribas entregar os queixos a um barbeiro e logo, com ar de propaganda da doutrina, põe-se a seduzi-lo com propósitos dourados:

– Raspa, meu velho, raspa, que não está longe o dia em que a besta do teu patrão é que será o *vassoura* do estabelecimento e tu dono de tudo isto.

– O Sr. Doutor que assim diz é porque sabe – rosna o pobrezinho. E olhe que já não é o primeiro que assim me fala. Que venha essa revolução que chega mesmo a calhar. Olhe o preço por que está o pão de tostão, que é mesmo a vergonha do trigo! E o bacalhau, santo Deus, pela hora da morte! Ganha-se uma miséria. Botafogo está cheio de palacetes. Quer um homem ver o Dias Braga no Recreio e não pode porque a cadeira custa uma fortuna! Pente, seu doutor?

– Não, fricção. *Aglaiá*, de Houbigant.

O doutrinador, entanto, terminado o serviço, alegre e brincalhão, chamando o proletário por tu, liquida a sua despesa, porém, não larga nem um níquel de gorjeta! Paga em solidariedade social. E acha que não é pouco.

São todos assim, os socialistas e anarquistas de 1901. Muitos deles há que se vestem no Raunier, calçam no Incroyable, usam camisas da Coulon, fumando charutos de dois mil-réis...

Dieu que la faiblesse en a une âme si forte!

Já resmungava o velho Corneille malicioso e avisado.

Os ricos ou abastados, entre a gente nova que escreve, não são muitos. Há-os, porém. Tipos assim como Camerino Rocha e o Trajano Chacon, verdadeiros nababos aos olhos dos que só possuem um terno e até os jornais do dia vão ler às bibliotecas públicas.

Bastos Tigre, em sonetos admiráveis, e Gil, em caricaturas que fazem época, organizam, em 1903, na *Avenida*, a famosa *Galeria dos Prontos*, por onde passam os notáveis da miséria indígena.

Até o Rafael Pinheiro, orador popular que pelo tempo é um nacionalista vermelho, não escapa:

Mas, qual, meu Rafael, quando tu passas
Cheirando a *white-rose* e a quebradeira,
Sempre alegre, risonho, e sem fumaças,
Não posso compreender, por mais que queira,
Como tu andas agitando as massas
Sem nunca ter as massas na algibeira.

Pobreza honesta, risonha e boa! Armando Vaz, à porta do Laemmert mostra-nos, sorrindo, os seus borzeguins sovados e sem biqueira, dizendo:

– Olhem, vêem-se todos os meus dedos do pé. São duas metralhadoras de cinco canos...

Lembrar que, na época, os canos das metralhadoras são dispostos um ao lado do outro...

O fraque de Júlio Reis é negro à custa da pau-campeche e infusões de café. B. Lopes, no apogeu de sua glória de poeta, usa, durante muito tempo, um famoso chapéu de carnaúba, dos que se compram na Praça do Mercado por mil e quinhentos. Há companheiros que não acreditam na existência das notas de 500 mil-réis. Camerino Rocha, que é rico, mostra-nos, um dia, uma abotoadura de ouro cravejada de brilhante, e turmalinas, perguntando:

– Quanto pensam, vocês, que isto dará no prego?

Estou a ver o Luís Pistarini, depois de quedar-se algum tempo examinando a jóia, dizer, sinceramente, querendo acertar:

– Talvez uns seiscentos contos de réis...

No quarto de Santos Maia dormem poetas brilhantes, que vivem das empadas das 10 horas da Casa Pascoal e da Casa Colombo. Há um velho uniforme de oficial dos tempos da guerra do Paraguai que, nas noites de frio, serve de cobertor a muita gente. O famoso chapéu de prepúcio que o poeta Albano usa, tem a sua estranha forma devido a rupturas consecutivas da copa, estragos que se reparam com o arregaçamento das abas pregadas, interiormente, a alfinetes. Os charutos de João

do Rio são grandes, são, mas custam cinco, dois tostões! Florêncio Rocha, um terrível boêmio, bela cultura, inteligência que fáiisca, é encontrado, um dia, na altura do Catete, marchando a pé, sob o sol canicular, caminho de Botafogo. São onze horas da manhã e companheiro que vem em sentido contrário, de bonde, dele indaga, num gesto que quer dizer:

– Aonde vais?

Resposta do Rocha, berrada de longe, mantendo a sua larga e viva marcha para o Sul, sem um níquel no bolso:

– Vou almoçar... na Gávea!

Esse boêmio, que possui o estômago de Luculo e o apetite de Pantagruel, deixa certa vez de ir, por motivo grave, já se vê, a um célebre jantar em casa do Pantaleão Macedo, na Rua da Lapa, muito freqüentada pelo epicurismo não menos aprimorado do Heitor Mallagutti, pintor. No dia imediato, Mallagutti encontra-se com o Rocha, que, de ar catacúmbio, deplora a ocasião que dá como perdida, tal de devorar os quitutes famosos do Macedo, perguntando pelo *menu* da véspera, gozando:

– Vocês, naturalmente, ontem, começaram por aquela formidável canja de capão com azeitonas...



Antônio Austregésilo
Desenho de Calixto



Cruz e Sousa
Desenho de Calixto

E o Mallagutti, recordando o que comera:

– A canja de capão com azeitonas, mas depois, filho, tivemos o que há muito não tínhamos, aquele célebre peixe de forno com molho de alcaparras...

Rocha aí perde o ar melancólico e sorri:

– Aquele molho de alcaparras! E depois, Mallagutti, e depois?

Depois, tinha vindo um ensopado de jilós com carneiro e lascas de presunto, e mais fritada de maxixes e um peru com farófia, salada de alface com pimentões...

– E depois? – indaga o boêmio, fartando-se em espírito, de todos aqueles primores culinários. – E depois?

Eis senão quando, na calçada oposta, nervoso, vermelho e importante, vê-se um sujeito que chama pelo pintor:

– Mallagutti!

Mallagutti, abandonando Rocha, como uma flecha, atravessa a rua para cair deliciado nos braços do outro. É um amigo de infância, velho e querido amigo que Mallagutti não vê há quase vinte anos. Compreende-se a expansão. E ficam, os dois, conversando quase outros vinte anos. Essa, pelo menos, é a impressão do Rocha, que retoma o seu ar fúnebre, põe um rugão na testa, lançando, de quando em quando, um olhar terrível para a calçada oposta, curioso pelo final do *menu* do pantagruélico jantar...

Finalmente, depois de muito tempo, Mallagutti, sem pensar que o boêmio ainda o espera, despede-se do amigo e toma rumo oposto, embora pela mesma calçada. Vai andando, quando sente alguém que, carinhosamente, o enlaça pelo pescoço. Olha e é o Rocha, o Rocha que não se conforma com a brusca interrupção do diálogo gastronômico que mantinha com o pintor e que lhe pergunta, entre risonho e comovido, referindo-se ao inacabado *menu*, querendo ainda saber o que se havia comido na véspera:

– E depois, Mallagutti? E depois?

.....

Capítulo 23

Livros e livrarias

LIVROS E LIVRARIAS. O QUE SE LIA. A LIVRARIA GARNIER – UM POUCO DA SUA HISTÓRIA – LITERATOS DA ÉPOCA FREQUÊNTADORES DA GRANDE LOJA – “GÊNIOS” E “BESTAS” – A MANIA DOS CARTÕES-POSTAIS – OS INFALÍVEIS FREQUÊNTADORES DA “SUBLIME PORTA”

N

O COMEÇO do século lemos bastante, lemos; pena, entanto, que o livro, em espessa maioria, continue a nos vir, sempre, de fora. Como tudo, afinal, que nos instrui.

Gemem pesados guindastes de alfândega arrancando, à funda obesidade dos saveiros, livros de toda a parte: livros franceses, alemães, ingleses, italianos, espanhóis e portugueses.

As montras das livrarias resplandecem.

O prestígio do livro francês, porém, continua imoderado e incondicional. Com que avidez o lemos! Nos colégios, ainda se estuda o nosso idioma pelas obras dos clássicos portugueses. Não há biblioteca sem o seu João de Barros encadernado em carneira, as obras de Gil Vicente e de outros marechais das letras lusas, velhos e novos, o infalível busto de Camões em terracota, com uma coroa da mesma massa na cabeça... Contudo persistimos franceses, pelo espírito, e, mais do que

nunca, a diminuir por esnobismo tudo que seja nosso. Tudo, sem a menor exceção. O que temos, não presta: a natureza, o céu, o clima, o amor, o café. Bom, só o que vem de fora. E ótimo, só o que vem de França.

Há ocasiões em que quase disso nos convencemos. Verdadeira campanha de descrédito contra as coisas do país, sistematicamente ridicularizado, diminuído, apagado por um sentimento de esnobismo que envenena toda uma desfibrada mocidade, gente de boas cores no rosto mas que vive sentindo-se infeliz, entre nós, e a sussurrar pelos cantos: – Mil vezes cocheiro de fiacre, em Paris, que presidente da República, no Brasil!...

Pelo tempo, os mais importantes editores são: o Garnier, que edita o que de melhor se escreve no país, em matéria de literatura; o Laemmert, que se especializa em edições de obras científicas ou sérias, e o Quaresma, editor de baixas-letras e que, por isso mesmo, é popularíssimo.

Paga-se a um bom autor, por um bom romance ou livro de contos, de quinhentos mil-réis a um conto de réis; por uma novela popular, de cinquenta a quinhentos mil-réis. Para os livros de versos, abundantíssimos, não há tarifa. Em geral, são impressos por conta do próprio autor, ou entregues ao editor, sem compromisso de paga. As exceções à regra são raras.



Palhaço
Desenho de J. Carlos

Os grandes romancistas que vivem e que então mais se editam são: Machado de Assis, em primeiro lugar, Aluísio Azevedo, logo a seguir, e depois, então, Valentim Magalhães, Gonzaga Duque, Coelho Neto...

Olavo Bilac, Luís Murat, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, B. Lopes e Guimarães Passos são os poetas mais lidos e festejados. Os livros que imprimem, porém, não alcançam grandes tiragens: mil, dois mil, no máximo dois mil e quinhentos ou três mil exemplares.

* * *

Em 1901, a livraria mais importante da cidade é a Livraria Garnier. Tem 55 anos de existência, pois vem de 1846, quando começa num modestíssimo lugar, onde se vendem, ao lado de livros importados

de França, artigos de papelaria e escritório, guarda-chuvas, bengalas, estatuetas, charutos e drogas medicinais.

À porta do estabelecimento, de aspecto modesto, em letras negras e altas, o nome do proprietário: B. L. Garnier – O “Bom Ladrão Garnier”, na explicação maliciosa do comprador carioca, profundo conhecedor dos processos mercantis do astuto e prático francês. Ernesto Sena pinta o popular livreiro como uma das figuras mais interessantes da Rua do Ouvidor de seu tempo, ativo e resmungão, metido sempre num sórdido *veston* de alpaca negra, as calças brancas, amplas, cômodas, mas sempre muito amarrotadas. À cabeça gorro de veludo, com borla. O tipo flagrante do *petit bourgeois* das charges de Gavarni ou de Doumer, e cheio, a transbordar, daquele senso prático e econômico que encontra, a gente, no *Avare*, de mestre Molière...

Não abria uma carta recebida sem examinar-lhes o selo, porque o mesmo podia estar sem carimbo e, assim, aproveitável. Os selos carimbados punha-os de lado, numa caixa, talvez para vender em França, depois, a colecionadores. Abria os envelopes em que vinha a sua correspondência, com uma faca de marfim e, cuidadosamente, os empilhava, para aproveitar, depois a parte não escrita, como papel para notas, para bilhetes, para fichas de livros. Pingo de lacre que caísse no chão era pingo aproveitado. E dizem até que, quando ia ao restaurante, espantava os garçons, pois, com o miolo do pão de tal forma limpava o prato em que comia, aproveitando a última migalha ou o vestígio do molho, que acabava deixando-o como novo em folha... Fazia todas essas coisas lamentando-se:

– *Ah! si j'étais riche comme mon frère!*

O irmão era o grande Garnier, editor em Paris.

Morreu deixando quase sete mil contos, por uma época em que as livrarias, como a do Briguiet, eram montadas com dez contos de réis, legando toda a sua imensa fortuna ao irmão, já podre de rico, livreiro em Paris. À pobre mulher com quem vivia maritalmente deixou apenas 80 contos...

Fê-lo Pedro II, um dia, comendador da Ordem da Rosa, não como prêmio a tanta sovínice, mas porque era o fornecedor oficial do Paço e por serviços que o monarca prestava, a ele próprio, Garnier,

pagando, pontualmente, o que a sua livraria cobrava do Erário Público, em “contas de chegar”.

* * *

No ano de 1901, morto Baptiste Garnier, Lansac é quem dirige os destinos da grande livraria. Já se reconstruiu o prédio. A nova loja é vasta e de ar catedralesco: alta, imponente, bela...

Já não se aproveitam os selos de correio, pingos de lacre, nem envelopes velhos. O encarregado da gerência usa terno cortado no Lacurte, não põe gorro de borla na cabeça e, quando vai cear ao Restaurante Paris, que é o da grande moda, deixa sempre, no osso da costeleta, uma carnhinha para o gato...

Lansac é bom sujeito, tipo vulgar de francês, mas sem barba, sem condecoração, e com alguma geografia...

Vive a contar histórias da Indochina, onde passou anos e onde quase deixou as cordas vocais, que ainda lhe emprestam à voz o som cavo e rouco de um fonógrafo roncando dentro de um baú.

O caixeiro principal da loja, o tradutor oficial do francês do Lansac, a alma da livraria, é o Jacintinho, ou Jacintíssimo, na boca de Bilac. Jacinto Silva. Pequeno, magro, cor-de-canela, muito moço e já desafortadamente careca.

Os fregueses só querem ser por ele servidos. O pessoal da casa só vive a consultá-lo. E o Jacinto é um só para servir a todos! Anda, por isso, fogueateando pela loja, saltando de uma banda para outra, ora atendendo aqui, ao gerente: – Pronto, Sr. Lansac! Ora, ali, a dizer ao caixa: – Paga só vinte e dois! Ora, acolá, atendendo a um freguês que chega e manda embrulhar *La morale chez Ibsen*, de Ossip Lourier: – E as obras do homem, não as leva? Olhe que aqui, hoje, muito se lê Ibsen... Possuímos todas elas. Falta-nos, apenas, a *Hedda Glaber*, que esgotou...

Quando descansa, põe as mãos atrás das costas e vem cheirar as conversas. Não raro intervém nelas. Faz perguntas, comentários. Anda a par de todo o mexerico literário. Dizem que chega, até, a influir nas opiniões acadêmicas...

Inaugurada a nova loja, espalham-se, pela mesma, doze cadeiras. Má idéia. As cadeiras interrompem o trânsito. Os acadêmicos monopo-

lizam-nas. Tais assentos, porém, mais tarde, são retirados, por sinal que provocando zanga e açulando mofinas nos jornais. Cria-se a famosa questão das cadeiras dos 12 apóstolos... Lansac tem, com isso, grande desgosto. Piora das suas cordas vocais. Fica ainda mais rouco...

Vários são os grupos que na loja se formam, na hora de maior movimento, aí pelas 4, 5 e 6 da tarde. Há o grupo de Machado de Assis, com José Veríssimo, Sílvio Romero, Joaquim Nabuco, Rui (às vezes), Constâncio Alves, Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Coelho Neto (às vezes), Medeiros e Albuquerque, Araripe Júnior, Rodrigo Otávio, Mário de Alencar e Clóvis Beviláqua; são os grossões da Academia que, em geral, formam junto à escrivaninha do Jacinto. João Ribeiro, que, nesse tempo, ainda não é acadêmico, forma no grupo de Pedro do Couto e Fábio Luz, com Rocha Pombo, Gustavo Santiago Pantoja, Maximino Maciel, Múcio Teixeira, Nestor Vitor e Xavier Pinheiro. Gonzaga Duque, Mário Pederneiras e Lima Campos.

Há, porém, outros grupos que se espalham pelo interior da loja e onde pode a gente encontrar o Osório Duque Estrada, o Sousa Bandeira, o Severiano de Resende e o Curvelo de Mendonça.

Sabe-se de quem vá ao Garnier, como a uma feira de curiosidades, só para conhecer *de visu* os nossos autores. Os escritores da província, por exemplo, mal chegados ao Rio, antes de qualquer vi-



João Ribeiro
Desenho de J. Carlos



Osório Duque Estrada
Desenho de Marques Júnior



Sílvio Romero
Desenho de Marques Júnior

sita ao Jardim Zoológico, ao Museu da Boavista ou à Galeria de figuras de cera do Pascoal Segreto, vão à grande livraria ver os grandes literatos.

Não raro essa curiosidade se transforma em desapontamento.

– E aquele de polainas e monóculo que está acendendo o charuto?

– É o Guimarães Passos...

– Com aquela cara de barbeiro de Sevilha?

Sabe-se que um deles, ao lhe apontarem o nosso Coelho Neto, pequenino, magrinho, peso-pluma, na vida, não pôde se conter, e desapontado, furioso, exclamou:

– Afinal, só aquilo?!

Queria mais. Queria um Golias, ou um Hércules. Sonhava o escritor, através de sua prosa monumental, truculento como um campeão de luta romana, como um Paul Pons, um Goldwin. Sentia-se, por isso, roubado.

* * *

Machado de Assis jamais falta ao ponto da Garnier, como ao da repartição onde trabalha. É figura regular, na livraria.

Quando ele entra, rompendo a curva augusta da “Sublime Porta”, que outra não é senão a de arco monumental que dá ingresso à livraria, derrubam-se chapéus, arqueiam se espinhaços:

– Mestre!

E, logo, rostos de todos os lados, que se voltam para lhe ver a figurinha frágil, cerimoniosa e agitada, distribuindo cumprimentos, concertando medidas, o chapéu entre os dedos, nos lábios o mais franco dos sorrisos. Fala em surdina, pondo veludos na voz, revelando candura, bondade, timidez:

– Vai passando bem?

Temperamento singular o desse homem, de quem se diz que nunca teve um inimigo e de cuja boca, que se ouvisse, jamais rolou uma áspera palavra denunciando queixa, protesto ou recriminação.

Passa a vida sorrindo e concordando. E é por isso feliz! Não sabe dizer não. A ninguém. O que lhe pedem faz e, quando esbarra no impossível, sofre ainda mais que aquele que pediu e a quem não pôde dar.

Certa vez o médico proíbe que ele tome café. Nem uma simples gota. Para ser agradável ao esculápio, aceita logo a tirânica medida. Proscreeve dos seus hábitos o café. Está na repartição, onde trabalha, quando recebe a visita de companheiro de infância e de colégio, que lhe vem pedir certa vaga existente na secretaria, para um parente seu. Já a vaga, porém, há muito que foi dada. Machado explica-lhe, então, a impossibilidade de atendê-lo:

– O ministro, que tudo pode e tudo manda, tem já um candidato... Devemos nomeá-lo ainda hoje...

Diz isso, entanto, cheio de contrariedade e de tristeza. Sofrendo, penando. Se ele não sabe dizer – não!

O contínuo de serviço, nesse momento, chega, a sopesar uma bandeja enorme, cheia de xícaras de café. Num gesto natural de cortesia, o pretendente ao emprego e velho companheiro toma de uma xícara e oferecendo a Machado:

– Beba você, agora, o seu café...

Com precipitação Machado aceita a xícara e põe-se a beber a essência da rubiácea, proibida pelo médico, calmo, conversando...

Na livraria à Rua do Ouvidor, momentos depois, sente-se mal. Socorrem-nos. Entre ânsias, põe-se, então, a contar o ocorrido. O mal que lhe fez o café! Querendo fazer uma gentileza ao amigo, pôs de lado a prescrição do médico e esqueceu-se do mal que lhe poderia advir. Sofre por isso. Tem náuseas. Parece que vai morrer...

– Ora essa! – dizem-lhe. – Mas podias alegar, naturalmente, a proibição do médico. Não beber! Se isso te altera a saúde!

– Que querem! – responde ele. – Ao homem eu já havia recusado o emprego, não podia, também, recusar-lhe o café!

Não raro passa por um despersonalizado, com esse eterno receio de molestar o próximo. Por timidez, por bondade, não se define, não se revela. Poucas vezes afirma. É, ternamente, o homem que escreve: “Fulano nasceu na rua tal, isto é, dizem que nasceu, daí talvez não tivesse nascido...”

Sua frio quando lhe fazem uma pergunta.

Certa vez D. Florência Barreto, mãe de João do Rio, quando o escritor, muito moço, começa a escrever para os jornais, encontrando-o na livraria, a ele se dirige:

– Dr. Machado, há muito que andava para lhe fazer uma pergunta...

– E acha V. Ex^ã, minha senhora, que lhe poderei responder? – diz ele, já apavorado, pensando na resposta...

– Perfeitamente, pode, Dr. Machado...

E prosseguindo:

– Que juízo faz o senhor do talento do meu filho?

Machado de Assis não conhecia D. Florência e ficou, por isso, num momento, indeciso. Ela, porém, compreendendo a causa daquela indecisão, explicou-se melhor:

– Meu filho é o Paulo Barreto, João do Rio, esse jovem que o senhor deve conhecer e que anda a publicar crônicas pela *Gazeta de Notícias*...

Machado de Assis, que quase nada lera, então, de João do Rio, arregalou os olhos, e, num gesto largo, abrindo os braços, dando mostras de homem comovido, gentilmente, murmurou-lhe em surdina:

– Oh! minha senhora, mas, seu filho... é meu mestre...

* * *

Esse tipo viril, que vai entrando, agora, alto, ereto, solene, dentro de um fraque cinza, um fraque hirto e sem dobras, o que saúda de olho meigo e sorriso fatal, é o poeta Alberto de Oliveira.

Entra como que a controlar a medida do gesto, parnasianamente. Que nele tudo é ritmo: o pé que avança, a mão que move, a figura que arqueia...

Caminha como um seu alexandrino: com pompa, glória, terso, altivo...



Raimundo Correia
Desenho de Raul

Em hexâmetros saúda:

– Como vai? Como está?

Nele tudo é medida e proporção. Rima. Cadência. Acordo. A própria voz é compassada e musical. Tudo, no homem, recorda a harmonia de um pêndulo.

Usa chapéu de feltro inglês de abas esparramadas e a cuja sombra amiga repousam, muito negros e tranqüilos, dois bigodes agudos e encerados.

Os cultores do verso, os ourives da forma, adoram-no. Pudera! É o Leconte de Lisle do idioma. É Dierx...

Pois esse homem, tranqüilo e controlado, um belo dia, des-norteia. Perde o hemistíquio, o ritmo, só porque encontra na página primeira de um volume de suas *Poesias*, que o Garnier edita, um retrato e por baixo uma legenda, assim: “Dr. Alberto de Oliveira”...

– Doutor! – teria dito, irritado e violento, o grande poeta. – Doutor! Tudo, menos isso!

Manda que arranquem, sem demora, a página infeliz, quase ofensiva aos seus foros de vate ou ao seu plectro de ouro.

– Tudo, menos isso! Doutor!

Alberto de Oliveira só queria ser poeta. Na verdade, nunca foi outra coisa.



Carlos Dias Fernandes
Desenho de Armando Pacheco

As livrarias da época ainda conservam um pouco a estreita mentalidade das boticas que eram, outrora, o lugar onde os homens se reuniam para o cavaco e para a desídia. Ainda lembram, um tanto, esses laboratórios de desentendimento onde as línguas de ponta serpenteavam seteando as almas e as reputações; centros onde se manejava, como um trabuco em festa de arraial, o escândalo de críticas restritamente pessoais. Cenáculos de vaidadezinhas, de invejzinhas, de vingançaquinhas...

Se o douto Sr. Sílvio Romero, involuntariamente, pisar, por exemplo, o calo do poeta Antônio Lamecha, o que escreveu a *Lira do*

meu sofrer, e não lhe pedir logo, desculpas, arrisca-se a passar, não por um indivíduo descuidado, mas por um literato sem talento, porque, no dia imediato, e Lamecha trepa para uma gazeta e arrasa-o: “A *História da Literatura Brasileira*, torpe calhamaço que fede a erudição, escrito por certo energúmeno que acode ao nome de Sílvio Romero, no fundo, nada mais é que uma moxinifada imbecil.” Isso ele traça e assina. E à tarde, arrastando uma bengala de Petrópolis, como se arrastasse uma adaga de gancho, vai espetar-se à porta da Garnier, cheio de importância e charuto, para discutir o artigo, e acabar a demolição *ad vitam aeternam* da glória do escritor.

Cada rapaz que escreve, pelo tempo, tem-se na conta de um ser privilegiado e que se faz respeitar. Cada soneto que publica ou cada conto que assina eleva-o do solo mais um palmo. E é por isso que esse semideus das letras divide os literatos freqüentadores da Garnier em dois grupos distintos: o das *bestas* e o dos *gênios*. *Bestas* são os desprezíveis seres que a opinião pública consagra, por estupidez ou engano e que a Academia engole. *Gênios*, as vítimas dos erros dessa mesma opinião e da estultícia acadêmica, os que se julgam roubados no conceito público, sem admiradores, sem leitores ou sem nome, mas com um enormíssimo talento... Como, porém, as *bestas* mantenham sobre os *gênios* idéias inteiramente diferentes, *gênios* e *bestas* vivem num completo desentendimento, latejando rancores, a desmanchar, por vezes em mentidos sorrisos, hostilidades tenebrosas.

Além do *gênio* e da *besta*, existe, ainda, um tipo singular, o *vaselina*, untuosa e amável criatura, levando em conta tanto um como outro, entre ambos se movendo sem o menor atrito, suavemente...

Quando chega, importante e orgulhosa, a “ilustre besta” e encontra, por acaso, o “gênio” em seu caminho, à porta, põe sempre, para mostrar cordura e polidez, dois dedos frios no chapéu, e, sem nada dizer, vai passando. Já com o *vaselina* desfaz-se em atenções e cortesias. Chega, por vezes, a afetá-las, sobretudo quando descobre, perto, a catadura antipática e desprezível do “gênio”:

– O meu amigo vai bem?

E o “vaselina”, logo, aproveitando a vaza:

– E o Mestre? Como vai?



Coelho Neto
Desenho de J. Carlos

Ao lado o “gênio”, mortalmente ferido, ante o salamaleque, dardeja, por cima do *pince-nez* de tartaruga enfitado, o olho que lembra uma boca que escarra e trata de fulminar os dois, numa só frase:

– Raça de pulhas!

O “gênio”, em geral, usa o cabelo crescido, caindo sobre a gola do casaco, as botinas cambaias, roupa sovada e gravata borboleta. Anda quase sempre sem punhos e traz a barba por fazer. Isso por fora. Por dentro um resplandecer de coisas escovadas e brunidas. Adora o luar e a giribita. Deve o quarto em que mora, a pensão onde come... Recolhe a casa de madrugada e, com freqüência, berra pelas rodas em que anda, alto, para que todos ouçam, esta frase que em sua boca tem foros de um clichê:

– Nós, os boêmios!...

São 5 horas da tarde e a freguesia, agitada, barulha. São advogados, médicos, engenheiros, estudantes que entram para ver novidades literárias, encontrar um intelectual amigo, dar dois dedos de palestra.

Veze surgem tipos exóticos, que não sabe a gente quem sejam nem de onde vêm, andando pela comprida linha do balcão, a investigar lombadas, a folhear brochuras, silenciosamente.

Há senhoras, quase todas atrás de romances franceses. As que lêem assuntos nacionais, gente que seja nossa, escasseiam. Não obstante, sempre aparece lá uma ou outra, de ar histérico e cintura de vespa, a perguntar se já saiu a nova edição da *Carne*, de Júlio Ribeiro, ou o *Mulato*, de Aluísio Azevedo.

– Ó Sr. Jacinto, aquele senhor, acolá, de nariz de tucano e ar triste, é o Sr. Machado de Assis?

– Não, minha senhora, aquele é o Sr. José Veríssimo, um crítico muito importante...



Araripe Júnior
Desenho de Marques Júnior

– Ah! E o de chapéu de palha, vesgo, que com ele conversa, é o Bilac?

– Perfeitamente, é o Bilac...

– Como o senhor seria amável se dele me conseguisse o autografozinho, num postal! – E arrancando a uma carteira de veludo seis postais com a efígie da Cléo de Merode, da bela Otero e de outras artistas do *Paris-plaisir*:

– Ele que escolha, entre estes cartões, um e o assine. Claro que se ele escrever uma quadra ou um soneto, melhor será... O que vier, porém, serve, Sr. Jacinto, serve. O principal é a assinaturazinha, o autografozinho... É para a minha coleção. Por favor.

De enlouquecer o pobre Jacinto!

O cartão-postal que, pelo começo do século, e mesmo até bem pouco antes da Grande Guerra, é o delírio que empolga o carioca, foi aqui introduzido pelo Castro Moura, o que escreveu uma brochura satânica, em 97 ou em 98, com o título *Súplicas e Blasfêmias* e que acabou trocando Apolo por Mercúrio, e enriquecendo, a provar, de tal sorte, que a boa arte, neste país, ainda é a de comprar por 2 e vender por 4... Chega Moura de Paris, com seus primeiros cartões, em 1901. A novidade impressiona. Tão bela, porém, é a apresentação desses postais, que muita gente os compra em séries, só para encaixilhá-los. Um vidraceiro da Rua da Quitanda cria disposições artísticas para a coleção das fotos em *passe-partout* de cores. A bela Otero, por exemplo, em seis poses diversas, é um quadro para se dependurar abaixo do espelho de Veneza, num salão...

Cabeças de Cléo de Merode surgem nos gabinetes de dentistas... E atrás de Otero e de Cléo, todas as *cocottes* de França, com o nome por baixo, em atitudes provocadoras e plásticas, mostrando a perna, o colo, o seio, e a fazer o encanto das famílias.

A bem dizer, o delírio do bilhete postal ilustrado só começa a inquietar-nos em 1904. Moda, a princípio, passa, depois, a obsessão.



José Veríssimo
Desenho de J. Carlos

Há postais em cartolina, platinografados, reproduzindo figuras célebres, fixando paisagens, reproduzindo quadros conhecidos ou notáveis, com versozinhos, pensamentos, frases sobre o amor, sobre a mulher, sobre a felicidade... Os namorados preferem os que representam corpos que se enlaçam, bocas que se beijam, acompanhados, sempre, de legendas patéticas, como estas: *Amor eterno! Sofro, mas, um dia serás minha! Quanto dói uma saudade! Dou-te o meu coração e a minha vida!*

Cartões há um de aspecto escultórico, feitos em crostas, em espantosos relevos; chafarizes que deitam tiras de papel pelas bicas, fingindo água, corações de veludo sangrando rosas vermelhas, pintadas a óleo ou a aquarela...

Depois dos cartões, vêm os álbuns para os mesmos, e com os álbuns, maníacos interessantes. Conhecido tenente do Exército, professor da Escola de Equitação, organiza aqui um famoso álbum com pensamentos em prosa e verso, dos nossos melhores escritores, sobre a "Mulher e o Cavalo"...

A certo Faria, negociante importador que coleciona, numa ânsia de louvável panteísmo, pensamentos sobre a árvore, manda um dia, Emílio de Meneses, quadra tão satírica que o homem desgostoso resolve acabar com a coleção... No fundo a quadra de Emílio, que, por sinal, fica célebre, nada mais representa que uma justa reação contra a causticidade e o incômodo que aos homens de letras impõem os homens da mania. Um verdadeiro tormento para quem tem destaque, fama, nome ou seja estafeta dos Correios.



Castro Moura
Desenho de Marques Júnior

Se até os presidentes da República não escapam às investidas dos colecionadores!

Certo deputado pela Bahia manda, um dia, ao Presidente Rodrigues Alves, um telegrama com pedido de audiência. Marcam-na, dando dia e hora. No instante de ser recebido pelo chefe da Nação, quando este vai indagar dos motivos da entrevista marcada, eis que o pai da pátria, muito naturalmente, declara apresentando-lhe um postal:

– V. Ex^a perdoe, mas, o que eu desejo é que V. Ex^a ponha sob esta linda cabeça de Napoleão a sua assinatura, e, se possível, duas linhas a respeito do herói.

Sílvio Romero e José Veríssimo, pela época, muito ligados, muito amigos, entram, quase sempre, juntos: Sílvio alegre, com o seu vozeirão tonitruante de leiloeiro ou de orador em comício popular, Veríssimo chocalhando a sua vozinha flébil de gaita velha, um ar sorumbático, o nariz ornitológico, eternamente, procurando o lápis do Raul ou o do Calixto.



Fábio Luz

Desenho de Marques Júnior

O que discute acaloradamente com o Rodrigo Otávio, o de barba à nazareno, nervoso, uma pasta debaixo do braço, junto ao guichê da caixa, é Raimundo Correia, poeta e juiz em Niterói.

Tem grande ternura pelos novos. Vive a elogiá-los.

– Menino, venha cá, você publica, ultimamente, umas coisas muito interessantes. Continue...

Chega Olavo Bilac, em companhia de Pedro Rabelo, de Plácido Júnior e Guimarães Passos. Não demoram, porém, que o ponto deles é a Colombo. Abalam.

No grupo em que forma João Ribeiro há um tipo muito interessante, o do poeta José de Abreu Albano, espírito simpático, embora um tanto anquilosado pela mania do clássico. Fala como escreviam Diogo do Couto e Fernão Lopes de Castanheda, aí pelo ano da graça de 1550. Acaba, coitado, como era de esperar, recolhido a um manicômio. Verseja copiando o Camões. Detesta o automóvel, a democracia e os relógios Patek Philippe. Seu maior tormento é sentir-se dentro da sua sobrecasaca de sarja e no século XX. O homem era para viver no reinado do Sr. D. João III, pela época das carochas e do Santo Ofício, de gibão desgolado, entretalhado de cetim, pantufas de seda e espada de punho de ouro ou prata com guardiões de esmalte, dentro de bainhas de veludo, tudo cor-de-pérola. Por isso vive desgostoso, amofinado, queixando-se dos calos, achando tudo ruim: os versos do Sr. Cruz e Sousa, o frango de caçarola do Restaurante Bri-

to, a pintura nefelibata do pintor Hélio Seelinger... Um infeliz vivendo de barba em riste, o monóculo a tapar-lhe o olho negro e melancólico.



Alberto de Oliveira
Autor desconhecido

Tem quase trinta anos e é virgem. Tudo de acordo.

Múcio Teixeira, *habitué* na roda, não possui, como o Albano, um espírito tão velho, mas não é muito do seu tempo, vivendo, como vive, ostrificado à lembrança da velha monarquia, aos dias de S. M. o Imperador, ou eternamente sonhando mistérios capazes de transformar-nos, todos, em meigos e venturosos serafins.

Ainda não é o Mago da Sétima Palmeira, mas já é amigo do hierofante Magnus Sonhal, um longo, feio, que usa *pince-nez* de cordão, mostra sob o queixo uma barbela caprina e ruivacenta e de quem se diz que pratica o nudismo e o amor livre nas praias ermas da cidade, longe das vistas da polícia. Discute, Múcio, com Pedro do Couto, o Hermetismo, o Ocultismo da Índia, o Cabalismo egípcio, o Esoterismo, a teosofia ocidental e até o Mefistofelismo e o Mandalismo vindálico... Pedro do Couto também sabe ler as mãos. Leu por exemplo, uma vez, que o Sr. Aaulfo acabaria entrando para a Academia de Letras, e o caso é que o mesmo lá está... Ninguém acreditava, mas aconteceu.

Rocha Pombo faz História e sorri; Fábio Luz prega idéias anarquistas; Gustavo Santiago sussurra poemas simbólicos; Nestor Vítor solta gargalhadas satânicas, neurasteniadoras. Passam João do Rio, o seu charuto e a sua glória... A um canto, comprimindo Aguiar Pantoja à parede, Osório Duque Estrada encharca-o de pessimismo, em tiradas cheias de arestas e de bîlis, mal-humorado, o rosto que lembra do homem que desespera, que chupa uma barata ou um limão.



Pedro do Couto
Desenho de Calixto

* * *

Um dos freqüentadores da Garnier, que corre afavelmente todas as rodas, é o Martinho Garcez, espírito desempoeirado, loquaz, alegre, e do qual se contam vários ditos interessantes.

Certo dia vai ele presidir a uma reunião no Centro Sergipano, Abre a sessão consultando o relógio, que está com pressa. Quando a sessão, porém, vai terminar, toma a palavra o Deodato Maia, que está a seu lado e que se põe a discursar. Deodato é um orador fluente, imaginoso, belo, mas alonga-se um tanto na oração que profere. Arabesca frases, arredonda períodos. O que ele quer, afinal, é que se abra uma subscrição para erigir-se, em Aracaju, uma estátua a Tobias Barreto. Pede, assim, o concurso de todos os sergipanos. Com cento e cinqüenta contos, afirma, o monumento se fará. Martinho coça, nervosamente, a cabeça, empurra com força o relógio para dentro da algibeira, e quando Deodato diz, indicando que tão cedo terminará o seu discurso:

– Filhos da minha terra, eu já vos direi porque urge arranjar esse dinheiro...

Martinho, puxando-o pela aba do casaco, murmura-lhe, mas, de modo tal, que toda a sala o ouve:

– Oh! Deodoro, por favor! Acabe esse discurso... Estou atrasado. Temos que sair... Pare com isso porque eu... pago a estátua!

* * *

Veze, pela porta da livraria, surgem os do grupo do *Antro*: Carlos Dias Fernandes, Saturnino Meireles, Félix Pacheco, Nestor Vítor, Maurício Jobim e Tibúrcio de Freitas, discípulos, todos, de Cruz e Sousa, o poeta negro, morto em 99. Altivos, secos, austeros, arredios, fazem eles uma existência à parte. Dão-se a importância. São como o poeta negro que em sua torre de marfim viveu sempre insulado e triste, até morrer. Cruz e Sousa era um tipo sin-



Oliveira Lima
Desenho de J. Carlos

gular: pequeno, franzino, de um negro baço, tinha dois olhos languês, profundos e expressivos, voz branda e maneiras gentis. Tímido, falava pouco e ainda menos sorria. Morava num remoto subúrbio, cheio de filhos, paupérrimo, vivendo da renda curta que lhe dava um lugar modestíssimo na Estrada de Ferro Central do Brasil. Não procurava relações, antes, as evitava. Com fama de selvagem, possuía, além de um talento enorme, traços de caráter particularmente simpáticos.

Era violentamente patriota, retintamente brasileiro. Embora sempre infenso à Academia, vimo-lo, uma vez, extasiado e feliz diante de Tibúrcio de Freitas, lendo um discurso de Joaquim Nabuco, defendendo a autonomia literária do Brasil, então, seriamente comprometida pelos comendadores de Cristo e da Ordem de Santiago... Foi dos primeiros a se rebelar, aqui, contra o ensino do idioma que se fazia através dos *Lusíadas* de Luís de Camões, livro que ele, irreverentemente, chamou um dia “compêndio de geografia em verso, anacrônico e parvo, cheirando a Olimpo e a negócio”.



Rodrigo Otávio
Desenho de Marques Júnior

Pobre Camões! Diz-se que não gostava também de Machado de Assis. Diz-se... E aponta-se como dele estes versos que nos foram revelados por Carlos Dias Fernandes, quiçá, o mais amado de seus discípulos:

Machado de Assás, assás
Machado de Assis, Assis;
Oh! zebra escrita com giz,
Pega na pena e faz zás.
Sai-lhe o “Borba” por um triz
Plagiário de Gil Blás
Que de Lesage nos diz.
Pavio que arde sem gás,
Carranca de chafariz,
Machado de Assás, assás
Machado de Assis, Assis.

Não era Cruz e Sousa figura da Rua do Ouvidor. Nesse particular não o copiaram seus discípulos, os do grupo do *Antra*. Antra? É o quarto do Tibúrcio de Freitas, trepando sobre o segundo

andar de um velho e desmoronante imóvel na Rua do Senado e onde esses cardeais do simbolismo, primazes da nova idéia, o arrebatado Carlos Fernandes à frente, cabalisticamente, se encontram a desoras, em tertúlias memoráveis.

Da existência dessas tertúlias sabe-se, no Garnier, mas, por ouvir dizer. Apenas. O *Antro* é impenetrável. *Turrís eburnea*. Reduto de entonados sonhadores. Loja maçônica. Grande Oriente da literatura nacional...

.....

Capítulo 24

Outras livrarias da cidade

OUTRAS LIVRARIAS DA CIDADE E SEUS FREQUÊNTADORES – A LIVRARIA BRIGUIET – O LIVREIRO QUARESMA – OS IRMÃOS LAEMMERT – EXCENTRICIDADES DO LIVREIRO FRANCISCO ALVES – ALFARRABISTAS – ADORADORES DE CAMILO CASTELO BRANCO – BIBLIOTECAS E BIBLIÔMANOS DA CIDADE

A

LIVRARIA do Briguiet, na Rua Nova do Ouvidor, é considerada uma das melhores da cidade. Não tem a apresentação espetaculosa da Garnier, nem mesmo a do Alves, não obstante, possui estoque variado e numeroso. Faz séria concorrência aos livreiros importadores, sobretudo, os de obras francesas, alemãs e inglesas, porque as vende muito mais em conta. Pequena e simpática loja. São três portas, um salão muito comprido, balcão centro e as estantes altas de cinco a seis metros, correndo a extensa linha das paredes. No sobrado, o escritório e o depósito. As novidades científicas, recebidas da velha Europa, aí vão ter em primeira mão. Há um serviço de catálogos admirável e todas as revistas bibliográficas do mundo estão à disposição da freguesia, numa organização lembrando a das livrarias inglesas.

Briguiet é um *gentleman*. Tem maneiras distintas. Afabilidade. Linda. Cordura. Fez a prosperidade da loja sorrindo, cumprimentando, dizendo bem dos colegas, achando tudo bom, muito certo, muito natural. Tipo sem pessimismos, sem arestas, sem atitudes desagradáveis, dá a impressão de um homem superior e feliz. Caixeiro do Garnier, com ele adquiriu a prática do negócio, embora não adquirisse o feitio ronceiro do negociar.

Na caixa está o Louis Saintive, e no balcão, como primeiro-caixeiro, sempre todo de branco, atencioso e risonho, o Louis Laber, que frequenta a escola de amabilidade do patrão.

Boa freguesia: Eugênio de Sousa Braman, Xavier da Silveira, Barão Homem de Melo, Arrojado Lisboa, Pandiá Calógeras, Medeiros e Albuquerque, Artur Orlando, Júlio de Novais, Sílvio Romero, Joaquim Nabuco, Graça Aranha, Veríssimo, Cândido de Oliveira e Pedro Ivo.

Lá é que Rui Barbosa faz ponto certo e recebe recados e cartas, quando sai do Senado, após a *tourné* que faz às outras livrarias. Que ele as corre todas, quase diariamente, até as dos alfarrabistas, algumas bem distantes, como a do Martins, à Rua General Câmara, próximo ao Campo de Santana, e a do Paiva, à Rua da Lapa... É muito da livraria do Quaresma, na Rua de S. José, o grande Rui.



Rui Barbosa
Desenho de Seth

Quando aí ele chega, os fregueses curiosos acotovelam-se, murmuram frases de admiração, de respeito, deitando-lhe olhadelas contundentes. O José de Matos, primeiro-caixeiro da loja, vem logo para saudá-lo, avaselinado e carinhoso:

– Sr. Conselheiro...

O Sr. Conselheiro é homem de poucas palavras. Os oradores parlamentares, em geral, fora do palco da política, são, quase todos eles, mais ou menos assim. Rui fala pouco, por vezes, monossilabicamente, baixo, sério, abstrato, vagando entre pilhas de livros como dentro de um grande sonho, a varrer com o seu olho de míope, todo curvado, o dorso das encadernações e das brochuras postas latitudinalmente sobre a linha extensa dos balcões.

Uma ou outra vez é que se volta para atender ao cumprimento dos que se lhe aproximam com mostras de intimidade ou de carinho. E o José, escudeirando-o sempre, pondo em evidência a novidade alfarrábica:

– E isto aqui V. Ex^a já viu, Sr. Conselheiro?

E o Sr. Conselheiro, após examinar a obra, entre sentencioso e amigo:



Graça Aranha
Desenho de Seth

– Isso, José, já tenho. Vocês, porém, marcaram mal o volume. Como preço, é exorbitante! Os catálogos ingleses não pedem nem a metade pela 1^a edição, que traz, no entanto, até estampas em cores. Diga ao Quaresma para remarcar isto...

E lá vai o livro à remarcação, levado pelo José de Matos, que o informe é seguro e de mestre.

José é uma edição popular do Quaresma, encadernada em brim pardo, alto, cheio de corpo, ativo, simpático, ainda com a sua dicção lusitana muito pronunciada...

Apenas, fala demais, o José. Se fala!

Certa vez, Rui pergunta-lhe, por acaso:

– Tem, você, os *Excertos* de Castilho?

E o José, como se estivesse a falar com a vassoura do estabelecimento, cheio de naturalidade e de deslante:

– *Excertos*, Sr. Conselheiro? Eu cá sempre ouvi dizer *incertos* – quase a acrescentar: – E é o que deve ser!

Rui, nesse dia, pôs-lhe por cima do *pince-nez* de aro de tartaruga aquele olho profundo e dogmático que ele, no Senado, punha sempre quando lhe batia ao ouvido um aparte bajoujo ou estapafúrdio; mas, não lhe disse nada. E com o seu eterno ar de abstração e displicência, continuou tranqüilo a remexer o alfarrábio.

José, português de nascimento, vive num ambiente fechado de jacobinos vermelhos, a começar pelo patrão, sempre em luta comercial e política com os livreiros lusitanos, que lhe fazem uma guerra de morte.

Ante às explosões de tão áspero nacionalismo, por vezes impertinentes, José, cheio do melhor espírito, levanta os ombros, desinteressado:

– Lérias! Deixá-los!

E, quando lhe vêm dizer ao ouvido:

– Ó Zé, mas isso, também, é demais – ele responde, invariavelmente:

– Quem defende Portugal, não sou eu, meu amigo, é o Sr. João de Sá de Camelo Lampreia e o couraçado *Adamastor*. – Diz isso raspando sempre calmamente, com a unha forte e ar displicente, a gordura traseira do cachaço. E vai cuidar dos seus fregueses.

Quaresma não era jacobino, quando se meteu no negócio. Fizeram-no. Ele é quem conta, não sem declarar, e com certa constância: – Reajo!

Sofreu muita guerra, muita deslealdade, muita picuinha, para chegar ao que é.

Como homem de negócios, tem iniciativas, audácia. E não conhece desânimos. Seu sonho é abrasilizar o comércio de livros, entre nós. Traça, para isso, um plano. E por ele se esforça e trabalha como poucos. Não realiza integralmente o que deseja; no entanto, consegue muito.

A literatura infantil, por exemplo, vinha toda ela de Portugal. Até certo ponto, para nós ela representava um contra-senso, uma vez que as diferenciações entre o idioma falado nas duas pátrias eram já notáveis, na época, e, de tal forma que, por vezes, frases inteiras ficavam indecifráveis para as nossas crianças: “*E o petiz que andava às cavalitas do avô vendo o marçano que trazia o cabaz pleno de molhos de feijões verdes, sai-se-lhes com esta: a mamã que tos conte!*”...



Jacinto dos Santos
Desenho de Calixto

Isso, era muito bom português; mas não era nada brasileiro, tanto que as nossas crianças não entendiam, como a maioria dos textos desses mesmos livros.

Quaresma manda chamar o Figueiredo Pimentel (que mais tarde encontraremos fazendo outra obra meritória e bem nacional, embora sob a aparência fútil de crônicas diárias, na *Gazeta de Notícias*) e pede-lhe, não um livro, mas toda uma biblioteca para os nossos guris. Uma ou duas semanas após surge o primeiro volume da série: *Histórias da Carochinha*, e logo, a seguir: *Histórias do Arco-da-Velha*, *História da Avozinha*, *Histórias da Baratinha*, *Os Meus Brinquedos*, *Teatro Infantil*, *O Álbum das Crianças...*

Os livros começam a fazer um sucesso espantoso. Os que se importam, em linguagem diferente da que se fala no país, vão ficando sob a poeira das estantes. Contra Quaresma abre-se, então, uma campanha terrível. Talvez os alemães, quando aqui lançavam a cerveja nacional, pondo em xeque o vinho português, não sofressem tanto. Quaresma, porém, possui a pertinácia do caboclo...

Faz finca-pé e acaba dominando o mercado.

Entusiasta da modinha brasileira, da trova patricia, do nosso vate popular, lança a famosa Biblioteca dos Trovadores, com o *Cancioneiro Popular*, a *Lira Brasileira*, *Choros de Violão*, *Trovador Moderno*, *Trovador Marítimo*, *Cantor de Modinhas*, *Lira de Apolo*, *Lira Popular*, *Trovador de Esquina* e *Serenatas*.

No começo do século não há seresteiro cantador de violão que não procure a bibliografia do Quaresma para refrescar o repertório.

Graças a essas brochuras, que se vendem até pelas portas dos engraxates, a cavalo, num barbante, a canção popular, estimulada, cresce, palpita, e os poetas do gênero começam a aparecer. Surge impresso Catulo da Paixão Cearense, que ainda não é o interessante poeta regional, que, anos depois, se conhece, mas que já se revela um versejador cheio de imaginação e de doçura. E surgem ainda outros que colecionam, reconstituem e escrevem poesias de todo o gênero e que logo vão formar mais volumes da popularíssima e pitoresca coleção.

Por vezes a loja enche-se de rapazelhos de calças abombachadas, grandes cabeleiras, lenço no pescoço e chapéu desabado, parda-vascos, negros-crioulos, brancos, amadores do assunto, em bandos rumorosos, desbastando pilhas de brochuras, a perguntar em que livro da série saiu o *Perdão Emília*:

Já tudo dorme, vem a noite em meio...
A turva lua vem surgindo além...



José de Matos
Desenho de Marques Júnior



Henrique Laemmert
Desenho de Marques Júnior

quando deve sair a nova edição do *Trovador Brasileiro*, que traz a “Casa Branca da Serra”:

Na casa branca da serra
Que eu fitava horas inteiras
Entre as esbeltas palmeiras
Ficaste calma e feliz...

É toda uma freguesia perguntona, espalhafatosa, vozeiruda, que arranca notas de dois e cinco mil-réis do fundo de lenços de chita, muito sujeitos, armados em carteiras, para comprar as brochurinhas, postas em capas de espavento, não raro aos empurrões, aos gritos, o violão debaixo do braço, ou experimentando flautas, oboés, cavaquinhos... É o *Chico Chaleira* do morro do Pinto, é o *Trinca-Espinhas* da Travessa da Saudade, no Mangue, o *Chora-na-Macumba*, o *Janjão da Polaca*, o *Espanta-Coió*, toda uma legião de cantores, de seresteiros, de sereneiros, a flor da vagabundagem carioca, essência, sumo, nata da ralé, roçando, não raro, a sobrecasaca do Conselheiro Rui, a importância do Sr. José Veríssimo, a sisudez do Sr. Cândido de Oliveira, a jurisprudência do Sr. Dr. Coelho Rodrigues...

Em meio a toda essa multidão que refere, Quaresma e José de Matos vão dando maniveladas ao negócio.

A clientela da livraria popular, porém, possui outros tipos de fregueses, bem interessantes. O do mocinho pálido, com ar de embalsamado, por exemplo, que entra de olheiras fundas, melenas caídas nas orelhas, para indagar, com voz de quem recita Casimiro de Abreu:

– Quanto custa o *Dicionário das flores, folhas e frutos*, onde se encontra a *Arte de fazer sinais com o leque e com a bengala*?

O cavalheiro pertence à falange melancólica dos namorados do começo do século, garanhões platônicos, que ainda vivem de espeque à beira das calçadas, e “gargarejo” sob a janela das casas de sobrado ou em lírico semaforismo com senhoritas em janelas ainda mais altas, Julietas cloróticas que atiram bilhetinhos perfumados à água-flórida, dobrados em abraço, e onde, em cursivos românticos, escrevem frases como esta: *sou tua até morrer!*...

Além do famoso *Dicionário*, Quaresma é também editor do *Manual dos Namorados*, procuradíssimo, revelador de uma técnica admirável em matéria de sedução e amor, contendo, como se lê nos anúncios do catálogo, a *melhor maneira de agradar às moças, fazer declarações, em estilo elevado*. Seu, também, o *Secretário poético ou coleção de poesias de bom-gosto, próprias para serem enviadas por escrito ou recitadas em dias de aniversários, batismos, casamentos, etc.* (sem os *etc., etc.*, os livros do Quaresma não passam) e o *Orador Popular* perfidamente lançado pelo jacobino Aníbal Mascarenhas, para desbancar a glória do Rafael Pinheiro, que, pela época, é o ídolo das multidões, aproveitando a cura de silêncio que faz o grande Lopes Trovão, no Senado ou na Câmara... Outra grande descoberta do feliz editor é a *Chave de ouro do jogo do bicho*, seguida de um *Perfeito decifrador de sonhos*, *Larousse das cozinheiras*, enciclopédia de bicheiros, só comparável, em prestígio, aos jornalecos *Mascote*, *Palpite*, ou à *Joaninha do Jornal do Brasil*, Chave essa que se anuncia como um *verdadeiro tesouro da fortuna* (!).

Aos livros dessa literatura popular e pitoresca juntem-se, ainda, brochuras sobre feitiçarias, como o *Livro das bruxas* e outras adaptações do *Grande Livro de S. Cipriano*. Romances para o povo, relativamente, poucos. Os que se editam, porém, são tremendos. *Maria, a desgraçada!* de Eugênio Elisiário, *Elzira, a morta virgem!*...

Essas novelas cruciantes, como que escritas a ponta de faca ou canivete, dispostas a dilacerar, arrancando, em falripas, o coração humano, são todas escritas no gênero daquele arquifamoso folheto que

se chamou *O filho que esporeou a própria mãe e virou bicho cabeludo*, aproveitando certa *reportagem*, das mais sensacionais de seu tempo, publicada nas colunas do *Jornal do Brasil*.

Em 1901, a loja da Rua S. José é bem a Livraria do Povo dos seus espetaculosos anúncios.

Quaresma, num belo halo de simpatias, com o Zé de Matos, querido de todos, à estribeira, enriquece, caminha...

Antônio Torres acusa-o, um dia, de haver editado *A Mulata*, romance de Carlos Malheiros Dias, alegando que o mesmo nada mais é que uma deslavada ofensa ao Brasil. Torres, porém, não conheceu o Rio da triste herança colonial e que o grande escritor português pintou, aliás, com tintas verdadeiras. Quando Torres fala da sua elegante e confortável mesa de redator do *O País*, já na Avenida Central, em pleno Rio brasileiro de Pereira Passos, fala sem conhecimentos de misérias passadas, portanto.



Artur Orlando
Desenho de Marques Júnior



Joaquim Nabuco
Desenho de Marques Júnior

O livro, no máximo, pelo fato de ter sido escrito por estrangeiro, dentro do nosso país, poderia ter merecido o epíteto de impertinente, mas nunca o de ofensivo.

Conte-se, agora, a propósito, um pouco da história dessa *Mulata*, que ficou célebre nos anais da bibliografia nacional e que tantos desgostos deu ao seu autor. O romance, escrito sob a influência da escola naturalista, que, pela época, apaixonava literatos e leitores, foi com-

prado por quinhentos mil-réis. Não deu, porém, ao editor, o lucro que ele esperava. Malheiros Dias não queria, a princípio, assinar a obra, pensando, talvez, que ela não estivesse à altura de sua projeção literária. Foi Quaresma quem impôs: “Nome ou nem quinhentos-réis pelo romance”... Carlos achava-se numa penúria extrema, precisava de dinheiro, ansioso por embarcar para Lisboa. Acabou concordando. E embarcou.

Como uma carinhosa homenagem ao país onde sempre viveu – sentia-se bem e tinha bons amigos –, Carlos Malheiros Dias riscou do número de suas obras a brochura que o nacionalismo exaltado de Torres condenava. A obra, de qualquer forma, porém, ficará lembrando a estória de um dos espíritos mais brilhantes entre os que hoje constituem a glória da literatura portuguesa.

Além da *Mulata*, Quaresma editou outras novelas de feitiço brejeiro, porém, não muitas. No tempo esses livros sofriam a concorrência desleal e poderosa da literatura picaresca editada pelo Cruz Coutinho, não o de Lisboa, mas um seu irmão, que aqui viveu muitos anos, literatura que se publicava, diga-se de passagem, com o consentimento da polícia e sob a tutela das frouxas leis do Brasil.



Cândido de Oliveira
Desenho de A. Amaral

Essas obras, por vezes pompeando títulos estercorários ou despudorados – para melhor iniciar os instintos de um povo infeliz –, apareciam em reclames feitas pelas nossas gazetas, como que a definir um estalão moral que não era, positivamente, o nosso. E ilustradas com gravuras obscenas. Uma vergonha. Se o achincalhe que se fazia às coisas do Brasil

era uma tradição! Lembrando essa tradição, bom seria lembrar que, por esse tempo (1896 ou 1897) havia, aqui, certo Antônio de Tal, estrangeiro, com colchoaria no centro da cidade, tipo esse que, fazendo concorrência à literatura escandalosa do Cruz Coutinho, anunciava, pelos jornais, de tal forma, a sua casa e a mercadoria que se dispunha a vender, que nem por metáforas podemos, hoje, reproduzir a hediondez de seus anúncios.

Não contente do estúpido achincalhe, esse patife teve, certa vez, uma idéia, tal a de mandar fazer uma bandeira nacional, substituindo a esfera azul com os dizeres *Ordem e Progresso* por um autêntico urinol de beira e asa, tendo em faixa larga os dizeres de suas camas e de seus colchões! E içou-a na fachada da loja...

Foi, por isso, expulso do Brasil. Em qualquer outro país teria sido sumariamente linchado. O mais curioso, porém, é que o bandido achou jornais que o defendessem, num agravo ainda maior aos brios e à dignidade da Nação.

Quem tiver dúvidas sobre este caso, indague de qualquer carioca que tenha, pelo tempo, aqui vivido. Qualquer. E edifique-se com detalhes escandalosos que, por decência, deixam de ser enumerados aqui.

A Livraria Laemmert, então na Rua do Ouvidor, é ainda mais antiga que a Livraria Garnier. Vem de 1833, da minoridade de Pedro II e da glória risonha de Feijó.

Quando, por essa época, começa a girar, tem como proprietários Eduardo e Henrique Laemmert, irmãos de sangue, amáveis setentrionais, ambos de Baden, ambos muito simpáticos que vêm tentar o comércio do livro entre nós. O primeiro, Eduardo, é o mais moço, mais culto e mais inteligente. O outro, mais velho, é mais ativo, mais esperto, mais homem de negócio. Graças ao justo equilíbrio que se estabelece entre os dois, logo a firma se impõe e prospera.

A loja não possui, como mais tarde a rival francesa, a Casa Garnier, para animar o seu negócio, bengalas e guarda-chuvas; vende, porém, além de livros, água de Seltz, de Colônia e músicas impressas...

É preciso lembrar que o país, mal desovado da opressão lusa, apenas saído da noite colonial, ainda sem escolas, sem instrução, e conseqüentemente, sem hábitos de leitura, não pode dar-se o espetáculo singular de manter varejos onde só se vendem livros.

Com as suas águas, as suas músicas e os seus livros, a casa faz vida fácil e feliz. E é assim que em 1839 vemo-la lançar a famosa *Folhinha*, onde o espírito de Eduardo colabora, a manejar lepidamente o idioma da terra, e, logo depois, em 1884, o *Almanaque*, publicação que se coroa de êxito extraordinário. É quando o bom Eduardo, condoído da melancolia nacional, organiza a *Enciclopédia do Riso e da Galhofa*, que se

dispõe a sacudir, um pouco, em sadias e boas gargalhadas, o diafragma indígena, emperrado por vários séculos de pessimismos e atávica tristeza. Esse Laemmert amabilíssimo, no entanto, não é, como talvez se pense,



Mendes de Aguiar
Desenho de Marques Júnior

um homem só capaz de frívolos labores, amando somente o humorismo e a *blague*. Ama o grave, também. E o pratica. Pelo menos é quem traduz do alemão para o idioma nacional, a obra de Goethe, *Fausto*, que o Antônio Feliciano de Castilho aproveita, depois, para meter em verso. Pelo correr dos anos a livraria segue de vento em popa, os dois irmãos ganhando, aumentando, com o renome, o pecúlio.

Não obstante, para o temperamento sonhador e irrequieto de Eduardo, que já tem 40 anos de Brasil, o Rio do Sr. Pedro II, mesmo depois do desaparecimento da *gôndola*, do triunfo da Susana, no Alcázar, e da oratória do Sr. Zacarias, no Senado, é quase uma choldra, onde ele sente estiolar-se o vago remanescente de sua amarfanhada madureza. Daí fazer-se de proa à pátria amiga, que já não é mais aquilo que ele deixou, mas uma nação que o gênio de Bismarck enrija e glorifica, após a guerra de 70.

Fica na casa mano Henrique, saudoso, atrás do seu balcão envernizado de amarelo, negociando, enchendo-se de cãs e a ver com um sorriso de mofa, dependurado a um cantinho de lábio, o seu rival Garnier (que não aceita, furioso, a paz assinada em Paris), quando lhe passa pela porta, velejando, dentro das suas eternas calças brancas, muito teso, muito importante e formalizado, a dessorar empáfia e altivez, embora sem a Alsácia e sem Lorena.

Laemmert acaba sendo um dos tipos mais pitorescos dessa enfestonada viela que se chama Rua do Ouvidor e que pelos fins do século XIX é uma col-



Pedro Quaresma
Desenho de Marques Júnior

meia movimentada e rumorosa, onde cruzavam negociantes franceses, cavaleiros *smart*, quase todos de cabeleira, bigode e “moscas”, e já forrados com aquelas espessas sobrecasacas que foram o suplício do tempo.

Ao descobrir, certa vez, que envelhecia como as velhas paineiras, desplumando-se, mandou, o livreiro, buscar, na França, três perucas; uma a mostrar os seus cabelos curtos, outra mostrando-os já um tanto longos, e a terceira, afinal, com cabelos longuíssimos... Tudo para dar a impressão, com o tríplice artifício, do crescimento do cabelo...

Punha, de início, a menor, representando a cabeleira rente, e, de olho na folhinha, ia, assim pondo, sucessivamente, as outras, na cabeça, até chegar à última, para então retornar à primeira...

Nesse manejo cômico viveu Henrique Laemmert muito tempo. Sena, no seu livro sobre o velho comércio da cidade, ao caso se refere.

Em 1901, desaparecido o último dos Laemmert, nós vamos encontrar a antiga livraria sob a gerência de Gustavo Masow, especializando-se na edição de obras científicas e sérias. Mostra uma instalação luxuosa. Frequentam-na os que frequentam o Garnier. Lá pousam mais o Figueiredo Pimentel, que tem, um dia, o pulmão atravessado pelo punhal que lhe cravou Jarbas Loretti, a isso impelido por uma questão de honra, Euclides da Cunha, Valentim Magalhães, Afonso Celso, Inglês de Sousa, Sousa Bandeira, Mendes de Aguiar e Elísio de Carvalho.

Não esquecer que entre os grandes livros que então aí se editam está *Os Sertões*, do grande Euclides da Cunha.

A Livraria Francisco Alves ainda não é a potência que se revela, anos depois, quando o livreiro sonha fazer-se o maior editor desta cidade, e desanda a comprar, a torto e a direito, as pequenas casas concorrentes de seu comércio. Já possui, entretanto, um número valioso de edições, ótima clientela e uma loja ampla e bem fornida de obras, sobretudo didáticas.



Eduardo Laemmert
Desenho de Marques Júnior

Francisco Alves nasceu em Portugal. Veio para cá, menino, entrando logo para o varejo de secos e molhados. Devia ter sido um bom caixeiro. Um dia, entanto, pondo de parte charques e cebolas, fez-se empregado de livraria. Negócio mais limpo. Mais inteligente. E de tal sorte por ele se apaixonou que acaba grande livreiro e, o que é melhor, podre de rico.

É pequeno, magro, míope e muitíssimo desbocado. Por sinceridade, uma vez que é homem que não gosta de mentir, nem aos seus próprios pensamentos. Pensa? Diz. Sem retóricas. Sem rebuscos. Sem eufemismos. No fundo, remanescente daquele varejo de charque e cebolas, em que viveu por tanto tempo, lembrança dos dias em que passou de tamancos, ao fundo da venda, o lápis atrás da orelha, a suportar os coices do patrão e a língua suja e asselvajada dos seus colegas de ofício. No fim da vida melhora um pouco. Mas não o esgravatem muito, porque o tamanco lá está, podendo, muito bem, saltar de um momento para outro...

Na loja vive sempre aos palavrões e aos berros:

– Oh, sua besta, deixe o raio dessa escada, largue a porcaria desses dicionários e venha cá, embaixo, servir este sujeito...

Com as senhoras, por vezes, é que ele se mostra um tanto cortês:

– Se V. Ex^a diz isso, minha senhora – Se V. Ex^a diz isso, minha senhora, queira V. Ex^a me perdoar, mas é porque V. Ex^a é mesmo muito tola...

Certa vez, zanga-se com um rapazote que lhe vai comprar uma gramática e manda-o a um lugar aonde, afinal, não se deve mandar, nunca, um bom filho.

Momentos depois surge na loja o pai do guri. Quer falar ao Sr. Alves, quer saber com que intenções disse ele, ao menino, o que tanto ofende a sua esposa e a ele.

Alves olha-o de revés, muito sério, consertando os óculos de ouro:

– Com que intenções, meu caro senhor! Ora essa! Mas, com intenções puramente comerciais!

O outro ficou perplexo. Não entendeu. E Alves, continuando:

– Claro que, se ao invés de estar na minha casa, que é de negócio, estivesse à mesa de um príncipe ou de um embaixador, eu não diria ao seu filho o que aqui lhe disse. Está-se a ver... Sou um homem de princípios. Aqui, porém, meu amigo, na roda do comércio, isso não tem a menor importância.

Nós nos criamos assim e assim havemos de ser toda a vida! Intenções puramente comerciais... Mesmo porque eu não tenho o prazer de conhecer a senhora sua esposa. Sei lá, afinal, se ela é branca, preta ou azul; se é mesmo aquilo que eu disse que era, ou se não é! Conheço-a eu, por acaso?

A casca grossa do Alves!



Francisco Alves
Desenho de Marques Júnior



O alfarrabista Paiva
Desenho de Marques Júnior



Tancredo de Paiva
Desenho de Marques Júnior

Pode não ter cultura, Francisco Alves, mas tem uma linda e penetrante inteligência. Seus propósitos, por vezes, são de causar espanto.

Um dia – acabava ele de naturalizar-se – entra-lhe pela casa adentro conhecido literato que, para enfezá-lo, em ar de troça, chama-o *brasileiro de arribação*. Alves sente-se ofendido. E retruca:

– Olha lá, menino, eu sou, hoje o que o meu coração mandou que eu fosse. Meu caso é diferente do seu. Eu sou brasileiro, afinal, porque quis ser brasileiro. E você, por que é brasileiro? Porque o desovaram aqui! Ora, essa é muito boa! Eu, pelo menos, sou brasileiro consciente. Escolhi, sou o que quis ser, sendo, assim posto, uma espécie de homem que casa por amor, e não com a noiva que lhe arranjam pai e mãe... Há muito mais mérito em ser brasileiro como eu sou que em ser brasileiro como você é.

Possui Alves, porém, outras qualidades. E apreciáveis. É homem muito sério em todos os seus negócios, de uma lealdade mórbida. Generoso. Não tem alma de forreta. É franco como é bom. Sabe gastar. Vezes é, até, meio boêmio. Gosta de sua ceiazinha, da sua francezinha, de sua champanhazinha...

A famosa Colombiana trouxe-o durante muito tempo, pelo beicho... Outras filhas de Citera das de alto coturno e fama, vão buscá-lo à loja. O homem tem o sentimento do belo, do fino, do bom, do melhor. E ama, sobretudo, como bom livreiro que é, as encadernações de luxo, *dorée sur tranche*...

Bilac, que sempre foi particularmente *blagueur*, por vezes chamava-o, em meio à faina do serviço:

– Alves, vem cá!

Lá vinha ele, nervoso, pequenino, agitado.

Era quando o poeta, pondo as mãos à guisa de corneta, gritava-lhe ao ouvido, forte e alto, para que todos que estivessem na loja o ouvissem:

– Sardanapalo!

Alves, na terceira ou quarta repetição da pilhéria, zangou-se. Zangou-se, mas foi perguntar ao Guima:

– E esse Sardanapalo, quem é?

– Um homem que amava superiormente as mulheres, como tu, Alves, e que, se vivesse ainda hoje, havia de te copiar os caprichos e as manhas, disputando-te essas criaturas que tu amas e que morrem de amor por ti!

Nesse dia Alves levou o Guima ao Campestre, no Jardim Botânico. Pagou-lhe o jantar, a ceia. E champanha...

* * *

À Livraria Azevedo, que fica na Rua Uruguaiana, rua ainda muito estreita, muito suja, cheirando a detrito de cavalo de tálburi, pontifica Carlos de Laet, lindo espírito, embora solapado por um clericalismo intransigente e um superinveterado



A Colombiana
Desenho de Marques Júnior

monarquismo. Vive despejando sátiras, disparando motejos e ironias, entre grupos de filólogos como Fausto Barreto, Alfredo Gomes, Maximino Maciel, Hemetério dos Santos, Costa e Cunha e outros professores que freqüentam a loja. Platéia curta, mas animada, acesa...

Laet é um tipo forte, simpático, o queixo manchado por uma barbicha rala, guarda-chuva de alpaca, *pince-nez* de cordão, maçaroca de jornais debaixo do braço.

Temperamento de ação e de combate. Tem a palavra fácil. Ama as deformações de coisas e fatos. Para fazer rir. Dava um ótimo caricaturista. Na polêmica, acirrado, prefere, ao florete, o sabre. E cruza-o, em geral com estrondo. Tem a mão pesada. Se pudesse estaria sempre pelejando, como um guerreiro das cruzadas, carregado de ferros, respirando um ambiente de hostilidades e ferezas. Prazer de homem, como qualquer outro.

Revelando uma grande intolerância, conta-se que, um dia, ao professor Alfredo Gomes, uma figurinha amável, frágil e delicada, espécie de peso-pluma da pedagogia nacional, dissera, batendo com o cabo de volta do guarda-chuva no balcão do Azevedo:

– Eu tenho sobre vocês uma virtude enorme. Não concordo nunca!

E morreu discordando.

Costa e Cunha chama-o, certa vez “o paradoxo do avesso”, e é o próprio Costa e Cunha quem nos conta esta engraçada história, denunciando o espírito mordaz de seu autor:

– Dando uma aula no Pedro II, fala ele, Laet, não se sabe bem a que propósito, sobre a fauna simiesca do Brasil. Interrompe-o um aluno: – Professor, papai disse, lá em casa, ontem, que nós descendemos de macacos.

Laet olhou o pequeno, cuja fisionomia talvez fosse capaz de impressionar o próprio Darwin, e respondeu, dando ao que dizia um certo ar de discrição:

– Ah! Quanto a isso não sei. Seu pai deve saber melhor que eu. Não me meto em questões de família...

À roda larga de professores que aí sempre vêm ter, junta-se, às vezes, o Castro Lopes, gramático dos mais conspícuos, ardente defensor

da língua brasileira, sempre muito aplaudido pelo Pedro do Couto, pelo Costa e Cunha e pelo Maximino Maciel.

No tempo as discussões sobre o assunto não aparecem nos jornais, são feitas com cautela, quase a portas cerradas, como faziam os incondidentes mineiros em Vila Rica, no tempo da Sr^a D. Maria I. É que ainda anda sobre as nossas cabeças, fremindo pelo espaço, assustadoramente, a lembrança daquele velho relho colonial, de inesquecível memória...



Carlos de Laet
Desenho de J. Carlos

Não raro surge em meio a esses doutores de gramática o vozeirão simpático de Joaquim Abílio Borges, com as suas atitudes paradoxais, com elas fazendo, a todos, rir e pensar...

O Azevedo, dono da livraria, em 1901, já é morto. Gere o estabelecimento o Felicíssimo Machado, trabalhador infatigável, homem cheio de honra e de bondade. Em 1902 monta casa sua, fora. A fortuna, porém, despreza-o. A fortuna não gosta dos bons. Pobre Machado. Se na pia batismal recebeu, ele, o nome de Felicíssimo...

* * *

À porta da sua livraria, à Rua S. José, quase ao sair no Largo da Carioca, gozando a fresca da manhã, o *pince-nez* acavalado na bicanca vermelha e grossa, está o Monteiro, alfarrabista, em colete, refestelado na sua Thonet de palhinha, a ler o *Jornal do Comércio*. Pachorra de homem. Mal chega à loja, abre, logo, o jornal, deixando aos filhos a tarefa de espanar as lombadas dos livros e atender à freguesia. Lê pachorrentamente o seu jornal, chupando um charuto de tostão, fazendo, de quando em quando, o seu manhoso pigarro, impregnando-se das novidades da véspera, de informes curiosos, ilustrando-se... Nem os anúncios lhe escapam! Lê tudo. E decora o que lê.

Por isso, quando alguém chega para lhe dizer, assim:

– Então, o Barradas, coitado, está vai-não-vai, arrancando, nas últimas... – responde, imediatamente, a provar que útil lhe foi o tempo

despendido na leitura longa e circunstanciada do jornal: – Pois já morreu. Enterra-se, hoje, às quatro horas da tarde, saindo o féretro da Rua das Laranjeiras, 515, para São João Batista.

E é assim que, pelo dia que corre, Monteiro não cansa de informar e de instruir os que, como ele, não trazem o *Jornal do Comércio* na cabeça, já discorrendo sobre o grande incêndio que houve na cidade de Nova York e que vitimou 196 pessoas, já criticando a descoberta feita pelo americano Sample, de um palito automático, capaz de palitar sozinho, em menos de três minutos, uma dentadura completa, sem ferir lábios e gengiva, já deplorando a queda do Ministério francês. E que ninguém se espante se ele souber, depois disso, o preço pelo qual o Bazar Francês está vendendo os seus canivetes de madreperla...

Compra e vende livros usados, como está num enorme cartaz forrando o fundo do estabelecimento. Por sinal que compra pagando mal e vende cobrando bem.

À livraria do Monteiro vão muitos camilianistas. Na época, Camilo Castelo Branco é uma nevrose. Há quem colecion livros de Camilo como quem coleciona selos “olho-de-boi” do Brasil, porcelanas, miniaturas ou caixas antigas de rapé.



Monteiro, alfarrabista
Autor desconhecido

O camilianista, em geral, é um indivíduo que cheira a armário velho, usa sobrecasaca, cartola, grosso *pince-nez* de tartaruga, e guarda-chuva de alpaca, de cabo de volta, debaixo do braço. Anda pelas livrarias como os perdigueiros no dédalo dos bosques, de olho atento e vivaz, de pata leve e de nariz no ar, atrás da *Infanta Capelista*, obra rara do mestre, e da qual dizem que só 12 ou 13 exemplares existem. Procura-a com afinco, para isso trepando em escadas, revolvendo prateleiras, desbastando pilhas e pilhas de brochuras, nessa faina ativa e tormentosa, envolvendo-se em nimbos de poeira, sujando as mãos, o rosto, as partes brancas e engomadas da camisa...

Carregadores de carvão, que fazem os serviços de bordo, apresentam-se, por vezes, mais brancos e mais asseados. Vá, porém, uma pessoa

lembrar a um desses senhores a inconveniência da tarefa, criticar-lhe o propósito, aludir-lhe à mania...

A *Infanta Capelista* vale sacrifícios maiores.

Súbito, o homem, cheio de esperança e coberto de pó, estremece, ilumina-se. Cai-lhe do beque o *pince-nez* de tartaruga. O próprio chapéu-de-sol com cabo de volta arfa pelas pregas da fazenda, palpita-lhe sob o braço contra o coração descontrolado e ardente... Não é a *Infanta Capelista* que ele encontra, que essa descoberta, quase sempre, provoca complicações funestas, tais como a ruptura de vasos sanguíneos, síncope cardíaca, comprometendo a vida do camilianista impressionável e sincero. O que ele descobre, nesse momento, é um livrinho de 19 páginas, *O Clero e o Sr. Alexandre Herculano* atribuído ao grande mestre.

Vale a pena ver-se o homem devorado pela emoção, muito pálido, dando sopros amáveis na hipotética lombada do folheto ou, com carinho, virando-lhe as folhas, como se elas fossem feitas de renda, filigrana de ouro ou tessitura de arminho. Só não ajoelha, contrito, porque não deseja desafiar a ganância do mercador com demonstrações exageradas de júbilo pela descoberta. Paga, porém, o que lhe pedir pela obra. E paga contentíssimo. Se não tiver dinheiro suficiente, no momento, para regularizar a sua compra, será capaz de vender até os móveis da sala de jantar, a cama de dormir...

Em casa, depois, mete na sua estante a jóia bibliográfica que mal se apruma nas suas dezenove pequenas páginas, como se metesse uma grande estrela do céu...

Se chega para visitá-lo outro camilianista, exulta. Leva-o, logo, ao escrínio da estante e tenta desarvorá-lo, perguntando, com o folheto na mão:

– E isto, tem você, por acaso, em suas prateleiras?

Vasto carão de espanto do outro:



Joaquim Abílio
Desenho de Marques Júnior

– Sim, senhor! Isto é raro! Raríssimo. Quase a *Infanta Capelista!*

– Depois, nem está no Inocêncio!

– Ah, isso é que está!

– Não está!

– Está!

– Você diz que não está porque você viu errado. Viu em Camilo. Você veja, porém, em *Eu e o Clero*.

E mostrando a sua erudição bibliográfica sobre as obras do mestre:

– Página 243, volume II, pé da folha, embaixo, últimas linhas, continuando para o verso. Folheto impresso pelo Francisco Xavier de Sousa, Lisboa, 1850. Uma coisa que todo mundo sabe...

Uma coisa que todo mundo sabe!

Instantes como esses, entretanto, não são muito comuns.

O pobre camilianista, com todos os seus relâmpagos de sorrisos e de consolações, no fundo, é sempre uma criatura desgraçada, achando o mundo incompleto e a vida coisa vã.

Tudo porque não pode encontrar a *Infanta Capelista*.

* * *

João Martins Ribeiro, português, tem casa de alfarrabista na Rua General Câmara. É um velho simpático e bonachão, de altura mediana, a bigodeira e a barba desalinhas a manchar-lhe a face branca e amiga. O homem conhece bem o seu negócio e possui, em matéria de livros sobre o Brasil, o mais vultoso estoque da cidade.

Em 1901 já é o “velho Martins”, o “Vende-sempre”, porque se o que lhe compra não pode dar, por um livro, cinco mil-réis, ele aceita quatro, três, entregando-o, até, sem o lucro de um níquel, só para manter o fogo sagrado do negócio e guardar o freguês. Fia. Não lhe pagam? Martins, por isso, não se aborrece. Protege os estudantes sem recursos, os pobrezinhos que vão sem calçado para a escola...

– E quanto quer que lhe pague pelo volume?



Maximino Maciel
Desenho de Marques Júnior

– Leve a gramática. Não custa nada.

Outras vezes é um desgraçado que lhe entra pela casa, a suar, pejado de livros e papéis. Martins sente a miséria do homem, no olhar, na humildade da voz, na palidez do lábio... Os livros, porém, não valem nada, *palha*, na linguagem vulgar do alfarrabista. Lixo. Fala, porém, o coração do Martins ao homem desalentado:

– E quanto quer você, por tudo isso?

– O que o senhor quiser dar...

Martins mete-lhe na mão uma cédula de dez mil-réis:

– E leve também o seu embrulho. Leve-o...

Num lote de alfarrábios, comprado, certo dia, o velho livreiro encontra um manuscrito interessante. É uma *História do Brasil*, para ele, completamente desconhecida. Separa-a. Não a põe à venda. E o que ele separa é apenas a *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador!

Capistrano quase desmaia de emoção, quando folheia o códice precioso.

Sabendo o que para o Brasil representa o achado, resolve, logo, oferecê-lo à Biblioteca Nacional, gesto que o próprio Capistrano registra no prefácio que faz à obra do primeiro historiador brasileiro do Brasil.

Martins é um excelente homem, mas, muito excêntrico e cheio de inconcebíveis e insensatas birras. Certa vez resolve não mais sair do prédio onde reside e onde está estabelecida a livraria, e dele nunca mais arreda pé! Não passa da soleira da porta. Não atravessa nem atravessará, jamais, a rua, para falar a um vizinho, para espantar um gato que lhe entre na loja.

Quando lhe falam, mais tarde, nos melhoramentos que o prefeito Passos faz por toda esta cidade, levanta os ombros como se ouvisse falar de reformas na China:

– Melhoramentos!

Morreu sem ter conhecido a Avenida Central, sem saber que coisa era o cinematógrafo. Via o Ferramenta, o famoso *Leão dos ares*, subir em seu balão, da loja, e como bom português, aplaudia-o, mas nunca entrou num automóvel.

Um dia, na casa em que reside, verifica-se um caso de febre amarela. Chegam funcionários da Repartição de Higiene a fim de expurgar, severamente, o prédio, conduzindo os moradores ao Posto Central de Desinfecção.



Elísio de Carvalho
Desenho de Pacheco

– Vá quem quiser, que eu cá, não vou – diz ele.

Intervém a família. Os vizinhos. Os amigos. Lembram-lhe os malefícios que podem resultar da sua teimosia. Nada convence o velho obstinado, teimoso, que continua a repetir:

– Vá quem quiser, eu cá, não vou.

Afinal, se era para desinfetá-lo que o desinfetassem ali.

E tanto insiste e tanto bate o pé e nega-se a obedecer que as autoridades resolvem mandar, da repartição, um vasto tambor sanitário, para nele se meter o Martins.

Está o homem como quer.

– É preciso enfiar-me nessa armadilha? Pronto!

E lá vai ele para dentro do tambor, nuzinho em pêlo, radiante, achando muita *piada* ao caso, animando o pessoal de serviço:

– Vamos, rapazes, e agora, toca a desinfetar!

Sabe que a fantasia vai lhe custar um dinheirão. Mas que seja! O que ele quer é *manter a palavra*, não *torcer*. O resto não tem importância.

Vezes as suas birras passam a casmurrices desconcertantes.

Certa vez deixa de vender a Santos Maia um livro sobre o Brasil, só porque, embrulhando o volume, ouviu-o dizer que comprava a obra para arrancar-lhe uns mapas, desinteressando-se do texto, que julgava antiquado e malfeito.

– Pois já não me leva mais o livro – diz, arrebatando às mãos do outro o volume embrulhado. – Pegue lá, de novo, o seu dinheiro.

– Por que, Sr. Martins?

– Porque eu sou vendedor de livros, não sou vendedor de mapas! É o que é.

Sai Santos Maia e, ele, zás!, arranca os mapas e os rasga em pedacinhos, não sem dizer a quem o observa, em tão absurdo manejo:

– É que o *gajo* pode agora mandar comprar o livro, por outro... Pode comprar, pode, mas, não há de levar os mapas.

Como bom lusitano, ele ainda guarda na alma a brasa daquele ciúme mouro que se transplantou para esta parte da América. Sua esposa passa 40 anos sem sair de casa. E sem direito de receber, quando ele está na loja, até as pessoas masculinas de sua própria família! Uma vez que ela recebe, sem seu consentimento, um irmão que chega, repentinamente, de fora, e ao qual não vê há muitos anos, Martins faz-lhe uma cena terrível.

Conta-nos hoje uma sua nora, a casada com Alberto Martins (e ainda residente na mesma casa onde existiu a velha livraria, na Rua General Câmara, 345), que, uma vez, logo ao casar-se, indo sair com seu esposo, ouviu do sogro esta frase terrível:

– Com que então o Sr. meu filho casa-se a fim de ter mulher ou um pano-de-amostra, servindo, também para os olhos dos outros?

Estranha mentalidade a desse homem que, em pleno século XX, conserva a mentalidade de vassalo de El-Rei D. João V ou monarca ainda mais antigo.

Na Rua da Lapa fica a livraria do Rodrigues de Paiva, pai desse Tancredo Paiva que, ainda hoje, anda por aí, cinquentão ágil e perro, tão inteligente, tão conhecedor de seu ofício, livreiro e escritor, modesto, útil, sabendo ver e contar como bem poucos, viga-mestra onde repousam os bibliógrafos da terra que andam atrás de raridades que não vão jamais a alfarrabistas.

O velho Paiva, além de vender e comprar alfarrábios, é também editor. Suas edições, porém, são todas de acordo com o seu comércio de livros. Quer dizer que não edita obras de autores novos, senão antigas; as que se referem ao Brasil, exclusivamente, e lhe parecem raras



Euclides da Cunha
Desenho de J. Carlos

ou de todo desaparecidas do mercado. Seus serviços à Brasiliana, assim posto, são notáveis. Tinha fama de jacobino e de brigador.

Sena, quando o evoca numa das suas crônicas pintando os fins do século que passou, dele nos fala como de um turbulento, um rolista que, pela época do Encilhamento, andava a disparar garruchas à porta da Pascoal. Tiros de pólvora seca. E, isso mesmo, para espantar uns tantos exploradores que queriam transformar a Rua do Ouvidor em sucursal da Bolsa. Embora ligado aos “vermelhos” do florianismo, Paiva é homem tranqüilo. Sua livraria é um tanto afastada do centro, mas, é preciso observar que a clientela para a qual ele trabalha é toda de gente que lhe dá encomendas diretas, e com a qual ele diretamente também se entende a domicílio. Pesquisador emérito. Verdadeiro detetive do livro. Vai descobri-lo onde ninguém o espera. Ganha, por isso, muito dinheiro, ganha, mas, como é um mão-aberta...



O livreiro Martins
Autor desconhecido



Evaristo de Morais
Autor desconhecido

A livraria de Jacinto Ribeiro dos Santos, na Rua de São José, foi fundada em 1850. Tem, portanto, mais de meio século de existência. É de aspecto modesto, porém é a que edita as melhores obras jurídicas do país, livros de Teixeira de Freitas, Viveiros de Castro, Nabuco de Araújo, Martinho Garcez, Morais Carvalho e Carlos de Meneses. Livraria dos desembargadores, dos juizes, dos advogados e dos estudantes de Direito.

Espalham-se, ainda, pela cidade, outras livrarias. A Evangélica, por exemplo; a de Francisco Uttley, à Rua do Clube Ginástico; a da



Pires Brandão
Desenho de Marques Júnior

da, 3; a do Nunes Brandão, à Rua da Quitanda, 6; na Rua S. José, 17, a livraria do Cunha, magro, seco, sofrendo muito de asma, organizador, em geral, dos leilões de livros que aqui se fazem...



Ulisses Viana
Desenho de Marques Júnior

José Carlos não é, pelo tempo, a que mais tarde consegue ser; não obstante, pode já ser incluída entre as nossas grandes bibliotecas, em 1901.

Elísio de Carvalho que, pela época, casa-se com mulher rica, instalando-se na Rua do Riachuelo, organiza uma notável biblioteca de moderna literatura, mandada buscar diretamente à Europa: livros franceses e ingleses, espanhóis, italianos, quase sempre em edições de grande

Federação Espírita, à Rua do Rosário, 141; a do Sousa Lobo, no prédio nº 81 da Rua Sete de Setembro (vendida ao Alves, depois, em 1902); a do americano Tucker, na Rua da Ajuda; a Lombaerts, fundada em 1848, por João Batista Lombaerts – o que adquiriu as oficinas do Sisson, e que edita a *Estação*, jornal de modas, à Rua dos Ourives; a livraria David Corazzi, à Rua da Quitanda, muito freqüentada pelo bom estoque que sempre apresenta de livros portugueses; a de Leandro Pereira, à Rua do Ouvidor, 74; a Savin, à Rua da Quitanda,

Quando rompe o século XX, a maior biblioteca particular existente no Rio de Janeiro é a de Cândido de Oliveira. A de Ramos Paz coloca-se em segundo lugar. A de Rui Barbosa pode ser colocada em terceiro. Outras, porém, muito importantes, ainda existem: a de Sancho de Barros Pimentel, a de Henrique Alves de Carvalho, a do seu irmão Lafaiete, a de Coelho Rodrigues, a de Ulisses Viana, a do Visconde de Ouro Preto, a de seu filho Conde de Afonso Celso, a de Carlos de Carvalho e a de Pereira Passos. São essas as principais bibliotecas da cidade. A de



Capistrano de Abreu
Desenho de Marques Júnior

luxo, volumes impressos em papel de Holanda, China e Japão, coleções raras e caríssimas. Empresta livros a todos os seus amigos e mesmo aos que o não são. Exemplares únicos aparecem, no fim de algumas semanas, pelos balcões dos *sebos* da cidade, outros desaparecem para sempre, sem que se saiba, exatamente, onde... E a caixotaria a chegar da Alfândega, e mais os pacotes, as faturas, os catálogos... E o Elísio, como um nababo, a encher as estantes, dele, dos amigos, dos sebos da Rua de S. José...

Esse delírio bibliomânico, do qual se aproveitam honestamente, diga-se de passagem, certos intelectuais pobres, da sua maior intimidade, só acaba quando o dote da mulher se esgota, no dia em que a uma roda de amigos, no fundo da sua linda e rica biblioteca, folheando uma coleção de *affiches* de Mucha, posta em volume numa edição valendo muito mais de mil francos, ele diz, embora sem grandes apreensões e cuidados:

– O pior é que o dinheiro acabou. Felizmente prometeram-me um emprego, aí numa repartição qualquer...

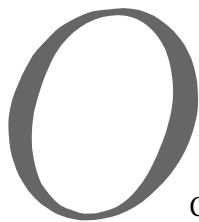
Nesse momento Elísio de Carvalho, o bibliômano mais moço da cidade, não tem mais de vinte anos. Convém não esquecer que, por ocasião de sua morte, anos depois, lega à sua família uma biblioteca importante, riquíssima, sobretudo, em obras históricas sobre o Brasil e sobre a América.

.....

Capítulo 25

Carnaval de outrora

CARNAVAL DE OUTRORA – TEMPOS DO ZÉ-PEREIRA.
SUA VIDA ATÉ O COMEÇO DESTE SÉCULO – CIDADE
DE MASCARADOS – FANTASIAS DA ÉPOCA – OS TROTES
– SOCIEDADES CARNAVALESCAS – PRÉSTITOS –
FIGURAS DO CARNAVAL CARIOCA – O CORDÃO,
ALEGRIA DO BAIRRO – AS CANÇÕES DE DEUS MOMO



CARNAVAL foi sempre, entre nós, uma festa de plebe. E de rua. Zabumbadas. Pandeiradas. Gaitadas. Gritos: vi-vôô! Berrarias: Evoééé! Desafogo grosseiro da massa. Ventura desalinhada de almas impetuosas e rudes. Alegria tresloucada e pagã. Em 1852, para aumentar tanta balbúrdia, como um fantasma, surge o neurastenizante zé-pereira! Sete ou oito maganos vigorosos, tendo por sobre os ventres empinados satânicos tambores, caixas de rufo ou bombos, por entre alucinantes brados, passam pelas ruas, batendo, surrando, martelando, com estrondo e fúria, a retesada pele daqueles roucos e atroadores instrumentos. É um desabafo estúpido e brutal de criatura que sente a necessidade de cantar, de bater, de bramir a alegria em cachões, que lhe vai n'alma. Que, se o

homem de elite, quando venturoso, sorri, o da plebe, em geral, feliz, expande-se em ruídos, gargalha, espinoteia e dá patadas.

A princípio, o zé-pereira é um préstito de fragoroso alarido. Batecum. Estronhear de pelicas. Berraria caótica e hiperacústica de sons loucos, de brados, loucos, de barulheira louca. Não se canta. De resto, as palavras não seriam ouvidas, ante o ensurdecedor e reboante conflito de estrondos e retumbos que a fúria de braços vigorosos arranca, violentamente, ao oco das caixas, dos bombos e tambores.

Dig, Dig, Dig, Bum.
 Dig, Bum,
 Dig, Bum,
 Dig, Dig, Dig, Bum.
 Dig, Bum,
 Bum, Bum.

Só quando aqui nos chega a marcha buliçosa dos *Pompier*s de *Nanterre*, que o povo carioca barulha e o assobio de moleque pela rua desafina e consagra, é que se consegue um pouco de armistício para o ouvido do próximo. *Habeas corpus* feliz. Trégua amável. Não há rancho carnavalesco que não cante.

E viva o zé-pereira
 Que a ninguém faz mal,
 E viva a bebedeira
 Dois dias de Carnavall!
 Ta, tara-ra-ra
 Ta, tara-ra-ra
 Ta, ta-ta-ta-ta.

Logo, porém, recomeça o tã-tã cavernoso das pelicas em sova, enquanto a massa estouvada e bulhenta ondula, rola em fúria acesa pelas ruas estreitas da cidade, como uma roda de fogo movida por Satã.

É o negro. É o branco. É o mulato. É o Brasil. É toda a nacionalidade borbulhando, estorcendo-se, saltando, bocas em *os*. Faces hilares pingando suor ou zarcão. Trejeitos. Saracoteios. Chufas. Guinchos. Loucura geral. A rua coalha-se de doidos. Os que têm juízo, fogem... Os irracionais, habituados ao homem melancólico, rosnam e, desconfiados, olham-no de soslaio. E continua a multidão aos boléus,

pelas ruas, sanhuda e desenfreada, na sua infatigável barulheira, sem se deter, sem diminuir, sem afrouxar aquela nervosidade que a todos desnorteia.

Há quem desame a rajada terrísona e iracunda, capaz até de romper os tímpanos do ouvido, matinada formidolosa que os sentidos contunde e perturba e exaspera, mas há também quem com ela se encante e se embriague, sorvendo-a como quem sorve canjirões de vinho. A mais perigosa de todas as bebedeiras é a que põe dentro do coração de um homem triste o favo da alegria e do prazer. Chega a matar. Que há quem morra de contentamento, como quem morra de dor.

O zé-pereira é português. Sente-se. Na alegria desabusada que desperta, no ruído infernal que precipita. Achou, aqui, clima propício. Ficou. Faz bem na terra onde a alegria é pouca; reconforta, estimula, atíça, alenta, anima. Quem tiver ouvidos de tímpano fino ou delicado que os tape ou fuja. Que a alma rude do homem que trabalha e sofre o ano inteiro precisa expandir-se em grosseiras e reais alegrias:

Dig, dig, dig, bum.

Dig, bum.

Dig, bum.



Palhaço

Desenho de Armando Pacheco

Trouxe às plagas da América o pavoroso ruído, certo José de Azevedo Paredes, que pelo nome não se perca. Era um rapaz filho do Porto, simpático e brincalhão, com loja de sapateiro, ali à Rua de São José.

Parece que a idéia de zabumbar nasceu-lhe do hábito de bater solas. E Paredes, dizem que as sabia bater como bem poucos. Questão de pulso. Vigor. Ritmo. Na hora de despedir o peso da vaqueta era como se vibrasse o martelo dos couros. Zabumbava. E zabumbando, zabumbava tanto que estourava e partia bombos e tambores. Um arrebenta-pelicas de primeira! Foi grande sucesso a novidade, logo que apareceu. Depois, delírio. Acabou desespero. Aflição.

Pelo começo do século – 1901, 2, 3 – o zé-pereira ainda vive. Em vésperas de carnaval, as vitrinas das casas de instrumentos de música enchem-se de tambores, de bombos, de caixas de rufo. Há-os para todos os preços e todos os tamanhos e feitios. Não existe associação carnavalesca que não possua sua formidolosa bateria. O zé-pereira passa a ser uma espécie de hino sem palavras desses grêmios, bandeira de ruídos, símbolo sagrado dos domínios caóticos da Folia e de Deus Momo. As grandes sociedades colocam-no à frente dos seus préstitos quando fazem festivas passeatas.

Só depois de 1904, com a remodelação da cidade e o natural cancelamento de certas tradições alienígenas, é que o zé-pereira começa a esmorecer.



Zé-pereira
Desenho de Armando Pacheco

O Rio civiliza-se, diz-se pelos jornais. E os ruídos bárbaros são convidados a desaparecer de uma cidade que começa a cultivar a civilização! Acaba aí por 1906, 7 ou 8, como todas as coisas acabam, mas com esplendor e com glória, isso, após ter interferido, poderosamente, nas alegrias patricias, avivando-as, exaltando-as, durante cerca de meio século.

Querido e festejado, o lusitano zé-pereira, desde que surge aqui, vive num ambiente propício e amigo, como se vivesse em casa própria. Projeta-se na vida nacional. Atua sobre a política, que é também de zabumbadas, e até sobre a literatura, que é bastante caótica e um tanto carnavalesca...

No começo do século a quantidade dos que se mascararam é, realmente, notável. Desde cedo, andam grandes massas coloridas pelas ruas, soltando risadas escandalosas, casquinando, fazendo soar gaitinhas, apitos, assobios de barro ou folha, ora em correrias desordenadas, aos saltos, aos guinchos, aos berros, ora a falar em falsete. O Rio transforma-se numa cidade alegre de mascarados, onde todos, mais ou menos, se divertem. Só o aristocrata, o elegante, que foi à exposição de 1900, em Paris, mora em Botafogo ou em Águas Férreas muito cioso do seu chapéu *haute-forme*, comprado na Rue Royale, e dos seus *vernizes*, mandados fazer ao Incroyable, foge aos desvarios de Momo, trancando-se no seu palacete de grades prateadas, quando não abala, a correr, caminho de Petrópolis. O Rio da época ainda é um miserável povoado, sem grandes hotéis de luxo, sem numerosas carruagens e, sobretudo, sem conforto e sem chique. A cidade é de comendadores analfabetos, burgo comercial estrangeiro e pobre, desagradável ao olfato, onde vicejam apenas velhas e prosaicas tradições com as quais os espíritos de certa distinção vivem em desacordo, quando não vivem em luta a mais aberta e acesa. Não há lugar, portanto, onde o aristocrata possa se divertir. Por isso sai ele da cidade, ou quando fica, isola-se.



Diabrinho
Autor desconhecido

Os velhos de ontem, os que conheceram os folguedos de Momo logo após a Guerra do Paraguai e até os dos últimos anos da monarquia do Sr. D. Pedro II, particularmente brilhante, dizem todos que, em matéria de fantasias e máscaras, as festas a que eles aqui assistiram, os anos 1901, 2, e 3, foram e ficarão sem rivais no Brasil. Um verdadeiro delírio de *travesti*. Por essa época, com efeito, todos ou quase todos, se fantasiam. E se encaretam.

Na massa colorida e agitada, o que mais predomina e o que mais impressiona são as indumentárias de “diabo” de todas as castas e feitios. Num país católico, como o nosso, com procissões ainda saindo pelas ruas, as crianças beijando, pelas calçadas, a mão dos padres e o comércio de cera para promessas fazendo a fortuna de ve-

lhos ateus, não deixa de ser curiosa a solicitude com que as boas mães de família, devotas do Coração de Jesus, não querem saber de outra fantasia para seus filhos, que se divertem, aos pinotes, dentro de *maillots* vermelhos e sarapintados com guizos e lantejoulas mostrando com brejeirice e garbo, além de outros atributos dos filhos do Inferno, longas caudas de algodão em rama, enrodilhadas na cintura. Há pior, entretanto. Muito pior. Há cavalheiros carolas, por exemplo, freqüentadores dos sermões do Padre Gonçalves, grandes devoradores de hóstias e de missas, que se exibem vestidos a Mefisto, de pêra e chavelhos de ouro, calçando meias escarlates e trazendo aos ombros uma capa negra, de mil dobras, decorada por feíssimos dragões. Os Satãs, de máscara horrenda, com lagartos e cascavéis saindo pela boca, olho em bugalho e unhas de gavião, pululam. Sem conta são os demônios verdes, em tudo iguais aos que a Sr^a D. Maria I via dançando nos parques de S. Cristóvão, pelas suas noites de febre e de loucura. E os Plutões, os Belzebutes e Lucíferes descaudados, os Demos de cauda curta, os Satanases com pé de pato e outros gênios do Inferno, vomitando enxofre e fagulhas pelas ventas? E, quando esses impertinentes gênios do mal, que, em fúria, penetram até pelas igrejas que estão abertas, indo aos saltos, aos berros, atrás de pobres e transidos sacristães? Todos esses desacatos e irreverências acabam por desgostar, profundamente, os notáveis da Mitra, o Sr. Arcebispo da cidade inclusive, um santo e benquisto varão que não compreende, nem pode explicar tão deploráveis desatinos, principalmente quando pensa que isso se passa num país como o Brasil onde Santo Antônio de Lisboa chegou a atingir o posto de coronel de infantaria, com nome até no Almanaque do Ministério da Guerra. As gazetas católicas, que também não compreendem nem explicam o que se passa e as aturde, mais decisivas, embora sem grande senso prático, desancam os que não se pejam dessas familiaridades comprometedoras e incompatíveis com a alma de um bom cristão. Nada conseguem, porém, essas gazetas. E é justamente, por essa época, que o número de diabos começa a aumentar.

Depois dos diabos estão os dominós, como disfarce de maior preferência do carnavalesco carioca. Dominós até feitos em veludo (para um clima como o nosso, imagine-se!) em meio aos que se fazem em chita, em cretone ou em cetim. Com um lençol o habilidoso do

tempo improvisa, por vezes, uma fantasia no gênero, com o seu capuz, a sua gola e o seu grande mistério.

Muitas dessas impenetráveis fantasias fazem-se de seda e mostram distintos propósitos de estilização, sobretudo as que evocam os dominós das mascaradas do século XVIII, com os seus capuzes altos, lembrando os dos faricocos, ou trazendo, nas cabeças descapuchadas, vistosos tricórnios de oleado, pano ou couro. Máscaras de renda, longas e negras.

Os dançarinos que conhecem os segredos da coreografia patricia, os instruídos nos bailados da “chula” e do “miudinho” vestem-se de “velho” ou de “princês”.

O velho é sempre evocação grotesca da figura de um selórico setecentino, de sapatarras de verniz com longuíssimas fivelas, calções apertados, de cetim, casaca preta de alamares, destacando sobre a véstia gema-de-ovo o bofe de renda. Na mão esquerda, bengala; na direita, luneta. Sobre os ombros uma peçorra de papelão, enorme, mostrando face escanhoadada e um rabicho, com o *catongan*, atirado negligentemente para as costas.

Ó raio, ó sol, suspende a lua
Bravos ao velho que está na rua!

Assim canta o poviléu animando o selórico, que caminha pas-sarinhando, a marcha irregular, com descaídas rítmicas na calçada, ora erguendo, no paço, o seu enorme bastão, ora ficando no olho terrível da máscara, que é a olho em túnel, a luneta magnífica.

De repente, o brado da patuléia, que adora em particular o tipo e a sua estranha coreografia:

– Dança, ó velho, dança!

Se há princês ao lado ou próximo, o velho com ele dança – sem música, já se vê, apenas seguindo o compasso das palmas que lhe batem, os que ali estão. Na falta do princês, dança sozinho. Dança a chula, sapateado de origem africana, mais dança de pés e de pernas que de tronco, uma vez que o busto tem que se manter ereto, os braços movendo-se, apenas, para estabelecer o equilíbrio da figura. É um exercício diabólico em que os pés ora resvalam, ora se entrecruzam, movimento agitado de pernas que se juntam e que se ajustam, não raro cain-

do em desfalecimentos procurados para fazer tombar o corpo, que deve estar sempre no seu prumo majestoso e senhoril. Nesse jogo de membros inferiores, o velho está fazendo, com o bico do pé, no lugar onde dança, figuras espantosas, que a gentalha da rua conhece e explica: linhas, tiras, nomes, desenhos:

- Gostei do Jota!
- Roda de carro! Bonito!
- Velho, traça a letra K!

Difícil. A letra K e a letra R são as mais difíceis de fazer nesse bailado singular. O velho, porém, executa-as. A multidão, posta em círculo, aplaude e continua pedindo:

- Corta-jaca!
- Basta! Provou! É “cuera”!

Naturalmente a dança do velho com princêz que é quem, pelas regras da coreografia carnavalesca, deve provocá-lo “puxando a fieira”, é muito mais interessante, os concorrentes caprichando no arabesco do bailado, cada qual buscando demonstrar, mais que o outro, agilidade e maestria. A dança do velho só, entanto, é dança do mesmo modo apreciável.

As fantasias de *pierrot* abundam. Os nossos *pierrots*, entanto, são tristes, como os de Vilette, descolombinados e esquivos, as caras cor-de-lua, à custa de polvilho e alvaiade; os palhaços são todos melancólicos; os *tonys* capazes de fazer chorar o próprio Momo, com cartolinhas fincadas nos crânios lisos por carapuças feitas de meias de senhora, *clowns* fúnebres que vão se mirar nos cristais das vitrinas das lojas, a dizer para os companheiros, ainda mais envergonhados do que eles: – Como estamos horríveis!

Há uma fantasia inexpressiva, que se vê muito, e que, não se sabe por que, faz um sucesso enorme, a de *bebê-chorão*. Homens de dois metros de altura, vestindo macacões de criança, a fralda da camisa do lado de fora, bor-



Rei dos Diabos
Desenho de Calixto

rada de tinta esverdeada ou de um tom de chocolate, andam a soprar gaitinhas, com bonecos e mamadeira debaixo do braço. Os *chicards* dos desenhos sutis de Gavarni e que fizeram enormíssimo sucesso nos carnavais de há muitos anos atrás, ainda aparecem risonhos. Há os que se fantasiam de “esqueleto”, dentro de uns balandras negros, mostrando, em desenho grotesco, costelas pintadas a tinta branca. Andam simulando a Morte, pelas ruas, tangendo campainhas, mostrando cruces, não raro estragando a alegria dos outros. Vezes vêm-se trios impressionantes como este: um “padre” levando ao braço direito, dependurada, a “morte” e no esquerdo o “diabo”. O povo assanhado ri. Aplaudes. Acha no caso uma enormíssima graça. Grande extração têm ainda fantasias de morcego, uns morcegos de cara de rato e asas arregaçadas, com varetas de velhos guardas-chuvas. Homens inteligentíssimos vestem-se de burro e andam com feixe de capim debaixo do braço, aos zurros, às patadas. Descobrem-se por vezes, no manejo, vocações decididas. Há os que saem de “urso” e vestem, para isso, umas roupas, cobertas de algodão em rama. Na boca desses animais existe, quase sempre, um lugar para enfiar uma correntinha ou uma corda. Que os “ursos” não andam nunca em liberdade pelas ruas. Vão eles, assim, puxados pelos domadores, que os fazem dançar e recebem, pelas desajeitadas coreografias, níqueis e tostões. Como se diverte a patulêia com tudo isso! Os que não possuem dinheiro para comprar máscaras fantasiam-se de “sujo” ou de “pai-joão”. Um pouco de graxa na cara, um paletó virado pelo avesso, uma vassoura velha debaixo do braço, e está pronta a fantasia.

A rua, depois de certa hora, é um bazar agitado de canções, onde uma multidão assanhada gira, revolteia e, embriagada, barulha, toda em cores festivas, toda em sons agitados, sob a nuvem policrômica dos *confetti* e dos laçarotes de cor berrante das serpentinas que esvoaçam.

– Você me conhece?

O Rio está cheio desta frase banal, pergunta que todo mundo, a cada instante, cediça e insistentemente, repete.

Um dia Bordalo Pinheiro (1900?), que se achava no Rio, tendo-se metido dentro de um misterioso dominó azul, à porta de certa livraria, pergunta ao Machado de Assis, que vai saindo:

– Você conhece-me?

– Pela colocação do pronome – responde-lhe Machado, voltando-se –, é o Sr. Rafael Bordalo Pinheiro, não é?

Por esse “você me conhece” é que se inicia o trote, troça, chufa, pilhéria, mofina, expressão de espírito por meio de palavras que, não raro, intriga fazendo sorrir, mas que, muitas vezes, se transforma em desagradáveis e impertinentes despropósitos.

Em 1901 ainda se passa o trote por um porta-voz de metal que a polícia acaba proibindo, porque o transformam, de quando em quando, em terrível tacape. Com ou sem porta-voz o trote é, muita vez, provocador de cenas pouco amáveis. Exemplo. Fala um troteador:



Fantasia de Diabo
Desenho de R. Chambelland

– Aí, *seu* Medeiros, com esse ar de pai de família! Quem o vê mal sabe o bilontra que você é. Eu, porém, o conheço, e bem, porque moro perto daquela casa onde você vai, quase todos os dias, e onde mora a mais bonita das morenas da Rua do Catete...

Esse dichote é atirado a um homem de ar provecto, suíças já grisalhas, dando o braço à esposa, que empurra, à sua frente, duas crianças louras, ambas em *travesti*.

O homem fecha a cara. A mulher olha o mascarado do trote, curiosa, esperando por mais. E o mascarado:

– Compra jóias de 500\$ e 600\$ no Luís de Resende. Não são para a esposa, já se vê. Ah, lá isso não são! Quanto custou, por exemplo, aquele par de bichas, com rubis, que você comprou na quinta-feira última?

O homem de cara fechada vai ficando pálido. Depois, avermelha-se. Põe-se a engolir saliva. Tem os olhos em brasa postos nos filhos, que vão à frente, o pensamento sabe Deus onde!

E o mascarado insistindo:

– O pior, ó Medeiros, é que você tem, como rival, um tenente de cavalaria. Não se meta com homem que use esporas. Você pode arranhar-se.

É nesse momento que a mulher, sucumbida, rosna-lhe: – Grande patife! Para ele, Medeiros, para ele, chefe de família exemplar

que nunca foi à Rua do Catete, nunca mercou jóias no Luís de Resende, nem sabe quem é essa mulher de quem o homem do trote fala. Medeiros, num gesto de quem toma uma grande resolução, aí, desvencilha-se do braço conjugal e atira-se, como uma fera, para o trocista implacável. Atracam-se. Perde o mascarado, na luta que se trava, a máscara. Espanto do Medeiros, que nunca viu tal homem. Para encurtar razões: polícia, delegacia distrital e o depoimento do carnavalesco, que mostra um olho pisado e a camisa de meia rota, de cima abaixo:

– *Tudo brincadeira, nunca vi esse Senhor. Soube que ele se chamava Medeiros porque disseram, quando eu passava, apontando o grupo onde ele vinha:*

– *Aí vem o Medeiros, a mulher e os filhos! Tudo brincadeira! Puro carnaval...*

Por causa dos trotes os maridos com culpas no cartório não gostam de sair com as suas mulheres, por esses dias de entrudo.

De um muito boêmio, sabe-se que, não podendo sair sem ser em companhia da esposa, ciumentíssima, temendo os trotes que se transformavam, depois, em cenas domésticas bem pouco interessantes, teve uma idéia feliz, tal a ir juntar uns amigos dedicados e com eles estabelecer esta combinação: “uma vez esboçado o trote, todos nós avançaremos, em massa cerrada, para o trocista, aos berros, aos empurrões, tratando, assim posto, de impedir, completamente, qualquer ação do mesmo”. Ficou combinado, até, que, para melhor despistar a mulher ciumenta, na ocasião de ser aplicado o inteligente manejo, atingissem, eles, reconhecer no mascarado um amigo qualquer, chamando-o pelo nome, nome que se inventaria no momento da aparição do mesmo. Aparece um *Soares*, depois um *Dutra*, mais um *Cardoso*, e ainda um *Soromenho*. Tudo invenção, fantasia. Ao último, dão o nome de *Raposo*.

E o pobre *Raposo*, coitado, quase morre de susto ao começar o seu trote, porque, não sendo percebido do grupo um tanto distraído, quando chega, e vai começar o trote, recebe a violência do contra-ataque,



*A dança do velho
Desenho de Calixto*

de repente, isso quando apenas ensaia dizer, já muito perto, ao ouvido do marido boêmio: – Então seu malandrim... O máscara assusta-se com o rebate e ainda mais com os empurrões de 10 ou 12 mãos, aos gritos de “Raposo! É o Raposo! É o Raposo!” Rola o infeliz pela calçada, atônito, sem poder se defender. Arrastam-no para longe. Lá vai ele deixando-se arrastar. Súbito, quando o largam:

– Ouçam cá: pelo menos, vocês devem me dizer como e por onde me reconheceram, estando eu irreconhecível, como estava!

Arranca a máscara e mostra-se. O homem é um autêntico Raposo, o Raposo do *Jornal do Brasil*, um português simpático, que em 1907 ou 8 ainda era lá repórter...

Com esse marido terrível que, por sinal, faz versos e se chama, vamos dizer, Aluísio Fernandes, passa-se, num Carnaval, coisa muito melhor.

Aluísio, que tem a idéia pouco feliz de se casar uma semana antes das festas de Momo, sai no dia de domingo, primeiro dos grandes dias de folia, de casa, não sem dizer à esposa que voltará à tarde, sem falta, a fim de conduzi-la à Rua do Ouvidor. Coisa, aliás, bem fácil de dizer.

Vai ao Café Papagaio, onde habitualmente faz ponto, lá encontrando a rodinha, que se compõe de Raul Pederneiras, Calixto Cordeiro, Bastos Tigre, Luís Pistarini e de outros mais. Uma rodada de chope, um sanduíche e o nosso Aluísio que se entusiasma, buscando fantasia, metendo-se numas vastíssimas barbas postiças à bôer. É isso, diga-se, pelo tempo da guerra do Transvaal, entre bôers e ingleses, essas barbas vendendo-se, imensamente, como disfarce carnavalesco, de grande atualidade. Para não entrar em mais detalhes, vamos deixar a pobre Madame Aluísio Fernandes à espera do marido e caminhar com o bando dos boêmios que se juntaram no Papagaio, marchando em direção ao Teatro S. Pedro, onde se anuncia um formidoloso e retumbante baile de máscaras. Em caminho, topa esse grupo de artistas com um mascarado qualquer, que está sobre o dorso de um burro. Tomam de assalto o burro, ao mascarado, para fazer



O “Velho”

Desenho de R. Chambelland



Dominó
Autor desconhecido

uma entrada triunfal no teatro. À porta do mesmo, um sorridente porteiro declara que o baile é de pessoas, não de cavalgadas, e que, assim sendo, o burro não pode entrar. Oito ou dez braços vigorosos imobilizam esse imprudente e corajoso porteiro, enquanto Aluísio, nas suas barbas de bôer, sobre o animal, solene, na atitude de um Krüger ou de um Botha, penetra no salão, ovacionado como um deus! O delegado de serviço no teatro chega e desmonta o poeta, mandando retirar o solípede do salão de dançar, sorrindo da pilhéria, sem nada fazer ao bando papagaiano, que, em alvoroço, fica a beber e a

dançar. Não esquecer que Madame Aluísio, coitada, está sempre à espera do marido, uma lágrima no olho triste e esse olho pregado no relógio. Só às 4 da madrugada porém é que Aluísio pode pensar que já casou, recordando-se ainda da promessa feita à esposa. Abala, imediatamente, a correr, para casa, onde chega com a luz clara do dia. Quando ele chega encontra toda a família, nervosa e atenta, de pé, até então, sem dormir: a mulher, a mãe, o pai... Ele, porém, se explica começando por dizer:

– Ouçam-me vocês para me dar razão...

E, verborrágico, eloqüente, inventa uma história deslavada, mentirosa e infantil, desculpando-se. O caso de um amigo, com uma perna quebrada sob as rodas de um carro, e toda a complicação advinda para socorrê-lo, e, o pior de tudo, levá-lo para S. Gonçalo de Niterói... Pára um pouco o boêmio e diz:

– Se vocês soubessem como S. Gonçalo de Niterói é longe!

Aluísio fala, mas ninguém o toma a sério. Apenas, receosos do desperdício de avisados conselhos, de palavras que ele, talvez, não possa bem compreender, no estado em que se acha, os que o ouvem fingem que aceitam as falsas razões enunciadas e vão todos se deitar.

A cena passa-se, agora, na cama de Aluísio, a mulher furiosa, a choramingar:

– Eu, o dia inteiro, aqui à sua espera, e você sabe Deus por onde, a divertir-se, sem pensar em mim!

E ele, fingindo-se ofendido, muito formalizado, muito sério, para a mulher:

– Parece que você não acredita nas razões que me desculpam...
Eu continuo a contar esta coisa porque não estou mentindo...

Dizia isso a berrar, com os seus trejeitos de bêbado.

– Acredito. Acreditamos todos – diz-lhe a mulher. – Durma, porém. E cubra-se.

E o Aluísio, puxando o lençol para o corpo:

– Se você visse quando o médico ia encanar a perna do infeliz, o berro que ele deu! Coitado!

– Durma!

Pobre rapaz! Positivamente este mundo é um triste vale de lágrimas!

– Durma – insiste, ainda uma vez, a mulher, já um tanto irritada –; não quero mais ouvir as suas deslavadas mentiras.

– Pois não durmo! – retruca ele, sentando-se na cama. – Hei de contar, agora, como o levamos para S. Gonçalo de Niterói. Afinal, você parece que está pensando que eu me meti em troças carnavalescas. Ouça bem, portanto, o que eu lhe conto e que é a expressão da mais pura verdade...



Pandeiro
Autor desconhecido



Máscara
Autor desconhecido

Irritada, em demasia, a esposa olha para o marido, com dois olhos que são como dois afiados punhais, faiscando de raiva, de desespero e de vingança, e, como ele insistia, ainda, sentado na cama, para recomeçar a sua história, brada-lhe, de repente:

– É melhor que, em lugar de contar como foi, Aluísio, você que está ébrio e não sabe o que diz, arranque da cara, isto... E aponte-lhe para o peito...

Aluísio olha. E o que encontra? – Céus! – A enorme barba de bôer que lhe cai em cascata, até quase ao umbigo, documento fatal da sua truanice.

A parte central da cidade mais procurada pela multidão, nesses dias de esplêndidas loucuras, é a Rua do Ouvidor, que se engalana de estandartes e fâmulas, mostrando vistosas sacadas com festões de folhas de mangueira, flores de papel, além de mastarêus com coloridos pendões de todos os países. Para a noite, arcos de iluminação, que ainda é a gás, festivos e deslumbrantes arcos. Durante certo tempo existiam uns célebres coretos chamados “de sacada”, indo de uma a outra casa, na rua estreita e onde se metiam atroadoras charangas ou ensurdecedores zé-pereiras. Uma avisada postura os extinguiu. Ardiam freqüentemente e serviam, além disso, de estorvo aos préstitos carnavalescos.

É, porém, na encruzilhada dessa rua com a de Gonçalves Dias que se estabelece o encontro dos mais ardentes foliões: estudantes das escolas Politécnica, Medicina e Direito. Dentro de garbosíssimos e chibantes uniformes, mostrando calças *garance* e dólmãs azul-turquesa, também aí aparece uma vistosa plêiade de alunos da Escola Militar e da Marinha fazendo ponto mais abaixo, na parte onde se instalava o Café Londres. Passa-se, dificilmente, nesse ponto, os transeuntes amalgando-se uns contra outros, na formação de verdadeiras ondas humanas, onde flutuam chapéus, quepes, turbantes carnavalescos, em meio aos quais se vêem braços nervosos que se levantam, que se agitam, reclamando atenção ou reclamando passagem. É uma preamar agitada, mas alegre, onde as aflições do momento repontam em risos francos ou em gargalhadas escandalosas. Não obstante, lá uma vez ou outra surgem ásperas frases como estas:

– Não empurre, “seu” bruto!



O “burro”
Desenho de Calixto

– Não empurro coisa alguma! Pois você não vê que os outros é que estão me empurrando, “sua besta”?

Só assim a onda se desloca um pouco, para criar o *maelstrom* de um pavoroso conflito, porque a “besta”, que *não leva desaforos para casa*, pega-se com o “bruto”, que *não sabe engolir desaforos de ninguém*, a soco, a taponar e a pontapé. A época é das valentias, dos desforços pessoais, na via pública, das bengaladas, e, sobretudo, das descomposturas gritadas em voz alta começando, invariavelmente, por um *Você sabe com quem está falando?* Por isso vivem as delegacias cheias, como vivem cheios os xadrezes. Gente que deu, gente que apanhou, gente que está ameaçada de apanhar, gente que se prendeu para não dar... Um inferno! Os delegados não dormem. Os prontidões, esses, só pensam em tal 24 horas depois que começam a dormir os delegados. A polícia não chega para tanto serviço. É pouca. Para ajudá-la descem, de bordo, marinheiros da nossa Armada de Guerra, que vão fazer a ronda das ruas centrais. Rondam, também, soldados do nosso Exército. Por vezes, entre marinheiros e soldados, rebentam conflitos, pancadarias, tiros e os infalíveis gritos: *enche, lincha, não pode...*

Só há um meio, então, para conseguir-se um pouco de paz: apelar para o Corpo de Bombeiros. É o que se faz. Esses briosos servidores, porém, que vivem a apagar os começos de incêndios provocados pelas serpentinas, não aparecem. Não havendo mais para quem apelar, espera-se que os ânimos, com o tempo, se refresquem. Fantástico! Ninguém, porém, acha isso uma coisa extraordinária. Aceita-se tudo, com naturalidade, sem o menor espanto. Ao lado de homens que lutam de armas na mão, dançam, ao som das charangas que reboam, pares alegres, divertidos, despreocupados, a cantar, quando não estão animando os *valientes* que se batem. Assim foi sempre. É o povo que se diverte. É o Carnaval.

Uma coisa que particularmente encanta, nesses três dias de folia, é a pompa do cortejo das grandes sociedades carnavalescas. Em 1901 saem só dois dos grandes clubes: Fenianos e Democráticos, *Gatos* e *Carapicus*. *Gatos*, por quê? Por que *Carapicus*?

Havia no primeiro desse clubes numerosos bichanos, mascotes da sociedade, mansos e amigos que, durante os ensaios do zé-pereira, viviam a espreitar, pelas janelas da sede, o povaréu que se reunia em

frente. Foram os Democráticos que deram aos da associação rival esse apelido grotesco de *gatos*. Os do Fenianos, porém, vingaram-se, chamando aos alcunhadores, *carapicus*, que, como se sabe, são uma espécie de sardinha, comida predileta de gato... Essa rivalidade entre os dois clubes, vamos dizer de passagem, sempre foi, como ainda é, elegantíssima, os rapazes de ambas as associações vivendo na mais estreita e sincera camaradagem, muito embora dando ao público a impressão de adversários acerbos e terríveis.

Com o esforço pessoal, porém, de *gatos*, de *carapicus* e de *baetas*, estes últimos componentes do Clube Tenentes do Diabo (*baetas* por causa dos cobertores de baeta, pela época, muito em voga, vermelhos e negros, como a bandeira dessa grande sociedade), faz-se um carnaval exterior de arromba, com cortejos formidáveis de espírito e esplendor.

Para custear tão grandes realizações há um livro chamado de *ouro*, que corre as casas comerciais da cidade, obtendo assinaturas e somas que se juntam às que existem nos respectivos cofres sociais. No começo do século gasta-se com um préstito carnavalesco de 30 a 40 contos. O informe é de Marroíq, que os fez e brilhantes, pelo tempo. Carrancini, Coliva, e Fiúza são outros grandes artistas desses tão desejados cortejos.

Os carros, se possuem graça, idéia e luxo, não apresentam, contudo, essa monumentalidade que Marroíq achou de inventar para os carnavais que vieram anos depois, quando Passos, refazendo a cidade colonial, alargou ruas, criou avenidas, aumentou praças. Os carros em 1901, 1902 e 1903 são pequenos. Há a contar, ainda, com a viela do Ouvidor, por onde, obrigatoriamente, todos eles passam, e outras ruas estreitas, por onde tem que dobrar.

Na organização dos cortejos dessas grandes associações carnavalescas, o que preside, sempre, é o propósito manifesto de apresentá-los sob aquele profano e desvairado feitio que era o das velhas saturnais nos tempos de Roma antiga. Preito à Mulher, ao Vinho e ao Amor. Glorificação dos instintos grosseiros do homem. Apologia do Pecado.

Pecai, pecai à vontade

Que é bom demais o bocado.

Isso dizem os Fenianos, em 1901, num carro de idéias. Positivamente deficitário o sentimento católico do país, nesse tempo. Depois

dos Lucíferes e Belzebutes, que andam invadindo as nossas igrejas e, seriamente, a impressionar a Vigararia-Geral, a rutura acintosa dos mais sagrados deveres cristãos, nas alegorias pagãs, as mulheres apresentando-se quase como Frinéias no Areópago, inteiramente nuas, da cabeça aos pés, os corpos mal velados por *maillots* de finíssimas e transparentes sedas.

Entre as que assim se exibem uma há, Vênus americana, que a todas sobrepuja. Eva querida, dos mais formosos e mais perfeitos corpos humanos que já viu o Brasil. Chama-se Aurora Rozani e é uma rapariga fresca de 20 a 22 anos. Manda-se buscar Aurora onde estiver: no Rio Grande, no Pará ou na China, só para dar, com a sua notável plástica, brilho e glória a esse Carnaval de rua. E Aurora, pressurosa, vem de longe, correndo, voando, para trepar pelos plaustros que a reclamam. E esplêndida e despida

“No triunfo imortal da carne e da beleza”

mostra-se exaltando a multidão que, ao vê-la, quase enlouquece de alegria e de prazer:

– Aurora! Aurora! Aurora!

Filhas de Maria, pálidas e trêmulas, vencidas pela emoção da obra de arte que a bacante revela, atiram-lhe, das sacadas onde se acham, pétalas de rosas, beijos... Velhotes, conhecedores do assunto, fazem pigarros significativos e profundos, limpando nervosamente a vidraça dos óculos, ciosos de ver melhor. Até as casadinhas cariocas, que sempre foram muito ciumentas de seus maridos, ante o esplendor da nova Eva, batem palmas e atiram-lhe *confetti* e serpentinas multicores, a gritar:

– Aurora! Aurora! Aurora!

Outras Evas, porém, ainda existem, dominando o público, compondo a decoração desses suntuosos carros: Plácida dos Santos, rainha da canção brasileira, a que a levou, com enorme sucesso, a Paris; *Bugrinha*, *hors-concours* em questões de maxixe, Comba Paranhos, *Olga*



Índio de cordão
Desenho de Calixto

Avestruz, Elvira Balão, Marieta Melek, Elvira Xavequinho, Carlinda Matos, Colombiana, Beatriz Cabeludinha, Santa Lacraia, Amélia Delahyte, Alda Paulisi... O povo sabe todos esses nomes de cor e é a gritá-los, furiosamente, que por eles ovaciona as mulheres e as aplaude.

Nos carros de crítica, nas guardas-de-honra, bem como nas famosas comissões-de-frente, para as quais se escolhem guapos e elegantes mocetões, vão carnavalescos incorrigíveis, como o *Coalhada* (Henrique Leite Ribeiro), *Lorde Fera* (Raul Goulart), os irmãos Cavanelas, *Rocamboles* (Vilas Boas, fundador da grande e conhecida papelaria que até hoje conserva seu nome), *Bem-te-vi* (Henrique de Araújo Frongalhão), *Galo-Branco* (Francisco Bastos) e o seu irmão Leopoldo, *Lorde Sogra* (Guilherme Ribeiro), *Roxura* (Albano Macedo), Raul Goulart, *Chaby*, o que, apesar de ter hoje mais de 70 anos, ainda é a mesma alma alegre que conheceu as folganças de Momo nos tempos do Sr. D. Pedro II, *Cacareco* (Herculano de Matos), o *Baiano* (Juvêncio), *Zé da Venda*, engraçadíssimo imitador de minhotos, *Maxixe, Palhaço, Monção, Rigoletto, Morcego* (Norberto Amaral), *Lorde Alisa* (Duarte Félix), *Gostoso, Paginação* (H. Campos), Elpenor Leivas, *Cardoso Xuxu, Cerca-Frangô* (Domingos Cordeiro), *Cabral Chuvinha*, Adriano Guidão, o *Poeta Fogareiro, Diplomata* (A. Neiva), *Refestelo, Rato-Seco, Caturrita*, Marcolino Feital, *Lorde Craknel*, Ferraz, *Pufista, Peru dos pés frios* (Mauro de Almeida), *Gurucutuba*, Luís Cordeiro, o *Jamanta*...

Cordeiro Jamanta! Esse boêmio, cuja vida carnavalesca anda a pedir, não as linhas de uma crônica, mas uma obra em múltiplos volumes, hoje austero chefe de seção da Repartição Central da Polícia foi quem fundou, em companhia do *Coalhada*, uma famosa *Escola carnavalesca para a defesa dos carros de Crítica*, que existiu na Rua dos Andradas e onde funcionava, também, um curso especializado para bebedores de uísque, sem água. Não esquecer que, desse clube, foi que ele, *Jamanta*, saiu, em companhia de vários carnavalescos, para saudar o grande Rui Barbosa, que chegava, coberto de louros, da Conferência de Haia. Os carnavalescos, que saem, nesse dia, um tanto atrasados do famoso curso especializado, quando dão com o préstito popular, conduzindo em triunfo o ilustre brasileiro, está ele já próximo à Rua do Ouvidor, na parte da Rua Direita e de quem vem do Cais Pharoux. Jamanta, que não vacila nunca, manda atravessar o seu carro à frente dos que marcham, de tal sorte, obrigando a parar o préstito popular. Parado este em face ao famoso orador que

acaba de desembarcar, desfecha ele um discurso, todo em gíria mômica, por sinal que começando assim: *Caboclo velho, batuta! Nós, os carapicus do Castelo, autênticos filhos do Brasil e de Momo...* E terminando assim: *Cotubas da minha terra, gatos, carapicus e baetas, coesos! O cordão está na rua! A "Águia de Haia" à frente! Para o Castelo, para o remelexo e para a glória!*

Jamanta foi repórter do *Correio da Manhã* e a tortura de Heitor Melo, Secretário, muito moço, mas muitíssimo severo, incapaz, embora, de dominar os ímpetos carnavalescos do maior dos foliões.

– Sr. Cordeiro – diz-lhe num dia de carnaval Heitor –, depois de amanhã saem os Democráticos com os seus préstitos à rua. Assim posto, o que eu desejo é que o Sr. se decida – Clube dos Democráticos ou *Correio da Manhã*. Sim, porque eu não posso mais admitir que repórteres desta casa saiam em carros de críticas ou de alegorias pelas ruas da cidade, arrastando, com as suas alcunhas carnavalescas, o nome *Correio*. É escolher, uma vez que tenho a tomar sérias resoluções: *Correio da Manhã* ou Clube dos Democráticos. Faça o favor de escolher, Sr. Luís Cordeiro.

Jamanta coçou a cabeça e decidiu, logo, sem pestanejar: *Correio da Manhã*.

Para maior garantia de tão solene compromisso, Heitor deu-lhe, para terça-feira gorda, tarefa e séria, na hora da saída dos préstitos, e, o que é mais importante, em ponto quase fora das portas da cidade...

Chega, enfim, a grande terça-feira da folia. São sete horas da noite. Heitor Melo, tranqüilamente, assiste, das janelas da redação do jornal, então à Rua do Ouvidor, a passagem do préstito dos Democráticos, isso depois de ter, em pessoa, despachado, meia hora antes, o estouvado Jamanta para a Estação de Santa Cruz, a fim de buscar notas sobre o carnaval nos longínquos subúrbios da cidade.

Numa apoteose de aplausos havia penetrado o grande clube à Rua do Ouvidor, quando, ao chegar próximo à Rua dos Ourives, parte-se um dos carros alegóricos, de tal sorte obrigando os outros a suspender a marcha que então fazem. Em frente ao *Correio da Manhã* acontece parar um carro vulgaríssimo, de crítica, representando uma enorme e vistosíssima garrafa com vários cavalheiros em torno, todos eles a contar *gracinhas*. Dura a imobilidade do préstito, sem o menor exagero, uns quarenta minutos. Alguns momentos antes de retomar o cortejo

vistoso a marcha interrompida, o carro do desastre, já perfeitamente reparado, um dos da alegre ronda ao cano da garrafa, com fúria, põe-se a bater no bojo enorme da mesma e a gritar:

– Oh! Jamanta! Olha que tu morres sufocado!

Riem-se os companheiros todos a gritar pelo Jamanta e a bater, como podem, no bojo da garrafa, de tal sorte, que quase a deslocam do lugar onde se acha.



Fiúza Guimarães
Desenho de Marques Júnior



Luís Cordeiro (Jamanta)
Desenho de Marques Júnior

Heitor, por sua vez, sorri da pilhéria, sabendo como sabe, Jamanta, num trem da Central pelas alturas de Bangu ou Campo Grande, caminho de Santa Cruz.

O coro, porém, aumenta e de tal sorte o apelo é feito, que um dos que compõem, alcançando, num salto acrobático, o elevado gargalo da alegoria, berra para o lado de dentro:

– Acabarás, assim, morrendo, oh! diabo! Sai da garrafa!

Sacodem-na, depois, violentamente, e, eis senão quando Heitor, o secretário, vê da boca da mesma, em demasiada estreita para deixar passar um homem, ir saindo uma cabeça enorme, toda despenhada, depois, um rosto rubro, irreco-



Plácida dos Santos
Desenho de Marques Júnior

nhecível, todo sujo de poeira, manchado de suor, e mais uns ombros nus, um peito nu, umas ancas magras e também nuas... Era o Jamanta, senhores, que no bojo incandescente da almanjarra, morrendo de calor, mas teimando em se esconder do secretário Heitor, havia se despido completamente. O homem, meio desfalecido, bufa, abanando-se com um velho chapéu de palha. Quando surge do cálido esconderijo, sai, por fatalidade, com a face voltada para a sacada do *Correio*, onde o olho terrível de Heitor Melo, nervosamente, fuzila. Sem ter outra saída, Jamanta, sorrindo com ternura, atira-lhe um beijo para, em seguida, berrear com todas as forças dos pulmões, num berro que lhe custa, depois, sérios e profundíssimos desgostos:

– Viva o *Correio da Manhã!* Viva o Clube dos Democráticos!

Esses aloucados foliões...

Grande companheiro de Jamanta foi o Tobião, Tobias Garrido de Matos, carnavalesco dos tempos do Clube X, com um filho, contando uns 25 ou 26 anos e carnavalesco incorrigível, como o pai. Por um carnaval anterior, Tobião apaixona-se, furiosamente, no Clube dos Fenianos, por uma bailarina – lindo porte, belas pernas, esplêndido quadril, mas, dentro da sua graciosa fantasia, rigorosamente, impenetravelmente mascarada. Coisa impressionante para todos é o imprevisto e rápido inflamar do grande Tobião, tido por um sujeito supercético em matéria de amor. Verdadeiro *coup-de-foudre*. Paga-lhe champanha. Dançam. Mais champanha. Ceia. Carro. Depois, passeio ao Jardim Botânico...

A coisa vai andando.

Sorrisos. Apertões.

– Não faça isso!

– Ora, que idéia!

E de novo, carro, clube, champanha...

Às cinco da madrugada Tobião resolve agir à valentona, a fim de desvendar todo aquele mistério que o impressiona e amofina. Pede-lhe, entanto, ainda uma vez, com voz terna e adocicada:

– Tira essa máscara, meu amor!

E como ela negue revelar-se, ele, então, num gesto rápido e brutal, do seu rosto formoso, arranca a máscara de renda e de veludo...

– Céus!

É o filho, o próprio filho, o terrível folião que ele tem diante dos olhos, o patusco espirituoso que sonhou que pregaria e acabou por pregar uma partida, em regra, ao *velho*.

Conta-se que o Tobião, aí, tomando uns ares de autoridade e de importância, disse ao filho, entre sério e compenetrado:

– Agora veja lá se o senhor vai contar isto em casa à senhora sua mãe....

O cordão, em 1901, é a grande alegria do bairro. Não sonha, ainda, dilatar o horizonte de suas pretensões carnavalescas. Vive, modestamente, do louvor e do aplauso arrabaldino, fazendo a delícia de umas tantas ruas, de umas tantas casas e de um número pequeno de pessoas.

Da sede onde se instala, sai, é para fazer a ronda festiva do lugar, o estandarte em riste, com os seus archotes, as suas músicas e aquelas pelicas tonitruantes, que vaquetas fantásticas barulham na hora de estrupidar o zé-pereira.

Organiza, o cordão, como programa além dessas passeatas folgazãs, com cantigas, bailados e retumbos, serões de dança (“arrasta-pés” ou “sovaqueiros”), partidas coreográficas que uma orquestra minúscula, composta de flauta, violão e cavaquinho, estimula e deleita. Culto a Terpsícore, mas, num ambiente puramente familiar, onde o próprio maxixe não se dança, e é visto como expressão de maus costumes. Dança-se o choro, isto sim, uma espécie de samba anadioso, muito compassado, que se pratica num zoante arrastamento de pés, os pares com as cabeças unidas, os olhos semicerrados, entreabertos os lábios... O cavaleiro, quando dança, tem o dorso da mão direita, que guarda a forma de uma concha, na cintura da dama, que está, por sua vez, como que dependurada, lembrando um violão, ao seu braço esquerdo, um braço hirto e levantado em linha vertical. Esse cavaleiro usa uma enorme calça branca abombachada, que se aperta nas extremidades, mostrando botinas de verniz com saltos altos, paletó fechando embaixo, pelo último botão. No pescoço, vasto lenço metido de maneira a defender o colarinho, que é altíssimo, reto e endurecido a trincal. Essas noitadas alegres vão, quase sempre, além da madrugada. No sueto das danças, *buffet*, onde se trinca uma boa sardinha frita, sanduíche de pão de milho e queijo de Minas.

Para as gargantas sôfregas e sequiosas, “água que passarinho não bebe”, parati.

Só duas vezes sai o cordão de seu bairro e se dirige ao centro da cidade. A primeira para levar, com pompa e gáudio, ao saguão do *Jornal do Brasil*, o pendão social, que lá fica exposto, por muitos dias ou semanas; a segunda, para trazê-lo, de novo, à sede. Que vai fazer, entanto, essa festiva insígnia na benquista gazeta? Buscar popularidade, crédito, anúncio e fama. Nas páginas editoriais do órgão popularíssimo, em 1901, saiba-se, faz-se um registro perfeito e acurado dos ranchos cariocas, contando-se-lhes a origem, a sua crônica, e, o que é mais importante, reproduzindo, por inteiro, o nome de seus mentores ou dirigentes. Isso interessa particularmente aos ranchos e aos seus diretores.

Vanitas vanitatum et omnia vanitas.

Não há associação no gênero, existindo nos pontos mais longínquos do Distrito, que, sonhando as honras dessa portentosa vitrina e a seqüência amiga e natural de uma publicidade farta a seu respeito, não venha ao Centro. Há núcleos que descem de Santa Cruz, de Campo Grande, de Bangu e até de lugares ainda mais distantes, por vias de comunicação péssimas e complicadas, só para gozar do lindo privilégio.

Este estandarte consagrado
Da cô do má e do rubi,
Vem para ser depositado
Neste jorná que é o mais amado
Entre os jorná deste Brazi.

Vem à noite, numa ala vistosa de cabeças de alcatrão ou fogos-de-bengala, em frenético e bárbaro alarido. À frente, os clássicos índios das velhas folganças coloniais, aquele gentio fantasioso que figurava nas praças de curro, por ocasião das festas chamadas *alegorias*, metido em vastos cocares de penas longas e coloridas, muito altos e garridos, emoldurando rostos cor-de-canela, pintados a urucum, com os seus brincos de metal, os seus colares de vidrilho; na boca, sempre, um infalível apito de barro por onde silvam, aos pulos, mostrando, atravessado nas costas, um repugnante lagarto seco, uma serpente ou uma pele dura de jacaré. Nas mãos, tacape, aljava ou um arco de guerra. Seguindo esses selvagens de deus Momo, que dançam como se dançava na selva pré-cabra-

lina, o estandarte do “cordão”, sempre cortado em ótima seda, com franjas e borlas pesadas de ouro.

Essa insígnia de carnaval constitui, em alguns núcleos, verdadeiras notas de alto artifício ou boa arte, pois é pintada, muitas vezes, por ótimos artistas. Henrique Bernardelli, por exemplo, em sua mocidade pintou diversos distintivos desses. Belmiro de Almeida tinha garbo em dizer que os pintava. De múltiplos pendões sabemos pintados, ainda, por artistas como Hélios Seelinger, irmãos Timóteo, Chambelland e Fiúza Guimarães.

Os símbolos de Momo, na apresentação desses espetaculosos pendões, é que pouco variam. Quando não é o velho dragão, a vomitar estrelas, é um Satã de aspecto iracundo, uma lira de Apolo ou uma cesta de rosas. Quando aparecem Vênus, são, todas elas, Anfitrites, surgindo, não do fundo azul do mar, mas da espuma loura de enormes taças de champanha, muitíssimo nuas e em poses escandalosíssimas.

Carrega o estandarte, geralmente, uma linda mestiça, de cabelo comprido em queda sobre as costas ou em tufo, como o das cabeleiras egípcias, farta e lustrosa capilosidade, criada à custa de muita banha de porco ou óleo de oriza. Mostra o peito rijo, empinado, estalando num corpete de seda. Cinturinha menos de vespa que de marimbondo. Anca farta e roliça. Marcha em passinhos de cabra, assustada, em movimentos sincopados, aos tremeliques, ora erguendo o pano simbólico no ar, ora abaixando-o em ondulações dificultosas e gráceis. Em torno, ferriños, tirando sons de latas de querosene vazias, soando bombos, caixas e tambores. São negros retintos, de enormes gaforinhas, os paletós virados pelo avesso, fazendo o jogo dos capoeiras; são negras gordalhudas, de carnes gelatinosas, em marcha picada, o olho fito nas curvas que descreve o vistoso pano do estandarte; são mulatonas de mamassa enorme, já veluscas, aos rebolos, aos remelexos; fulas, cabrochas, brancas espevitadas e bulhentas, todas desafinando cantigas, aos trancos, às umbigadas, aos encontrões, rindo, berrando...

Muita atenção, que chegamos, enfim, à Rua Gonçalves Dias, bem em frente à redação do padroeiro animador desses bandos amáveis, com a sua sacada garrida, cheia de bandeirolas e de balõezinhos à *giorno*.

O grupo evolui postando-se em face à porta principal da gazeta, tendo a porta-estandarte ao centro, no seu suave passinho, aos

saracoteios, aos estremeções, e fazendo girar o pavilhão da grei em parábolas magníficas. É do protocolo. Esses movimentos descomedidos e loucos do pendão querem dizer imensas coisas. Isto, por exemplo:

De longe chegamo!
Carnavá!
Para sodar-te!
Trazendo nosso estandarte,
Nosso missá
Ia! curu-piribi!
Viva a imprênsia brasileira
Viva o Jorná do Brazi!



Bisnaga de cheiro
Autor desconhecido

É nesse momento que, de alto mastro erguido, a bandeira do jornal despenha-se, vindo cobrir, como uma benção, o estandarte que palpita e ondula nas mãos da mestiça enlevada. Hurra! Viva! Evoé! Grita-se. O alarido é enorme, rebramado de ecos longitruantes, que os ouvidos aturdem, os brandidores de vaquetas aproveitando o ensejo para rufar mais forte, em furiosíssimas pancadas, as caixas, os bombos e



Chocalho
Autor desconhecido

os tambores. Os panos coloridos se confundem. É a cerimônia do beijo, que enternece e encanta. É o ósculo de Momo. Depois, quando a bandeira da casa, cumprindo o seu dever de cortesia, sobe, o estandarte entra e se dependura no saguão do jornal, enquanto os componentes da diretoria, cheios de austeridade e de importância, trepam pelas escadas que os levam ao redator de serviço e com o qual deixam, após apresentações espetaculosas e as saudações da pragmática, o nome do cordão, e, mais, os seus próprios nomes...



Chocalho
Autor desconhecido

Vivem esses blocos sem bafejo ou ajuda oficial, o que é muito simpático. Pedem licença e até pagam na polícia, para sair. São despesas, trabalhos. E quanto custa a pompa das vestimentas que apresentam nesses torneios singulares? Uma cozinheira ganha 40\$000 por mês? Pois gasta 20\$000 no jogo-do-bicho e guarda os outros 20\$000 para o carnaval, certo, recordando que há vaidades que reclamam sacrifícios maiores... O necessário é que a fantasia que ela vai vestir escandalize, espante, pela originalidade ou pelo luxo. Há criadas de servir que se metem em roupas que custam verdadeiras fortunas, resplandecentes de colares, brincos e pulseiras. Há uma indumentária, na época, que elas particularmente preferem, a de Rainha das Chamas, custosíssima, complicadíssima, primor de alfaiataria e cortada, rigorosamente, sob a orientação dos últimos figurinos do Inferno...

E como elas sonham e vivem pensando nesses curtos adoráveis dias de carnaval!

De uma, cheia do mais vivo entusiasmo pelas folganças de Momo, sabe-se que disse a outra, querendo antegozar as delícias de um folgado ainda bem distante:

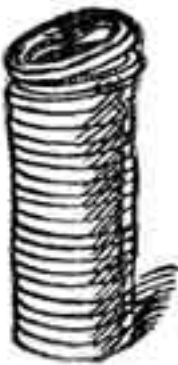
– *Carnavá tá aí.*

– *Tá aí cumo?* – replica-lhe a outra, que se explica: – *Se carnavá foi inda u mês passado?*

– *Pois é* – torna, como réplica, a carnavalesca satisfeita. E repisando:

– *Se só farta onze mês...*

A época não é muito de canções. Canta-se, é verdade, mas, não muito. O zé-pereira, bulhento, metediço, não admite cantares. Inconveniente, perturba-os. Há, porém, cordões que ensaiam líricas cantigas,



Serpentina
Autor desconhecido



Limão de borracha
Autor desconhecido

apuram vozes, buscam melodias. Na rua vão alegres, cantando, quando, de repente, surge um zabumbar estrondeador de pelicas, em rufo... Calam-se as vozes. Desaparecem as cantigas... O bom-gosto tinha que banir o antipático e intrometido batecum. Em 1903 ainda o toleramos. A canção, porém, que é nossa, e já formosa e original, ofendida e humilhada, pensa na *revanche*. Apura-se, desdobra-se, engalana-se... O zé-pereira

dura mais um pouco, porém, acaba. A canção termina por vencê-lo. Em 1905 dele já pouco se fala.

E o que se canta por esse tempo? Repisam-se, repetem-se canções que foram moda, anos atrás. Essa, por exemplo, dos tempos de Floriano:

Pé espalhado
Quem foi que te espalhou
Foi uma bala
Que o Javari mandou.

Do século anterior é o *Abre-Alas*, muito cantado ainda:

Ó abre alas
Que eu quero passar
Que eu sou da lira
Não posso negar.

Sucesso enorme ainda é o *Pega na chaleira*, que vem depois:

Iaiá me deixe
Subir nessa ladeira
Eu sou do grupo
Do pega na chaleira.

Mais antiga será talvez a canção do velho:



Serpentinas
Autor desconhecido



Bisnaga de metal
Autor desconhecido

Ó raio, ó sol,
Suspende a lua,
Bravos ao velho
Que está na rua...

Outra que muito no começo do século ainda se canta:

Eu vou bebê,
Eu vou me embriagá,
Eu vou fazê baruío
Pra puliça me pegá.
A puliça não qué
Que eu dance aqui,
Eu danço aqui,
Danço acolá.

O *Vem-cá-mulata*. Com versos de Bastos Tigre, é um sucesso louco, de 1902.

Vem cá mulata,
Não vou lá, não,
Sou democrata
De coração.

Depois, com as reformas que se fazem no Rio, 1903 ou 1904, aparece a canção do:

Rato, rato, rato
Por que motivo tu roeste o meu baú?

Canta-se ainda:

Lavadeira do rio
Cadê meu lenço?
Está em Lourenço,
Ó ganga!

E esta outra:

Há duas coisa
Que me faz chorá
É nó na tripa
E bataião navá...

Lindas e alegres canções que os carnavalescos cantam e que o povo aprecia, decora e repete...



Máscara de Dominó
Autor desconhecido



Máscara de Diabo
Autor desconhecido

.....

Capítulo 26

Carnaval de morro

CARNAVAL DE MORRO – ENSAIOS DE CORDÃO – O CORDÃO TIRA O DEDO DO PUDIM E O SR. GUIMARÃES, PRESIDENTE – A ESTRANHA FIGURA DO “GARANTIA” E O SEU CÓDIGO DE BOM-TOM – O MESTRE-SALA – CARNAVAL DE SANGUE – A TRAGÉDIA DO CORDÃO ESTRELA DE DOIS DIAMANTES

CÁ ESTÁ a esconsa ladeira do João Homem, que nos levará ao alto da Conceição. Subamo-la, tranqüilamente, porque, quase ao chegar à crista do morrete é que se instala, numa casa de porta de rótula, toda pintada de azul-marinho, a sede da *Sociedade Carnavalesca, Familiar, Dançante, Beneficente e Recreativa “Tira o Dedo do Pudim”*, ufanía e regalo dos moradores do lugar, de moçoilas e rapazelhos que vivem ajanelados em casebres que se dependuram como gaiolas de pássaros pela íngreme viela torta, feia, imunda, porém movimentadíssima.

Das quatro da tarde às nove da noite, nesse alcandorado recanto da cidade, a barulheira referve. Há um zabumbar furioso, infernal, sem armistício, para os nervos e para o ouvido do próximo.

De longe, saúda-nos, agora, a bulha, não do rude e atordoante zé-pereira, já repousado, mudo, porém a de mil bocas: gritos, berros, ou

estrídulas risadas, de envolta com o afinar de instrumentos de corda ou sopro, balbúrdia amável e festiva, confuso bruaá, denunciando desafio e alegria da massa ingênua que livremente se diverte. Subamos.

A vizinhança, a postos, parece satisfeita. A vizinhança é todo o morro. Embaixo, a cidade tranqüila. A noite abafa. Rescalda. Fevereiro. Passam alguns minutos das dez horas.

Suspendamos a marcha aqui; paremos, que diante de nós já se alteia a instalação modesta de jovem grupo. A *sédea*. Na fachada, escudo feito em folha-de-flandres, pintado com as cores sociais, mostrando uma mão que aponta com o dedo indicador para um disco enorme, vaga lembrança de uma lua-cheia. E mais um S e um C (Sociedade Carnavalesca) antecedendo as letras negras e garrafais do título: “*Tira o Dedo do Pudim*”.

Portas e janelas estão par a par, abertas, mostrando o interior de um salãozinho que mal comporta a chusma de associados, os seus amigos e *penetras*. *Penetra* é sempre o tipo que invade, sem convite, a sede desses grêmios, de tal sorte querendo deles gozar os proventos, sem ônus de despesa. Vezes custa-lhe à audácia um *ponha-se-lá-fora*, um *tranco*, uns empurrões, um pontapé vibrado pelo *garantia*, que é um ás do clube, tipo forte e trastejado, espécie de polícia do salão, fiscal da sociedade e regulador da moralidade na casa. O *penetra*, porém, que é um homem de pouca ou nula suscetibilidade a par de muita perseverança, em geral, não se dá nunca por achado e, quase sempre, insistindo, volta, sorridente e atrevido, sem temer nova reação do *garantia*, a ameaça de *tranco*, de empurrão ou de pontapé. E, quando não *se estrepa*, que como quem diz, não se desbarata, fica. E goza. De resto, para o *penetra* que se chama da *zona*, o do lugar, há indulgências costumeiras. Desde que não haja abuso. Claro. Para os outros, porém, é contar com rigor, sobretudo se o corpo estranho, o intruso, recalcitra ou, petulante, quer impor-se. Ai...

O salão do Tira o Dedo do Pudim é todo ele forrado de um papel azul *cor-de-manto-de-Nossa Senhora* onde, em desenhos grotescos, prateados e como que em relevo se vêem, em confusão, liras e rosas que se entrelaçam. Um dos grandes caprichos dessas agremiações mômicas é o papel da sala. Tem que ser espalhafatoso e caro. O do Tira o Dedo do Pudim custou uma fortuna e foi votado em *assembléia gerá*. A luz do belga, lampião a querosene, que está suspenso ao teto, quando resvala

pela parede, arranca, do seu prateado escandaloso, chispas alucinantes. Do *sereno*, que é a platéia que se forma na calçada da rua, e vive das migalhas da folia dos outros, comenta-se gostosamente:

– Beleza de papel!

Luz *cheirando* a querosene, luz intensa e que não se multiplica apenas em velas, mas em quenturas, transformando o rosto da assistência em verdadeiras cascatas de suor.

Por isso andam de mão em mão os leques e as ventarolas de papel. O tempo é de pouco conforto pelo estio; ventiladores, não existem, sorvete é regalo de rico; calor, definição de Brasil. Pela porta estreita do salão do grêmio, constantemente, entram sócios e convidados. Grandes apertos de mão, abracinhos de *três-pancadas*. Para as senhoras, espinhas curvas, em bodoque.

Estão vendo pelos cantos do salão uns enormes cartuchos de papel, muitos deles vestidos com malhas de *crochet*, aplicações de espelinhos, contas, grotescamente emoldurando fotografias minúsculas, em maioria aproveitadas de cartões-postais? Isso é moda em casa do pobre. Ânsia ingênua de decoração. Cruzando o teto, em diagonal, festões de papel ou pano, uma enfiada de papoulas ou rosas, ornamento e pouso tranqüilo do mosqueiro. Também em grande voga, esses festões, como certas bolas de papel de seda, coloridas e fofas, que se dependuram pelos braços dos aparelhos a gás.

É de praxe, num caixilho doirado e envolto em gaze *asa-de-mosca*, o retrato do presidente da sociedade, quase sempre entre uma ventarola de pregas e um porta-cartões feito em cartolina e seda, com iniciais, mas sem a menor sombra de cartão ou carta.

Lá está o presidente eleito do Tira o Dedo do Pudim retratado a *crayon*. Vê-se da rua. É um homem sobranceiro e austero, de cabelo à *brosse carré* e bigodeira enorme, armada em roscas de padaria. Carão bojudo, alvar, apagando-se num círculo de cinco ou seis papadas. É o grande homem da casa, é o Sr. Antônio Guimarães, honrado negociante desta praça, com loja de petisqueiras na Rua da Saúde – *Parreira d'Aquém e d'Além Mar* –, grande amigo de patuscadas, de batuques, de crioulas e carnaval. É um amor, o Antônio. Todos sabem disso, até o Sr. Conselheiro Camelo Lampreia, que é ministro de Portugal, e já lhe prometeu a comenda de Cristo. É um sólido prestígio que começa na poeira

da baixada, beirando o cais da Saúde e ascende ao morro da Conceição, pelo aladeirado da João Homem. Dois quarteirões! Dois! Já é... As leis da época garantem-lhe um lugar na política. Podia ser, se quisesse, Conselheiro Municipal. Talvez deputado. Mas, não quer. Contenta-se com a comenda, que espera. Modesto Antônio!

– *Homem de valô e inconsideração* – diz sempre, no grêmio, o João da Gosma, cabra pernóstico, grande tocador de violão que violentamente o admira e tem conta aberta na *Parreira d'Aquém e d'Além Mar...*

Tresanda a bodum a sala. Do bom. Do melhor. E não há perfume capaz de vencê-lo ou minorá-lo. O patchuli, a cananga-do-japão, a água-florida e até o aglaia – que são as grandes essências da moda – nesses ambientes de transudação e de calor, perdem as virtudes trescalantes, a individualidade, o vigor. Apagam-se. Não recendem. Só o petróleo agressivo e violento, nesse conflito de olores desamoráveis, saído do lampião, mantém-se um pouco. Equilibra-se... Há, entanto, quem, voluptuosamente, sadicamente, encontre fragrância nesse fétido, narinas tolerantes que nele se encantam e deliciam. O Sr. Antônio Guimarães, por exemplo.



*O maestro Turuna
Desenho de Hélios Seelinger*

Quando ele chega, depois de fechar a loja das comidas, dentro da sua rabona de sarja, a mostrar um célebre colete de fustão branco com ramagens azuis, que lhe contorna a pança magnífica, estrugem as ovações:

– Viva o nosso presidente! Vivôôôôôô!

O Antônio baba-se por essas coisas. É o seu fraco. Curva-se, agradecido, balouçando as guias do bigode, escancarando a bocarra sensual, as narinas sorvendo o ar, com volúpia, o olho libidinoso fincado nas negras que suam e que tresandam, metidas dentro de vestidos de seda grossa, com fitas cor-de-rosa no cabelo.

Viga-mestra do clube, o Antônio é um presidente como poucos. Um mão-aberta. Franco. Não faz questão de dinheiro:

– O que a rapaziada quiser!

E a rapaziada abusando...

A alma ingênua e bondosa do labrego, entanto, não leva a sério os abusos da rapaziada. Mas que seja! E o dinheiro a rolar, rolar...

– Viva o nosso presidente! Vivôôôôô!

É nessa altura que o *Chico Transação*, tesoureiro do grêmio, pardavasco pachola e *escovado*, com sete entradas na Casa de Correção e dois lanhos de navalha na altura de um queixo todo marcado de sinais de bexigas, começa a lhe dar piparotes de confiança no pandulho e a chamá-lo:

– *Bichão! Cuera! Cobra-sarado! Bicho bão!*

Diante de tanta afabilidade e cortesia o Antônio desarvora, perde as estribeiras, e, em sorrisos, desmancha-se todo. Cada negra fica com um pedaço do Antônio... É uma patuscada!

Quincas Marreta, que já foi o “*vilce-persidente*” em “*exelcício*”, é o *mestre-sala* e ao mesmo tempo o *garantia* do cordão. É um tipo escalavrado pelo tempo, sovado pela vida, com uma gaforinha em pala resvalando de um testão enorme e polido como uma bola de marfim. Mostra, quando ri, uma estranha e macabra dentadura, composta de um dente incisivo, muito amarelo, enorme, e um caco de molar. No dorso da mão direita, uma tatuagem representando o encouraçado *Aquidabã* e esta legenda, que vai da proa à popa – *Inté depois da morte!* Foi meganha (o mesmo que soldado de polícia), serviu como fuzileiro naval no tempo de Floriano. Usa navalha no cós, *pernambucana* (faca) na cava do colete e leva sua *vantagem* na hora do pé ou da marreta.

Mestre-sala avisado é quem conhece o protocolo, as etiquetas na sociedade e as aplica. É quem determina o que é de boa ou de má *indução*... Bíblia do bom-tom, calepino de cortesias que o grêmio vive constantemente a consultar:

– *Seu Quinca*, quando os *reporte vié*, que tem a gente de *fazê*?

E o homem do protocolo:

– A *gente forma tudo* em torno dos *reporte* e grita: Viva a *imprênsia!* As *dâmias* põe a mão na cintura e sai de passo mole ciscando e

pondo o rabo do *oio* no estandarte. Pronto! Aí, então, *seu Antonho* avança para os *moço e arrecebe* eles. E é só.

Garantia é o Cérbero do respeito a observar na hora em que se dança. Vigia encostamentos, apalpações e outras inconveniências *improibidas* pelo regulamento da casa.

– O *cavaero* queira *desencastoá* a perna dessa *dâmia*, quando não me obriga a *reagi*, que o *crube é famia*, não é *porquera*. E isso enquanto não viro *bicho* e lanço mão dos *alimento* que possuo para *garanti a orde e a imoralidade da casa*.

Obedecido, toma, logo, de uma rapariga, e, dançando, desliza, porque *Quincas* ainda é um belo *pé-de-valsas*, sendo, que, na hora da *schotisch*, ninguém como ele sabe fazer uma reverência com elegância e com galanteria, o dente amarelo em riste, a calbelanCHA pela testa enorme revolta e dependurada.

Porteiro-mor, é ele quem decide da entrada dos penetras, comparecendo à porta com o seu sorriso amável e o seu bíceps tranqüilo. Ele é quem diz, maneiroso, ao intruso que não passa da soleira da porta, esfregando as mãos, num gesto da mais profunda condescendência:

– Aqui só entra sócio *efektivo* e *kíkitis cum ricibo* do mês *transsakto*...

Uma vez o *Tira-o-Dedo-do-Pudim* recebe um penetra de qualidade, Carlos Bittencourt, pela época vagamente repórter do *O País*, e quase autor dramático. Carlos, para poder penetrar na sede do cordão, alega a profissão de jornalista.

– *Vossoria mostre antão os seus dicumentos* – diz o *garantia*, pondo um olho de suspeição e de implicância na indumentária apurada do ainda muito jovem Bittencourt.

Ora, sem uma prova capaz de apresentá-lo, que não seja o seu interessante espírito, Carlos tem uma idéia feliz, toma da palavra e desfecha sobre a cabeça do *Quincas Marreta*, numa eloquência condoreira,



Estandarte do Cordão
Desenho de Armando Pacheco

um discurso formidando. É uma saudação ao rancho, aos carnavalescos presentes, girândola oratória, fogo-de-vistas...

– Bravo! É *reporte!* O home é bem-falante... – dizem logo, todos. – *Reporte!*

O documento está apresentado. Antes, porém, de pôr o pé no salão, a transbordar de gente, assim lhe fala o *garantia*:

– *Seu reporte me discurpe mas porém nós precisamos sê gente de rigô par causa dos abuso. Seu reporte qué sabê? Trás antonte aqui veiu um moço que também se dizia sê da imprênsia. Vinha com duas dâmias de carção de circo. Oiei as muié e obtemperei: – Vossoria pode ingressá, as dâmias, porém, não pode por via do itinerário que elas trás que não está de acordo com um salão de famia. Pega ele responde: – Se eu entro elas têm que entrá também, porque elas viero cumigo e num vortam. Fez jeito de ciscá e eu ainda reobtemperei: – Vossoria não insista que se estrepa. Ele insistiu. Foi quando o Gaudêncio, nosso claurinete, afogueado, meteu a cara no grúpo e grampiô o home. Fechou o tempo. Ora a ladeira é ingres, Gaudêncio vê pouco, é milpes, estropeça na carçada e os dois rola João Homem abaixo. Resurtado: apanha o nosso claurineta um tapa-oio que vira dispois numa dispécia fraudulenta na básia no crânis que ele ainda intê hoje tá de cama.*

E continuando:

– *Que isso aqui, seu reporte, é famia. Já se casaro nesta casa oito virge. E ainda hom de se casá mais.*

E apontando para *Antônio Cheira-cheira*, secretário do cordão, um preto que mostra um par de beijos que são dois grossos bifés sangrentos:

– *A ermã deste se casou-se aqui. Nós casemo ela. Dispois é que ela andou por aí, dando umas cabeçadas com um guarda-freio da Centrá, ponto de cair na Rua de São Jorge. Nós, porém, é que não tem nada com isso... É lá fora. Aqui dentro, é respeito. Agora digo eu a Vossoria: Vossoria entra, mas as dâmias que eston no lado de fora, de sereno e que veio com Vossoria é que não pode entrá, e eu explico a rezão para Vossoria não ficá zangado...*

As damas, porém, acabam entrando porque nada mais são que três boêmios, os caricaturistas Raul Pederneiras, Calixto Cordeiro e Luís Peixoto, vestidos de baianas.

O linguajar, nesse ambiente, onde se junta a ralé do morro, a gentalha que sobe da Saúde ou vem das bandas do Saco do Alferes e morro do Pinto, é particularmente interessante. Um novo idioma que se

ensaia e que se vai formando à revelia do Senhor Hemetério dos Santos e outros filólogos de peso. Até o Antônio Guimarães, presidente, quando declara às negras o seu amor aceso, é nesse calão que se explica, destrocando os bb pelos vv, dizendo mel em vez de *mele*, pele em vez de *pel*, surripiando as consoantes finais, desarrumando os pronomes, adocicando a fala, de olho lúbrico, e bambo, a remexer as roscas do bigode...

Outro figurão notável nesse meio, conheçamos, é o maestro Turuna. Asclepiades Turuna, negralhão alto, gordo, cabeça raspada a navalha e revelando um microcefalismo deveras impressionante. Mãos enormes. Pés enormes. Beizola enorme. É um gorila. Traja roupa de brim riscado em xadrez, *cor-de-gaiola* e mostra, como singularidade, uma unha, muito comprida e muito bem tratada, longa, de uns três centímetros, nascendo de um dedo curto e grosso como um calabrote. Um dia, na regência da charanga, como lhe escapasse das mãos a batuta da regência, dizem que Turuna regeu a música com a unha. É um tipo silencioso, tranqüilo. Não sorri. Quase sem gestos, morre de amores pela Casimira, preta fula que já lhe inspirou uma valsa em si bemol – *Luar do meu amor* – e uma *schotisch* em dó sustenido, para ocarina e piano – *Foi ela quem me matou*.

Quando ele surge na sala, de batuta toda enfeitada com florzinhas de papel, a assistência delira.

Vejamo-lo, agora, dando início ao ensaio das cantigas, muito teso, muito lustroso de suor, a vara da regência erguida no ar, o olho sentimental na negra Casimira:

– *Vamo! Escola. Todos pruma só boca! As dâmiãs ao centro e os cavaeiros marchando em derredor do quadrilátera.. Vamo!*

E o coro:

As barboleta vom pelo á...

A solfa é dengosa e leve. As mulatinhas cantam-na pondo as mãos nas cadeiras, a fartura dos seios empinados, os pescoços em riste, num retesamento exagerado de cordas vocais:



O Sr. Guimarães, presidente do Cordão
Desenho de Pacheco

As barboleta vom pelo á,
Son cor-de-rosa com listra azu,
Queimô no fogo as asa frebi
Dispois nom pode mais avuá!

Duas vozes, em meio a tantas, se destacam: uma, a da crioula Casimira, forte voz de *assoprano*, como eles do cordão explicam, voz de alguém que canta dentro de um baú; outra, a do moleque Zu, sorveteiro, voz ensaiada no comércio ingrato dos picolés do tempo, violenta, dura, desafinada e estridentíssima: voz de *antenor*...

A toada ábsona, que se berra forte, espalha-se na doçura da noite silenciosa, rola pelas quebradas do morro, passa pelo casario das ladeiras onde mil ouvidos recebem-na, ansiosos e contentes, para ir morrer longe, para as bandas do cais empedrado da Saúde, onde se espicham empregados de trapiche, marinheiros, catraieiros, gentalha do lugar, jogando a vermelhinha entre marafonas de cachimbos na boca, frangalhos humanos, destacados à luz triste e amarelada de alguns bicos de gás. Lá é que vão se apagar os últimos compassos da toada magnífica:

Queimô no fogo as asa frebi
Dispois nom pode mais avuá...

A rivalidade existente entre esses grupos glorificadores de Momo é coisa velha e conhecida. Emulação ativa, concorrência, por vezes, provocadora e perigosa. O que caracteriza as camadas inferiores da nossa sociedade ainda é aquele espírito bárbaro e irrequieto, vindo de velhos tempos de domínio estrangeiro, quando se tomava como matéria-prima para colonização, entre elementos raciais opostos, a massa triste dos degredados, que a justiça portuguesa para cá viveu sempre a enviar.

Naturalmente que a interrupção dessa prática e o fator tempo haviam de minorar os ímpetos do caráter indígena, que a fatalidade histórica, de modo tão pouco amável, comprometeu e assolou. Não obstante, nas camadas populares, onde a instrução penetra a custo, o homem mantém-se, ainda, imoderado e bruto, sanguinário e brigão.

Em 1888, um ano antes da proclamação da República, cafa-justes armados até aos dentes ainda saem à frente das nossas bandas militares, atravessam as ruas principais, das mais policiadas da cidade, em pleno exercício da capoeiragem. São divididos em dois grupos: o dos *gaiamus* e o dos *nagôs*, os quais por mero sentimento esportivo, em

desafogo selvagem, batem-se a cacete e a navalha, atacando, estúpida e desapiadadamente, até pacíficos transeuntes, sem que os poderes públicos possam tomar, pelo que ocorre, medidas moralizadoras e eficazes. De um desses malandros sabe-se que, irritado com a lauta pança de um inofensivo e risonho taberneiro, em pleno centro da cidade, nela plantou uma afiadíssima faca, não sem dizer, com a mais fria das naturalidades, ao que, instantes depois, tombava para sempre:

– Guarda este ferro, aí, ó gordo!

Em 1901-2-3, já não existem mais capoeiras à frente de bandas militares; a coragem do primeiro chefe de polícia republicano nos livrou da indesejável malta, que foi para Fernando de Noronha. Eram, pelo menos, os que formavam o corpo dos profissionais no manejo do pé e da navalha... Cá ficaram, no entanto, os amadores que, se não frequentavam as famosas escolas ao ar livre, onde se ia cultivar o tenebroso jiu-jitsu americano, ainda se adestram na arte de bem-aplicar no próximo uma boa *rasteira*, uma *cocada* ou um *rabo-de-arraia*... Pelos dias de loucura carnavalesca, a alegria e a cachaça acendem os ânimos desses tradicionalistas. E o homem colonial é o que encontramos na rua vestido de *diabo*, tendo uma navalha dissimulada na extremidade de uma cauda enorme ou então guardando, sob as dobras macias de um misterioso dominó, um furador de saco de café ou um facão de cozinha. E enquanto não provoca, não luta, não tinge as calçadas de sangue, esse homenzinho não se dá por feliz ou satisfeito.

Por ocasião do carnaval de 1902, as gazetas da terra registram um caso que ilustra o que dizemos.

No domingo, primeiro dia das folganças de Momo, o cordão carnavalesco Filhos da Estrela de Dois Diamantes parte do centro da cidade enchendo um bonde que caminha para Botafogo, batendo pandeiros, raspando reco-recos, dançando, cantando, cheio da mais viva satisfação e de descuido. Quando o veículo da companhia Jardim Botânico vai dobrar a curva da Rua Marquês de Abrantes para entrar na Praia de Botafogo, é agredido, de surpresa, por vários sócios dos Filhos da Primavera, grupo congênere e rival, que aí se plantaram de tocaia. É uma refrega estúpida e sangrenta. Os homens batem-se como feras. A faca. A tiro. Rolam aos bolos. Sangram-se. Até mulheres entram no conflito, que assume as proporções de uma feroz batalha. Quando serenam os

ânimos, a rua é um caudal de sangue. Há mortos, e o número de feridos e contusos é enorme.

Na luta, os atacantes, os do cordão Filhos da Primavera, levam enormes vantagens. Quando chega a polícia, chega tarde; já os da Estrela de Dois Diamantes sucumbem ao peso de uma maioria preparada. E, apenas lavados em sangue, vociferam.

Vale a pena, no entanto, registrar o que sucede, no dia imediato, pelo enterro das vítimas: Angelino Gonçalves, o *Boi*, e Jorge dos Santos, sem alcunha carnavalesca.

O caso é, realmente, digno de registro.

Saem os corpos do necrotério, que então se instala no edifício da Faculdade de Medicina, isto à Praia do St^a Luzia, junto à Santa Casa.

Os da Estrela de Dois Diamantes deixam a *morgue* organizando o préstito mortuário, com o seu estandarte envolto em crepe, as caixas de rufo teatralmente em funeral, embora os sócios dentro das fantasias as mais escandalosas e berrantes. Os caixões, negros e pobres, vão à frente. A seguir, uma carreta, flores, palmas, coroas e grinaldas. É uma homenagem simples, porém tocante. Desce o préstito, que é numeroso, caminho do Catete. Pelos lugares por onde passa, o povo, reverente, se descobre. As senhoras persignam-se. Rezam. Se a tragédia afligiu toda a cidade! Às janelas das casas chega toda uma multidão de curiosos para gozar o quadro singularmente sombrio e melancólico. Vai o bando lúgubre e silencioso roçando as calçadas do Largo da Glória, quando, súbito, lhe surge pela frente, carregando pendões carnavalescos, caixas de rufos, bombos e tambores, um povaréu enorme, que ondula. São várias agrêmiações congêneres que, em peso, querem, também, homenagear os heróicos batalhadores de Momo, no campo da Honra e do Dever colhidos pela Morte...

Os jornais da época dão o nome dessas associações. São elas: Filhos do Poder do Ouro, Destemidos do Catete, Maças de Ouro, Rainha das Chamas e Triunfo da Glória. É um espetáculo magnífico. Verdadeira mobilização de mascarados. Centenas e centenas de homens vestindo as mais berrantes e excêntricas indumentárias de carnaval, com a cara pintada, com sacos de *confetti* a tiracolo, paco-

tes de serpentinas debaixo do braço, estandartes policrômicos desenrolados no ar, manchas violentas e alegres de cor num cenário de luto e de tristeza. Formados em continência, deixam passar os esquifes onde repousam os mortos. Depois, incorporam-se à massa espessa dos acompanhadores.

Pela Rua do Catete segue o formigueiro humano, caminho de Botafogo, em passo ritmado. De quando em quando novas adesões aumentam a cauda viva, que se encaminha para o cemitério. Mais povo. Mais carnavalescos. Chega a impressionar a majestade do séquito pomposo com que nunca sonharam ter, um dia, Angelino Gonçalves, vulgo *Boi*, e Jorge Santos, sem alcunha carnavalesca. E vão a marchar, todos, assim, caminho de Botafogo, quando um dos ranchos tem a idéia de fazer soar, sobre a pelica de seus tambores, rufos melancólicos, em ritmada e fúnebre surdina: pram... pram... pram...

A idéia é amável. Agrada. Outros ranchos imitam-na. Rufam também: pram... pram... pram... o ruído dos passos, nas calçadas, é vencido pelo planger das pelicas que as vaquetas barulham. Ganha um pouco de vida a comitiva enorme. À frente, sempre, os dois negros ataúdes que dominós, diabos, *clowns* e *pierrots* carregam.

Vão todos em marcha lenta, mais ou menos disposta e aprazida, quando rompe uma voz misteriosa, num cristalino canto que se eleva, em adágio magnífico... E, logo acompanhando-a, o cavo e surdo rumor de instrumentos de sopro...



Raul
Desenho de Calixto

A toada impressiona. Comove. É profunda. É serena. A princípio desenha angústia. É pranto e é sofrimento. Depois, desenrolada, ganha um ímpeto mais vivo, mais decisivo. Aquece. Arredonda-se. Alteia-se. Destaca-se. Domina. Ouvem-na, todos, curiosos. Depois, subindo sempre, rebenta, num crescendo suavíssimo, num coro harmonioso, num coro a *boca chiusa*, que vai, também, por sua vez, avolumando-se, crescendo... Aqui, ali, acolá, já clangoram instrumentos. Esse clangor aumenta. É quando entra, animando-o, a bulha singular dos reco-recos. E

dos pandeiros e chocalhos. Dentro de pouco tempo o cantar ensurdece, de tão forte. Toma corpo. Ascende. Transforma o ritmo da solfa, que resvala para um motivo sincopado. Já alegre. E profano. E mômico. E canalha. É o samba! As mulatinhas começam a rebolar as sobras dos quadris, saracoteiam negras crioulas de grandes saias rodadas, fazendo tremer a gelatina dos seios flácidos e disformes; pardavascos agitados, raspam, com fúria, fundos de pratos e reco-recos. Agitam-se pandeiros. Os estandartes rodopiam no ar... Grita-se a mascarados, princesas e velhos, que batem a chula marchando na calçada:



*Rua do Passeio, vindo-se a parte por onde se atravessa, hoje, a Avenida Mem de Sá
Desenho de Armando Pacheco*

– *Corta-Jaca! Castigo do corpo! Trama! Remelexo!* – Vozeria. Clamor. Desencadeia-se a folia. Delírio. A loucura é geral. Quando chegam ao cemitério, os funcionários da Santa Casa entreolham-se espantados. Entram os dois caixões aos boléus, os mascarados que os carregam aos empurrões, aos evoés! À frente deles, já passou um bando de índios emplumados, de arco, flecha e tacape, cantando, silvando, vivendo em fogo a pantomima dos seus bailados singulares.

Quando a cova úmida e fria recebe os corpos que se enterram e cruzam no ar *confetti* e serpentinas, o cemitério está coalhado de máscaras, de fantasiados álares, que se agitam, massa colorida que se esparrama, fala, ri, barulha, gargalha, entre cruces de pedra, ciprestes, anjos de mármore que abençoam, lousas, urnas funerárias e salgueiros... E há quem cante. E quem dance...

Sabbat magnífico! Momo domina seus muito amados filhos, soberbo e colossal, do seu trono invisível. É quando se vê um folião representando a figura da Morte, na sua negra e sinistra indumentária, tendo na mão esquerda um crucifixo de prata e na outra uma tibia, talvez autêntica, talvez achada no lugar, subir para um mausoléu de granito, gritando forte aos carnavalescos que o saúdam, como se fosse ele a própria alma carioca que ali estivesse a gritar, cheia de sinceridade e de vigor:

– Viva o carnaval!



Guiso
Autor desconhecido

.....

Capítulo 27

Os esportes

OS ESPORTES – A MOCIDADE DE 1880 COMPARADA COM A DE 1901 – REGATAS E NATAÇÃO, CAMPEÕES DO TEMPO – AMÁVEIS LEMBRANÇAS DA PRAIA DO BOQUEIRÃO DO PASSEIO – CORRIDAS DE CAVALOS – PRADOS E OS *TURFMEN* DESSA ÉPOCA – COMO NASCEU, AQUI, O FUTEBOL – OUTROS ESPORTES

ATÉ o fim do século que passou nós vivíamos, a bem dizer, indiferentes aos prazeres e às alegrias salutareis do esporte. A geração que vai proclamar a República, exceção feita dos homens que seguiam a carreira das armas, era uma geração de fracos e enfezados, de lânguidos e de raquíticos, sempre enrolada em grossos *cache-nez* de lã, a galocha no pé e um guarda-chuva de cabo de volta debaixo do braço, mal aparecia no céu uma nuvem cinzenta. *Mens sana in corpore sano* não passava de uma frase inexpressiva e vaga do velho Juvenal. Não se cuidava de cultura física. O que se fazia, então, era evitar esforços tidos como nocivos à saúde.

Assim não foram, entretanto, os índios, nossos avós.

Quando o francês Nicolau de Villegaignon, muitos anos antes da fundação da cidade portuguesa do Rio de Janeiro, no mesmo sítio, aqui fundou o esquecido povoado de Henriville, que seria a capital da França

Antártica, pôde encontrar os tamoios praticando a natação, destros e desenvoltos remadores que, sobre agilíssimas pirogas, viviam cruzando as águas da formosa Guanabara. Eram homens plásticos e fortes, que, além de nadar e remar, viviam saltando, correndo, ou em atividade guerreira, subindo encostas, atingindo cumes, penedos, varando, em rasgos magníficos e arrojados, a espessura confusa das florestas. Gente de músculos encordoados, rija, dizem até os historiadores – de estatura fora do comum, espécie de Golias americanos. E de tal forma desenvolta e possante que a famosa batalha das canoas, ferida em nossa baía, certamente, a perderia o luso conquistador se nela não interviesse, e de modo direto, São Sebastião, o mártir, velho e particular amigo dos portugueses, que foi quem, em pessoa, acabou dirigindo-a e vencendo-a. Por sinal que esse destemido santo e louvado guerreiro, descido do Céu, por descuido, nas dobras de uma nuvem cor-de-rosa – segundo rezam velhas crônicas –, nessa prova de afeto ao luso e desamor ao silvícola, assim mesmo, se quis cantar vitória, teve que andar saltando de casco em casco, numa acrobacia até certo ponto pouco de acordo com a dignidade de um grande habitante do Céu. Mas, de seu divino esforço, sempre resultou o triunfo com que se coroaram as armas portuguesas. Diga-se isso, no entanto, sem o menor intuito de diminuir o soldado europeu, bem como aquela excelente pólvora que o acompanhava sempre, aqueles magníficos canhões e arcabuzes notáveis, arsenal bélico capaz de centuplicar a eficiência de um guerreiro civilizado, principalmente quando em luta com adversários que combatiam a tacape, pedra e flechame de pau. Mesmo assim houve um momento em que os índios se iam abeirando da vitória. Foi quando o Santo fez explodir, e



José Floriano Peixoto
Desenho de Marques Júnior

isso é também das crônicas, uma embarcação, com pólvora e outras coisas de guerra, surto memorável que decidiu, imediatamente, da pugna, provocando um estrondo formidável, e, logo, a seguir, labaredas enormes... O índio, que sempre temeu o sobrenatural, aí, cessou de combater. Era a vitória do Céu, glória do Santo Mártir, palma de portugueses e de seus aliados, a espessa caboclada vinda das bandas de São Vicente!

O exemplo desse glorioso passado pouco serve, porém, aos cariocas, que, pelo fim da passada centúria, aqui vivem como patéticos Romeus, de meia-cabeleira, pasta e bigode de anzol, a arrastar pelas pedras das calçadas enormes bengalões de biqueira de ferro, o olho e o nariz no ar, farejando Julietas, românticas donzelas, românticas e pálidas, com as cabeças cheias de papelotes, liricamente dependuradas pelas janelas de sobrado, mordendo lencinhos de renda, cheirando a patchuli ou a água-florida, revirando os olhos, “olhos talhados à feição de amêndoas”... aos suspiros e aos ais! Esses valentes soldados de Cupido são criaturas que se levantam às nove da manhã, levam horas para frisar o bigode, assobiando (a época é muito de assobio) árias do *Rigoletto* ou do *Trovador*, quando não ficam nas suas camas de cortinado de filó, em fraldas, dentro de uma longa camisa que lhes baixa até os pés, toda bordada a retrós encarnado, na gola e nos punhos, os olhos, ainda ramelentos, sobre os folhetins do Sr. Artur Azevedo ou sobre romances franceses, repetindo o café com leite... Não se pratica a ginástica do corpo. A do sentimento basta. E, nesse particular, ninguém supera o jovem desse tempo.

A mocidade de 1901, por isso, com pequena variante, é toda assim. Tal a de 1880, vive ainda da lírica do poeta Casimiro de Abreu, acha lindo o sofrer-do-peito, bebe absinto e, de melenas caídas nas orelhas, ainda insiste em recitar ao piano. Toda uma plêiade de moços de olheiras profundas, magrinhos, escurinhos, pequenininhos, marchando dentro de enormes sobrecasacas e coroados de altíssimas cartolas.

Tipos como o do atleta José Floriano Peixoto são olhados, por todos, com espanto.

Certa vez, em Paris, à grande Severine (conta-se) são apresentados três patricios nossos, todos dessa mofina geração. Bom será, entretanto, não lhes citar os nomes... Tocada pelo descalabro físico dos três apresentados, a grande escritora, tomando o apresentador pelo braço, a ele pergunta, entre curiosa e impressionadíssima: – *Tout ça ce sont des brésiliens?*; e como lhe respondam afirmativamente, ela, sem se conter, quiçá um tanto consternada, desolada, comenta:

– *Mais, quels gens mal fichus...*

* * *

O *Jornal do Comércio* de 20 de agosto de 1846, como achega preciosa para a história do esporte náutico carioca, descreve-nos uma

regata interessante, aqui realizada entre duas canoas – *Lambe-água* e *Cabocla*.

Servia de raia o caminho que, nascendo no recôncavo da Jurujuba, cortava a Guanabara vindo acabar na Praia dos Cavalos, que era em Santa Luzia.

Parece que o gosto pela canoagem, entre nós, renascendo, teve nessa data marco memorável. Desafios idênticos reproduzem-se depois. Iniciativas, entanto, meramente pessoais, uma vez que associações náuticas, que se dispusessem a explorar o esporte, cuidando de regatas, só muito mais tarde é que apareceriam. Em 1851 a Guanabara coalha-se de canoas, pertencendo a um grupo chamado dos “Mareantes”, grupo, não sociedade organizada, e uma primeira regata, no dia 3 de dezembro do mesmo ano, realiza-se com um estrondoso sucesso. Toma o esporte certo incremento. Depois vêm outras regatas, em diferentes épocas. Mariz e Barros, o grande herói patricio, pelo ano 1862, no escalier *Caranguejo*, segundo nos informa Alberto de Mendonça, ganha, numa delas, um páreo que é considerado dos mais brilhantes do tempo. Muito falada é, ainda, uma corrida náutica que aqui se faz em 14 de julho de 1863. Durante a guerra de 65 a 70, e, mesmo alguns anos depois, não se pensa em tal esporte. No ano de 1873, porém, funda-se o Clube Guanabareense, que realiza em 27 de agosto de 1876 a sua primeira corrida. O Clube de Regatas Cajuense é fundado em 1885. Em 1887 surge o Clube de Regatas Internacional. Em 1892 a Union des Canotiers incorpora-se às sociedades náuticas que surgem. No mesmo ano funda-se o Clube de Regatas Fluminense. Fazem-se festas náuticas com maior assiduidade. Em Botafogo. Em Paquetá. Os marinheiros da nossa armada animam particularmente esses desportos, que começam a interessar o povo. Surgem, depois disso, o Grupo de Botafogo, que mais tarde, recebe a denominação de Clube (1894) e, a seguir: Gragoatá (1895), Icaraí (1895), Flamengo (1895), Natação e Regatas (1896), Boqueirão do Passeio (1897), Vasco (1898), Guanabara (1899), Grupo Náutico (1900) e Internacional de Regatas (1900).

Esse número de sociedades serve para demonstrar como se intensifica, então, o gosto pelos esportes marítimos. Os clubes Natação, Boqueirão, Vasco e Internacional têm suas sedes junto ao Passeio Público, no quarteirão que vai da Rua do Passeio até Santa Luzia, por uma tra-

vessa que se chama do Maia (lugar onde hoje assenta o Monroe e é o fim da Avenida Rio Branco). Às cinco horas da manhã esse trecho, que a picareta de Passos acaba por destruir, mais tarde, para dar, entanto, diga-se de passagem, às organizações esportivas melhor conforto e aos banhistas lugares mais dignos onde se banharem, ganha um aspecto curioso.



*Palanque – arquibancada do Fluminense, no começo do século
Desenho de Armando Pacheco*

Entre os velhos casarões, servindo de instalação aos grêmios esportivos, existem, junto a uma praia cheia de pedras, casas de banho, onde, não raro, se vê um boletim escrito assim: “*É expressamente proibido fazer furos nestas cabines a verruma ou pua, os encontrados nesta prática devendo ser entregues à ação da Polícia*”... Literatura inócua e vã, porque muitos desses casinhos continuam a lembrar verdadeiras peneiras, de tantos furos. As senhoras são obrigadas a forrar as paredes de tábuas com lençóis, se querem fugir ao olho atrevido do vizinho inconveniente e ousado. O que vale é que uma dama de respeito, por essa época, toma o seu banho, sempre, de madrugada, não raro entrando numa água onde ainda se reflete a luz prateada das estrelas. E como indumentária de banho traz umas calças muito largas de baeta tão áspera que, mesmo molhada, não lhe pode cingir o corpo. Do mesmo tecido, um blusão com gola larguíssima, à marinheira, obrigada a laço, um laço amplo, que serve de enfeite e, ao mesmo tempo, de tapume a uma possível manifestação de qualquer linha capaz de sugerir o feitio vago de um seio... As calças vão até tocar o tornozelo quando não caem num babado largo, cobrindo o peito do pé. Toda a roupa é sempre azul-marinho e encadardada de branco.

Sapatos de lona e corda, amarrados no pé e na perna, à romana. Na cabeça, vastas toucas de oleado, com franzidos à Maria Antonieta, ou exagerados chapelões de aba larga, tornando disformes as cabeças, por uma época em que os cabelos são uma longa, escura e pesada massa.

Há umas cinco casas de banho, no local e nas proximidades: a do Pinto, a do Salvador, a do Provenzano, a da família Saliture e a do Francês.



Paquetá
Desenho de Armando Pacheco

Mantêm, ainda, esses estabelecimentos, a tradição da corda que, amarrada a um poste de pau, em terra, vai por dentro d'água até amarrar-se a uma espécie de bóia, distante uns 30 ou 40 metros do arre-bentar das ondas, corda que serve de arrimo e garantia aos velhos, às senhoras e às crianças. Contam, ainda, com valentes nadadores, funcionários solícitos desses estabelecimentos balneários, entre eles o Frederico Crioulo, Pedro Iório, José Provenzano, Ethere Astuto, Amêndola e Vicente Saliture, risonhos e amáveis tritões, cobertos de músculos, tostados pelo sol, sempre atentos à clientela, e aos quais as velhotas perguntam, sempre, muito espantadas, depois de se persignarem, entregando a alma a Nossa Senhora dos Navegantes: – Não haverá por aí algum caranguejo, senhor banhista?

Uma vez, certo boêmio provoca, nessa praia, entre tais senhoras, um escândalo que termina em um generalizado ataque de nervos. Compra ele no Mercado uns vinte ou trinta caranguejos e siris, vivos,

mete-os num saco que esvazia sobre a areia, não sem informar às velhotas que da água se aproximam:

– Quase me matam, hoje os caranguejos! Há-os às centenas! Vêm de Villegaignon, fugindo a uma próxima ressaca... Olhem...

E, num gesto largo, mostra os crustáceos tontos à luz fraca do dia que vai aparecer, sobre a areia da praia, em ronda singular... Há uma debandada louca, as histéricas aproveitando o ensejo, logo, para cair em delíquios nervosos...

O banho de mar, pela época, ainda não é recreio, mas, receita de médico. O Boqueirão é um pequeno hospital. No começo do século a terapêutica usa e abusa dos banhos de mar. Às sete da manhã a praia-zinha vai-se fazendo vazia de famílias, pois senhora de qualidade não aparece nunca para banhar-se depois dessa hora, que é a hora das *cocottes* e da rapaziada bulhenta que nada, que rema, grita, prega partidas e quer divertir-se. As embarcações dos clubes náuticos estão sempre a chegar e a sair. Os moços já começam a mostrar corpos rijos e bem desenhados de músculos, muito orgulhosos de suas linhas, exibindo-se em calções, mas dos longos, dos que vão abaixo da linha do joelho...

Para essa geração, mais tarde engrossada, graças ao desvelo entusiástico de Pereira Passos, foi que o poeta Olavo Bilac, recordando as praias de Falero, Xerxes, seu trono de ouro, a gente moça de Atenas, gente de Temístocles, mostrou como marinheiros imberbes salvaram, um dia, a alma da velha Grécia, dizendo:

– Rapazes! Foram músculos como os vossos que ganharam, outrora, a batalha de Salamina!

As regatas fazem-se sempre no quadro maravilhoso de Botafogo. Passos cria, em 1903 ou 4, dominando a raia marítima da enseada gentil, um elegantíssimo pavilhão, nele reunindo a melhor gente da cidade, no intuito louvável de aristocratizar o esporte. Passos pensa em tudo. A enseada inteira se engalana para os dias do certame marítimo. O povo trepa pelo cais. Cruzam carruagens. No lado do mar há barcas da Cantareira, pejudas de povo, com charangas, com danças e namoro. Além das barcas, rebocadores e lanchas pejudas de famílias. Até as seis horas da tarde é um delírio no mar, na praia, onde, não raro, rebenta o “charivari” da pragmática... Respira-se, em todo o caso, um ambiente de alegria, de mocidade, e festa, que agrada e que faz bem.

Em 1898 o Clube Gragoatá vence a maior prova náutica com a baleeira *Alfá*. O campeão de 1899 é o Botafogo com a canoa *Diva*. Em 1900 vence o Gragoatá com a *Vésper*. Em 1901 o campeonato é ganho pelo Boqueirão do Passeio. Em 1902 a vitória cabe ao Natação e Regatas com a iole *Boqueirão*. O campeonato do remador só é criado em 1902. Em 1903 faz-se campeão Artur Amêndola. Em 1904 é a vez de Abraão Saliture. São grandes remadores no tempo, além dos citados: Heitor Pereira da Cunha, Celso Mafra, Jorge e Arlindo Goulart, Paulo de Azevedo, Armando Leite Bastos, Francisco de Paula Costa, João Guimarães, Ernani Pivaletti, José D. Martins, Álvaro Bastos, Hans Binder, Albano Pereira, Alfredo Maldonado, Joaquim Barbosa, João Teixeira, Salgado Gusmão, Francisco Laje, Jorge Mirândola, D'Enrico e João Iório.

Entre esses existem, ainda, outros nadadores, como Voight, Mota Melão, Amêndola, Belmiro Pinto, Carlos de Sousa Costa, Sgrinelli, Gamaro, Claudionor Provenzano, João Iório e os Saliture. Bom será não esquecer, ainda, o poeta Jarbas Loretti, que, sempre que quer, nadando, atravessa a Guanabara de lado a lado.



Paquetá
Desenho de Armando Pacheco

Mais que as regatas, as corridas de cavalos interessam e entusiasmam particularmente o carioca. Há um tempo em que a cidade, sem possuir, ainda, um milhão de habitantes, dá-se, no entanto, ao luxo de exibir nada menos de quatro prados: o do Jockey, o do Derby, o do Hipódromo Nacional e o do Turfe Clube. E todos eles cheios. E todos eles realizando corridas sensacionais.

Que se há de fazer, se na desamparada cidade não existem bons divertimentos, lugares de certa distinção, onde se possa encontrar um pouco de elegância e de alegria? A alegria dos homens tristes do tempo, a elegância das sobrecasacas do Raunier, das cartolas da chapelaria Watson, dos vestidos de Madame Estoueight, que a esses lugares sempre se foi menos para assistir a cavalos desabridos, sob ação furiosa de chicotes, correndo em prélios tumultuosos, que para gozar a polidez ou a louçania de um ambiente cheio de animação e espiritualidade.

As senhoras chegam em *landaux*, em *phaetons*, em berlindas, veículos de luxo, lustrosos como cromos e são conduzidas para o recinto das arquibancadas pelo braço de cavalheiros apumados. As corridas começam ao meio-dia. Chique, entanto, é chegar-se um bocadinho mais tarde. Até as cinco horas ainda chega gente. As arquibancadas dos sócios, que é onde se introduz a nata dos freqüentadores, palpita de vida e de rumor, num bruaá amável de massa alegre, que timbra em mostrar ademanos polidos, modos aristocráticos, distinção, elegância... Os homens estão postos como se fossem assistir às corridas de Epon ou às de Longchamps, o binóculo a tiracolo, os mais afoitos de sobrecasaca cinzenta, o chapéu-alto da mesma cor, ampla gravata a *plastron*, flor à botoeira. As senhoras, dentro de saias de arrastar, amplas, de meia-cauda, suspensas graciosamente pela mão, ostentando vastos e ricos chapelões de palha, pesados de flores, de plumas, de frutos ou de laços de fita. Tempo dos *boleros*, dos blusões fechados no pescoço, das mangas-presunto, cerrando nos punhos, sempre carregados de braceletes espetaculosos. Quando a saia revela o pé, o que se vê é um borzeguim de atacar, de biqueira bem fina, o salto à Luís XV, muito alto, de polimento ou lustrado à Nubian.

Esse risonho cenário é um consolo. Faz esquecer a cidade longe e melancólica, suja e comercial, dédalo de becos tortos e mal varridos, onde a febre amarela vive instalada e feliz. Não é ainda o amável prado, certo, um trecho do *Bois de Boulogne*, pelo dia do *Grand Prix*, nem tampouco aquele recanto magnífico do Epon; não obstante, já é qualquer coisa que nos alegra e deleita. De quando em quando, as bandas de música atacam, com doçura, o *Danúbio Azul*, a valsa dos *Patinadores*, quando não clangoram, seguidas de caixas de rufo e alucinantes chocalhos, maxixes buliçosos. Garçons, carregando bandejas com sanduíches

e refrescos cruzam aqui e ali, recebendo ordens, distribuindo comezainas ou bebidas, arrecadando dinheiro. Todo um esplêndido bazar de sorrisos, de cores e de sons, num quadro amável e distinto, impregnado de perfumes franceses...



*A casa de banhos da Rua de Santa Luzia
Desenho de Armando Pacheco*

Embaixo, o verde das *pelouses* desaparece sob a massa de uma multidão que cruza agitada e que vozeia. A Casa da Poule referve no movimento das apostas. Ressoam campainhas. Vozes. – Fecha! Vai fechar! E os guichês ainda apinhados de apostadores, enquanto funcionários da casa fazem mover grandes ardósias, após nelas terem escrito, com enormes pedras de giz, a soma de *poules* vendidas, por nome de animal corredor – Maravilha, 1.246... Severo, 935...

Casa poule custa dez mil-réis. Há, no entanto, décimos de *poule*, que se vendem a mil-réis.

No encilhamento desfilam, importantes, os proprietários de coudelarias, graduados do esporte, todos muito risonhos e afáveis, dessorando superioridade e ventura, ensobrecasacados, de calça flor-de-alecrim, coletes de fustão branco, à sombra de enormes chapéus-do-chile. São sempre rodeados de cavalheiros atentos, caçadores de palpites, ávidos por informes e palpites sobre os páreos que não de correr, a pedinchar conselhos ou sugestões. Displícites e de ar protetor e amigo, estes cardeais do hipismo mal respondem, quebrando no dedo mínimo a cinza clara de enormes e gordíssimos charutos, sempre de Havana, cegando os interlocutores com o brilho singular de seus

anéis de preço. São quase todos coronéis, os proprietários de cavalos. E coronéis de infantaria! Pertencem à Guarda Nacional, respeitável milícia, instituição quase belicosa, que ainda paga patente para defender a Pátria e que, enquanto não chega a hora do grande sacrifício, defende o orçamento do Ministério do Interior e da Justiça, pagando por bom preço as patentes, encorajando o comércio dos quepes, das espadas e dos galões dourados.



*Traje de banho de mar
Desenho de Daniel*

Nunca floresceu tanto, como por essa época, o hipismo carioca. Os mentores do esporte nacional, satisfeitos, continuam pregando a necessidade de desenvolver e apurar a raça cavalar. O país já é de inúmeros cavalos, sabe-se disso, mas, os cavalos não prestam, graças a uma precária ancestralidade. Sangue medíocre e pobre. Por isso vai-se buscar um pouco de sangue puro a outras partes: à Inglaterra, por exemplo, à França, à Alemanha, à Argentina...

Os guindastes da Alfândega não cessam de descer garanhões, que chegam dentro de enormes *boxes* vestidos de lãs, como os homens, porém, melhor do que eles, cuidados e entretidos. Pelos campos de criação há um relinchar estrangeiro, que ativa o cio das nossas éguas, relinchar promissor de tempos que hão de vir, quando, como se escreve nas gazetas, se revelar o cavalo nacional, um ser que se sonha feito só de aço e músculo, lindo de estampa, airoso, elegante, ágil, e, na corrida, capaz de vencer o vôo da andorinha... Os patriotas batem palmas e, confiantes,

ficam a esperar por esse corcel verde-amarelo, que há de fazer a glória do turfe e a glória do Brasil...

Enquanto, porém, ele não chega, as corridas continuam riso-nhamente, como entretenimento o mais sadio da época. Que importa, na verdade, a ausência do verdadeiro espírito esportivo, por parte da massa, se os ideais cogitados hão de ser, tarde ou cedo, atingidos? A Casa da Poule garante o funcionamento da máquina. Atinge o que se vende, por vezes, a cifras extraordinárias. Em 1901 o Derby rende 1.038:740\$000 e o Jockey-Club 878:077\$000. Joga-se até fora dos prados, pelos *bookmakers*, casas de apostas, vendendo-se *poules*. Servem aos que não se interessam diretamente pelo espetáculo de ver correr cavalos.



Antônio de Oliveira Castro
Autor desconhecido



Oscar Cox
Desenho de Marques Júnior



Abraão Saliture
Desenho de Marques Júnior

Os *bookmakers*, além disso, lançam modalidades no modo de apostar, criando para os jogadores interesses especiais. Funcionam nas lojas de prédios localizados no centro da cidade, sempre muito concorridas. Têm, à porta, espetaculosas ardósias de informações para o público e estão repletas de interessados no jogo.

Neles é que faz ponto, quando sai da repartição, o *catedrático*, tipo curioso do hipismo nacional, geralmente empregado público, fanatizado pelo turfe. É sempre um homem de ar sombrio, a ponta de um cigarro melancólico dependurado ao lábio nervoso e seco, paletó de alpaca e chapéu de palha pintado a verniz japonês, *pince-nez* de tartaruga, cordão e um indefectível guarda-chuva, de cabo de volta, debaixo do braço. Esse homem, que se tem por um técnico formidável em as-

suntos de corridas, quando repousa na repartição (como um ótimo empregado público, deixando crescer a barba), se não está pensando, está lendo tudo o que sobre a próxima corrida divulgam as gazetas da cidade. Conhece, por isso, todos os informes, todos os comentários e *potins* urdidos sobre a próxima corrida. O homem sabe coisas extraordinárias: a saúde do animal que vai correr, a resistência física do seu jóquei, a capacidade moral do seu proprietário, o que é muito importante, o estado em que se encontra a raia, a verdade sobre os cotejos que fazem ao lusco-fusco da madrugada e que morrem no segredo das sombras, sombras que não escrevem seções esportivas nos jornais... Além disso está apto a informar a filiação, o peso ou a coudelaria de qualquer cavalo com matrícula nos prados da cidade, como diz, igualmente, o número de vitórias que ele já obteve, citando o nome dos jóqueis que o montavam e o tempo que levou nas carreiras, o que deram as *poules*... Um assombro! O *catedrático*, porém, espécie de oráculo de Delfos, conhecendo tudo, até o nome do animal que vai ganhar, quando joga, é aquela fatalidade: – perde sempre! Mas vai ficando cada vez mais *catedrático*...

São grandes jóqueis, pelo tempo: Francisco Luís, Abel Vilalba, Luís Rodrigues, Domingos Silva, Marcelino, Figueiroa, Lourenço Júnior, Alfredo Toon, Ramon Pequeno, Lourenço Hess, José Eduardo, Lúcio Januário, Domingos Ferreira e Rogatiano.

Os animais corredores, pela época, chamam-se *Cyaxane*, vencedor do Grande Prêmio de 1901 (montado pelo jóquei José de Sousa, propriedade de Charles Colins) e que o público conhece pelo nome de *Boi da Mooca*; *Segredo*, belo produto nacional, nascido em Pedras Altas, na fazenda do Dr. Assis Brasil; *Vanda Zorai*, égua paulista de grande fama, filha do famoso *The Money*, *Danois*, *Menelha*, *Vanda*, *Troiana*, *Severo*, *Canrobert*, *Lola*, *Arbitrária*, *Javari*, *Diamante*, *Jaira*...

Entre os *turfmen* mais conhecidos, podem ser citados: Barão da Vista Alegre, Dr. Costa Ferraz, Carlos Coutinho, Oliveira Júnior, José Júlio Pereira da Silva, Paulo de Frontin, Zeferino de Matos, João de Figueiredo Rocha, Francisco José Calmon da Gama, Tomás da Costa Rabelo, José Moreira Pacheco, José Moreira Barbosa e Ricardo da Costa Ramos.

* * *

A jogatina desenfreada que segue, sempre, ao lado do sentimento esportivo, alimentando o espírito mundano que anima o gosto pelas nossas carreiras de cavalos, cria, às vezes, com as famosas patotas ou tribofes (burlas com que se explora a ingenuidade de apostadores), situações aflitivas, que degeneram, não raro, em desordens, de resto, muito das tendências da época. Aos tribofes, quando se descobrem, respondem esses mesmos apostadores, com violência, provocando conflitos, depredando as casas de aposta, surrando jóqueis, proprietários de animais, *entraîneurs*, até juizes de raia e de chegada. Essas violências salutares conseguem modificar, por vezes, o pendor para a trapaça, que ainda conserva o filho desta terra, vício nacional e antigo.

Nos prados do começo do século, se tribofes e patotas ainda se praticam, já não prolifera a deslavada roubalheira de uns 20 anos atrás, quando os *profiteurs* do turfe começaram a apanhar surras memoráveis, enquanto lhes arrasavam as arapucas armadas para os cambalanchos, mas ainda existem. Qual o velho que não se lembrará, hoje, do famoso prado que se chamou Vila Guarani, cognominado o *Maxixe*, que existiu para as bandas da Praia Formosa e do qual se pode dizer que, sendo o mais tribofeiro entre todos os de seu tempo, foi, ainda, o que mais sofreu a ação violenta e justa da massa popular, que vivia constantemente, a depredá-lo?

Tinha o Vila Guarani uma pista quase em forma circular e curtíssima, pois não media, talvez, nem 500 metros. Assim posto, os animais que corriam, para atingir as distâncias marcadas no programa, eram obrigados a volteá-la inúmeras vezes. A mais rápida das carreiras era feita, no mínimo, entre 3 ou 4 voltas.



Paulo de Frontin
Desenho de Seth



Búcio Filho
Desenho de Seth

Certa vez a direção do prado marca para vencer, num bem urdido tribofe, a égua *Pernambucana*, montada por certo Francisco Franco, cocheiro da Companhia de Bondes Carris Urbanos e pelo público conhecido sob a pitoresca antonomásia de *Chico Manivela*. Aliás, um excelente jóquei.

Na hora da saída a égua, escapando, propositadamente, em grande dianteira, mantém a sua posição de início, até que, após a 8ª volta, pára de repente. É que o Chico enganando-se na contagem, contara nove voltas em vez de oito... Debalde gritam-lhe os interessados na patota: – Toca, Chico, que ainda falta uma volta! O montador não os compreende, nem os ouve, e, assim, continua em marcha de passeio, pela raia, convicto da sua esplêndida vitória. Graças a isso, um *bacamarte* (animal de baixa cotação esportiva) chamado *Rabecão* vence o prélio sensacional, com a surpresa de todos. Nele se venderam, apenas, duas *poules*, e, como o total das vendas para o conjunto dos animais do páreo fosse superior a nove contos de réis, está-se a ver o lucro superior a quatro contos de réis para cada *poule* vendida. A alta direção do prado, porém, não pode pagar aos felizardos abiscoitadores de tão interessante lucro, uma vez que o jogo no cavalo que devia obter o prêmio, havia sido feito... fiado! Imagine-se o escândalo! O administrador da casa de apostas, rápido, tem uma idéia feliz: à ardósia em que se registram os avisos ao público traça esta declaração, feita nervosamente, a giz: “Atendendo às irregularidades verificadas neste páreo, fica o mesmo, por ordem superior, anulado.” Nada mais cômodo. O povo, porém, assanha-se. O detentor de uma das *poules* premiadas, oficial de marinha muito conhecido, protesta; o outro, um milico, que é possuidor da segunda *poule*, aplaude-o. E ambos incitam o povilêu a anular a ação do anulador com um ataque cerrado, em regra, e que logo se faz, à casa das apostas. Não fica uma só armação da mesma casa de pé. O vendaval humano derruba tudo. São surrados os fraudadores que quase morrem de susto e de pancada. Os que escapam à sanha popular caem no mangue que existe ao fundo, para onde fogem carregando papéis da escrituração das apostas, livros de registros, talões de *poules* e dinheiro. Os atacantes, porém, invadem o mesmo mangue onde a luta, comicamente, continua com água acima do joelho. A represália é magnífica.



Copacabana 1906
Desenho de Armando Pacheco

O mais interessante, porém, é saber-se, hoje, o nome dos tais apostadores que provocaram tão pavoroso conflito. O oficial de marinha era o então capitão-de-mar-e-guerra Eduardo Wandelkok, posteriormente almirante e nosso ministro da Marinha no primeiro Ministério da República, e o médico, o Dr. Brício Filho, jornalista de nome e fama, hoje ainda vivo e que conta a quem quer ouvir a curiosa história que nós aqui registramos.

Desse tempo, porém, há recordações ainda mais cômicas.

Nesse mesmo Prado da Vila Guarani corriam duas éguas, *Hirondelle*, francesa, muito veloz, e *Marimba*, nacional, vagarosíssima, quase sem cotação esportiva. Entre ambas havia uma semelhança física notável. Eram da mesma cor esbranquiçada, da mesma idade, do mesmo porte, apenas a égua brasileira mostrava, sobre cada uma das ancas, duas manchas em forma de meia-lua, largas e de cor marrom. Ora, acontece que, sob a iniciativa de um dos diretores do Prado, prepara-se, certo dia, um tribofe bastante original. Inscreve-se *Marimba* para correr num páreo, mas, na hora da corrida, quem aparece é *Hirondelle*, transformada, pela perícia de um pintor, mostrando nas ancas, pintadas à aquarela, as quatro manchas, largas, marrons, em forma de meia-lua...

Ninguém joga, naturalmente, no *bacamarte*. Jogam, porém, os patoteiros urdidores do plano. Corre o páreo e *Hirondelle* ganha a corrida, de ponta a ponta. *Poule* gorda, aí para uns trezentos ou quatrocentos mil-réis. Com o esforço da corrida, porém, feita num dia de intensíssimo

calor, em 3.600 metros, desbotam as meias-luas pintadas a marrom nas ancas de *Hirondelle*, de tal forma revelando toda a fraude. O primeiro a ser malhado, nesse dia, é o jóquei, descido pelo povo, a cacete, de sua magnífica montada, quando transpunha a cancela da raia, em direção ao encilhamento. Depois é que veio o fogo na casa da *poule*, o fogo purificador e infalível em todas essas terríveis e constantes refregas. Vila Guarani, no entanto, impavidamente, dias depois, como sempre, renascia das próprias cinzas, como a Fênix da lenda.

O futebol ainda é um jogo pouco conhecido entre nós, no começo do século. Jogam-no apenas os ingleses do Paissandu Cricket Club, aqui, e em Niterói os do Athletic Association.

Oscar Cox, sócio do Paissandu, filho de inglês, resolve formar um conjunto de brasileiros com um time, que é o primeiro no gênero, organizado na cidade, e vai desafiar os da Association, da outra banda da Guanabara. Nesse primeiro conjunto nacional acham-se Clito Portela, *goal-keeper*; Vítor Etchegaray e Walter Schuback, *backs*; Mário Frias, Oscar Cox e Max Naegeli, *halfs*; *forwards*, Horácio da Costa e Santos, E. Moraes, Luís Nóbrega, Júlio de Moraes e Félix Frias. Esse memorável encontro fere-se no dia 1^a de agosto de 1901. Não logra, a peleja, o menor interesse por parte do público, o número dos jogadores sendo maior que o número de assistentes. Cox, porém, não desanima. E é assim que resolve levar o seu grupo a São Paulo.

Parece que, por lá, a coisa não teve, outrossim, grande sucesso.

Aqui, nesta cidade, no ano seguinte, 1902, nos dias 4 e 5 de outubro, chegam os da Paulicéia para buscar vitória. Não a levam, porém. Os rapazes brasileiros do jovem clube batem a inglesada descida, vinda de S. Paulo, por um *score* de 2 x 0 no primeiro dia e de 3 x 0 no segundo. Esse encontro fez-se no campo do Paissandu, pois só depois é que se aluga por 100\$000 mensais o terreno da Rua Guanabara, onde se instala a sede do novo clube com o seu campo. O entusiasmo pelo jogo, porém, só muito mais tarde é despertado entre o público.



Jarbas Loretto
Desenho de Raul

Cox anseia por campeonatos tumultuosos, com povo, bulha e entusiasmo, em tudo igual ao que viu realizado na Europa. Para isso necessita, entanto, coordenar elementos e esforços. No dia 21 de julho de 1902, num prédio sito à Rua Marquês de Abrantes, nº 51, residência de Horácio da Costa e Santos, funda o Fluminense Foot-Ball Clube. Comparecem a essa reunião e são considerados sócios fundadores: Horácio da Costa e Santos, Mário Rocha, Walter Schuback, Félix Frias, Mário Frias, Heráclito de Vasconcelos, Oscar A. Cox, João Carlos de Melo, Domingos Moutinho, Luís Nóbrega Júnior, Artur Gibbons, Virgílio Leite de Oliveira e Silva, Manuel Rios, Américo da Silva Couto, Eurico de Moraes, A. C. Mascarenhas, Álvaro D. Costa, Júlio de Moraes e A. A. Roberts. Presidiu a reunião o Sr. Manuel Rios, secretariado pelos Srs. Américo Couto e Oscar Cox.



Comandante Midosi
Desenho de Marques Júnior

Oscar Cox é proclamado presidente e eleitos para os demais cargos: Luís Nóbrega, vice-presidente; Mário Rocha, 1º secretário; Walter Schuback, 2º secretário; Domingos Moutinho, tesoureiro; Vítor Etchegaray, Félix Frias e Horácio da Costa e Santos, membros da comissão que, no momento, não teve título designado.

Assim, nasce, no começo do século, o primeiro clube de futebol carioca.

* * *

Nos últimos anos do século o jogo da pelota gozou, aqui, um incremento notável. Haviam aparecido em 1888 ou 1889, com o Frontão Brasileiro, pelotários brilhantes, que se chamavam: Etulain, Ruiz Estudante, Mujica, Hernani, Bilbao e Ugalde.

Logo depois, mais dois frontões se inauguram: o Catete e o Coliseu. Em 1901 o Frontão Nacional possui pelotários como José, o veterano Ruiz, Robles, Toloza, Helu, Gogorza e Zolozabal. O Velocipédio possui Urbietta, Cale, Muchacho, Cruz, Bachiler, Zalacain e Mazartine. São todos eles espanhóis ou sul-americanos de origem espanhola. A polícia do Sr. Campos Sales, porém, vê-se obrigada a mandar fechar esses frontões, porque o tribofê neles vive provocando conflitos, con-

flitos que geralmente começam de modo original. Os espectadores, logo que percebem as irregularidades do jogo, rebentam em impropérios contra os jogadores. Da cancha, por sua vez, respondem os pelotários violentamente, revidando, com acrimônia, os insultos que lhes são atirados. A barulheira cresce. Referve. É o calão. É a descompostura de sarjeta. É a obscenidade. Depois é que vem o murro, o pontapé, a bengalada, por vezes o tiro de revólver, e a depredação da casa da *poule*. Fecham-se, finalmente, os frontões, por ordem da polícia. Alguns pelotários embarcam para São Paulo, outros para Niterói, onde funciona um estabelecimento do gênero, freqüentadíssimo por moradores da nossa cidade. Lá continuam, porém, os tribofes, os bate-bocas entre pelotários e povo, os conflitos, as depredações na casa da *poule*...

* * *

Nunca houve, no Brasil, gosto pelas corridas de touros, isso desde os tempos coloniais, época em que aqui foram introduzidas e até impostas, por ocasião das grandes festas populares. Não interessaram, nunca, à nossa gente. E, no entanto, o que se praticava, entre nós, era a boa tourada à portuguesa, benigna e humana tourada, sem estripamento de cavalos, lances arriscados para toureiros e aquela sangueira selvagem, de que se salpicam, ainda hoje, as praças de curro de Sevilha, de Madri e de Badajós. Touradas com touros embolados, de touros mansos, mansíssimos, quase vacas leiteiras, pobres animais vendidos às portas do Matadouro de Santa Cruz. Nem assim. O povo não quer saber de touradas, de toureiros e de touros.

* * *

Em fins do século que passou, o esporte do ciclismo possui, à Rua do Lavradio, próximo à do Riachuelo, uma excelente pista de corridas, que se chama *Velódromo Nacional*. É nela que se reúnem os campeões do tempo: Kean, o grande Pavageau, que corre com o nome de Elbe, brasileiroíssimo, apesar de seu nome francês, o mesmo Pavageau, que, hoje, é proprietário de bazares e de uma grande oficina de bicicletas, à Rua da Constituição; Pelapus, que pode recordar as suas glórias esportivas, burocraticamente, entre as escrivaninhas do Tesouro Nacional, onde ainda trabalha; Sotero, Nelson, Venezia, Mandarin...

Em 1901 já não existe o Velódromo. Em compensação, substituindo-o, funcionam: o Velo-Clube, à Rua Haddock Lobo, no lugar onde hoje está o Cine-Velo, o Atlético, de Santa Teresa, o Touring Clube, que faz correr os seus sócios nos campos do Jardim Zoológico e o Velo-Sport, que dá corridas na Quinta da Boavista.

De tal forma desenvolve-se, então, o esporte da bicicleta, entre nós, que Combes, o grande campeão francês, aqui vem, mas para ser batido pelos nossos...

Além dos corredores já citados na lista dos chamados *fortes*, do Velódromo Nacional, são conhecidos como excelentes *pedais*: Lagartijo, Bildat, Nevers, Barrière, Gavroche, Laborde, o alemão Hamburgo, Taitu, Titã, Pinheiro e Malhão, estes dois últimos portugueses.

É o início dos bons tempos desse esporte.

O pedestrianismo, que teve os seus tempos áureos com o Clube Atlético Fluminense, é que dá mostras de certa decadência. Não obstante, em 1902, existem, substituindo-o: o Clube Atlético de Santa Teresa, o Rio Cricket, além de outras agremiações modestas. São bons corredores da época, entre muitos: Afonso de Castro, José Luís Cordeiro, Alberto Bittencourt, Kean, Paulo de Meneses e Alfredo Gonçalves Vieira.



Cupê
Desenho de Pacheco

.....

Capítulo 28

Jogadores e jogatinas

JOGADORES E JOGATINAS – O JOGO-DO-BICHO – COMO NASCEU – O BARÃO DE DRUMMOND E OS SEUS PALPITES – CENAS NO JARDIM ZOLÓGICO – VENDEDORES DE BICHO – O BICHO E O CADERNO DE VENDA – A OBSESSÃO DO CARIOCA – EXPLORADORES DESSA OBSESSÃO – HISTÓRIAS CURIOSAS A PROPÓSITO DO JOGO E DE JOGADORES

P

ELLO tempo em que os portugueses aqui lançaram sobre o sonho de Henriville, fundada por Villegaignon, as bases de uma nova cidade colonial, o capitão-mor Estácio de Sá, o que perdeu, com um olho, a vida, na luta contra o feroz gentio aliado aos franceses, foram estabelecidas penas tremendíssimas para todo aquele que fosse encontrado com baralho de cartas na mão.

Está em Baltasar Lisboa o informe. Quer isso dizer, portanto, que a grei lusa, quando desceu à terra generosa, de tal sorte em tais jogos se entretinha que necessário se tornou fazer do que se havia então, por cândido regalo, um delito passível de multa ou de polé.

Esconderam-se as cartas condenadas, obedecendo ao edito.

Sabe-se, entanto, que os soldados de Sá fundaram esta cidade com os baralhos ocultos nas virilhas.

Nascia, assim, o jogo, entre nós, com a pugna triunfal do índio Ararigbóia e com a glória gentil de Uruçu-Mirim.

Em 1606, entanto, era a terrível lei posta de lado. Já o peão, por jogar, não ia mais ao pelourinho sofrer penas de açoite, nem largava aqueles famosos vinte cruzados de multa, exagerada soma, então representando, a bem dizer, quase os bens de uma família inteira.

Razões de tão súbita mudança? As do Real Estanco, que começou a imprimir em suas reais oficinas, para vender ao povo, cartas de jogar. No tempo de Pombal, a Imprensa Régia ainda as imprimia. Apenas, os desenhistas e impressores observavam, rigorosamente, os reis de copas – não fossem eles sair com a cara do Sr. D. José...

D. Maria, a louca, não quis saber de idéias proibitivas sobre o caso. O palerma do filho, D. João, dizem que era até um grande jogador de “faraó”, jogo muito em voga, pelo fim do século XVIII.

Em 1806 a Tipografia Real, em Lisboa, lançava, sob o título *Academia de Jogos*, uma verdadeira enciclopédia sobre o assunto, em quatro volumes! Vendia-se a obra augusta no próprio balcão do Estado, como se vê pelo informe que está em cada livro impresso.

Em 1811, finalmente, anexa-se aos prelos da Imprensa Régia do Rio de Janeiro, a Real Fábrica de Cartas de Jogar!



Rua da Ajuda
Desenho de Armando Pacheco

Como se vê, não faltavam oportunidades para fazer do carioca um jogador de truz.



Certas vezes, sem saber, o tintureiro ambulante, ao soprar o seu chifre de boi, sem obrigação, deu um palpite-zinho para o touro ou para a vaca...

Desenho de Raul

Nunca foi, entretanto, o Rio de Janeiro, uma cidade de jogo, nem de jogadores. Nós jogamos, aqui, como se jogava muito naturalmente, em qualquer parte, sem obstinação e sem delírio. Havia apostas em cavalos de corrida; havia esporte da pelota; pelos clubes fechados jogava-se raramente a roleta, o jaburu ou, então, a campista e o bacará; pelas famílias, sob a luz amiga dos bicos Auers, jogo era pretexto honesto de reunião ou de namoro, com um visporazinho a vintém, obrigado a suspiro, perna encostada, beliscão ou a bisca-de-sete e a burro-em-pé. As loterias eram vendidas sem o menor entusiasmo...

– Amanhã anda a roda!

Que andasse! Pouca gente jogava.

Casas de tavolagem? Havia-as, naturalmente, mas muito poucas. O jogo elegante, então, o jogo de cassino ou de cabaré, com *coctes*, caixas de Banco, políticos e suicidas, esses, desconhecíamos quase por completo. O famoso tipo do jogador profissional, o famoso “coronel de jogo”, um homem pálido, com um grande anel de brilhantes no dedo, o olho a dessorar vigílias, sempre muito bem barbeado, muito bem disposto, aparentando importância, opulência e ventura, o homenzinho que almoça às 5 da tarde e chama ministro e governadores de Estado por tu ou por você, ainda era, por esse tempo, um vago personagem de romances e apenas concebido pelas imaginações mais ou menos irrequietas e abrasadas.

Assim fomos nós, na verdade, até os fins do século XIX, mal pensando que dentro de pouco tempo teríamos que ver tornada esta beatífica e risonha cidade em um autêntico principado de Mônaco, *maelstron* de vício, de inquietação e de loucura, onde, presa do mais vivo frenesi, toda a população alucinada jogava – do Presidente da República ao mais obscuro criado de servir, de envolta com sacerdotes, pais de família, educadores, juízes, senhoras e até crianças!



*Convento da Ajuda
Desenho de Armando Pacheco*

Foi preciso para que esse delírio se mostrasse, que aqui nascesse o chamado “jogo-do-bicho”.

Esse jogo, de origem obscura, passa, indevidamente, por ter saído, inteirinho, da cabeça do Barão de Drummond. Nada mais falso.

Restabeleça-se a verdade dos fatos, sem buscar, entanto, antecedentes mais longínquos.



*Rua da Misericórdia
Desenho de Armando Pacheco*

João Batista Viana Drummond, barão desse nome, fundador do Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, em terrenos de sua propriedade, sitos no bairro de Vila Isabel, recebia do Governo, desde o tempo da monarquia, época em que abriu as portas do seu parque de animais ao público (janeiro de 1888), uma subvenção de 10 contos, por ano. Esse auxílio, entanto, com o qual se animava um estabelecimento de utilidade pública, imprescindível numa cidade de certa cultura e importância, não durou muito tempo. Em 1889 os homens da República suspenderam esse auxílio, tomando-o por favor

feito a um amigo de Pedro II. O Barão, tendo honestamente empregado quase todo o dinheiro recebido na compra de fauna estrangeira que, sobre ser bastante numerosa, era escolhida, viu-se de um momento para outro numa situação deveras embaraçosa.



Rua do Lavradio
Desenho de Armando Pacheco

Corria o ano de 1892.

Foi em meio a essa crise muito séria que lhe apareceu certo Manuel Ismael Zevada, natural do México, com o projeto de um jogo de flores, já por ele próprio tentado, embora sem grande êxito, em um prédio que ficava à Rua do Ouvidor, próximo à Gonçalves Dias. Zevada lembrava a idéia da exploração do jogo, no Jardim, substituindo-se, apenas, o nome das flores, por nomes de animais.

O Barão achou a coisa interessante, viável e logo em começo do ano de 1893 lançou a idéia, que, seja dito de passagem, não logrou a princípio, como se contava, franca simpatia do nosso público.

Era uma diversão ingênua que a imaginação impudente dos homens, mais tarde, danou e perverteu.

Cada visitante do Jardim, quando comprava a sua entrada, com ela recebia a indicação de um animal representando a possibilidade de um prêmio vinte vezes maior que a soma despendida. Custando esse *ticket* mil-réis, estava ele, portanto, habilitado a receber, caso lhe fosse a sorte favorável, vinte mil-réis. Era o jogo.

Para que isso se desse, tornava-se necessário, porém, que o animal indicado no bilhete, em figura e por nome, fosse o que havia de surgir num quadro de dimensões enormes, içado a um mastro erguido à porta do jardim.

Tinha esse quadro, feito em madeira, um tapa-vistas, que era trancado a chaves. As figuras dos animais que nele se guardavam eram muito bem desenhadas e coloridas.

À tarde, descia o *passe-partout*, revelando-se aí, ao público reunido, o gostoso segredo, a imagem do bicho vencedor. Aos poucos foi crescendo o número dos visitantes do Jardim. Iam, como se vê, melhorando para Drummond as coisas, lentamente.

No guichê do portão, um cavalheiro, acompanhado de sua mulher e de três filhos, entregava ao bilheteiro uma nota de cinco mil-réis, pedindo:

– Um *porco*, uma *vaca*, um *macaco*, um *camelo* e um *cachorro*.

Entrava toda a família. E se mais tarde a sorte lhe era favorável, o chefe recebia vinte mil-réis de prêmio. Era um divertimento amável que, com três meses de existência, já dava um lucro razoabilíssimo... O que a Zevada não dera, em ganhos, a Botânica, começava a lhe dar a Zoologia, que só num domingo registraram-se cerca de oitenta contos de bilhetes vendidos, como entradas! Já trabalhavam vários homens no guichê e o número de porteiros era elevado ao quádruplo.

A Companhia Vila Isabel não tinha, por fim, mais bondes para meter no tráfego. Abastados, valiam-se de tálburis, de caleches ou de fiacres, sendo que muita gente para lá ia a pé. O Jardim engalanava-se todo. Era uma folia sem par! Música, flores, bandeiras, ruído, risos...

Diz-se que Zevada e o Barão vinham para o Jardim gozar a festa, e que o povo, a este último, vivia só a indagar pelos prognósticos do jogo.

– Barão, Barão, um palpite para hoje!

O Barão tomava um ar de profeta, *blagueur*, punha um dedo na testa e sentenciava, então:

– Hoje dará o animal que, por imagem, mais se assemelha à mulher!

Corriam todos ao guichê e era um nunca mais acabar de comprar borboletas!

Descia o quadro, à tarde, e dava ... a cobra.

Ironias velhacas do Barão...

No dia imediato:

– Sr. Barão! Sr. Barão! E hoje, qual o bicho que dará?

De novo o homem punha o indicador na frente e de ar búdico, sem sorrir, olhando o céu, murmurava apenas:

– Inteligência... inteligência...

Havia quem jogasse na águia, porém os que conheciam as troças do palpiteiro, iam jogar no cavalo, no burro ou no camelo.

Nesse dia o animal premiado era o porco.



Rua do Riachuelo
Desenho de Armando Pacheco

Havia quem não se conformasse com o palpite e fosse perguntar ao Barão:

– Mas, Sr. Barão... porco! Porco não é um animal que evoque inteligência, afirmativa ou negativamente... Inteligência?

– A inteligência que eu evocava, aí – respondia o Barão –, não era a do animal, nem a dos senhores, era a minha... Está certo...

No fundo o Barão de Drummond divertia-se.

Quando o Jardim fechava, o Zevada ia espiar a fêria. Arregalava o olho, esfrega as mãos, satisfeito.

– *Caracoles!*...

Vamos encontrar, no começo do século, o jogo-do-bicho, que a polícia já havia proibido no Jardim Zoológico, incorporado, graças à inteligência do jogador às loterias nacionais, regalo, mania e obsessão do cidadão carioca. O famoso quadro do Barão, com o animal pintado, já



Rua Uruguaiana
Desenho de Armando Pacheco

não havia, mas o Rio todo jogava. Em peso! E nem os famosos palpites tão do peito dos visitantes do Jardim faltavam na hora de se fazer a *fezinha*, como então se chamava ao ato de jogar. A polícia, sem querer, com sua proibição, criava a comodidade do jogador, uma vez que, além de inúmeros *book-makers*, organizados pelas casas de vender bilhetes de loterias, raro era o negociante da cidade que não bancava o bicho. Até no próprio lar era o mesmo vendido.

O comércio a retalho estava cheio de banqueiros do jogo, à vanguarda, formando o vendilhão da esquina, o homem dos *secos e molhados*.

De um caderno de compras, dessa época:

“Dia 18 – banha 400 réis, azeite 20 réis, palitos 140 réis, *jacaré* no antigo, 500 réis, *porco*, por todos os lados, 1\$600.”

No fim do mês, mais bicho que mantimento comprado no armazém. Com o bicho ou sem ele, o caso é que as famosas contas de caderno ou contas de chegar, foram como ainda hoje são – salvo exceções honrosas – enormemente aumentadas.

E já que falamos no homem do armazém, no caderno da venda e nas famosas contas de chegar, registre-se esta, que é um documento curioso para estudo de uma época.

Havia na Rua S. Clemente, em Botafogo, pelo ano de 1902, um dono de venda, comendador analfabeto e gordo, muito das relações de quem traça estas linhas. As contas para os fregueses era um seu empregado quem as tirava, homenzinho tão cioso de seus conhecimentos de escrituração mercantil que jamais esquecia de pôr, ao fim de cada soma, o clássico I. S. C. que comercialmente se explica por estas palavras – *Importe de sua conta...*

Certo dia, um caixeiro trêfego foi com a fatura à casa de um freguês. Freguês novo, acrescente-se. Examinando a conta, acha o cliente grave erro de soma, favorável ao homem do armazém, soma essa junta às infalíveis letras – I. S. C.

– Essa conta está errada – diz ele ao portador da mesma. – E, depois, que diabo quer dizer este grupo de iniciais, posto aqui ao pé da soma, I. S. C.? Que explicam, afinal, estas letras?



Loja de vender camisas
Desenho de Armando Pacheco

O homem desconhecia por completo o estilo comercial do vendeiro.

O caixeirote, que não era ainda comendador, mas sabia ler o seu bocado, põe o olho no papel, sorri e trata logo de salvar o patrão:

– Diz o Sr. Dr. que a conta não está certa? Pois tem razão o Sr. Dr. Estas iniciais não só tudo esclarecem, como provam, ainda, os escrúpulos do meu patrão.

– Não vejo como.

– Explico eu ao Sr. Dr. Aqui está junto à soma – 48\$600 –, e bem claro, veja bem: um I, um S e um C, que é assim como quem diz: *isso se calhar...*

O jogo pelas mercearias faz, aos *book-makers* do centro da cidade, uma concorrência terrível. E ao Jardim Zoológico ninguém mais vai, matando-se, com isso, toda a boa intenção do jogo.

As cozinheiras que levam dinheiro para as compras pedem pelos armazéns de comestíveis:

– Dois de alho, dois de cebola e quatro no avestruz.

Quem paga o bicho é a patroa, porque, quando elas chegam a casa, não esquecem, logo, de dizer:

– Qual esse *seu* Manuel da esquina está ficando cada vez mais careiro! Veja só se isso está direito, patroa, olhe só para estes *quatro de alhos e quatro de cebolas!* – Não falam no dinheiro que apostam incluído, também, no preço daquilo que compraram.

De 2 e meia às 3 da tarde as cozinheiras entravam em férias. Hora mestra do dia, hora de correr o bicho! De resto, toda a cidade está sobressaltada e atenta:

– Já se sabe?

Tiram-se os relógios.

– Está quase, já passam de 2 e meia...

De repente, a lufada da notícia na cidade:

– Urso, com 92! Urso!

A nova corre célere de boca em boca. Meia hora depois não há uma pessoa na cidade que não saiba o resultado do jogo. Nas casas é um verdadeiro delírio!

– Vejam! O meu sonho! Bem que eu queria jogar no desgraçado do urso! Não joguei, está aí!

Isso diz a patroa à cozinheira.

– Eu tenho muito pouca sorte! Sempre que com ele sonho, não jogo nunca. É um azar!

E dirigindo-se ao copeiro:

– Eu não disse a você, Francisco, esta manhã, que havia sonhado com o barbadão de *seu* Antônio da farmácia entrando num barbeiro? Então? Urso! Era ou não era?

Por vezes o marido, mal desperta o dia, acorda, na cama, a mulher, puxando-a aos safanões:

– Filha, hoje é o dia da cobra!

E a outra, ingênua e boa, mas conhecedora, a fundo, do elucídario dos sonhos do marido:

– Por quê? Sonhaste com mamãe?

Nas costas de um rol de roupas, que recebi de uma lavadeira, encontrei, certa vez, esta explicação de sonhos:

“Sonhar com:

Seu Manuel da quitanda, porco; com *seu* Antônio do açougue, elefante; com Maria Augusta, vaca; com o anspeçada da Marocas, cavalo; com o Dr. do 26, touro”... E assim por diante...

O palpíte! O palpíte! No começo do jogo, quem dava era o Barão. Depois... A todos se pedia.

Davam palpites os jornais..

No *Jornal do Brasil* há uma famosa joaninha, colaboradora da seção de anúncios, que publica, diariamente palpites que se reputam “infalíveis”.



Telhados do Rio
Desenho de Armando Pacheco

Há o palpite em verso:

Contigo jamais me zango,
Contigo não dou cavaco,
Vou contigo para o Inferno,
Sou teu cão e teu macaco.
24, 65, 15, 16.

Há o palpite em imagem, representando bichos, em números: centenas, dezenas, unidades, em caracteres alfabéticos, em sinais cabalísticos...

Chega-se a esta insensatez: procura-se o mesmo até nas falhas do clichê zincográfico, que representa o animal!

As luneterias vendem, com particular freqüência, lentes para esse mister:

– Olhe bem, Zilá, veja na asa desta borboleta...

– Não vejo nada...

– Vê, sim, bem em cima, repara... Então? Não é uma cabeça de galo?

Não é a lente, é a imaginação da obcecada que cria a imagem nova do galináceo.

As cozinheiras substituem esses vidros de aumento por litros em garrafas de vidros brancos, cheios d'água, pondo as imagens impressas para a luz. Rodam o vidro. Vêm os lavadores de prato, as arrumadeiras e as copeiras. Ficam todos a cocar, buscando o bicho... Nem os grandes cometas encobertos são, pelos sábios, tão cuidadosamente procurados nos telescópios dos observatórios. E enquanto o litro não dá o animal requerido, queimam-se os feijões, viram as caçarolas, o gato vem lamber a vasilha do leite, vão para as panelas os legumes com casca, o peixe com escamas, patos por depenar...

Tudo por causa do palpite!

Contam que um pai, um pobre pai, no enterro de seu filho querido, em pleno cemitério, justo na hora de ver baixar



Barão de Drummond
Desenho de Marques Júnior

à terra o morto idolatrado, notou na mão de um serventuário do fúnebre serviço, uma chapa, com um número. O número da cova do que ia a enterrar. Não se conteve. Rebentou aos soluços, nos braços dos amigos, gritando:

– Dois mil e setenta e sete, o peru!

Há um dia, porém, em que o jogo-do-bicho registra a maior homenagem que o carioca lhe pode tributar. Aparece o *Mascote*, jornal diário, com redatores, repórteres e toda uma literatura circunscrita aos assuntos do jogo. Um jornal diário! Um só? Vêm outros, depois, e revistas...

Nessa altura, o jogo tem-se desdobrado de tal forma que, dentro de um jogo só, há quase seiscentos! Há o Antigo, o Moderno, o Rio, o Salteado, o Agave Americano, o da Buraca, o da Caridade, o da Companhia Industrial Americana... E quantos ainda? Popular, Companhia Elegante, Moderno Loto, Industrial Brasileira, Museu das Flores, Grêmio Fluminense, Nascente, Ocidental, Carioca, Garantia, Luz do Céu, Esperança, Estrela do Destino, Segurança, Ajuda de Nossa Senhora, Talismã da Sorte e dezenas de outros que, para não fatigar, deixam de ser citados.

De quando em quando a polícia persegue o jogo, fazendo a fortuna de certos delegados, diga-se de passagem.

De um deles sabe-se que recebia, no seu escritório, que ficava em uma central da cidade, de certo bicheiro muito conhecido, quarenta mil-réis diários!

Essa quantia, porém, chegava-lhe de maneira curiosa. Pela manhã, punha a autoridade, dentro de um envelope dirigido ao banqueiro do bicho, um papelucho em branco e, entregando-o ao anspeçada de serviço, com uma nota de dois mil-réis, mandava:

– Leve o meu jogo à loja do Sr. Lopes, discretamente, como sempre.

O anspeçada ia entregar o jogo e o dinheiro. À tarde voltava, sempre, a fim de receber o resultado.

Era quando trazia ao escritório do seu doutor, os quarenta da pragmática...

Notando que o delegado ganhava sempre, teve o anspeçada uma idéia. Ao entregar, ao bicheiro, um dia, os dois mil-réis e o envelope, juntou, a eles, 10\$ de seu bolso, dizendo...

– Este dinheiro é meu, para pôr no palpite do delegado...

O bicheiro ficou aturdido. Telefonou à autoridade. Entenderam-se. Nesse dia o *bicho não deu*...

Quando a perseguição ao jogo era muito intensa, pelos *a-pedidos* dos jornais apareciam notícias como esta:

BOA SORTE
SOCIEDADE ANÔNIMA.
FOI SORTEADA A APÓLICE
Nº 123
A DIRETORIA

As sociedades anônimas desse gênero pululam. De uma, disse João do Rio, com muito espírito:

– Tão anônima, que nem a polícia sabe onde ela é instalada!

Ingenuidade do João do Rio. A polícia saber, soube sempre. Apenas...

In vitium ducit culpa fuga...

O latim é do padre Florêncio, velho amigo de minha família, pobre homem que o que ganhava na missa, coitado, perdia, sempre, no jogo...

Do bicho, pela época, nem os sacerdotes escapam.



.....

Capítulo 29

O jornal na alvorada do século

COMO ERA FEITO – PAGINAÇÃO – SEÇÕES HUMORÍSTICAS – NOTÍCIAS INCOLORES – O INFORME POLICIAL – DRAMAS ANGUSTIOSOS E PUNGENTES TRAGÉDIAS – O ROMANCE-FOLHETIM – PALPITE DO BICHO – O A-PEDIDO E AS VERRINAS – ANÚNCIOS – A HISTÓRIA DE UM HOMEM QUE VENDIA CAMAS E COLCHÕES – DESACATO À BANDEIRA NACIONAL

O

JORNAL, na alvorada do século, ainda é a anêmica, clorótica e inexpressiva gazeta da velha monarquia, coisa precária, chã, vaga, morna e trivial. Poucas páginas de texto, quatro ou oito. Apenas. Começa, geralmente, pelo artigo de fundo, um artigo de sobrecasaca, cartola e *pince-nez*, ar imponente e austero, mas, rigorosamente vazio de opinião; espécie de *puzzle* de flores de retórica, que foliculários escrevem com o dicionário de sinônimos a um lado e um jogo de raspadeiras afiadas noutro, literatura cor-de-rosa e que os homens mais ou menos letrados do país sorvem, logo de manhã cedo, ainda em *robe de chambre* e chinelo *cara-de-gato* no bico do pé, acavalando, nos beques estremunhados, enormes *pince-nez* de tartaruga, babando admiração pela obra-prima e a dizer: – Sim, senhores, a isto é que se pode chamar artiguíssimo de fundo!

Paginação sem movimento ou graça. Colunas frias, monotona-mente alinhadas, jamais abertas. Títulos curtos. Pobres. Ausência quase absoluta de subtítulos. Vaga clicheria. Desconhecimento das *manchettes* e de outros processos jornalísticos, que já são, entanto, conhecidos nas imprensas adiantadas do norte da Europa. Tempo do soneto na primeira página, dedicado ao diretor ou ao redator principal da folha...

O povo triste, que vive a reclamar razões para sorrir, quase não encontra seções humorísticas para ler, nesses periódicos solenes. Lá uma vez ou outra é que umas coisas no gênero, desenxabidas e bambas, surgem com o intuito manifesto de se confundirem com a seção necrológica da folha.

Das revistas francesas, recortam-se anedotas. *O País* publica-as, diariamente, numa seção que se chama *Ecos de toda parte*. Traduzem-se contos de Armand Silvestre ou de humoristas menores, quando não são, os mesmos, cuidadosamente pastichados. Ainda se fala, muito e com saudade, nos folhetins de França Júnior, no “Zé Caipora” e no “Dr. Semana”. Humoristas são: Artur Azevedo, Urbano Duarte, Gastão Bousquet, Pedro Rabelo, Emilio de Meneses e Bilac, mas, pouco escrevem para o jornal diário, melhor aproveitando o que lhes sobra em verve para arranjos de *pochades* pelos teatros, para as raras revistas semanais que então existem ou para as horas de reunião e de palestra pelos cafés e pelas confeitarias. A graça nova e estouvada de Bastos Tigre ainda não saiu do saguão da Escola Politécnica.



Paranhos Pederneiras
Desenho de Marques Júnior

A não ser o *Jornal do Brasil*, que mantém um corpo de caricaturistas e diariamente publica *charges*, só uma vez ou outra é que, as mesmas, nas outras gazetas aparecem. As oficinas de gravura, pela terra, ainda são poucas e os clichês caríssimos.

As notícias que encontramos espalhadas pelas primeiras páginas são, muitas vezes, de interesse bem curto ou relativo: *O Sr. ministro da Fazenda concedeu seis meses de licença para tratar da saúde, onde lhe convier, ao 4º Escrivário da Mesa de Rendas de Corumbá,*

Estado de Mato Grosso, Sr. Antônio Manuel de Sousa Júnior... Que fazer, porém, se novas palpitanes escasseiam?

Há o *Jornal do Comércio*, que possui um belo serviço de telegramas. O serviço dos outros é dosado. Só o muito importante aparece. Por exemplo:

“Lisboa, 12. – S. M. el-rei, o Sr. D. Carlos, saindo, hoje pela manhã, em sua carruagem, visitou a igreja do Senhor dos Passos da Graça, regressando a palácio onde chegou faltando um quarto para o meio-dia.”

A notícia de polícia começa sempre por um infalível “nariz-de-cera”, desmesuradamente sentimental e florido, alambicado e piegas, que os repórteres, que lêem, então, *A Dama das Camélias*, do Sr. Dumas, ou *O Conde de Camors*, de Feuillet, escrevem, de gravata à Lavallière, chupando cigarrinhos de palha: *Suicídio*. É o título. E o corpo da notícia: *Na flor-da-idade, aos 16 anos, virgem e bela (Oh! destino infeliz! destino implacável...)*. *Nasceu como nascem as rosas que se doiram ao sol meigo da primavera...*

Tais notícias, em geral, acabam como esta: *A nacional de cor preta, que residia na rótula 45 da Rua São Jorge, foi ontem mesmo inumada no cemitério do Caju. Entre as múltiplas coroas que cobriam a noite escura de seu caixão, uma vimos que muito nos impressionou: a do Grupo Carnavalesco “Pensei que fosse outra coisa.”*

A reportagem anda louca, buscando crimes sensacionais. Não encontra. Não existem. Lá uma vez ou outra é que surge unzinho explorado, esticado, sabe Deus como, para agradar ao público, que só vive a reclamar coisas pungentes e de sensação. Atribui-se ao atraso do país a ausência de tragédias horrendas. Comentam-se os comoventes crimes das grandes capitais do mundo, com uma pontinha de despeito e de ciúme, o patriotismo abalado. Luís Cordeiro, o famoso *Jamanta*, certa vez, na “cabeça” de uma nota de polícia, felizmente submetida ao critério do secretário do jornal, escreveu isto:

Quando teremos nós a ventura de ver a Capital do Brasil colocada no nível das grandes metrópoles do mundo e ufanarmo-nos, também, de possuir, como elas possuem, grandes e horrendos crimes?

Quem nos salva das aperturas é o folhetim-romance de capa e espada, com a assinatura de Xavier de Montepin ou Ponson du Terrail, com tragédias alucinantes, que fazem o delírio das moçoilas histéricas e



*O Barão do Rio Branco, “double”
de diplomata e homem de imprensa
Desenho de J. Carlos*

o consolo das velhotas que as lêem à luz dos bicos Auer, engolindo sentimentalmente soluços que se afogam em vastas catarreiras crônicas. O romance do tempo! O folhetim de então! – *O príncipe, aí, olhando o conde que não se mexia, estatelado no chão, desenrolando a sua grande capa negra, tomou de sua espada e para que todos em torno soubessem que ele não era covarde, exclamou – dois pontinhos e, embaixo, entre parênteses – (continua).*

Seção de anúncios relativamente pobre: *Bebam os vinhos de Adriano Ramos Pinto. Eu era assim, cheguei a ficar assim, agora estou assim – Jataí do Prado cura bronquites e asma... Dói? Gelol.*

Não esquecer o *bicho*, obrigatório, nas gazetas, desde que apareceu com o Barão de Drummond, no Jardim Zoológico, o bicho, em clichês, que é mandado fazer, propositadamente, com falhas, para que sugira quando impresso, depois, ao leitor, outros bichos, os chamados “bichos de dentro”, enlevo das cozinheiras que vivem a estudá-lo através de litros de vidro cheios de água, aproveitados como lentes. Para apresentar esses clichês os poetas da folha escrevem quadrinhas em métrica descadeirada:

Jogadores, avisados
O meu palpite, hoje é
Cercar por todos os lados
O macaco e o jacaré
301. 7. 22.45

Registro especial valem, nesses jornais de grande aldeia, as saudações feitas por ocasião de aniversários natalícios:

Os passarinhos, ao romper da aurora do dia de hoje, cantarão, no poleiro da amizade, saudando D^a Filismina Roda da Conceição (Finoca), que colhe mais uma cheirosa flor no jardim de sua preciosa existência.



*Ferreira de Araújo
Autor desconhecido*

Namora-se pelo jornal, desavergonhadamente:

A. M. C. – *Esperei-te toda a noite de sábado, no lugar combinado. Ingrata, por que não vieste? Responde senão eu morro!*

Resposta no dia seguinte:

H. J. – *Filhinho, não fui pelo motivo que, pouco mais ou menos, já debes saber qual é.*

Um dos característicos do jornal da época é uma seção ineditorial que se chama *a-pedidos*, espécie de esgoto onde extravasa o esterquilínio anônimo, que mancha reputações alheias.

E quanto mais austero o jornal, mais amplas são as liberdades concedidas nesse esgoto imundo. Passa o cano pelo balcão da empresa, vazando pelos interstícios, largando fezes e tostões... Linha a duzentos réis.

Alguns *a-pedidos*, porém, divertem:

MORADORES DE BOTAFOGO

O bilontra de cavanhaque de bode que pára, todas as noites, no canto da Rua dos Voluntários com a Matriz, vestindo umas calças de apanhar-siri, anda requerendo uma sova de pau. Avisamos que, se aparecer amanhã no mesmo ponto, entrará no cacete. Ficam convidados os moradores das proximidades para assistirem o escândalo. (Assinado) – Olho Vivo.

Resposta, no jornal do dia imediato, a *Olho Vivo*:

Gato escondido com o rabo de fora. Você é o Malaquias, que levou a lata da pequena e está por isso consumido de ciúmes. Meta-se comigo para ver com quantos paus se faz uma canoa. (Assinado) – Apanhei-te, Cavaquinho.

Em meio a tais larachas, anúncios das mazelas, as mais ásperas, as mais vergonhosas, escritas com todas as letras, obrigando, nas casas de famílias, as pobres crianças a fazer perguntas inconvenientes aos pais.

Por vezes, esses anúncios, espantam pelo imprevisto com que são estampados.

Havia um certo Oliveira, dono de uma loja de móveis, no centro da cidade, que anunciava suas camas e seus colchões de maneira tão torpe, propositadamente truncando vocábulos e pondo em destaque outros de incidente significação, que nem a título de documento podemos, aqui, repetir tais anúncios.

Esse patifão estrangeiro (Oliveira ou Ferreira) acabou sendo expulso do Brasil, mais tarde, não por causa de seus anúncios, mas, porque, um belo dia, à porta de sua casa de negócios, içou o Pavilhão brasileiro onde ele havia substituído a esfera com o lema *Ordem e Progresso* por um autêntico urinol...

Em qualquer parte do mundo um tipo desses seria recortado em pedacinhos. Aqui, apanhou apenas uns tabefes e foi obrigado, dentro de vinte e quatro horas após a constatação do infame caso, a embarcar, para o seu país de nascimento, em viagem de recreio. Quando rompe o século, ainda se fala muito na aventura do homem dos colchões.

Ao lado das grosserias e da desfaçatez de muitos desses anúncios, em compensação, por vezes, lê a gente, anúncios amáveis, como este: *Botinas Clark, das legítimas inglesas – por 16\$... (Dezesseis mil-réis!).* Ou então linhas saudosas como estas: *Casa. Aluga-se uma em Laranjeiras, 4 quartos, 2 salas, jardim e quintal. Quase nova. Preço: 85\$ (Oitenta e cinco mil-réis por mês!).*

.....

Capítulo 30

O Jornal do Comércio

O JORNAL DO COMÉRCIO, NA ALVORADA DO SÉCULO – SUA SITUAÇÃO NA IMPRENSA CARIOCA – SEU DIRETOR – REPÓRTERES E REDATORES PRINCIPAIS – VASCO ABREU E O BARÃO DO RIO BRANCO – UMA BARONESA COM TRINTA ANOS DE MAIS – O CAMARÃO É A GALINHA DO MAR – MOULIN ROUGE, PONTO DE REUNIÃO DA REPORTAGEM DE POLÍCIA – O ESPÍRITO DOS LITERATOS DE ENTÃO

CHAMAM ao *Jornal do Comércio* – “Vovô”, porque nasceu nos tempos do Sr. Pedro I e tem, quando começa o século, quase oitenta anos de idade. Caricaturam-no, como um velhinho curvo, de barbas brancas e de pau na mão. Quando em contendas com os seus colegas, estes chamam-no *caduco, velho tonto, gaiteiro*; descobrem-lhe reumatismos nas *Várias*, rugas na *Gazetilha* e, nos *A-pedidos*, flatulências senis... Em 1901 tem, exatamente, setenta e quatro anos. A verdade, porém, é que, se ele não possui a ligeireza da *Cidade do Rio* e a graça da *Gazeta de Notícias*, ainda está muito bem conservado para a sua idade e para o ambiente sisudo e conservador em que surgiu.

É impresso em grande formato. Espanta pela massa. Quanto ao resto, naturalmente, evoluído dos tempos em que discutia a “Questão

do ventre livre” ou a do “Imposto do vintém”. Lêem-no, atentos, os homens do comércio, da política, os funcionários públicos, os graduados da tropa, todos, enfim, buscando informes em primeira mão, discretos e garantidos. Até quem o não lê, assina-o, como os bons merceeiros, que vivem a emprestá-lo à freguesia, hábito muitíssimo do tempo.

Não há empresa jornalística mais prestigiosa, mais sólida, nem mais sisuda.

Funciona, o velho órgão, na Rua do Ouvidor, num prédio antigo que cheira a mofo e onde as ratazanas cruzam pelas pernas dos redatores, na hora do serviço.

A redação fica no sobrado, e, na loja, servida por muitas portas, a gerência, com o seu enormíssimo balcão mal envernizado de preto, surgindo de um assoalho bambo e um tanto carcomido pelos anos. A esse balcão, de quando em quando, assoma a amável figura do Botelho que, então, nem pensa que será, um dia, proprietário integral de empresa tão possante, um Botelho ainda sem barriga, sem comenda, de mangas arregaçadas, com a pronúncia de além-mar ainda muito carregada, informando, a desfazer-se em gestos e em sorrisos, que o Sr. Rodrigues não está; que o Sr. Rodrigues foi para Petrópolis, mas, que o Sr. Leitão ou o Sr. Tobias, no 1º andar, lhe fazem as vezes.

Não esquecer, falando na gerência, o Adão, o solícito e prestimoso Adão, que é, pelo tempo, um caixeiro tímido, magríssimo, mas já vivendo na auréola de simpatia em que envelheceu, sorrindo, procurando agradar, contentar, servir a todos...



Tobias Monteiro
Desenho de Marques Júnior

José Carlos Rodrigues, diretor do órgão importantíssimo, é uma figura de certa projeção mundana, homem inteligente, amaneirado, afável, senhor de uma linda biblioteca sobre coisas do Brasil e uma casa de morada que é um verdadeiro museu de coisas de arte. Dá a todos a impressão de um tipo esquivo, sempre envolto em mistérios. Com a própria gente do jornal não lida muito.

Quando chega ao seu gabinete, manda chamar o Tobias Monteiro. Conversa uns instantes, diz ao que vai e abala.

Tobias é o redator principal da famosa gazeta. Pena ágil e brilhante. Redator da primeira *Vária*, dos artigos de peso. Muito moço, ainda, veste com certo apuro, e é um *gentleman* que vive fazendo o giro dos salões cariocas, onde penetra (dizem) carregando Cupido pela mão.

Depois dele, na escala da importância, é que vem a figura simpática de um grande jornalista, o velho Joaquim Leitão. Há ainda o José Barbosa, português, ministro em Portugal, anos depois, quando surge a República; o Urbano Duarte, humorista de fama, pena irrequieta e alegre; Viridiano de Carvalho, Carlos Américo dos Santos, que faz crítica de arte; Rodrigues Barbosa, que é quem cuida de assuntos musicais; Júlio Barbosa, C. Ferreira, Juvenal Pacheco e o Vasco Abreu, tipo jovial, grande armador de *blagues*, fazendo versos satíricos a todos, e que não deixa em paz o Décio Coutinho, que é o cronista da Câmara:



Júlio Barbosa
Desenho de Marques Júnior

Oh! Décio! Acaba essa sessão na Câmara
Que é cacete, irritante e avacalhada,
Não vale isso o caroço de uma tâmara,
Dá um fim a essa terrível estopada,
Nem em Madagascar, nem em Trastâmara
Se atura já tão hórrida maçada,
Oh, Décio! Acaba essa sessão da Câmara,
Dá logo essa sessão por acabada!

No *Jornal do Comércio* existe ainda uma figura de grande projeção em todo o meio jornalístico, que é o Ernesto Sena, redator e velho repórter, vindo dos tempos em que os homens da reportagem nada mais eram senão uns simples portadores de notas, que os redatores de banca redigiam, dando-lhes, então, a forma de notícias.

A literatura histórica deve a Ernesto Sena umas achegas bem interessantes sobre coisas da cidade, por ele publicadas em vários livros. Um deles, o que se chama *Velho Comércio do Rio de Janeiro*, obra singela mas traçada com muita honestidade, documento interessante da vida carioca, ainda hoje serve a muito pesquisador de nossa História.



Ernesto Sena
Desenho de Marques Júnior

profissão. As grandes notícias oficiais, as de polpa, as que se escondem de todo mundo, referentes, sobretudo, à política externa do país, só ele as colhe e as faz publicar no *Jornal do Comércio*, que, por tão alto serviço, não lhe paga, entretanto, sequer um só real. É um tipo de ar solene, alto, calvo, gordo, simpático, de bigode já grisalho, vestindo com certo apuro e andando devagar. Chama-se José da Silva Paranhos, e é nosso ministro do Exterior...

Todas as noites, entre as nove e meia e dez horas, de sobrecasaca desabotoada, o *melon* ou a cartola *six reflets* um pouco de lado, arrastando o seu indefectível bengalão de biqueira de ferro, o Barão do Rio Branco sobe, pachorrentamente, as escadas do *Jornal do Comércio*, como as de uma repartição. É a sua hora de serviço. E de cavaco. Penetra no salão da folha cumprimentando a todos, a todos chamando, familiarmente, pelos nomes, risinho, afável, como um funcionário pontual que chegasse saudando os companheiros de labor. Depois, senta-se, põe-se a remexer os bolsos grávidos, sempre, de vasta papelada, arrancando notas de toda a parte, feitas umas a lápis, outras a pena; muitas, escritas no dorso de impressos de sua secretária, sobre envelopes e até pelas margens de documentos, que, depois, voltam para o Ministério.

Baldomero Carquejas e Fuentes, portugueses de nascimento, é outro repórter de grande coração. Baldomero, sendo, quiçá, um tanto original de maneiras, um pouco rude no trato, é, contudo, muitíssimo simpático, dentro, sempre, de uma eterna sobrecasaca de sarja preta, gordão, vermelho, muito envernizado de suor e a falar num sotaque alfacinha que, de tão carregado, por vezes, torna-se difícil compreendê-lo.

Há, ainda, um repórter inteligente, que é bom não esquecer pois muito honra a



José Carlos Rodrigues
Autor desconhecido

Quando ele se põe a trabalhar, ninguém lhe fala ou o perturba. Só um homem, na casa, tem audácia para tanto, o Alcides, contínuo, que, quando traz a bandeja do café, com estardalhaço, atira-a sobre a mesa, gritando, escandalosamente:

– Sr. Barão, o café!

Depois que entrega o que escreveu e dá por findo o “serviço”, ainda fica sentado, o ministro, conversando, desenhando sobre linguados de papel, croquis, caricaturas, cheio, sempre, do melhor bom humor...

Por uma noite de muito frio entra pela redação um rapazola, dentro de um sobretudo elegantíssimo, mostrando gola de Astracã.

– Quem é este sujeito? – indaga o Barão ao redator mais próximo.

– Otávio Fialho, da Agência Havas – dizem.

– Belo secretário para a Rússia – murmura rindo, o Barão, que jamais quis nomear para a carreira senão homens que, além de espírito, tivessem linha e certo apuro de figura.

Não o nomeia, mas o ministro a seguir, Lauro Müller, fazendo de Fialho um diplomata, dá-lhe como primeiro posto, por uma interessante coincidência, a capital da Rússia.

Tão grande é a camaradagem que se estabelece entre o velho ministro do Exterior e a gente da redação que, um dia, ousadamente, diz-lhe Vasco Abreu:

– Sr. Barão, olhe que há quem ande, por aí, a rosnar que V. Ex^a vive, em Petrópolis, a arrastar a asa à Baronesa de... – E diz-lhe o nome.

Pica-se o Barão com o desplante do Vasco.

Repoltreado, solene e muito sério, olhando de face o audacioso contador de novidades, responde-lhe severíssimo:

– Olhe, Sr. Vasco, há propósitos que me desagradam profundamente. Este que o Sr. acaba de enunciar é um deles. Arranje-me, o Sr., uma baronesa com uns trinta anos de menos, que eu já não protestarei, como protesto.



Américo dos Santos
Desenho de Marques Júnior

Vasco Abreu não desdenha as familiaridades do Barão, para as quais muita vez, audaciosamente, apela quando muito apertado seu serviço, que é o de redigir a parte relativa aos telegramas:

– V. Ex^a, que conhece tão bem a política européia, é que irá me traduzir e desenvolver este despacho do nosso correspondente especial, Sr. Barão...

E o Barão, solícito, logo, de pena em riste, num gesto muito seu de entortar a cabeça, escrevendo, a decifrar o imenso telegrama: *Como se sabe, o gabinete francês, derrubado há dois meses...*

Não se diga, no entanto, que de outra forma não se faz ele, o repórter sem vencimentos, pagar por tais serviços... Faz-se.

Quando sai do jornal, arranja, sempre, um redator ou um repórter para acompanhá-lo, porque não sabe andar só. Uma noite carrega com o Júlio Barbosa, casadinho de fresco, para tomar um café, no Brito. Tarde demais: o café está fechado.

Vão ao Java, idem. Ao Criterium... Enfim, certo guarda-noturno, querendo prestar um serviço ao ministro, sabendo que há no *Stadt München* um vigia, propõe-se a bater à porta do velho restaurante. Entram, Barão e Barbosa. O funcionário de guarda, interdito, medroso de recusar qualquer coisa a Rio Branco, acende, logo, as luzes do salão de comer. Já nada mais de quente existe para servir. São abundantes, porém, os frios, os *patés*... E começa uma ceia pantagruélica. Às quatro da manhã é que o ministro toma o café que epiloga a refeição supimpa, diante do pobre Júlio, derreado, tristíssimo, lembrando-se que ainda tem de o acompanhar a casa.

Come muito, o Barão, sempre comeu, demasiadamente. Doente, um dia, recebe ele, do médico, ordem para um severo regime dietético.

– E como carne, Sr. Barão, só a de galinha – diz-lhe este. – Só.

Passam-se uns dias e Esculápio, que surge no Itamarati, inesperadamente, e vê o Barão que se atraca a uma vastíssima travessa onde está uma enorme *omelette* de camarões, a devorá-la!



Joaquim Leitão
Desenho de Marques Júnior



Baldomero Carquejas
Desenho de Calixto

– Sr. Barão – berra o homem da medicina, ante o que vê –, se a V. Ex^a eu disse que em matéria de carnes só as de galinha! V. Ex^a a comer camarão!

– Ora, Sr. Dr., replica-lhe Rio Branco, rapando no fundo da travessa o último crustáceo da fritada –, pois se o camarão é a galinha do mar!

Em 1901 faz-se repórter de polícia, no jornal, Félix Pacheco, o jovem Félix da imponderada *Rosa-Cruz*, que impressionava, então, alarmando o estreito meio literário em que vivemos, com as suas gravatas estapafúrdias, as suas frases loucas e as suas atitudes escandalosas. Essa entrada para o “proyecto órgão” desola e espanta seus companheiros de cenáculo. Espera-se, porém, que a mocidade trepidante do poeta, que, cá fora, rebenta em iras contra toda a sorte de convencionalismo e tradições, em desafogos e rebeldia, não se acomode à forma burguesa e conservadora da sisuda gazeta, uma coisa que a mentalidade nova do cenáculo, violentamente, suscetibiliza e contunde.

O que se dá, entanto, é a conversão de Félix, que, aos poucos, vê minguar os arroubos febris da sua juventude, ao ponto de mais tarde ser inteiramente absorvido pelo ambiente onde se introduz.

Completa conversão. Fundador do Clube dos Celibatários, que então se cria, ousadamente, para combater a própria espécie, num apelo franco à esterilidade humana, a primeira coisa que Félix faz, pouco tempo depois, é casar-se. Apóstolo da idéia nefelibata, com que pretendia demolir formas arcaicas da nossa literatura, muda, ainda, outra vez, de certo modo, ligando-se ao grupo parnasiano.

Não fica aí, porém, o Félix, trânsfuga. Félix continua. Certa vez, surge diante de todos nós dentro de um elegantíssimo terno cortado no Raunier, num acinte sem nome ao paletó de alpaca do Nestor Vítor, e ao triste fraque marrom de Tibúrcio de Freitas, barbando nos debruns. O cenáculo vive exasperado. Félix desbota-se para a revolução e desbota-se tanto que, um dia, vemo-lo bater às portas do Instituto Histórico, depois às da Academia de Letras e ainda às da Política, por meio das quais chega a senador e a ministro de Estado!



Barbosa Rodrigues
Desenho de J. Carlos

No ano de 1901, Félix Pacheco ainda freqüenta o Antro, república de literatos onde pontificam: Carlos Dias Fernandes, Tibúrcio de Freitas, Saturnino Meireles e Nestor Vítor. De lá é que ele, Félix, sai, de alma alanceada e sucumbida, furioso com o prosaísmo da carreira, para trocar o soneto de Baudelaire pela descrição do incêndio da Camisaria Lopes, a estrofe de Mallarmé, ou a de Verlaine, pelas façanhas do *Manduca Calombo*, que mata, com três facadas, na festa do Espírito Santo de Maracanã, a decaída Maria da Conceição da Silva, vulga *Peito-de-ferro*..

A reportagem de polícia reúne-se, por essa época, no saguão do Moulin Rouge, invariavelmente, às 10 horas da noite, isso, antes de correr as zonas do Distrito, o que ela faz, depois, pelo telefone, que é ainda do governo.

Do grupo é, sempre, Félix, o último a chegar e dos primeiros a querer partir... Félix Pacheco é mau repórter. Não porque lhe falte inteligência ou essa intuição de pesquisa que, por vezes, transforma os homens em rafeiros da melhor raça, mas porque é de uma mentalidade avessa ao prosaísmo da vida. Lembrar que se trata do Félix da primeira fase.

Ainda não foi absorvido pelo novo meio em que quer fazer vida, ainda é o espírito demolidor que conspira, no Antro, contra a Academia e os homens da porta da Garnier, demagogo de gravata Lavallière, que usa botinas com meia-sola, berrando contra as “múmias” do Instituto Histórico, achando o Sr. Machado de Assis um cágado, sempre de punho erguido, sempre, contra as instituições conservadoras, achando “tudo isso por aí” errado e péssimo, da moral social ao governo do Sr. Manuel Ferraz de Campos Sales. Verdade é que todos nós fomos, pela época, pouco mais ou menos, assim...



Félix Pacheco
Desenho de Gil

.....

Capítulo 31

A Gazeta de Notícias

A GAZETA DE NOTÍCIAS, LOGO QUE ROMPE O SÉCULO – HENRIQUE CHAVES, SEU DIRETOR – UMA HISTÓRIA ONDE ENTRA A PESTE BUBÔNICA – REDATORES E REPÓRTERES DA FOLHA – AFONSO DE MONTAURY – REDATORES HONORÁRIOS – A RODA DA COLOMBO, NA GAZETA – BILAC, POETA HUMORÍSTICO – VIRIATO CORREIA E JOÃO DO RIO – TEMPOS DO *BINÓCULO*, DITADOR DAS ELEGÂNCIAS URBANAS E SUBURBANAS DA CIDADE

N

O PRIMEIRO ano do século, Ferreira de Araújo, a quem a *Gazeta de Notícias* tanto deve, já não mais existe. Quem está ao leme da direção é o Henrique Chaves, português de nascimento, meio *homme du monde*, meio boêmio, tipo simpático, amabilíssimo, dessorando sorrisos e bondades, o monóculo, às vezes, espetado ao canto de um olho brejeiro e terno, figura popular que os caricaturistas, de quando em quando, desenham pelos rodapés dos magazines ilustrados, sempre de ar risonho, a mão na boca, num gesto muito seu e muito antigo de mordiscar um falho e esfiapado bigode.

Quando escreve, molha a pena em água-de-rosas, porque não sabe, não quer, não pode atacar ninguém. Apenas, esse monstro de

doçuras e generosidade que escreve sem ser, no entanto, um jornalista de espantar, é verdugo para os seus revisores e tipógrafos, porque, a traçar os seus originais, traça-os sempre numa letra ainda pior que a do Alcindo Guanabara, que passa, nas redações, por ter a pior letra do século. O chefe da revisão vive a consultá-lo com frequência:

– Sr. Chaves, perdoe-me, mas não conseguimos entender estas palavras suas, para completar o sentido do período...

Chaves toma do original, leva-o aos olhos de míope, sorridente, na ânsia de desvendar aquilo que escreveu. Nada, porém, consegue.

A figura central da redação é o Carlo Parlagreco, italiano de origem, pequeno e magro, uma barbela à Cristo debruando-lhe o rosto moreno e seco, sólida cultura. Solidíssima. Lindas maneiras e um ilibadíssimo caráter. Escreve corretamente o idioma nosso, apesar de falar com uma prosódia estrangeirada e horrível. Veio ao Brasil contratado pelo nosso Governo para servir de professor de História de Arte, matéria em que se notabilizou no seu país. O movimento nacionalista, que então açula a mocidade, quando ele aqui chega, é que impede a execução do contrato feito pelo Estado, os alunos abandonando as aulas do grande mestre, dispostos a só receberem lições de professores brasileiros. Esse incidente, porém, dele não faz, como era de esperar, um inimigo nosso. Muito pelo contrário.

Redator-chefe da *Gazeta*, é ele, ao mesmo tempo, o mais ativo dos seus repórteres. Faz a ronda diária dos ministérios, da Câmara e do Senado, de onde volta, sempre, pejado de notícias.

Ora, certa vez, indo ele ao gabinete do Dr. Nuno de Andrade, diretor da Saúde, mostra-lhe este, em forma de relatório, uma notícia histórica sobre o surto da peste bubônica, aqui trazida por imigrantes, em um navio português.

Chegado à *Gazeta*, dentro do mais rigoroso critério e da ética imposta pelas circunstâncias que fazem da velha folha um jornal dependente do comércio lusitano, escreve o informe que colheu, sem pensar, no entanto, na grita que declarações tão simples e naturais iriam provocar. Quando a nova, já impressa, se divulga, os protestos irrompem furiosos. Para as bandas da Rua Primeiro de Março, São Pedro e General Câmara, há fogueiras queimando números da *Gazeta*, e, em frente ao edifício da redação, à Rua do Ouvidor, ulula toda uma multidão, de punhos cerrados,

reclamando para o articulista da nota, que é tida por desprimorosa, as fogueiras de um auto-de-fé.

Desgosta-se Parlagreco com o ocorrido. Demite-se do jornal, que perde, além das luzes do seu talento, o que para ela ainda é pior, todos os anúncios portugueses.

Fazem parte da redação, entre redatores de primeira linha: Maximiano Serzedelo, grande conhecedor da cozinha da folha, Oliveira e Silva, jornalista com tendências clericais, mas escrevendo muito bem; Luís de Castro, crítico musical de grande fama, entusiasta da música alemã e a quem se deve a iniciativa de trazer ao Brasil uma companhia especialmente organizada para cantar as óperas de Wagner, estreada no Lírico, provocando enormíssimo sucesso; João Chaves, o velhinho, muito amigo de Artur Azevedo e com certa história íntima valendo por um romance de aventuras, comentadíssimo por todos, nesse começo de século... Meio redator, meio repórter, é Renato de Castro, rapazola pequeno, nervoso, ágil, de frase cataduposa e brilhante, que em toda a parte está, sempre, a discutir, a brigar. É verdade que o rolo é do tempo, o caso, porém, é que Renato leva, em demasia, a sério, não só o tempo, como o rolo. Na questão Parlagreco defende os vendedores da *Gazeta*, de cacete na mão, malhando os armadores de fogueiras, pelas ruas.

No corpo de repórteres, grande repórter é o Afonso de Montaury, mais repórter que escritor, o lindo Afonso de Montaury, sempre elegantíssimo, insinuantíssimo, amigo de noitadas, de champanhadas e de bilontragens depois da meia-noite. Falta, por isso, muito, ao seu trabalho. Certa vez, encontra na caixa destinada a sua correspondência, no jornal, uma carta que o impressiona deveras. É um largo envelope onde, em excelente caligrafia, o seu nome aparatosamente se estende: Il^{mo} e Ex^{mo} Sr. Afonso Montaury, nesta folha.

Adivinha, logo, o repórter, pela cor do envelope o conteúdo do mesmo. Na *Gazeta*, sempre que a gerência demite qualquer funcionário, manda-lhe um envelope assim. Não se dá, entretanto, por achado. Mete-o no bolso do seu lindo fraque cortado no Raunier e, à noite, vai ao Clube dos Políticos, na Praça Tiradentes, onde sabe que há de encontrar o diretor, Henrique Chaves. Encontra-o. Exibe-lhe a sobrecarta e, entre risonho e afável, diz-lhe com a maior das naturalidades, assim, de

improviso: – Eu hoje, à tarde, na *Gazeta*, recebi este exótico envelope que me enviou a Gerência. Deixei-o fechadinho como está...



João Lopes Chaves
Desenho de Marques Júnior

– Ah! – faz-lhe Chaves, já ciente do conteúdo do mesmo.

– Não o abri, porque desejo devolvê-lo com esta declaração que aqui tracei e está à espera, apenas, da sua amável assinatura... – E mostra, para que ele leia, as linhas que escrevera numa caligrafia ainda melhor que a feita pelos homens da Gerência:

Fica o conteúdo desta sobrecarta sem o menor efeito, considerando os bons serviços do funcionário.

Chaves, que é um sentimental e um bom, sorri da audácia do seu repórter, sorri e, tomando de suas mãos o envelope, pede caneta e tinta, nele metendo, sem a menor relutância, a desejada assinatura.

Da reportagem ainda fazem parte: Luís Silva, o *Pipote*, Castro Viana, que, quando a *Light* começa a trabalhar no Brasil, obtém logo um excelente lugar, abandonando, de vez, o jornalismo, e Henrique Guimarães, mais tarde conselheiro municipal, isso para citar só os mais conhecidos nesse tempo.

Conta, a *Gazeta*, com um grande número de redatores gratuitos, os famosos “amigos da casa”, gente que não vive das casquinhas que a imprensa paga, então, a quem para ela trabalha, criaturas de outras profissões, abonadas, revelando, contudo, apreciáveis dotes jornalísticos. Parlagreco, que é uma grande competência em matéria de arte, por exemplo, aceita, rubrica e manda, sempre, publicar o que lhe traz o João Lopes Chaves, homem de solidíssima cultura e que é, afinal, quem acaba dirigindo o pensamento artístico do jornal, quando Parlagreco o abandona. Esse João Lopes Chaves, íntimo



Henrique Chaves
Autor desconhecido

de Joaquim Murтинho, de Pereira Passos, Bernardino de Campos e dos grandes paredros da época, é o que escreve, ainda, artigos de fundo, sólidos artigos, sobre matéria de economia e de finanças, matéria que profundamente conhece. Outro, no gênero, que escreve bem, autor de notáveis editoriais referentes à lavoura, assunto de sua particular especialidade, é o tenente J. Penha, que, por vezes, chega a fixar, nas linhas que publica, a orientação da própria folha.

O grande brilho da *Gazeta*, jornal de elite, é dado, porém, pelos seus redatores literários. Olavo Bilac é quem traça a crônica dos domingos, onde lampeja a mais leve e dourada fantasia; Pedro Rabelo, o que dirige em 1901 a “Casa de Doidos”, seção humorística; Guimarães Passos escreve sueltos; Coelho Neto, folhetins sensacionais; Emílio de Meneses borda, sobre a perna, álacres perversidades, em prosa e verso. É toda a estouvada roda da Colombo, como se vê, em torneios de espírito, a fabricar as lantejoulas do jornal.

Diz-se que das folhas do tempo, exceção feita do *Correio da Manhã*, a *Gazeta* é a que paga melhor. Um seu repórter ganha de 160\$ a 200\$, um redator de 280\$ a 400\$, um secretário ou redator-chefe de 500\$ a 700\$000.

O grande Bilac não ganha senão 50\$ por crônica, porém, com a sua verve, tira três vezes mais do que isso, por semana. A época é a do reclame em verso, mas do bom e espirituoso verso, como só ele sabe fazer. Paga-se por uma quadra, em geral, quando bem-feita, 20 e 30 mil-réis. Por algumas, porém, chega Bilac a receber muito mais. Cem mil-réis pagaram-lhe os industriais dos Fósforos Brillante por esta:

Aviso a quem é fumante:
Tanto o príncipe de Gales,
Como o Dr. Campos Sales,
Usam Fósforos Brillante.

Certa vez, o fotógrafo Leterre pede-lhe uma quadra, mas, explica: para ser publicada com a própria assinatura do poeta. Bilac escreve a quadra, que outra não é senão esta:



Olavo Bilac
Desenho de J. Carlos

Que em sagrado não se enterre
Quem não tiver, hoje em dia,
A sua fotografia
Feita na Casa Leterre...

e manda, como conta, ao fotógrafo, isto:

Por uma quadra reclame..... 30\$000
Por uma assinatura do poeta Olavo Bilac,
na mesma quadra, a ser publicada..... 200:0000\$000
200:030\$000



Machado de Assis

Leterre não aceita a fatura enviada. Manda cinquenta mil-réis ao poeta e contenta-se com a quadra sem assinatura.

Júlio Ottoni, interessado na indústria da Vela Brasileira, vive a encomendar reclames em versos, que a *Gazeta* publica constantemente:

Disse-me ontem o Sousa Bastos
Vendo a luz do gás banzeira:
– Quem quer luz e não quer gastos
Use a Vela Brasileira.

Coelho Neto, Pedro Rabelo e Guimarães Passos secundam o grande poeta nessa indústria rendosa. A graça moça e original de Bastos Tigre ainda é pouco conhecida. Tigre, contudo, já é um grande poeta satírico, de nome e fama mas só entre a mocidade que com ele frequenta as aulas da Escola Politécnica. Passa por ser dele esta quadrinha de cínico reclame:

Quem capricha na *toilette*
Diz sempre, mesmo em jejum:
Tesoura? A do Simonetti,
Ourives, 51



Viriato Correia
Desenho de Marques Júnior

Paulo Barreto, cronista maravilhoso, que a cidade, mais tarde, ama e con-

sagra, criador de reportagens sensacionais, como as das *Religiões do Rio*, que transformam por completo a feição rotineira da *Gazeta*, ainda não se revelou. Já faz parte, porém, da redação, onde escreve a crônica dos teatros, ao lado de Viriato Correia, que chegou do Recife a fim de bacharelar-se aqui.

A folha ainda não atingiu a fase brilhante que obtém, mais tarde, com a publicação do “Binóculo”, crônica diária de elegância e *chic*, novidade redigida por Figueiredo Pimentel e que alcança grande sucesso. De Figueiredo Pimentel não se pode dizer que seja um tipo muito indicado para garantir tal êxito. Meio boêmio, até sem grandes apuros de *toilette*, dele não se dirá que é um grande freqüentador e muito menos um conhecedor aprofundado dos meandros do nosso meio social; contudo, graças à sua penetrante inteligência, dá, satisfatoriamente, conta de seu recado. Começa por elegantizar-se a si próprio, trocando a tesoura de uma modesta alfaiataria, no Méier, que é a que lhe corta as roupas, pela do Almeida Rabelo, grande alfaiate, à Rua do Ouvidor, calçando no Incroyable, mandando fazer camisas na Casa Coulon, trocando o seu jantar colonial das cinco horas por cordialíssimos *five-o-clock-tea* em Botafogo e nas Laranjeiras, entre cavalheiros de bom-tom e senhoras de espírito...

O “Binóculo” faz época. É a bíblia das elegâncias da terra. Não há quem o não leia. A elite devora-o. É nesse plano de prosa que o Dr. Ataulfo de Paiva vai aprender a melhor maneira de colocar a cartola na cabeça; onde o Sr. Humberto Gottuzzo toma conhecimento da cor da moda para as suas gravatas, a *plastron*, e onde os *smarts* urbanos e suburbanos aprendem, a propósito de elegância e de chique, coisas edificantes. A maneira *up-to-date* de cumprimentar à Príncipe de Gales, por exemplo, que corre, então, pelo mundo e que nisto, pouco mais ou menos, se resume: o cavalheiro estende à dama, ou a outro cavalheiro, a mão, avançando, apenas, o antebraço, o cotovelo pregado nas costelas, inclinando o dorso para o lado direito, os dedos postos em gancho sobre os dedos da-



Maximiano Serzedelo

quele que saúda, o qual recebe, após o singular manejo, uma sacudidela violenta, exótico sinal de cordialidade que os caricaturistas do tempo fixam em *charges* deliciosas...

.....

Capítulo 32

O País

O PAÍS NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO – QUINTINO BOCAIÚVA, SEU MENTOR – MORTE DE MANUEL COTA E ENTRADA DE JOÃO LAJE PARA A FOLHA – QUEM ERA JOÃO LAJE – PROCESSOS JORNALÍSTICOS DE UMA ÉPOCA – O CASO DA PRATA – O GRANDE AMOR DE LAJE PELO BRASIL – HISTÓRIA DE UM HOMEM DE CARTOLA – OS CHARUTOS DE JOÃO BARBOSA – ARTUR AZEVEDO E SUA POPULARIDADE

JUNTO ao pardieiro onde se instala o *Jornal do Comércio* fica o pardieiro do “O”, que é como se chama, então, o *O País*, casarão velho, sombrio, a pedir, como o seu companheiro de lado, a esmola de uma boa picareta, a graça de um desabamento, ou, então, um incêndio providencial. Em cima está a redação. Embaixo, a loja da gerência, com o seu longo balcão, as mesas da contabilidade e umas quatro ou cinco portas abrindo para a rua. Aquele sujeito que, por uma delas, vem saindo, agora, hirto, solene e seco, de cabeleira branca a tufar de um chapéu mole e amplo, trajando sobrecasaca apertadíssima, nas mãos um par de luvas pretas, é o Sr. Quintino Bocaiúva, figura de proa do jornalismo brasileiro, e mentor do jornal. Vai rumo ao Cais Pharoux,

tomar a sua barca. Mora em Niterói. Que do Estado do Rio é ele, há algum tempo, governador eleito, reconhecido e empossado. Vem à redação muito pouco, o que não impede, entanto, de com ela viver no mais íntimo contato, um estafeta de Palácio servindo de agente de ligação entre a curul presidencial da Praia Grande e a empresa da Rua do Ouvidor, que vive a receber, diariamente, sueltos, comentários, sugestões, escritos pela mão do Mestre ou pela de seus secretários, carniça viva e succulenta para o editorial, sempre muito bem informado em coisas do Governo.

Quando morre Manuel Cota, João de Sousa Laje entra para a *Gazeta* pela mão de Sebastião de Pinho, grande capitalista, grande homem de negócios, isso, por uma época em que a folha estremece sob a lufada de uma terrível crise financeira. E entra, Laje, por onde pretendia entrar – pela gerência, a ombradas, derrubando chefes de serviço, sacrificando companheiros, despedindo empregados...

De gerente passa, dentro em pouco, a diretor. Mais algum tempo corre e vamos encontrá-lo dono integral da grande empresa.

No seu gabinete de trabalho, afundado num *maple* magnífico, na boca larga e funda o melhor dos charutos, é um príncipe indiano, um marajá, mas sem turbante... à mostra a careca ovóide, enorme e lisa, atirando lampejos holofóticos à luz dos bicos Auer.

– Careca obscena! – grita-lhe, alguém, de um jornal, com muito espírito e ainda maior propósito. Fica a cidade inteira, ante a frase sutil, curiosa e interessada, a indagar: – Obscena, por quê?



Artur Azevedo
Desenho de Marques Júnior



Jovino Aires
Desenho de Marques Júnior



Lindolfo Azevedo
Desenho de Marques Júnior

Baixo, menos magro que gordo, tem um ventrezinho já começando a tufar, sempre forrado de coletes brancos. É feio, porém veste com certo apuro, os alfaiates de fama procurando suprir-lhe, em ternos de bom corte e de melhor fazenda, a elegância natural que sempre lhe faltou.

Na orientação da folha, Laje, amigo incondicional de todos os governos, serve-os com diligência e com agrado. Dá, de uma banda, e de outra banda tira... É o *dá cá, toma lá*. Usa porém de processos inéditos para melhor vazar a teta do Tesouro. Sabe-se, por exemplo, que em casa de certo político, forte jogador de *poker*, de quando em quando, perde somas enormes: cem, cento e cinqüenta, duzentos contos-de-réis... Por que a má-sorte o desajuda? Nada disso. Perde, porque quer. Perde para, depois, ganhar... Estratégia de homem esperto. Velhacaria refinada... Que, uns dias após o gesto voluntário, procurado, consciente, vai ele ao que ganhou no jogo, ao parceiro feliz, e sem lhe recordar o desastre, com lábia, pede-lhe, então, choramingando, a ajudazinha de um negócio de polpa...

Está-se a ver que o homem não perde o tempo.

Os cofres públicos arreganham-se aí, para servir ao pedinçã. Perdeu, dando, ao parceiro, duzentos contos? Pois vai levar seiscentos, oitocentos ou mil. E se lhe parece pouco, Laje recomeça. E tome mais poquerzinho, e outro negociozinho...

Para isso, vivem políticos aflitos, solicitando-o para *pokers*, em família. E ele a vender-se caro...

Um dia Edmundo Bittencourt, descobrindo-lhe o ardil e as maroteiras, segura-o pela gola do casaco:

– Então, que modos são esses, seu mariola? Que sem-cerimônia é essa?

Laje debate-se, estrebucha, põe-se a berrar que é vítima da maior das injustiças, que tudo quanto sobre ele se diz é escarrada mentira. Mostra-se como um santo varão, como um homem de bem, pingando honestidade e amor ao Brasil.

– Podem os cães ladrar às minhas pernas – chega a escrever no *O País*, pois tenho canelas de aço!

Resposta do *Correio*:

– É isso mesmo! Está certo! Canela de aço e *pé-de-cabra*...

Emílio de Meneses, que o traz atravessado na garganta, escreve, aí, esta quadrinha que fica:

Quando ele se achar sozinho,
Da treva, na escuridão,
Surrupiará de mansinho
Os dourados do caixão...

Há uma negociata gorda, gordíssima, e, a meio a muitas outras, em que entram uns sessenta mil contos, em prata, prata essa que, ao invés de ser cunhada, aqui, em nossa casa da Moeda, vai ser cunhada fora, na Alemanha, só para favorecer o marotinho...

O poviléu, nesse dia, levanta-se. Vai a *O País*, e apedreja-o, gritando: – Viva Edmundo Bittencourt! Morra o João Gazua! – Não ficam, porém, aí, o desafogo e a revindita da patulêia desabrida. Pelas praças e ruas da cidade cruza um féretro simbólico. É o *enterro* escandaloso do tratante. Laje, impressionado com o movimento popular, assusta-se, estremece, e, meditando, põe-se a aparar as unhas. Como as unhas, porém, lembrem, bastante, as árvores, que quanto mais podadas, mais crescidas, vive Edmundo, da sacada do *Correio da Manhã*, de binóculo em punho, posto na direção do *O País*, atentamente, a ver como elas crescem. Parece, daí, datar o vezo astuto que o homem mostra, tal o de sempre andar com as mãos no bolso. Parece. Exatamente, não se sabe.

Contudo, João de Sousa Laje (e agora é o lado bom do malandrim, que se vai constatar) vive provando, a cada passo, sinceramente, o seu amor pelo Brasil. E provas sobejas dá, dessa sinceridade, não se naturalizando brasileiro. E explicando aos políticos porque:

– Tenho medo que vocês me façam, um dia, senador pela República...

Na secretaria da folha está o Jovino Aires, tipo alegre, brilhante, criatura de muito bom humor e melhor verve. O espírito esfuziante e sutil desse Jovino Aires!

Está ele sentado, um dia, à mesa de trabalho, fazendo o seu plantão de secretário, entre a vasta e profusa papelada, quando vê, diante de si, a figura arrogante e balofa de um desses gordurosos mandarins do comércio do tempo, grosso medalhão de brilhantes a lhe pender da

áurea cadeia do relógio, sobranceiras ramudas, ar de capitão-mor, olho duro e voz grossa. Traz, enterrada na cabeça, o tipo, uma solene e felpu-díssima cartola.

– Deseja, o meu amigo, alguma coisa? – indaga, blandicioso, o Aires, reparando no desplante do grosseirão que, dentro de uma sala, guarda o chapéu metido até a linha roxa das orelhas, quase a tocar-lhe as dobras do cachaço.

– Desejo, claro, que me estampem, na folha, isto!

E atira-lhe um papel onde se lê, escrita em maus garranchos, uma notícia assim: *Aniversário. Faz anos, amanhã, a senhora D. Maria de Tal, esposa virtuosíssima do muito honrado negociante desta praça, comendador Beltrano de Tal...*

– Muito bem! – murmura o secretário, com bonomia, desculpando, do sujeito entonado, a arrogância maciça, o olho de capitão-mor e até a soleníssima cartola, como que encastoada na cabeça. E vai meter, no papelucho, de acordo com as exigências do serviço, a retranca e a rubrica, quando o indivíduo, que engrossou a voz, pergunta-lhe de chofre:

– E quanto irei eu pagar por essa brincadeira?

Jovino, que vê, nesse momento, o gesto que o homem faz, tal o de arrancar do bolso uma carteira, muito calmo, após ter enrolado um cigarro de palha, acende-o e diz-lhe, mas a sério e muito amavelmente:

– Assim, com esse seu ar de mata-mouros, e, sobretudo, com esse chapéu que o Sr. traz todo enterrado na cabeça, a notícia custar-lhe-á, caro amigo, trinta contos de réis. Não posso fazer por menos...

Na redação escrevem, ainda: Zeferino Costa, Gastão Bousquet, homem de letras, autor dramático, belo e vibrante jornalista, João Andréia, muito enfronhado em questões econômicas, Oscar Guanabara, crítico musical, Félix Bocaiúva, poeta, boêmio de marca e nome, Lidolfo Azevedo, Teófilo Barbosa, Eduardo Salamonde, Urbano Duarte e Belarmino Carnei-



Quintino Bocaiúva
Desenho de J. Carlos

ro. Entre os repórteres estão: Jarbas de Carvalho, já com o seu perfil nazarino, a sua grande distinção pessoal, Carvalho Gomes da Silva, Gustavo de Lacerda, Sena (Seninha), irmão de Ernesto Sena, do *Jornal do Comércio*, Virgílio de Sá Pereira, Mário Cardoso e Artur Guaraná.

Figura de bela projeção é a do João Barbosa, que algum tempo depois iremos encontrar secretariando a folha, pé-de-boi no serviço, uma alma encantadora, que tem em cada companheiro um amigo sincero, enternecido e dedicado.

É quem substitui Jovino, quando deixa a folha. Como secretário, excede-se tanto no cumprimento de sua obrigação que, a bem dizer, mora no jornal. Aí almoça, janta e, muitas vezes, dorme. Alto, a pele tisonada, vesgo, afetuoso, alegre, é um soldado alemão na disciplina. Metódico. Pautado. Tudo que faz é com escrupulosa ordem e em programa imutável. Manda buscar o seu almoço ao meio-dia, em ponto. Às 7, sem passar um só minuto, janta. Não muda nunca de *menu*, nem de pensão. Tem horror a mudar. O Dionísio, contínuo, recebe para essas refeições, duas vezes por dia, três mil-réis.

Já sabe – dois mil e quinhentos para a marmita da comida, quinhentos réis para comprar um *bom charuto*. Um bom charuto!



João Laje
Desenho de Renato

Come, João, em sua própria mesa de trabalho, atendendo ao telefone, ouvindo reclamantes que chegam, distribuindo serviço aos repórteres. Está mastigando e está de olho no relógio. Come em dez minutos. Depois, levanta-se, acende o seu *bom charuto* e vai trancar-se, ao fundo, num salãozinho onde existe um sofá, aí ficando até a última fumaça. É a sua hora de paz e beatitude. Vinte minutos de recolhimento, no máximo. E não há quem não respeite, do secretário, esses instantes inocentes de descanso, de enle-

vo e distração.

– Que marca de charutos fumas, oh, João? – alguém lhe pergunta, um dia.

– Não sei – responde – o Dionísio é quem sabe. Não são maus...

Ora, o contínuo matreiro, certa vez, falando a Jarbas de Carvalho, que lhe descobre, dentro do bolso do casaco, um enorme pacote com mais de dez charutos, é que revela a marca dos que fuma o nosso João Barbosa.

Cômica e singular revelação.

Fala o Dionísio:

– Quando eu deixo *O País* para buscar o almoço ou o jantar do Sr. Barbosa, dá-me ele, sempre, com o dinheiro da comida, para comprar *um bom charuto*, cinco tostões. Não entende de marcas. Em qualquer charuteiro que entre, entanto, com esse dinheiro, compro invariavelmente, não um, mas três charutos – dois de duzentos réis e mais um de cem réis.

– Três?

– Exatamente...

E, rindo, a pedir a discrição de Jarbas:

– Guardo, porém, os dois, de duzentos réis, para mim e dou-lhe o de cem réis, que é o que ele fuma...

Quando o Jarbas de Carvalho, tempos depois, revela a João Barbosa a intrujice do contínuo, João, displicente, não toma a sério a história que ouve:

– *Blagues* do Dionísio, Sr. Jarbas, *blagues*, o Dionísio é um honradíssimo sujeito.

O lindo coração do João Barbosa!

Grande colaborador do *O País* é Artur Azevedo. Não se conhece, pelo tempo, cronista mais lido, mais popular. Pode ser que, pela imprensa, outros de maior brilho e mais talento existam. E existem, com certeza. Essa popularidade, porém, que decide do sucesso da venda avulsa de um jornal, só Artur a possui, como ninguém. Dois fatores explicam o seu grande prestígio sobre as camadas populares: a indiferença que sempre revelou pela política, em primeiro lugar; depois, um verdadeiro culto à simplicidade. Não procura fazer literatura no que traça, mas, simplesmente, jornalismo. Escreve com clareza. E como tenha

muito talento e muita graça, o que ele compõe avulta, sempre, impressiona e garante sucesso.



Oscar Guanabara
Desenho de Marques Júnior



Jarbas de Carvalho
Desenho de Marques Júnior

Já não é muito moço. Sua reputação literária vem dos tempos da anquinha, do *puff*, das calças boca-de-sino e do colarinho de cancela. Alto, gordo, o ventre largo e saliente, em carrinho de mão, crespa cabeleira premida sob um chapéu muito largo e desabado, usa um enorme *pince-nez* de tartaruga que se lhe dependura do nariz, um nariz pequenino e um tanto arrebitado. Silhueta, que fica entre a de um *rapin* de Montmartre e a de um nosso amanuense de secretaria.

Escreve diariamente as suas seções imensamente lidas – uma, a “Palestra”, palmo de prosa leve e sempre interessante, e um comentário, em verso, dos acontecimentos da véspera e assinado – *Gavroche*.

Com a inauguração da Avenida, muda *O País* de casa, porém não muda de feitio, e até desaparecer, mais tarde, pela Revolução de 30, num pavoroso incêndio, conserva-se no que é.

.....

Capítulo 33

O Jornal do Brasil

O *JORNAL DO BRASIL* - SEU PRESTÍGIO NAS MASSAS POPULARES - TEMPLO A MARTE - RECORDAÇÕES DA GUARDA NACIONAL - O CORONEL FERNANDO MENDES DE ALMEIDA - OUTROS CORONÉIS - FIGURAS DA REDAÇÃO - AGENOR DE CARVOLIVA E SUAS DESOPILANTES HISTÓRIAS - O JORNAL, NA ALVORADA DO SÉCULO - SEU DEVOTAMENTO AO PÚBLICO - SUAS INOVAÇÕES - SEUS SUCESSOS - A "ARANHA LUMINOSA" E A HISTÓRIA DO "HOMEM QUE ESPOREOU A PRÓPRIA MÃE E VIROU BICHO CABELUDO" - O EDIFÍCIO DA POPULAR GAZETA, NA AVENIDA

O

PRESTÍGIO do *Jornal do Brasil* sobre as camadas populares já é um fato que não se contesta, pela alvorada do século. E tanto que o chamam o *popularíssimo*. "Jornal do povo para o povo." Sua redação, bem como a vasta maquinaria de sua esplêndida oficina, ficam à Rua Gonçalves Dias, num prédio de dois andares, vizinho àquele em que se instala a Associação dos Empregados no Comércio. Diretores: Fernando Mendes e Cândido Mendes, irmãos de sangue porém não de idéias, uma vez que mantêm credos diferentes em questão de política - Cândido,

inveterado monarquista, Fernando, pertinaz republicano. Lembrar que na revolta da Armada, em 93, Fernando Mendes foi o comandante-em-chefe da Guarda Nacional, a *briosa*, milícia patriótica, decaída, depois, e desaparecida, por completo, mais tarde, com a lei que se conhece por lei do sorteio militar.

No começo do século a briosa é uma legião de grande nome, mas de expressão apenas decorativa, animando as verbas do Ministério da Justiça, do qual sempre dependeu, bem como a prosperidade de uns tantos algibebees militares. É talhada à feição das milícias antigas da colônia, quando o Governo da Metrópole explorava a vaidade dos filhos do país para melhor chupar-lhes o sangue e devorar-lhes a carne. Mel para beijos. Mercês vãs, honrarias...

Num país pobre de títulos honoríficos, por uma época além disso, em que a Constituição proíbe ao brasileiro aceitar e exhibir penduricalhos estrangeiros, os postos de oficial da Guarda, concedidos sem critério de escolha, ao protegido da política, valem por uma cobiçada prenda, muito principalmente para o alarve, que morre na ostentação de se mostrar aos outros mais conspícuo. De tal sorte os galões da briosa se cobiçam e se pedincham, que o Governo vive a criá-los a torto e a direito, sem cessar, para os distribuir. Possui por isso, a Guarda, uma oficialidade excedendo, no número, a existente nos quadros nacionais do exército da Rússia, que passa por ser, então, o maior dos exércitos do mundo. Soldados, poucos. Felizmente, essa legião de guerreiros pacíficos não forma sempre. Lá uma vez ou outra é que se agrupa em parcos batalhões, por dias de gala nacional, quando há revista militar e desfile de tropas, pelas ruas.

Para realizar, porém, esse desfile e apresentar algumas praças, vê-se obrigada a usar, a legião, de expedientes anômalos, violentos, como se verá.

Há revista marcada para os festejos do 15 de Novembro? Reúne-se, por isso, o comando supremo da Guarda Nacional. Em 1901 o comandante-em-chefe não é mais Fernando Mendes, porém um general do Exército, o general Leite de Castro. Reunião *pro forma*, porque, para conseguir a massa de soldados que a Guarda não possui, aplica-se um processo gasto e antigo, tão antigo como as falhas lamentáveis dessa corporação de comandantes sem comandados e que outro não é senão

este: com a conivência da polícia forma-se um núcleo de recrutadores, que vai arrebanhando, pelas ruas, principalmente nas dos arrabaldes, um ou dois dias antes do marcado para a anunciada revista, por entre o poviléu, o incauto pé-rapado, o operário, o criado-de-servir, de envolta com vagabundos de toda sorte, flor da ralé, massa tenebrosa e desprezível, que, escoltada, depois, caminha para postos onde recebe, com equipamento bélico, instrução imediata, muito ligeira, aliás, breves indicações, apenas, sobre a conduta com que há de se manter em forma, o modo de colocar, no ombro, a carabina, marchar... Essas arrepanhas fazem-se, geralmente, à noitinha, sob a luz frouxa e amarelada dos combustores, a gás. É o salve-se quem puder! Muitas vezes, tais recrutamentos se transformam em farsas hilariantes. Certa ocasião, por exemplo, um corpo de recrutadores colhe em suas malhas um diplomata japonês vivendo na Argentina, que, de passagem pelo Rio, vaga a desoras, por longínquo recanto da cidade, sendo tomados os protestos do homem, feitos em língua oriental, por mera velhacaria ou por disfarce do que se finge de estrangeiro só para não formar, como soldado, no dia da revista... Heráclito de Campos, atualmente, chefe das oficinas do *Correio da Manhã*, oficial da mesma Guarda e oficial antigo, vê-se, uma vez, com enorme surpresa, recrutado e, o que é melhor, por recrutadores todos do batalhão onde ele serve.

Não ficam somente aí as originalidades da espantosa milícia. À Rua da Quitanda existe um quartel de cavalaria que funciona no segundo andar de um prédio de aluguel. Os oficiais, porém, todos eles, usam longuíssimos chicotes, espadas, das de cair, enormes e bulhentas espadas que se arrastam com entono e com empáfia por sobre as pedras duras do calçamento da cidade, botas de montar, armadas com tremendíssimas esporas... Formam grupos espessos e vozeirudos, esses oficiais, tomando a linha da calçada, à porta do *quartel*, obrigando as senhoras, que por aí transitam, a afastarem-se, cautelosamente. Explique-se por quê. É que as saias, pelo tempo, exageradamente longas e largas, podem sofrer o insulto dos esporões metálicos dessa oficialidade descavalgada, terríveis esporões, flebeliformes, perigosos até para o oficial que não caminhe, a conduzi-los, com cuidado, de outro modo podendo até esporear-se a si próprio.

Diga-se de passagem: nos dias de revista, essa cavalaria de sobrado, naturalmente, por falta de cavalos, irrecrutáveis na cidade, deixa de formar. Não forma, outrossim, a artilharia, essa por falta de canhões. Os oficiais de tais armas, porém, dentro de alucinantes uniformes de gala, uniformes cobertos de ouro e de cores berrantes, um infalível penacho de pluma a flutuar nos quepes coloridos, em meio à multidão que vê passar a tropa, são atentos e fiéis espectadores, eretos, senhoris, em atitudes mavórticas, o peito armado em pomba rola, a petulante bigodeira em linha longitudinal, penteada à Kaiser, mostrando-se, exibindo-se...

Na revista, somente a infantaria forma.

E por sinal que forma muito mal. Antes não formasse. Massa desarrumada e dispar – infantes malpostos, mal-ajambrados, sem o menor *aplomb* ou *donaire*, uns sumindo-se nas dobras de blusões panejados de mais, asfixiando-se, outros, dentro de dólmas apertadíssimos, em meio à gente que traz as calças pela altura da canela, de tão curtas, ou que as mostra sanfonadas, de tão compridas, homens que pigarreiam furiosos, que bufam contrariados, fingindo que não escutam as vozes de comando, em tácito protesto

contra a violência inominável que os obriga a marchar. Aqui, passa um pardavasco de ar arrogante e gaforinha em aríete, boné posto de banda, em marchazinha miúda e saracoteada, o traseiro tufado pela sobra da túnica, em conflito com a massa das bombachas, a cintura de couro buscando as pernas, caída ao peso do espadão enorme. Ali, um negro que nunca usou botinas, louco de dor nos pés, em passinhos aflitos, como que a equilibrar-se em ovos. Lá uma vez ou outra é que se observa um tipo que aceita a situação em que o colocam, buscando tirar dela algum partido, disposto a revelar porte, maneiras e atitudes marciais. É o que vai passando, por exemplo, agora, engomado, duro, exageradamente duro, duro demais, a caminhar como um autômato, o queixo erguido para o ar, em trágicas pernadas, figura singular entre homens que mar-



Fernando Mendes de Almeida
Desenho de Seth

cham sem a menor noção de ritmo, curvos uns, outros distraídos, apressados e tontos todos eles, com carabinas Comblain ou Mannlicher, velhas, baionetas agudas, surgindo, confundidas, em alvoroço, dos bolos do pelotão cerrado, como as pontas dorsais de um ouriço-cacheiro, ou então, a lembrar fantásticos palitos que se mostrassem, desordenadamente, saindo de um paliteiro de espetar.

Há, no entanto, quem grite, muita vez, cheio de entusiasmo, ao conhecido que descobre entre o troço chambão que vai passando:

– Viva o *Chico da Farmácia*, que caminha direito! Aí, cotuba! Viva a briosa! Viva a Guarda Nacional!

É a milícia reinol. É o tempo da colônia. Sem tirar nem pôr.

Quando vem a República, com a separação da Igreja do Estado, o Exército que acompanhava sempre as procissões católicas, deixa de acompanhá-las. Substituem-no, então, pela Guarda Nacional, que aparece em formaturas mais ou menos guapas, seguindo o pátio do Santíssimo. De uma feita, conta-se que, estando a Guarda seguindo a procissão de *Corpus Christi*, no centro da cidade, cantava, toda ela, oficiais e soldados em coro, certa litania erguida em louvor a Jesus. Eis que, em dado momento, o séquito piedoso, guião à frente, volve à direita, enveredando por uma rua perpendicular ao caminho seguido. Ora, que ela, a procissão, dobrasse, apenas conduzida pela cruz posta à frente do cortejo, compreende-se, porém, que a tropa evoluísse seguindo-o, sem haver, por parte do comando, um brado marcial, não se compreendia. Por isso, o comandante, conciliando o dever militar ao dever de cristão, cantando a litania, cantou a ordem de volver, mas, dentro da toada gemedora, substituindo, apenas, o verso que dizia:

Oh, virgem milagrosa, oh, virgem santa!

por este verso:

Ombro direito, em frente!

Cantou acompanhando o pensamento musical e sem sair do ritmo da solfa, os soldados aprumados e tesos, todos eles, também cantando, em coro, mas sem mudar, no entanto, as palavras daquilo que cantavam:

– A... *mém!*

No começo do século a Guarda Nacional já não mais acompanha procissões, em cantarolas, pelas ruas, contudo, as suas formaturas ainda são bastante singulares. Luís Cordeiro, o Jamanta, famoso boêmio, carnavalesco incorrigível, tenente da milícia, certa vez, na Praça 15 de Novembro, em forma, quis comprar um peru: lindo peru de roda, com o vendedor do mesmo discutindo escandalosamente o preço da desejada ave... E só não fez o negócio, ali mesmo, porque o comandante do heróico troço protestou censurando-o, aborrecido com o descoco:

– Tudo o que quiser, Sr. Cordeiro, tudo, menos isso!

O *Jornal do Brasil*, em 1901, é um verdadeiro templo erguido a Marte, grande casa que reúne, diariamente, a flor do que melhor possui a briosidade em toda esta cidade. Só os coronéis... Além do coronel Fernando Mendes, há o coronel Gaspar (gerente da folha), o coronel Marçal, o coronel James Andrew, o coronel Andrade e Silva, fora outros coronéis, chefes de serviço na popular gazeta e chefes de batalhão, cá fora. Os repórteres e os redatores têm patentes menores, mas todos são agaloados. Em dias de revista, a redação, à Rua Gonçalves Dias, é uma movimentadíssima caserna. Que pompa de uniformes! Que sopro marcial em todos aqueles peitos vazios ainda de medalhas, mas, cheios de ardor mavórtico.

O coronel Fernando Mendes é uma figura cheia de desempenho e galhardia. Mais alto do que baixo, entroncado, sanguíneo, usa um pequeno cavanhaque que já grisalha e um pomposo bigode. Fala muito, é ruidoso, gritão, porém, cortês, cordialíssimo no trato, temperamento alegre, brincalhão.

Somente leva a sério, demais, o seu coronelato. A ponto de se sentir melhor quando, em lugar de doutor ou conde, chamam-lhe coronel.

É secretário do jornal um português amabilíssimo e querido de todos, o Artur Costa, tipo maduro, seco, vestindo sempre fraque preto e calças flor-de-alecrim. Tem ar de mata-mouros, cara fechada, hirta, mas a sua alma é uma flor. Por vezes faz-nos rir, o suavíssimo Costa.

Agenor de Carvoliva, redator e grande amigo do diretor Fernando, zanga-se, briga, luta e dá pancada, até, em todo aquele que lhe estropie o nome.

De Carvoliva é o que ele é. Com partícula “De”, explicando uma nobreza antiga. De Carvoliva. E vive em disputas com o nosso

Costa, só porque este não toma em consideração a fidalguia de seu nome. Certa vez, vai Carvoliva, a serviço da folha, buscar, em Botafogo, De Pérغامo, italiano ilustre, recém-chegado da Itália, para irem, juntos, não me recordo onde. Ordem do diretor que ele encontrou em sua mesa de trabalho. Parte Agenor de Carvoliva. Uma hora depois o telefone da sala de redação tilinta.

– O Sr. Costa, secretário, quem fala, aí?

Era.

– Fala De Carvoliva. Estou em companhia do Sr. De Pérغامo, falando de Botafogo. Quero saber se devo conduzi-lo de carro ou de automóvel aonde vamos... Preciso de ordens suas para a despesa. Ordens, porque sem elas não se moverão – De Pérغامo e De Carvoliva. Como levarei, afinal, o meu homem, caro Sr. amigo e secretário? De carro ou de automóvel?

– Leve-o mesmo *de bonde* – ter-lhe-ia dito o Costa, displicentemente, desligando o aparelho.



Andrade e Silva
Desenho de Marques Júnior



Luís Gomes
Desenho de Marques Júnior



Artur Lucas
Desenho de Marques Júnior

Esse Carvoliva...

Carvoliva, repórter hábil, redator lampeiro, muito mais tarde, em 1908, tem uma peça, de sua autoria, representada no palco da Exposição Nacional. Pessoa muito da intimidade de quem traça estas linhas, impenitente *blagueur*, diante do sucesso alcançado com tal representação, tem uma idéia gentil, tal a de oferecer ao festejado teatrólogo, ceia obrigada a vinhaça e amigos, mas, sem com ela despender um só vintém...

Daí telefonar do teatro, onde se acha, para o *Jornal do Brasil*, imitando a dicção carvoliviana, muito sulista, muito descansada. Atende-o o repórter Paranhos, que está em serviço de plantão na folha.

– Pois foi um sucesso sem par a minha peça, agora representada! Apenas, eu telefono, para pedir a vocês, aí, um enormíssimo favor... Estou rodeado de amigos. (Como lhes sou grato!) Quero obsequiá-los. É natural. Depois de um sucesso destes... Tenho comigo uns cem mil-réis, vou já adiantando... Podiam vocês, comprar aí, por perto, uma ceiazinha, para quinze ou vinte pessoas, uns frios, umas cervejas, coisa ligeira, embora, até uns oitenta mil-réis de despesa? Vejam se me fazem isso que pagarei quando chegar...

O companheiro que atendera o telefone dispôs-se, naturalmente, a organizar, num *menu* simples porém sólido, as desejadas comensais, que, como preço, muito pouco custaram além dos oitenta mil-réis previstos na ordem dada pelo falso Carvoliva. Uma hora depois, rompe na redação, conduzido pelo amigo do telefonema, o Agenor De Carvoliva e mais uns cinco ou seis outros jornalistas.

Espanta-se o festejado teatrólogo diante do que vê. E toma o aparato da mesa onde se exibem as vitualhas de emergência como uma gentileza mais que natural dos seus amáveis companheiros de trabalho.

– Encantador, tudo isso! Vocês são uns príncipes! Com efeito! Mas eu não mereço tanto! – está repetindo a cada instante, muito comovido, o amigo Carvoliva.

Paranhos, que o observa, atenciosamente, toma os comentários que ele insistentemente faz, diante das iguarias expostas num aparato escandaloso, por mera cabotinagem de homem que quer mostrar-se festejado, pagando, embora em segredo, do seu bolso, toda a despesa da homenagem. O caso, porém, é que se come e se bebe, fartamente, festejando-se a estréia teatral do dramaturgo Carvoliva.

No dia seguinte, rebenta a bomba, na hora de o Paranhos mostrar-lhe a conta, que é de oitenta e dois mil-réis.

– Isso é uma farsa de vocês! Não pago nada! E logo essa pilhéria – dizer-se que eu telefonei reclamando a homenagem. Farsa e da boa.

Assim fala o Carvoliva. E o Paranhos, furioso, retrucando:

– Não mintas que tua voz ninguém imita. Eras tu mesmo, pelo telefone. Intrujão! Pagarás!...

Parece que o diretor Fernando Mendes, achando graça ao caso, foi quem mandou saldar a despesa da ceia, na qual também, diga-se de passagem, tomou parte saliente, erguendo um brinde em honra ao jovem teatrólogo, que acabava de ser representado nos palcos oficiais da Exposição Nacional.

No *Jornal do Brasil* ainda trabalham, nessa época, Afonso Celso, Osório Duque Estrada, autor dos versos do nosso Hino, Paulo Vidal (o que hoje é cônsul), João Foca (Batista Coelho), secretário ao mesmo tempo da *Cidade do Rio*, Machado Correia, Sousa Valente, tragicamente morto em Jacuecanga, com a explosão do couraçado *Aquidabã*, Martim Francisco, Feliciano Prazeres, pai de Oto Prazeres, que já trabalha, outrossim, no jornal, o encantador Feliciano, que em críticas teatrais muito interessantes cria cognomes para os nossos artistas, cognomes estes que acabam passando à História... Foi ele, por exemplo, quem chamou, primeiro, ao Brandão “popularríssimo” e à Pepa Ruiz “arquigraciosa”, alcunhas que o povo logo consagrrou. Há, ainda, o Andrade Silva, que hoje é juiz, Nicóssia, famoso repórter, Campos Melo... Bom será não esquecer o nome de certo colaborador inteligente da folha, grande patriota que se populariza com uma campanha feita a favor da ligação próxima entre o Brasil e a Europa (nesse tempo a Europa ainda nos interessa), estabelecendo uma estrada de ferro do Rio ao Recife e uma linha de rápidos vapores ligando Pernambuco a Cádiz, campanha pertinaz, vazada em epístolas constantes, dadas ao público sob esta invariável epígrafe: *Escreve-nos o Sr. Luís Gomes...*



Cândido Mendes de Almeida
Desenho de Marques Júnior

Não há jornal, pela época, com um quadro de desenhistas e caricaturistas tão forte e numeroso.

Nele publicam *charges* diárias, intercaladamente: Julião Machado, português de Luanda, sem o menor favor, o mais interessante dos caricaturistas, pelo tempo, vivendo no Brasil, Raul Pederneiras, que começa, então, com grande brilho, Artur Lucas, Plácido Isási, Amaro Amaral...

O que a folha pratica estimulando o gosto por uma arte, entre nós, apenas conhecida por meio de semanários ilustrados, é um acontecimento notável. E em muitas coisas mais o *Jornal do Brasil* se notabiliza, pela época. Quem possui, pelo começo da centúria, as melhores máquinas de imprimir? O *Jornal do Brasil*. Que empresa monta, de forma regular, entre nós, a principal oficina de gravura? A do *Jornal do Brasil*. Que jornal tem, primeiro, idéia de se insurgir contra a estólida tradição do título solitário, morno, sedição, arejando-o, dando-lhe caráter, interesse, valor, com a criação de irrequietos e sugestivos subtítulos? O *Jornal do Brasil*. O interesse que essas pequeninas novidades acordam no espírito do público, até então habituado a normas das velhas gazetas portuguesas!

O jornal é vivo, novo, alegre e movimentado. O que possui de mau não é dele, é do tempo. Herdou. Há rotinas que se herdaram e que ficam. Explora, a folha, como imprensa que se tem por moderna, escândalos com os quais, o público, constantemente, se entretém. Hoje é a *Aranha luminosa* que, na ladeira do Ascurra, surge como um fantasma e durante muito tempo a todos preocupa; depois é a *História do homem que esporeou a própria mãe e virou bicho cabeludo*...

Quem não se lembra, em nossos dias, de dois famosos títulos, muito da insistência do jornal, comentados e glosados, até pelas revistas de ano, nos teatros, pela boca do povo em canções populares: *Para quem apelar? Será verdade?*

É lembrança do jornal a seção modelar de palpites de bicho, com a assinatura Joaninha, fonte fantástica de receita, logo imitada por todos os jornais. Quando a folha, porém, aumenta a tiragem, extraordinariamente, é pelo mês do carnaval. Tiragens estupendas! Tiragens extraordinárias!



Vendedor de jornal
Desenho de Renato da Silva

Repórteres e redatores fazem a ronda dos blocos e cordões, publicando o nome de seus modestos diretores, dos carnavalescos que os freqüentam, dando, em gravura cuidada, o estandarte social, a fachada com sede de modestas e pobres associações, promovendo concursos, organizando prêmios...

Um dia, o carioca, na Avenida feita por Frontin e que apenas se inaugura, estaca diante de um edifício enorme, de múltiplos andares, um palácio encantado, para o tempo. Pela primeira vez vai um jornal do país possuir edifício próprio. E digno. Nos andaimes que cercam há um letreiro que diz assim:

Construído para o Jornal do Brasil.

.....

Capítulo 34

A Notícia

A RÓSEA *NOTÍCIA* E O SEU ILUSTRE DIRETOR – BRILHANTES COLABORADORES: BILAC, ARTUR AZEVEDO E COELHO NETO – ÁLVARES DE AZEVEDO, SECRETÁRIO DA FOLHA, ASSASSINADO PELA “BLAGUE” – COROAS FÚNEBRES QUE TIRAM RELÓGIOS DO PREGO – REDATORES E REPÓRTERES – NICOLAU CIÂNCIO E UM POUCO DA HISTÓRIA DE SUA VIDA – SENTIMENTO DE FRATERNIDADE DOS JORNALISTAS DESSE TEMPO – CASTELAR DE CARVALHO, O HOMEM-DA-CAPA-PRETA E O CRIME DE COPACABANA

D

OS VESPERTINOS da cidade, o mais simpático, o mais lido e o de maior tiragem, é a *Notícia* – quatro páginas de papel cor-de-rosa que o Sr. Manuel Jorge de Oliveira Rocha, o *Rochinha*, orienta e dirige. Como a maioria dos seus confrades cariocas possui, a rósea e desejada folha, redação à Rua do Ouvidor. Prédio nº 123, estreito e baixo prédio: loja e mais um andar, com sacada de ferro olhando para a rua. Oficina, a da *Gazeta de Notícias*.

Manuel Jorge de Oliveira Rocha, mais *homme du monde* que jornalista, é um tipo de mediana estatura, esbelto e sorridente, blandi-

cioso e açucarado, afetando maneiras polidas, elegâncias de *gentleman* e vestido com singular apuro. Sócio do Cassino Fluminense, com camarote de luxo nas temporadas de alta comédia e época no Lírico, reside no bairro de Botafogo e tem chacinha em Petrópolis... Quando escreve, usa uma literatura de confeitos e *brioche*s, prosa alambicada, leve, sempre bem penteadinha, tocada de *rouge* e de pó de arroz, onde os adjetivos se movem vestindo *toilettes* de cerimônia, casaca e luvas de pelica brancas.

Além da literatura do Rocha, há a contar com a de um grupo de fortes colaboradores, nomes dos mais representativos nas letras pátrias. Olavo Bilac, por exemplo, assina, diariamente, sob o pseudônimo de *Fantásio*, uma crônica brilhante, o “Registro”; Medeiros e Albuquerque é o J. dos Santos que mantém um folhetim bibliográfico, particularmente lido por todos, espécie de teatrinho Guignol, onde os escritores novos dançam os velhos desengonços de pai João. Colaboradores ainda existem como o Emílio de Meneses, o Pedro Rabelo, o Vieira Fazenda, o Luís Murat e Agenor de Roure, autores de sueltos de notícias e outras variedades do editorial.

Artur Azevedo mantém um folhetim sobre teatro, onde vive a chamar, a pedir e a chorar por um palco que seja nosso e seja oficial. Até o advento de Rodrigues Alves, com Passos na Prefeitura, clama no deserto. Nós, se possuímos, na verdade, pelo tempo, artistas, peças e autores, não possuímos uma só casa de espetáculo digna, para representar.

Passos, mais tarde, manda que se construa o Municipal. Não teria talvez tido idéia tão feliz, se Artur não vivesse, como vivia, a insistir por essa construção.

Ao leme da gerência da *Notícia* está o Salvador Santos, com o seu formidável tino comercial e sua arguta inteligência, trabalhando como um mouro, criando a prosperidade da empresa e a tranqüilidade do Rocha, que é a negação para toda e qualquer atividade mercantil, infenso, como sempre se mostrou, ao prosaísmo dos números e ao materialismo dos negócios.



Medeiros e Albuquerque
Autor desconhecido

Jornal de elite, a *Notícia* quase não cuida de política, o que não impede, entanto, de publicar, por vezes, sobretudo no Governo do Presidente Campos Sales (de quem Rocha foi discípulo, companheiro e amigo, desde os tempos de sua adolescência, quando estudava em São Paulo), notas que, por simples, não deixam de provocar desagradáveis investidas por parte da imprensa oposicionista.

Com a morte de Henrique Blatter, a secretaria do jornal resvala para as mãos de Álvares de Azevedo Sobrinho, simpático sujeito, alto, magro, seco, fazendo verso como o tio, que era uma glória patricia.

Quando deixa o serviço, planta-se na Colombo, onde é figura obrigatória na roda de Bilac, de Guimarães Passos e Emílio de Meneses. Tem um temperamento boêmio, extraordinariamente boêmio e muito inclinado a *blagues*. Sofre, por isso, de quando em quando, as represálias naturais de outros *blagueurs*, como ele.

Cite-se, a propósito, este caso:

Um jornal da manhã, certa vez, inesperadamente anuncia, de Álvares de Azevedo Sobrinho, o passamento, em Niterói, cidade onde o jornalista tem família e tem casa. É o começo da *blague*. Consternação natural por parte de seus companheiros e amigos. Cedo, a *Notícia* transborda de pessoas que aí vão levar, além de pêsames, até coroas fúnebres. Salvador Santos, muito sentido, manda à capital vizinha um portador, que parte conduzindo nada menos de quatro lindas grinaldas, das enviadas ao jornal, portador que vai saber, ainda, se o corpo do malgrado enterra-se no Rio ou em qualquer cemitério da Praia Grande. E estão todos, muito comovidos, a pensar no doloroso caso, quando o emissário, que se pensava a caminho de Niterói, irrompe pela redação adentro, com as quatro coroas fúnebres na cabeça, muito espantado, a berrar:

– O Sr. Álvares de Azevedo não morreu! Acaba de chegar pela última barca vinda de Niterói! De longe vi-o que desembarcava, atravessando a Praça Quinze, entrando num botequim da Rua Fresca. Não morreu! Não morreu!

Mais que depressa, Salvador Santos chama o contínuo Maciel e pede-lhe que esconda, da melhor maneira, quatro ou cinco grinaldas que, de novo, acabam de chegar. O contínuo, porém, mete-as no lavabo

que fica no fundo do jornal, na ausência de esconderijo mais propício. E todos, logo, vão receber o secretário dado como morto, em atitudes capazes de denunciar o desgosto e a aflição que a nota falsa e impressa havia, até então, causado.

Por uma notável coincidência, chegando à redação, Álvares, após saudar os seus colegas de serviço e aludir ao desprazido caso, quicá um tanto impressionado e muito pálido, dirige-se ao lavabo. Volta, de onde foi, ainda mais pálido e mais impressionado. Senta-se à sua mesa de trabalho e chama pelo contínuo Maciel:

– Vá ver, no lavabo, umas coroas fúnebres a mim endereçadas, conforme pude ver pelas dedicatórias que carregam, arranque-lhes as fitas e vá vendê-las na primeira casa de artigos desse gênero que encontrar à mão. Com o dinheiro obtido dirija-se à Rua do Sacramento, 4 – Casa do Vitorino – e tire-me do prego um relógio que lá tenho há seis meses empenhado.

Diz isso arreganhando, com a mão trêmula, o fundo da carteira, colhendo uma cautela de penhor, um tanto amarelada e rota. E continuando:

– Deve sobrar, daí, algum dinheiro. Com ele compre, você, para os seus filhos, roupas, brinquedos, doces, o que quiser. E sorriam, todos, depois disso, muito felizes, pensando que, muita vez, um pensamento triste, inesperadamente pode se transformar em uma lembrança amável.

Da redação da *Notícia* fazem parte, além de Álvares de Azevedo Sobrinho, posteriormente substituído por Dermeval da Fonseca, Oliveira Gomes, com posto de relevo na literatura nova do país; Teófilo de Figueiredo, grande repórter; Pedro Jataí, hoje na Procuradoria-Geral da República, espécie de Brumel do jornalismo, muito cuidadoso das suas roupas, como de seu estilo; Cesário Alvim Filho (o que é desembargador), e que cedo abandona as lides jornalísticas onde valorosamente se revela;



Oliveira Rocha
Desenho de Marques Júnior

Raul Costa, Castelar de Carvalho, Afonso Magalhães e Nicolau Ciâncio, da reportagem do seu tempo, uma das figuras mais queridas e conhecidas. O Sr. Dr. Ciâncio, que em nossos dias passa por um dos mais notáveis médicos, em toda esta cidade, em 1901 ainda não cursa a Faculdade de Medicina. É um robusto rapaz, de cabeleira em caracóis, negra e derramada sobre um rosto moreno pálido, de onde saltam dois negros e coruscantes olhos. Perfil oriental, lembrando o dos filhos de Beirute ou de Istambul. Apresentado, certa vez, numa tertúlia de rapazes, como poeta sírio, pôde, facilmente, passar como tal, só desmascarando-se ao recitar um soneto de Bilac, traduzido para o turco, mistifório cacofônico, hiperacústico, arrastar catastrófico de sons bárbaros, girando em torno de dois únicos vocábulos que do idioma islâmico conhecia o *blagueur*: Said e Alá...

Os que descreêm do esforço próprio e não acreditam possa, um homem, sem ajuda ou socorro de terceiros, vencer as anfractuosidades da existência, devem conhecer a juventude desse trapazinho, hoje médico ilustre.

Emigrado da Itália para a América, aqui chegou Nicolau Ciâncio, em companhia de seu pai, de sua mãe e irmãos. Vinham todos em busca da fortuna, mal pensando que a morte os espreitava. Descidos de bordo, ei-los, em pouco tempo, colhidos pela peste, o surto amarelado de 1892. A epidemia os devora. Da hecatombe sinistra apenas sobra o pequenino Nicolau. Tem nove anos e, o que é pior, não acha quem o ampare ou dele cuide. Completamente só, vai para a rua, empurrado, sem mesmo possuir força para ganhar o pão. Não sabe ler, nem escrever. Começa a trabalhar, sabe Deus como! Ocupa modestíssimos empregos. Não o assusta, entretanto, a aspereza dos lugares humildes que procura. O que ele quer é trabalhar, para não morrer. Trabalha como um mouro. Durante o dia. À noite, estuda. Estuda...



Valentim Magalhães
Desenho de Marques Júnior

E é assim que, pelos últimos anos do século que passou, melhorando de emprego, subindo, já é o *menino da caixinha* na redação da

Gazeta de Notícias, espécie de estafa de serviço interno da folha, aliás, muito satisfeito do seu modesto lugar. Certa vez, na folga de um serviço, está ele de livro aberto, a um canto da redação, enleado na mais gostosa das leituras, quando Ramiz Galvão, pela época, secretário do jornal, acretamente o censura:

– Não admito empregados, aqui, lendo romances, em hora de trabalho. Feche este livro, já!

– Perdão – retruca-lhe o Ciâncio – eu não leio romances...

Bruscamente, Ramiz arranca-lhe da mão o volume onde ele lia, e, após havê-lo consultado, um momento, tropeja:

– Além disso, a ler coisas que não entende. Vejam só: *La mécanique rationnelle* de Delaunay. Confisco-lhe o volume!

– Quanto a entender, Dr. Ramiz, eu entendo e muito bem – replica-lhe animoso, o rapazelho – pois sou aluno da Escola Politécnica...

O Secretário assombra-se. Pode lá ser! Aluno de uma escola superior o Nicolau, menino da caixinha!

Ciâncio, porém, em pouco, o tranqüiliza, provando o que afirmara. Nesse mesmo dia vai para a revisão da folha. Pouco tempo depois passa a repórter da *Gazeta* e vai para a *Notícia*. Não termina, porém, o curso de Engenharia começado. Um dia resolve fazer-se médico. Matricula-se na Escola Nacional de Medicina, onde, com grande brilho, acaba recebendo o seu grau de doutor.

Dá-se, aí, um episódio interessante. Os seus companheiros de jornal, querendo premiar-lhe o esforço digno e, ao mesmo tempo, patentear o bem que lhe tributam, resolvem organizar uma “bolsa de vi-



Salvador Santos
Desenho de Marques Júnior



Pedro Jataí
Desenho de Marques Júnior



Claúdio de Sousa
Desenho de Marques Júnior

senso prático, lembrou, então, que, com a soma obtida, comprássemos um bilhete de Espanha, uma vez que, bafejado pela sorte, terias mais proveito que com a certeza do nosso afeto, dado em uma simples comida comemorativa. Ora, como tu sabes, a loteria já correu (tinha corrido uns dias antes). Não abiscoitaste o grande prêmio, mas o teu bilhete foi contemplado com seis contos...

Ciâncio arregalou os olhos... E João do Rio, continuando:

– Recebido o dinheiro, resolvemos (e aí entra o arbítrio dos que tiveram a idéia de transformar o banquete fugaz em sólido pecúlio) comprar uma passagem de ida e volta, para a Europa, onde tu deves ir aprimorar a tua Medicina.



Nicolau Ciâncio
Desenho de Marques Júnior

agem”, a fim de que o novo médico possa, nos grandes hospitais de Paris, Roma, Berlim e Viena, aprimorar os seus estudos. O difícil é conseguir que o jovem Nicolau Ciâncio aceite a oferta, uma vez que a mesma surge da boa intenção de quem pouco tem para dar. João do Rio, entanto, salva, com a sua ardente imaginação, o gesto nobre de seus camaradas dizendo um belo dia a Ciâncio:

– Para festejar a tua formatura, nós, companheiros teus, nos cotizamos. Idéia de um banquete. Alguém, porém, de

E entregando-lhe o bilhete da passagem e um largo envelope com dinheiro:

– Aí tens, por isso, a garantia do vapor que em pouco te levará e que te há de trazer, bem como o necessário para uns meses de confortável permanência no Velho Continente.

O que não se sabe, ao certo, é se Ciâncio, ao aceitar a interessante “bolsa de viagem”, aceitou, como verdade, a história que lhe contou o João do Rio. Sabe-se, isso sim, que embarcou.

Castelar de Carvalho é outra figura interessante do jornal. Pequeno, esperto e ativo, ar de conspirador, usa mantéu de embuço e um chapelão enorme, descido no sobrolho. É o homem-da-capapreta dos romances de Ponson du Terrail e Xavier de Montepin. Repórter, vive sempre de pé no ar, de olho vivo e orelha atenta, atrás do fato sensacional. O diabo é que o ambiente em que vivemos é lamentavelmente vazio de escândalos, pobre de dramas e contrário a tragédias. Contudo, certa vez, a cidade estremece, despertando de sua velha modorra patriarcal.

Para as bandas de Copacabana, bairro ainda ermo e pouco freqüentado por gente da polícia, diz-se, há sangue e há mistério. Os jornais falam, todos, de um caso inescrutável, com bafos de uma horrída tragédia, em meio a pitangueiras, junto aos areais da igreja. Um punhal, um fraque com a etiqueta de alfaiate elegantíssimo, um bilhete, umas luvas...

Mobiliza-se toda a reportagem da imprensa carioca. Ensari-lha-se o povo. Não dorme o chefe de polícia. Os delegados velam. E os jornais a aumentar, a dobrar a tiragem...

Tanto a arma como a roupa que a autoridade colhe no lugar tenebroso vão, logo, despachadas para exame, para a perícia oficial. A cidade, curiosa e indagadora, fica esperando o laudo dos homens da polícia. Chega o laudo. E sabe-se: o sangue, na verdade, é mesmo sangue, porém, é sangue de porco... Constata-se mais: quanto à etiqueta da roupa denunciadora da elegância da vítima, histórias – coisa falsa, ou, por outra, mal posta, por mão inexperiente mal cosida num fraque de corte mau, a denunciar um algibebe de terceira ordem... No fundo, tudo pilhéria e da melhor. Amigo Castelar, perdigueiro de crimes e tragédias, era, para encurtar razões, o urdidor fleugmático e manhoso do diabólico entremez.

Matou, em casa, o inefável repórter, um plácido leitão. Guardou-lhe o sangue. E a devorá-lo, com farófia, em meio a alguns repórteres de sua estreita intimidade, propôs o *bluff*. A idéia era engenhosa. Preparou-se o cenário, preparou-se a seqüência da farsa, calmamente. E desfechou-se, no jornal, a tremenda notícia do misterioso crime.

Cúmplices dessa intrujice deslavada, entre outros, foram: Gabriel Pinheiro, Irineu Marinho, Campos Melo e Teófilo Figueiredo.

Quando Oliveira Rocha compreendeu o embuste e soube quem era o seu autor, quis demitir, da folha, Castelar. Salvou-o Salvador

Santos, o gerente, homem de senso prático e avisado, mostrando ao diretor, boquiaberto, nas folhas de seu *Diário*, de uma banda, as cifras de tiragem e, da outra banda, a que se referia à venda avulsa do jornal. Como a ética jornalística manda que, nesse caso, o diretor levante os ombros displicente e sorria, Rocha sorriu e levantou os ombros.

E Castelar ficou, com o seu chapelão fatal de conjurado, a sua capa negra e seu faro tremendo de repórter, o pé no ar, o olho vivo, a orelha atenta, atrás do fato sensacional.



O tilburi
Desenho de Armando Pacheco

.....

Capítulo 35

A Tribuna

A *TRIBUNA* - ALCINDO GUANABARA, O TACITURNO -
ANTÔNIO AZEVEDO, POLÍTICO E JORNALISTA - EDUARDO
SALOMONDE - ALGUNS NOMES AINDA DO IMPORTANTE
VESPERTINO - RUBEM BRAGA E A FAMOSA QUESTÃO DAS
CERVEJAS



QUANDO começa o século, Alcindo Guanabara é o redator-chefe d'*A Tribuna*, Alcindo Guanabara, o taciturno, tipo singular de rei assírio, Nabucodonosor que andasse pelas ruas da cidade de sobrecasaca e de cartola, a barba escura e espatulada, em riste, a avançar como máscara sombria, máscara funérea, dura, grave, espectral, profundamente austera e imensamente triste. Desse homem de ar merencório e de perfil ciprístico, contam-se hábitos exóticos e absurdas manias que o tornam quase um ser de existência lendária. Diz-se, por exemplo, que ele jamais sorriu em dias de sua vida! Contudo, em certa ocasião, uma gazeta, a propósito de qualquer espetáculo em um teatro, comédia, farsa ou entremez, espetáculo alegre, que era descrito, enfim, de modo ingênuo e natural, estampou estas linhas:

“Riu-se a valer, riu-se durante toda a peça, que é engraçadíssima, riu-se de tal sorte que o jornalista Alcindo Guanabara, presente à representação, na platéia, em companhia da família, não se conteve e também riu. Verdade que não riu muito, porém riu...”

Blague e da melhor, da frívola gazeta, que Alcindo Guanabara, o taciturno, não era homem que vivesse a freqüentar teatros de *pochades* ou entremezes; no entanto, se lá estivesse e risse, nada seria de espantar, porque ele, humanamente, ria como qualquer de nós, não tendo o menor fundo a patranha inventada. É verdade que não vivia, como um leitão de batizado, de dentadura à mostra, achando graça a tudo e a toda gente, rindo, pois era, por natureza, uma criatura grave e circunspecta. No recesso do lar, entre íntimos, porém, Alcindo, quando calhava, ria, pois sempre riu, embora risse pouco ou não risse demais. Era até bem-humorado, otimista. Não desmentia o pseudônimo, Pangloss, com que assinava o que escrevia.

Em menino, e isso sabemos nós com segurança, foi criatura à parte na sua precoce ou procurada sisudez. Não gostava dos brincos naturais de sua idade. Já era grave. Andava sempre só. Em Guaratiba, onde viveu por muitos anos, fugia a outras crianças, buscando, sempre, a nave das igrejas, revelando pendores cenobíticos. Amava particularmente o silêncio, o mistério, o recolhimento, como um velho e insociável trapista. Fez-se até sacristão para melhor viver o seu retiro e foi acolitando, certo dia, o bispo D. Pedro de Lacerda, que um padrinho ganhou e dos melhores. Quis o bispo, ante a matéria-prima que encontrava, dela fazer

um sacerdote. Alcindo recusou. D. Pedro, no entanto, sempre que pôde o protegeu e o dirigiu na vida. Graças a essa proteção, cursou, e sempre como aluno gratuito, os melhores colégios do Rio de Janeiro. Ganhou, daí, amor ao estudo. Bom aluno, solidamente instruiu-se.

Aos vinte anos tinha a aparência já de um quarentão, usava barba crescida, sobrecasaca preta, guarda-chuva de alpaca debaixo do braço, óculos... Sisudo e infenso a relações banais, continuava arredio e grave, como uma cegonha, de ar ensimesmado e



Alcindo Guanabara
Desenho de Seth

triste. É nessa época que ele começa a escrever para os jornais. Escreve muito bem. Em sua prosa há mesmo faceirices de artista, certa consistência de forma e fulgores de idéias. Não quer saber, porém, de assuntos que não sejam sérios, quando escreve: problemas sociais, questões de economia ou de finanças, religião e política. Aos vinte e dois anos, quando assina aqueles famosos artigos do *Novidades* que tanto impressionam aos homens do governo, diz-se que os mesmos trazem no bojo inspirações de Francisco Belisário ou então de Rui Barbosa. Nada disso. Tudo dele e só dele. Antes de terminar o século, já é um grande nome no nosso jornalismo, como o de Bocaiúva, o de Rui, de Ferreira de Menezes de Araújo ou Patrocínio.

Na aurora da centúria que vivemos, o seu talento cresce, avulta. É o apogeu de uma glória jornalística.

Como homem, porém, é ainda o mesmo, não mudou. O mesmo na indumentária e na conduta espiritual, com a mesma barba, as mesmas idéias, os mesmos óculos, a mesma sobrecasaca, a mesma gravidade... De novo, a bem dizer, só nos revela certas tendências espíritas que, aliás, conserva até fechar os olhos. Em companhia de Luís Murat, Alberto de Oliveira e outros próceres da literatura nacional, vai muito ao grêmio União Caridade, à Rua Silva Jardim, 9, onde se reúnem os mais convencidos adeptos da doutrina kardequiana. É a mesinha dos três pés, horas e horas em confabulação com o astral... Não discute, porém, o espiritismo que professa. E na prática estrita da moral da seita, marcha sereno e bom, sem um deslize.

Enquanto não possui gazeta sua ou posto de direção no jornalismo, anda a colaborar ora aqui, ora ali, ora acolá.

Por tempos em que a imprensa carioca vivia entre mãos alienígenas, pouco empenhadas, pouco resolvidas a defender assuntos nacionais, certo diretor de afamado jornal manda-o chamar, um dia. Quer dois artigos, dois: um, defendendo com afã certo tratado de comércio que diz respeito à pátria de onde veio, porém, em desproveito do Brasil, outro – corre a semana santa –, sobre a grande figura de Jesus.

Com paciência e atenção, Alcindo Guanabara ouve as razões absurdas do que defende a causa do tratado. O homenzinho que paga o artigo onde se defenderá uma questão de tarifa, e paga bem, após traçar

toda a urdidura de ilogismos que ele acredita irá, por certo, convencer os nossos homens do governo, põe remate à palestra:

– Estamos, assim posto, muito bem entendidos. Tu me trarás, hoje mesmo, os dois artigos. Dois...

– Perfeitamente entendidos só quanto ao primeiro dos artigos – volve-lhe, a cofiar a dura barbela assíria, o nosso grande jornalista –; só quanto àquele que se refere ao convênio. Queres que o faça (e isso eu compreendi perfeitamente) todo favorável ao teu lindo país. Está bem. Quanto ao segundo artigo, entanto, não disseste como o desejas tu. E é necessário que me digas. Como o desejas afinal: contra ou a favor de Cristo?

O audacioso estrangeiro, pleiteador de interesses contrários à nossa pobre terra, diante da ironia maquiavélica de Alcindo Guanabara, mordeu, aí, nervosamente, a ponta do charuto que fumava e sorriu amarelo.

Quando Antônio Azeredo adquire a propriedade da *Tribuna*, por parte dos que a compõem, há certo alarme. Temem todos pela existência do belo vespertino. É que Azeredo, se tem fama de atilado e ardiloso político, como homem de jornal, não é bastante conhecido. Dentro de pouco tempo o que se vê, porém, é a fortuna, o progresso, a consolidação da nova empresa e o que é melhor, o regalo, a ventura, dos seus redatores, dos seus repórteres e mais auxiliares, todos eles, burocraticamente transformados em funcionários do governo, pendurados em magníficos empregos, notáveis pepineiras, com vencimentos de espantar...

– Quem paga a folha do Azeredo, há quem rosne por sobre as mesas da Pascoal ou da Cailteau, é o desgraçado cofre da nação...

Nada mais falso. Com os seus próprios recursos paga, *A Tribuna*, sempre, em dia, e paga muito bem, correndo tão-somente por conta do cândido e generoso coração do seu proprietário, senador de prestígio, os empregos que a distribuir entre afilhados, prefere, ele, sempre, dar aos seus companheiros de jornal.

Pena vibrante, desenvolta, arguta, não é, contudo, Azeredo, um jornalista de espantar. Nele o que nos causa verdadeiro assombro e, realmente, nos espanta, é uma intuição sutil, uma acuidade especial que

no homem se revela, urdindo ou desmanchando certas velhacarias da política. Que Azeredo, nesse particular, tem faro de mastim, olho de condor e o refinado ardid de uma raposa velha. Campeão do sofisma, na hora de persuadir, de convencer, ninguém como ele sabe transformar a verdade em um bocado de cera que os seus dedos de mestre dão sempre a forma que ele quer.

Na arena do Senado é um prestidigitador maravilhoso, malabarista sem igual, em manejo deluso e divertido, sempre atirando para o ar, mas, sem deixar cair, como se atiram bolas, plumas, bengalas ou punhais, o regulamento da casa, os textos da lei básica, a aspiração ingênua dos contrários e os interesses do governo...

Lopes Trovão chama-o, um dia, com muita propriedade e melhor espírito – “grande operador”...

Com efeito, a política do país, até hoje, talvez, não diplomasse cirurgião melhor. Que falem sobre o caso os amputados na hora do reconhecimento de poderes, reconhecimentos esses que nunca se fizeram sem a audiência prévia, o conselho avisado e o parecer arguto do provector, do reputado e mais que respeitado especialista...

Depois da pena adamantina de Alcindo Guanabara, a encantadora pena de Eduardo Salomonde, que é português, sem o menor favor, um dos mais brilhantes jornalistas do seu tempo. É um homenzarrão alto, forte, simpático, que usa *pince-nez* de cordão e ternos de bom corte. Vezes, por entre os sueltos da *Tribuna*, há claridades de estilo, casquilhices de forma, graciosos floreios de linguagem. Não se pergunta de quem são. Já se sabe. Pena de Salomonde...

Da folha fazem parte, também, quando começa o século, entre outros, João Lopes, então deputado pelo Ceará, Jovino Aires, Gastão Bousquet, revistógrafo, humorista, topicista de renome, Germano Hasslocher, o Golias das Campinas do Sul, Guillon Ribeiro, crítico musical, Xavier Pinheiro, Alvarenga Fonseca, o mastodôntico Alvarenga, inteligente, grande e bom, não desmentindo o conceito que sobre os homens



Germano Hasslocher
Desenho de Seth

de grandes massas borda Edmond Gouncourt a propósito do gigante Ivã, de Turguenieff, Edmundo Rego, que se faz, depois, juiz, Bittencourt da Silva, gritão, nervoso, muito derramado, usando umas costeletas à Pedro I, Euricles de Matos, o *Pinguinho*, Irineu Marinho, que ainda não revelou sua grande capacidade jornalística, mas que já é um repórter de grande merecimento, Leal da Costa, siamês de Irineu, o que hoje é gerente do *Globo*, Carlos Silva, gentil e truão, *causeur* admirável, Aniceto de Medeiros Correia, Carlos Veiga, Gabriel Pinheiro, José Maria Metelo Júnior, feito, posteriormente, senador pela República, Luís Pistarini, meio



Irineu Marinho
Desenho de Marques Júnior

revisor, meio repórter, com o seu ar de *rapin* de Montmartre, gravata à Lavallière, cabeleira panda, e Rubem Braga, o Sr. Dr. Rubem Braga, hoje professor de Direito, apolíneo, muito elegante de maneiras, espírito vivaz, ativo e insinuante.

Um dos grandes sucessos jornalísticos da *Tribuna* provocava-o Rubem Braga, pouco tempo depois de ter entrado para a folha, com a famosa questão das cervejas, ainda na memória de nós todos; isso por uma época em que negociantes de vinhos europeus fazem, aqui, uma campanha atroz contra a cerveja brasileira que começa a se impor, vitoriosamente, no mercado.

Dessa vez aliam-se, eles, a químicos, também estrangeiros, empregados num laboratório oficial, o da prefeitura. Garrafas, com o produto da fabricação indígena, apreendidas aqui e acolá, pelas prateleiras de botequins e bares de toda cidade, são condenadas pelos que se articulam com os interesses do comércio que não quer conformar-se com a preferência que o povo já vai dando a uma bebida muito apropriada ao nosso clima, fabricada por nós e mais difícil de se obliterar. O laboratório oficial, quando submete a exame a cerveja apreendida, nela encontra, sempre, tóxicos terríveis... Os fabricantes do artigo vivem sobressaltados, aturdidos, porque até a bebida que lhes sai, diretamente, da fábrica e que é por eles severamente controlada, no momento da análise, sem exceção, acusa drogas perigosas à saúde do próximo. Chegam a acreditar, esses ingênuos fabricantes, na sabotagem de operários... Nada disso.

Descobre-se, afinal, a grande mágica, a manobra velhaca. São os próprios químicos oficiais do laboratório, bons amigos estrangeiros, ocupando lugares que podiam muito bem ser ocupados por gente nossa, que na hora do exame, cavilosamente, metem, na cerveja que examinam, os tóxicos encontrados...

Demitem-se esses químicos que embarcam para a Europa, levando da parvoíce nacional, por certo, o melhor dos conceitos, e a gorjeta com que os comerciantes estrangeiros os cevavam...

A campanha que hoje se faz, ousadamente, contra os vinhos do Sul, vinhos de pura uva, vinhos brasileiros, por um vibrante matutino, ainda não muito exuberantemente comprovada, não representa, felizmente, esse aspecto cruel que outrora apresentavam as campanhas ferozes que sempre aqui se fizeram contra produtos fabricados no Brasil, contando, como contavam os embusteiros, empresários das mesmas, com a indiferença e a pusilanimidade de governos corruptos e desnacionalizados. Pois muito bem, foi Rubem Braga quem trouxe a famosa questão das cervejas a furo, quem se bateu, pelo jornal onde escrevia, contra os intrujões perseguidores da indústria nacional.

Devemos-lhe um grande serviço.

Na gerência da folha – Luís Bartolomeu, vocação decidida para homem de negócios e que no jornalismo, dentro de pouco tempo, enriqueceu.



Luís Bartolomeu
Desenho de Calixto



Rubem Braga
Desenho de Marques Júnior

.....

Capítulo 36

A Cidade do Rio

A CIDADE DO RIO – O BANDO ALEGRE DE PATROCÍNIO – JORNAL DE BOÊMIOS – O FUNDADOR DO JORNAL – UM POUCO DE SEU PERFIL – O JORNALISTA – O ORADOR – OUTRAS FIGURAS DA FOLHA – A ALMA COR-DE-ROSA DE HENRIQUE CÂNCIO, JACOBINO VERMELHO – JOÃO FOCA, JORNALISTA, TEATRÓLOGO E CONFERENCISTA

F

UNDADA por José do Patrocínio, a *Cidade do Rio*, que vem dos tempos da velha Monarquia, das pugnas memoráveis do abolicionismo e de 13 de maio, pela alvorada do século, nada mais é que uma simples gazeta de boêmios que se faz, um pouco, pelas mesas da Pascoal e da Cailteau, entre copos de cerveja e cálices de conhaque, grandes frases de espírito, grandes gestos e as *boutades gentis* de uma geração que romanticamente ainda revive o ambiente sentimental dos contos de Murger. Uma das maiores figuras desse núcleo ruidoso e interessante é o próprio José do Patrocínio, Rodolfo de tez morena, e cabelo pixaim, já quarentão, mas cheio ainda de arroubos juvenis, de insanas impulsões, de fantasias loucas, tentando transformar a existência banal em magnífico festim, espécie de *dies liberae coenae*, obrigado, sempre, a vinho, discurso e

escândalo. Quando ele chega a uma casa de beber, juntam-se, logo, três ou quatro mesas, porque a turma que o cerca é numerosa. Bebe-se a valer. E escreve-se o jornal.

Não se pode negar a Patrocínio um enormíssimo talento, tão grande que, por vezes, chega a lhe encobrir as falhas de cultura. Escreve muito bem. Escreve como ora, com fluência e com lustre. Polemista vibrante, freqüente, entanto, a escola de Camilo. É por isso insolente, brutal e muito desbocado. Molhada em lama, a sua pena resplandece. Cultua a técnica do desaforo, abusa da chalaça e do calão. Tem platéia porém, para tudo isso. E platéia aquecida. Após perdê-la, por completo, é um D. Quixote de opereta, o arnês de papelão pintado, pavoneando um elmo de liça ou de torneio malposto na cabeça, cocar de penas de avestruz, manopla, viseira, escudo...

E onde deixou o cavaleiro audaz aquela autêntica armadura com que gloriosamente defendeu a causa dos escravos? Por que dela não mais se arroupa em seus combates, preferindo à vestimenta de aço pulcra e forte de outrora uma roupagem de ouropel? Patrocínio, na ânsia de obter dinheiro (diz-se) empenha ou vende tudo quanto tem. Assim posto é natural que houvesse empenhado ou vendido a sua esplêndida armadura. Das barbacãs do seu jornal, reduto frágil de vidro ou porcelana, esse boêmio, teatralmente armado em gladiador ou em moderno espadachim, vive a atacar a Deus e a todo mundo.

Nem os amigos escapam, até aqueles aos quais ele mais deve, aqueles aos quais distinguiu, enalteceu ou admirou. O próprio Rui Barbosa, que foi, para ele, um mestre, um gênio, quase um santo, certo dia, por questões mezinhas da política, passa a ser, a seu ver, o último dos homens e o agride desabridamente, tentando reviver a bíblica façanha do pequeno Davi combatendo o Golias.

Muitas vezes, ataca, mas só por cálculo. Ataca para, em seguida, defender... É lá um negócio. Vive, assim, dizendo e desdizendo, afirmando e negando. O que para ele, hoje, é muito bom, amanhã nada vale. Depois, passa a valer de novo... Nessa ginástica de idéias o povo que quer segui-lo, porém, se fatiga. Acaba abandonando-o.

Gritam-lhe, por vezes:

– Camaleão da imprensa! Mulato furta-cor!

E ele, impavidamente, em meio à arena de combate, a esgrimir a sua arma de pau, a balançar, no elmo vistoso, um plumacho envelhecido e desbotado, sem noção de ridículo, ele, a ardente voz da Abolição, o defensor heróico dos escravos, o grande amor, o ídolo de um povo!

Conta-se que, por aquela apoteose magnífica que em 13 de maio levou a nossa gente ao delírio, alguém que o conduziu, à noite, até a casa, ter-lhe-ia dito, ao ouvido, comovidamente:

– Que belo dia para morreres, Patrocínio!

Na embriaguez do seu triunfo, o grande homem não pôde responder. Não tinha voz para isso. Havia feito para mais de cem discursos. E que discursos!

Tribuno, José do Patrocínio não foi, jamais, senhor de uma dicção simpática. Quando ora, a sua voz atoa esfandangadamente. É hiperacústica e rouquenha. Falta ao orador, além disso, físico agradável, elegância de gesto e de figura. Na praça pública, no entanto, quando discursa, a sua voz mal timbrada e reboante, subitamente se transforma, ganhando enleios e fulgores, tuba de guerra, impetuosa e forte, dourada labareda incendiando as multidões!

Foi com esse poderoso instrumento de persuasão e propaganda que ele pôde fazer vencer a causa dos escravos. Jornada sem igual. O tempo que passou e ficou atrás... No começo do século, porém, José do Patrocínio é bem outro José do Patrocínio, é o triste desmoronar de uma grande inteligência. Até cair banhado em sangue, como o sol, vive dos dias do passado, sem outra fama e sem prestígio. É a época do arnês de papelão pintado, da manopla de lata e da lança de pau. O declínio. No embate de suas ásperas polêmicas, vemo-lo, agora, que tristemente se coroa, como as rosas de Malherbe, vivendo uma glória vã, inconsciente, fictícia, a glória dos relâmpagos e dos trovões. Claridades efêmeras, ruídos extremos. Luz e bulha que passam... O grande Patrocínio! O formidável espírito!

A *Cidade do Rio* vive como sempre viveu o seu proprietário – dos caprichos da sorte, à *la bonne fortune du pot...* Quando chega o dinheiro, em geral, com uma bem grande irregularidade, enche-se a redação de gente, porque, então, José do Patrocínio, mãos abertas, paga a todos e paga muito bem. Não se conhece, aí, criatura mais franca, mais generosa. É o momento das grandes reportagens, dos grandes e belos



José do Patrocínio
Desenho de Seth

artigos assinados. O contrário dá-se, sempre, quando falta o dinheiro. A folha minguava. A matéria escasseia. A redação esvaizia-se, embora com a crise de dinheiro não haja crise de gratidão por parte do diretor-proprietário, o qual, não podendo pagar aos seus escribas, vive a lhes aumentar regularmente os ordenados...

– Sr. Patrocínio – vem, por vezes, dizer um modestíssimo repórter –, se o Sr. resolvesse, dos sete meses de vencimentos que o jornal ora me deve, pagar-me, pelo menos, um meszinho...

Patrocínio sorri. E prazenteiro:

– Quanto te pagam, agora, flor, pelos ótimos serviços que nos prestas?

– Cento e vinte mil-réis, mensalmente.

– Só cento e vinte? Que miséria! Um funcionário como tu, um escritor já feito, como tu és! Pois bem. Corre à gerência e informa a esse rufião das letras pátrias, que é o meu gerente, que, de ora em diante, ganharás o dobro.

Não paga, mas aumenta...

E quando não é um recado, assim, bilhete escrito a sério e assinado por ele. Repórteres há que, devido a aumentos consecutivos, chegaram a vencer, até, ordenados maiores que os de um presidente da República! Contudo, o Antônio Pinheiro, repórter de polícia, que chegou a ganhar, creio que quatro ou cinco contos por mês, em fichas de gratidão do diretor, se quer obter o necessário para o almoço tem que vir cedinho, à sede do jornal, esperar o correio que traz a massagada dos jornais vindos do interior, tomá-la, indo, depois,



João Foca
Desenho de Marques Júnior

vendê-la, a peso, ao armazém do Alecrim, na Rua do Rosário, junto ao Largo da Sé.

Graças a essa situação irregular, os quadros de redação e reportagem vivem constantemente renovados.

Não se pode, assim posto, fixar-se, hoje, com certa exatidão, os nomes dos que, pelo começo deste século, passaram pelo jornal de Patrocínio. Em todo caso, lembrem-se, entre muitos, os do “bando alegre”, os que com Pato andavam pela Pascoal, pela Cailteau e mais casas de vinhos, de reunião e de palestra: Bilac, Guimarães Passos, Emílio de Meneses, Álvares de Azevedo Sobrinho, Henrique de Holanda, Plácido Júnior, Aníbal Mascarenhas, Dermeval da Fonseca... Além desses, uns tantos rapazolas mal começando a carreira da imprensa, como Vicente Piragibe, hoje desembargador dos mais ilustres, Osmundo Pimentel, e ainda conhecidos jornalistas como Múcio Teixeira, Urbano Neves, Martinho Caldas e o Sérgio Cardoso, este, durante muito tempo, secretário da folha.



Henrique Cância
Desenho de Marques Júnior

Bom será não esquecer, outrossim, dois magníficos boêmios que por várias crises que atravessou a *Cidade do Rio*, nunca a abandonaram: Henrique Cância, vindo da primeira fase, e João Foca, mais moderno.

Cância é um tipo membrudo e espesso, metido, sempre, dentro de uma sobrecasaca cor-de-pérola, com o eterno ar de um homem que vai ao prado de corridas, em Longchamps. É um gigante tranquilo, cheio de enxúndias e de verve. Nasceu em Minas. Escreve bem. Adoram-no os boêmios da cidade. Quando ele surge, o rosto largo, com sinais de varíola, moreno, forte, iluminado pelo mais venturoso dos sorrisos, espere-se voz, espere-se brado, clamor, barulho. Ouça-se o homem a gritar:

– Príncipe! Magnânimo! Chefe! Excelso! Pontífice da minha idéia!

Sua voz é um trovão que ribomba, atroa, aturde e anda a ver se descobre ecos pelos cantos... Vem saudando de longe, erguendo o chapéu

alto, muito alegre, muito simpático, mostrando na gola do casaco um infalível “príncipe negro” que ele compra, sempre, à Rua do Ouvidor, num daqueles homens que vendem flores espetadas num chuchu...

Companheiro de Aníbal Mascarenhas, é jacobino vermelho, dos que andavam pelas ruas, malhando portugueses, no tempo do Floriano. Ora, certa vez, está ele em uma festa qualquer quando se anuncia a chegada de oficiais de uma corveta portuguesa que lançara ferro neste porto. Procura-se um orador à mão, para saudá-los. Só existe o Câncio. Vai-se a ele. Fala-se-lhe. Câncio não se faz de rogado. Câncio é bom rapaz. Câncio dispõe-se a saudar os portugueses. E quando os lusos penetram no recinto da festa, em forma, eretos, varonis, belos e perfilados, começa ele o seu discurso com este brado original, feito em voz de comando, e dirigindo-se aos presentes:

– Apresentar... corações!

Há um delírio de palmas. E no correr do seu discurso, todo uma filigrana de gentilezas, de amabilidades e corduras, mostra-se de tal forma que, no dia imediato, um jornal dá como notícia, isto (que seria extraordinário para os que não conhecessem a alma vazia de rancores do grande Henrique Câncio):



Raul
Desenho de J. Carlos

– *Em meio à festa chegou um grupo de oficiais portugueses sendo saudados num eloqüentíssimo discurso pelo Sr. Henrique Câncio, grande amigo de Portugal.*

O jacobino vermelho!

Batista Coelho, o João Foca, que a sorte fez um dia secretário da folha, magro, pequenino, pálido, dinâmico, é um humorista de nome que estende a sua atividade ao teatro e faz, com um sucesso enorme, palestras literárias, conferências, sobre tipos e coisas da cidade. É um verdadeiro ator, com uma presença de espírito realmente notável e da qual ele sempre se vale para fazer sorrir os seus ouvintes. Certa vez, ora João Foca em um teatro. A platéia sorri. Eis senão quando um espectador o interrompe desapropositadamente, num aparte tão longo que até se toma pelo início de outra conferência. Cala-se Foca, ouvindo o homem. E só

quando este acaba o que nervosamente quis dizer, como protesto, é que responde, então, no seu jucundo, tranqüilo e pitoresco linguajar:

– Cavalheiro, olhe que isto aqui não é piano a quatro mãos... Se houve engano do anúncio dando como orador o que aqui fala, em vez do cavalheiro, então eu me conformo e dou-lhe o meu lugar, mas em caso contrário espero que, por sua vez, se conforme o meu amigo e cavalheiro, como eu me conformaria, aí ficando, muito sossegadinho, certo, ainda, de que se não ficar, dou-me por zangado, faço uma cara feia (e olhando para o camarote policial), chamo o Bicho-Papão...

Foi tão grande a gargalhada na platéia que o tipo do protesto logo desapareceu... E a conferência prosseguiu.

.....

Capítulo 37

O Nacional e o Jacobino

RIXAS ANTIGAS ENTRE COLONIZADORES E COLONIZADOS – “CABRAS” E “PÉS-DE-CHUMBO” – O CASO DE DUAS CORVETAS PORTUGUESAS DURANTE A REVOLUÇÃO DE 93 – O *NACIONAL* E O *JACOBINO* – QUEM ERA DIOCLECIANO MÁRTIR – LAMENTÁVEIS ACONTECIMENTOS – COMO OS JULGOU JOÃO CHAGAS, JORNALISTA PORTUGUÊS – REATAMENTO DAS RELAÇÕES COM PORTUGAL – AINDA O *JACOBINO* – O MOVIMENTO ANTILUSITANO NO COMEÇO DO SÉCULO

J

Á HAVÍAMOS quase de todo esquecido os acontecimentos históricos que fizeram do luso e do brasileiro, nestas plagas da América (e isso durante quase quatro séculos), dois gatos desavindos e assanhados, dentro do mesmo saco; já se nos apagava da memória a desagradável lembrança vinda da guerra dos emboabas, do caso Beckman, da luta dos Mascates, da revolta de Filipe dos Santos, em Ouro Preto, da Conspiração de Tiradentes, dos movimentos de 1801 em S. Salvador e 1817 no Recife, da Guerra da Independência, na Bahia, das rixas criadas pela mesma época no Maranhão, no Piauí, no Ceará, no Pará, e, até, das refregas surgidas no Rio de Janeiro pelos tempos do Pedro I, e que

foram além das que marcaram a sangueira terrível da Noite das Garrafadas, já estávamos sem sombra de menor ressentimento, sinceramente convencidos da naturalidade dessas lutas, certos de que com este, com aquele ou aquele outro, qualquer que fosse, enfim, o colonizador, da mesma forma elas teriam aqui explodido, uma vez que jamais pôde existir comércio de brandura e bem-querença entre conquistador e conquistado. E amigos, de mãos dadas, *cabras e pés-de-chumbo* viviam sem prevenções e sem receios, quando um fato profundamente lamentável veio sustar essa cordialidade.

Em setembro de 93, Custódio José de Melo subleva a esquadra brasileira contra os poderes constituídos da Nação. Está Floriano no poder. Naturalmente, Floriano reage. As forças que se defrontam são vultosas. As armas que se entrechocam são terríveis. É a guerra civil. A esquadra de Custódio bombardeia, do mar, as hostes de Floriano e as hostes de Floriano bombardeiam, de terra, a esquadra de Custódio.

Estão as coisas neste pé quando várias nações da Europa, com interesses comerciais no país, tratam de enviar às águas da Guanabara, proas de guerra, no intuito natural de proteger, aqui, o que mais ou menos lhes pertence. Vão chegando, assim posto, as naves estrangeiras, a ponto de formar uma verdadeira esquadra à qual se mesclam, logo, duas corvetas portuguesas: *Mindelo* e a *Afonso de Albuquerque*.



Barbosa Lima
Desenho de J. Carlos

Um belo dia o comandante inglês e os principais desse núcleo de guerra, que o ouvem como chefe, reúnem-se em concílio. Idéia de se enviar, a terra, tropas que guarneçam, defendendo melhor as legações e os bancos estrangeiros... Parece que no Oriente ainda se faz assim quando se esboçam lutas intestinas ou a ordem nos governos periclita.

Decide-se, assim posto, um desembarque da maruja; porém, tem-se, por decidido, ainda, que, antes de se mandar descer a mesma, procure, alguém, Floriano, a fim de lhe participar o resolvido.

Lá vai o inglês no seu fardão agalado, teso e importante, falar ao marechal. Chega ao Itamarati numa caleche de praça, afobadíssimo, e é, imediatamente, recebido. Não ataca, porém, de chofre, o caso, por sua natureza, delicado. Contorna-o. Começa recordando a fúria dos combates entre insurretos e tropas do governo; fala, depois, da segurança pessoal que por isso padecem os naturais do país, bem como os estrangeiros aqui domiciliados; lembra o poder naval que no momento representa, para, com ares solenes de quem deseja ser, com segurança, informado, perguntar, como seria recebido, por ele, marechal, um desembarque de forças alienígenas, no cais desta cidade.

Registra a História que Floriano, muito tranqüilo, ter-lhe-ia respondido:

– Receberei a bala.

Espanta-se o comandante inglês, ante a franqueza insólita do homem, um tipo calmo, seco e escuro, que fala devagar, tendo dependurado, ao lábio grosso e frio, um coto semi-apagado de cigarro. Espanta-se, colhendo a frase que é brutal, porém, já de todo esclarecido sobre o assunto. Filosoficamente sorri, de leve, e curva-se, certo, a pensar na oposição flagrante das duas mentalidades que no momento se defrontam: a dele, inglês, ponderada, sutil, civilizada, e a do soldado americano – irrefreável, áspera, selvagem...

Não é muito dos filhos de John Bull o criar casos. Por isso o comandante não insiste. Estende a mão num cumprimento austero. Sai. E não se pensa mais em desembarque de tropas estrangeiras na cidade. A esquadra das nações continua, como estava, tranqüila e neutra, balouçando nas águas da formosa Guanabara, enquanto legalistas e insurretos decidem o caso nacional, sem intervenções estranhas, a sós, embora de forma cruel, a sangue e fogo.

Em meados de março, dia 15, o Marechal Floriano mete num círculo de ferro as forças insurretas que se mantêm em pé de guerra. Está para terminar a luta portentosa, a refrega entre irmãos, pela vitória da legalidade. Já telegramas, daqui, para a Bolsa de Londres, melhoram os nossos títulos. Vão respirar as arcas do Tesouro. Não mais se verterá o sangue patricio. A sedição, dentro de pouco, acabará. É a paz que, finalmente, se aproxima.

Eis senão quando corre pela cidade a nova extraordinária:

– Os navios de guerra portugueses, *Mindelo* e *Afonso de Albuquerque*, após terem recebido a bordo os diretores da revolução, vão zarpar, barra afora, e, o que é pior, em caminho contrário ao de Lisboa, rumando para o Sul...

Isso quer dizer, afinal, que os mais eficientes cabecilhas de uma luta feroz e fratricida vão ser em breve colocados nas fronteiras do país, para que a luta continue.

Mindelo e *Afonso de Albuquerque*, na verdade sob o comando de Augusto de Castilho, aprestam-se no porto para sair. Aonde irão elas, finalmente?

De novo afirma-se:

– Em direção ao Sul...

Há um momento em que, para justificar tão anômala atitude, pensa-se na hipótese de irem, os navios portugueses, buscar, no Uruguai ou na Argentina, víveres capazes de garantir, depois, a travessia a fazer sobre o largo Oceano, ou algum navio capaz de aliviá-los da carga pesada que tomaram. E, até certo ponto, louva-se a idéia do comandante luso que completa, de qualquer modo, os anseios do país, colaborando na extinção da fogueira que não crepitará mais entre irmãos.

É quando Floriano indaga de Parati, ministro português aqui acreditado, sobre as intenções desses mesmos navios. Quer saber se eles, afinal, vão seguir caminho de Lisboa ou outro qualquer caminho, não sem protestar contra a intromissão que já representa a hospedagem que o inglês, o italiano, o alemão e o francês não deram em seus navios, de tal forma revelando a desejada neutralidade em coisas inteiramente nossas.

Parati responde, em primeiro lugar, que os navios *sairão para refrescar* fora da barra (não fala em direção ao Sul) porém – e é aí que, em nome do governo do Reino, acalma Floriano, com a declaração positiva de que os insurretos *só serão descidos em porto português, podendo ficar o governo brasileiro perfeitamente sossegado*.

Os navios da flotilha lusa saem barra afora, porém, ao invés de irem refrescar, disparam em direção do Sul, com os cabecilhas da revolta! São vistos, dentro de pouco, em Santa Catarina, depois disso, na

altura do Rio Grande do Sul, para chegarem, enfim, ao cabo de alguns dias, à capital do Uruguai.

Aclara-se a questão. Os chefes do movimento revolucionário vão ser desembarcados, em outra terra que não a terra lusa, apesar do compromisso oficial por parte do governo português. Se Castilho procura Montevidéu, ao invés de Buenos Aires, ali bem perto, é pelo fato deste porto ser região mais próxima à fronteira do Rio Grande por onde devem, dentro em pouco (como acabou acontecendo), penetrar os seus ardentes asilados, mais do que dispostos a reacender a fogueira da guerra fratricida.

– Pode lá ser? – comenta-se, ainda. – Não é possível.

Era.

Passam-se dias e os ases da insurreição acabam, como se contava, tomando o rumo da linha divisória do Uruguai com o Rio Grande do Sul. Declara, aí, Augusto de Castilho, que eles fugiram de bordo. Fugiram em massa. Várias embarcações, certa vez, chegam a bordo e esses insurretos, cerca de trezentos, tratam de desaparecer, sem que ninguém os veja, os impeça, como um só homem, sorrateiramente, na calada da noite silenciosa, escorregando, desaparecendo por algum buraco...

O governo português, entretanto, sem a menor perda de tempo, compromete-se a demitir (a declaração oficial nos chega de Lisboa) o comandante da flotilha, desejando de tal forma provar que quer pôr termo ao incidente que já provocava, no Brasil, certo nervosismo.

Floriano declara-lhe, então, que nada tem que ver com comandantes, que não lhe interessa a demissão prometida, que essa atitude, de ordem disciplinar e privada, não exime, de forma alguma, o governo português da responsabilidade assumida em assunto de tamanha relevância; que a quebra da palavra assumida, bem como o modo por que a mesma foi quebrada, obrigam-no a tomar uma atitude extrema, embora bem a contragosto, pois sempre cultivou em todo seu governo, e com o maior empenho, as boas relações entre o Brasil e Portugal.

E entrega, sem demora, ao Ministro Parati, o passaporte; manda, além disso, que se retire, com a maior brevidade, acompanhado de todos os componentes de sua legação. E rompe relações com Portugal.

Assim procedeu Floriano, serenamente, dentro das praxes internacionais, sem violências ou azedumes, enquanto se preparava, ao mesmo tempo, para enfrentar, de novo, o terrível Saldanha que, por sinal, depois, acabou morrendo, heroicamente, em Campo Osório, à frente dos desembarcados de bordo das corvetas de Castilho.

O povo da cidade, no entanto, não tem, como o governo, ponderação e calma no julgamento desses fatos, vem para a rua e cenas desagradáveis, idênticas às lamentáveis cenas que aqui se conheceram sob a denominação de Noite das Garrafadas, revivem duras e ferozes. Malham-se indefesos portugueses pelos logradouros públicos, como se fossem *judas*, em sábado de Aleluia. Na zona lusitana do comércio assaltam-se lojas, depredam-se armações, incendeiam-se armazéns...

Os gatos desavindos e assanhados entram, de novo, para o mesmo saco...

É a labareda da discórdia reacesa e terrível que renasce. E crepita.

No fundo, o desvario popular vai atingir a muitos inocentes, gente trabalhadora, homens simples, os quais não podem ser responsabilizados pela atitude trêfega ou mal-aconselhada de um simples comandante de navio, para o qual o governo português arranja, logo, um conselho de guerra que, depois, o absolve, naturalmente, para absolver-se.

Foi pouco mais ou menos por essa época de tristes atividades patrióticas, de sobressalto e de correrias pelas ruas, que prosperavam, aqui, dois jornais, dois terríveis panfletos: o *Jacobino* e o *Nacional*. Dirigia este último, em sua primeira fase, o professor Aníbal Mascarenhas, historiador e grande polemista, e na segunda, Barbosa Lima, dos mais brilhantes oradores da nossa Câmara, eminente jornalista, escritor e político. Não tinha o *Nacional*, diga-se de passagem, tanto na primeira como na segunda fase, a feição verrinária do *Jacobino*. Era violento nas idéias que audaciosamente propagava, intransigente nacionalista, porém, bastante comedido na linguagem.

O *Jacobino* tinha por diretor Diocleciano Mártir, tipo meio doido, impulsivo, muitíssimo apaixonado, andando de muleta e dela, muita vez, valendo-se como arma de combate, sempre que em rugas de calçada se metia.

Jacobino, por quê? E, por que *jacobinos* foram chamados, por essa época, os antilusitanos no Brasil?

O próprio Diocleciano Mártir, pelo seu jornal, é quem nos vem, sobre o assunto, elucidar:

Há um século, o jacobinismo em França conseguiu firmar a República contra as facções reacionárias que a dilaceravam internamente, a repelir do sol da pátria os exércitos invasores coligados para o restabelecimento da realeza e do predomínio clerical.

O patriotismo dos jacobinos salva a nação, embora empregando meios violentos. Para combater o mal que nos flagela e que predomina há séculos, só pela violência dos meios e pela aplicação de medidas enérgicas é que a República brasileira poderá desbaratar o inimigo comum que a avassala materialmente e salvar-se do torpor em que jaz a pátria desde o seu descobrimento casual pela lusa gente.

Aí nesse palmo de prosa, Diocleciano ainda se mostra um tanto comedido na linguagem, isso se compararmos ao que ele, a seguir, pôs-se logo a escrever, pregando idéias que, de loucas, seriam para rir se não representassem, como representavam, pelo tempo, o sopro alimentador de atividades mais que condenáveis, contrárias até à nossa índole pacífica e generosa de povo.

João Chagas, jornalista português, belo jornalista e melhor escritor, aqui nos visitou quando, justamente, mais crepitava a chama dessa xenofobia pavorosa. Testemunha pessoal de cenas violentas e imprevistas, registra, contudo, o caso, serenamente, elegantemente, embora atribuindo ao que viu origens diferentes das reais.

Falando do *Jacobino*, transcreve Chagas, friamente, no seu livro – *De Bonde* – certo artigo de Diocleciano Mártir intitulado *Extermínio do portuguesismo no Brasil*, artigo que não julgamos necessário transcrever para bem explicar os sucessos do tempo. Não obstante, para se ter uma idéia das deploráveis investidas desse jornal terrível, pode-se recordar, através da transcrição feita por Chagas, o que nesse mesmo escrito ele, Diocleciano, sugeria ao governo, no plano de uma reforma constitucional: confisco dos bens de raiz de todos os portugueses fazendo vida no Brasil; nacionalização imediata do pequeno comércio a varejo (que, então, estava inteiramente nas mãos dos filhos de além-mar) por impostos fortes e progressivos; proibição de entrada, em nossos portos, até de naves que tocassem em portos portugueses; e, para a coroar a série

de despautérios que punha a salvo, no entanto, franceses, ingleses, alemães, italianos, argentinos, turcos e outros estrangeiros aqui domiciliados, lei marcial, pena de morte para o brasileiro que tentasse proteger, mesmo de leve, o luso, tido como de todo indesejável para este grande e generoso país. Só faltava instituir para os mesmos e para os brasileiros, seus amigos, as fogueiras do Santo Ofício, transformando as doçuras do nosso Campo de Santana em um novo Campo da Lã.

Ora, a Constituição do Brasil, garantindo, como garantia, a liberdade da imprensa, não permitia ao governo uma ação repressiva capaz de pôr termo aos desvarios patrióticos de Diocleciano e de seus colaboradores.

Quando o Presidente Prudente de Moraes subiu ao poder, diga-se de passagem, subiu disposto a esquecer o incidente provocado pelo comandante Augusto de Castilho, tomando em consideração as *démarches* diplomáticas que intensamente já se faziam em torno do caso, no intuito de dar por finda a ruptura das nossas relações com Portugal, restabelecendo um intercâmbio tão necessário ao equilíbrio do velho reino.

Essa política de amor e de concórdia que então se prometia, irritou profundamente os jacobinos sendo que, por isso, sofreu bastante o venerando presidente, homem calmo, sem paixões, espírito conciliador e bom.

Cessam, porém, no fim de pouco tempo, os agastamentos do Brasil. Vence a política de concórdia. Portugal pode enviar ao Rio de Janeiro um representante diplomático.

A monarquia portuguesa, que conhecia bem a ação ativa e perigosa dos jacobinos brasileiros, e o constrangimento de seus filhos ante uma situação que não podia por muito tempo perdurar, diante do gesto do Brasil, a primeira coisa que fez foi esmerar-se carinhosamente na escolha do diplomata que aqui viesse substituir o Conde de Parati, de desastrada memória. Para isso escolheu uma figura respeitável, e, o que é melhor, ainda, das mais queridas e mais admiradas em todo o país, Tomás Ribeiro, poeta da *Judia*, autor de versos mais que conhecidos por todos nós e, até, bastante recitados em nossos salões. Chega ao Brasil o novo diplomata. Vão recebê-lo, ao cais, associações lusas e uma cerrada massa de portugueses, seus patrícios. Há uma muralha humana circun-

dando o carro do ministro. Não obstante, quando o mesmo se põe em movimento e penetra o centro da cidade, rebentam chufas das janelas, assobios, galhofas, atiram-lhe panfletos chulos, agressivos, frutos podres, ovos e até pedradas! E enquanto essas manifestações de desagrado prosseguem no logradouro público e o veículo ligeiro ganha, correndo, o bairro das Laranjeiras e chega ao Hotel MetrÓpole, na Câmara, o professor Érico Coelho, deputado, orador de enormíssima fama, ergue-se, procurando enxovalhar, diminuir, não só o enviado do Reino, como o gesto conciliante e natural do governo. É o famoso:

Chegou, chegou, chegou...

Agora, agora, agora.

que, resvalando pelas ruas, provoca na cidade formidável escândalo, entristecendo, com isso, o coração dos verdadeiros patriotas.

Tomás Ribeiro, que é um sensitivo, uma alma suave de poeta, diante das ocorrências lamentáveis, quer voltar (segundo se diz), para bordo, abandonando o posto de honra a ele conferido. Dissuadem-no. Tomás Ribeiro fica. Fica, mas adocece. E, isolado, mantém-se até o dia da entrega das credenciais, propositadamente retardado pelo governo que ganha, com isso, tempo, manobrando, tentando diminuir a fúria dos desalmados jacobinos.

Como esse dia marcado por Prudente para a formalidade das credenciais foi de apreensões e sobressaltos, vê a gente, nas *Minhas Memórias* de Rodrigo Otávio, o qual, como secretário de Prudente de Moraes, passou horas de angústia, em palácio, à espera do carro do ministro português, que um incidente de rua demorara.

No fundo, tudo isso que ora aqui recordamos era, em grande parte, obra do *Jacobino*, trabalho mefistofélico de Diocleciano Mártir que explorava, a seu modo, o sentimento popular.

Tinha o jornal vermelho redação no prédio de nº 241 da Rua do Hospício. Emílio de Carvalho era o gerente.



Diocleciano Mártir
Desenho de Marques Júnior

Não possuía, Mártir, diga-se de passagem, grande talento jornalístico. Contudo, era um homem cheio de atrevimento e de coragem. Sem a perna direita, metia-se em refregas de rua, saltando como um esquilo, de muleta na mão, a desancar o adversário.

Ao governo pacificador da contenda luso-brasileira não perdoou, jamais, o diretor do *Jacobino*. E é assim que vamos encontrá-lo, mais tarde, envolvido na conspiração que armou o braço do Marcelino Bispo para matar Prudente de Moraes.

Quis o destino que o visado, no momento em que a mão assassina um longo punhal erguia para rasgar-lhe o coração, tivesse junto a ele o Marechal Bittencourt, que, rápido, num gesto de defesa, fez de seu próprio peito o escudo forte onde veio cravar-se a lâmina terrível, ali mesmo tombando, para sempre.

Em 1901, o *Jacobino* ainda prospera, ainda se vende pelas ruas e o jacobinismo, embora menos feroz, também mantém-se em pé de guerra. No governo Rodrigues Alves, com Passos na Prefeitura e Osvaldo Cruz na Repartição de Higiene, ainda se registram lutas de rua que os jornais silenciam, sobretudo durante o carnaval. Aos poucos vão-se apagando esses ressentimentos, que não teriam existido se o incidente de Augusto de Castilho, não os houvesse provocado.

O *Jacobino*, porém, fez época e dos panfletos do gênero foi o de ação maior, sendo o mais popular.

.....

Capítulo 38

A Revista Contemporânea

ESCRITORES NOVOS. BOÊMIOS QUE TÊM IDÉIAS PRÁTICAS – O SECRETARIADO SEM PASTA INVENTADO POR CARDOSO JÚNIOR – RECORDAÇÕES DE MAMASSA – O CASO DO MAGALHÃES DAS DROGAS – HISTÓRIA DE UM SONETO – NEGÓCIO QUE ACABA NA POLÍCIA

A

Revista Contemporânea é idéia e fundação do Manuel Cardoso Júnior, que chamou para dirigi-la o autor destas linhas. Lançada em 1889, vive a publicação até 1901, menos do favor público que das sagacidades do fundador. Na geração dos moços, Cardoso representa o gênio dos negócios. Assuntos econômicos, realização de empresas, idéias práticas para arranjar dinheiro, tudo isso é com ele. Nada se realiza na roda sem que ele, antes, seja ouvido. E, quando o homem, sem grandes rodeios e sem grandes frases, solta o seu clássico:

– Presta pra nada! – acabou-se, é que não presta mesmo.

Quando, porém, vai para a frente de uma empresa, é contar com a vitória da mesma.

Funda-se a revista sem exotismos literários e sem outro programa que não seja o de estabelecer, na capital da República, um instrumento de intercâmbio de letras com todos os novos que vivem nos estados.

É uma idéia louvável, de grande significação nacionalista.

Nela colaboram, entre outros: Antônio Sales, que vem do movimento da Padaria Espiritual, no Ceará; Francisco Mangabeira e Petion de Vilar, da Bahia; Alfonsus Guimaraens e Arcângelus, de Minas; Silveira Neto e Pernetá, do Paraná; Amadeu Amaral, de S. Paulo; Luís Delfino, João do Rio, Luís Guimarães Filho, Jaime Guimarães, Antônio Austregésilo, Colatino Barroso, Nestor Vítor, Gustavo Santiago, Orlando Teixeira, Azevedo Cruz, Figueiredo Pimentel, Gonzaga Duque, Lima Campos, Mário Pederneiras, Aníbal Teófilo, B. Lopes, Carvalho Aranha, Leôncio Correia, Jonas da Silva, Silva Marques, Carlos Góis, Júlio da Serra Freire, Emílio Kemp, Júlio Reis, Araújo Viana, Neto Machado, Castro Moura, Raul Braga, Múcio Teixeira, Frota Pessoa, Virgílio Várzea, Luís Barroso Filho, Álvaro Guerra, Alberto Thoreau, Narciso Araújo, Castro Meneses, Gonçalo Jácome, Áurea Pires e Isaías de Oliveira, do Rio de Janeiro.

A novel publicação vive entre o bafejo de simpatia da imprensa diária, um certo número de assinantes, certa venda avulsa e o formidável senso prático do Cardoso. As loucuras por ele pensadas para garantir, com galhardia, a vida do magazine literário, que custa um dinheirão! Entre essas loucuras vale bastante recordar algumas.

Assim como se criam, mais tarde, durante a guerra, na Europa, ministros sem pasta, cria ele, para a *Revista Contemporânea*, vários cargos honoríficos de secretário tendo cada secretário o direito de figurar com o nome na capa da folha, ao lado do seu, não podendo, embora, intervir na secretaria do magazine, obra do diretor que, acumulando funções, passa a ser secretário de si próprio...



Luís Guimarães Filho



Silva Marques



Francisco Mangabeira



Capa da
Revista Contemporânea

Diga-se, de passagem, que cada secretário obriga-se a uma contribuição mensal, para os cofres da empresa, que varia entre 20 e 50 mil-réis, para melhor compreender a idéia de Cardoso.

Na *Revista Contemporânea* só o diretor, que é o que se incumbem, ainda, do serviço da revisão da folha, não paga mensalidades. O próprio Cardoso paga.

A redação da *Revista* fica à Rua do Riachuelo, 13, 1^o andar, lugar onde funciona uma escola pública municipal, a do professor Edmundo Costa, num salão magro, que é como um corredor, onde há um desarvorado piano Pleyel, que o Júlio Reis, de quando em quando, tortura, fazendo gemer a sua música, arrevesada e descritiva. Desse piano saíram, saiba-se, os primeiros compassos da famosa *Serenata de Pierrot*, que fez, depois, a glória musical de seu autor.

Há na modesta redação uma só mesa de escrever, obra tosca e de pinho, forrada com um largo pano de lã azul. Sobre ela, a mancha de uma pasta enorme, de papelão, com pinturas de Heitor Malagutti. Um cadeiras Thonet, muito velhas, muito arreventadas, completam o pobre mobiliário. Nas paredes, desenhos da autoria de Calixto, de Raul, de Artur Lucas, de Amaro Amaral, de Crispim do Amaral, de J. Artur e de Lobão.

Dá-se ao luxo, a *Revista*, de possuir dois funcionários subalternos: o negro Bahia, varredor, limpador de vidros, que faz recados de rua, a entrega de números aos assinantes e distribuição da folha nas bancas dos jornaleiros, e o Mamassa, cobrador, tipo bonacheirão e simpático, gordalhudo e vermelho, mas, muito cheio de fobias e de cábulas. Tem, por exemplo, horror aos homens de nome exótico. Não quer, com eles, ter trato de espécie alguma. Recibos com nomes de assinantes ou anunciantes que se chamem Asclepiades, Demóstenes, Asdrualdo ou Eurípedes, não os cobra diretamente – dá-os a um sobrinho para os receber, paga-lhe o serviço. Nesse particular, não transige.

Com criatura de nomes difíceis ou arrevesados não quer trato. Quizília de homem que vê, em tudo, azares, maus presságios ou agouros.

Um dia, João do Rio é a ele apresentado, na sala da redação, com o nome de Pretúcio Astracapelto Oranfilo Fibroso. Mamassa saúda, de longe, o artista jovem, que é, então, bem pouco conhecido, aos recuos, fingindo que não vê a mão que, para ele, o mesmo lhe estende, horrorizado como uma beata velha diante da figura do Tinhoso...

Há dias em que o escritório à Rua Riachuelo, feito para conter, no máximo, oito ou dez pessoas, enche-se com vinte e trinta rapazes. Imprime-se a *Revista* na tipografia Aldina, à Rua da Assembléia. Edição: 1.500 exemplares. Encalhes formidáveis! A *Revista*, porém, vive, assim mesmo, graças ao espírito do Cardoso e dos seus inúmeros amigos do comércio. O avô desse Paulo Magalhães, que anda por aí, em 1901 é um português simpático, com uma loja de drogas à Rua da Alfândega, ou S. Pedro, muito da intimidade do Cardoso, que o inscreve na lista dos “amigos da *Revista*” com uma contribuição mensal de cinqüenta mil-réis, notável contribuição, para o tempo, diga-se de passagem.

Um dia, recebe-se na redação uma carta de Magalhães convocando, imediatamente, o seu diretor, para um negócio urgente e inadiável.

Lá se vai, o diretor, a voar, de asas nos pés, saber de que se trata, preocupado, quiçá, com a possibilidade de um corte na contribuição mensal dada pelo grande “amigo da *Revista*”.

– Mandei chamá-lo – diz o velho Magalhães – não porque deseje despende o que à sua publicação dou, mensalmente, como ajuda, mas, para lhe dizer qualquer coisa. Nem vale a pena sentar-se porque serei breve. Em primeiro lugar fica sabendo o Sr. diretor que isto aqui é uma casa de negócio e de ordem, tratando só de assuntos sérios e sensatos, não se imiscuindo, portanto, em peraltices literárias ou coisas parecidas. Em segundo lugar, que não desejo mais que os senhores vivam, como vivem, até agora, metralhando-me pelo correio com números e mais números de uma publicação que em nada nos interessa.

E muito formalizado:

– Numa casa de trabalho, como esta, recebe uma pessoa o raio da correspondência e vê um grande envelope. Grande envelope,

grande negócio. Abre-o, e é uma revista de versos e de bonecos! O meu amigo há de concordar que isso, para nós, é profundamente desagradável. E não pode continuar. Ah, não pode! Assim posto, resolvam os senhores: ou deixam-me de aborrecer com as remessas incômodas desses malditos impressos e continuam o receber a ajuda que sempre lhes dou, ou insistem no incômodo e eu corto a pensãozinha e guardo o meu dinheiro...

E como o chamassem, lá no fundo da loja, sem mais palavras despediu-se, toscamente:

– E agora pode-se ir embora, que era só isso que eu lhe queria dizer.

À noite, a direção e o secretariado “sem pasta” reúnem-se no escritório da *Revista*, à Rua do Riachuelo, para resolver o estranho caso do “Magalhães das Drogas”.

Somos seis ou oito. Seis ou oito víboras pisadas pela bota de um labrego. Espuma-se de cólera, de rancor e de vergonha.

Após um debate terrível, por proposta de Cardoso Júnior, fica resolvido que se escreva a Magalhães uma carta tremenda, altiva, enérgica, recusando mensalidades futuras, chamando-lhe *ignóbil, burguês, estrangeiro analfabeto, pulha*, não sem afirmar, ainda, a resolução unânime tomada por nós, tal a de continuar a metralhá-lo, *ad vitam aeternam*, bem como os sócios e todos os empregados da loja, inclusive a “vassoura”, com tantos números da *Revista* quantos sobraem da nossa venda avulsa.



Luís Pistarini

De todos nós, é bom observar-se cuidadosamente este detalhe, porque é muito importante, como depois se verá, o mais indignado é Cardoso Júnior. O homem está roxo, bate punhadas na mesa, exigindo as fogueiras de um auto-de-fê para o Magalhães das Drogas. Faz questão de levar a carta, Cardoso, em pessoa, para, de chapéu à cabeça, enterrado até as orelhas, cara a cara, dizer-lhe como quem solta uma cusparada: – Leia isto, seu lorpa. Depois, dar-lhe as costas, altivamente, aban-



Jonas da Silva



Carvalho Aranha



Alfonso de Guimaraens

donando a loja com dignidade, superioridade e importância. Quer ter, ele próprio, ainda o prazer de se incumbir, diretamente, da remessa regular da revista, que deve contundir a alma e os nervos do português sem entranhas. Quanto à mensalidade...

– Quanto à mensalidade, o Massa que me entregue, no fim de cada mês, o recibo do homem – diz ele –, porque *do meu bolso*, com a maior das alegrias, o liquidarei.

Ficamos todos muito espantados das atitudes do Cardoso. Mas, como conhecedores dos ímpetos e das loucas liberalidades que, por vezes, ele nos demonstrava, passamos a pensar noutra coisa.

Ora, acontece que, um dia, isso muito tempo após o incidente ocorrido (já não vivia mais a revista), assim nos fala Cardoso Júnior, referindo-se ao caso das contribuições mensais de seu grande amigo, o Magalhães das Drogas:

– Pois vocês pensaram mesmo que eu ia abrir mão de uma contribuição tão larga, coisa que com tanta dificuldade pude arrancar do homem, só porque na sua casca grossa de negociante e de iletrado, achou ele de agir como, afinal, agiu, pouco nos pedindo, porém tudo nos querendo dar? Era o que faltava!

– Mas, aquela tua indignação, que tanto nos confortou, Cardoso?

– Histórias! Eu fingia concordar com vocês todos, poetas na máxima expressão do termo, para salvar os cofres da revista. A famosa carta, nunca o Magalhães das

Drogas a recebeu, bem como não recebeu, ainda, os números da *Revista* subscritados pelo Mamassa. Lembrem-se vocês de que, como indicação da cidade, a cinta dos nossos endereços trazia sempre “Nesta”, em vez de Rio de Janeiro. Pois muito bem, eu acrescentava a esta palavra, mais as letras *mpia*. Ficava – Nestampia. Punha uma vírgula e, logo adiante, México! Ia tudo para o país do Montezuma.

“Nunca, outrossim, paguei um só vintém pelo português. Quando o Mamassa me passava o recibo, eu nada mais fazia que adiantar o que, momentos depois, ia receber das mãos daquele grande amigo. E quando foi o número do Centenário, como bom patriota, o Magalhães largou o dobro e com a maior boa vontade, em homenagem ao acontecimento histórico, pagando ainda, à parte, a clichéria que, como vocês devem se recordar, custou um dinheirão. Verdade é que eu não cansava de lhe dizer:

– “Fique o Sr. Magalhães tranqüilo que a nossa *Revista* jamais receberá... E nunca mais, na verdade, ele a recebeu.”

Luís Pistarini entra-nos, uma vez, pela redação adentro, com um soneto na mão, dizendo com um ar de indivíduo prestes a suicidar-se:

– Para resolver uma questão de honra, preciso de dez mil-réis. – Tem o olho em bugalho, o cabelo da frente arrepiado e a mão no bolso, trêmula, como que a tatear o cabo de um revólver...

– Pista – diz-lhe Cardoso, mansamente – mas tu sabes que nem pelo soneto de Arvers, inédito, seremos capazes de dar dez mil-réis! Pois tu não sabes, ainda, que colaboração foi coisa que jamais se pagou nesta casa?

Luís Pistarini, de olhos pregados no chão, vai abalar, vai, talvez, encher-nos de remorsos, arrancando do bolso a arma terrível, desfechando-a, quando, de repente, entra sem se fazer anunciar, certo poeta – ainda hoje vivo – e que, até então, não havia conseguido ter um só trabalho seu publicado na *Revista*. Traz na mão um soneto, também. Lendo-o, Cardoso, súbito, arrebatase, e relendo-o em voz alta tem o ar de quem se embriaga a se deslumbra com a xaropada lírica e imbecil.

– Lindo! – termina por dizer.

O autor festivamente embandeira-se em arco. Sorri, modesto. Esfrega as mãos.

– Achas, realmente?

– Como não, estupendo! É pena que não o possamos publicar no número próximo, um número de “fortes” e que terá de ficar marcando um dos acontecimentos mais brilhantes da nossa literatura. Pena...

– Mas, se o soneto é belo, por que não publicá-lo então? – avança o autor.

– Porque o referido número é um número só para os que têm na revista o sangue de suas veias, como nós, que a criamos e somos velhos e constantes colaboradores, número de sacrifício, onde os colaboradores vão pagar, por linha, aquilo que escreverem. Não vamos exigir nós, agora, isso de ti...

– E quanto se pagará por soneto?

– indaga ele, curioso.

– Devemos, todos, pagar à razão de mil-réis a linha, o título e assinatura inclusive, já se sabe. Um soneto, assim posto, sai por 16\$000! Veja você só a brincadeira...

– Por isso não – diz o outro – aqui tem vocês a minha parte... Publiquem-me o soneto! – Mete a mão no bolso e dele arranca a quantia reclamada.

Sai o poeta e Cardoso que atira, para Pistarini, os 16\$000 da recolta e a versalhada horrenda:

– Pediste dez? Levas dezesseis!

– Por que a versalhada? – indaga o outro espantado, embolsando o dinheiro.

– Por quê? – ingrato! diz Cardoso. – Pois tu cuidas, então, que vamos publicar esta infâmia só por amor aos teus bonitos olhos? Trabalha, corrige as burrices do homem, pondo gramática onde não houver gramática, pondo talento onde faltar talento, que nós temos mais que fazer.



Cardoso Júnior

Pistarini senta-se, e, em pouco tempo, conserta a versalhada ignóbil.

Cardoso, no entanto, que é metucioso e o guarda-livros da empresa, enquanto Pistarini escreve, está lançando no livro Caixa, como receita:

“Contribuição para a publicação de um soneto” em um número que se chamará de “sacrifício” – 16\$000.

E na parte relativa à despesa – “Ao poeta Luís Pistarini por uma meia-sola no soneto de um amigo da revista, rs – 16\$000”. Tudo feito muito regularmente, como se vê.

Cardoso Júnior tem, na revista, certo dia, um grande desgosto provocado pela inépcia do autor destas linhas, que então se revela uma verdadeira negação por todo e qualquer assunto onde entrasse dinheiro. O caso.

Comemorando o 4º Centenário da chegada de Pedro Álvares Cabral, na Bahia, em 1500, organiza-se um número especial, muito trombeteado pelos jornais da terra, como qualquer coisa destinada a fazer um sucesso enorme.



Araújo Viana
Desenho de Marques Júnior



Alberto Thoreau
Desenho de Marques Júnior

Um ou dois dias antes de ser distribuído o número, aparece na redação um sujeito cheio de dialética e de pastas, mamando vasto charuto e dizendo chamar-se Agostinho de Tal. Propõe-se o homem comprar toda a edição especial comemorativa, composta de 3.000 exemplares, à razão de 1\$000 o exemplar, compra essa feita em bloco, pelo valor de capa dos mesmos exemplares, abatida a comissão aos jornalei-



Áurea Pires

plares, a tiragem tendo sido de 3.350; a quebra destinada a ofertas, assinantes e amigos e colaboradores da revista.

Em S. Paulo, onde se encontra, recebe, logo, Cardoso, do signatário destas linhas, um telegrama concebido nestes termos: “Vendi número centenário em bloco. Ótimo negócio. Já recebi parte do dinheiro...”

Chega Cardoso Júnior às 7 e encontra o diretor do seu magazine literário à espera de Agostinho e do dinheiro que ainda deve. Fica furioso. Desaba sobre ele: – Vender uma edição destas por 200\$000! Oh, mas isso é inconcebível, porque o homem não virá trazendo o resto do que deve!



Júlio Reis

ros de banca, comprometendo-se a pagar da seguinte maneira: 200\$000 no momento de se fechar o negócio, e o resto, 72 horas depois de ter recebido os números que lhe deverão ser entregues em bloco.

– O meu intuito – diz ele – é vender os números não por 1\$000, mas por 1\$500, sobretudo, na Missa Campal, que se anuncia para o dia 3 de maio, claro que me sujeitando aos ônus do encalhe. Fechado o negócio, recebidos os 200\$000 do ajuste, passa-se-lhe um recibo em regra e ele, no dia 3, pela manhã, recebe da tipografia 3.000 exem-

– O homem virá, Cardoso. É um sujeito de bem. Basta vê-lo. Um *gentleman*. Virá. Esperemos mais um pouco... Mania de homem que só vê ladrões em cada canto!

A coisa termina por uma queixa à Delegacia de Polícia no dia 15, após uma louca procura do espertalhão que, só na Missa Campal, como se soube, vendeu mais de dois mil exemplares... Enfim, sempre se descobre mais alguma coisa. Descobre-se, por exemplo, que o homem não se chama Agostinho, mas, Manuel Ferreira Lima, ou

Sousa; mais, que é um refinadíssimo larápio, vivendo de expedientes idênticos e já muito repetidos.

Passam-se mais dois dias e o diretor é chamado à Polícia Central, então à Rua do Lavradio. Chega ao gabinete da chefatura e lá encontra o Mamassa, preso. Por quê? Saiba-se. Procurando comprar, na repartição dos correios, selos para a expedição de futuros números de nossa publicação, dando como pagamento a nota de 200\$000, que se recebera do patife, constatam que a mesma é falsa...

Nem os 200\$000 de Agostinho eram verdadeiros! O homem era, positivamente, um tipo acabado e perfeito como escroque.

Felizmente a coisa se arranja. Ficando logo provada a nossa boa-fé. E a revista ainda vive, depois disso, mais um ano.

.....

Capítulo 39

O Correio da Manhã

DO JORNALISMO DE GONÇALVES LEDO E EVARISTO DA VEIGA AO JORNALISMO DOS ÚLTIMOS DIAS DO SÉCULO QUE PASSOU - OS VERDADEIROS DONOS DOS JORNAIS CARIOCAS POR ESSA ÉPOCA - CAMPEÕES DA NEUTRALIDADE. - EDMUNDO BITTENCOURT E O *CORREIO DA MANHÃ*. COMO APARECEU O GRANDE DIÁRIO, EM 1901 - AÇÃO INTRÉPIDA DE EDMUNDO, ÍDOLO DE TODA UMA POPULAÇÃO - DUELOS - LUTAS DE TODA SORTE - FIGURAS NOTÁVEIS DO JORNAL - LEÃO VELOSO - OUTRAS FIGURAS

AQUELE jornalismo desenvolto que após o grito do Ipiranga aqui floriu e prosperou, instrumento de luta e de brasilidade, ao qual se deve a verdadeira independência que o nosso povo, em 31, no Campo de Santana, pôde, afinal, gloriosamente, proclamar; imprensa que se cobriu de louros e que inscreveu na nossa História a página mais linda do sentimento nacional; o jornalismo de Gonçalves Ledo, dos irmãos Bonifácio e do grande Evaristo, com o rolar monótono dos tempos, aos poucos, lentamente, vem-se apagando, decompondo e aviltando, de forma tal que, na assomada do século em que vivemos, nada mais é que um tráfico de espertos, onde os ideais que se defendem são, apenas,

os de uma grei que calculadamente o açambarcou e que o dirige à revelia das aspirações e dos interesses do país.

A grei, diga-se logo sem rebuços, e a espanto, talvez, dos que desconhecem as tradições que nos vêm dos velhos tempos coloniais, é o honrado comércio desta praça (como ele habitualmente se proclama), bando unido de negociantes mais ou menos analfabetos, mais ou menos comendadores, que aqui mantêm o mesmo poderio que gozavam no tempo dos vice-reis ou dos governadores.

A maioria dos jornais, a bem dizer, é deles, os nababos da terra. Nada percebem de jornalismo, porém conhecem muito bem a força que o mesmo representa para os seus interesses lídimos ou escusos. Deles são as oficinas de impressão e ainda os imóveis onde as mesmas se instalam e funcionam, as cartas de fianças ou outras garantias para instalação e funcionamento das empresas; deles, o crédito para a compra da tinta e do papel; finalmente, deles, o anunciozinho, embora muito mal pago, porém representando a vida e a prosperidade da gazeta.

Os títulos de propriedade dessas empresas gráficas que surgem como firmas brasileiras, ou os lugares de direção atribuídos a patrícios nossos, nada valem. Bem pesquisado, bem esquadrinhado, no fundo do negócio está, sempre, com o seu prédio, o seu material ou o seu anúncio, o inefável comendador, grau trinta e tantos da Maçonaria, irmão remido ou benfeitor da Ordem Terceira da Penitência, do Carmo ou de S. Francisco, um homenzinho de testa curta, as sobrançelas em caramanchão, os bigodes de volta, mostrando, em pesos de ouro sobre a pança lauta, uma corrente de relógio enorme e com um medalhão forrado de violentíssimos brilhantes.

Nas redações dessa imprensa alienígena os brasileiros foram sempre fantoches e quando montavam, por acaso, uma qualquer gazeta e não se mantinham mansos e aliados à portentosa grei, eram pela mesma severamente combatidos.

Como? Perguntar-se-á. De modo muito simples: suspendendo-lhes o crédito,



Leão Veloso

tirando-lhes os anúncios, abrindo, contra eles, à socapa, uma campanha comercial terrível.

Os homens do governo sabem todos, e muito bem, do que se passa. Se sabem! Não tomam, no entretanto, providências capazes de corrigir a anomalia, de evitar, para nós, tamanha humilhação. Não lhes convém. A imprensa fora da mão do brasileiro é o que serve. Quando alguém mais afoito os interpela sobre o caso, sorriem displicentes.

Futilidades! Patriotadas! Melhor gente do que essa não pode haver!

Tudo porque a imprensa da capital da República, em sua quase totalidade, rola sobre molas silenciosas, é um aparelho modelar de subserviência e ternura para homens da politicagem, que enfeitiçam. Afora umas discussõezinhas tênues sobre tricas ingênuas de partido, umas inocentes ou pálidas discussões sobre matéria de administração, uns ataques cobardes e restritamente pessoais a pobres funcionários subalternos, sem proteção ou responsabilidade na vida administrativa do país, o que se vê, sempre, por esses provectoros órgãos que se apresentam como genuínos representantes da opinião nacional, é o fumaréu de incenso turibulando o ato do governo, do “benemérito e patriótico governo que felicita esta República”, a barretada de louvores a S. Ex^a o “honrado Sr. Presidente da República”, a girândola de loas e gabos ao senador X, “em cujas mãos repousam felizmente os destinos desta grande Nação...”

Dos maiores problemas do país não cuidam essas gazetas. A terra continua imunda e atrasada como nos tempos coloniais, a cidade é um monturo onde as epidemias se albergam dançando *sabbats* magníficos, aldeia melancólica de prédios velhos e açaçapados, a descascar pelos rebocos, vielas sórdidas cheirando mal, exceção feita da que se chama Rua do Ouvidor, onde, apesar de tudo, o homem do “burro-sem-rabo” cruza com o elegante da região tropical, que traz no mês de fevereiro sobrecasaca preta, de lã inglesa, e fincado, na cabeça, o tubo da cartola que ele a custo agüenta, diluindo-se em cachoeira de suor, só para mostrar que não é mais aquele bugre dos velhos tempos de Anchieta, porém um ser civilizado. O povo está sem instrução. A indústria desprotegida. Os serviços públicos de molas perras ou desmanteladas. Só o comércio progride, o “honrado comércio desta praça”, com o comendador à frente, o quilo de 800 gramas, o metro de 70 centímetros, o tratadozinho do

comércio cada vez mais feito sob medida e outros favores sempre a desabar da altura como o maná da Bíblia. No seu livro *Da Propaganda à Presidência da República*, que nos diz o Presidente Campos Sales falando dessa arrefeçada imprensa que ele, como outros presidentes, peitava com o ouro do Tesouro? É bom ler, vendo, com exatidão, a cifra que a mesma lhe custou.

Esse, afinal, o quadro doloroso do nosso jornalismo, da mentalidade que ele aqui cria, anima e conserva, no Rio da passagem da centúria, com esse mesmo Dr. Campos Sales na curul do Catete, as Ruas Gonçalves Dias, Sete de Setembro e Carioca cheias de marafonas dependuradas às portas e às janelas das casas cheirando a alfazema e onde os papagaios loquazes e pornográficos soltam dichotes obscenos, o homem do peru-de-roda embarçando o trânsito dos logradouros mais centrais, no subconsciente do carioca infeliz, erguido bem alto, aquele relho colonial de três pontas que havia resvalado das mãos do capitão-mor para as do poderoso mercador... Foi para combater esse estado de coisas e restabelecer, na imprensa do país, aquele sentido patriótico que fez a glória de Evaristo e criou, por muito tempo, a autonomia do nosso povo, que um jovem advogado, cheio de audácia, de energia e de civismo, pensou em lançar, aqui, um periódico rompendo as normas que os outros, até então, haviam estabelecido, trincheira de ação ativa e patriótica, capaz de confundir e vencer tão forte e perigosa grei, folha exclusivamente nossa, onde se defendessem os conculcados interesses do povo que uma fatalidade histórica oprimia, humilhava. Era necessário, para isso, apenas, um aparelho economicamente independente e rigorosamente brasileiro, um grupo de auxiliares cheios de fé e de bravura pessoal. A gazeta devia ser sem apresentações de espalhafato, porém feita com muita honestidade de conduta, muita lisura naquilo que afirmasse, e, sobretudo, persistência e esperança no futuro.

Esse advogado que, quando termina o século, não tem ainda trinta anos, chama-se Edmundo Bittencourt. Alto, magro, elegante, dentro, sempre, de amplas sobrecasacas cor-de-cinza, não revela, na graça da figura, o homem que vai despertar a consciência nacional adormecida pelos trampolineiros de negócios e vilipendiada por uma política de cambalachos, interesseira e pessoal.

A 15 de junho de 1901 grita-se pelas ruas o aparecimento de uma gazeta nova. É o *Correio da Manhã*.

Tendo que apresentar o seu jornal, em artigo-de-fundo, escreve o diretor do *Correio*:

A praxe de quantos até hoje têm proposto pleitear no jornalismo nosso a causa do direito e das liberdades populares tem sido sempre a afirmação antecipada, ao público, da mais completa neutralidade. Em bom senso sabe o povo que essa norma de neutralidade com que certa imprensa tem por costume carimbar-se é puro stratagem, para, mais a gosto, e a jeito, poder ser parcial e mercenária. Jornal que se propõe a defender a causa do povo não pode ser, de forma alguma, jornal neutro. Há de ser, forçosamente, jornal de opinião.

E a propósito, nesse mesmo artigo, fala de certo periódico da época, o qual, dias antes dele ter que traçar aquelas linhas, comentando a freqüência de suicídios que acusava a cidade, escreveu afirmando que eles só podiam ser atribuídos à situação econômica que o país atravessava. Fala, agora, Edmundo Bittencourt: *Afirma isso, porém diz precatado e cuidadoso, como que com receio de magoar, pois abre na própria notícia um parêntesis para escrever mais o que se lê: (crise que o governo solícito debelou)...*

Não obstante a maneira audaz, justa e incisiva de Edmundo, seu programa lido só serve para aumentar, no coração do povo descoroçoado, a dor que outra não é senão a de descrecer daqueles que, embora cheios da melhor intenção, querem combater uma fatalidade pairando muito acima dos desejos do homem.

E o que se ouve a seu respeito é apenas isto:

– Mais um que está aí, está fechando a porta...

Isso diz o povo, em seu desânimo. Que os verdadeiros donos da nossa imprensa, a retorcer os enormíssimos bigodes, vão além:

– Mais um *gajo* a se fazer de valentão! O que ele quer sabemos nós. Terál!

Surpresa para o povo. E para os sabotadores. O *Correio* não fecha a porta. O *Correio* não tem o que os mesmos tanto desejam que



Edmundo Bittencourt
Desenho de Marques Júnior

ele tenha. Edmundo não modifica a briosa atitude traçada de começo, antes, dilata o seu plano de reivindicações e expurgo social, numa ação explosiva e vivaz, em pensamentos que deflagram, despedindo fagulhas, lampejando, estrelejando. Lembra a nova gazeta uma fornalha de Ciclopes, ateando incêndios magníficos.

Nas labaredas purificadoras estorcem-se, a dançar, bem como as salamandras, os charlatões do regime, os embusteiros da política, os fraudadores da riqueza pública: falsários, negociastas, patarateiros e ladrões. Ante o clarão redentor que a consciência de todos ilumina, como uma apoteose, a cidade estremece, palpita. A grei, atrás dos balcões azinhavrados da velha imprensa, espia, apavorada e pusilânime, os homens de governo, trocando olhares de medo e de cautela, sustam, transferem, para épocas menos perigosas, o andamento de suas deslavadas falcatruas.

É a vitória da nossa gente, a esplêndida vitória! As máquinas do *Correio da Manhã* trabalham sem cessar. Tiragens astronômicas. Vezes, a folha ainda se imprime à 1, 2, 3 e 4 horas da tarde, o povo, à porta, devorando edições.

Edmundo Bittencourt, na sua ação intrépida, prossegue, heroicamente. Sem temor. Não cede um palmo da rota que traçou. Nada vale, no caso, o apelo dos amigos, dos mais caros, mesmo dos mais íntimos, de parentes, até dos mais queridos, dos mais próximos. O homem não vacila, não diminui o ímpeto que o domina. Das ameaças, sorri. De uma feita vêm dizer-lhe à redação que dois grossões da política, por ele galvanizados num artigo, e um grupo de amigos, postados em frente ao Café do Rio, esperam-no, para desacatá-lo. Edmundo, num gesto, ganha a rua, recusando ajudas e acompanhamentos. Vai só. O grupo é realmente numeroso, coalhado na viela estreita, quase a estorvar o trânsito: Edmundo, impavidamente, atravessa-o, como se se tratasse de uma multidão de amigos ou de indiferentes, dizendo, apenas, aos homens pasmos da sua audácia:



Antônio Sales

– Meus senhores, com licença.

E não há um braço que se erga para ofendê-lo, uma voz para agredi-lo, um gesto só para insultá-lo. Estão todos eles tontos, surpresos, confundidos, as caras, apenas, hirtas e amarradas.

Pinheiro Machado, quando aqui chegou, vindo do Sul, inspirava pavor. Era um caudilho tisonado pelo sol, forte, cheio de atrevimento e de bravura. Seus feitos, nas campanhas do Sul, eram quase lendários. Na coxilha, à frente de guerrilheiros destemidos, foi um glorioso centauro. Na refrega, de lança em punho, bombacha panda, e poncho ao vento, era o que mais derrubava, abatia e matava. Não encontrou pela frente jamais quem lhe tolhesse o passo, o dominasse ou vencesse. Por isso, onde ia, tinha, fatalmente, que mandar. Sempre. Mandou na campanha, mandou na cidade, acabou mandando no país.

Quando começa o século, quem manda na política é ele. E manda como ninguém. É o Sr. capitão-mor dos tempos do ouro, em Minas. É o Tutu Marambaia dos altos telhados da política. Não há quem ouse contrariar-lhe as idéias, os desejos e até as caprichosas fantasias. A imprensa inteira vive a lambar-lhe a sola dos sapatos. Um dia, entanto, Edmundo vê-se na contingência de atacá-lo. Se o homem vem se meter em seu caminho! Num gesto ousado, pelas colunas de seu jornal, face a face, o acomete. Gaúcho contra gaúcho. Pinheiro, ferido a fundo, não recua. Nem cambaleia. Não é homem para isso. Com um sorriso no lábio aceita a luta. Isto é, resvalando-a para outro terreno, uma vez que de pena em riste, em uma gazeta qualquer, fará ratíssima figura. Manda-lhe, por isso, duas testemunhas. Edmundo que as recebe, aceita logo o desafio feito. Vai bater-se em duelo com um dos maiores atiradores do Brasil, a pistola e num encontro a dez passos, apenas, de distância...

Fica-se a temer, um tanto, pela sorte de Edmundo.

Em meio a um matagal de velhos cajueiros, em Ipanema, encontram-se os dois titãs. Saúdam-se, tranquilos. São testemunhas de Pinheiro Machado: Hermes da Fonseca (que então é general) e Ramiro Barcelos, senador pela República. Por parte de Edmundo Bittencourt: Vicente Piragibe, redator do *Correio*, e Osmundo Pimentel, repórter.

Quem arma a pistola de Edmundo é Piragibe, que nunca tinha posto mãos em arma igual. Arma-a dasastradamente e de forma que, quando Edmundo, visando o adversário, fá-la detonar, o que se

ouve é, apenas, o estalido seco de um gatilho que trabalha no ar. Da bala de Pinheiro Machado ninguém sabe para onde foi. Perdeu-se.

É quando Hermes da Fonseca avança para felicitar os contendores, dando por terminado o duelo.

– Como – grita-lhe Edmundo – se a minha arma falhou?

E voltando-se para Pinheiro, altivamente:

– General, não vim para uma fantochada. Exijo que se troquem novas balas. Ou caio eu ou cai o senhor. Duelos *pour la galerie* não são para homens como nós.

– Certo – retruca-lhe Pinheiro. – Estou inteiramente às suas ordens.

Momentos depois dessa frase troca-se novo tiro e Edmundo sente-se ferido na região glútea.

Agora a história desse tiro.

Como da primeira vez, os duelistas tinham ficado a dez passos e de costas um para o outro. À terceira palma, que seria o sinal para o fogo, o que fosse agir, virar-se-ia alvejando de frente, então, o seu adversário. Seria o momento de atirar.

Ramiro Barcelos, que era a primeira testemunha de Pinheiro, dirigindo o segundo combate, bateu a primeira palma. Bateu a segunda. Quando bateu a terceira, Edmundo, que não tivera tempo de voltar-se, recebia a bala que o feriu pelas costas.

Até hoje não se sabe, exatamente, se houve maior agilidade, por parte de Pinheiro, ou tardança por parte de Edmundo no instante de voltar.

Pinheiro, finda a prova de fogo, a primeira coisa que faz é avançar para o adversário, estendendo-lhe a mão.

– Gaúcho, bateste-te como um herói!

Não lhe recusou, o jornalista, por sua vez, a mão, num gesto de natural cavalheirismo, mas, dando-a, repetiu o que na véspera já mandara dizer pelas suas testemunhas, isto é, que aquele encontro de armas entre ambos não suporia, de forma alguma, o compromisso de, futuramente, e quando se tornasse oportuno exercer no *Correio da Manhã*, com a mesma independência de ânimo que provocou o encontro, críticas

contra ele, Pinheiro, gente de seu partido ou qualquer outro político da facção governista.

Era um homem que assim falava, era um batalhador de verdade, ao qual nem as ameaças de morte demoviam, arrancando-o de diretriz que ousadamente traçara e briosamente seguia.

A certo ferrabrás da época que foi ao *Correio da Manhã*, de maneira arrogante, indagar se o nome dele, ferrabrás, estava incluído entre os de certa plêiade, Edmundo Bittencourt respondeu:

– Sob palavra de honra declaro que, ao escrever o meu artigo, não pensei, isoladamente, no nome de nenhum dos senhores. No entanto, já que se me oferece esta oportunidade, declaro também a V. Ex^a, muito sinceramente, que se tivesse de pensar em um nome, o nome primeiro em que por certo pensaria, seria o nome de V. Ex^a...

Serenamente, dasassombradamente, Edmundo não recua ante os mais bravos e destemidos adversários que então vivem como formigas tontas, sem encontrar vereda que os abrigue.

Ignorantes da incorruptibilidade dos sentimentos de honra desse grande e abnegado jornalista, mandam-lhe, um dia, hábeis comissários, velhacos e aflautados prepostos, tentar o golpe extremo. É a hora da peita, a hora do suborno. Lá vão eles, melífluos e untuosos, subindo risonhamente as escadas do modesto andar onde se instala a redação do *Correio da Manhã*. Edmundo, porém, logo que lhes percebe a intenção cavilosa, vira-os de catrâmbias pelos degraus abaixo. E que não se tome em sentido figurado a afirmação que aqui se faz...

Só um recurso, finalmente, resta para abater o bravo que não se rende, o último recurso: a aliança das forças adversas que o gigante combate para, num bloco unido e forte, desfechar uma ação em conjunto. Seduzem-se, pelas gazetas mais corruptas, penas das mais ferinas e adestradas. Molham-nas em fel, em lama, em podridão. Armam-se os guerrilheiros da calúnia, os profissionais da maledicência e da detração. É com todo esse lixo moral que se pretende combater o benfeitor de um povo! Edmundo Bittencourt recebe-os, porém, desassombradamente, combatendo-os. A peleja é terrível, dura muito tempo, mas Edmundo, aos poucos, os vai derrubando, aniquilando.

O povo que assiste interessado e comovido a esses embates formidandos aclama o vencedor.

Quando Edmundo surge aclamado na sacada do *Correio da Manhã*, moço, esbelto, sorrindo, na sua sobrecasaca cor-de-cinza, aureolada de glória, para falar à multidão, rebentam palmas e rebentam evoés! Interrompe-se o trânsito da Rua do Ouvidor, da Gonçalves Dias e de outras ruas mais próximas... É o delírio da massa popular saudando o seu herói, o homem que penetra a História do primeiro quartel do século, restituindo ao jornalismo da capital de seu país o pundonor de outrora, o sentimento da Pátria, a autonomia de pensar e a liberdade de dizer.

Funciona o *Correio da Manhã* no prédio onde se instalava a *Imprensa*, de Rui Barbosa, jornal que tantos desgostos lhe deu na vida. Um dos últimos foi, ao que parece, provocado por um desentendimento com Fausto Cardoso. Desavindos, Rui Barbosa e Fausto, redator-chefe do jornal, este, com a ousadia desvairada que sempre o recomendou, urde um plano diabólico que aplica na noite em que resolve abandonar a folha onde trabalha. É assim que, à hora de fechar a mesma, ainda sob a sua direção, como chefe, manda meter em página um artigo tremendo não só contra o jornal que deixa, mas, ainda, contra Rui, sob esse título: – *Fiquem-se!* No dia imediato os filhos da cidade gozam um fato realmente inédito na história do jornalismo carioca: o diretor de uma gazeta atacado de modo escandaloso, por um seu subalterno e em seu próprio jornal!

É redator-chefe do *Correio da Manhã* Leão Veloso Filho (Gil Vidal), simpática figura de quarentão, robusto e guapo, a dessorar saúde, felicidade e bom humor. Bom humor, sobretudo.

Enamorado da vida, sentindo superiormente os seus encantos, menos que os seus desgostos e desilusões, se nos revela, muita vez, o culto dos prazeres materiais, é no melhor sentido de Epicuro que os buscava apenas como um meio e jamais como um fim.

Exemplo: cultivava ele os prazeres da mesa, porém, com temperança, apenas num requintado sentimento de artista. Em seus sutis requintes é capaz de dar lições a Luculo, e, ao cozinheiro de Savarin, instruir na melhor maneira de dourar ou refogar um quarto de perdiz. Come-se, ainda hoje, por aí, um certo “peixe à Leão Veloso”, espécie de *bouillabaisse* indígena, que é um verdadeiro poema culinário de sua inteira

invenção. Intuitivamente, sabia, como poucos, arrancar ao prosaísmo do alimento à romana, grosseiro e natural, sutilezas de gostos, sabores esquisitos, orgulhando-se, não raro, mais dessas criações de copa e mesa do que as que punha com lampejos de forma na espiritualidade dos seus graciosos folhetins. Quando veste, na sua elegância controlada, lembra o Duque d'Aumale. Manda buscar roupas no Pool, gravatas no Charvet. E conserva no espírito ágil e gracioso a elegância do vestuário. Faz polêmica com o código de cavalaria ao lado, um jarrão de Sèvres entornando rosas de Alexandria e crisântemos do Japão, em frente, fumando tabacos louros e a arredondar o estilo.

Na redação, em plena atividade do serviço, é um chefe amável, bonacheirão, tranqüilo, que traz os nervos, sempre, numa caixinha de veludo. Isto é, certa vez, encontro-o em Paris, *chez* Paillard, de ar arufado, limpando, muito sério, a lente do monóculo de cristal, tendo sobre a mesa, ao lado de uma garrafa de *eau de Evian*, um prato onde tranqüilamente esfria uma enorme e inocente batata *en robe-de-chambre*.

Foi necessário envelhecer, chegar, como chegou, aos 70 anos, para sentir-se, assim, como eu o encontrava, de ar vago e melancólico.

Naturalmente, quero saber as razões que o absorvem, e de olho na dietética batata, na água de Evian, inquirio-o, e ele me responde:

– Pensas, então, que é vida, essa de um homem dizer adeus e para sempre a um belo *turbot au courtboullon*, a um *poulet Marengo* ou a um *daim marine à la viçoise!*

Disse, e tristemente continuou de olhos baixos, limpando o seu monóculo de cristal. Tudo para não ver um *dressoir* volante que havia parado em frente à mesa onde, momentos antes, se sentara, plaustro decorativo, farto de magníficas e sólidas viandas, pintalgadas de molhos esquisitos, a esplender e a cheirar..

A secretaria da folha está ao cargo de Heitor Melo, pela época, o mais moço dos secretários de jornal, e, ao mesmo tempo, o mais severo. Tem pouco mais de vinte



Pinheiro Machado

anos e já parece um velho ranzinza de setenta. Por causa dele a reportagem, principalmente a de polícia, vive em constante sobressalto, ativa e desdobrada, às carreiras, fazendo o máximo que pode. E até o que não pode. O noticiário do *Correio*, por isso, é um primor. Das reportagens das folhas da manhã, é a mais viva, a mais interessante, a mais completa.

Na redação escrevem: Vicente Piragibe, jovem estudante de Direito, porém já manejava uma pena de velho jornalista. De tal forma se mostra, em sua estréia, no *Correio*, que Edmundo Bittencourt, pouco tempo depois, fá-lo redator-chefe do jornal.

Antônio Sales, recém-chegado do Ceará, com um grande nome literário, é quem primeiro dirige a seção *Pingos e Respingos*, que então se lança e com o maior sucesso. As suas *charges* políticas fazem tremer de medo os homens da administração e do governo.

Nuno de Andrade, diretor da Saúde Pública, no quadriênio Campos Sales, sofre as investidas do editorial do *Correio* que lhe pleiteia a demissão. O grande higienista, porém, desconversa. Não quer largar o emprego. Debalde o jornal insiste. São convocadas, então, as sátiras dos *Pingos e Respingos* para desalojá-lo da função pública que exerce. É quando a campanha ganha um aspecto pilhérico mas eficiente, para o caso. Todos os dias a seção que Antônio Sales dirige, pinga uma quadrinha que martela o mote: *Tudo passa e o Nuno fica*, e que é a primeira coisa que se lê, no jornal, com enormíssimo deleite. Muitas dessas quadras ainda trazemos, hoje, na memória. Esta, por exemplo:

De certas damas, às vezes
A barriga cresce, estica,
Mas, ao fim de nove meses...
Tudo passa. E o Nuno fica!

Não ficou muito tempo. Acabou saindo.

Outra vítima dos *Pingos*, tempos depois, é o ministro de Rodrigues Alves, J. J. Seabra. Também sofre os dardos da seção alegre, sob a forma de quadras, mas, obedecendo já a este estribilho:



Vicente Piragibe
Desenho de Marques Júnior

“Só tu, Seabra, não sais!”

Sai o cobre do tesouro
(E ao sair não volta mais)
Sai do povo a pele, o couro,
Só tu, Seabra, não sais!

Também teve de sair, o Seabra...

O número e colaboradores dos *Pingos e Respingos*, além de grande, é ilustre. Emílio de Meneses, sempre que precisa de dinheiro, mete uma sátira política no bolso, sobe as escadas do *Correio da Manhã* e vai levá-la à mesa de Edmundo Bittencourt. Com ela arranca, sempre, o que precisa ou o que quer.

Do corpo da folha fazem parte, ainda, João Itiberê da Cunha, que vem de atirar, às urtigas, o seu espadim dourado de secretário de legação, Osmundo Pimentel, Cardoso Júnior, Álvaro Veiga, Dermeval da Fonseca Filho, Quartim, Maigre Retier e Germano de Oliveira.

Corpo notável de colaboradores: Melo Moraes Filho, que concorre com Vieira Fazenda (que então escreve na *Notícia*) assinando crônicas sobre coisas da cidade, crônicas essas que, postas, depois, em livro, fazem a glória do seu autor; José Veríssimo traça a crônica literária; Artur Azevedo escreve contos; Manuel Vitorino, vibrantes editoriais políticos. Há, ainda, a contar com os nomes ilustres de Morales de los Rios, Carlos de Laet, Coelho Neto e Medeiros e Albuquerque.

A vida gloriosa do *Correio da Manhã* nessa fase de luta acerba e esplêndidos triunfos não pode caber no espaço estreito de um livro de memórias como este, onde se fala de tudo um pouco e, a bem dizer, pela rama. Merece um livro especial, à parte, subsídio ao estudioso que queira conhecer a fundo certos meandros curiosos da existência política do país, no começo do século que vivemos.

Edmundo Bittencourt, na sua jornada estrênuo, não acabou apenas com a neutralidade criminosa da imprensa merce-



Heitor de Melo
Desenho de Marques Júnior

nária e estrangeira; impôs, ainda, à opinião esquecida do povo como controle a ação voluntariosa dos profissionais da política, encorajou a nacionalidade, corrigindo os desmandos de administradores, a tibieza ou os abusos do poder. Para tanto teve de expor a própria vida. Seu corpo, defendido pela Providência, hoje, é um mapa de furos e rasgões. Penou em cárceres. Conheceu o exílio. Nenhuma forma de hostilidade o intimidava. O sangue de suas próprias veias, o bem-estar e até o conforto dos seus, tudo sacrificou, desassombradamente na defesa de um ideal.

Não há na história do jornalismo brasileiro página mais bela, nem mais proveitosa, que essa que ele nos traçou, a golpes de talento e de coragem...

Quanto devemos nós a esse homem!